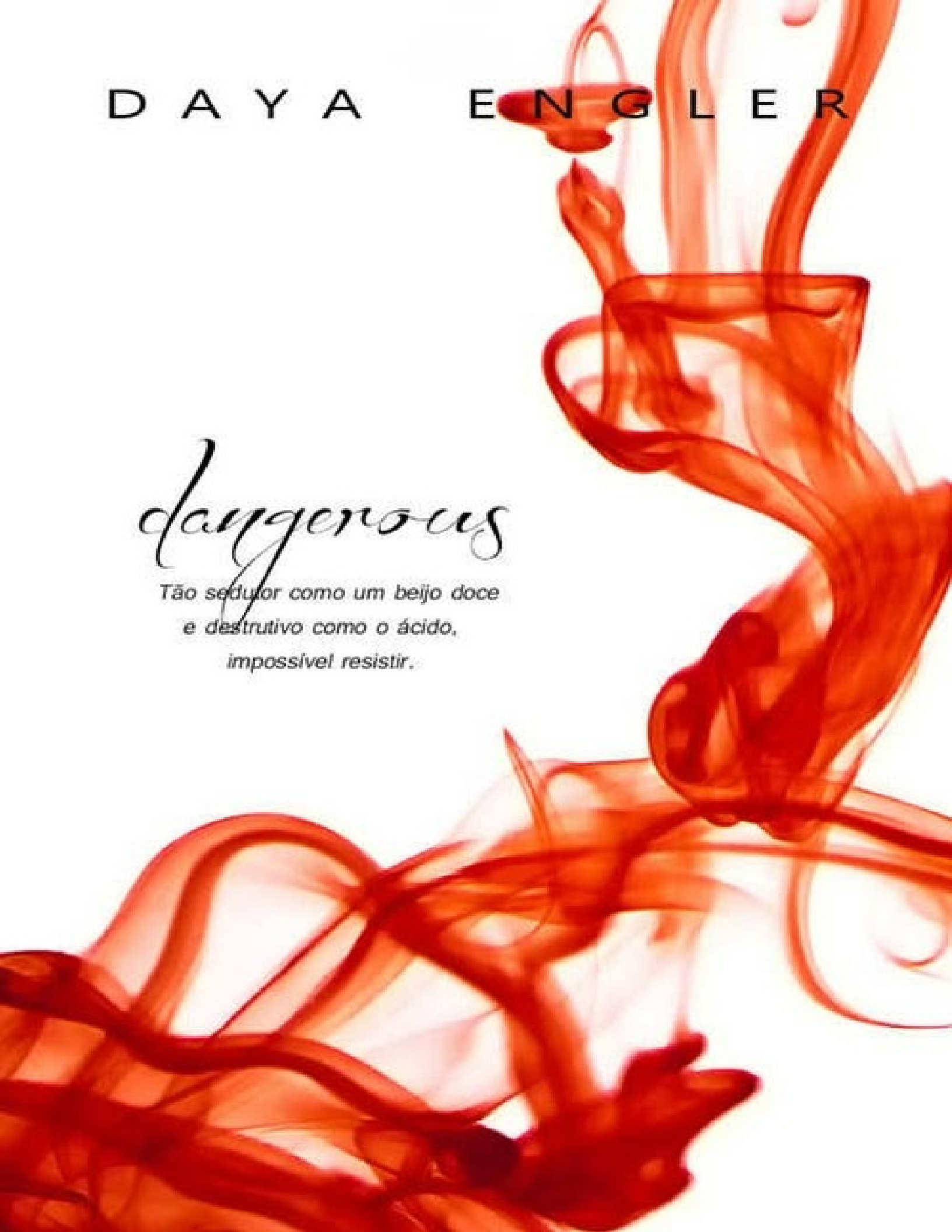
DAYA ENGLER



dangerous

Tão sedutor como um beijo doce
e destrutivo como o ácido,
impossível resistir.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DAYA ENGLER

DANGEROUS

LIVRO I

Tão sedutor como um beijo doce e destrutivo como o ácido, impossível resistir.

1ª edição

Copyright © 2015 Daya Engler

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Para minha família de sangue e de coração, cuja teve a infinita e incrível paciência enquanto eu tornava D uma realidade.

“Eu aprendi que não posso escolher como me sinto,
mas posso escolher o que fazer a respeito”.

Shakespeare

Índice

DANGEROUS
Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capitulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Referências e expressões

Capítulo 01

Beverly Hills, Califórnia

L’Ermitage Hotel

Setembro

Ainda de olhos fechados golpeei o ar quando inconsciente busquei o corpo masculino ao meu lado na cama. Não sei por que, mas senti um leve desconforto ao constatar que o desconhecido, metido a demônio da luxúria, não estava mais ali. Porém, rapidamente afastei a sensação.

Tomando meu tempo para espreguiçar-me, alonguei os braços acima da cabeça enquanto minha mente grogue despertava, enviando-me flashes da melhor noite que já tive na vida.

Invejoso, meu corpo também fez questão de se exibir, deixando-me ciente da gostosa dor pós-coito afligindo entre as minhas coxas, além de outras partes minhas, que eu nem mesmo sabia ser possível sentir, estarem deliciosamente doloridas. Mas, acima de tudo, eu estava relaxada.

Um bobo sorriso se espalhou por meus lábios enquanto eu abria os olhos de par em par, acostumando-me com a claridade adentrando a suíte do hotel. Estiquei a mão, pegando meu celular sobre a mesinha de noite e, em seguida, saltei da cama ao constatar as horas.

Puta merda. Puta merda.

Eu estava muito, muito atrasada.

Pietra vai me esfolar viva!

Entrei em minhas roupas as pressas e, logo após, rumei até a porta, ainda calçando as sandálias quando invadi o elevador. Foquei-me no espelho então esfreguei as mãos no rosto e sobre a bagunça no meu cabelo, tentando me livrar da cara pós-foda e fali. *Foda-se!* Quando as portas se abriram, eu tropecei para fora e engatei meus passos através do saguão, porém antes que tivesse a chance de chegar às portas duplas um dos funcionários do hotel me interceptou.

— Um momento Senhorita!

— O quê?

O homem deu um sorriso amigável.

— Se puder me acompanhar até a recepção, há um recado para a Senhorita...

Bzzzz! Bzzzz! Bzzzz!

Olhei para baixo para o meu celular em mãos e exalei forte.

— Senhorita?

Levei meu olhar de volta para o homem me fitando em espera.

— Vá buscá-lo então, — estalei dividida entre a curiosidade e a pressa.

Meu celular continuou a vibrar enquanto o tipo se afastava. Olhei no visor e gemi uma lamentação, em seguida recordando-me que não tinha tempo sequer para um espirro. Então saí.

Uma vez que estive dentro do meu Audi, eu sintonizei o rádio e *All My Life* de Foo Fighters se derramou nos alto-falantes. Saquei o par de óculos de sol no porta-luvas então puxei o cinto de segurança. Em seguida, estava acelerando para Malibu.

Pietra era minha melhor amiga e companheira de casa.

Ontem, antes de sair, ela tinha me feito prometer que eu estaria na mansão antes do sol raiar para receber o *Sr. Wheat*[1] que, enfim, daria as caras e acabaria com o mistério envolvendo-o.

Heithor Castellammare, seu irmão, era um enigma para mim.

Então veja, eu realmente estava curiosa para finalmente conhecer o dito-cujo. Mas, ei, eu não imaginava que nessa saída toparia com um tipo que me faria querer jogar a calcinha no chão.

Aquele homem — *doce inferno* — era criminosamente bonito. Intenso e imoral. Ele tinha sido um demônio sexual na cama e me feito chorar vários orgasmos, coisa que nunca aconteceu antes e me deixou faminta por mais. E acredite, o cretino fez e fez mais.

Toda.

Fodida.

Noite.

Seu olhar azeviche, tão negro, como uma noite de tormenta, não saia da minha cabeça. Eu queria encontrá-lo de novo e repetir a dose, entretanto, eu sequer sabia o seu nome.

Como diabos eu iria achá-lo?

O recado.

Oh, sim! Eu iria atrás daquele recado logo mais.

O sorriso em minha face ladeado por uma sensação estranha foi rapidamente freado por minha razão quando me toquei sobre o que estava fazendo.

Cristo...

Eu realmente estava indo abrir uma exceção?

Não fode, garota! Ele só foi mais um.

Zangada com os rumos desconcertantes da minha mente, balancei a cabeça para os lados, tentando afastar a imagem daquele homem e daquele inferno de sensação.

Eu não era uma garota de laços rosa e me orgulhava disso. Relacionamentos não eram bons, exceto se fosse comigo mesma. Qual é? Eu tenho 18 anos e não há mal nenhum em querer aproveitar minha juventude que, aliás, é uma só. Toda essa merda de conto de fadas e blá, blá, blá era coisa dos meus pais innamorati. Não eu, não comigo. Mas confesso que, muito embora não fizesse o tipo "melosa", era impossível não me pegar pensando se algum dia — depois de aproveitar toda a diversão da qual tenho direito — eu iria ter um amor como o deles. Isso, no entanto, passava num piscar de olhos.

Nunca tive um namorado. Conquistas, na verdade, sempre tiveram sido apenas isso, casos de uma única noite. Homens que *eu* usava para a minha diversão. *Nunca* ao contrário. Eles não precisavam ter nomes. Porém, se quisessem o privilegio da minha atenção, eles tinham a obrigação de serem bons o bastante para ter isso.

Amarrar-me a uma relação amorosa ou me apaixonar estava fora de cogitação. Estes eram atrasos de vida, que eu não estava desesperada para ter.

A vida está aí para ser vivida sem fronteiras. Este é o meu lema.

E eu adorava a minha liberdade. Porra, eu amava ser livre e dona do meu próprio nariz.

Uma vez na H-1, xinguei uma blasfêmia, estremecendo de leve quando, enfim, me rendi à insistência da minha amiga *levemente* enfurecida, apertando o botão no volante.

— E aí, bella mia? — falei ao atender a chamada. — Já está morrendo sem mim?

— Estou morrendo para dar nessa sua cara de pau quando você chegar aqui, Antonella. Eu disse para você, não disse? Você fodidamente prometeu que estaria aqui antes dele, antes até que amanhecesse, porra! Lembra-se disso? Ou o pau do cara fodeu seus miolos, também?

— Como você adivinhou?

Ela conjurou um punhado de palavrões. Eu controlei o impulso de rir.

— Amada não foi minha culpa — chorei na defensiva.

— Não fode, merda!

— É sério! Encontrei um cara incrível ontem, P. E ele foi, oh, Dio mio! Você não faz ideia das coisas sujas que nós fizemos... Ele era tão quente e tão gostoso!

Ela riu.

— Você, cadela... Va bene, va bene... Depois você me conta tudinho. Agora, ti prego, traga seu traseiro pra cá, imediatamente.

— Já estou no meu caminho. Mas, me diga, aconteceu algo?

— Não, mas vai, se eu não vir seu rabo aqui em menos de meia hora.

— Com esse amor todo, você quer dizer que me ama?

— Amai a todos até mesmo as cadelas — ela recitou.

— Mesmo quando elas latem ameaças a você, não é assim? — Eu podia vê-la revirando os olhos e, desta vez, não detive meu risinho. — E seu irmão chegou há muito tempo?

— Desde as nove da manhã, e eu só consegui segurá-lo aqui a base de chantagem.

Franzi o cenho para seu tom.

— Não me diga que ele já quer ir embora? A luz o espera ou algo assim?

Ouvi seu bufo do outro lado da linha.

— Não começa, maledizione[2]! Ou juro que sou capaz de dizer a ele do que o apelidou quando estiverem face-a-face. E não, não é ir daqui, mas está com espinhos na bunda para sair. Ele alegou ter um compromisso muito importante e que tem de ir logo. Não disse exatamente o que é, — ela suspirou — como se eu não soubesse que se trata de alguma troia[3] qualquer.

— Eu sempre disse que você tinha a quem puxar, não?

Cadela. Desligou na minha cara.

Em meu closet, joguei a toalha para o lado e puxei uma regata branca curta sobre a minha cabeça, e, em seguida, entrei num short jeans de cintura alta, cobrindo o minúsculo biquíni brasileiro de cor turquesa, porque sim, eu cuidava bem do meu corpo para mostrá-lo mesmo.

De volta ao quarto, meus olhos viajaram distraídos abaixo sobre a área da piscina quando me aproximei da janela panorâmica, assistindo a reuniãozinha de boas-vindas. Havia um punhado de gente, amigos e colegas, e duas ou três pessoas *ainda* desconhecidas por mim. Deixei meus olhos vagarem pelos convidados dançando, bebendo e conversando entre si, tudo muito animado.

Aqui na mansão era sempre assim, festa quase todos os dias.

Nós não precisávamos de motivo, porque nós éramos o motivo.

Nossas festas eram sempre divertidas, as melhores de nosso ilustre bairro. Regada a gatinhos e muita bebida. Um paraíso em Terra, que eu esperava que o Sr. Wheat não implicasse.

Fiz uma careta e espantei aquele pensamento agourento, porém outro entrou em linha.

Onde estaria aquele gostoso agora?

Se ao menos eu tivesse o telefone dele, ou tivesse escutado-o quando ele quis me dizer seu nome, *agora* eu não estaria querendo me chutar.

Inferno. Se arrependimento matasse, eu estaria á segundos de morrer!

Isso tudo porque eu tinha regras quando o assunto era curtição.

Sem nomes; sem repetições e sem romances.

Três essenciais para que depois não tivesse a dor de cabeça de algum idiota ficar no meu pé, exigindo o que eu não daria a ninguém nem por decreto sagrado.

Mas este era diferente. Eu não sabia bem explicar o porquê, somente sabia que era.

Também não era como se ele fosse importante. Era só diferente. E, bem, tudo tinha lá sua exceção e ele, definitivamente, era a minha.

Talvez fosse pela forma que ele me tocou, beijou e tomou. Ele foi... terno e carinhoso. Porém, exigente e selvagem; generoso. E, por um momento, eu me senti *especial*, pior, gostei disso.

Verdade seja dita, ele me fez sentir coisas que nunca senti antes...

Puta que pariu. Era só o que me faltava, gostar de um cara que nunca mais vou ver!

Bufei aborrecida não apenas porque não gostava da forma como eu estava me sentindo. Mas também porque eu não o veria mais e não gostava de não gostar disso.

Merda!

Girei os pés e pisei para o banheiro.

De frente para a pia, eu escovei meus dentes e logo depois comecei a pentear os fios ainda meio úmidos. Uma vez terminado, deixei-os soltos para secarem. Meu cabelo fluía em ondas até quase a cintura. Era castanho claro, com mechas californianas nas pontas.

Encarei o espelho por um momento sem realmente me ver e deixei os ombros caírem quando os azeviches voltaram a espreitar minha mente. Lambi os lábios recordando-me do seu cheiro gostoso.

Apenas o pensamento do homem me colocava quente por todos os lugares.

Exalei bruscamente, irritada comigo mesma e recusei-me a pensar naquele diabo de homem gostoso dos infernos, e, em seguida, rumei para baixo para a piscina.

Uma curiosidade quente borbulhou em minhas veias combinada com a empatia pela felicidade que, eu sabia que Pietra estava sentindo por, enfim, ter o irmão em casa. Sorri, imaginando que sua alegria ia um pouco além, pelo fato dela também poder esfregá-lo na minha cara, finalmente.

Pietra e eu nos conhecemos no Ensino Fundamental II ainda na Itália e desde então não nos desgrudamos mais. Isso fazia soar estranho o fato de eu ainda não conhecer seu irmão mais velho. Quero dizer, não era de toda verdade, pois eu já tinha visto algumas fotos dele quando era criança e no começo da adolescência, mas nunca as de adulto, o que era o mesmo que nada. As pessoas mudavam com o tempo — algumas para melhor, outras para a morte. E, se eu não estava equivocada em meus cálculos, agora o *Sr. Wheat* deveria ter seus 30 anos.

Também não havia fotos dele nos muito porta-retratos espalhados pela mansão. A resposta dela quanto a isso era sempre a mesma: Thor não gosta de tirar fotos.

O que eu poderia dizer além de achar que ele tinha puxado todos os genes horrendos da família Castellammare? Por isso a recusa dele em dizer ‘x’ para a câmera?

Va bene! Era uma explicação esdrúxula, porém aceitável.

Tecnicamente, Heithor era o único parente de sangue de Pietra ainda vivo, uma vez que seus pais — filhos únicos de pais já falecidos — morreram num fatídico acidente de automóvel na Itália quando ela tinha cinco anos e o irmão dezessete.

Então, como raios ele podia não visitá-la com frequência?

Eu não fazia caso omisso da importância de tia Martha no pequeno clã Castellammare, afinal de contas, era ela a quem Pietra tinha como figura materna. E Martha nunca deixou faltar nada a minha amiga. Até mesmo para Heithor, ela foi uma espécie de segunda mãe.

Mas sangue era sangue.

Elas (Martha e Pietra) justificavam sua ausência, culpando um trabalho que eu nunca soube ao certo o que era. Unicamente, sabia que ele trabalhava ao redor do mundo “acertando a vida das pessoas”, palavras de Pietra e únicas sobre o assunto.

Se ele fosse um desses tipos que promoviam o bem em prol dos miseráveis nos confins do mundo, o que de antemão explicava sua ausência, ele então devia ser antiquado de doer.

Eu esperava estar errada.

Enquanto me esgueirava pela ampla sala de estar, cumprimentando alguns casaizinhos que estavam ali, eu senti uma corrente de calafrios atravessar a minha espinha, apesar de ser uma manhã agradável de Setembro. Franzi o cenho quando a sensação de expectativa puxou e torceu nas profundezas da minha barriga, todavia, a agitação da música pop pescou a minha atenção quando alcancei o limiar da porta francesa corrediça. Sobre as plantas ornamentais decorando a área externa eu avistei Pietra, metida numa

saída de banho, em uma das mesas próxima a piscina. Havia mais três pessoas com ela — dois homens e uma mulher —, não me atentei a última.

Um dos homens, com jeitão militar, tinha a cadeira virada na linha dos meus olhos enquanto papeava com minha amiga risonha, dando-me uma noção de seu torço nu sarado e seu rosto bonito. O cabelo tinha um corte baixo. Um tipo duro, definitivamente. Forte e musculoso.

Pelo jeito a festinha de boas-vindas vai bombar, pensei alegre.

O outro era mais construído, ainda assim magro. Contudo, ao contrário do primeiro que vestia calção de banho, este outro estava todo coberto por jeans e camiseta. Mas o que me chamou a atenção nele além do chiado estranho quando pousei os olhos em suas costas, foi à pele exposta de seus braços quando ele moveu um esfregando a parte detrás da cabeça. Todos seus íceps se exibiram sob a pele de um bronzeado hipnotizante, lindo mesmo e muito atraente, do tipo que você quer lamber, assim como daquele cretino. Não pude ver seu rosto, pois ele estava de costas.

Chacoalhei a cabeça ligeiramente, porém não podia ignorar o fato de seu cabelo possuir o mesmo corte indie e cor daquele diabo maledetto. Era de um preto acetinado, que chegava a brilhar.

Vozes altas misturadas com o barulho d'água chamaram minha atenção. Eu observei Pietra se afastar quando outro tipo forte, com tinta cobrindo um dos braços e boa parte de seu peito, e um escuro moicano comportado, chamou-a com gestos do outro lado da piscina.

Movi o olhar e achei Josie, minha segunda BFF[4], sentada em uma das espreguiçadeiras próxima a mesa em que Pietra estivera antes. Meus olhos afunilaram.

O que era aquilo que ela estava usando Dio mio? Um macacão?

Aquilo não podia ser considerado um maiô. Sério. Minha avó teria vergonha de usar aquilo.

Josie era uma loura natural linda, cheia de sardinhas adoráveis no nariz que escorriam para as bochechas nos dias mais ensolarados, olhos verdes enormes. Estatura baixa e um corpo padrão americano. Mas se comportava como a mãe da minha bisnonna que nem viva era mais.

Ela conversava *muito* animada com um louro musculoso de ares hollywoodiano. Podia jurar que seus olhos verdes brilhavam quando o tipo lhe sorria.

Revirei os olhos. Tão piegas!

Josie era uma sonhadora daquelas que acreditavam em contos de fada e todas essas baboseiras de felizes para sempre. Sua virgindade aos 18 anos não me deixava mentir.

Com os dedos, escovei os fios para trás quando a brisa fresca envolveu algumas mechas de cabelo ao redor do meu rosto e marchei na direção deles, cumprimentando alguns amigos no percurso.

— Ei! Que bom que veio — ela disse toda sorridente, uma vez que parei na sua frente.

— Da última vez que chequei, eu ainda morava aqui.

— Grossa — ela ralhou, com uma careta.

— Eric Thompson — o tipo me empurrou sua mão.

— Antonella Vicenti.

Aceitei sua mão, estudando-o secretamente.

Olhos azuis gelo, lábios cheios e bem contornados, um nariz reto. Maxilar forte e maçãs altas. O cabelo louro com uma infinidade de diferentes tons dourados estava cortado ao estilo rockabilly e desalinhado numa bagunça gerenciada. Ele era um poste e possuía um porte físico atlético.

Outro tipo, o mesmo que vi antes na mesa, chegou ao lado de Eric. Seus olhos eram curiosos sobre mim, analisando-me de uma maneira, que me fez sorrir alegrinha.

— Olá, doce — ele disse.

— Olá...

— Adam Walker — ofereceu.

— Muito prazer — eu disse, beijando suas bochechas morenas. — Antonella Vicenti.

Antes que eu tivesse a chance de dizer algo mais, a voz de Pietra soou atrás de mim.

— Até que enfim! Já estava para mandar o FBI atrás de você.

Ninguém poderia culpá-la de ser uma péssima atriz melodramática.

Girei sobre meus tornozelos, mal tinha me voltado para ela e envolvi os braços ao seu redor, pedindo desculpas ao pé de sua orelha. Pisquei uma vez e, em seguida, meu olhar viajou distraído a frente até a mesa com os dois últimos desconhecidos, e foi aí que percebi estar na merda.

Um par de olhos negros, como carvão, acompanhado de um sorriso torto safado teve todo o meu ibope e me fez gelada da cabeça aos pés. Meu coração vacilou então trovejou, batendo nas costelas. O reconhecimento se registrando em minha mente numa fração de segundos. E antes mesmo que eu pudesse segurar meu espanto, as duas palavras moldaram meus lábios:

— Puta merda!

Capítulo 02

Ele está na minha frente, no meu lugar, e está me olhando.

Meus cílios revoaram céticos enquanto uma sugestão divertida ampliava o sorriso dele e seus olhos enlaçavam-me, com uma invisível força bruta, que senti enraizar-me no lugar.

Oh, Dio Santo, de todos os lugares na Califórnia, por que diabos *ele* estava justo aqui?

Ele não pode...

Não. Não. E, não. Cacete!

Risinhos e burburinhos baixos ressoando na parte detrás da minha cabeça trouxeram-me de volta à realidade e só então notei que, graças ao meu gritinho escandaloso, eu tinha o ibope de todos.

Respirei fundo e recompus meu exterior, com um sorriso amarelo quando encabecei para trás.

— Puta merda mesmo! E só para constar, eu realmente iria chamar o FBI.

— Você é muito exagerada.

— Nunca neguei. — Ela agarrou meu braço e acrescentou feliz. — Agora vem comigo que eu quero te apresentar para o meu maninho antes que ele saia.

Oddio[5]...

Aquela seria uma boa hora pra enfartar. Um desmaio, talvez?

Meus joelhos começaram a tremer e eu endureci um pouco, rezando para não despencar no chão quando ela começou a levar-me na direção dele.

Pietra se inclinou para a minha orelha, e eu, vagamente, ouvi suas palavras.

— Relaxe Amada, está tudo bem. — *Não está não.* — Thor tem essa pose de menino mal, mas garanto que o latido dele é pior que a mordida.

Eu ainda tinha esperanças. Ele, no entanto, derrubou uma a uma quando lentamente levantou-se da cadeira. Eu não soube o que fazer. Nunca tinha estado em situação semelhante.

Paramos na frente dele, e eu morri um pouquinho.

— Antonella, Heithor... Heithor, Antonella.

Eu queria chorar. Minha alma chorava, na realidade.

Merda de mundo pequeno do caralho!

Sobressaltada, olhei para o tipo quando ele fingido engoliu minha mão com a sua, muito maior. Uma ardente sensação percorreu meu braço a toda velocidade, e eu lutei contra a necessidade de puxá-la de volta enquanto ele se inclinava, mantendo seus olhos fixos nos meus. O ar se congelou em meus pulmões por um efêmero instante ao sentir sua boca tocar o dorso da minha mão, numa carícia íntima, fazendo aquela parte formigar. Por um sólido momento me transportando para a noite anterior quando aqueles lábios tocaram outras partes minhas... as mais íntimas.

Respirei fundo ao sentir meu corpo se apertar infinitamente, reagindo a ele.

É o choque. Não estou reagindo a ele, senão a surpresa.

— É um prazer *finalmente* conhecê-la, Srta. Vicenti. — Sua voz profundamente melodiosa no tom barítono acariciou meus ouvidos fazendo coisas em mim que não deveriam.

— Igualmente Sr. Castellammare.

— Heithor. Me chame de Heithor ou Thor — ofereceu ele, solene.

— Antonella.

Um sorriso lento cruzou seus lábios.

— Esplêndido!

De repente, assim, do nada, seus braços dispararam a minha volta, apertando-me contra a força de seu peito forte. Eu petrifiquei, sendo envolvida pelo cheiro bom da sua loção pós-barba e do perfume gostoso, da sensação dura de seu corpo contra o meu.

Sua boca raspou em minha orelha.

— Escritório. Dez minutos.

O QUÊ?

Ele a sério esperava que eu fosse me encontrar com ele? A sós? Ele e eu? Fechados?

— Estou realmente encantado em conhecê-la — ele disse outra vez, segurando meus ombros enquanto me olhava com atenção. — Minhas garotas falaram maravilhas a seu respeito.

Puxei-me longe de seu contato, como se isso me queimasse.

— Vejo isso.

— Buongiorno cara mia, — tia Martha disse sorridente aparecendo do meu lado, seu braço rodeando a minha cintura. — Hai già conosciuto il mio bambino[6]?

De cabo a rabo.

— Pietra acabou de me apresentar.

— Ele ficará conosco por um ou dois meses. Non è fantastico?

— Uh-hum... claro.

Desvencilhei-me dela e dos outros então busquei uma cadeira na mesa mais próxima, que para minha total sorte era a mesma que eles estiveram antes, e, em seguida, deixei meu corpo arriar no assento macio. Tão aliviada, que suspirei. Minhas pernas moles aplaudiram.

Heithor, Pietra e Martha juntaram-se a mim.

Assisti de rabo de olho, percebendo que o sorrisinho besta ainda estava lá, contraindo os lábios dele de uma maneira revoltante, e eu o quis tirar no tapa.

Nunca mais eu iria sair numa sexta-feira 13. Nunca mesmo.

— Não vai me apresentar a sua amiguinha, cunhada?

A mulher que até então era indiferente para mim atraiu meu olhar. Ela estava sentada ao lado dele. Era uma loura de farmácia, o cabelo na altura do queixo num chanel estiloso. Rosto triangular, nariz reto, lábios finos e grandes olhos verdes, que nem eram tão extraordinários. Eu preferia mais o meu rosto em forma de coração, meu nariz pequeno e arrebitado, meus lábios cheios e olhos marrons derretidos, com longos e volumosos cílios. Sua pele era *queimada* enquanto a minha era alva, com um leve bronzeado. Embora sentada, pude perceber que ela era curvilínea, com alguns exageros para os padrões americanos; não era gorda.

Bonitinha, mas nada de cair o queixo.

Eu diria que, se comparada a mim, dava para comer em tempos de escassez.

Ela se inclinava sobre ele, tocando sua nuca de uma maneira muito íntima, e foi aí que minha cabeça deu um estalo. Meus olhos rapidamente caíram sobre as mãos deles. Nenhuma aliança. Procurei então por algum outro objeto que fosse um indicativo de uma relação entre eles, todavia, não encontrei nada. Ocorreu-me que eles talvez fossem um desses casais que não se incomodavam em oficializar a relação com um anel ou qualquer outro objeto.

Liberais.

— Ouviu um latido, amada? Porque tenho quase certeza de que ouvi um, — Pietra murmurou com falso horror então olhou para estranha. — Oh, espere... Era apenas você, cadela.

Martha sacudiu a cabeça ligeiramente e suspirou enquanto a loura ficava vermelha de raiva.

— Você, sua...

— Primeiro, a única pessoa para quem eu poderia te apresentar é para o dono da carrocinha; segundo, não sou sua cunhada. E nunca, jamais, vou ser. Antes disso, eu mesma mato Thor. E, terceiro, Ella não é

minha amiguinha, há um laço aqui mais forte que sangue, mas você não pode compreender isso, eh? E como poderia quando nem sua própria sombra quer ser amiga de uma...

— Basta! — Heithor rugiu.

— Foi ela quem começou — Pietra apontou, com um bico.

— Não importa. — E acrescentou num tom autoritário e baixo, muito excitante. — Enquanto estiver aqui, eu não quero saber de brigas entre vocês duas, estamos claro?

— Como a água.

— Norah?

— Sim — ela respondeu a contragosto.

Heithor então dirigiu o olhar para mim.

— Antonella permita-me te apresentar, Norah Carter. Norah, esta é Antonella Vicenti.

Eu gostei do som do meu nome em sua língua, porém não gostei da tal Norah.

— Prazer em conhecê-la, Srta. Vicenti.

— Igualmente — murmurei, oferecendo um sorriso tão falso quanto o dela.

Pietra e ela iniciaram uma guerra de olhares hostis.

Um dos empregados aproximou-se com uma garrafa de champanhe e eu a arranquei da mão dele junto com uma taça vazia, em seguida, enchendo-a e, no outro segundo, estava despejando isso para dentro da minha garganta de uma só vez. Eu seriamente precisava de uma bebida.

Tornei a encher minha taça.

— Bem, bem... — Pietra estalou a língua, tentando ocultar um sorriso. — Agora que já conheceu minha Best, sinta-se livre para ir para o seu compromisso *importante*.

Eu quis beijá-la e bater um high-five[7].

— Está tentando se livrar de mim, pequena?

— Nunca, irmãozinho. Mas não era você quem estava em cólicas porque tinha um compromisso super, mega, blaster importante? Eu até tive que te chantagear para esperar por Antonella.

Zia Martha o olhou com os olhos grandes e maternais.

— Vai a uscire figlio[8]? Achei que teria o dia todo para nós.

Sério tia? Isso lá são horas para ser toda sentimentos?

— Não se preocupe dona Martha. Não estou indo para qualquer parte. — Ele me olhou. — Além do mais, não acho educado de minha parte me retirar quando acabo de conhecer Antonella.

Abanei a mão livre no ar, num gesto banal.

— Não se prenda por mim. Fique á vontade para fazer seus negócios!

Vá para luz Elizabeth[9] —, estava engatado na minha garganta.

Ele sorriu largo e era tão condenadamente bonito, que o amaldiçoei em silêncio.

Bebi o resto da bebida em minha taça, afogando meu breve deslumbre, e a voltei encher.

— Passou-se muito tempo desde a última vez que estive com minha família por mais de um par de dias e não é sempre que sou capaz de fazer isso, como pode imaginar. Meu trabalho acaba ocupando muito do meu tempo para que eu possa desfrutar de algum momento bom com elas. Agora, quero aproveitar ao máximo esse tempo, incluso para conhecer a pessoa que convive diariamente com as minhas garotas, no caso você, Antonella. Eu estava curioso a seu respeito.

— Uh-uh... E no que trabalha mesmo?

— Sou agente comercial. Os caras e Norah trabalham comigo — respondeu ele, lacônico.

Ele devia ganhar estupendamente bem, meditei enquanto bebericava meu champanhe.

A mansão luxuosa a beira mar, num dos bairros mais caros em Malibu, com direito a vizinhos ilustres e o padrão de vida opulento que a família Castellammare levava não eram para qualquer um. E eu não acreditava que um agente comercial ganhasse para tanto. Talvez, eu estivesse equivocada. Mas, pelo sim e pelo não, me contive com aquela resposta.

Martha saiu logo que um dos empregados se aproximou.

Eu evitei olhar para Heithor, embora pudesse sentir seus olhos fixos em mim, observando-me com recriminação enquanto eu tratava de esvaziar a garrafa de champanhe para abrandar meus nervos e o desconforto...

Mamma mia, o que estava acontecendo comigo?

Eu nunca tinha sido tímida, sequer me deixado intimidar por quem quer que fosse, e *agora*, na frente dele, eu estava parecendo um animalzinho acuado. Não, isso não era certo.

Quem esse homem pensava que era para me deixar assim?

Eu não podia permitir isso.

— Então seu compromisso não era tão importante assim, afinal?

— Se insistir nisso Pietra, vou pensar que não me quer aqui — ele articulou, com uma leve pontada de repreensão. — E sim, meu compromisso é importante, mas pode esperar.

— É, deve ter sido uma vadia qualquer.

— Do que está falando?

— Não se faça de desentendido. Pensa que eu não sei que você estava doido para sair por causa de uma puttana que você, provavelmente, encontrou ontem em algum lugar muito suspeito? É, eu sei que você, seu desalmado, chegou ontem, não hoje como fez parecer.

Eu quis estrangulá-la tão devagar quanto possível e depois bater a merda fora dela. Como ela se atrevia a me chamar de puta? Com coisa que ela era a encarnação da Calcutá!

— Não gosto do seu linguajar, Pietra, — ele repreendeu. — Sinto não tê-la avisado, entretanto, as coisas são como são. Você sabe bem disso, não? E piccola[10], meus negócios são meus negócios, não se esqueça. Além do que, não sou eu quem tem de dar qualquer mínima explicação aqui, certo?

Nota mental: agradecê-lo depois e dar uma surra em Pietra por me chamar de vagabunda.

— Seja como for, a noite não deve ter sido tão boa, do contrário, você não estaria mais aqui. O que já não posso dizer da amada, eh?

Todo champanhe que eu tinha acabado de colocar na boca desceu rasgando por minha garganta, e eu tossi como uma louca, esforçando-me para não afogar em meu próprio desespero.

Jesus Cristo, eu vou matá-la. Juro que vou.

Ela se voltou totalmente para mim, com os olhinhos brilhando de curiosidade, daquele jeito que dizia eu-só-te-deixo-em-paz-depois-de-me-contar-tudo. Eu supliquei de volta. Ela sorriu.

Ai, Dio mio, ela não vai fazer isso, não vai... Ela fez.

— E então, Ella? O cara era incrível, eh?

— Já tive melhores — desdenhei, querendo ao mesmo tempo finalizar aquele tema e destruir o sorrisinho sacana que vi pelos cantos dos olhos torcer os lábios dele.

— E aquela história de ele ser oh-Dio-mio?

Poooooorra!

Eu já disse que vou matar essa linguaruda? Eu iria matá-la da pior maneira possível!

Perché? Por que no inferno ela tinha de trazer isso agora?

Eu até podia dizer a verdade sem dar nome aos bois, mas não ia dar esse gostinho a ele. Se antes eu estava com a intenção de abrir uma exceção, *agora* não mais. Sobretudo, quando ele me fitava com um divertido e arrogante sorrisinho nos lábios, esperando triunfante por minha resposta.

Ai, que ódio!

— Wow! O cara deve ter sido bom mesmo, eh? Te deixou até sem fala — ela riu.

Eu a odeio. Odeio pra caralho!

— Eu menti. Você sabe. Estava atrasada e precisava de uma boa desculpa.

— Você não parecia estar mentido. Na verdade, parecia estar bem impressionada mesmo.

— E o que é você? Cal Lightman[11]?

— Ah, qual é Ella? Não vai dizer que você está com medo que eu queira o cara? Você sabe que eu jamais faria isso, amada. Andiamo[12]. Me conte tudo!

— Não há nada para contar.

— Tutto bene. — Eu quase desfaleci de alívio, porque Pietra, bem, digamos que quando ela realmente queria algo, ela era como jacaré em carne fresca. — Mudando de assunto. Amada, guarda[13]! — Seu olhar caiu para piscina e o meu seguiu, onde Adam e o tatuado estavam. Pietra suspirou afetada. — Onde você cavou esses amigos, Thor? Porque, Dio mio, eu quero comê-los de colher. Não é mesmo, Amada?

Observei de soslaio os traços dele se apertarem.

— Eu não quero saber de nenhuma de vocês duas perto de um deles.

Ela bufou, olhando-o com tédio.

— Não banque o irmão mais velho, Thor. Eu não tenho doze anos mais.

— Nem sessenta.

— Amém a isso, fratellino[14]! Qual é o problema, Thor? Eles não são desconhecidos. E eu realmente não vejo nenhum mal em fazer um passeio naqueles abs.

Eu totalmente concordava. Seria um grande e suado passeio.

— Eles não gostam de adolescentes — ele declarou, sua voz era como aço.

— Boa coisa que a gente não seja uma então — pisquei.

Eu podia jurar que uma veia em seu pescoço pulsou.

— E eles merecem nossa atenção — minha amiga completou.

— Não me faça ter de repetir isso, Pietra. — Seu olhar duro viajou dela para mim, prendendo-se ao meu por um sólido momento então retornou a Pietra, como se nunca tivesse me olhado, quando ele acrescentou num grunhido sexy. — Eu estou falando muito sério. Fiquem fodidamente longe deles, e que Deus as ajude, se me desobedecerem.

Mas quem esse *ser* estava pensando que era?

— Não seja um estraga-prazer. Eu não tenho compromisso com ninguém, nem a Amada.

Subi em meus pés, meu olhar dissimulado sobre ele quando o mirei de cima.

— Escuta, *Thor*, nós somos jovens, lindas e desimpedidas graças ao bom Deus então não seja um empata-foda. Va bene? — Pensei ter visto um lampejo de fúria perigosa sombrear seu rosto, e meu sorriso se fez mais largo, brilhando com uma dissimulada inocência. — Ah, só mais uma coisinha — gesticulei com o indicador. — Em mim ninguém manda, *incluso* você.

Apreciei com muitíssimo deleite o aperto de sua mandíbula.

Beija minha bunda!

— Thor, querido, deixe as garotas se divertirem — Norah nos lembrou de sua presença.

Pelo menos disse algo que presta.

— Isso mesmo, *querido*, deixe a gente se divertir — debochei manhosa, batendo os cílios.

— E aí garotas? Vão entrar ou não? — indagou Adam de dentro da piscina ladeado por Mila e Karen, que sorriam abobalhadas.

Dei uma boa medida nele, cheia de intenções que poria o Diabo envergonhado.

— Só se for agora — estalei de volta.

Pietra não bobeou enquanto eu tomava todo o tempo do mundo para me desfizer da roupa, revelando meu biquíni brasileiro, de maneira lenta e sensual, mas com uma fingida naturalidade de quem não quer nada. Eu era boa nisso e não era boba. Sabia que tinha um corpo de matar de inveja muitas mulheres e, na outra mão, encher os olhos e a cueca de um homem com desejo furioso.

Graças aos exercícios físicos e as aulas semanais de Kickboxing, eu tinha conseguido uma forma tonificada, porém sem deixar de ser feminina, com curvas suaves. Meus seios eram médios e alegres, barriga plana e cintura acentuada, bumbum redondo, firme e empinado, e coxas grossas ao invés de gravetos.

Uma leve silhueta de violão construída em 1,60 de altura.

Podia sentir os olhares masculinos sobre mim, mas os únicos que eu realmente prestei atenção foram os daquele ser gostoso. Heithor tinha os olhos negros repletos de cobiça, queimando cada centímetro meu por onde eles passavam. Isso não passou despercebido pela ridícula ao seu lado.

Pulei para o lado quando saí do short e me abaixei para pegá-lo para deixar sobre a cadeira, muito autoconsciente do meu traseiro a mostra no fio dental curvado na direção *deles*.

Norah me assassinou com o olhar; Heithor me comeu com raiva.

Estava me acabando de rir por dentro, ainda assim mantive minha expressão neutra quando estiquei os braços para prender meu cabelo num coque alto, o movimento empurrando meus seios para frente e minha bunda para trás, dando o melhor da minha forma para quem quisesse olhar.

Juntei-me ao pessoal na piscina e me diverti a beça. Pietra apresentou-me Nathan Evans, outro amigo de seu irmão, tão bonito e quente quanto os outros. Ele tinha olhos extremamente expressivos. Eles dois estavam entrosados, porém longe de chegarem aos limites que minha amiga parecia desejar. Adam e eu nos demos bem, e quase o beijei. Isso porque meus olhos me traíram quando escolheram aquele justo momento para balançar na direção da mesa, onde aquele filho da puta estava aos beijos com a loura aguada. Quero dizer, aquilo era tudo, uma foda de línguas, uma fecundação de salivas, tudo com a etiqueta indecente, mas nunca um beijo.

Meu estômago deu um nó e meu humor morreu.

De súbito, eu tinha essa vontade de estrangular algo... de estrangular aquela mulherzinha.

Separei-me de Adam e saí da piscina sem me preocupar em explicar qualquer coisa.

Pietra veio em meu calcanhar.

— O que aconteceu Amada? Por que saiu assim? Está passando mal? Foi o champanhe, não foi?

— Eu sei. Minha cabeça está começando a latejar.

— Me dê um segundo, que eu vou avisar Thor então podemos subir.

Dei a volta, pronta para detê-la da ideia, todavia, ela já tinha se distanciado.

— Eu não o achei — ela resmungou cinco minutos depois.

É claro que não! Do jeito que eles estavam se agarrando agora devem estar se comendo.

— Va bene Pietra. Fique e aproveite por nós duas, sim? Vou tomar um Advil e me deitar. De qualquer forma, não vai adiantar nada você me acompanhar. Eu preciso de silêncio e descanso.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Ti amo A. Melhoras.

— Ti amo, também.

Ela fez um estalo exagerado de beijo com os lábios quando rumei para o interior da mansão, pisando duro em direção ao meu quarto. Não podia acreditar como aquele homem conseguia me deixar tão puta em apenas um dia. E o pior, eu não conseguia tirá-lo da cabeça. Primeiro, ele tinha sido todo macho dominante, com aqueles olhares e mensagens subliminares, sem contar seu pedido idiota para encontrá-lo no escritório, e *agora*, ele estava atracado com a oxigenada.

Não obstante, eu ainda tinha de pensar num jeito de contar a Pietra sobre ele e eu.

Minha mão nervosa agarrou a maçaneta da porta do meu quarto e girou. Contudo, não tive oportunidade de abri-la quando um braço opressor envolveu meu estômago, firmemente, seguido de uma mão grande cobrindo meus lábios. Evitando meu grito de pavor cortar o ar. Em seguida, meu captor arrastou-me para trás com ele e uma porta bateu fechada.

Meu coração crepitou numa corrida selvagem enquanto eu me debatia.

— Calma, baby, eu não vou te machucar — o sussurro veio baixo e firme ao pé da minha orelha, e eu parei de me mexer, incrédula ao reconhecer a voz. — Eu vou te soltar agora. Não grite. Nós não queremos que os empregados ou até mesmo o pessoal lá em baixo venha conferir o porquê de seus gritos,

verdade? Quero dizer, eu realmente não me importo que grite desde que eu tenha meu pau enterrado no fundo da sua pequena buceta, mas enquanto não chegamos lá, comporte-se.

Ele me soltou. Eu me afastei tropeçando em meus próprios pés enquanto puxava o ar, rapidamente. Minhas mãos correram pela bagunça em meu cabelo.

Encarei-o com frieza.

— Você perdeu o seu maldito juízo, cretino?

— Por que não foi ao escritório como eu instruí? Nós temos de conversar.

— Eu não falo com estranhos.

— Não. — Ele sorriu malicioso. — Você só fode com eles.

— E às vezes faço caridade também, como ontem à noite.

— Esplendido! Temos mais uma coisa em comum, além do sexo gostoso.

Meus olhos cerraram mais frios.

— Eu exijo que me deixe ir agora!

— Quieta. — Ele teve a audácia de ordenar. — E tenha a certeza que a única pessoa que dá as ordens aqui sou eu — acrescentou mandão antes de me dar as costas.

Como é que é?

— Você é louco!

— Não, mas você está me deixando maluco, garota — ele respondeu, olhando-me sobre os ombros então seu olhar afunilou perigoso quando correu pelo meu corpo. — Você quer me aborrecer mesmo, não é?

— O quê?

Ele deu a volta me encarando de frente. Parecia... zangado?

— Você andou pela mansão assim? — exigiu, gesticulando sobre mim. — Nunca mais ouse a sair andando pela mansão vestida desta maneira. E este biquíni que mal cobre sua buceta. Esqueça. Você nunca mais vai vestir essas peças, a não ser que esteja somente comigo. Entende isso?

Meus cílios revoaram enquanto ele tornava a girar para a porta.

Abri a boca, pronta para mandar ele e sua loucura para o diabo, porém minhas palavras mudaram no último segundo quando o vi passar a chave na porta.

— O que pensa que está fazendo?

O calhorda me encarou sério, com as mãos plantadas no quadril.

— Você sabia quem eu era?

Meu semblante se fechou numa expressão de desprazer.

— Confie em mim, se eu soubesse quem era não teria acontecido.

— Não? — Sua cabeça inclinou para o lado. — Tem certeza disso, Antonella?

O lento sorriso dele era apenas arrogante demais, bonito demais. Eu odiava.

Mudei o peso para minha perna direita e cruzei os braços lhe desprezando com o olhar.

— Sicuramente.

Houve um cumprido silêncio enquanto nos encarávamos medindo, estudando um ao outro, num desafio explícito até que ele cruzou os braços em cima do peito. O movimento fazendo seus músculos peitorais ondularem sob a camiseta e ele pareceu ligeiramente maior, se possível.

Com meus saltos, eu facilmente tinha alcançado seu peito na outra noite; agora em meus chinelos, eu vagamente chegava lá. A sensação de fragilidade regressou e fez-me mais diminuta ante sua grandeza intimidante. Principalmente, por estar exposta naquele biquíni na frente dele.

De repente, meu calor corporal subiu e o ar naquele cômodo se fez muito quente, e eu pensei se havia algum problema com o sistema de ar condicionado da mansão. Um formigamento eclodiu nas minhas profundezas e rapidamente fez uma incursão por meus membros. Suor brotou em minha testa, entre meus seios e umidade nasceu entre as minhas pernas.

A tentação se fechando sobre as bordas do meu raciocínio, lentamente.

Engoli a saliva e foquei-me na minha irritação para acalmar minhas reações, e fali.

— Qual o sabor da mentira em sua língua, Antonella?

— Só porque você quer que seja mentira não quer dizer que é. E você não deveria estar tão relaxado quando... Espere aí, você sabia quem eu era? Por isso está tão calmo, verdade?

Sua expressão intensificou.

— Não está quente por mim?

Eu pisquei atordoada, novamente, abrindo e fechando os lábios sem saber o que dizer.

Mas que diabos...?

— Não tem seu corpo ardendo pelo meu toque outra vez, Antonella? Minha língua lambendo essa bucetinha doce até que goze uma e outra vez, e então, me rogue para parar porque o prazer que eu te dou é demais? Meu pau indo tão fundo que ver Deus apenas soa um eufemismo? — Seu olhar me varreu pecaminoso, demorado, quando ele lambeu os lábios. — Porque eu não posso pensar em outra coisa que não seja em quão úmida você ficou por mim ontem à noite. No gosto do seu tesão em minha língua, o aperto quente da sua buceta lisa em meu pau. É gostosa pra caralho, neném.

Sacudi a cabeça, molhando os lábios, como uma tonta.

— Eu não...

— Não? Então se eu tocar seus seios não vou encontrar seus bonitos mamilos duros? Ou talvez, se eu descer, tocando esse precioso clitóris não vou achá-lo sensível para mim, Antonella?

Como se para provar seu ponto meus mamilos traidores empurraram rijos contra o tecido fino do biquíni e tesão líquido empoçou minha calcinha quando meu clitóris começou a pulsar.

Eu respirei fundo e tentei ignorar as reações do meu corpo, uma vez que não podia detê-las.

— Senti[15] Heithor, esqueça o que aconteceu e pare com isso. Vamos apenas esquecer...

— Eu não posso e duvido muito que você consiga. — E acrescentou, soando sincero, muito suavemente. — Eu não sabia quem era até que Pietra nos apresentou. Foi uma deliciosa surpresa e eu pretendo fazer um bom uso dela, espero que você, também. Estive com a cabeça em você desde que deixei aquele quarto. Se não estivesse aqui agora, eu teria ido ao seu encontro e, se não estivesse lá me esperando como eu pedi no recado que deixei, eu teria te buscado em cada canto de LA. Mas, baby, você não iria fugir de mim.

Meu coração palpitou, e eu dei um passo atrás quando ele começou a avançar para mim.

— Não vai rolar. Não mesmo... Aquilo não significou nada para mim, se quer saber. Você só foi mais um. Uma noite qualquer e seguirá sendo apenas isso — mofei-me inquieta com sua aproximação predatória. — E, faça o favor de não se aproximar de mim e me deixe sair.

— Está com medo de não se segurar e se jogar em meus braços, implorando por mais como na noite passada? Porque eu estou morrendo para te comer bem gostoso. É uma delícia, Antonella. Um bombom gostoso que eu quero desembrulhar e comer bem devagar. Ou talvez, bem duro. Sim, definitivamente, duro. Você gosta assim, verdade? Suplicou por isso ontem.

— Và all'inferno!

— Eu já estou nele, neném, eu diria até que você é uma diaba.

— Escute aqui, seu imprestável, eu disse e repito já que você parece ser surdo. Não vai acontecer, e eu não faço caridade sempre. Meu momento de demência filantrópica passou e não vai se repetir, desculpe. E você nem foi tão bom assim para que eu abra uma exceção agora. Então sugiro que se poupe desse papel ridículo e me poupe da sua presença intragável.

Eu estava mentindo, todavia, não ia deixá-lo me tratar como bem entendia.

Então tudo aconteceu muito rápido, quando eu percebi já estava sendo pressionada entre seu corpo sólido e a parede fria. Seu cheiro provocou meus sentidos. Uma sugestão de especiarias sem ser forte demais. A colônia cara combinava bem e complementou seu cheiro natural, dando um toque másculo

tentador, picante e de sofisticação. Ele cheirava a pecado, quente e cru.

Heithor inclinou a cabeça para baixo até que seus lábios roçassem em minha orelha.

— Já teve melhores, verdade? — ele perguntou num tom raivoso, que fez a pressão entre as minhas pernas aumentar. Mordi o lábio forte. Ele acrescentou controlando o tom, embora ainda soasse duro. — Isso me lembra de que tenho o dever de me esforçar um pouco mais desta vez. Ai de mim, que digam por aí que não cuido das necessidades da minha menina safada.

Senti seu sorriso na curva do meu pescoço quando estremeci pelo contato. Traguei saliva. Minha respiração saindo do eixo enquanto eu buscava mantê-la regulada.

— Eu não sou uma menina e, certamente, não sou *sua* menina.

Heithor rosnou na minha orelha, apertando o quadril contra a parte baixa da minha barriga, deixando-me sentir o pacote espesso através do zíper de seu jeans. Minha buceta queimou de desejo por ele. Um pulso sexual dolorido surgindo das profundezas, enrodilhando. A ânsia de apertar minhas coxas juntas foi quase tão insuportável como era estar na presença dele sem nada fazer.

Ele ergueu a cabeça e me fitou nos olhos com tanta intensidade que minhas pernas ficaram bambas, e eu rapidamente me segurei em seus ombros, com medo de cair. Ele sorriu pecaminoso.

— Enquanto estiver aqui você será minha putinha e eu vou desfrutar muito de toda essa fome que tem dentro de si. Você vai gostar de cada segundo disso, eu garanto. Vai ter tanto prazer que no fim me agradecerá *de joelhos*. — Neguei com gestos falhos da cabeça. Não podia falar, a luxúria tinha pesado minha língua, endossando minhas vontades e desejos secretos. — Não lute contra. Sabe que quer isso tanto quanto eu... Isso, esse desejo louco, esse tesão que faz meu pau doer, doido para se enfiar em você até que não possamos respirar mais. Você também sente, não sente?

Mamma mia...

Adorava essa maneira crua, suja e picante, de falar na hora do sexo. Não havia nada mais erótico para mim do que um homem expressivo. Na voz de Heithor então tudo era mil vezes mais excitante.

— Responda-me — exigiu mandão.

— E-eu acho que você deve me soltar agora — empurrei através da nevoa do meu desejo, não reconhecendo minha própria voz. Rouca, sensual, revestida em necessidade.

— Resposta errada neném. Hoje eu vou te dar o melhor dia de sua vida, das nossas vidas. — Seu olhar desceu para minha boca quando seu polegar correu o contorno de meus lábios. — Quero dizer, você vai me dar e eu vou comer da pior forma possível.

— O que você vai fazer?

— O que eu estava louco para fazer desde que te deixei naquela cama hoje de manhã.

Minhas mãos se fecharam nos fortes braços dele, minhas unhas marcando a pele nua. Ele era louco de pedra. A mansão estava cheia e Pietra podia querer vir ver como eu estava.

— Isso é errado...

— Não há nada de errado aqui, Antonella, exceto por nossas roupas — ele persuadiu, sua voz mais grossa. — Tem de estar tão louca quanto eu estou para te comer mais uma vez.

Estava tanto que cheguei a ofegar em expectativa para estar com ele novamente.

Não pensei mais, cobrindo seus lábios com os meus.

É como dizem, se não pode com o inimigo junte-se a ele.

Heithor me respondeu com um beijo forte, quente e exigente. Ele me devorou, possuindo-me somente com aquele mover de lábios. Sua língua empurrou entre a comissura e, balançou dentro da minha boca com erotismo e sensualidade, entrelaçando-a com a minha, acariciando-a gostosamente.

Curvei uma mão em sua nuca e o puxei mais perto, aprofundando o beijo. Cobiçando mais do sabor açucarado de sua língua, bebendo dele a cada sugar mais violento de nossas línguas. Amei sua aspereza, sua forma lasciva de fazer os nossos corpos participarem do ato quando ele içou-me em seu corpo. Minhas pernas abraçaram apertadas ao seu redor e meus tornozelos travaram sobre seu traseiro. Ele

nivelou sua pélvis então começou a esfregar sua ereção contra a minha buceta. A fricção fez surgir um novo pulso sexual nas profundezas do meu sexo, trazendo o atormentado sentimento de vazio, o desejo dolorido de ser preenchida por seu pau.

A sensação do seu beijo e do atrito duro de nossos sexos era tão boa, que eu suspirei contra a boca dele, me liquefazendo em seus braços. Odiando e amando ao mesmo tempo.

Ele me apertou mais firme contra o corpo dele, como se também estivesse desesperado por mais, fazendo um calor infernal se propagar por cada centímetro de minha pele.

Eu estava completa e irrevogavelmente entregue ao seu beijo.

Era como se meu corpo estivesse entrado em combustão espontânea. Ambicionei mais de seus lábios, de seu toque, de seu calor... Dele todo. Mais e mais até que eu não pudesse sequer respirar.

Heithor apertou minha cintura e fez seu caminho entre nossos corpos febris, até alcançar meu seio esquerdo. Envolvendo-o em sua mão e puxou o tecido para o lado então inclinou a cabeça, fechando a boca sobre meu sensível mamilo. Eu gemi presa na sensação, curvando as costas enquanto o segurava lá, arquejando. Ele chupou mais e mais forte, beliscando-o com os dentes.

Tudo era tão insano, mas tão bom... tão gostoso...

Sua boca tentadora, como o pecado original, tornou a cobrir a minha num beijo abrasador então ele abrandou. Heithor arrastou seus dentes sobre os meus lábios, mordiscando-os de leve, apenas para provar que era ele quem estava no comando, como na outra noite. Aquilo me irritou, porém indo na contramão do que era natural, a raiva funcionou como um aditivo potente em minha excitação. Ele quebrou o beijo e, sobre nossas respirações altas e desiguais, eu pude ouvir as batidas do meu coração em meus ouvidos. Prazer zumbia através do meu corpo.

— Ah, my little bitch, viu como você me pertence? Seu corpo é meu. Você é minha, — sua língua deslizou com sensualidade pelos meus lábios. — Somente minha.

Eu quis negar aos gritos sua afirmação, bater nele e fugir de lá o mais rápido que meus pés pudessem correr. Todavia, eu não tinha forças para tal proeza e não queria ter mesmo.

Ele me colocou no chão e distribuiu beijos breves em meu rosto, garganta, orelha e a linha de minha mandíbula. Sua boca enviando faíscas sob a minha pele quando me beliscava a pele com os dentes. Olhou-me dentro dos olhos, com um sorriso vitorioso brilhando em seu olhar arrogante.

O desejo tinha ganhado.

Ele sabia.

Eu sabia.

E a merda com isso!

— Sei que a farei gritar e arrisco até em dizer que Malibu inteira a ouvirá berrar meu nome quando te fizer vir na minha boca e em meu pau. Não ouse se reprimir. Quero tudo.

Capítulo 03

Minhas pernas estavam moles como gelatinas.

As sensações de prazer, raiva e desejo que esse homem fazia eclodir dentro de mim, deixavam-me extasiada. Eu o queria pelo menos mais uma vez. Mais uma *única* vez.

Meu corpo inteiro clamava pelo o dele, de maneira vergonhosa.

Era como se seus toques e seu corpo fossem feitos exatamente para mim. Sob medida. O corpo dele também respondia ao meu com o mesmo furor. Eu sabia.

Respirei de maneira superficial abrandando minha afobação. Os sinos de alerta insistiram, fracamente, quando ginguei meus quadris em movimentos sensuais até Heithor, que tinha se apartado de mim. Talvez, me dando a chance de recuar, não sei, mas não ia acontecer.

Ele me queria aqui e aqui eu estava. Iríamos fazer isso.

Levantei nas pontas dos pés e busquei sua boca. Ele respondeu, permitindo-me conduzir o beijo experimental. Puxei seu cabelo, empurrando sua cabeça no ângulo que eu queria quando aprofundei o ato, beijando-o de forma mais selvagem. Suas mãos tocaram a minha bunda, massageando suavemente as bochechas. Suspirei contra seus lábios e rasguei a boca para o pescoço dele. Seu perfume chicoteou meu nariz um pouco mais forte. E, caramba, ele cheirava bem pra cacete.

Infiltrei uma mão entre nossos corpos, até que alcancei a frente de seu jeans e fechei os dedos sobre sua ereção, apertando e esfregando ao mesmo tempo. Ele gemeu áspero. Suas mãos foram para as amarras da parte de cima do meu biquíni, e no outro momento, eu a tive fora do meu corpo.

Heithor me beijou breve e duro então se afastou, e, com um sorriso sacana nos lábios carnudos, deixou seu olhar vagar lentamente de um extremo ao outro sobre mim. E eu, como uma idiota, senti minhas bochechas esquentarem num misto de embaraço e luxúria.

Ele se aproximou e tocou meu rosto.

— Você fica ainda mais gostosa quando corada, baby.

Meu sorriso lento era travesso quando segurei a mão dele, levando seu dedo para os meus lábios, e então, mirando seus olhos quentes com uma inocência que não existia dentro de mim, eu suguei-o dentro da minha boca. Heithor exalou pesado, mas sua expressão se manteve calma, apesar do fogo que enxergava arder em seus orbes azeviches. Soltei o dedo, ainda sustentando o contato visual.

— Sabe Thor, eu estou em desvantagem aqui.

Ele tirou a camiseta pela cabeça, jogando-a para o lado em tempo recorde.

— Não mais.

Dei um curto passo atrás para redescobrir aquela parte de seu corpo.

Inalei fundo e expulsei o ar devagar, afetada pela visão.

O corpo dele era para morrer. Um peitoral abaulado por músculos fortes desenhados artisticamente e um abdômen incrível, muito melhor do que me lembrava. Sem nem um grama de gordura. Duro e definido sob a pele dourada, que causava ânsia em minha língua para lambê-lo. Braços massivos e ombros largos. Os oblíquos sexies declinando sob o jeans surrado se perdurando em seus quadris, envolvendo as poderosas pernas de um jeito tão sensual.

Nas sombras da noite Heithor tinha sido magnífico, porém a luz do dia ele era imbatível.

Muito sexy e... letal.

De fato, eu queria cair de joelhos e lamber cada pedacinho dele.

Usando minhas unhas vermelhas, deslizei-as de leve sobre os contornos de seu abdômen, tomando meu tempo para tocar cada músculo seu e contar os gominhos sarados, e então, desci pelo caminho ralo de

pelos escuros nascendo a partir de seu umbigo e se escondendo sob o cós de seu jeans. E voltei. Retive um sorriso vitorioso quando ouvi sua respiração se voltar difícil.

Ergui-me nos pés e escovei beijos molhados passando por sua clavícula, brinquei com seus mamilos escuros, sentindo as pontas incharem na minha língua enquanto enfiava a mão entre nossos corpos, novamente, até fechá-la sobre sua ereção. Ele gemeu áspero e empurrou contra minha mão. Sorri sobre sua pele e continuei a descer os lábios numa linha reta até o cós de seu jeans.

Sentada sobre minhas panturrilhas, mordi o lábio inferior em antecipação e puxei o ar com força quando confrontei meu objeto de desejo escondido embaixo do tecido grosso. Rezei uma prece em silêncio e, em seguida, desabotoei o botão da calça. Então foi a vez do zíper.

Heithor cobriu a minha mão com a sua e eu joguei meu olhar interrogativo para cima.

— Nunca te obrigaria a nada, mas tem de saber que se me tocar aí não haverá mais volta. — Ele pausou, então prosseguiu num tom feroz, porém ainda baixo. — Eu vou te comer duro e difícil, e não haverá nada que você possa fazer para me impedir, compreende?

— Sim — respirei.

A mão dele soltou a minha e sua expressão se intensificou.

Segurei seu olhar, deixando todo o meu desejo transparecer quando baixei o zíper e, sem paciência para descobri-lo aos poucos, empurrei a calça e a cueca para baixo, amontoando-as em suas coxas.

Meu fôlego foi retido em meus pulmões antes mesmo que eu o prendesse lá. Outro rasgo de excitação cortou-me por completo e minha feminilidade estremeceu quando foquei seu membro.

Eu nunca antes tinha achado um pênis bonito, nem dado mais atenção aquele órgão do que era devida ou havia criado parâmetros de beleza para ele... Até agora.

Saliva encheu minha boca e uma dor gostosa nasceu no interior da minha vagina, se espalhando por minha virilha quando examinei seu comprimento ereto, sobressaindo de uma esponja aparada de pelos escuros. Ele era longo e grosso. Combinava com a grandeza do dono. Veias grossas salientavam sob a pele avermelhada. A cabeça no formato de cogumelo era púrpura e estava inchada, segurando uma pérola do seu tesão. Abaixo, os escrotos pareciam pesados e carentes.

Verdade seja dita, o caralho do homem era todo comestível.

Minha buceta concordou com um espasmo alegre.

Lambi os lábios, imaginando tudo aquilo dentro da minha boca. Se bem que eu duvidava de que sequer coubesse a metade. Mas eu sempre poderia tentar uma e outra vez.

— Admirando-me, neném? — Heithor galhofou num timbre cálido e divertido, porém havia uma sugestão de impaciência também. — Toque-me.

E foi o que eu fiz.

Segurei seu pau, tendo a certeza que não poderia levá-lo todo em minha boca. Meus dedos não se tocavam. Então deslizei a palma sobre sua longitude, testando sua solidez e a textura. Ele estava tão duro, que me ocorreu que deveria ser doloroso para ele. Poderia jurar que pulsava na minha mão.

— Você é quente e está muito duro. É macio também, como seda.

Ele gemeu e murmurou algumas palavras obscenas, contudo, não me preocupei em entender quando estava distraída em descobrir todos os segredos de seu pênis.

Heithor não era apenas um pau grande. Ele sabia usar o que tinha. Não era de se admirar o porquê de eu sentir minha buceta tão dolorida pela manhã e, ainda assim, tê-la pingando por mais.

— Use essa boquinha sexy, neném.

Cerrei o olhar, mirando-o de baixo. Estava aos seus pés, todavia, isso não queria dizer que ele podia mandar em mim e fiz questão de deixar isso claro.

— Não me diga o que fazer. Eu vou te chupar quando *eu* quiser.

— Antonella não me provoque — ele censurou áspero, embora ainda fosse suave. — Eu estou a ponto de romper e acabar com a sua diversão então sugiro que chupe logo meu fodido pau.

Ordinário.

Eu iria, mas não porque ele estava mandando.

Sujeitei a base de seu membro e joguei meu olhar descarado para cima, confrontando seus olhos atentos aos meus movimentos. Minha língua precipitou fora e deslizou pela glande úmida, numa lambida longa e demorada, saboreando seu pré-sêmen. Heithor gemeu rouco jogando a cabeça para trás. Era tão bonito, tão sexy. Parecendo muito másculo e eficiente. Fiz de novo me sentindo poderosa ao ver seu bonito rosto torcido numa tormenta de necessidade que eu provocara nele.

Vaidosa por mais, lambi da ponta até a base enquanto meus lábios acariciavam seu comprimento no processo e voltei. Minha língua golpeou a cabeça inchada, contornando-a, e, em seguida, chupei e lambi, absorvendo mais de sua excitação. Adorando a textura macia. Meu estômago apertou num espasmo violento com o seu sabor. Seu gosto era bom, suave e salgado. Eu quis mais, sentindo meu corpo se contrair de prazer ao abocanhar seu pau, tragando-o com a intensidade da minha luxúria.

— Foda-se — ele grunhiu. — Agora chupe isso apertado. Isso neném, justo assim.

Seu quadril retesou quando deixei meus dentes rasparem a carne aquecida de leve no processo de retirada. Gemi ao seu redor e o tomei mais profundamente quanto podia. Minha língua acariciando em cima e em baixo, em todo ele quando suguei e movi a palma em torno dele, minha boca encontrando a mão no processo de sucção. Heithor pulsava em minha boca, crescendo mais. Meus gemidos em volta dele e a avidez de minha língua parecia fazê-lo maior e mais duro a cada descida de meus lábios. Muito bom, pensei, levando a outra mão para seus escrotos pesados e os acariciei entre os dedos, fazendo uma leve pressão.

— Puta que pariu! Leve-o todo, my little bitch.

Ele contraiu o quadril novamente e segurou o meu cabelo, mantendo-me lá, quando a ponta de seu pênis começou a buscar minha garganta. Eu não lutei contra, apenas relaxei e o deixei ir tão fundo quanto podia, babando ao seu redor e deliciando-me com o entra-e-sai quando ele passou a foder minha boca alternando a velocidade das investidas.

Seus dedos puxaram meu cabelo mais forte e eu pensei que ele fosse gozar em minha boca, sentia-o bem próximo do ápice e me preparei para receber seu gozo. Porém, Heithor me afastou com delicadeza e ofereceu sua mão. Senti-me um pouco frustrada e não fiz questão de esconder isso quando aceitei seu apoio, colocando-me de pé enquanto lambia os lábios.

Ele me puxou para o seu corpo e me beijou com posse. Eu derreti.

— Sua boca é o céu, neném, mas não vou gozar antes de provar você na minha língua — ele sussurrou contra os meus lábios e, em seguida, me fez olhar em seus olhos. — Depois você pode fazer o que quiser comigo. Agora seja boazinha e deite-se de costas sobre a cama, por favor.

Movi-me para cama e deitei no centro dela, contente pelo conforto e maciez dos lençóis sob as minhas costas. O observei se despir da calça e da cueca sem apartar seus famintos olhos de mim.

Heithor sorriu. Presunçoso e bonito. Arrogante, mas tão lindo que me enfraqueceu. Meu coração saltou à garganta quando ele parou ao lado da cama, sua presença poderosa e exigente.

Um arrepio atravessou o meu corpo. A ansiedade se acumulando na boca do meu estômago quando o colchão se moveu com o peso dele. Ele se sentou sobre as minhas coxas e inclinou-se para frente, sustentando o peso em seus braços estabelecidos ao lado da minha cabeça.

— Você é maravilhosa Antonella — suavemente, ele disse, com seus olhos fixos nos meus, persuadindo a minha alma. — Muito mais bonita do que eu me recordava.

Sua boca baixou sobre a minha num beijo apaixonado, e então, desceu rasgando os lábios por meu pescoço, colo. Sua mão apertou meu peito, e ele lambeu o mamilo, contornando-o com a ponta da língua. Eu resfoleguei e mordi meu lábio com força. Ele fez outra vez e logo sugou a ponta densa para dentro de sua boca com maior força. Arqueei as costas tentando ter mais ao mesmo tempo em que agarrei a cabeça dele para sustentá-lo lá. Seus dentes me testaram, roçando no cume inchado.

Heithor levantou a cabeça e me olhou atentamente enquanto beliscava as pontas sensíveis.

Eu engasguei.

Com um sorriso pecaminoso, ele balançou o olhar e observou meus mamilos tensos, antes de tornar a tomá-los. Heithor se amamentou de mim, levando-me para outro nível de excitação.

Gemidos de prazer escalaram minha garganta e eu mordi o lábio para trancafiá-los.

Meu sexo latejava, pulsando com as batidas do meu coração, clamando atenção até que a dor se voltou mais intensa, fazendo-me torcer o cabelo dele em meus dedos e minhas unhas cravaram em seu couro cabeludo. Ele grunhiu contra minha pele sensível e mordeu o mamilo em represália, estirando-o a ponto de dor. Um gemido sôfrego me escapou e foi como se as comportas de uma represa fossem abertas. Outros gemidos seguiram desenfreados e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

O joelho dele empurrou entre minhas pernas, e eu as espalhei. Então, inclinei a cabeça para trás e retesei o quadril ao sentir o dedo dele tocar meu clitóris, esfregando, colocando a pressão certa sobre ele. Meu corpo se apertou em necessidade e eu senti vontade de chorar.

Aquilo não era suficiente. Eu queria mais. Precisava de sua boca lá, dos seus dedos dentro de mim, fazendo-me vir. Mas não queria pedir por isso, não podia. Seus lábios desceram por minha barriga tecendo beijos molhados em minha pele, e eu suspirei de alívio para noutro momento bufar frustrada por ele se deter em meu umbigo, puxando o piercing que eu tinha ali.

— Eu gosto desse — ele sussurrou.

Era uma joia delicada, com um pingente de fogueira cravejado de pequenos brilhantes. Pietra tinha me dado ele quando fomos a LA fazer minha tatuagem na nuca.

Heithor tornou a puxá-lo na boca. Estremeci e me curvei na sensação.

Ele estava brincando comigo, torturando-me por prazer.

Filho da puta!

Enrolei os dedos nos lençóis, meu corpo tenso quando abri a boca para proferir um montão de maldições e ordená-lo a me satisfazer como eu queria, entretanto, ele voltou a deslizar abaixo. Eu relaxei, sentindo seus dedos segurarem as laterais da calcinha. Sua língua brincou em minha pele, fazendo cócegas e provocando-me arrepios. Mas ele não estava lá, onde eu queria.

Levantei meu tronco apoiada em meus cotovelos.

— Que merda...?

As palavras deslizaram de volta por minha garganta ao perceber que ele observava minha virilha.

Seu olhar se levantou para mim.

— Acho que fui um pouco rude ontem — ele murmurou rouco, com uma sugestão sutil de culpa em seu tom, embora seus olhos expressassem satisfação por sua obra de merda.

— Não faça isso de novo.

A sobrancelha negra curvou.

— Não?

— Você foi um filho da puta me marcando assim.

O cretino teve o descaramento de sorrir.

— Talvez. Mas não pode me culpar, não é assim? Esteve muito exigente na outra noite... por mais que eu gostasse de vê-la implorar, não poderia deixar de te dar o que me pedia.

Eu não pude refutar isso, sua boca se sentia como o céu entre as minhas coxas.

Mas, porra, ele tinha *marcado* minha buceta!

Engoli saliva e meus lábios entreabriram ao ver a ponta de seu dedo contornar algumas pequenas manchas em minha virilha e em meu monte de Venus. Seu toque foi suave, quase tão delicado, que eu senti um pouco do meu aborrecimento se desvanecer.

Ele continuou:

— Tem a pele clara e muito delicada, por isso fica marcada tão facilmente. Eu gosto.

— Eu não, — ralhei.

— Vou tentar ser mais cuidadoso, mas não posso prometer que não vou fazê-lo mais, — seus lábios escovaram beijos molhados por onde os dedos correram, e eu exalei pesado deixando minha cabeça pousar no travesseiro, novamente. — Volta-me louco, Antonella.

Ele se ergueu, ficando de joelhos entre as minhas pernas abertas quando deslizou minha calcinha abaixo. Levantei o quadril para ajudá-lo e, em seguida, fechei as pernas, elevando-as na frente de seu corpo quando ele a passou pelas minhas coxas. Mas, então, se deteve em meus joelhos e, em seguida, os forçou próximos ao meu abdômen. Exposta a ele de uma maneira peculiar e muito íntima, que me deixou mais quente. Ouvi-o soltar uma exalação brusca.

— Você é muito pequena. Estreita e delicada, — ele murmurou num tom escuro, e eu me senti molhar mais. — Gostaria que você pudesse se olhar agora. Está babando por mim. Toda rosa e brilhante. Me dá água na boca. Tenho o pau tão duro, que me dói... Está dolorida? Ontem as coisas saíram um pouco de controle — ele lembrou, com um ar safado, porém eu pesquei a sugestão preocupada em seu olhar. — Você está inchada. Eu não quero te machucar.

Engoli um fôlego, muito consciente da trepada animal que tínhamos dado ontem.

— Estou bem — sussurrei.

Ele assentiu e a sombra de alívio envolveu sua expressão.

Suas mãos nos meus joelhos mantiveram minhas pernas fechadas, e eu cruzei os tornozelos no alto. Um segundo mais tarde, engasguei com meu fôlego e gemi alto, fechando os dedos no lençol ao primeiro contato inesperado de sua língua em meu sexo. Seu aperto em meus joelhos se fez mais firme ao impulso do meu corpo de abrir minhas pernas e me mover contra a sua boca.

— Oh, merda!

Ele me lambeu a sua maneira. A respiração morna chicoteando minha carne molhada, enviando-me disparos de sensações quando sua língua subiu e a ponta golpeou o clitóris.

Minha barriga tremeu e eu solucei ofega na emoção.

Meus dedos se agarram nas minhas coxas, as unhas machucando minha própria pele, porém a dor e possíveis marcas lá eram irrelevantes quando eu tinha a boca de Heithor sobre mim. Seus lábios escovando aquela parte tão sensível do meu corpo enquanto sua língua lasciva abria caminho por entre minhas dobras sentia-se como o céu e o inferno junto. Eu somente queria isso. Somente isso me importava.

Minha cabeça deu voltas e mais voltas, entorpecida pelo anseio de tê-lo.

Se havia uma coisa que eu não podia negar era que meu corpo já amava os seus toques. Eu estava completamente entregue a ele. E isso era uma merda! Eu ainda queria gritar, ainda havia uma parte pequena querendo mandá-lo para o inferno; meu corpo safado induzido pelo diabo descarado em meu ombro não. O infeliz queria ficar aqui e apreciar cada toque, cada movimento, cada beijo.

Heithor cessou a tortura e se desfez de vez da minha calcinha, e então, espalhou minhas pernas expondo minha buceta aberta ao seu ávido olhar.

— Tem uma bucetinha preciosa, neném. Lisa e delicada. Muito responsiva ao meu toque. — E acrescentou. — Foi feita para a minha boca, para o meu pau. Definitivamente, para mim.

Sua mão cobriu minha intimidade e um dedo correu pela fenda untada. Meu corpo convulsionou, impulsionando em sua direção, mas o maledetto afastou a mão.

Eu protestei, com um resmungo irritado.

Ele sorriu perverso mirando meus olhos.

— Não Antonella, agora é a minha vez. Mas não há pressa, — ele pausou então seguiu arrogante. — Tenho o dia todo para compensar a noite *péssima* que dei a você e te mostrar que sou muito melhor que qualquer outro com quem já esteve. Não foi isso que disse há pouco?

Ponderei se seria muita humilhação desmentir minhas palavras, porque a verdade é que se ele fosse só

um pouquinho melhor do que tinha sido ontem, eu morreria. Contudo, perdi o fio da meada quando ele inclinou a cabeça para baixo. Eu gemi alto. Sua língua rodou ao redor do meu clitóris, mergulhou em minhas dobras e separou os inchados lábios de meu sexo. Então ele dedicou uma lambida lenta e áspera desde a entrada chorosa da minha buceta até meu grelinho, o sugou sem cuidado, estirando, e desceu. E, toda e qualquer prudência que ainda poderia haver em mim sumiu.

— Ah, merda, sim! Faça assim, seu puto safado...

Eu não soube discernir se ele trabalhava para me dar prazer ou me enlouquecer quando senti a língua endurecida sondar minha entrada, jogando com ela antes de enfiá-la lá, indo o mais fundo que conseguia logo me fodendo. Meu orgasmo começou a edificar. Os braços de Heithor firmados em torno das minhas coxas impediam-me de mexer como eu queria. Aquilo era tortura. Deliciosa, ainda assim uma tortura, quebrando e refazendo-me somente para quebrar-me, novamente.

Minhas mãos se tornaram uma confusão de movimentos, correndo por meus seios pesados e puxando os mamilos tensos. Desci uma cavando no cabelo dele, torcendo os fios em meus dedos.

Gemidos baixos e minha respiração irregular disputaram espaço por entre meus lábios quando a sensação se intensificou e a vontade de me encolher no prazer beliscando minha pele foi irresistível.

Sua língua subiu para o meu clitóris, brincando, provocando-o quando a ponta do seu dedo incitou a minha entrada, e deslizou para dentro sem cerimônia. Escorregando fácil e fundo. Logo outro dedo seguiu bombeando meu canal. Eu ofeguei. Meu peito subindo e descendo com brusquidão quando movi meu olhar para ele, observando-o me torturar devagar, retardando meu clímax de propósito. Eu quis bater na cabeça dele e não omiti isso quando seu olhar chamou o meu.

Sua expressão era pura determinação quando disse:

— Antes do fim do dia você estará coberta com meu sêmen, meu cheiro, meu suor, até que você esqueça qualquer outro que já tenha tido. Você é minha, Antonella. Minha putinha. E eu não divido nada que é meu, nem mesmo em pensamento. Não perca seu tempo tentando usar os meus amigos para me provocar, porque isso só vai me irritar e será você quem perderá com isso.

Meu corpo se sentiu louvado com suas palavras possessivas, e eu me deixei levar não dando importância a elas quando Heithor fez minha descida para o inferno. Ele me devorou, chupando meu ponto sensível e batendo os dedos dentro de mim, até que eu não sabia se fugia dele ou o prendia entre as minhas pernas. Sentia meu corpo suado, meu coração pulsando na pele. Uma tempestade de sensações prazerosas formou um redemoinho de fogo dentro de mim e cresceu.

— Me fode gostoso, seu vadio. Mais! Ah, Dio, sim, assim!

Minha cabeça oscilou para os lados e o quadril trabalhou sozinho, balançando contra os lábios dele, recebendo as investidas de seus dedos e de sua boca quando agarrei os cabelos dele sem qualquer cuidado, desejando fundi-lo a mim. Eu não tinha qualquer domínio sobre meus movimentos. Meus gemidos ecoavam a minha volta e ouvir o som molhado de sua boca sobre mim somente impulsionou-me a beira do precipício que me aguardava.

— Merda! Me chupe mais forte. Me foda. Qualquer coisa... Eu vou... — choraminguei desconexa, minha voz crepitando quando as sensações se intensificaram e meu quadril ficou tenso, o orgasmo começando a estalar sobre mim. Torcendo o meu ventre.

— Assim, Antonella... Você está tão quente. Muito doce. Deliciosa, neném.

Ele intensificou suas carícias íntimas, empurrando-me e eu caí.

O mundo se desfez a minha volta. Tudo se tornou um borrão de cores e sensações quando ondas de prazer absoluto, ondulou-me de dentro para fora, arrepiando cada centímetro da minha pele e colorindo as minhas bochechas. Impulsionando meu coração. Seu nome deixou meus lábios enquanto eu convulsionava em sua boca, num êxtase que jamais tinha acreditado ser possível.

Eu chorei tentando me afastar de sua língua pecaminosa, mas ele me segurou e continuou lambendo, prolongando o orgasmo. Alimentando a fome que ele tinha despertado. Apertei os dedos nos lençóis e

esperei que as ondas diminuíssem enquanto ouvia meu coração bater nas orelhas. Minha respiração estava tão ofegante quanto à de um maratonista poderia estar.

— Você é muito gostosa, — escutei ele murmurar em alguma parte da minha mente desfeita enquanto eu ainda inerte no prazer buscava algum controle. — Sua bucetinha é doce..., é um pecado não te chupar toda, Antonella. Vai ser meu café da manhã enquanto eu estiver aqui, neném.

Sua boca buscou a minha quando ele se deitou em cima de mim, beijando-me com calma. Provei o meu próprio gozo em sua língua. Aquilo era tão sujo, tão perverso, mas excitante.

Sua dura, firme e pulsante, ereção cutucou minha coxa. O vazio dentro de mim, de repente, muito opressor. Eu girei meu quadril, procurando a penetração.

Heithor parou o beijo e se ergueu, encarando-me. Seu olhar era intenso e mais escuro.

— Vira vagabunda. Quero ver meu pau te arrombando de quatro — ele demandou enérgico.

Gemi com suas palavras.

Sem delongas, me movi ficando de joelhos, em seguida, desci pousando a cabeça no travesseiro, ao invés. Uma posição que deixou minha bunda totalmente exposta a ele, como um presente pecaminoso. Ele amaldiçoou e me deu um tapa forte na bunda. Exasperei e ofeguei com a sensação de ardor que se espalhou daquele ponto. Uma picada sexual, enrodilhando-me por dentro.

— Vadia. Está gostando de me provocar, uh?

Ele se colocou entre as minhas pernas, espalhando minhas coxas mais abertas e pincelou minhas dobras com a ponta de seu pênis, dando-me um gosto de meu próprio veneno.

Queimando.

Era assim que eu me sentia. Meu baixo ventre contraiu e soltou, doeu. Eu joguei meu quadril para trás buscando a penetração que desejava, porém ele me segurou. Eu xinguei.

Heithor soltou uma risada prazenteira.

— Calma, gostosa. No meu tempo.

Ele estava louco, só pode!

Como eu poderia ter calma quando ele me provocava dessa maneira?

— Menina safada. Está pingando na cabeça da minha pica. — Ele apertou a cabeça quente contra o meu clitóris, e eu quase morri de vontade. — Como pode dizer que não gostou de ser comida por meu pau quando está derretendo contra ele? *Por* ele?

— Cazzo[16]! Me come, filho da puta. Mete logo essa po...

Ele meteu sem misericórdia, batendo todo seu comprimento dentro de mim até as bolas, que se não fosse por suas mãos estarem me segurando, eu teria batido a cabeça contra a cabeceira da cama. As palavras tropeçaram dando lugar a uma maldição em meus lábios. Eu me fechei em volta dele quando a sensação dolorosamente apertada me espremeu.

— Porra! Está muito quente. Apertada demais. Tão molhadinha. Não posso ir com muita calma agora — ele disse num tom tenso. — Estou louco para te comer desde que te deixei naquela cama hoje de manhã.

Virei à cabeça para fitá-lo sobre o ombro, assistindo seus traços enrijecerem numa expressão desesperada, como se ele brigasse por controle e estivesse a um fio de perdê-la.

— Não importa, só me coma, — eu sussurrei de volta num fiapo de voz.

Seu comprimento começou a deslizar dentro de mim, entrando e saindo, com uma lentidão infernal. Experimentando. Provando. Acariciando. Meus músculos internos pulsavam a sua volta, tentando segurá-lo dentro a cada retirada e tragá-lo profundamente a cada volta.

Heithor me estirou devagar, tomando seu tempo para me enlouquecer.

Meus olhos entraram em órbita.

— Dio... Continue me fodendo assim... Mmmm... Seu pau é tão gostoso...

— Sente meu pau te arrombar toda? — ele grunhiu, enquanto martelava. Dentro e fora.

Ininterruptamente. — Você é uma delícia, Antonella. Gostosa pra caralho. Gosta assim, baby?

— Sim! Não pare... Oh, Dio!

Tudo em que eu podia me concentrar era no deslizar molhado do seu pau dentro do meu canal. Era tão intenso, tão bom. Sentia cada polegada dele, cada pulsar e estremecimento dos meus músculos quando se fechavam em torno dele. Engolindo suas investidas com fome.

Heithor mergulhou mais fundo, despedaçando minha mente devagar. Ateando combustível em minha necessidade. Construindo suave e lentamente até que se tornou insuportável.

— Mais, maledetto! Mais forte! Me foda mais forte!

Ele parou e eu o amaldiçoei, escutando sua risada baixa. Um som profundo que reverberou em meus ossos e espalhou um calor selvagem por cada centímetro meu. Estava ardendo, meu corpo todo piscando para ele. Suas mãos acariciaram minha bunda numa tortura premeditada.

— Você é tão estreita que eu tenho medo de te romper com minha fome por você. Mas você não vai, verdade? Gosta da dureza que posso te dar. E, baby, não duvide nem por um segundo sequer, somente eu posso lhe dar isso quantas vezes puder aguentar.

Heithor desceu sobre mim, seus lábios beijando suavemente a parte baixa das minhas costas e reiniciou suas estocadas cuidadosas, seu pau crescendo a cada empurrão, com rasos movimentos ascendentes que me fizeram ofegar e chorar a cada impulso enquanto moía meus dedos nos lençóis.

A sensação daquele pau todo recheando a minha buceta era extraordinária.

— Mete tudo, filho da puta. Isso... Mmm, que gostoso...

Eu fui ficando mais molhada ao redor dele e Heithor se moveu com mais facilidade, empurrando para dentro até que eu engasgasse com o seu comprimento. Meu orgasmo cresceu devagar e profundamente quando ele se ergueu. Eu joguei meu quadril para trás, rebolando contra Heithor, recebendo cada investida, o atrito criando um frisson gostoso. A necessidade do prazer final se levantou dentro de mim, ganhando formas mais sólidas, mais intensas. Eu enlouqueci na busca, dando tudo de mim.

— Que delícia, minha putinha. Rebola gostoso no pau do seu homem... Diga, Antonella. Diga que sou seu homem, que sou o único que vai ter isso aqui.

Virei à cabeça o suficiente para olhá-lo atrás de mim quando ele diminuiu o ritmo, aguardando minha resposta. Meu olhar nebuloso na paixão era determinado.

— Não.

Seus olhos brilharam e sua mandíbula se apertou.

— Não? Acho que posso te fazer mudar de ideia.

Ele retirou, arrastando seu comprimento para fora, e então, retrocedeu de maneira que somente a ponta resvalasse na minha abertura. E enfiou tudo. Rápido, forte, quente. Eu engasguei e todo meu corpo teve um forte espasmo. Sua mão serpenteou abaixo, e quando os dedos encontraram meu clitóris ele o massageou, alternando a pressão de suas gemas, controlando o meu prazer.

Eu quase saltei fora da minha pele. Meu corpo doeu e retesou em necessidade. Estava suada até a raiz dos cabelos. Ele não abrandou seus movimentos, metendo fundo e lento enquanto os dedos em meu grelinho traziam o alívio mais e mais perto, porém afrouxando quando estava na borda.

— Maledetto, figlio di puttana! — Xinguei, com a voz estrangulada quando senti seus dedos se apartarem do meu ponto de prazer. — Pare de brincar comigo e me dê isso.

— Sexy pra cacete — ele gemeu. — E minha. Minha, caralho! Você pertence a mim. Só a mim. Ninguém nunca vai ter isso exceto eu. E somente eu posso te dar o que quer my little bitch. Só eu.

Meu corpo se contraiu dolorosamente, ma, per Dio, que eu não diria.

— Heithor...

Ele rosnou.

— Se eu sequer ver você flertando com outro, como fez mais cedo, Antonella, eu juro por Deus que vou deixar essa sua bunda deliciosa vermelha na minha mão.

Eu amaldiçoei. Ele regulou o ritmo, batendo forte. Cada terminação nervosa minha estava em curto-circuito. Minha pele hipersensível. Meu clitóris doía tanto, que latejava na alma. Bastava um toque. Tudo o que ele tinha a fazer era tocar-me lá, novamente.

— Me toque, seu maldito desgraçado!

— Não seja teimosa, neném. Diga, e eu lhe dou o que quer.

— Nunca — ofeguei.

Ele grunhiu e eu suspirei de frustração.

Ele martelou dentro de mim, me comendo até que estive soluçando e jogando o quadril para trás com gestos urgentes, descuidados e irregulares, buscando qualquer tipo de alívio. Estava tão no limite que minha pele parecia viva, pulsando por todas as partes, tentando me virar do avesso.

Dio, eu queria matá-lo!

Lágrimas se acumularam no fundo dos meus olhos, e eu grunhi frustrada quando meu corpo começou a tremer descontrolado, mais necessitado do que algum dia esteve.

Minhas pernas subitamente ficaram fracas e incapazes de aguentar o meu peso. Comecei a escorregar e Heithor me segurou. As mãos grandes agarraram minha bunda, numa pegada deliciosamente possessiva. Eu ficaria com contusões mais tarde e não me importei, não naquele momento quando tudo que eu precisava era do seu pau me comendo com força e dos seus dedos treinados me fazendo vir. O que não aconteceu.

A primeira lágrima saltou, escorrendo pelo canto do meu olho.

A mão dele viajou abaixou e se embrenhou em meu cabelo, enrolando uma massa de fios em seu punho e puxou-me para trás em direção a seu peito com aspereza. Minha cabeça caiu para trás em seu ombro. Seu braço direito prendeu os meus contra meu corpo e o esquerdo passou sobre o meu estômago na transversal quando sua mão envolveu meu pescoço, segurando-me num aperto firme, porém ainda gentil. Estava subjugada pela sua força e por sua vontade.

— Diga, porra — ele ordenou bruscamente no pé da minha orelha.

Sua boca tomou a minha num beijo que entorpeceu minha alma então ele rasgou os lábios para a minha nuca em cima da minha tattoo, aplicando um beijo punitivo com a picada doce de seus dentes e, em seguida, desceu para o meu pescoço a sua maneira.

Minha mente estava em parafuso sobre o quê fazer. Eu não queria dizer. Recusava-me a dizer aquelas palavras estúpidas, mas elas estavam lá. O desejo insano se rebelando contra mim, empurrando-as na ponta da minha língua. Eu travei meus dentes, me negando.

Eram apenas palavras, merda. Palavras do calor do momento. Inúteis, mas eu não podia.

Que merda de situação!

— Oh, foda! — ele gemeu e acrescentou num tom áspero. — Não vou durar muito tempo. Eu estou no meu limite aqui, vou te comer com força e vou gozar. Você não terá alívio. Então me diga baby. Diga que é minha, que me pertence, e eu vou te dar o melhor orgasmo da sua vida.

Não!

Meu corpo todo protestou. Não queria gozar sem ele, não seria suficiente alcançar minha libertação por meus dedos, sem ele lá, dentro de mim. Eu queria com ele.

E desisti de lutar.

— Sì. — A palavra foi apenas um sussurro baixo sob minha respiração alta.

Eu odiei. Odiei pra caralho!

— Sim o quê, my little bitch? — ele provocou.

Eu amaldiçoei até sua quinquagésima geração em mente.

— Cacete, sim, eu sou sua, filho da puta! Pertenço a você! Agora me coma, faça-me gozar, por favor... Per favore, Heithor, não posso suportar mais. Vai me matar.

Eu quase não podia acreditar em minhas próprias palavras. Eu que nunca me rendi na cama sequer

implorei a um homem para foder-me, estava rogando em alto e bom som.

Heithor fez um som de satisfação e deixou meu corpo cair na cama, novamente. Suas mãos seguraram meu quadril no alto quando ele penetrou-me fundo, chocando-me com sua força e velocidade. Ele começou a se mover mais rápido, mais forte. Era como se as palavras o tivessem enlouquecido. Seu controle foi embora e eu me deliciei com a ferocidade da sua posse.

— Ti prego, Heithor. Por favor, continue me fodendo assim, maledetto... Eu estou tão perto.

Eu solucei ao sentir seus dedos viajarem abaixo e tornarem a provocar meu clitóris no ritmo de suas apunhaladas. Ele meteu mais forte. Rápido. Estocando profundo, a fricção tão gostosa e intensa que o quarto começou a rodar. Eu fechei os olhos. Todo meu corpo balançando com a força de seu domínio. A pressão era insuportável. O fogo selvagem partiu debaixo de meu ventre, vindo para o meu coração, se intensificando perversamente, batendo como um chicote, espalhando-se como um incêndio incontrolável por cada centímetro do meu corpo.

— Merda! — Heithor grunhiu. — Foda-se, eu vou gozar.

Justo quando o meu orgasmo começou a lampejar, uma fagulha que rapidamente virou uma explosão completa partindo do meu clitóris. Eu gritei, mas o som foi prontamente abafado pelo travesseiro. Meus dedos se fecharam em punhos apertados contra a fronha.

Eu chorei. Morri e ressuscitei.

Meu corpo todo tremia, convulsionando enquanto ouvia Heithor xingar obscenidades. As mãos dele apertando minha bunda com maior força, deixando mais marcas. Mais rápido, molhado, os sons escorregadios do pau dele mergulhando em minha buceta marcavam o silêncio. Então ele ficou rígido contra a minha bunda, enterrando fundo e segurando-se enquanto seu corpo tinha espasmos e seu sêmen quente me enchia até transbordar. Ele saiu e mergulhou de novo e de novo. Seu corpo caiu sobre o meu, agasalhando minhas costas com o seu calor suado.

Heithor me deu um beijo tenro no ombro. Foi... bom. Um toque gentil.

— Tão linda — ele sussurrou contra a minha orelha e mordeu a ponta de brincadeira. — Minha. Você é minha, Antonella. Você pertence a mim. Apenas a mim.

Eu não iria discutir. Estava mole por todas as partes, além do que, não tinha motivo para contestar palavras estúpidas como essas, mesmo que ele falasse sério. Tinha certeza que logo ele iria descobrir que elas não passavam disso: palavras tolas.

Ele se retirou de mim, deslizando seu pau com cuidado e caiu ao meu lado.

Liberto do seu aperto, meu corpo todo afrouxou deslizando sobre a cama num baque surdo. Minha cara ainda enterrada no travesseiro. Minhas coxas estavam molhadas pelos rastros de nosso gozo. O silêncio dominou o cômodo, apenas sendo quebrado pelas nossas respirações afobadas.

Eu estava destruída, aniquilada. Não havia forças dentro de mim, mas era bom.

— Isso é o que os franceses chamam de Le petit mort[17].

Levantei o olhar para ele, atraída pelo som divertido de sua voz rouca sob sua respiração ainda pesada. Seu sorriso lento era íntimo. E eu me achei devolvendo o sorriso para ele, que se inclinou estalando um beijo na ponta do meu nariz. Eu dei um tapa leve em seu peito e ele soltou um risinho baixo, relaxando a cabeça sobre o travesseiro e fechou os olhos, em seguida.

Enruguei o cenho por um momento.

Quando o pós-sexo tinha sido divertido para mim?

Esta brincadeira divertida e provocações bobas? Esta... conexão?

Espremi os olhos. Não havia conexão. Era apenas minha mente ainda perturbada pelo orgasmo, que estava vendo coisas onde não existiam. E, bem, o dia não estava sendo fácil...

Silenciei meus devaneios quando analisei a face relaxada de Heithor.

Seu rosto era incrivelmente bonito. Até mesmo seu cabelo agora bagunçado e o suor brilhando em sua pele dourada trabalhavam a seu favor, fazendo-o irresistível aos olhos. Baixei o olhar para os seus

lábios, aquela boca tinha de ser desenhada à mão. Era perfeita, viciosa como ele todo.

Meu coração vacilou ao perceber que ele tinha aberto os olhos e também me fitava com um estranho brilho caloroso no olhar, e por um efêmero momento, me vi perdida nele.

Nenhum de nós pronunciou qualquer palavra.

Meu olhar oscilou entre a boca e os olhos dele quando por um impulso incontrolável, levei meus dedos até seus lábios inchados pelos beijos selvagens que tínhamos trocado. Desenhei os contornos de sua boca com as pontas dos meus dedos e seus lábios partiram. Eles eram tenros e quentes, e firmes. E, estavam vermelhos. Deliciosos. Levei meu rosto mais próximo ao seu, o movimento me colocando parcialmente em cima dele quando apoiei meu antebraço em seu peito largo.

Sua mão espalmou em minhas costas e seus dedos fizeram círculos na linha da minha coluna.

Á centímetros de sua boca, minha respiração se voltou pesada e meu coração ameaçou se desestabilizar, e percebi que sua respiração também ficou mais densa.

Umedeci os lábios, de repente, ressecados e engoli às secas.

Eu me sentia estranha. Nunca tinha ficado assim com ninguém, nem desejado tal entrosamento pós-sexo. Não com esta intimidade, quero dizer, claro que havia intimidade, afinal de contas, eu não tirava a roupa para rezar um terço. Entretanto, esta cumplicidade que sentia nos embalar nunca existira com ninguém, aliás, alguns até mesmo tentaram, porém eu nunca permiti... Até agora.

Sexo sempre tinha sido somente isso, sexo.

No entanto, lá estava eu, ainda partilhando a cama com aquele filho da puta, que se achava no direito de atormentar meus pensamentos e, pior, eu o queria por perto.

Continuei o trajeto por seus lábios, letárgica na sensação de seu hálito morno batendo contra o meu rosto. Sua mão livre tocou minha face e o polegar acariciou minha bochecha rubra. Não resisti em fechar meus olhos me deliciando com seu gesto, numa atitude involuntária.

— Você é maravilhosa, neném. — E acrescentou. — E é minha. Toda minha.

A possessão em seu tom profundo fez minhas pálpebras baterem abertas em alerta. Sua língua parou meu protesto quando ele espremeu os lábios contra os meus num beijo resoluto.

Me derreti toda.

— Depois neném... depois discutimos, agora fique quieta para que possamos descansar por alguns momentos. — Ele me aninhou junto ao seu peito, e então, eu me vi tensa pelo embaraço daquela situação. — Eu disse quieta, não dura. Agora relaxe... Sabe que quase me secou, não?

Meu corpo relaxou e eu não achei tão ruim permanecer lá por mais alguns minutos. Também não era como se eu estivesse em condições de levantar um dedo quanto mais mover as pernas. Estava cansada, dolorida e sonolenta. E saciada, como nunca antes estive.

Depois, depois minha vida voltaria ao normal, pensei, antes do sono me levar.

Capítulo 04

Bem, merda. Estava feito. Eu dormi com ele de novo.

Então por que eu me sentia meio *frustrada*?

Exalei forte quando dediquei minha atenção para o meu reflexo no espelho do banheiro não sabendo se me alegrava ou lamentava ao constatar que ele havia cumprido a palavra dele.

Paredes colocavam distância entre ele e eu, mas o cretino estava ali comigo. Com mais um punhado de novas marcas em minha pele. O banho da última meia hora lavando seu sêmen do meu corpo e seu cheiro, que insistia em ficar sobre a minha pele, eram provas irrefutáveis disso.

Por um rápido instante minha mente me traiu, relampejando a última imagem que tive do rosto dele, antes de ter corrido para fora do quarto nas pontas dos pés, como uma criminosa.

Heithor era perigosamente bonito. O tipo de homem que qualquer mulher se sentiria lisonjeada por tê-lo, mesmo que por um breve momento. Tirando a arrogância infernal e aquela pose de sou-dono-de-tudo-e-posso-tudo, ele tinha *tudo* que uma mulher gostava em um homem. Uma boca deliciosamente pecaminosa e uma pica de mel, que ele sabia usar...

Que merda você está pensando garota? Pare agora mesmo!

Empertiguei os ombros.

Eu não era qualquer garota para me sentir lisonjeada por haver transado com ele. Muito pelo contrário, era ele quem tinha de se sentir abençoado por ter tido mais uma chance comigo.

Esquadrilhei meu corpo através do espelho mais uma vez então fechei o roupão com um nó brusco. Do armário, pesquei um Advil e tomei com a água da torneira mesmo.

Estava dolorida até a alma. Ele tinha me comido com autoridade, e eu tinha adorado. Droga. Se fosse um pouco honesta, eu diria que estava animada para repetir a dose.

Não mais. Não ouse cogitar isso!

Ele e eu nunca mais. Estava decidido. Fim de história.

No entanto, eu não podia afastar a imagem de seu olhar. Aqueles olhos... Dio santo... aqueles olhos me fascinavam, de uma maneira perturbadora. Isso só podia ser um pesadelo e dos brabos.

Pietra cruzou meus pensamentos e eu travei ao dar-me conta de que tinha de dizer a ela. Isso, para ser franca, meio que me aterrorizava, mas eu tinha de fazer. Não tínhamos segredos entre nós.

Agora você vê, eu realmente estava feliz por ela poder desfrutar da companhia do irmão, porque eu sabia que a mesma sofria mais do que demonstrava pela ausência dele.

Mas esse maledetto tinha de aparecer justo agora? E ser tão bom? Tão gostoso e sexy?

Merda dupla!

Eu tinha de parar com esses pensamentos e contar a verdade a Pietra. Sim, estava decidido. Eu faria isso assim que nos falássemos novamente, pensei, quando agarrei o frasco de creme corporal e, em seguida, retornei ao quarto. Mal passei pela soleira da porta e congelei.

Bem, foda, também não precisava conjurar ela agora.

Pietra estava sentada no récamier, o rosto oval com uma expressão estranha, que me fez tragar duro e meu coração dar um solavanco. Minha mente trabalhou rápido.

Oh, Jesus... Será que ela ouviu meus gritos?

É claro que fez, stronza[18]! Do contrário, ela não estaria aqui com essa cara.

Eu e meu talento para me foder. Era impressionante. *Agora* eu estava ferrada e sem amiga. Tudo por

culpa daquele infeliz, que meio que me forçou.

Não apela. Você queria e muito.

No entanto, ela não precisava saber disso, rebati a voz irritante na minha cabeça.

Tomei um fôlego e desenhei um sorriso murcho nos lábios.

— Ei — murmurei, aproximando-me da cama e sentei na borda.

— Está melhor?

— O quê?

— A dor de cabeça. Está melhor?

— Ah, claro. Sim, estou melhor.

Coloquei um pouco de creme nas mãos e passei nos braços.

— Agora me explique. Por que você estava toda cheia de não-me-toques lá embaixo?

— Não estou entendendo.

— Estou falando de seu súbito espírito de menina tímida

Não foi correto enganá-la. Na verdade, eu não enganei, senão omiti um detalhezinho vagamente importante. Sem contar que eu não fazia ideia de quem ele era. Caralho! Eu deveria ter contado a ela assim que o vi aqui, mas porra, eu fiquei assustada.

Como diabos eu iria adivinhar que o bonitão ordinário era seu maninho querido?

Não tenho a merda da bola de cristal!

— I-io... io... io... non...

— Dio, ragazza, pare com isso. — Pietra deu-me tapinhas nas costas. — Melhor?

— Sim.

— Você está muito estranha desde que chegou. Não confia mais em mim?

— É claro que confio em você.

— Então por que não me contou sobre o cara?

— Talvez porque estávamos na frente do seu irmão, — *e ele seja o cara,* — e eu não o conheço? O que diabos ele iria pensar de mim? — *Além de se achar o pica das galáxias?*

— È vero. Eu não tinha pensado nisso. Thor é moderno, porém não chega a tanto. — Ela pausou então me fitou com os olhinhos brilhando. — Mas agora você pode falar!

— Ele era bom. Muito bom.

— Imagino! Sua voz no telefone era de uma mulher bem comida.

— E você? O que andou aprontando na minha ausência?

— Amada, a pergunta certa é o que *você* andou aprontando? Com quem você estava?

— Come?

— Seu pescoço está todo marcado.

Oddio.

— Ah, isso... Isso é herança de ontem — desconversei.

— Sei. E por que está com os lábios inchados?

Meu coração se agarrou a garganta.

— Estão? — perguntei, levando meus dedos para a boca num impulso involuntário. Em minha mente a lembrança dos beijos quentes que Heithor e eu trocamos reprisou. Eu a empurrei fora.

Pietra anuiu focada em mim.

— Eu devo ter mordido no sono.

Eu iria para o inferno, porém isso não era novidade.

— Ah, sì[19]? Sonho erótico?

Mudei o foco.

— Você se divertiu?

— Sicuramente. Mas poderia ter me divertido mais — ela disse, com um muxoxo. — Eu já conhecia

alguns amigos do meu irmão, mas aqueles três... Minha nossa! Nathan é quente. Juro a você, quando eles chegaram aqui de manhã e Thor nos apresentou, a minha calcinha deu perda total. E ele cheirava tão, mas tão bem, que tive vontade de me esfregar nele todo. Não fiz, é claro! Thor não soltaria fogos de artifícios com a cena.

— Nunca vamos saber — suspirei com falso pesar.

— Amém a isso! — Sua expressão se iluminou safada. — Ele vai ficar aqui. Isso quer dizer que ainda posso ter esperanças. Aliás, você não ficou interessada, não é?

— Não Pietra, não fiquei. Tranquila, va bene?

— Ottimo! Se quiser algum, mire em Adam.

— Está anotado.

— Não pude averiguar muita coisa, porque o maledetto não faz o tipo cooperativo, porém sei que a família dele é de Nova York, contudo, ele estará aqui enquanto Thor estiver. Ele e todos os outros caras, você sabe, por causa do trabalho deles. Pode imaginar isso?

— Será que ele pode?

Ela deu os ombros.

— Se não, eu o farei imaginar e *concretizar*.

— Eles não estão de férias ou algo assim?

— Algo assim.

— A mulher... Norah, não é? Ela também ficará aqui?

Dio queira que não.

Pietra fechou a cara, me olhando com um show de horror.

— Nem brinca com isso, Amada! Se aquela puttana ficar aqui, Thor vai conhecer o diabo em pessoa. — E acrescentou enquanto balançava a cabeça para os lados. — Mas não, ela não ficará.

Empurrei o creme e me deitei de lado apoiando a cabeça na mão.

— Por que não gosta dela?

— Não percebeu o quanto ela é esnobe? O olharzinho de cadela superior? Eu admito, ela nunca me fez nada pessoalmente, mas também jamais faria, uma vez que ela está na batalha para fisgar o meu irmão. — Não pude disfarçar a careta em meu rosto. — Quando ainda estávamos na Itália, Thor a levou com ele em algumas visitas que me fez. Ela é daquele tipo de mulher que quer agradar a todos, sabe, boazinha demais, tentando participar de tudo e sorrindo para todos. Porém, eu sempre soube que aquela bondade toda era para que Thor visse, entende o que eu quero dizer?

— A tia gosta dela?

Pietra deitou de bruços e puxou um travesseiro para debaixo de seu queixo.

— Mamma é uma santa. Você sabe. Não acho que goste ou desgoste, ela só quer a felicidade de Thor. Enfim, eu apenas sei que não quero aquela coisa mandada como cunhada e duvido muito que meu irmão a queira como mulher dele. Quero dizer, eu espero que não.

Só não entendi o porquê de me sentir alegre com isso.

— Mas eles têm algo. — Era uma especulação, porém saiu mais como uma afirmação.

Ela colocou os olhos em branco e fez uma expressão de nojo.

— Obviamente, ela deve ser a troia dele. Não que Thor precise de uma quando tem um montão de mulheres se arrastando aos pés dele. Mas, você sabe, ela não é exatamente uma bruxa no quesito beleza, apesar de eu não gostar dela, eu tenho de admitir isso. E ela está lá, dando bobeira, cheia de amor para dar, as pernas frouxas e ele é homem. E não é santo, se é que me entende. Mas chega disso! Não vamos falar dela. Não quero estragar o meu dia. — Pietra sentou na cama e me olhou ansiosa. — Então, vai me pedir desculpas agora?

Rapidamente, me endireite sentando na cama também. As palavras se acumularam na minha língua e o receio me tomou, fazendo-me hesitar. Eu me xinguei por isso.

— Não seja orgulhosa, Amada. Sabe que me deve isso depois de toda chacota que fez — ela me recriminou, e eu não tive vergonha de relaxar aliviada.

— Tutto bene. Scusami[20], eu realmente fui muito má com você todo esse tempo. Seu irmão existe e eu não deveria ter duvidado de você, muito embora tivesse motivos de sobra para fazê-lo. Sinto muito se te chateei a sério com as minhas brincadeiras, não foi minha intenção e você sabe.

— Nada mais de apelidinhos estúpidos?

Levantei a mão.

— Prometo.

— Quindi sei scusata[21]... Eu tinha de ter gravado isso.

Fiz uma careta de tédio.

— E os outros? J?

— Todos já foram. Josie foi logo que eu subi pra cá. Ela teria vindo comigo, mas os pais dela ligaram, enfim. Ela te mandou um beijo. Por falar nisso, você viu como ela estava toda animadinha?

— Difícil não ver quando ela tinha todos os tons de vermelho e os olhos brilhando enquanto o bonitão lhe dava atenção. Mas a gente não pode culpá-la, o tal Eric é uma coisinha deliciosa, não?

— Não estou dizendo? Quase tive um ataque quando os vi. E eu pensando que seria um saco ter Thor aqui — ela riu —, acho que nunca antes fiquei tão feliz por ter ele em casa.

Desci da cama e caminhei em direção ao closet para me trocar. Pietra me seguiu em silêncio. Minhas mãos agiam de maneira mecânica dentro da gaveta de calcinhas enquanto sentia uma onda de ansiedade se levantar dentro de mim. A tensão, de repente, era palpável.

Diga! Apenas solte a merda.

Respirei fundo.

Seja o que Dio quiser.

— Pietra, eu quero te dizer algo.

— Sei.

Minha garganta secou, e eu travei de súbito.

Ela sabia? Como?

Girei a cabeça e a mirei encostada ao umbral da porta corrediça.

— Sabe?

— Sim, mas agora quero que me diga, o que achou dele?

— Di lui?

— Thor!

Gostoso, lindo, petulante, safado, arrogante e sexy. E fode maravilhosamente bem. Grazie.

— Legal — me limitei, voltando à atenção para a gaveta.

— Sério Amada?

— O que quer que eu diga, Pietra?

Peguei uma calcinha e rapidamente a vesti sob o roupão. Em seguida, me desloquei até a outra parte, onde estavam as minhas blusas e saias.

— O que realmente achou dele? Tirando, claro, a chatice. Sabe que ele ficou impressionado com você? Não que ele tenha me dito algo, mas eu sei que ele ficou pela maneira que você o enfrentou.

— Ele é bonito — empurrei com indiferença.

— Josie acha que ele é quente.

Isso me chamou a atenção.

— Ela...?

— Ah, no! Ela estava muito encantada com o Eric para direcionar sua mira em Thor, pelo menos nesse sentido. Mas eu disse que não me importaria se ela quisesse fazer um passeio por lá...

Balancei a cabeça com a insinuação e me desfiz do roupão, vestindo um top preto, em seguida.

— Acho que ele gostou de você, quero dizer, eu reparei que ele te deu uns olhares, sei lá.

— Ele não faz meu tipo.

Eu somente tinha que dizer.

— Senti Pietra, eu...

Suas mãos bateram juntas, de repente, me assustando.

— Ottimo! Porque eu não os quero se envolvendo.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Come?

— Senti, não me leve a mal, porém, você e Thor juntos não dá — ela disse, naturalmente. E fez um adendo. — Eu sei que não posso obrigá-la a se manter longe dele, nem mesmo ele. Thor nunca me ouviria, se *realmente* tivesse algum interesse, nem você o faria, tampouco. No entanto, não vou te enganar e dizer que para mim estaria tudo bem quando não é verdade.

Isso me desconcertou por um instante então me irritou.

— Deixa-me ver se entendi direito, Pietra, — pedi erguendo o dedo. — Você não acha que sou boa o suficiente para o seu irmão, mas Josie é? É isso que está me dizendo?

— O que eu disse é que vocês dois se envolverem seria o mesmo que dar murro em ponta de faca. Você ainda não sabe, mas são iguais, com a diferença de que você é avessa a qualquer tipo de relacionamento. Não que eu pense que Thor queira uma relação. Na verdade, não me lembro de ele me apresentar a qualquer mulher que quisesse levar a sério. E você é estoica, A.

Soltei um riso frouxo.

— Clarividência não é a sua área, absolutamente.

— Eu te conheço, Amada, se esqueceu? — Era o que eu costumava pensar, antes de ela começar a vomitar merdas. — E para a sua informação, eu não preciso ser vidente para enxergar o óbvio.

Mas. Que. Porra.

— Sei que vou me arrepender, mas qual é o óbvio?

— Que uma relação entre vocês não acabaria bem. E eu não quero ter que me desdobrar entre vocês dois, nem escolher entre um e outro. Amo você como uma irmã, todavia, amo Thor também e não o quero sofrendo. — *Como?* — Você não conhece Thor, ele não te conhece. No entanto, eu conheço os dois e sei que um envolvimento entre vocês não fará bem a nenhum dos dois.

— Mas a Josie sim?

— Sì.

Saqueei uma saia qualquer e vesti enquanto buscava me controlar. Na verdade, eu tinha a mente em branco. Precisava de tempo para digerir a informação. Voltei-me para ela, com uma pergunta estalando na minha cabeça.

— Perché?

— Porque eu sei que se eles chegassem a se envolver, coisa que duvido, e se pintasse algo mais sério, coisa que também duvido, ela não o faria sofrer.

— Grazie mille — resmunguei ao passar por ela, de volta ao quarto.

Ela veio sobre meus calcanhares.

— Qual é Antonella? Não é para se zangar.

Dei a volta, enfrentando-a.

— Você me pinta a imagem do diabo e quer que eu me sinta como, porra?

— Va bene... Você quer namorar? Se apaixonar?

Estreitei o olhar com horror.

— Que idiotice é essa? Não. É claro que não!

— Exatamente. A propósito, por que estamos discutindo sobre isso? Eu não disse nada que nós duas já não saibamos e isso nunca foi um problema entre nós. Eu respeito suas convicções e você as minhas.

Além do mais, você mesma disse que ele não faz o seu tipo.

Cruzei os braços em cima do peito, com a cara amarrada.

— Errado. Estamos discutindo porque você me rebaixou a merda.

— Ragazza, mas hoje você está cheia de merda. Eu disse alguma mentira? Per Dio, eu nunca a julguei por não querer se envolver mais que uma foda permite, nem pelas merdas que tem arraigadas na sua cabeça, embora não concorde com todas elas e você sabe disso. Mas, Antonella, eu tenho todo o direito de opinar quando há a possibilidade de você e ele ficarem, e isso acabar afetando a nós duas. Conheço você, cacete. E, na boa, não sou cega. Thor é um homem muito bonito. Eu sei o que ele causa nas mulheres...

Dei minhas costas para ela, indo até a cômoda.

— Entenda, não estou afirmando que será assim e assado. Porém, não os quero juntos. Minha opinião e não vou mentir ou mudá-la somente para te agradar. Somos amigas. Falsidade e omissões nunca couberam entre nós. Ou será que devo pensar que isto mudou?

— Não mudou — lati.

Forcei-me a relaxar, apesar de estar raivosa por suas palavras.

Bem, isso coloca abaixo minha intenção de contar a verdade a ela, ponderei.

Sentei na cama sentindo-me frustrada. Eu não queria enganar a cadela insensível. Na realidade, eu não estava enganando, apenas omitindo *de novo*. Além do mais, ela não estava merecendo a verdade agora mesmo. E, bem, por que trazer sobre nós algo tão banal que não iria se repetir mais?

— Não me entenda mal, Ella. — Ela se aproximou, sentando ao meu lado. — Eu amo você, mas não quero estragar nossa amizade porque se envolveu com o mio fratello.

— Entendi.

— Estamos bem então?

— Sim.

Seu sorriso alargou.

— Ottimo! Então me diga, o que queria me contar?

— Niente. Realmente nada importante.

— Va bene... Então vamos ao que interessa. Desde quando você dorme fora de casa?

Desde que suo fratello ordinário bateu no meu caminho.

Encolhi os ombros.

— Eu conheci alguém, como bem sabe.

— Então?

— Então o quê? Não é nada demais. Conheci alguém e passamos a noite juntos.

— Davvero[22]? E quem é ele?

— Ninguém que valha a pena.

— Isso é você ficando toda coração? — debochou, batendo seu ombro no meu. — Antonella, andiamo, eu te conheço. Você jamais dormiria fora por causa de um cara que não valesse à pena. Cristo! Você *dormiu* com o cara. Ele, definitivamente, vale à pena!

— Não vale. Garotas fazem isso o tempo todo...

— Não você.

— Sempre há uma primeira vez.

— Não deboche. Eu estou num dilema aqui. Escolher entre sair e ficar em casa para tentar pescar algo, correndo o risco de não conseguir merda nenhuma é quase um apocalipse.

Pietra estava revelando seus planos para Nathan quando rumamos para o térreo. Estávamos apenas começando a descer a escada quando parei, agarrando o braço dela.

— Escutou isso? — perguntei num sussurro baixo.

Seus olhos estreitaram.

— O quê...? — Ela parou quando o som veio de novo.

Era algo parecido com... um gemido?

Ela e eu nos encaramos. Mais quatro degraus abaixo e miramos a sala.

Meu primeiro sentimento foi de choque, então veio à descrença e logo a bile subiu. Meu sangue ferveu. O aperto no corrimão se fez mais firme até que senti meus dedos gelados.

Aquele filho da puta estava no sofá, com a loura oxigenada a tira colo... aos BEIJOS.

A troia usava um pedaço de pano que jamais poderia ser chamado de saia enquanto as mãos daquele infeliz estavam espalmadas alegres sobre o traseiro dela, e ela lhe beijava o pescoço.

Na boa, eu queria vomitar em meus pés.

Sentia-me sufocada pela raiva chamejando em meu peito.

Como ele podia fazer isso comigo? E aquele papo idiota de “você me pertence”?

Per amore di Dio, nós praticamente tínhamos acabado de trepar loucamente e ele já estava atracado com aquela mulherzinha. E bem debaixo do meu nariz! O que é pior.

Eu realmente não me importava com quem ele fodia, mas fazer isso logo após termos passado um tempo entre os lençóis, vou dizer, era uma tremenda surra em minha autoestima.

A vontade que eu tinha era de matar a troia com minhas próprias mãos e depois estapear aquele maledetto. Eu nunca tinha sido tão humilhada em minha vida e, certo como o inferno, isso não ficaria assim.

Pietra não estava diferente de mim. Ela só faltava soltar fogo pelas ventas e eu não a recriminava. No entanto, percebi que ela focava outro ponto na sala, que eu ainda não tinha visto. Segui seu olhar, enfocando o objeto de sua fúria assassina, ou melhor, a pessoa. Va bene. A raiva da minha amiga era duplicada, pensei, ao pescar Nathan no outro sofá com outra porca troia a tira colo.

Eles estavam tão concentrados naquela nojeira que sequer perceberam nossa presença. O que de certa forma era bom. Não podia dar o gostinho de aquele cafajeste ver o quanto aquela cena deplorável me afetou. Respirei fundo e contei até dez enquanto estampava uma máscara impenetrável de frieza. Pietra e eu pigarreamos então sorrimos dissimuladas.

Eu não sabia que puttane voarem era fisicamente possível, até que os imbecis colocaram os olhos sobre nós, num minuto parecendo assustados e, no outro, tranquilos demais. Uma vez que tinham arremessado às cadelas para longe. Elas, ainda assim nos miraram com olhares superiores enquanto terminávamos de descer os últimos degraus.

Por fora, eu estava mais calma que uma manhã de domingo, mas por dentro a ira me consumia devagar. E eu juntei cada grama de força que tinha para minha máscara não cair.

Pietra não teve tanta sorte ou não fez questão de esconder sua raiva.

Heithor tinha os olhos cravados em mim, impassíveis. Eu segurei isso, lhe retribuindo com um gélido olhar de desprezo e nojo. Pelos cantos dos olhos pesquei a cadela oxigenada, que atende por nome Norah, se arrastar para o lado dele então jogar as pernas sobre o colo do mesmo.

Eu franzi os lábios e a testa, com uma expressão duvidosa enquanto movia a mão.

— Estão fazendo algum filminho pornô aqui?

As cadelas exclamaram escandalizadas.

— Perdoem-nos. Não sabíamos que estavam aqui — Nathan disse.

— E iríamos estar aonde, suo stronzo? Moramos aqui.

— Não tem de ser desrespeitosa Pietra, — ele, o ordinário, disse. Sua voz era incrivelmente calma, mas com um quê de autoridade. Se ele tivesse ideia de quão puta nós estávamos, ele começaria com as desculpas. — Erramos e peço desculpas. Garanto que isso não irá se repetir mais.

— Respeito? Você quer a merda do respeito? Pois então, fratellino, experimente a nos respeitar

primeiro. Estamos na nossa casa e nós não somos obrigadas a ver cenas nojentas como essas que acabaram de protagonizar bem no meio da nossa sala!

Ele passou a mão no cabelo num gesto de nervosismo.

Eu completei:

— Exatamente. Além do mais, se querem fazer um filminho vulgar para o *porntube* escolham um lugar mais apropriado para fazerem isso. Alguma esquina talvez?

Norah me olhou com irritação.

— Você está sendo deselegante sem a necessidade de ser, Srta. Vicenti.

— Querida, deselegante é esta sua saia de porca troia comprada em liquidação.

Ela me matou com os olhos. Eu sorri.

— Okay. Basta. — Heithor assinalou num tom grave, ainda me olhando. — Não tem porque haver uma cena aqui, já pedimos desculpas e garanti que isso não irá acontecer mais.

— Ah, mas não vai mesmo!

Norah, cadela, bufou com desdém fixando-se em Pietra.

— *Por favor!* Não faça drama, como se fosse à pureza em pessoa, Pietra. Nós duas sabemos que você não é mais uma menininha, não?

— Stai zitto[23], puttana di merda! Eu não falei com você.

— Pietra já chega, porra — ele grunhiu, seu tom frio me fez ter calafrios. — Eu já pedi as fodidas desculpas. O que mais você quer?

Minha amiga empertigou suas feições.

— Pietra, eu... — Nathan começou, recebendo tiros dela.

— E você, seu merda, cale a porra da boca, também. Não me interessa quem ou o quê vocês comem, ou se tratam seus pintos como lixo. Na minha casa, eu exijo respeito. Se isso ocorrer novamente enquanto estão debaixo de nosso teto, senti bene, eu juro per Dio, que nós traremos o primeiro que encontrarmos na rua e transamos com eles em suas camas. E eu quero dizer isso com todas as letras.

De imediato, dois tipos sólidos estavam em seus pés, exalando perigo por todos os poros. Suas expressões eram tão sombrias, que me arremetiam a assassinos frios. Confesso que fiquei com um pouquinho de medo, mas não o bastante para colocar o meu rabo entre as pernas.

— Não se atrevam...

— Tente-nos — desafiei, cortando Heithor.

Ele estava pronto para encenar o Hitler quando tia Martha entrou na sala.

— Santo Dio! Cosa sta succedendo qua[24]? Dá para ouvir os gritos lá de fora.

Pietra abriu a boca para falar, todavia, o bastardo foi mais rápido.

— Apenas um mal entendido, mãe, porém já foi resolvido.

Resolvido vai ser a minha mão nessa sua cara, cretino, pensei enquanto revirava os olhos.

Pietra deu com a língua nos dentes, fazendo um show de dramatização.

— Corta essa merda! Eles estavam aqui se pegando bem no meio da sala, mamma. E não duvido nada que iriam fazer da mansão um bordel, se Ella e eu não tivéssemos os flagrado.

— Come? Che cosa stai dicendo[25]? Thor?

— Eu estou dizendo que...

— Como eu disse, foi um mal entendido, que já está resolvido. Não irá se repetir — Thor grunhiu cada palavra, com uma expressão fria. Um aviso claro para ela parar ali.

Pietra tomou a dica com um bufo.

Uma vez que Martha saiu, eu peguei uma garrafa de champanhe no bar, a todo o momento sentindo os olhos daquele desgraçado me rastreando então fui até Pietra, chamando-a para sairmos de lá, contudo, a mulher com Nathan se pronunciou. Ela não devia ter cérebro e, se tinha, estava com sérios problemas.

— Nathan, você não vai me apresentar, querido?

— Pietra, irmã de Thor, — ele disse, gesticulando para ela e depois para mim. — A outra é Antonella Vicenti, uma amiga da família que vive com Pietra e Martha.

— Muito prazer Pietra. Espero que não se incomode que a chame pelo primeiro nome. — Não, ela somente quer a sua cabeça de merda numa bandeja de latão, piranha, pensei. — Eu sou Lauren Lewis. Mas me chame somente Lauren, por favor. Thor sempre fala muito de você quando, eventualmente, nos encontramos. O que é menos do que eu gostaria. — Ela deu uma risadinha. — É muito bonita. Deve ser a genética dos Castellammare. — Eu quis vomitar com sua patética tentativa de soar simpática. Ela gritava falso por todos os lados. — Prazer em conhecê-la também, Antonella.

— Para você, eu sou senhorita Vicenti — mordi fora com escárnio.

— OH! Tudo bem, querida... Eu não quis ser indelicada, me desculpe. Não precisa se estressar. Sabe que isso faz mal para pele? Dá rugas. E você parece ser tão novinha.

Fiz uma expressão de curiosidade.

— Por isso sua cara está toda fodida assim?

Pietra riu alto enquanto os dois paspalhos disfarçavam o riso.

— Não tem porque ser mal educada, *menina*. Lauren não quis ofendê-la.

— Norah só a presença dela e a *sua*, me ofende. E, me chame de *menina* mais uma vez que você verá aonde eu vou enfiar a porra da educação — prometi em tom ácido. — Andiamo Pietra!

— Aonde vocês vão?

Olhei sobre o ombro para o imbecil do Castellammare.

— Não é da sua conta — mordi.

Ele fechou os olhos apertando a ponte do nariz. Pietra exasperou.

— Nós só vamos lá fora respirar ar puro, porque aqui dentro fede puttana.

Aconteceu muito rápido. Num minuto Pietra zombava e, no outro, Heithor estava pairando sobre ela, segurando seu braço num agarre firme, que fez seu rosto se contrair de dor.

— Peça desculpas agora, Pietra — ele ordenou duramente.

— Não, — ela choramingou.

Eu vi vermelho.

— Tire as mãos dela, idiota! Não percebe que a está machucando? — eu gritei na frente dele, que me olhou surpreso. — Eu mandei você tirar as mãos dela agora!

Não saberia dizer se ele ficou com medo de mim ou mortalmente espantado por eu enfrentá-lo daquela maneira feroz. Algo, talvez, inédito para ele, por isso o desconcerto em sua face.

Ele a soltou ainda mantendo o olhar sobre mim.

— Amor, deixe isso pra lá. Tenho certeza que ela não fez por mal. Isso são só os hormônios da adolescência e ciúmes de irmã mais nova. Eu não estou ofendida.

Vaca. Cachorra. Piranha.

— Eu vou deixar passar *apenas* dessa vez.

Duas horas mais tarde naquela noite depois de eles terem saído para a noitada, Pietra e eu chegávamos ao ponto de encontro da nossa própria diversão, num lugar próximo a Santa Monica. Se havia algo que me ajudaria a organizar a merda na minha mente hoje seria isso.

Jay-Z saltando a toda potência através dos alto-falantes, o ronco dos motores de motos e carros potentes adicionados a uma chuva de assobios e cumprimentos nos receberam quando pilotamos nossas Ducati, passando pelo aglomerado de pessoas que já estavam aqui.

Pietra tinha sua menina apenas para passeio. Eu não. A minha era trabalhada para correr ocasionalmente. Eu tinha mandado customizá-la com detalhes em azul sobre o preto fosco.

Minha menina era todo um charme. Linda e perigosa.

Sim, baby, eu estava para as corridas clandestinas. E, deixe-me dizer isso, eu tinha feito um nome nessa merda, com uns e outros arranhões, ossos do ofício devo dizer. Isso porque eu tinha desbancado um

dos reis do pedaço, o que me rendeu o título de princesinha das corridas. Eu admito, fora um golpe de sorte e de talento nato, praticado ainda quando estava na Itália, com o meu zio Romeo. Ele era um amante de velocidade e motos. E ele, foi quem me ensinou tudo que eu sei sobre andar em duas rodas nas horas que meu papà me dera folga. Tudo escondido do velho, é claro!

E, oh, cara, eu amava isso! Amava toda aquela potência motorizada em quatro ou duas rodas, sobretudo, a última. Amava o ronco selvagem dos motores acelerando. O couro sexy que eu vestia para esses encontros. A adrenalina crua fervendo dentro de mim, correndo por minhas veias, aquecendo meu coração enquanto o fazia bombear mais e mais rápido. O perigo. A ilegalidade.

Essa era a minha praia. Havia o dinheiro também, bom e fácil, mas eu não estava atrás disso. E, na boa, não havia dinheiro no mundo que pudesse comprar a sensação que eu somente podia experimentar aqui. Ver mulheres que se achavam as fodonas, principalmente, os homens crescidos xingarem até a mãe porque tinha perdido uma corrida para uma garota. Isso era impagável.

A maioria aqui me conhecia, porém somente dois realmente sabiam da minha verdadeira identidade. Brian e Kevin. Foram eles que me apresentaram a este mundo cinzento no meu primeiro mês nos Estados Unidos, bem como, ajudavam a minha menina a estar sempre pronta para ação.

Morris – meu nome do meio – era como o pessoal me conhecia. O que era muito conveniente dado à ilegalidade. E, bem, aqui não precisávamos de nomes reais, senão de dinheiro. Se você tinha uma boa grana ou quisesse apenas um pouco de diversão não oficial estava dentro. Os encontros nunca eram no mesmo local e estávamos sempre atentos a qualquer sinal de polícia.

Definitivamente, o padrão Kardashians não era o meu.

Brian descolou uma aposta rápida com um babaca qualquer, e eu claro ganhei. Prepotência e corrida não era uma boa combinação. O idiota tinha um montão da primeira.

Eu gostava desse lado obscuro. Era tudo tão perigoso e excitante que me hipnotizava. As pessoas aqui eram de classe social diferentes umas das outras, porém ninguém se importava com sua cor, seu credo ou status sociais. Todos que estavam aqui buscavam um só objetivo: diversão proibida.

Obviamente, havia alguns idiotas, que apareciam para arrumar confusão, bem como, algumas merdas realmente ruins. Mas em sua maioria era legal. Tudo era uma questão de saber se comportar e aonde pisar. Se você fosse cuidadoso o bastante, poderia ir e vir sem problemas.

Eu gostava de lugares sofisticados também. Luxo e conforto nunca eram demais. O problema era que nada saía de graça, ainda mais quando se é uma garota de 18 anos num país, onde as regras e leis idiotas determinam boa diversão somente aos 21 anos de idade. O lance é que na terra do Tio Sam, você respeita as leis dele. Uma grande merda. Mas para tudo se dava um jeito e para cada regra havia uma barreira a ser quebrada. E, eu sabia bem como e onde encontrar as minhas brechas.

— Eu tenho de admitir, você é boa. — Uma voz sensual soou próxima da minha orelha, assustando-me. Girei a cabeça para ver quem era o filho de uma vaca e bufei.

Ele não desistiu.

— Eu sou Matt.

Olhei para sua mão estendida e depois para ele.

— Morris. Mas você já sabe disso, certo?

Voltei o olhar para frente e terminei a minha cerveja.

O idiota insistiu, manobrando em torno da moto para me encarar.

— Okay. Acho que mereci essa. — Ele riu. — Só Morris?

— O que você quer?

— Eu só estou admirado — ele disse, com um encolher de ombros. — Não vi muitas garotas que sabem pilotar uma belezinha dessas. Até hoje. Aonde você aprendeu a pilotar daquele jeito?

— Não é da sua conta.

— Wow! Partiu meu coração.

Eu desviei meu olhar entediado para além de seus ombros.

Para um cara até que ele falava demais. Era bonito, mas insistente e chato de doer.

— Escuta gata, me desculpe. Eu realmente não deveria ter dito aquilo, mas convenhamos, você é uma garota toda delicada e tão linda, que fica difícil imaginar você a sério nessa merda. Você sabe. Em geral, garotas como você apenas olham os caras grandes...

Ele continuou a chiar na minha orelha enquanto eu fingia ouvi-lo. Minha cabeça estava longe para prestar atenção em qualquer coisa quando um par de olhos azeviches dominou minha mente.

Heithor.

Soava forte, intenso e implacável. Combinava com ele.

Eu gostava de como as letras juntas deslizavam por minha língua...

Pare agora mesmo Antonella!

Lancei a cabeça para os lados, enfezada pelos rumos dos meus pensamentos tortos, principalmente, por eles lembrarem o meu corpo ainda dolorido da nossa trepada e só isso me fazer reagir. Ele estava ali, sob a minha pele. Isso era vergonhoso. Sobretudo, porque neste momento ele, provavelmente, deveria estar comendo aquela loura oxigenada enquanto eu estava ali sozinha.

Merda de situação!

Quem aquele merda pensava que era para chegar colocando suas bolas? Com aquele corpo gostoso dos infernos me causando desconforto e atormentando meus pensamentos?

Um nada, era isso que ele era!

Mentiroso de uma figa! Rato trapaceiro do caralho!

Ele me humilhou e ninguém fazia isso comigo. Ninguém.

Baixei o olhar para o tagarela, examinando-o dos pés a cabeça. Era bonito, alto e louro, tinha uma boca bonita e um corpo musculoso, mas nada comparado aquele inferno de homem...

— Mas que merda!

— Eu disse alguma coisa errada?

Ignorei-o e aproveitando que um conhecido passava em frente descolei seu capacete extra.

— Coloque e suba na moto — demandei, entregando o capacete a ele.

— Como?

Dei-lhe um olhar firme.

— O lance é o seguinte, você sobe na porra da moto ou some da minha frente.

— Ei! Estamos um pouco afiados aqui, gatinha.

— Eu não sou sua gatinha e não gosto que me chamem assim. Então?

Um minuto mais tarde estávamos nos afastando. Fui para um lugar que eu gostava muito. Uma estrada que não tinha movimento a noite, de lá dava para ver uma parte da cidade.

Eu não queria papo, nem gastar meu tempo precioso conversando com um bobo. Se aquele traidor poderia se divertir, eu também poderia tanto ou mais que ele, pensei, quando caminhei de forma sensual para o cara que esqueci o nome então enlacei seu pescoço.

— Estamos apressados? — ele brincou, enlaçando a minha cintura.

— E você fala demais e faz de menos.

Seus olhos brilharam um momento antes de ele me beijar. O beijo era morno quase sem vida. Bom, admito. Nada comparado ao meu Heithor, no entanto.

Que puta merda é essa de meu, *Antonella? Ele não é seu, cazzo.*

Forcei meus pensamentos para longe e me entreguei à boca do desconhecido. Desci a mão por seu abdômen até chegar aonde eu queria. De lá foi uma trepada rápida e sem graça.

Quando retornamos ao ponto de encontro, ele desceu e me esperou descer. Tirei meu capacete e peguei o dele de volta, e então, comecei a caminhar a fim de encontrar meus amigos. Parei de súbito quando senti sua mão pegar a minha. Puxei-a com força para longe do contato e o olhei friamente.

— Que porra você pensa que está fazendo?

— Gata depois do que nós fizemos, eu achei...

— Achou errado e pare de me chamar de gata, cacete — cuspi e acrescentei no caso dele não ter entendido. — Foi só uma transa sem importância. Nada mais que isso. Passou. Agora dê o fora!

Ele me olhou boquiaberto e eu não fiquei parada esperando sua reação, recomeçando a caminhar para longe dele. Um sorriso zombeteiro curvava meus lábios pela cara de lesado dele.

Era isso que me incomodava nos caras depois que tínhamos transado. Eles se sentiam os meus donos. Isso irritava o inferno fora de mim. Heithor me veio à cabeça, mas antes que pudesse me indignar um solavanco me parou. Eu virei para quem tinha sido o idiota a puxar meu braço.

— Ninguém me trata assim, vadia — o idiota disse, nervoso.

— Eu fiz e nada do que diga mudará isto. Agora, me deixe em paz.

— Você é muito fria garota.

— Também sabemos que isso não é de toda verdade, uh?

— Algum problema aqui? — A voz cortante de Brian soou nas minhas costas.

O babaca soltou o meu braço. Eu relaxei. Ninguém se metia com Brian. O cara podia ser assustador quando queria e não era somente por seus 105 quilos de músculo ou sua altura de um poste. Ele era um cara duro e conhecido por chutar traseiros idiotas, como aquele na minha frente.

— Está tudo bem Brian. Ele já está indo.

O estúpido alternou seu olhar entre Brian e eu, e, em seguida, ele deu volta xingando.

— Tem certeza que está tudo bem? Ou será que preciso exercitar meus punhos? — Brian perguntou num tom sombrio, olhando fixo para o idiota se afastando.

Bati as pestanas para ele e sorri abertamente, entrelaçando meu braço no dele.

— Agora você só precisa lubrificar minhas engrenagens, cowboy.

Capítulo 05

Cristo...

Eu estava indo para a minha morte ou estava bem perto disso quando acordei. Sentia-me sedenta por um copo d'água. Minha cabeça latejava, como se alguém tivesse perfurado meu globo ocular com um furador de gelo. Gemi pelo desconforto. Minhas pálpebras espremeram fechadas, e eu me virei para o lado, tentando fugir da claridade que batia sobre o meu rosto fazendo minha cabeça doer mais.

Eu iria matar o figlio di puttana que tinha aberto as cortinas comigo ainda na cama.

Era domingo, cacete. E eu estava com uma senhora ressaca!

Respirei fundo tentando afastar a sensação de enjoo enquanto massageava as têmporas buscando, em vão, algum alívio para a dor. Ainda estava um pouco zonza e mal conseguia me lembrar de como tinha chegado à mansão quanto mais ao meu quarto. A última coisa da qual recordava era de estar sentada no capô do carro de Brian, bebendo vodka pura e talvez um ou dois shots de Cuervo. E agora, eu tinha bombas explodindo em meu cérebro. Tudo que eu desejava era voltar a dormir por, pelo menos, umas sete horas seguidas, mas antes eu precisava de um remédio urgente e um copo d'água.

Enquanto buscava forças e coragem das profundezas do meu ser para balançar os pés fora da cama, um barulho peculiar chegou até mim, e eu me atentei a ele.

Parecia como se alguém tivesse ligado à torneira da pia do meu banheiro...

Merda. Merda. Merda.

Eu tinha trazido alguém para a mansão quando nunca fiz isso. Pior é que eu nem lembrava. E agora, enquanto morria eu tinha que lidar com essa merda. Saco!

A torneira foi desligada. Fechei os olhos por um breve momento e aspirei profundo. Seja quem fosse eu mandaria embora no segundo que colocasse os pés dentro do quarto.

Ao abrir meus olhos novamente e gritei assustada ao mesmo tempo em que pulei sentando na cama. No outro segundo, xinguei baixinho, segurando minha cabeça prestes a iniciar uma nova e intensa explosão pelo movimento brusco.

Parado na soleira da porta do banheiro estava àquele traste, Heithor, descalço e vestindo apenas um jeans. Ele tinha o cabelo úmido. Seu rosto era uma máscara pétrea de seriedade e frieza.

Ma che...?

Fechei os olhos outra vez. Aquilo não estava acontecendo. Era um pesadelo causado pelos efeitos do álcool, que ainda estavam traindo os meus sentidos. Eu abriria os olhos e aquela miragem dos infernos teria desvanecido. Mas, então, sua voz cortante ondulou em volta.

— Ressaca? — Levantei as pálpebras. — Deve estar se sentindo um lixo, não?

— O que está fazendo aqui?

Heithor cruzou os braços sobre o peito nu e me queimou com seu olhar.

— Eu estou me fazendo à mesma pergunta — ele disse, mantendo seu tom baixo, quase como se soubesse o quanto minha cabeça doía.

Abaixei meus olhos fugindo do seu olhar inquisidor e, enfim, dei-me conta da minha nudez. Nua, como vim ao mundo. E ele estava lá. Merda.

Oh, Dio, que eu não tenha dado para ele de novo.

— Por que eu estou pelada?

No momento que fiz a pergunta, quis trazer as palavras de volta a minha boca.

— Você mentiu para mim — acusou, num tom glacial, ainda baixo. — Você não passa de uma fodida patricinha de merda que só faz loucuras sem medir as consequências de seus atos.

Eu quis mandá-lo ao inferno por falar daquela maneira comigo, porém minha cabeça doía tanto que preferi manter o silêncio. E, bem, ele parecia meio demoníaco.

Ele avançou para a cama, sentando na borda. Eu recuei pregando minhas costas contra a cabeceira enquanto juntava o lençol sobre os meus seios nus.

— Não precisa ter medo de mim. Eu nunca vou te machucar Antonella. Mas é bom que saiba, enquanto eu estiver aqui nem um homem além de mim irá te foder.

Eu não sabia discernir se meus olhos cresceram pasmados por sua promessa, soando mais como uma sentença irrefutável, ou se por sua mão se dobrando em meu queixo. A pressão de seus dedos em minhas bochechas espremendo minha carne contra os dentes não foi gentil e doeu.

Ele continuou sem se alterar:

— Não há nada que me deixa mais fodido do que a mentira então não minta para mim, Antonella. Nunca. E que essa sua saidinha seja a última vez. Esteja ciente que se houver uma próxima, eu vou te colocar em meus joelhos e te dar umas palmadas até que não possa se sentar por uma semana inteira.

— Está me ameaçando?

— Não perco tempo com ameaças, eu prometo e sempre cumpro cada fodida palavra que digo, seja qual for. — Um sorriso arrogante curvou seus lábios. — Já te provei isso, não?

Meu corpo reagiu, estremecendo.

Caramba, eu detestava esse homem!

Sua expressão então ficou muito séria.

— Usou camisinha?

Enrijeci, piscando em assombro.

— Sei que fodeu outro ontem à noite. Foi o que cantou petulante para mim quando tive que cuidar da sua bebedeira quando você chegou não podendo dar um passo sem ter sua cara no chão — explicou ele, brandamente. — Agora, me responda. Usou camisinha?

Minha cabeça moveu, assentindo, involuntariamente.

— Está no controle de natalidade? Você sabe, nós dois fodemos sem camisinha nas duas vezes e nessas duas eu gozei dentro. Estou limpo. Nunca fodi ninguém sem usar proteção exceto com você.

— Eu também não, — empurrei as palavras entre dentes.

— Responda a primeira pergunta.

— Sì.

— Ótimo. Eu tenho exames recentes que provam que estou limpo. Eu te darei isso. Mas marcarei uma consulta numa clínica da minha confiança para fazermos todos os exames necessários. Não quero nenhuma barreira entre nós dois quando eu te comer, novamente.

— Você está me machucando — murmurei baixinho.

Seu aperto afrouxou, ainda assim era firme.

— Você me pertence. Não apronte de novo. — Ele me soltou e ficou em pé quando acrescentou num tom suave. — Beba o leite e tome o remédio que deixei na mesinha ao seu lado.

Pisquei mais desconcertada e movi o olhar para o lado. Minha cabeça doía tanto, que não pensei duas vezes pegando o comprimido e um copo com leite. Levei o comprimido à boca.

— Primeiro beba um pouco do leite, do contrário se sentirá mais enjoada se tomar o remédio sem nada no estômago. — Ele esperou até que eu fizesse o que ele pediu, como se eu fosse uma criança. Sorte dele que eu estava com dor. — Já mandei preparem algo leve para você comer, estará aqui a qualquer momento. Coma e descanse. Depois iremos conversar.

Em choque, o vi caminhar em direção à porta sem nem uma palavra mais e sair.

Santo Dio. Eu bebi e foi ele quem ficou chapado. Esta era a única explicação plausível para o que

acabara de acontecer. Definitivamente, ele era um stronzo por excelência.

Quem esse merda estava pensando que era para me tratar daquela forma? E pior, mandando em mim como se eu fosse sua cachorrinha adestrada? Nem meus pais mandavam em mim, porra.

Cretino. Miserável. Babaca.

Ele tinha saído para se divertir com a cadela loura, e ele ainda se achava no direito de ficar putinho por eu ter me divertido? Rá!

Aguardei meu café, ainda remoendo minha raiva. O remédio começava a fazer efeito quando uma das empregadas da mansão apareceu, trazendo uma bandeja. Comi alguns bocados da salada de frutas e metade de um croissant com *cream cheese* então devolvi a bandeja a ela e pedi que fechasse as cortinas, antes de sair. E em seguida, apaguei.

— Diga que a sua ressaca foi tão ruim quanto a minha. — Pietra exigiu quando pisei na cozinha horas depois, já recomposta da minha manhã infeliz.

Eu fiz uma careta para ela e beijei o rosto de Josie.

— Nem me lembre disso. Acordei pensando que alguém tinha me socado a cabeça até a morte.

Fui até a geladeira, e lá me servi de um generoso pedaço de lasanha e levei ao micro-ondas. Regulei os minutos e apertei iniciar então fui atrás de uma garrafa de suco de laranja.

— Lembre-me de nunca misturar vodka com tequila. Ontem a ideia não pareceu um mau negócio. Mas hoje, per Dio Santo, eu juro a vocês que pensei que não chegaria a ver a luz do dia.

Eu estava totalmente de acordo.

— Não penso em bebê-las juntas tão cedo. Sozinhas elas já são do diabo.

— E não é só isso. — Seu tom chamou a minha atenção. Ela prosseguiu, inclinando a cabeça para nós, como se fosse dizer um segredo. — Acho que falamos umas coisinhas que não deveriam ser verbalizadas, pelo menos não na frente dos caras.

Eu sabia que sim, mas me fiz de sonsa. E, bem, eu realmente queria saber o que tinha dito ontem, além do já revelado por Heithor. Não podia me lembrar de qualquer coisa.

— O quê?

— Você não lembra, não é? — Sacudi a cabeça, ignorando o bip do micro-ondas. Pietra curvou o tronco para frente, deu uma olhada para cima em direção à porta e depois me olhou. — Eu não posso me lembrar de muita coisa, mas Nathan me disse algumas quando acordei hoje de manhã... Ao que parece, eles voltaram para casa antes de nós e ficaram nos esperando. Pela ressaca você pode imaginar como chegamos, não é?

De repente, eu tinha o coração desesperado.

— E então? — Josie sussurrou.

— Então que eu posso ter revelado minhas intenções com Nathan... na frente de Thor! Quero dizer, eu sei que fiz. Nathan deixou isso claro, bem como, que não há esperança de nós termos qualquer coisa. *Humpf!* Como se eu quisesse algo mais que o pênis dele por algumas horas.

— *Ewwww!* Não seja tão cadela.

— Por que eu iria mentir se é exatamente isso que quero dele?

— Mas você não precisa ser tão direta e usar isso desta forma, sabe?

— Desculpe, Srta. Pureza. Achei que estávamos entre amigas.

— Estamos...

— O que você disse? — interferi, cortando Josie.

— Algo como mandar Thor ficar longe das bolas dele, depois de Nathan dizer que Thor faria exatamente isso, porque eu ordenei ele me levar para o quarto e fazer o seu pior. E, talvez, eu tenha feito uma referência sobre termos alguns moicaninhos.

Peguei meu almoço no micro-ondas e retornei a ilhota, sentando-me numa das banquetas altas. Enchi

meu copo de suco de laranja e comecei a comer.

— Você já falou com ele? Com o seu irmão?

Ela endireitou os ombros.

— Não. Mas, se ele perguntar, e eu sei que ele ainda vai tirar a merda fora de mim por isso, eu vou dizer que foi o álcool. Quero dizer, ninguém pode se responsabilizar pelo o quê diz ou faz quando se está bêbado, verdade? E, se ele não acreditar, eu digo que não me lembro.

Nada sobre mim e o cretino. Eu relaxei então espetei um grande pedaço de lasanha.

— É uma boa desculpa, mas será que ele vai acreditar?

— Ele não terá alternativa, Josie. Além do que, não é de toda mentira. Eu realmente não me lembro de nada disso. — E acrescentou pesarosa. — Sabe o que é pior nisso tudo? Eu estive com Nathan numa cama, pelada e muito bêbada para tentar algo.

— Também não é como se você fosse conseguir algo quando ele, ainda hoje, deixou claro que não quer nada com você — lembrou Josie.

Pietra lhe lançou um olhar mortal.

— Ti odio.

— Foi você mesma quem disse. E se te serve de consolo amiga, eu acho que ele ficou afim de você. E, não, não estou dizendo isso pra te animar. — Josie confessou devagar, após um momento, fazendo os olhos de Pietra brilharem esperançosos. — Ele pode não querer fazer nada a respeito, mas a verdade é que ele não tirava os olhos de você na piscina.

— Ele tem uma maneira bem peculiar de demonstrar interesse — resmungou Pietra.

— Ou talvez tenha sido você que não percebeu. Estava tão chateada por ele neutralizar suas investidas, que não se deu conta de que a todo o momento ele dava um jeito de tirar você de perto do Adam. Isso tem de significar algo, não acha? Sem falar na expressão dele quando você pediu para o Adam passar filtro solar na sua bunda, foi de dar medo.

Engoli o alimento em minha boca.

— Você fez isso Best?

Foi Josie quem respondeu, encenando a cena que descrevia:

— Ela não só fez como, praticamente, colocou o traseiro na cara dele. Agora imagine a cena, Pietra usando um daqueles biquínis minúsculos que vocês adoram, sabe? Então ela estava lá, toda trabalhada numa inocência que nós sabemos não existir enquanto empinava a bunda na direção do Adam e dizia: *Adam, querido, você poderia, por favor, passar filtro solar aqui. Não quero queimar o meu bumbum.*

Eu gargalhei até que meus olhos se encheram d'água e minha barriga doía. Somente não sabia se era pela cena que Josie tinha pintado ou pela imitação ridícula que ela fez de Pietra.

Pietra colheu os ombros e gemeu.

— Você faz isso parecer tão deprimente.

— Se foi deprimente, eu não sei P. Mas que foi engraçado vê-lo arrancando o filtro da sua mão do Adam, pode ter certeza que foi. Ele deu uma olhada feia para o amigo, e eu pensei que ele iria te dar umas palmadas ali mesmo.

Eu somente queria saber de uma coisa.

— Mas, então, no fim quem passou o filtro no seu traseiro?

— Nathan passou. E eu juro pra vocês que quase gozei quando ele roçou os dedos perto da minha vagina. Não teve um só fio de cabelo meu que não tremeu, se querem saber.

— Oh, meu Deus! Você não me contou isso, Pietra. — Josie acusou num tom incrédulo.

— Nem pra mim!

— Eu meio que me esqueci. Mas juro pra vocês, ele estava tentando me matar.

— Bem vi que ele estava demorando mais que o normal para somente passar o filtro.

Fiquei pensativa por um breve momento.

— Esse detalhe muda a história, não? Afinal, se ele foi tão ousado é porque está atraído.

— Sim e não. — Pietra deu um suspiro derrotado. — J tem razão. O fato de ele se sentir atraído não quer dizer que queira levar isso adiante. Bem, ele fez questão de me dizer isso, afinal.

— Talvez você deva ir com mais calma, sabe? Ou use Adam — sugeri.

Por um instante sua face se iluminou então murchou.

— Eles são amigos.

— E daí?

— E daí Amada que o problema é justamente esse, eles são amigos. E não incluo somente Adam e Nathan nesta equação, mas Thor também.

— Que merda seu irmão tem a ver com isso?

— Não grite, cazzo! Mamma tá no jardim com uma amiga e não quero que ela nos ouça. Já tenho muita merda para trabalhar aqui. — Ela respirou fundo e continuou com a voz baixa. — Como eu ia dizendo, eles todos são amigos e se Nathan realmente estiver atraído por mim, coisa que acredito, apesar de..., bem, Adam dificilmente dará brecha para que eu possa provocar o amigo, além do mais, Thor também está na equação.

— Não vai dizer que vai obedecer à *proibição* do seu irmão?

— Você não entende Amada. Eles parecem ter esse código besta de homens entre eles. São amigos, mais que isso, eles são como irmãos e se respeitam. Isto é, a irmã mais nova do amigo é proibida. E no que diz respeito a Thor, eu acho que ele deixou os limites bem claros para os caras e não acho que Nathan está disposto a arrumar uma briga com ele por uma mera noite de prazer.

— Agora isso é algo interessante. Não me lembro de já ter te visto interessada num cara antes, como está por ele — Josie comentou. — Você está de quatro por ele, verdade?

— Errado. Eu quero estar de quatro para ele, — piscou.

Josie fez uma careta.

— Obrigada pelos pesadelos.

— Ouçam o que eu digo, ele será meu. — Pietra disse, de repente. Suas palavras foram tão firmes, que eu não duvidei dela. Ela era a determinação em pessoa quando queria algo.

Nathan não sabia, mas sua resistência não tinha qualquer chance.

— Isso me soa paixão. Amor, talvez?

— Não sei J. Porém, garanto uma coisa, o que eu quero dele no momento não tem nada a ver com sentimentos fofinhos e bonitinhos. Depois? Não sei. Veremos.

Terminei de comer então me levantei, indo até a pia para deixar meu prato. Em seguida, peguei três colheres na gaveta do armário e voltei entregando uma para cada.

— Acho que teremos mais episódios dessa novela — murmurou Josie, meditativa. — Mas agora, me tire uma dúvida. Por que você nunca nos disse que seu irmão era um tremendo gato?

Minha mão parou a meio caminho do pote de Häagen-Dazs de chocolate com menta. Sacudi a cabeça e peguei o pote então voltei para junto delas.

— Eu disse que ele era charmoso. No entanto, nem você, nem Ella quiseram acreditar em mim. Aliás, Ella nem mesmo acreditava nele sendo real.

Tirei uma colher cheia de sorvete e enfiei na minha boca.

— Charmoso não é o mesmo que gato, lindo e gostoso. Eu não posso falar por Antonella, mas eu sempre acreditei que ele era real. Por que não acreditaria? Só não imaginava que era *tuuuudo* aquilo, não é mesmo, Ella?

Olhei para Pietra fazendo caso omisso da pergunta de Josie.

— Eu sei que fui uma bruxa com você e já te pedi desculpas por isso. Josie não conta porque ela não viveu na Itália com a gente e só estamos aqui há oito meses. Então há de convir comigo, que pelo tempo que nos conhecemos, e eu nunca ter visto sequer uma foto dele adulto espalhada pela casa junto com as

suas e as da tia, além de as visitas dele sempre serem quando eu nunca poderia ir para sua casa era de se estranhar. Qualquer um em meu lugar pensaria como eu.

— E onde fica a confiança?

— Ao lado da razão? Do bom-senso?

— Podemos voltar ao que interessa? — Josie sugeriu, com os olhos brilhando.

Inclinei a cabeça na direção dela.

— Cadê a nossa amiga comportada?

Ela balançou os olhos com chateação.

— Comportada não é sinônimo de cegueira, Antonella.

— Você está muito espertinha hoje, não?

Ela pegou sua parte do sorvete.

— Vai dizer que não reparou naqueles quatro?

— Meio difícil — concordei risonha.

— Meio não. Completamente — particularizou. — Tive de segurar meu queixo para não parecer uma débil mental quando os vi.

— Principalmente o astro, uh? — provoquei, antes de lamber minha colher.

— Astro?

— O louro, com ares de astro hollywoodiano, que você não parava de babar em cima.

Josie corou. Sua desinibição indo para o ralo.

— Bem, o homem é uma coisa. Não posso dizer que vejo um tipo como ele em cada esquina que atravesso, quero dizer, todos eles são de babar...

—... As calcinhas — completei maliciosa.

Josie mordeu os lábios, seu rosto ainda mais corado que há um minuto.

— Talvez eu tenha molhado um pouquinho — ela cochichou como quem confessa um segredo sujo.

Nós três rimos às gargalhadas.

— Isso só prova que você tem sangue quente nas veias, amadinha. Sinal de que a salvação está próxima, não? — Pietra sugeriu quando paramos de rir. — Adam também é um gato.

Meu cenho franziu.

— Achei que você estivesse totalmente na do Nathan.

— Estou. Mas não sou cega. E eu ainda estou puta pela cena de ontem e o episodio de hoje de manhã. — Ela olhou para a porta e depois para nós. — E se querem saber, Adam não me parece uma má opção, se *ele* continuar a fazer cu doce. Sabe que o tipo me dá calafrios? Tipo, *bons* calafrios.

— Ele parece ser um tipo selvagem e durão na cama, não acha?

— Totalmente, A. — Pietra fixou Josie. — E você, o que fez?

Ela tirou uma colherada de sorvete e enfiou na boca.

— Eu saí para jantar com um cara.

— Jantar, eh? Com quem?

— Pensei que Pietra tinha dito que você estava toda caidinha pelo astro. Tinha algum cara antes dele, que nós não estávamos sabendo?

Silêncio.

— Então? — Pietra incentivou tão curiosa quanto eu estava.

Josie tentou, mas o sorriso já estava lá, repuxando os cantos de seus lábios.

— Bem..., eu não tinha ninguém na mira. Sai com alguém novo. Com... Eric.

Silêncio completo enquanto Pietra e eu pegávamos nossos queixos no chão.

— Vocês saíram pra jantar?

— Por que o espanto?

— Você estava aí me acusando por não ter dito o lance com Nathan quando você própria não me

contou que tinha marcado de sair com Eric, aliás, nem que tinham trocado telefones.

— Porque não tinha nada marcado e nós não trocamos telefones. Ele pegou o meu com tia Martha, foi o que ele disse, — ela assinalou, calmamente. — Enfim, ele me ligou, convidando logo depois que cheguei em casa. Eu aceitei e fomos jantar. Fim de história.

— Cuspa!

— Não há nada para ser dito, Ella, além de que saímos para jantar, caminhamos um pouco depois então ele me levou para casa. O que esperavam? Que eu tivesse perdido minha virgindade com ele? Pelo amor de Deus! Eu acabei de conhecer o cara.

— Claro que não, amiga. Se bem que esta seria a notícia do ano, não é, Amada?

Eu ri. Josie fechou a cara.

— Eu jamais me entregaria para um cara que eu mal conheço, ainda mais sendo virgem. Não sou dessas. Não as julgo por levarem a vida que levam, porém eu não sou assim.

— Minha Nossa! Agora me senti uma puttana.

— Eu idem, — Pietra disse com beicinho.

— *Por favor!* Deixem de serem fingidas. Sou imaculada lá em baixo, mas não sou idiota, okay?

— J? — Pietra a chamou, com uma expressão perversa. — Diga: buceta.

Josie piscou desnorteada.

— Mas o que...?

— Andiamo, ragazza! É só uma palavra.

Vermelho não fazia jus à cor nas bochechas dela.

— Por que eu diria isso?

— Não é isso. É buceta, vagina, vulva, sexo, intimidade, o caralho que quiser. Porque no fim, qualquer um desses nomes que escolher servirá para denominar o que você tem entre as pernas e guarda a sete chaves. Agora diga. Bu-ce-ta. — Pietra insistiu, pausadamente.

— Eu não tenho de dizer nada disso. Você é doida?

Eu tentei, duramente, todavia, não aguentei e cai na risada.

— Fala sério, Josie, você nem consegue dizer uma palavra tão simples do manual sexual, se é que existe um. Somente a insinuação dela te deixa mais vermelha que essa blusa que está usando. E acha mesmo que nós iríamos pensar que você deu para o cara logo no primeiro encontro? Mesmo que o cara em questão te deixou molhada? Não combina. Não é você e nós sabemos disso. E, se acaso isso acontecesse, levaríamos você ao hospital logo a polícia, porque na certa o cara teria te forçado de alguma forma. Simplesmente, porque não é de você agir assim. Como disse, não combina com a Josie Calcutá que conhecemos.

Eu não poderia acusar de Pietra não saber colocar um ponto quando queria.

— Eu..., — ela esclareceu a garganta. — Eu sei disso, assim como vocês sabem que não as julgo, como disse antes. Quero dizer, cada um vive como quer, não?

Apertei sua mão para tranquilizá-la.

— Sabemos amiga.

— Josie, amada, queremos os detalhes, mesmo que não sejam sórdidos.

Ela revirou os olhos e bufou.

— Certo. Mas se ficarem de gracinhas, se sequer fizerem menção de me sacanear, eu me calo e não digo mais nem um A, mesmo que me matem.

Depois de meia hora dela descrevendo seu príncipe encantado, percebemos que realmente não havia nada demais, a não ser seu interesse genuíno nele. Não era como se Josie se encantasse com o primeiro cara que a tratasse bem, mas Eric era um número 10.

— Será que ele tem potencial?

— Acabei de conhecê-lo, Pietra. Não é como se fossemos nos casar amanhã, aliás, apenas saímos para

jantar e nos conhecermos um pouco melhor. — E assinalou com veemência. — Eu ainda me mantenho firme. Não será a beleza dele ou seu cavalheirismo que irá me demover da minha convicção. Ele é muito agradável e doce, mas não vou colocar a carroça na frente dos bois.

— Va bene. Isso, no entanto, faz dele um candidato em potencial para te apresentar a uma parte do cardápio dos prazeres, não? Apenas um aperitivo. Você nunca ficou tão animada com um cara antes, e não sei, eu posso estar errada, porém tenho para mim que não ficarão apenas neste jantar.

— E ele deve ser bom de cama — comentei.

— Como diabo eu vou saber disso?

— Estou dizendo que seria apenas broxante pensar o contrário. Lindo e todo cavalheiro, mas terrível na cama? Não mesmo! Melhor pensar que ele é bom neste quesito, também. E como Pietra disse e eu concordo, acho que ele é sim um candidato em potencial para que você ao menos se divirta sem chegar à via de fato.

— Depois eu quem sou a sonhadora boba? Pelo amor de Deus! Somente saímos para jantar e vocês já estão supondo isso e aquilo, como se já fosse algo certo.

— E você não gostaria que fosse? — sondei implicante.

Ela abriu a boca, porém não disse nada.

— Caramba! — Exasperou Pietra, certo tempo depois. — De nós três foi a mais recatada que teve o que queria primeiro. Percebem a ironia disso?

— Por que nós três? Ella está tentando agarrar Adam? Ou é Thor?

Pietra me olhou continuamente, e eu fingi não ver.

— Nem um, nem outro — respondi com desdém enquanto me ocupava de manter a calma.

Certo como o inferno, eu não estava indo tentar agarrar o cretino.

— Por quê? Dizer que não se sentiu atraída por eles seria mentira. Todas nós, e eu quero dizer isso, todas nós babamos por eles, incluso por Thor. Quero dizer, não Pietra porque ela é irmã, mas enfim. Não posso acreditar que seja totalmente imune. Ou é?

— Bom ponto Josie. — Pietra apoiou os antebraços em cima da bancada, olhando-me fixa. Eu me senti espreitada. Não gostei disso. — Então?

— Não nego. Eles são bonitos de doer, mas estão fora do jogo.

Pietra deu um risinho, que eu não entendi.

— Onde se ganha o pão não se come a carne?

— Exatamente.

— Acho que essa frase não se aplica aqui. — Josie discordou, brandamente. — Ele não parece ser do tipo grudento, que fica pairando sobre a garota porque se envolveu por uma noite. Quero dizer, seria apenas uma noite. Além do que, ele não ficará hospedado aqui. Ou ficará?

— Não. Somente Nathan ficará. Os outros ficarão em LA.

— Aqui é meu templo sagrado, onde quero agir sem qualquer constrangimento. E Josie, assim como você não mudou sua convicção de se manter lacrada até o casamento, eu também não mudei a minha de não trazer qualquer conquista minha para casa.

Momentos mais tarde nós nos dirigimos até a sala e nos esparramamos nos dois grandes sofás brancos. Logo Eric apareceu e Josie saiu com ele mais feliz que pinto no lixo.

Teríamos uma semana inteira para colocarmos as fofocas em dia, pensei, ao me lembrar da saga de Pietra também. Era estranho ter homens na mansão, quero dizer, fora os empregados masculinos, mas estes não contavam. Heithor e Nathan sim. Isso fazia uma questão me atormentar os miolos.

— Best?

— O quê?

— Você acha que o seu irmão vai implicar com a gente? Você sabe. Nosso ritmo?

— Eu...

— Excelentes perguntas, Antonella. É sobre isso mesmo que quero falar com vocês. — A voz do *assunto* soou atrás de mim, me fazendo pular, endireitando a postura ereta.

Olhei para trás, para ele, e não tive um bom pressentimento.

Ele nos ignorou, se voltando para Adam e Norah, que o aguardava, e os levou até a porta. Plissei a testa quando a loura oxigenada enlaçou o pescoço dele para beijá-lo na boca, contudo, ele virou o rosto e o beijo pegou na bochecha. Eu sorri, vendo o embaraço dela pela rejeição sutil dele.

Heithor fechou a porta e, em seguida, se aproximou sentando na poltrona de frente para nós, então fixou seu olhar em Pietra. De soslaio observei Nathan se retirar de fininho.

— Então? — especulei impaciente.

O sorriso dele foi breve, antes de sua face se fechar numa expressão imperturbável.

— Eu serei direto, porque odeio rodeios. — Ele fez uma pausa dramática. — Essas reuniões, saidinhas e a vidinha leviana que levam acabam agora.

Capítulo 06

Se minhas sobrancelhas não estavam na linha do meu cabelo, estavam bem perto.

— O que quer dizer com isso, *exatamente*?

— Que merda isso significa, Heithor?

— Eu vou lavar sua boca com sabão, mocinha — ele advertiu, num tom de aço. — Eu ainda sou seu irmão mais velho, não esses moleques idiotas com quem costuma lidar. Não se esqueça disso, Pietra. — Ele fez uma pausa e se acomodou, cruzando as pernas. Sua expressão inabalável. — É bem simples. Essas reuniões regadas a bebidas que fazem aqui e as saidinhas sem hora para voltar estão suspensas. Um motorista foi designado para levar e buscá-las na universidade todos os dias, e para qualquer outro lugar que tenham de ir. Se vocês se comportarem bem, mais a frente eu libero os carros e vocês ficam livres do motorista. Ou não. Tudo dependerá de vocês mesmas. — Ele fez uma nova pausa, e então, acrescentou tranquilo. — Vocês serão acompanhadas por dois seguranças em todos os lugares que forem, e já adianto que eles são da minha total confiança. O que quer dizer que qualquer tentativa de suborno será relatada a mim de imediato e vocês perdem qualquer privilégio que tenham ganhado.

A cada palavra sua absorvida pelo meu cérebro, a minha certeza desse homem ser completamente pirado ganhou mais força. Não, ele não era somente pirado, ele também era arrogante como o inferno, se acreditava que eu iria acatar aquele monte de baboseira.

Toque de recolher? Que merda...?

— Você não pode fazer isso, Heithor, — Pietra murmurou, num misto de perplexidade e de risinho histérico, tragando-me do meu próprio choque.

— Está feito.

— Pois fique sabendo que eu não aceito!

Plantei as mãos na cintura.

— Nem eu. Questo... è un'assurdità[27]!

Sua sobrancelha curvou lentamente. Seu olhar foi tão cínico que minha vontade de estapear sua face foi quase insuportável. Respirei profundamente, retraindo o impulso.

— Vocês me ouviram perguntar se aceitavam ou não? Porque eu não me lembro de ter perguntado qualquer coisa. Minha casa, minhas regras.

Minha bunda!

— Ma non è giusto, Heithor!

— Justo? Você quer mesmo falar sobre o que é justo ou não aqui, Pietra?

— Eu não faço nada demais.

— Sair todo fodido dia sem horas para voltar e sem se importar se a mãe está morrendo de preocupação, por não saber onde e como você está; se embebedar a torto e a direita como ontem à noite; trocar de homem como se troca de calcinha e se envolver em confusão, não uma ou duas vezes, mas sempre que tem oportunidade, é normal? Claro que, não podemos nos esquecer das festinhas que dão aqui, gastando um absurdo com bebidas e subornos aos policias que aparecem quando algum vizinho liga por causa de toda merda, que rola até quase amanhecer. Isso sem contar que vocês também estão envolvidas em rachas, algo que é totalmente ilegal. Diga, Pietra, nada disso é demais?

Oddio!

Eu somente podia pensar em como ele sabia de todas aquelas coisas. Zia Martha me veio à mente, mas

seria muita sacanagem ela dizer tudo aquilo a ele, além do mais, ela não tinha como saber da metade do que ele citou. Então como ele sabia?

Pietra estava branca.

— E-e-eu...

— Por que o espanto piccola? Realmente pensou que eu não me importava em saber o tipo de vida que tem levado desde que chegou aqui? — Agora, não havia nada da calmaria em seu rosto, senão uma fúria ascendente. — Eu sei de cada mínimo passo seu e só não vim antes devido ao meu trabalho, porque alguém tem de trabalhar aqui para manter seus luxos, não? Mas agora eu estou aqui e as coisas vão entrar nos eixos... Eu te mandei pra cá para você estudar e ter um futuro digno. Não pago a porra de seus luxos e seus caprichos estúpidos para você ficar de vadiagem e agindo como uma inconsequente, que tem merda na cabeça.

— Se o problema é o dinheiro, fique com ele. Eu não preciso de um centavo seu! Ao que me consta, eu ainda tenho a minha parte na herança que nossos pais deixaram.

Eu me senti desconfortável por estar lá, no meio do que parecia ser uma discussão íntima de família. Queria dar apoio moral a minha amiga, contudo, dada as circunstâncias achei de bom tom sair à francesa. Depois Pietra me contaria o que ela queria me deixar saber.

— Onde pensa que vai Srta. Vicenti?

Eu parei já próxima a escada e dei a volta, encarando-o.

— Vocês têm muito sobre o quê falar. E eu não faço parte disto então vou lhes dar privacidade, Sr. Castellammare. — Olhei para Pietra. — Estarei em meu quarto.

— É aí que você se engana, Antonella. Você tem tudo a ver com esta conversa. Sente-se que logo chegarei ao ponto, e então, você decidirá se faz ou não parte disto.

— Pietra pode me dizer depois. Agora, com licença.

— Traga seu traseiro aqui, agora mesmo.

Sua voz soou calma e perigosa ao mesmo tempo, que eu não tive alternativa se não parar.

Lancei um olhar especulativo para Pietra, no entanto, ela parecia tão perdida quanto eu. Engoli saliva e minha raiva por ele estar me tratando como criança, porém não fiz objeção e voltei, sentando no sofá novamente.

— Por que a Mamma não está aqui?

— Para você não chantageá-la com choramingos.

Pietra abriu a boca, pasmada, e cerrou o olhar.

— Mamma tem de estar aqui, também. Você não pode simplesmente decidir isso e aquilo sem ela quando você nem mesmo vive conosco. Ela também tem voz nisso, se é que algum de vocês tem direito de reger a minha vida. Você sabe. Eu não sou mais uma menina.

— No entanto, age como uma e, raramente, como uma adulta e isso apenas quando lhe convém, não é assim? E eu creio que tenho todo o direito de colocá-la na linha desde que as merdas que você faz, faz usando o meu dinheiro. E somente para que saiba, eu estou permanecendo aqui tempo suficiente para deixar as coisas nos trilhos e me certificarei que assim fique quando eu não estiver.

Que merda aquilo significava?

Ele prosseguiu, soando desgostoso enquanto gesticulava ao redor:

— O problema aqui não é o dinheiro, minha irmã, senão suas atitudes de merda. Essa vida de luxo e conforto que você conhece é paga com o meu trabalho, piccola. O pouco que nossos pais nos deixaram mal deu para saldar as dívidas pendentes e a hipoteca da casa, onde vivíamos. — Ele pareceu tomar uma longa respiração e amenizou o tom quando acrescentou. — Entenda piccola, eu não estou jogando meu dinheiro na sua cara, porque no fim o que é meu é seu, também. Entretanto, temos de deixar as coisas claras.

— O que te faz pensar que eu vou te obedecer?

— Além de ser o meu dinheiro que te banca e que sem ele você terá de arrumar um emprego para pagar seus luxos que não são nada baratos? Sabe quanto ganha uma balconista, Pietra? Seu sapato paga dois meses do salário dela. Isso julgando que ela trabalhe em período integral.

— V-você não...

— Sua escolha. Quer se mandar e continuar agindo como uma inconsequente que só tem merda na cabeça? Okay. Vá em frente. Mas tenha a certeza que pode manter suas merdas por si própria. Do contrário, vai permanecer sentada e me obedecer.

— Contanto que você não paga as minhas contas, eu não tenho nada a fazer aqui. Tampouco, pode me obrigar a aceitar sua merda — anunciei vitoriosa.

Se fodeu, stronzo!

Seu olhar caiu em mim, imperturbável.

— Realmente, não posso. No entanto, devo consultar o Sr. Vicenti e ouvir a opinião dele sobre o assunto — ele disse tranquilo, e o iluminado sorriso em minha face se desfez.

— Eu já sou maior de idade!

— Porém, é ele quem paga suas contas, não é mesmo, Antonella? — Ele era meu pai! Era seu dever me bancar. Afinal de contas, eu não pedi pra nascer. — Tenho certeza que Rocco Vicenti me agradecerá muitíssimo por colocá-lo a par da real situação aqui. O que me diz?

O sangue gelou em minhas veias. Branca como o papel, eu agradeci por estar sentada. Um sentimento de opressão, uma angústia desesperadora apertou meu peito infinitamente quando absorvi suas palavras.

Não precisaria de muito, somente um terço da missa bastaria para papà pegar o jatinho e vir pessoalmente me buscar, e então, eu estaria na mais completa merda. Não era somente o luxo que eu iria perder, mas a liberdade. Eu não poderia perder a liberdade que demorei tanto a conquistar e viver na pobreza não era uma opção. Não tinha nascido para ser pobre, caralho.

Eu olhei para aquele miserável chantagista de merda.

— Você... você n-não pode fa-fazer isso.

— Não somente posso como esta é minha obrigação cívica. Afinal de contas, pelo o que fui informado o Sr. Vicenti somente a permitiu vir sob os cuidados de Martha, verdade?

Era verdade. Papà não era conhecido por ser um homem descolado. Ele era das antigas, rígido até a morte. Tinha sido um sacrifício convencê-lo a me deixar vir com tia Martha e Pietra para me graduar aqui. Por ele, eu teria ido para Oxford, onde mamãe e ele se formaram. Eu até tinha feito os exames de admissão por exigência dele, e sido aceita, o que somente o fez mais irredutível.

Eu tinha me inscrito em algumas das melhores universidades dos Estados Unidos, estudei dia e noite para passar nos exames, coisa que não foi tão difícil, uma vez que eu não tinha uma vida social para administrar, além de todo empenho que dediquei ao meu último ano na escola. Tudo isso para mostrar a Rocco que eu tinha potencial e levava minha formação a sério.

Então tia Martha entrou a meu favor convencendo minha mãe, Selena, que também não estava feliz com a ideia da mudança por motivos diferentes aos do meu babbo, logo fora a vez deste último. Relutante, Rocco aceitou muito mais pela admiração que ele tinha pela educação que ela dera a Pietra, e então, ele impôs uma tonelada de exigências, que eu não tive escolha se não aceitar, uma vez que ainda era menor de idade quando nos mudamos, além do que, era ele o dono da grana.

Tinha consciência que muitas vezes deixara a tia de cabelos em pé, mas ela não tinha culpa por Pietra e eu sermos um pouco levadinhas. Também não era como se nossas peraltices interferissem em nosso empenho nos estudos. Este nós duas levávamos a sério, mesmo que tivéssemos de virar a noite acordadas estudando. Além do mais, se não o fizesse, no outro minuto, Rocco estaria na porta da mansão. Ele estava longe, porém ainda mantinha o controle sobre a minha vida. Não era como antes, ainda assim eu não poderia bobear. E agora, aquele asno na minha frente estava pronto para ferrar comigo por um mero capricho seu.

Pietra me pediu desculpas com o olhar. Eu sacudi a cabeça, atemorizada e cética ao mesmo tempo. Ela não tinha culpa de ter um traste desses como fratello. Ele sim era o culpado. Ordinário.

— Nós temos alguma alternativa? — Pietra indagou raivosa.

— Obviamente. Vocês podem aceitar e se comportarem de acordo com o que estipulei, ou darem adeus à liberdade de vocês — ele decretou sem nem um pingo de remorso ou vergonha por estar nos chantageando na cara dura.

Vai dizer ao meu pai que me comeu também, figlio di puttana?

Foi duro, muito duro me lembrar que ele, infelizmente, era meu segredinho sujo.

— Ti odio! Ti odio da morire[28].

Tive impressão de vê-lo endurecer, mas fora somente isso, uma impressão.

— Vamos lá! Não façam essas caras. Não é o fim do mundo, apenas estou colocando limites em vocês. Melhor agora do que mais tarde quando não puderem concertar as merdas que vem fazendo. E eu não sou nenhum tirano, vocês ainda terão liberdade. Porém é como disse, com limites.

— Que tipo de limites?

— Vocês terão as sextas e os sábados livres para saírem e darem suas festinhas. — Olhei desconfiada para ele. — Os domingos são negociáveis, só não à noite. Afinal, pelo o quê me informei, vocês duas tem aula na segunda e a diversão não deve interferir em seus estudos. As sextas e aos sábados, vocês precisam saber de algumas coisas para que não haja consequências depois. Festinhas e saídas no mesmo dia como faziam antes, não serão permitidas. Ou seja, terão de decidir o que querem mais. Moderação será o novo lema de vocês.

Eu queria que ele morresse agora mesmo. Será que isso era negociável?

— Come sei generoso, eh?

— Aproveite minha generosidade Antonella, pois não é sempre que a uso.

— Mais alguma coisa? — Pietra questionou.

Per amore di Dio! Cale-se!

— Vocês sabem, coisas normais que vocês já deveriam saber, mas insistem em fazer vista grossa. Horário para chegarem. Avisar a Martha onde e com quem estão saindo. Celulares em mãos e ligados para que ela, ou, eu possamos saber como estão. Então nada de fingirem que não ouviram o celular tocar, entendido? Bem como, as reuniões aqui também terão hora para acabar.

Minha raiva cozinhou a fogo brando quando ele seguiu.

— Quanto à bebida, bem, esse é um ponto questionável. Pelas leis italianas vocês são maiores de idade, todavia, não estamos na Itália mais. O que diz que temos de nos adequar as leis daqui. Eu vou ser honesto, não me agrada vocês ingerirem bebida alcoólica. Mas lhes darei isso. Posso fazer vistas grossas, levando em conta a maior idade legal italiana, porém não abusem. Se beberem fora daqui, quero que liguem para o motorista ou para eu ir buscá-las, se eu ainda estiver aqui. Isso nos leva a outra questão importante. Clubes. Não quero saber de vocês duas subornando leões de chácara ou se arriscando com falsas identidades para entrarem em danceterias, como tem feito até hoje. Isso acaba aqui assim como as corridas clandestinas.

Afunilei meus olhos mais ainda, transpirando fúria.

— O tempo de escravidão foi abolido há anos, sabia?

— Não estou obrigando-as a aceitar. Vocês têm uma escolha.

— Você não está nos dando qualquer escolha, está nos chantageando.

— É um modo negativo de ver as coisas.

Coloquei-me de pé, fuzilando-o com o olhar.

— Você é um filho da puta por excelência, não é assim?

— Nós aceitamos. — Pietra se apressou em dizer, antes que ele respondesse.

Ele tinha o olhar cravado em mim, o canto direito da boca sutilmente contraído. Maledetto. Ele estava

claramente se divertindo a nossas custas.

— Muito bem. Porém, estejam cientes que se tentarem bancar as espertinhas, ficarão de castigo.

— Castigo é ter de olhar para essa sua cara de cretino todos os dias, seu filho da puta! — desprezei, tacando uma almofada nele, desejando mesmo que fosse uma pedra para rachar a cabeça dura daquele babaca. Ele pegou a almofada no ar e soltou um risinho.

— Não fiquem chateadas. Isto é pelo bem-estar e segurança de vocês mesmas. Agora podem não acreditar, mas irão me agradecer mais tarde.

Definitivamente, era para o bem-estar e segurança, porém dele próprio.

Rígida da cabeça aos pés, eu não me dignei a respondê-lo e me apartei dele, indo para o meu quarto a passos duros, antes que a vontade de matá-lo culminasse.

Bati a porta do meu quarto com toda minha força e fechei os dedos em meus cabelos.

Ódio. Este era o sentimento que eu tinha por aquele ser desprezível.

Me chantagear? Isso foi baixo demais.

Enfiei-me na banheira cheia de sais aromatizados para ver se ao menos assim eu poderia acalmar meus nervos a flor da pele. Minha vontade era de gritar e bater naquele demente.

Tomei algumas respirações profundas e eu procurei não pensar mais nele. Decidida a não dar a ele o poder de me irritar mais do que ele já havia feito. Foi duro, mas consegui. Quando estive relaxada e com os dedos enrugados, saí da banheira. Sequei-me e enrolei a toalha em meu corpo.

A fúria tinha diminuído, mas a raiva ainda estava lá, permeada em minha pele. Era inacreditável que aquele *homenzinho* ordinário tivera chegado há apenas 24 horas, no máximo um dia e meio, e já tivesse transformado a minha vida num inferno. Isso era inconcebível, na verdade.

Porém, mais inacreditável foi sair do banheiro e dar de cara com próprio gostoso sentado na minha cama. Meus punhos se fecharam quando fixei os olhos no traste. E, oh, cara, ele estava lindo. *Agora* levando uma camisa pólo branca e jeans escuros. O cabelo preto acetinado, macio para meus dedos, penteado para trás como aparentemente gostava de manter. Não usava muito produto, apenas o suficiente para não ter nem um fio negro fora do lugar.

Ele era um cara duro, mas, obviamente, muito vaidoso.

Meu galã do mal...

No, cazzo, lui non è tuo[29]*!*

Mas ele tinha sido meu por uma noite e uma tarde inteira.

Inferno. Eu não deveria estar admirando-o, sequer reparando em suas preferências. Recriminei-me em mente. Ele poderia estar pintado de ouro e isto não faria dele menos filho da mãe.

— O senhor tem mais alguma exigência? Ou será que trouxe o contrato de escravidão que me esqueci de assinar?

O desgraçado sorriu abertamente, mostrando todos os dentes. Eu fiquei um pouco dispersa. Ele era um tremendo babaca, mas seu sorriso era de derreter...

Foco stronza, ele é o inimigo!

— Eu não tinha pensado no contrato, neném, — divertiu-se, caminhando na minha direção e meu pulso acelerou. Meus dedos se fecharam na toalha, num aperto de morte. — Mas, quanto à exigência, eu tenho uma, porém você já sabe qual é. Espero não ter de repetir.

Heithor esticou a mão e tocou em minha face, alisando a bochecha com o polegar. Seu toque muito suave e delicado. Resisti ao impulso de fechar os olhos e inclinar o rosto contra sua mão.

Sua boca tão próxima quando ele inclinou a cabeça para baixo fazia a minha formigar.

Neguei o desejo bobo, mas ele estava lá, nas sombras da minha resistência, esperando um deslize meu, que eu prometi não cometer novamente. A cota de humilhações para um único dia já tinha sido extrapolada. Isso me fez lembrar que eu não deveria estar aqui derretendo.

— Tire suas patas imundas de cima de mim, idiota!

Minha mão tentou expulsar seu toque, todavia, antes que eu obtivesse sucesso, ele segurou minha cintura e puxou-me contra seu corpo, num só golpe. Sua boca cercou a minha. A princípio, eu tentei resistir, batendo em seu peito com os punhos ao mesmo tempo em que tentava empurrá-lo, mas ele não moveu um centímetro sequer. Sua língua perseverou, pincelando a comissura de meus lábios de maneira sensual então seus dentes beliscaram meu lábio inferior, puxando, antes de tragá-lo em sua boca. Eu gemi amortecida na sensação, perdendo o restolho de dignidade e orgulho que ainda possuía. Entre abri os lábios, deixando sua língua morna explorar cada canto da minha boca. Ele não perdeu tempo. Nossas línguas se encontraram, atiçando, entrelaçando-se, numa dança sensual e envolvente.

Enlacei seu pescoço, embrenhando os dedos em seu cabelo, puxando-o com raiva. Heithor gemeu e aprofundou o beijo, tornando-o mais selvagem. Suas mãos queimavam a minha pele.

O contato quente, seu cheiro e seu corpo tão próximo ao meu, fez minha barriga tremer.

Chupei sua língua me deliciando com o seu sabor açucarado.

O desejo despertou e cresceu faminto. Eu estava sem fôlego, porém não queria parar de provar aquela boca que tanto me perturbava. Heithor fez, no entanto.

Eu arfava um pouco zonza, ainda de olhos fechados e quando os abri, encontrei duas burcas escuras, fitando-me intensamente. Fome. Desejo. Calor. Eram tudo que eu poderia enxergar em seus olhos. Minhas pernas bambearam fracas, e eu me agarrei a ele com maior força para não cair.

Heithor soltou um risinho baixo, e eu me odiei por minha debilidade a ele.

Lentamente, eu respirei fundo, armando-me de forças. Ele, como se percebesse que eu não cairia sobre a minha bunda, deu um passo largo atrás. Heithor me olhou com um desejo descarado, correndo por meu corpo, lentamente. Incendiando a minha pele. Não havia ocultações, nenhuma tentativa de esconder a luxúria ardendo em seus olhos intensos, escurecendo suas feições.

Baixei o olhar para o seu quadril e exalei com força ao perceber a barraca lá. De repente, tinha meu corpo ficando tenso, se preparando para ele. Desejando. Querendo o seu toque.

Atordoada com o rumo das coisas, eu desviei meus olhos para baixo para o meu próprio corpo e compreendi o porquê de seus orbes quase romperem a minha pele. Eu estava nua e não fazia ideia de como aquilo tinha acontecido. Abaixei rapidamente, sentindo minhas bochechas queimarem quando peguei a toalha amontoada em meus pés, não querendo estar assim na frente dele. Está aí uma coisa que nunca tinha sentido antes, vergonha de ficar nua.

— Não, — ele disse, num tom rouco, a voz engrossando. — Depois do que tivemos não há porque ter vergonha. Eu te conheço até do avesso, neném. Nunca oculte seu corpo de mim, Antonella. Você é linda, perfeita da cabeça aos pés.

— Eu não estou, — menti. — Apenas acho que não preciso ficar pelada na sua frente somente porque transamos uma vez — terminei, irritada comigo mesmo por ser tão vulnerável a ele.

Ele sorriu de lado, lento e sensual.

— Uma?

— Você entendeu — grunhi, segurando a toalha na frente do meu corpo. — Agora dê o fora do meu quarto — acrescentei, fechando a cara para ele.

Ele riu. O som gostoso de sua risada baixa provocou tremores em minha barriga.

— Você mente tão bem que quase me convence. Não se engane, baby. Você me quer da mesma forma que eu te quero. Esse desejo louco, essa fome funda que sinto e sei que também sente, e nos atrai um ao outro não irá acabar só porque você mente para si mesma. Eu não vou negar e sugiro que você nem tente.

Isso me eletrocutou, enviando a raiva para a borda.

— Oh, *per favore*, deixe dessa ladainha tosca e de ser tão pretensioso. Será que não percebe o papelão que está fazendo? Não cansa de correr atrás de mim, não? Eu não quero. Coloque isso na merda da sua cabeça. Se é um desses tipos que não sabem levar um não, eu sugiro que vá procurar sua amiga. Ela parece muito disposta a ser sua cadela e alimentar seu ego.

— Ciúmes, my little bitch?

— O dia que eu sentir ciúmes de um tipinho como o senhor, eu corto os meus pulsos.

— Primeiro, não me chame de senhor. Eu não sou tão velho assim. Tenho nome e gosto de ser chamado por ele, principalmente, quando é no som de sua voz. Segundo, você pode gritar que não me quer, mas o seu corpo sempre vai te desmentir. E sabe por quê?

Engoli a seco. Isso era porque meu corpo não tinha o amor próprio que eu julguei ter, pensei com desgosto quando Heithor continuou numa fala mansa, carregada de erotismo.

— Porque você é minha. Seus beijos, seu prazer e suas vontades são meus. — Suas mãos passeavam por meus flancos nus, numa carícia possessiva, deixando um rastro de fogo em minha pele. Então seu olhar chamou o meu, fixo, corrompendo-me. — É a mim a quem seu corpo clama. Era por mim que ele pedia ontem quando deixou aquele merda te foder. Era em mim em quem você pensava quando gozou... era para mim. Pode negar isso?

— Isso não é...

— Não? — Ele deu um riso curto. Suas mãos seguraram meu pescoço com gentileza, o polegar escovando suavemente sobre minha jugular ritmada. — Nos poucos minutos que levo aqui, suas bochechas ganharam esse rubor lindo, que me faz desejar te lamber toda, tem o pulso acelerado e os mamilos duros. Conheço os sintomas, conheço o cheiro... Está excitada neném.

Eu não me atrevi respondê-lo. Sua voz era raivosa, afinal. Sua mão livre segurou meu seio, os dedos apertando e puxando meu mamilo com força, e eu gemi de dor/prazer, arqueando-me.

— Seu corpo reage ao meu com ímpeto — disse ele com prazer, olhando para os meus mamilos, pedindo pela atenção de sua boca. *Traidores.* — Sua doce bucetinha também pede por mim. Está quente e tão molhada neste momento que banharia meu pênis. Eu posso sentir isso. Você cheira a necessidade, baby. Cheira como minha doce e pequena vadia. Eu adoro.

— Você não sabe de nada — resmunguei numa voz mole, lutando por um fio de força.

Ele se moveu antes que eu pudesse pensar em detê-lo, atraindo meu mamilo para o calor morno de sua boca, com um gesto possessivo e primitivo. Lambeu e sugou, beliscando a ponta.

Meu corpo floresceu para a vida, como se esse fosse o momento mais aguardado do dia. Estava excitada; tão raivosa. Enquanto meus dedos soltavam a toalha para agarrar-se nele e minhas costas curvavam, eu fiz a única coisa da qual me restava algum controle ainda. Segurei meus gemidos.

Olhei fixa para sua boca em meu mamilo. Choque e prazer correndo por meu sistema enquanto eu lutava em silêncio para entender como a situação tinha mudado tão de repente.

Ele tinha me deixado bêbada, gulosa por seu beijo, por seu toque.

Não, porra! Não. Não. Não.

A negação gritava na minha mente, mas não podia sair de lá.

Cadê a porra da raiva quando você precisa dela?

Não havia, pelo menos não o suficiente para que eu tivesse forças para empurrá-lo, ao contrário, eu o puxava para mim. Oferecendo-me. Desejando mais. Querendo mais.

Como eu poderia ser tão fraca com ele?

Mas o maledetto era tão bom e meu corpo não tinha decência. Aquela era uma causa perdida. Depois, depois eu daria um murro nele. Agora, eu somente queria senti-lo.

Ele trocou de seio, se amamentando com a mesma fome, a mesma posse. Eu tremi e joguei a cabeça para trás, mordendo o lábio com força quando um gemido nasceu no fundo da minha garganta. Sua mão desceu sondando a minha virilha. Ofeguei e gemi. Minhas pernas trabalharam para ele, abrindo-se ao mesmo tempo em que Heithor metia sua mão entre as minhas coxas, e então, um dedo atrevido deslizou entre as minhas dobras, espalhando minha lubrificação. Ele soltou meu mamilo e xingou. Seu dedo varreu abaixo, persuadindo minha entrada, e eu movi o quadril em busca da penetração. Não podia me deter. Os movimentos eram autônomos.

— Porra. Tão molhada e tão minha — ele sibilou e, no instante seguinte, seu dedo me invadiu, estocando-me sem receio. Uma e outra vez. — Você está muito quente, neném, que está derretendo no meu dedo. Caralho! Eu quero te curvar para baixo e te comer duro.

Oh, sim, eu quero isso também.

Meus dedos se apertaram em sua pele enquanto eu desfazia ao redor de seu dedo. Ele penetrou outro e estabeleceu um ritmo regular. Eu estava mole e odiosamente entregue.

— Filho da puta — gemi.

Seu intenso olhar me acertou, cheio de fogo.

— Você faz ideia de como me deixa excitado com essa sua boquinha suja?

De repente, minhas pernas ficaram pesadas para me manter em pé. Seu braço livre circundou a minha cintura, prensando-me contra seu corpo e me levantou, logo senti a dureza da parede em minhas costas. Heithor me soltou e, em seguida, pegou minha mão, colocando-a sobre sua ereção.

— Sinta baby — grunhiu ele, num tom que eu não poderia desobedecer, nem se quisesse. Meus dedos se fecharam sobre o volume duro sob seu jeans, apertando. — Gostosa da porra. Nunca fiquei tão duro por outra mulher como fico por você, my little bitch. É só te olhar que não posso pensar em outra coisa que não seja te colocar para baixo e me enfiar em ti até as bolas.

Uma onda de tesão me tomou. Meu quadril se mexeu e remexeu, montando seus dedos. Heithor gemeu áspero e sua boca desceu sobre a minha, num beijo forte enquanto nos provocávamos.

Ele se afastou, e então, se ajoelhou na minha frente e levantou uma de minhas pernas, colocando-a sobre seu ombro. Joguei meu olhar para baixo a tempo de ver sua respiração pesada beijar meu púbis, antes de seus lábios me tocarem intimamente. Ele deu uma lambida, depois outra e mais outra. Minhas pernas, instintivamente, tentaram se abrir mais ao mesmo tempo em que lançava o quadril contra seus lábios, lhe dando mais da minha buceta. Sua língua alcançou meu clitóris, circulando e estimulando-o quando ele lançou seus dedos mais profundos dentro de mim.

Minhas mãos agarraram seu cabelo, mantendo-o para o meu deleite.

Eu odiava aquele sujeito, mas amava sua boca em mim.

Gemidos baixos prazer escaparam da minha boca. Eu já não me lembrava de nada mais, somente sentia, envolvida na luxúria que ele fazia zumbir através da minha pele. Sua boca e seus dedos me afundaram naquele desejo primitivo. Eu o tinha lá, me saboreando. Era delicioso, magnífico.

— Ah, Dio, Heithor, me chupe assim, seu puto.

Sua língua esfregava e lambia minha buceta de uma maneira tão sensual, pervertida, que em algum lugar deveria ser considerado um crime. Adorava ter a boca de um homem entre as minhas pernas, mas Heithor superava todas as minhas expectativas. Eu não tinha que dizer nada, exceto suportar todo aquele prazer afiado. Não sabia como, porém ele conhecia os caminhos de prazer do meu corpo, como se ele tivesse estudado os meus gostos e minhas áreas mais sensíveis por anos.

Eu balancei, montando seu rosto e seus dedos sem nenhum pudor.

Meu corpo se apertou, meu útero estava pegando fogo quando o orgasmo cresceu rápido e ameaçou estalar sobre mim. Um frisson gostoso surgiu de súbito e numa doce agonia eu esperei pela minha libertação iminente. E então, eu não tinha nada além de um mar de agonia palpitante.

Ele retirou os dedos de mim e se afastou tão rápido, que eu engasguei em meu próprio fôlego.

Agarrada a parede, eu tremia necessitada pelo prazer interrompido quando busquei seu olhar. Estava confusa e um pouco zonza. Meu peito subia e descia com brusquidão.

Heithor me deu o seu sorriso mais safado e sugou os dedos melados, com a minha excitação, antes de lamber seus próprios lábios, como se provasse os resquícios de um doce saboroso. Ele fez o ato parecer tão erótico, que eu quase gozei somente com isso.

— Você é gostosa demais para o seu próprio bem — ele murmurou num tom excitado, a voz mais grossa e profunda. — Como eu quero te foder agora. É tanta vontade que sou capaz de vir na primeira

metida... Apenas te dobrar naquela poltrona e eu nem preciso tirar a calça para enfiar meu pau nessa buceta doce que tem. Eu sei que você gosta assim, duro e sujo...

Lambi meus lábios secos, ainda sem entender o que estava acontecendo. Meu corpo tinha entrado num estado de dormência prazerosa, apertando e puxando, causando-me desconforto.

Eu precisava gozar. Precisava dele nisso.

— O-o q-que?

Ele inclinou a cabeça e, em seguida, o calor de sua boca e aspereza de sua língua chicoteou o meu mamilo, chupando rudemente, mas tão logo ele me soltou e se apartou. Eu arquejei perdida.

—... Mas não vou, até que você esteja apertada o suficiente para me receber. Você transou com um merdinha ontem, e eu te disse que não serei mais um.

As palavras se afundaram em minha mente nublada e aos poucos a compreensão delas começou a pintar com clareza, fazendo meus olhos agigantarem incrédulos, apertados e irados.

A raiva ressurgiu das cinzas, duplicada.

Minhas mãos se fecharam em punhos apertados quando imaginei o seu pescoço entre elas.

Eu iria matá-lo!

— Os meus exames estão em sua cama. Leia. Logo marcarei a consulta para que nós dois possamos fazermos novos exames. — Pisquei, levando meu olhar aturdido para cama, onde estava um envelope branco. — Aproveite o restante de seu dia em casa e não faça nada que vá te colocar numa fria comigo. Minha paciência é quase nula — ele acrescentou se distanciando para a porta.

— Va al diavolo, suo figlio di puttana!

Cega de raiva, eu peguei um vaso que estava ao meu alcance e lancei contra ele, mas o maledetto já havia destrancado a porta e fechado-a atrás dele quando o objeto alcançou a madeira maciça, quebrando-se em mil pedacinhos, em seguida, chovendo estilhaços por toda parte.

Você é uma idiota. Ele te humilhou mais uma vez! Como pôde permitir isso, sua imbecil?

Sentia-me tão ultrajada. Estava possessa pela minha fraqueza. Sexualmente frustrada. Indignada por aquele cretino mexer tanto comigo, e eu permitir isso. Mas a culpa não era minha. Era desse meu corpo vagabundo, que não tinha um pingo de orgulho nem de amor próprio!

Peguei a maldita toalha no chão então segui para o banheiro para outro banho. Desta vez, gelado!

Capítulo 07

Quase uma semana havia se passado desde que as regras estúpidas nos foram empurradas goelas abaixo. Ele não estava brincando sobre ser um pau no cu. Não importava o quanto Pietra e eu implorávamos para tia Martha falar ao nosso favor, o cretino não abrandava nenhum pouco.

Martha estava com ele e contra nós.

Agora você vê, alguns dias atrás se me perguntassem qual dia da semana era o meu favorito, eu lhe responderia sem pestanejar, todos sem exceções. Simplesmente, porque todos eles sempre eram bons e comemorados a cada pôr do sol, quer seja com alguns amigos mais íntimos na própria mansão ou fora dela quando tia Martha queria cortar o nosso barato. Mas agora tudo era proibido.

Ele, com o apoio da tia, tinha acabado com a minha vida.

A America dos livres passou a existir somente para fora dos portões da mansão, para dentro vivíamos em Cuba, com direito a nosso próprio Fidel Castro.

Uma parte bem pequena de mim meio que entendia o lado dele, afinal, Pietra era sua irmã. Porém, eu não era nada sua para que aquelas regras chantagistas me incluíssem. Aliás, se tinha alguém que poderia mandar em mim aqui essa pessoa era Martha, não ele. Não que ela precisasse me manipular ou qualquer merda do gênero quando eu já podia amarrar o meu sapato sozinha.

Nossa rotina hoje era um verdadeiro inferno tedioso!

O motorista nos levava e buscava na UCLA. Se pelo menos ele fosse bonito, mas não, era um senhorzinho careca e bem rechonchudo. Isso sem contar com os dois brutamontes que ficavam respirando em nosso pescoço em todo campus. Eles só não entravam na sala conosco, porém se mantinham do lado de fora a nossa espera. Imagina o mico?

Essa merda toda era insana demais. Não tinha sentido. Não fazíamos mal a ninguém. Nossa vida poderia ser um pouco agitada, mas convenhamos, qualquer garota normal tinha uma vida social e animo de viver. E a minha estava em espera, graças ao grande cretino filho da puta!

Nós não deixávamos que a diversão interferisse em nossos estudos. Mesmo que fosse dose acordar de ressaca para ir a uma aula cedo ou ir da balada direto para a universidade. Mas, bem, você sabe. Nós apenas vivíamos. Coisa que ele e tia Martha pareciam não saber o que era.

Agora mesmo, eu tinha tempo de sobra para fazer nada. Exatamente nada.

Não era somente a minha rotina que tinha mudado como a da mansão também, que vire e mexe tinha a corja do ordinário circulando. Eu não tinha ninguém para falar além das paredes, uma vez que não estava muito feliz com tia Martha para puxar papo. Pietra estava em suas próprias coisas, ou seja, Nathan. Então o jeito foi enfiar a cabeça nos estudos e ler como uma viciada.

Heithor não contava, e eu dava tudo de mim para ignorar a presença dele. Também não era como se ele parecesse se importar muito se eu lhe dirigia a palavra ou não. Não que eu me importasse com a sua indiferença, embora por vezes tivesse percebido seu olhar se demorar mais sobre mim quando nos encontrávamos no jantar. Porém, cheguei à conclusão de aquilo ser coisa da minha cabeça por estar trancafiada naquelas paredes, porque *de fato* ele não me procurou nem uma vez.

Estava grata que ele tivera se esquecido daquela loucura de “você me pertence”, mas por outro lado isso me incomodava de uma maneira desconcertante. Afinal, ele era o meu carrasco e eu não poderia sentir a falta dele. Contudo, minha cabeça besuntada na merda parecia não entender isto.

A minha falta de nada para fazer era tamanha, que eu até mesmo tinha passado os olhos sobre os

exames que ele deixou na minha cama. Limpo. Bem, isso era uma coisa boa, afinal.

No entanto, eu odiava aquele homem por ser tão arrogante e destruir minha vida, e, me fazer desejá-lo ao mesmo tempo. Dio, eu o desprezava por me fazer sentir coisas estranhas quando ele estava por perto; por induzir meu corpo a reagir de forma vergonhosa quando estávamos no mesmo ambiente; por atormentar meus pensamentos e meus sonhos, fazendo-me acordar ofegante e necessitada dele. Mas, sobretudo, eu o desprezava por me fazer querê-lo perto quando estávamos longe.

Em sumo, eu o odiava em dobro!

E passei a odiá-lo mais numa tarde quando cheguei à mansão, depois de horas intermináveis aturando aqueles professores de merda na universidade. Meu humor já não era um dos melhores e com a ajuda de Heithor ficou pior ainda ao me deparar com a nova empregada, esfregando a bunda na cara dele enquanto ele fingia ler o jornal. O uniforme dela, se é que aquilo poderia ser chamado assim, era minúsculo, um pedaço de pano que mal cobria seus peitos falsos e suas pernas.

Armei um barraco, claro! A mansão não era ponto de vadias. Mas quando o cara é filho da puta, ele faz questão de expressar isso a cada oportunidade que surge, e ele não fez por menos.

Heithor ficou do lado dela e me humilhou na frente da vagabunda.

Não tinha sido exagero meu exigir que ele a demitisse. Uma mulherzinha daquelas e com o nome de Kate somente poderia ser uma vadia. Obviamente, sabia que tia Martha estava sobrecarregada com a chegada daqueles ordinários, afinal, antes deles éramos somente nós três, assim não necessitávamos de muitos empregados. Mas contratar uma vaca albina era demais!

Onde já se viu uma empregada cheia de intimidade com o patrão?

Era inadmissível!

Não duvidava em nada que aquela coisa mandada estivesse esquentando a cama do chefinho, por isso ele não aceitou demiti-la. Mas se ainda não, eu não iria permitir isso nem morta. Se eu não podia sair e me divertir, ele também não faria, pelo menos não debaixo deste teto.

Seja como for, eu não deixei aquela humilhação passar batido, nem Pietra, que odiou a contratação da vadia, claro que, por motivos diferentes dos meus.

Escolhi a lingerie com meticuloso cuidado. Era uma peça de renda francesa na cor preta com detalhes roxos. Por cima vesti um penhoar curto com uma leve transparência, que não iria esconder merda nenhuma. O cabelo eu deixei solto e o gerenciei um pouco selvagem, como se tivesse acabado de acordar. Encontrei Pietra no corredor e soltei um riso maquiavélico.

Eu não sabia qual de nós duas estava pior, mas no bom sentido.

— Está trepando com o Nathan?

— Ainda não. Mas logo chego lá — murmurou ela e piscou. — Está pronta?

Meu sorriso era maldoso.

— Como nunca estive.

Descemos a escada cheias de risinhos e segredos enquanto fingíamos estarmos alheia da corja de machos na sala. Tendo o cuidado de manter nossas atenções uma para outra, como se realmente não soubéssemos que eles estavam lá.

— Que porra é essa? — A voz de Heithor trovejou, o tom barítono furioso foi melodioso para os meus ouvidos.

— OH! — Nós duas exclamamos escandalizadas, piscando em assombro quando nos detivemos no meio da sala, dando-lhes uma visão privilegiada de nossos corpos.

— Madonna mia[33], nós não sabíamos que vocês estavam aqui — eu dissimulei. Heithor fechou as mãos em punho sobre as coxas, sua face contorcida em linhas furiosas. Sorri encabulada quando pisquei de maneira angelical e comecei a divagar. — Desculpem-nos pelos trajes, mas há quase um ano vivendo somente com mulheres na casa, sem termos de nos preocupar em deparar com qualquer

homem, bem, é um pouco confuso lembrar de que agora há homens aqui.

— Não vamos atrapalhá-los. Nós somente viemos pegar sorvete então deixaremos vocês em paz — disse Pietra tão dissimulada quanto eu e, em seguida, pegou a minha mão. — Vem Amada.

Ela me puxou para cozinha e eu fui balançando os quadris, sensualmente.

Fora do alcance deles, nós soltamos o riso que prendíamos, porém logo nos controlamos. Foi uma tarefa árdua já que eu me acabava de rir por dentro. Pegamos um pote de sorvete, duas colheres e um frasco de chantilly então regressamos a sala. Paramos distraídas ao redor deles.

— Servidos? — Pietra perguntou.

Adam, Eric e o outro negaram sem nos olhar. E de duas uma: ou Heithor tinha falado algo, uma ordem, por exemplo. Afinal, o tipo adorava ditar ordens. Ou eles eram três bananas.

Espremi uma boa quantidade de chantilly no dedo e suguei isso devagar.

— Vocês não têm nada para fazer? Talvez colocar algo decente? — Nathan sugeriu, num tom manso, mas seu rosto apertado numa sombra de fúria contida dizia outra coisa.

Embora a pergunta não fosse direcionada a mim, eu respondi, encolhendo os ombros.

— Já expliquei o porquê da roupa. E nós, infelizmente, não temos nada para fazer já que alguém *boicotou nossa diversão. A não ser que Heithor nos libere — arrastei a última parte, soando esperançosa ao dirigir meu olhar para o próprio.*

Claro que ele não iria fazer, todavia, eu tinha de manter meu show.

— Subam imediatamente — ele rosnou cada sílaba.

Demos os ombros e fizemos nosso caminho para a escada. Antes que eles nos perdessem de vista, eu me debrucei no corrimão da escada consciente do meu decote generoso e encarei Adam.

— Adam? — Ele me olhou. — No sábado eu estou livre. Você gostaria de sair comigo para jantar*? Eu conheço um bom restaurante em West Hollywood.*

Heithor, o grande ordinário, não o deixou responder.

— Vocês duas estão de castigo o final de semana inteiro.

Meus olhos cresceram.

— Isso é alguma piada?

— Não Srta. Vicenti. Vocês foram avisadas sobre terem esse tipo de comportamento. Agora subam, antes que eu mesmo as coloque em seus quartos.

Babaca. Cretino. Figlio di puttana.

— Tutto bene, Sr. Castellammare, — calmamente, eu disse e fixei em Adam. — Saímos no próximo final de semana Adam. E eu não aceito um não como resposta.

Fora um tiro no pé, mas ver o bastardo incomodado foi impagável. Depois choramos para Martha que o fizera voltar atrás. Infelizmente, não pude convencê-la a demitir a nova empregada, pois tinha sido Heithor a contratá-la e somente ele poderia demiti-la, palavras de Martha.

Eu odiava aquela talzinha. Ela era petulante e não aceitava as minhas ordens. Só por isso ela deveria ser escorraçada da mansão. Mas, claro, não aconteceu e eu decidi ignorá-la.

Sexta-feira chegou e eu não estava saindo. Isso porque Heithor tornou atrás no castigo, depois que Pietra e eu colocamos laxante no café dos nossos seguranças ainda na universidade e fugimos, retornando a mansão lá pelas tantas da madrugada.

Mas se querem saber, nem mesmo minha indignação por estar de castigo podia afetar o prazer que senti ao ver a cara do cretino quando chegamos à mansão.

Ele podia não admitir, porém tínhamos colocado-o para baixo com aquela escapadela.

Alguns minutos jogada na cama e eu já estava quase dormindo quando me movi incomodada, tendo a sensação de estar sendo observada. O que era loucura. A sensação não passou, no entanto. Entreabri os olhos sonolentos e levantei a cabeça para olhar para trás da posição que eu estava. Apenas a luz fraca do

abajur sobre a cômoda iluminava o quarto, mas fora suficiente para eu saber que tinha companhia. Enterrei o rosto no travesseiro, ignorando aquele ser odioso.

— Cacete, agora eu sei por que meu pau só faltou me matar sufocado todos esses dias. Esse seu traseiro empinado é uma visão, neném. Fico doido pra encher ele de palmadas. — Sua voz se aprofundou, e eu odiava admitir que ela me aqueceu. — Me manter afastado tem sido um tormento.

Eu não falaria com ele, porém suas palavras me fizeram fitá-lo com incredulidade.

Todos esses dias sem me procurar, e ele ainda tinha a cara de pau de dizer que sentia falta?

Não que eu quisesse, mas convenhamos, não havia muita lógica aí.

Dei a volta, sentando na cama com as pernas cruzadas e puxei o travesseiro sobre o meu colo e, em seguida, me arrependi. Aquele homem era uma visão sexy dos infernos, criada exclusivamente para me atormentar de todas as formas inaceitáveis. Traguei o ar profundamente, o movimento empurrando os bicos dos meus seios contra o tecido branco transparente da minha camisola.

Ele lambeu os lábios, e eu acompanhei o deslizar da sua língua, hipnotizada. Minha irritação diluindo um pouco quando uma inconveniente antecipação apertou a boca do meu estômago.

Cerrei os olhos e sacudi a cabeça, obrigando-me a raciocinar.

Eu o cobiçava, isso era certo, contudo, não podia deixar-me cair nesse poço profundo, novamente. Isso faria de mim uma fraca e meu pote de humilhações já estava cheio. Certo?

— O que está fazendo aqui Heithor?

— Eu senti a sua falta.

— Faça um favor para nós dois e me deixe em paz, sim? Não estou a fim de discutir hoje. Minha cota semanal já extrapolou todos os limites.

Seu sorriso foi perverso, cheio de segundas e terceiras intenções.

— E quem disse que quero brigar? — ele inquiriu, sua voz engrossando, baixa e sedutora.

Traguei saliva. Ansiedade se acumulou na minha barriga. Eu ignorei o calor morno nascendo no meio das minhas pernas e espalhando-se, como praga nas extremidades do meu corpo.

— Heithor, nós já fizemos isso. Já tivemos uma despedida e ficamos quites.

— Despedida?

— Algo assim.

Sua expressão ficou séria.

— Desta maneira, não valeu.

— Claro que valeu!

— Não, neném. Não valeu porque eu não sabia de nada, — ele começou a se mover devagar para cama, — e eu deveria estar consciente disso. É o justo.

Olhe só quem estava falando de justiça.

— Ti prego, pare com isso — murmurei sem muita certeza.

Ele não parou de avançar em minha direção até que seu calor, seu perfume e sua força me envolveram num abraço invisível, poderoso. Heithor sentou-se atrás de mim. Seu corpo próximo demais para que eu pudesse pensar com clareza e ter forças para fazer o que achava certo.

— Não posso neném. Eu não fiz outra coisa esses dias além de desejar você e contar os dias para tê-la de novo. Você é linda, Antonella, e tão fodidamente deliciosa. — Sua voz soava aveludada, com uma maciez incrível, sabotando meus sentidos. Seu peito aproximou-se das minhas costas quando ele continuou. — Eu estou no meu limite, não posso adiar mais. Eu preciso te comer.

Minha respiração saiu dos eixos quando senti seus lábios roçarem ao pé da minha orelha. Eu quis me afastar, mas ele não permitiu. Eu fiquei. Meu corpo não estava me respondendo mesmo.

— Quero minha boca na sua, no seu corpo. Quero chupar sua buceta até que você venha na minha boca, e depois, quero te fazer vir duro no meu pau. Vou te comer tão difícil e gostoso, que quando terminar com você, Antonella, não poderá pensar em outra coisa que não seja eu. Porra, baby. Eu quero te arruinar para

qualquer outro homem.

Sua mão deslizou para frente e seu próximo movimento fez meus dedos apertaram o travesseiro quando seus dedos beliscaram meu mamilo direito sobre o tecido fino da camisola.

— Essa será nossa despedida, Antonella.

Ele colheu meu cabelo para a lateral, e eu pendi a cabeça para o lado. Meu corpo traidor trabalhando para ele. A ponta da sua língua percorreu minha pele enviando calafrios pela minha espinha. Eu suspirei alto enquanto apertava os dedos no travesseiro.

— E-eu não sei — gaguejei fraca.

— Nós dois queremos isso. Pode negar, mas você sabe a verdade, precisamos disso — disse rouco, tecendo beijos molhados em meu pescoço. Mordeu a ponta da minha orelha e chupou, em seguida, acrescentou. — Somente mais uma vez, neném.

Subitamente, o ar a minha volta estava quente demais.

— V-você... você promete que depois me deixará em paz?

Eu tinha desistido. Não aditava lutar contra os meus desejos quando meu corpo ansiava pelo o dele com uma intensidade que me humilhava. Sua mão segurou o meu queixo com delicadeza, virando minha face para que eu pudesse olhar em seus olhos. Seu olhar era muito intenso e profundo.

— Duvido muito que você vá querer isso depois do que faremos aqui. Mas, se realmente desejar que eu me afaste, eu te dou minha palavra que não te procurarei mais.

Minha boca buscou a dele quando levantei a mão, meus dedos agarrando seu cabelo, puxando-o para baixo. O beijo veio duro. Crescendo com uma urgência vertiginosa. Lábios e línguas torcendo, provocando estalos sensuais. Enviando faíscas de antecipação para a minha barriga. Ele era doce e tinha os lábios mais macios que eu já tinha provado.

Heithor me soltou, separando nossas bocas quando ele me deslocou num rápido movimento, colocando-me em seu colo, de frente para ele, que estava sentado na beirada da cama. Eu agarrei seu cabelo quando voltamos a nos beijar fervorosamente. Suas mãos grandes cobriram a minha bunda, movendo-me, fazendo nossos sexos se chocarem sobre a barreira dos tecidos.

Ele estava ficando duro, e eu dolorida na lembrança de recebê-lo.

Gemi baixinho contra seus lábios e rasguei minha boca para o seu pescoço cheiroso, lambendo, beijando-o, arrastando os dentes contra sua pele bronzeada.

Ele gemeu um som rouco e grave, que me fez delirar.

Minhas mãos desceram agarrando sua camiseta e puxando para cima. Não queria nenhuma barreira impedindo-me de vê-lo. Heithor levantou os braços e terminou de tirar a peça.

Meu olhar desceu acompanhado de minhas mãos para o seu peito nu, seu abdômen. Decorando cada pedacinho seu nas pontas de meus dedos e em minha mente. Joguei meu escrutino para a sua face encontrando seus olhos escuros me observando. Meu coração acelerou.

— Nós temos de ser silenciosos — murmurei, sentindo meu sangue se acumular nas bochechas.

Seus lábios torceram, num sorriso torto que teve o meu cérebro desligado.

— Não se preocupe, my little bitch — disse ele, segurando o meu decote com ambas as mãos, e então, deu um puxão forte, rasgando a camisola de cima abaixo. Soltei um gritinho abafado e resfoleguei. — Adoro ouvir todos esses sons que você faz quando eu estou te comendo. É como música, uma sinfonia sensual composta somente para mim, neném. Quero tudo, sem inibições. Apenas você e eu. Ninguém além de mim irá ter esses barulhos sexies que faz quando está excitada.

Inutilmente, eu forcei meu cérebro a se religar enquanto Heithor se desfazia do que restou da minha camisola, deixando-me apenas de calcinha de renda azul.

Ele mirou dentro dos meus olhos, seu olhar era cheio de fome.

Em alguma parte da minha mente, uma luz se acendeu então meu olhar se estreitou quando compreendi o porquê de suas palavras. O maledetto tinha deixado Pietra sair!

Eu já estava mais que pronta para brigar com ele quando seus lábios atraíram um de meus mamilos para o calor de sua boca, distraindo-me de imediato com a umidade morna.

Enfiei os dedos em seus cabelos, as unhas arranhando seu couro cabeludo ao puxar a cabeça dele para mim, mantendo-o lá. Heithor chupava meu mamilo com reverência, como se sua vida dependesse daquelas sucções deliciosas, mordendo a ponta sensível no processo de retirada o suficiente para ter-me ofegante em seu colo. Ele se moveu para o outro logo alternando suas carícias entre eles. Dedos e boca fazendo um excelente trabalho.

Surpreendi-me pelo prazer que me tomou a partir daqueles bicos duros, enviando faíscas de excitação quente para a minha buceta. Eu nunca antes tinha sentindo tanto prazer com os meus peitos, ou talvez, fosse somente porque eu não tinha tido a boca certa sobre eles. Esta era uma área erógena nova e hipersensível. Uma descoberta deliciosa que eu estava apreciando muitíssimo.

— My little bitch gosta quando eu chupo assim?

Ele dedicou uma sucção mais forte, o som molhado do ato ecoando. Deixando-me acesa até a raiz dos cabelos. Eu vibrei em seus braços, empurrando meus seios para a sua boca.

— Ah, sim, ela gosta — ele murmurou, com um risinho.

Sua língua criminosa golpeou meu peito mais uma vez então sua boca subiu por meu colo, lambendo a linha da minha clavícula e tornou a subir por meu pescoço, maxilar.

Minhas mãos e boca agiram em sincronia, empurrando sua cabeça para trás, antes de a minha boca atropelar seus lábios firmes, num beijo que nem mesmo poderia ser chamado assim. Era carnal, obsceno, punitivo. Uma luta de lábios e línguas, querendo se estabelecer uma sobre a outra, dar e retirar o máximo de prazer que podíamos ter nesse momento. Era gostoso e excitante.

Eu sabia que era muito. Provavelmente, iríamos nos afogar. Mas eu não dava à mínima!

Eu tremia de desejo quando ele parou o beijo lascivo e, em seguida, com cuidado requintado, pressionou seu polegar em minha boca e empurrou o dedo grosso para dentro. Fechei os lábios em torno dele, observando de perto sua reação ao tragar seu dedo mais fundo, lambendo e chupando-o.

— Puta que pariu!

Sentindo-me poderosa, eu rebolei em seu colo, esfregando-me contra a sua ereção. O atrito rude do seu jeans fez meu clitóris doer e meus olhos reviraram de prazer, e eu o beijei de novo.

A pegada firme de sua posse em minha bunda acionou algo dentro de mim, que fez jatos de excitação começarem a empapar a minha calcinha. Tinha meus seios esmagados contra o seu peito largo. Pele a pele. Calor sobre calor. Dureza e maciez.

Eu estava molhada, dolorida e queria mais daquela agonia... Dele.

— Eu adoro o seu cheiro — ele disse quando arrastou o nariz por meu pescoço, segurando uma massa de meus cabelos em seu punho, fazendo-me inclinar a cabeça para o lado. Ele puxou uma respiração funda e seu fôlego bateu quente na minha pele quando ele exalou. — Você cheira a travessuras. Quente e suave. Boa para comer. Eu quero te comer, neném.

Suas palavras estilhaçaram sobre mim, alimentando o meu ego e excitação.

As mãos dele removeram-me, colocando-me de volta na cama, com um movimento fluído. Eu engoli o gemido insatisfeito pela perda de seu calor, olhando-o quando ele se levantou de pé ao lado da cama. Seu olhar nunca me abandonou enquanto ele se desfazia da calça e da cueca.

Ajoelhada sobre o colchão, eu apertei as mãos nas coxas quando seu pênis se revelou, empurrando duro e firme além de seu quadril. Ele era uma visão de encher os olhos e a boca d'água, e deixar uma buceta feliz. A luxúria solidificada num pedaço longo de carne dura, espessa e vermelha, com veias salientes sobre a pele fina. Foquei a inchada cabeça molhada com seu pré-gozo. Eu queria lambê-lo. Somente o pensamento empurrava minha língua em meus lábios.

Heithor segurou seu pau, correndo a mão em torno do comprimento.

Ansiedade pinicou meus dedos das mãos para tocá-lo. Eu suspirei, meus lábios oscilando um sorriso

alegre, como se estivesse prestes a ganhar o melhor doce de todos os tempos.

— Vê o que me faz Antonella? Estou assim desde que deixou a minha cama sem me dizer nada, como se eu fosse seu brinquedinho sexual e não te servisse mais. — Seu tom acusatório atraiu meus olhos para o seu rosto. — Sabe o que é carregar uma fodida ereção todos os dias, sem descanso e sem alívio? Porque não importa o que eu faça, meu pau exige você. Só você.

Estiquei a mão para tocá-lo, mas ele se afastou, com um olhar de advertência.

— E deixe-me te dizer isso. Dói. Irrita a merda fora de mim. É como ter algo me sufocando permanentemente sem que eu nada possa fazer. E você somente fez piorar.

— Io non...

— Você sim. Do momento que cheguei até hoje você tem sido uma menina muito levada. E sabe do que garotas safadas como você precisam? De um bom corretivo para aprender que não se deve enfrentar seu homem, aparecendo na frente dos amigos dele com um pedaço de pano de merda, que não faz nada esconder o *meu* corpo. Sobretudo, dar o que é meu para outro. Eu te disse que era minha, que não compartilho seja com quem for.

Oh, cara, se ele continuasse me dizendo aquelas coisas, com aquela expressão malvada e a voz sombria, eu iria entrar em combustão. Pular sobre ele e pegar o que eu queria era um bom plano.

Puxei uma respiração dura, reprimindo meu impulso quando disse:

— A culpa foi sua, que contratou uma troia para trabalhar aqui. — Não tinha a intenção de alterar meu tom, mas quando dei por mim já era tarde, a rudeza embalava a minha voz.

— Kate não é uma puta. Ela é uma boa moça.

Raiva estreitou o meu olhar.

— Então vá atrás da Srta. Pureza para ela te ajudar com o seu probleminha. Tenho certeza que ela estará muito feliz em te auxiliar.

Ele deu um risinho, e eu me senti uma idiota.

— Isso é para você, Antonella — disse ele, num tom manso. E acrescentou divertido. — Meu cacete é todo para a minha diaba com cara de anjo. Não entendeu isso ainda, my little bitch?

Sua declaração apagou minha súbita irritação.

— Oh, sim — murmurei, num sussurro baixo enquanto mirava seu pau com fome nos olhos, quero dizer, o *meu* pau, segundo Heithor. Eu poderia lidar com isso numa boa.

Ele esticou a mão livre, tocando o meu rosto, minha boca.

— Não, não entendeu neném. Mas juro que vai entender em breve. Não divido o que é meu, e não tenha dúvidas quanto a isso. Você é minha. Pertence-me. Não continue me enfrentando.

Suas palavras ficaram pulsando através de mim, porém eu não iria discutir isso agora.

— Podemos ir logo para a parte pervertida?

Ele riu.

— Minha neném está impaciente?

Levantei o olhar para ele, a necessidade explícita em minha face.

— Está me aborrecendo.

— Dê a volta — ordenou e instruiu, em seguida. — Fique sobre seus joelhos e suas mãos. Sua bunda na borda. Bochecha contra o colchão e sua bunda para o alto.

Eu mal conseguia respirar. Uma combinação de adrenalina, expectativa e excitação, deixando-me sem fala quando obedeci. Ouvi-o tragar uma respiração dura e sorri presunçosa.

— Nossa Senhora — ele ofegou, espalmando minha bunda —, você deveria ser proibida de usar calcinhas tão minúsculas, neném.

Amém a La Perla.

— Ti piace?

— Cacete, eu adoro. Estou tão duro com a visão que poderia gozar agora mesmo.

Sua mão desceu por minha bunda, acariciando as bochechas com movimentos brandos então subiu até o topo da minha calcinha e enfiou seu dedo sob o tecido delicado enterrado na fenda do meu traseiro, enganchando-o lá logo deslizou o dedo abaixo, lentamente, enquanto dizia:

— Só tem um probleminha. Esse pedacinho de pano sexy está me impedindo de ver a minha buceta. — Ele parou na altura do meu sexo e seu próximo movimento me fez soltar um gritinho quando ele puxou a peça, rasgando-a do meu corpo. — Agora sim. Perfeita.

Olhei para trás a tempo de vê-lo levar os frangalhos do que um dia foi uma calcinha até o nariz e cheirar isso. Seus olhos se fechando, brevemente. Ele fez um som rude. Eu chupei meu lábio, afundando a cabeça no colchão enquanto respirava devagar. Tentando me acalmar e falhando.

Meus mamilos estavam frisados com o desejo. Eu engasguei quando ele provocou minhas dobras abertas, mas não me penetrou. O calor da sua mão quente em contado com minha buceta, espalhando meus sucos, empurrou gemidos baixos além de meus lábios.

— Eu fico louco com a facilidade que você tem de ficar tão molhada sem eu sequer ter te tocado direito. Isso é para mim, Antonella? Ou é sensível assim para os outros que já teve?

— Sì.

Seus dedos pararam, pairando em minha entrada. Eu grunhi frustrada.

— Sim para mim? Ou sim para os outros?

— Per te — resmunguei entre dentes. — Agora não fique aí parado e use os dedos, a boca, o pênis, qualquer coisa, maledetto. Só faça algo e não me atormente.

Ele ignorou minha súplica moldada em uma ordem.

Seu dedo moveu, porém era para me atormentar. A ponta colheu minha lubrificação, levando-a acima, para o buraco proibido. Uma. Duas. Três vezes, até que senti aquela parte minha molhada.

— Você já fez aqui, Antonella? — ele perguntou, apertando a ponta de seu dedo em meu ânus, instigando-me sem penetrar. Eu neguei com a cabeça, sentindo-me tensa, de repente. — Bom. Vou gostar de ser o seu primeiro. Relaxe, eu não vou fazer nada hoje, se não, brincar com ele um pouquinho. Mas, definitivamente, muito em breve vou comer esse cuzinho doce que você tem.

Eu estremeci com as suas palavras. Embora não tivesse preconceitos com aquela parte, aquela era uma área proibida, que nunca antes tinha tentado brincar. E logo eu não sabia bem como administrar o desejo que despertou em meu interior para explorar lá. Heithor assumiu o controle.

— Agora relaxe, neném, e não lute contra mim — ordenou rouco quando a ponta pressionou meu buraco virgem, penetrando-o apertado.

Minha primeira reação foi me fechar em torno dele e correr para longe ao mesmo tempo, mas sua outra mão brincando com o meu clitóris, acalmou-me. Eu relaxei pouco a pouco, rendendo ao prazer novamente e deixando-o entrar um pouquinho mais.

— Porra, assim neném. Trabalhe comigo. É muito estreita aqui. Cacete, eu vou adorar comer esse cuzinho — grunhiu ele, escorregando o dedo por todo o caminho. — Vou fazer isso bem gostoso. Eu prometo. Vai doer um pouco, não vou mentir, mas depois você vai gostar.

A invasão era... diferente. Afiada. Um pouco dolorosa, mas havia algo de excitante.

Ele moveu o dedo, estirando meu buraco devagar, entrando e saindo com cuidado. Eu podia sentir meus nervos tentando resistir à invasão, porém seus dedos estimulando meu clitóris obrigavam-me a relaxar, gradativamente, até que estive completamente entregue.

Um segundo dedo sondou lá, mas antes que tivesse tempo de protestar ou sequer reagir, sua boca cravou em meu sexo, a língua endurecida me penetrando.

— Ai, cazzo!

Eu chorei, gemi e me contorci no prazer distinto, esquecendo-me de qualquer tensão. Unicamente podia sentir, possuída na aspereza de sua língua e de seus dedos me levando por trás.

Heithor era um cretino, um verdadeiro babaca, com o carimbo de autenticidade na bunda, entretanto, eu

não poderia acusá-lo de não saber comer uma mulher. Não apenas comer, mas saborear com uma maestria que somente um amante treinado poderia ter. Ele sabia o momento exato de levar-me ao limite e puxar-me de volta, até que eu estivesse zonza para fazer qualquer outra coisa que não fosse ficar lá, jogada, esperando ele terminar de se banquetear. Isso, embora pudesse parecer um pouco opressor, era algo que acariciava o ego de uma garota.

E, cara, eu tinha meu ego cheio, estufado ao limite.

Minhas pálpebras desceram pesadas. Os sons molhados de suas lambidas e sucções soavam eróticos aos meus ouvidos, agindo sobre mim como um chicote de fogo, estalando diretamente em meu ventre enquanto ele seguia me comendo com a boca. Seus dedos nunca pararam de bater dentro da minha bunda. Ele cuspiu na área seguidas vezes e, logo após, um terceiro entrou e eu chorei de dor/prazer. Sua mão em meu quadril manteve-me parada para receber seu castigo quando eu tentei me mexer. Meu orgasmo oscilava, construindo devagar, subindo, quase lá, mas Heithor de alguma forma o controlava.

Senti as pontas dos dedos dos pés e mãos formigarem. Eu respirava arfante. Queria o meu alívio, porém queria Heithor, também. Queria dar a ele o mesmo prazer que ele estava me proporcionando.

Sua boca profana e seus dedos me deixaram, de repente. Eu gemi frustrada enquanto tomava um par de respirações então empurrei as pálpebras abertas, buscando sua figura atrás de mim. Seu semblante estava enrugado com a fome crua, perigosa, que sentia arder em seu olhar negro.

Armei-me de forças e movi, sentando-me.

— Eu... eu quero te chupar — murmurei num fôlego só. — Deite-se.

Para a minha surpresa, ele me obedeceu.

Eu segurei seu pau pulsante, correndo a palma sobre ele e engatinhei acima por seu corpo. Seus olhos sagazes me seguiram. Inclinei a cabeça, subindo beijos e lambidas desde a sua barriga até sua boca. Saboreei meu próprio gosto em sua língua enquanto suas mãos apertavam minha pele. O beijo foi breve, mas quente o suficiente para incendiar uma casa. Deixei sua boca, refazendo o caminho de volta, propositalmente, permitindo que meus mamilos raspassem contra sua pele.

Eu estava indo para ter a cabeça do pênis quando ele demandou:

— Traga seu traseiro para cima Antonella, e abra as pernas para mim. Eu quero a minha língua na sua buceta quando você gozar na minha cara.

Tomei meu tempo para me mover sobre ele, balançando minhas pernas cada uma ao lado de seu peito. Seus braços se dobraram em minhas coxas, puxando-me mais acima até que minha vagina esteve pairando sobre seu rosto, seu fôlego áspero aquecendo minhas dobras inchadas.

— Jesus, neném, até o cheiro da sua excitação é gostoso — ele grunhiu. — Você cheira como minha. Toda rosa e brilhante. Gulosa por um pau. Sexy pra caralho!

Envaidecida, joguei o cabelo para o lado e espalmei a mão livre contra o colchão então segurei seu membro, deslizando a palma em torno dele. Seus dedos separaram minhas dobras, e então, nos movemos em sincronia. Meus lábios se fecharam sobre a cabeça vermelha de seu pênis e a ponta de sua língua varreu a minha fenda desde a entrada da minha buceta até meu clitóris. Meu quadril empurrou e se contraiu, mas Heithor agarrou-me mais apertado, mantendo-me para a sua boca.

Gemi ao seu redor e seu pau pulsou na minha boca.

Eu comecei a chupá-lo, lambendo, saboreando, deslizando a língua em torno de seu comprimento. Minha mão alternando os movimentos com a minha boca, subindo quando meus lábios desciam. Relaxei a garganta, tragando para dentro o máximo dele que eu podia. Os sons eróticos de nossas sucções alimentaram nossa excitação. Eu estava vazando em sua boca.

Sua língua encontrou meu clitóris e explorou-o lentamente e, em seguida, tragou-o entre seus lábios enquanto usava a ponta da língua para dar golpezinhos. O quadril dele começou a empurrar o pênis dentro da minha boca enquanto eu balançava o meu próprio contra a sua, montando-o numa paixão desenfreada. Eu ofegava, gemendo em torno dele. Meu coração martelando em meu peito.

Foi um segundo antes de eu registrar seu dedo tornar a sondar meu traseiro, provocando e rodeando. Ele inseriu a ponta sem encontrar muita resistência e a deixou lá, apenas pressionando.

Estava difícil manter meu foco no que eu estava fazendo quando sentia um mar de sensações prazerosas embalarem-me a partir dos pontos que ele me tocava.

Ele me comeu até que um frenesi se apossou do meu quadril.

Heithor me chupou mais forte. Mais e mais. Então tudo se tornou um borrão de sons e sensações, e eu explodi como um quatro de Julho, gemendo alto enquanto derretia meu prazer em seus lábios.

Ele me derrubou de costas sobre a cama, invertendo meu corpo e me montou. As minhas pernas eram gelatinas, se espalhando para os lados para acomodar seu quadril.

Meu corpo ainda tremia sob o efeito dos últimos espasmos do orgasmo quando em alguma parte do meu cérebro pulverizado registrei a sensação de pressão da ponta de seu pênis na entrada da minha vagina, e no outro segundo, meu canal foi estirado ao máximo quando ele bateu dentro de mim, alojando-se nas profundezas do meu corpo. Ardeu, doeu e foi perturbadoramente prazeroso. A sensação dele em meu interior era avassaladora. Sentia-me plena. Completamente. Estava tão apertada em torno dele que doía, porém não o estava repelindo, senão tentando tragá-lo mais fundo.

— Coloque as mãos acima de sua cabeça, contra a cabeceira da cama.

Minha buceta pulsou e umedeceu mais em reação. A paixão a cada segundo mais quente queimou em meus olhos. Elevei os braços e espalmei as mãos contra a cabeceira, como ele pediu.

Heithor ergueu-se e, em seguida, deslizou as mãos por baixo da minha bunda, segurando-me, e entrou mais, plantando-se no fundo. Gememos juntos, nossos sons se misturando, criando uma sinfonia harmônica carregada de erotismo, e eu não resisti a fechar os olhos.

— Não feche os olhos para mim — ele disse, agressivamente. — Mantenha os olhos abertos, neném. Quero que veja tudo que vou fazer com você. Quero ver seus olhos marrons bonitos quando gozar para mim para que saiba quem é que está te comendo e te dando prazer.

Meus olhos estalaram abertos, e eu mal pude respirar quando ele olhou para baixo, seu semblante feroz ao observar seu pau deslizando para dentro e fora da minha buceta num ritmo regular.

Ele varreu as mãos para as minhas coxas, colocando-as em volta de seu quadril, e eu o enlacei trancando os tornozelos em suas costas, abrindo-me ainda mais. Completamente acessível a ele.

Suas estocadas eram fortes, rápidas e profundas. Heithor me comeu tantas e tantas vezes, alternando o ritmo, enlouquecendo-me devagar. Sem perder o ritmo, ele desceu apoiando o peso em seus braços ao lado da minha cabeça e sua boca tomou a minha, num beijo voluptuoso.

— Que delícia, neném. Você é apertadinha como uma virgenzinha — duramente, ele disse rente aos meus lábios. — Sinto meu pau doer dentro dessa bucetinha de tão apertada que é.

Ele se deslocou sugando meus mamilos e eu me curvei, oferecendo-me.

— Oh, merda, sim!

Minhas mãos corriam por suas costas, sentindo a força de seus músculos tencionarem nas pontas dos meus dedos a cada vai-e-vem de seus quadris. Eu sorri, deleitando-me com as marcações que minhas unhas faziam em sua pele, sabendo que ao final ele carregaria a minha marca por dias.

— Quero te comer toda. Quero te comer a noite inteira, — ele rosnou quando sua boca lasciva subiu e maltratou meu pescoço. — Quero amanhecer com meu pau enterrado em você.

— Sim, sim, sim! Me come, vadio. Você fode tão gostoso... Mmm...

— Essa buceta é minha, Antonella.

Ele diminuiu o ritmo.

— Não assim, — ralhei querendo mais.

— Diga, Antonella. Diga que ela é minha.

— Ela é sua.

Heithor meteu tudo, até o talo e parou, fixando-me.

— Me diga as palavras.

Eu xinguei.

— Minha buceta é sua, Heithor... E seu pau é meu.

Ele recomeçou os movimentos empurrando mais duro, aumentando o ritmo.

— Porra, ele é todo seu, my little bitch.

Meu corpo se contorceu em baixo dele. Cada vez mais perdida na paixão escura que me abraçava, desci as mãos apertando sua bunda, incentivando-o a ir mais rápido, até que não pudesse respirar. Estava louca, desvairada, desesperada pela sensação de ter seu pau acariciando-me internamente. Era tão bom. Tão gostoso.

Heithor me comia como um animal. Eu amava isso.

— Não para, seu puto. É tão bom — chorei, sentindo meus olhos queimarem. — Ti prego, gostoso, não para... Ah, merda, me dê mais. Dê-me tudo filho da puta. Mais rápido!

Ele se apoiou nos cotovelos e me encarou.

— Cacete, não vou parar nunca. É deliciosa, neném.

Senti seu pau deslizar fora até a ponta pairar na borda da entrada da minha buceta então ele impulsionou de volta com força, ainda assim cuidadoso, mas suficiente para me fazer gritar seu nome. Ele refez o movimento mais algumas vezes, com estocadas rápidas e rasas. Algumas vezes rebolando o pênis dentro de mim no processo de entrada, como se quisesse me alargar.

Seus olhos turvos de prazer nunca me abandonaram, deixando-me saber o quanto ele estava apreciando aquele momento. Eu adorei aquela exposição sem receios.

Heithor mudou o ângulo de suas apunhaladas, levando seu peso sobre meu broto sensível, construindo meu orgasmo junto com o dele. Eu puxei e me agarrei a ele com um selvagem abandono que nunca me permiti sentir antes. Mas este era o meu dia, minha chance de experimentar algo completamente devastador, e pretendia apreciar cada minuto dela. Seu ritmo hesitou então cresceu mais rápido e mais frenético até que eu não tive como acompanhá-lo. Somente podia me segurar nele e me deliciar, com a fúria e o frenesi que sentia se desprender dele para mim enquanto marcava meus lábios em seu pescoço.

— Oh, merda! Sim, Heithor, assim. Continue me fodendo.

Tudo se voltou uma confusão de movimentos; mãos e bocas afoitas. Uma espiral de fogo desordenada cresceu dentro de mim, ganhando força a cada batida de coração. Minhas paredes internas latejavam em volta do seu pênis, apertando-o firme. Mais e mais difícil, ele me comeu até que eu estava com as pernas tremendo e meus dedos se enrolando numa força invisível.

— Merda! Eu vou gozar na cabecinha do seu pau. Me fode! Cazzo!

— Goza com o seu homem, baby... Caralho...

Heithor passou a me bombear com uma rapidez descomunal. Sem retenção, sem misericórdia. E eu chorei de prazer, sentindo-o crescer em meu interior, impossivelmente maior.

Os sons molhados, o ranger da cama se misturando aos nossos gemidos enquanto ele pressionava o meu corpo contra o colchão apenas serviu para persuadir-me ao abandono do orgasmo, que caiu sobre mim com tamanha força que sequer pude respirar. O quarto deu voltas. Eu senti, apertada a ele com todas as minhas forças enquanto minhas costas curvavam com violência. Meus olhos brilharam e reviravam na sensação delirante. Tudo tremeu então estilhaçou em mil pedaços.

— Caralho, caralho, caralho... — Ele rosnou, com impulsos firmes e pausados de seu quadril quando jorros abundantes de seu gozo me encheram, segundos depois.

Heithor estava cravado em mim. Sua força explícita em cada músculo tenso marcando sob sua pele quando observei ele se perder no próprio prazer, jogando a cabeça para trás. Aquela era uma imagem tão malditamente sensual. Muito bonito, que não pude desprender os olhos dele.

Ele era excitante. Todo um tesão, realmente.

Sua cabeça desceu, e ele beijou-me e surpreendeu por sua suavidade quando deslizou sua língua na

minha, acariciando-a com calma e sugou sem pressa, mordiscando meu lábio de leve.

Ele não saiu de mim, ainda estava duro como uma rocha.

Sustentando a maior parte do seu peso nos braços, ele mordiscou minha orelha.

— Está pronta o segundo round, neném?

Capítulo 08

Semanas depois

Minha rotina tinha mudado novamente, com a diferença de que desta vez a mudança veio com algumas vantagens, mas a linha que separava o agradável do desagradável era muito tênue.

Thor passou a dormir todas as noites em meu quarto, quero dizer, dormir era a última coisa que fazíamos. Sono era algo que apenas nos lembrávamos quando caíamos esgotados e suarentos. Ele e eu também tínhamos feito os exames na clínica para que pudéssemos foder sem preocupação.

Eu não queria isso. Thor era o meu carrasco, quero dizer, isso fazia da minha atração por ele antinatural, não? Contudo, eu tinha lhe dado a minha palavra de que faria o que ele quisesse naquela manhã seguinte que Pietra atrapalhou nossa foda e eu tive de escondê-lo. E, bem, ele quis a mim.

Eu não estava reclamando, para ser honesta.

Despertar com ele tinha se provado ser algo totalmente novo, estranho e divertido até quando por vezes Pietra quase nos pegou no flagra, e devido a isso Thor conhecia bem o meu closet. O que me trouxe algumas dores de cabeça, pois o maledetto queria jogar fora um monte de roupas minhas e, de fato, até chegou a fazê-lo. Isso rendeu uma briga feia e eu o deixei de castigo por um dia. Foi idiota, porque eu também acabei me punindo. Mas ele não podia chegar e simplesmente jogar minhas coisas fora. No fim, fizemos as pazes e ele me liberou seu cartão, que eu usei na Rodeo Drive[37] sem piedade e sem culpa.

O tipo irritava o inferno dentro de mim; excitava outro.

Thor e eu, na realidade, tínhamos sido tesão à primeira vista.

Ele era sexy, avassalador e sabia disso, pior, era consciente do quanto o seu jeito todo mandão e ordinário de ser me enfeitiçava nas duas extremidades opostas.

Ele e eu não tínhamos uma relação, senão um acordo. Sexo. Um sexo espetacular.

Ele era meu segredo sujo.

Bem, eu poderia estar indo contra todas as minhas regras ao ceder a ele, porém também tinha aprendido a tirar vantagens de nossa atração. Se eu quisesse algo dele, eu só conseguiria na cama enquanto fodíamos. Um bom molejo de quadril podia até mesmo dobrar um homem mandão como Thor. Era uma tática boa. Com isso consegui me livrar do motorista, dos seguranças (em partes) e da vagabunda disfarçada de empregada. Já as saídas seguiam monitoradas, porque o senhor-fodão-pica-das-galáxias se achava no direito de nos controlar. Porém, eu não iria desistir tão fácil, sabia que aquele era um trabalho que deveria ser feito aos poucos, bem lentamente.

Pietra tinha muito a me agradecer. Talvez devesse usar isso a meu favor quando jogasse a merda no ventilador, pensei. Afinal de contas, graças a mim os seus encontros com Nathan fora da mansão se tornaram mais fáceis quando ele cedeu à tentação.

Norah era outra coisa. Ela não estava na mansão todos os dias, mas quando estava, ela se trancava com o puto por horas. O que eles faziam, só Dio sabia, se bem que não era difícil imaginar o jogo que eles jogavam a portas fechadas. Isso não me incomodou de início, porém na terceira vez, comecei a me chatear. Não era ciúmes, não mesmo! Mas eu não estava indo ser trouxa de ninguém. Se ele queria um harém, eu também tinha direito ao meu próprio. Thor logo saberia disso.

Pietra e eu decidimos reinaugurar nossas reuniões sociais na mansão no sábado, com uma festinha simples. Obviamente, o ditador não apreciou a ideia, mas trato era trato.

Martha tinha saído para o mercado com a nova empregada, Lupe, uma senhora minúscula e muito

agradável. Pietra tinha dado seu perdido usual com Nathan, com a desculpa de ter de acertar os valores com o fornecedor do champanhe, que seria servido à noite.

Heithor?

Deste ordinário eu não tinha notícias desde que acordei.

Deitada no sofá, eu acomodei os tornozelos sobre o respaldo e abri meu livro, A Divina Comédia[38], e comecei a ler o segundo canto de Inferno. Uma inspiração do caralho para o meu próprio canto. Um sorriso diabólico curvou meus lábios com as possibilidades.

— Você é uma diaba provocadora mesmo.

A voz grossa vibrou ao meu redor páginas mais tarde.

Abaixei o livro e plantei meu olhar severo na sua cara de pau.

— Onde você estava?

A sobrancelha dele disparou para cima, espanto e diversão brincando em sua cara por meu tom irritado então ele se aproximou e, em seguida, se sentou, puxando meus pés para o seu colo.

— Bem aqui — respondeu tranquilo.

Eu tentei inutilmente deter meu risinho irritado.

— Qual a piada?

— Você acha que eu sou idiota? Você estava com aquela vadia oxigenada, imbecil!

Ele não se alterou ante minha explosão e começou a massagear meus pés. Um sorriso leve curvava as esquinas de seus lábios. Lentamente, eu respirei profundo, controlando a onda súbita de raiva chiando dentro de mim. O sentimento de injustiça dificultou meu trabalho, no entanto.

— Ciumenta?

— Em seus sonhos.

— Então, por que está estressada?

— Eu não estou estressada. Só não gosto de ser feita de idiota.

— E eu estou fazendo isso com você?

— O que você acha, oh, grande gênio? É óbvio que sim! Se eu tenho que ficar presa a você, porque você acha que deve controlar o mundo...

— Eu não a obrigo a ficar presa a mim, Ella. Talvez eu esteja sendo um pouco protetor com você, mas não disse que você não pode sair. Você sabe as regras.

— Opressor, você quer dizer?

Ele deu os ombros.

— É uma maneira de ver as coisas. Mas não pode me culpar por cuidar de você, além do quê, é como eu disse. Você não é proibida de sair, temos regras, e desde que cumpra a sua parte, você é livre para ir aonde queira. Obviamente, não aos lugares que te colocam em risco.

— Você é um cretino, sabe disso, não?

Seu sorriso alargou.

— Como poderia quando você se mostra tão determinada a não me deixar esquecer esses apelidinhos carinhosos que me dá?

— Da mesma forma que você se mostra tão digno de recebê-los, não é assim?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, sua expressão era severa enquanto me olhava.

— Por que estamos discutindo?

— Quer que comece a listar? Pode levar a tarde toda, se não o dia inteiro e ainda assim eu não terei terminado. — Pausei, tragando uma lufada de ar e acrescentei direta. — Não acho justo que eu tenha de ficar presa aqui... Presa, sim. Porque você sempre dá um jeito para eu não dar um passo sem que você esteja por perto enquanto você desfila por aí com a puttana oxigenada.

— Neném, você tem uma imaginação incrível — disse risonho, mas ficou sério quando percebeu que eu não estava achando graça alguma. — Eu realmente não sei por que você está tão irritada comigo.

Estive aqui o tempo todo, na sala de estudos. Sozinho. Então tire essa ideia boba de eu estar com Norah e, por favor, não fale assim dela.

— Está defendendo ela?

— Só estou dizendo que ela não merece ser tratada desta maneira depreciativa.

— Realmente. Ela não deve, mas você sim. Ela é uma porca troia por ficar farejando em torno de você feito uma cadela no cio, e você é um babaca garanhão que não pode manter suas calças fechadas. Ou seja, são farinha do mesmo saco.

— Isso tudo porque você acha que estou mentindo para você e estava com Norah?

— Isso é porque você está *fodendo* ela — corrigi ácida.

— Eu não estou comendo ela.

— Quer saber? Non m'importa. Você pode comer ela e quantas mais você quiser. — Algo em mim, muito distante e fraco, protestou. Levantei-me e fixei o olhar irado em seu rosto. — E sabe o quê mais? Esta é uma via de mão dupla. Preste bem atenção, Heithor, eu não gosto de ser usada e gosto menos ainda de ser feita de estúpida. Tenha isso em mente.

Aprumei meus ombros com todo orgulho que possuía e avancei pronta para fazer minha saída triunfal, e deixá-lo lá, com a sua cara de azedume. Entretanto, o homem gostava de me irritar, pegando-me quando passei por ele. Suas mãos eram como aço em meu quadril. Ele me virou e puxou com um movimento firme. Eu caí em seu colo, sentada de frente para ele.

— Me solta, seu babaca! — grunhi com a voz elevada, debatendo-me contra ele.

— Você não vai a lugar algum, Antonella.

— O diabo que não vou!

— Basta de birra — ele ordenou, agressivamente.

Uma fração de segundo depois meu punho esquerdo fez contato com a sua testa.

— Mas que droga! — Thor segurou ambos os meus pulsos e me subjugou com a sua força, prendendo meus braços atrás das minhas costas. — Se parar de dar esses golpes violentos na minha cabeça acho que poderemos esclarecer essa baboseira toda!

— Me solta.

— Nem pensar. Temos de conversar, e acho que vamos fazer isso com mais facilidade se meu cérebro permanecer intacto. — Sua voz abaixou para um tom de censura leve. Sua cabeça sacudiu ligeiramente e seu olhar cerrou sobre o meu, espantado e com um quê de diversão. — Para uma garota, você tem a porra de um bom soco, neném. Aonde aprendeu a socar assim?

— Eu faço Kickboxing. E se não me soltar vai ver que não é somente meu soco que é bom.

Eu me contorci novamente, mas ele não cedeu. Bufei e fiquei imóvel ao perceber que eu não sairia de lá até que ele permitisse. Por uma fração de um segundo eu pensei que estava sendo histérica sem razão, mas em outra fração percebi que eu tinha toda a razão de estar irritada com ele.

— Por que não para com essa birrinha e se comporta?

— Me comportar? Me comportar! Quer dizer que além de tentar ser conivente a sua manipulação, eu também devo ser conivente a ser usada? E não diga que eu estou pirando. Aquela puttana não estaria cercando o homem de outra se você não desse motivo a ela, cacete!

— Hum... Então eu tenho dona? E quem seria ela?

Eu travei no mesmo instante, dando-me conta do equivoco das minhas palavras. O calor da raiva enrubescendo meu rosto foi substituído pelo embaraço.

— Eu não quis dizer isso.

Ele suspirou.

— Escute, eu não posso permitir que você continue se arriscando por pura irresponsabilidade e com isso Martha levar a culpa. Sua família não se importará se você é a rebelde, senão que você estava sob os cuidados dela, se algo de ruim acontecer a você. Acha que é justo ela ser julgada por uma merda sua?

— Eu não respondi. Ele assentiu e prosseguiu. — Não sei como chegou à conclusão de que estou te usando, mas isso não está acontecendo. Nós dois apreciamos nosso tempo junto, temos uma química do caralho, amo estar dentro do seu corpo, e você gosta também. Nunca te forcei e, por Deus, que nunca precisei forçar mulher alguma a me aceitar em sua cama. Persuadir você? Sim, eu fiz. Mas não é crime lutar por uma garota que eu desejo e me deseja por igual.

— Solte meus pulsos. Está me machucando.

— Vai tentar me bater de novo?

— Eu não tentei, bati. Mas não, não vou bater em sua grande cabeça. — E acrescentei. — É provável que piore ao invés de melhorar então não precisa ter medo.

— Se *tentar* me bater de novo, vou te colocar sobre os meus joelhos e deixar esse seu traseiro bonito num tom de vermelho de dar inveja ao tomate.

— Você não acabou de ameaçar me bater, não é?

— Sim, eu fiz.

Um arrepio atravessou a minha coluna. Não medo; excitação. Eu tinha aprendido que o cretino honrava sua palavra e sabia também que ele não me machucaria. Suas picadas sempre me causavam prazer. Ele afrouxou, mas não soltou meus pulsos de imediato, massageando-os.

— Eu não estou comendo Norah, juro a você.

O protesto brilhou em meus olhos, porém antes que chegasse aos meus lábios sua boca se apertou contra a minha. Eu apertei as mãos contra seus ombros, tentando afastá-lo, porém ele não cedeu, beijando-me com maior fervor. Sua língua deslizava sobre a comissura de meus lábios, empurrando, persuadindo-me a abrir a boca. Gemendo contra seus lábios, eu cedi respondendo ao beijo com entusiasmo. E minhas mãos que antes tentava inutilmente afastá-lo, agora, eram desesperadas sobre ele. Essa era nossa química, forte e irrecusável.

— E se interessa saber, eu não me importaria nenhum pouco se você fosse a minha dona, Antonella, — disse ele, com a voz enrouquecida ao pé da minha orelha quando parou o beijo.

Meu coração saltou, e eu levantei a cabeça mirando a sua face num misto de confusão e espanto. Ele piscou para mim, com aquele sorriso bobo que me hipnotizava.

— Eu preciso resolver algo — murmurei quase sussurrando.

Joguei o olhar para longe do seu rosto e tentei sair do seu colo. Ele não me permitiu ir. Seus dedos tocaram meu queixo, obrigando-me a fitá-lo. Não havia mais vestígios de diversão em sua face, ele estava sério assim como os seus olhos. E eu muito encabulada.

— Eu realmente gosto de você, Ella. E seria muito bom se você sentisse o mesmo.

Pisquei várias vezes.

— Io... io...

As palavras sumiram da minha mente. Afinal, o que eu falaria?

— Não precisa dizer nada, querida. — Ele suavizou para mim. — E não se preocupe com qualquer outra mulher. Não sei como faz o que faz, mas arruinou-me para as outras.

Capítulo 09

Fiz a única coisa que poderia fazer naquele momento. Beijei-o. Apertei meus lábios nos seus com urgência súbita, quase o engolindo. Thor me respondeu com a mesma urgência crua, empurrando sua língua dentro da minha boca, chupando minha língua. Logo a urgência e o desejo cresceram latentes, e então, éramos todos dedos um sobre o outro.

Seu pênis engrossou sob mim empurrando contra meu sexo em ponto de bala.

— Está usando?

Quando não respondi, ele segurou um punhado do meu cabelo e puxou, obrigando-me a fitá-lo nos olhos. Nossos rostos ainda próximos de tal maneira, que podíamos sentir na pele o calor das nossas respirações pesadas. A sombra de luxúria escurecia suas feições.

Ele desviou o olhar por um breve momento, tocando o colar em meu pescoço e soltou um suspiro de satisfação enquanto sorria de leve então me fitou nos olhos, novamente.

— Eu adoro a maneira que seus olhos escurecem e suas pupilas dilatam quando você está excitada, neném. Eles não te deixam esconder sua necessidade de mim. Isso é sexy pra caralho.

— Os seus também ficam assim.

Ele sorriu e correu a língua por meus lábios.

— Sim, mas eu não tento esconder meu desejo por você. — Havia uma leve censura em seu tom baixo então ele acrescentou. — Agora me responda. Está usando?

Calor afogueou minhas bochechas. Semanas atrás quando ele disse que traria algo para mim, aliás, para *nós*, eu não fazia ideia do que era. E com certeza um plug anal era uma hipótese inexistente, até eu, muito animada com o presente, abrir um dos pacotes todo trabalhado.

Quem dá a merda de um plug anal de presente para outra pessoa? E não apenas um, mas um de diferente tamanho a cada semana?

Certamente, um louco desvairado.

Tinha ficado sem palavras, e logo nervosa, querendo socar aquilo na bunda dele. Não tinha nada contra brinquedos sexuais, até tinha alguns, porém aquilo era uma tremenda sacanagem.

O negócio incomodava, sem falar no medo do caralho que tinha daquilo cair quando andasse, porque o cretino não se contentou apenas por usá-lo em mim quando estávamos juntos, ele queria que eu usasse o brinquedo por um bom período durante o dia para, segundo suas palavras, preparar-me para ele. Okay. Eu tinha de dar isso a ele. Não era assim de todo ruim, principalmente, quando ao final aqueles brinquedos seriam substituídos por seu pênis. E, bem, eu meio que queria isso.

O segundo pacote amenizou as coisas quando o abri para descobrir uma caixa da Piaget. Eu tinha que admitir, o ordinário era inteligente. Ele, talvez, tenha previsto que precisaria de algo bom o suficiente para abrandar a minha chateação pelo primeiro pacote.

Afinal, qual garota não gostava de ganhar uma joia?

Eu adorava. Fora só uma fração de segundos para a minha irritação diluir quando me deparei com uma corrente fina em ouro amarelo, com um pingente de dois elos entrelaçados. Um menor circundado por diamantes e o outro liso, também em ouro amarelo. Era simples e linda.

— Antonella, responda-me — disse ele, agravando seu tom autoritário.

Umedeci os lábios, voltando minha atenção para ele.

— Não, — sussurrei com uma exalação pesada. Sua expressão apertou, contrariada. Eu acrescentei

rapidamente. — Já usei a semana toda. Quero ficar *livre* hoje.

— Tudo bem. Mas a noite irá dormir com ele e amanhã trocaremos por um maior. — Fiz uma careta. — Não faça essa cara, neném. Será o último antes de eu comer seu cuzinho, e eu não quero te machucar. Precisa estar pronta para o meu pênis.

Meu sexo fisgou com sua crueza. Eu o beijei novamente. Suas mãos em meu quadril impulsionaram meu corpo com força sobre o dele quando rebolei em seu colo, friccionando nossos sexos. Sua boca rasgou para o lado e abaixo, aplicando beijos quentes e molhados em meu pescoço, que nublaram minha mente e em poucos minutos me fizeram arder de desejo.

— Eu quero você agora, Heithor. — Não reconheci a urgência em minha voz, o desespero para tê-lo fundido a mim era grande. Ele fez menção de se levantar. — Não. Aqui. Rápido e duro.

— Sem preliminares?

— Uhum.

Levei as mãos até seu short, fazendo o meu melhor para abri-lo e quando consegui seu pau saltou livre. Duro e pulsante. Minha boca salivou para tê-lo quando apertei os dedos em torno dele, mas primeiro eu precisava aliviar aquele fogo que me consumia, alagando minha vagina com tesão, do contrário, eu enlouqueceria. Thor infiltrou a mão por debaixo da minha saia, afastando minha calcinha para o lado e, em seguida, deslizou o dedo por minhas dobras.

— Meu Deus — grunhiu. — Sempre tão molhada, neném.

— Só para você, Thor.

Guiei a cabeça brilhante, besuntando-a em minhas dobras úmidas, e então, a encaixei em minha entrada e soltei o quadril ao mesmo tempo em que Thor impulsionava o dele para cima. Nossas bocas se enroscaram, bebendo os gemidos um do outro. Nunca iria me acostumar com a sensação de estar cheia dele, rodeada por todos os lados, dentro e fora. Era incrível e aterrador ao mesmo tempo. Segurando em seus ombros, eu busquei apoio para alavancar os meus movimentos então comecei a montá-lo, num selvagem abandono. Levando-o mais fundo.

— Mmmm... que delícia safado.

— Assim, neném, me fode desse jeito. Lento e suave — disse ele, com luxúria e aprovação em sua voz. — Cacete. Essa apertada que você dá no meu pau é incrível, baby.

Ele deixou uma mão em meu quadril, ajudando-me nos movimentos, e com a outra subiu a bainha da minha blusa, expondo meus seios pesados. Eu agradeci em silêncio por não ter colocado soutien quando sua boca capturou o meu mamilo, chupando e lambendo a ponta rígida.

Ele trabalhou para me enlouquecer. Não havia pensamentos em minha cabeça, apenas a ansiedade de saciar meu desejo. O orgasmo se construindo rapidamente...

— Vem vadio. Eu quero você em cima de mim — pedi num tom manhoso, puxando-o descuidada. — Quero sentir o peso do meu homem sobre mim enquanto me fode bem gostoso.

No instante que ele apertou minha bunda, eu tive certeza que seus dedos ficaram tatuados lá.

— Porra, baby. Tudo que você quiser.

Ele inverteu nossa posição e eu enlacei minhas pernas em sua cintura. Minhas mãos apertavam, arranhando suas costas largas e musculosas sob a camisa. Nossos gemidos aumentaram. Ele metia cada vez mais rápido, mais fundo. Minha mente estava fragmentada, meu corpo quente.

— Mais, Thor. Mais forte. Faça-me gritar.

Ele deu o que eu queria. Sentia seu pau entrar em mim até o talo. Era tão bom. Adorava sua selvageria. Ele gemeu, afundando a cabeça em meu pescoço, sua respiração tão pesada quanto a minha. Estávamos indo para um orgasmo incrível quando uma voz alta ecoou sobre nós.

— ODDIO!

Thor parou, me encarando e eu encarei de volta, ambos sem entender. Nem ele, nem eu tínhamos dito aquilo. Engoli a seco, enrubescendo da cabeça aos pés quando um estalo clareou minha cabeça.

Porra, eu conhecia aquela voz.

Olhamos na direção da voz alarmada...

Tudo que eu não desejava encheu a minha visão. Pietra estava parada na porta, com a mão sobre a boca e olhar arregalado. Sua expressão era uma mescla de choque e raiva.

Eu petrifiquei. Thor idem.

— O que você está fazendo para-da aí? — Nathan entrou se juntando a festa.

Eu não pude ler a expressão dele. Estava congelada no meu próprio constrangimento, afundada na vergonha quando minha mente me lembrava de como Thor e eu estávamos.

Mamma mia.

Eu queria reagir, fazer qualquer coisa, porém não tinha forças.

Puta merda! Não bastava minha amiga nos flagrar, Nathan também tinha que fazer?

Ele a puxou para detrás de seu corpo e então para a porta.

— Vão para um quarto, caralho.

Meu coração estava na boca, todo o meu sangue acumulado na minha cara. Desviei o olhar para Thor, que pareceu sair do transe. Ele deu um risinho, e eu não entendi nada. Então ele recomeçou a mover-se dentro de mim. Meus olhos aumentaram em choque.

— Que merda está fazendo?

— Fodendo você, gostosa — galhofou, descendo sua boca para o meu pescoço, em seguida.

— V-você...

Minha voz morreu, as palavras de protesto se perdendo em meio ao nevoeiro sexual, que seus movimentos selvagens levantou sobre mim. Ao terminamos, eu respirava com tanta dificuldade, que uma parte de mim já cogitava comprar um balão de oxigênio para as nossas futuras transas.

Caramba! Que merda de pensamento era esse?

Não ia rolar mais. Droga!

Heithor se moveu, retirando-se de mim e se sentou, ajeitando seu short. Enquanto eu ajeitava minhas próprias roupas, observei-o. Ele não parecia afetado pelo flagra.

— Lei mi odia — me ouvi murmurando quando coloquei a cabeça entre as mãos.

Ele colheu uma mecha de cabelo para detrás da minha orelha.

— Ela não te odeia, Ella. No máximo deve estar chateada, mas vai passar — ele disse com tanta convicção, que eu quis acreditar nele e quase fiz, todavia, lembrei que fui uma cadela com ela.

— Você não entende! Eu devia ter contado a ela que já nos conhecíamos quando soube quem você era... — minha voz vacilou no aperto que sentia sufocar minha garganta.

Sua mão veio para o meu rosto.

— Hey, calma. Não é o fim do mundo. Ninguém tem culpa de nada aqui, aliás, se houver algum culpado, sou eu, não você. Pietra irá entender isso, eu prometo.

— Não, — balancei a cabeça e funguei, — eu sou a culpada. Não deveria ter continuado com isso. Merda, nós nunca escondemos nada uma da outra. Eu tinha que ter dito a ela.

Seu polegar limpou uma lágrima solitária que escapou pelo canto do meu olho.

— Não fique assim, neném — disse ele, passando um braço ao redor do meu corpo. — Nós vamos dar um jeito nisso. Ela vai entender. Juro isso a você.

As palavras mal saíram de sua boca quando eu me coloquei de pé, empedernida.

— Nós? Que nós? Não existe isso de *nós*, cazzo!

Mágoa brilhou em seus olhos, mas não me importei.

— Aonde você vai? — ele perguntou quando me movi para a porta.

Minhas mãos balançaram no ar em frustração.

— Procurar minha amiga ou ex, não sei mais!

— Deixe-a. Nathan está com ela agora. Espere ela se acalmar e depois vocês conversam.

Um pedido, não uma ordem. Somente por isso eu ponderei suas palavras por um efêmero momento e bufei ao perceber que ele tinha razão. Girei sobre meus calcanhares, pronta para sumir de suas vistas e escutei seus passos atrás de mim. Dei a volta, com meu dedo em riste, apontado para o seu peito. Meu semblante estava fechado e gélido.

— Não se atreva a vir atrás de mim. Não me procure mais. Se puder, esqueça que eu existo porque é, exatamente, isso que eu vou fazer. Acabou... Seja lá que merda tínhamos, acabou aqui.

Não esperei sua reação, tomando meu caminho para o quarto. Quando fechei a porta atrás de mim, o primeiro soluço irrompeu através de meus lábios então as lágrimas vieram.

Chorei de raiva daquele imbecil, sobretudo, de mim mesma. Aliás, eu estava possessa de raiva de mim mesma. Eu deveria saber que aquilo não daria certo, que era somente uma questão de tempo até tudo vir à tona e eu me ferrar. A coisa toda se resumia na minha tremenda imbecilidade por colocar em risco a amizade que tanto prezava por uma atração de merda. *Agora*, tinha de implorar para que Pietra pelo menos me escutasse, porque o perdão, bem, eu não estava certa se iria obter.

Eu me sentia a pior pessoa do mundo.

Pietra e eu nunca tivemos segredos entre nós. Conhecíamo-nos melhor que qualquer outra pessoa, sabíamos tudo uma da outra desde as coisas mais bobas as mais perversas. Éramos melhores amigas, irmãs de coração, cúmplices em tudo. Tínhamos nossa própria linguagem até.

Eu não deveria ter omitido dela, nem continuado a sair com aquele filho da puta. Na verdade, deveria ter dito tudo a ela assim Heithor me fora apresentado e não me enrolado mais, ao invés.

Pietra teria entendido e mesmo não gostando, ela não poderia me culpar, porque até aquele momento eu não fazia ideia de quem ele era. Inferno sangrento. Eu nem mesmo poderia culpar o cretino, pois, muito embora estivesse odiosa por ele pelo risco de perder minha amiga, era eu quem tinha sido estúpida. Mas, eu somente tinha agido como uma imbecil por causa dele. Aquele homem não me fazia bem. Ele tinha mexido com a minha cabeça e com meu corpo desde o primeiro momento em que o vi naquele clube, e eu não estava acostumada a não ter o controle das minhas reações. Ele me endoidava das mais diferentes maneiras.

Limpei as lágrimas com gestos bruscos de minhas mãos e me coloquei de pé. Não adiantava ficar chorando quando a merda já estava feita.

Fez merda. Concerte.

Era isso que eu fazia quando algo estava errado e *agora* não seria diferente.

Entrei no banheiro e dei um jeito na minha bagunça física. Na emocional eu pretendia arrumar assim que falasse com Pietra. Ao menos tentaria. Minutos depois desci para o térreo e, posteriormente, para a área externa dos fundos da mansão, onde rolava a festa. Havia uma quantidade considerável de convidados lá. Alguns conhecidos, outros amigos mais chegados.

Se ela não cancelou a festa é sinal de que, talvez, não esteja tão brava, pensei.

Varri o olhar pelo espaço a procura de Pietra, e não a enxerguei em qualquer canto, mas em compensação, avistei Heithor e sua corja, incluso Norah, num canto mais afastado dos convidados alegres. Ele se colocou de pé e fez menção de caminhar para mim quando nossos olhares se cruzaram, mas o detive com um balanço de cabeça e fui até ele.

— Viu Pietra?

— Olá Antonella. Como vai? — a versão mais nova de Pamela Anderson cumprimentou-me, com aquela vozinha irritante de puttana.

Ignorei-a, focando minha atenção em Heithor.

— Então, você a viu ou não?

— Ela estava aqui até agora, — calmamente, ele disse.

Respirei fundo, em seguida, pegando uma bebida da bandeja do garçom, que passou ao meu lado. Sentei-me com a corja, porém ignorei a todos. Virei à bebida em meu copo de uma vez, descobrindo ser

uísque quando senti minha garganta queimar. Perfeito. Eu precisava da bebida assim, a seco. Avistei uma garrafa na mesinha de centro e me apossei dela.

— Você deveria maneirar um pouquinho, querida. Dessa maneira não chegará ao final da festa, e ela somente está começando. — Norah disse ao meu lado.

Inclinei a cabeça para o lado e sorvi a bebida em meu copo até não restar uma gota, em seguida, dei-lhe um sorriso sem dentes, tão falso quanto aquele cabelo de farmácia dela.

Tornei meu olhar à frente.

Suspirei e me servi de outra dose, ciente do olhar recriminador do cretino ordinário.

— Basta Antonella! Sem mais bebida para você — ele disse ríspido, tirando a garrafa do meu alcance.

Pelo canto dos olhos, observei ele fazer um gesto e um dos empregados que estavam servindo os convidados se aproximou, logo assentiu e saiu, em seguida. Não pude ouvir o que ele disse, mas tive certeza dele ter se referido a mim. Certificando-se de que eu não bebesse mais.

Stronzo.

Levantei o olhar e avistei Pietra conversando com Josie em um canto. Deixei meu copo intocado sobre a mesinha e me desloquei na direção delas. Quando elas perceberam minha aproximação a conversa parou e Pietra se retraiu. Eu bufei, balançando a cabeça para os lados.

— Antonella!

Retribui o abraço rápido.

— Oi J.

Tentei um sorriso, mas deveria ter saído uma careta quando foquei em Pietra. Ela não fez questão de ser discreta ao me ignorar. Suspirei odiando o clima pesado entre nós.

— A festa está incrível — Josie exaltou.

— Sei... Pietra, nós podemos conversar?

— Adoro essa música! — ela disse quando uma música pop qualquer começou a tocar e, em seguida, agarrou o braço de Josie. — Vem. Vamos dançar.

Boquiaberta a vi arrastar Josie para a pista de dança improvisada no jardim sem sequer olhar na minha direção. Respirei fundo, domando meu temperamento, que ameaçava vir à borda.

Eu tinha errado, mas porra, eu queria me redimir.

Isso deveria valer de algo, não?

Eu não me dei por vencida somente porque ela estava se achando a rainha de Sabá.

— Pietra, per favore, — pedi suplicante quando me coloquei na sua frente, novamente. Ela continuou dançando, como se eu não estivesse lá. Tentei outra vez. — Realmente sinto por não ter te contado antes. Perdonami. Somente me deixe explicar...

— Eu vou pegar uma bebida já que não posso dançar sem ser incomodada por gentinha traiçoeira de duas caras. Cuidado amiga, porque cadelas trapaceiras são o que mais tem por aí.

Minha paciência se esvaiu e eu trinquei os dentes com raiva enquanto a observava se apartar de mim. Josie acompanhou-a. Doeu e me revoltou. Fechei minha boca, recompondo-me, e olhei ao meu redor. As pessoas me olhavam curiosas pelo pequeno show que presenciaram.

— O que foi? Nunca me viram, não? Cuidem das suas vidas ou sumam daqui, seus merdas!

Parei um dos empregados servindo as bebidas ao meu redor.

— Senhorita, o senhor... — O patife começou quando peguei uma taça de champanhe.

— Cale a boca e faça a merda do seu trabalho, idiota.

Ele saiu apressado enquanto eu virava a taça, cheia de raiva, e no instante seguinte, Heithor se materializou do meu lado, puxando-me para um canto mais afastado.

— Eu já disse que sem mais bebidas para você, Antonella, — ele disse, tomando a taça vazia da minha mão. — Encher a cara não irá resolver nada.

— Você falar comigo também não.

Heithor deixou a taça sobre uma base ao lado.

— Se comportar assim é o que não ajuda — apontou, com mansidão. — Não force a barra. Deixe-a se acalmar antes, então ela falará com você. Eu já conversei com ela.

— Ela falou com você? — Ele acenou. — E então?

— Ela entendeu.

Seu tom era tranquilo em sua voz. Vasculhei seus olhos, procurando por qualquer vestígio de mentira, porém apenas encontrei sinceridade. Mas, merda, ele era o irmão.

Heithor suspirou e correu as mãos pelo cabelo antes de acrescentar:

— Eu sinto muito. Foi culpa minha ela ter descoberto daquela maneira..., eu deveria ter sido mais cauteloso. Não sei o que acontece, mas quando estou com você, eu sou tudo exceto ajuizado.

— Realmente a culpa é toda sua por ficar me cercando como um cão sarnento do qual eu não posso me desfazer mesmo que te chute o rabo tantas e tantas vezes.

Dei-lhe as costas, caminhando a largas passadas até seus amigos e me sentei com eles. Ele chegou logo depois, todavia, não me olhou. Estava zangado. Mas, então, eu também estava.

A festa continuou e eu permaneci alheia ao que acontecia a minha volta. Pietra e Josie se juntaram á nós, fazendo a irritação fumegar em minha pele. Ela conversava com todos exceto comigo, até mesmo com a oxigenada, que nessa altura estava toda risonha e praticamente no colo daquele desgraçado. Aguentei ser ignorada até que a frustração me comeu viva e a humilhação queimou meus olhos. Certo como o inferno, eu não tinha nascido para ser desprezada, nem para mendigar pela atenção seja de quem fosse. Eu daria a porra do tempo dela.

Levantei-me sem olhar para ninguém e, em seguida, caminhei em direção ao interior da mansão.

Não podia acreditar que estava passando por essa situação, e pior, que ela fosse gerada por minha incompetência em manter-me longe do bastardo. A raiva permeou minha pele quando percebi que não dava para ficar trancada em meu quarto enquanto estivesse rolando uma festa abaixo. Sentindo-me sufocada e inquieta, eu peguei a chave do meu carro e uma jaqueta então saí.

O sol estava começando a sair no horizonte quando encostei na garagem. Eu tinha zanzado boa parte da noite, bebido outra. *Agora*, somente podia pensar na minha cama.

Uma vez que entrei na sala, dei de cara com Heithor, Martha, Nathan e Pietra. Estranhei, ainda era cedo para todos já estarem de pé, principalmente, depois de uma festa. Eu poderia jurar que os vi suspirarem de alívio quando me viram. Olhei para Pietra, e ela virou a cara.

Sacudi a cabeça então continuei o meu caminho.

— Onde você estava? — Thor perguntou furioso.

Eu sequer lhe destinei um olhar nas fuças enquanto subia a escada, deixando-o falar sozinho. Passos duros avisaram-me que ele estava em meu calcanhar.

Dio, ele não entendia a merda de uma simples dica?

Entrei no meu quarto, seguida por ele, que não parava de falar.

— Não vire as costas para mim quando eu falar com você — rosnou ele, duramente. — Eu te fiz a porra de uma pergunta, Antonella. Quero uma resposta. Tem ideia de como fiquei preocupado?

Em outra ocasião quando não estivesse me sentindo vulnerável e com os olhos queimando, eu chutaria o traseiro dele até a morte por estar exigindo coisas que não lhes dizia respeito. No momento, eu estava cansada demais para falar, quem dirá discutir. Eu somente queria que ele se fosse e me deixasse em paz. Isso era pedir muito?

Quando não obedeci o seu comando, suas mãos plantaram em meus ombros e me viraram de maneira brusca. Eu mantive o olhar para baixo. Cansada. Farta mesmo.

Eu não me importava se ele ou os outros estavam preocupados com o meu sumiço. Eles pediram por isso, não eu. Se eles cuidassem da própria vida, não teriam de se preocuparem comigo.

— Que porra você pensou que estava fazendo? Sabe que horas são? Preocupou a todos. Ninguém

dormiu até agora, porque você não teve a cortesia de sequer atender o fodido celular quando sabe que é para manter a porra ligada e ao alcance. É por atitudes assim que tive de obrigá-las a aceitarem as minhas regras, porque ao que parece... O que eu estou dizendo? Não parece, é! Você só se importa com o que você quer e o resto que se foda, não é assim? É uma mimada egoísta que age de maneira inconsequente e ainda quer ser tratada como uma adulta. Não vê que isso não te leva a nada, caralho?

As lágrimas se acumularam detrás de meus olhos, e eu respirei fundo, freando-as, perguntando-me quando ele me deixaria em paz. Não precisava de porra de sermão nenhum.

— Vai embora — empurrei, com a garganta doendo.

— Por que fez isso? Pelo lance com Pietra? Que caralho foi? Eu disse a você, não disse? Dê tempo a ela, deixa-a digerir a situação que quando ela se sentir pronta, ela irá falar com você. Cacete, me responda, garota! Eu só quero te ajudar, entender porque você faz essas merdas, e não falando comigo, não estamos indo a lugar nenhum.

Não pude segurar, as comportas se abriram em meus olhos. Um soluço subiu e conseguiu atravessar por entre meus lábios. No instante seguinte, senti as mãos dele em meu rosto, seus polegares limpando a irritável trilha molhada. Eu não fugi, nem tinha vontade de fazer mesmo.

— Shhhh... Não chora — suavemente, ele disse, puxando-me para o seu peito. — Desculpe, eu não quis gritar com você, neném. Mas me deixou louco de preocupação. Não pode fazer essas coisas. Essas merdas têm de parar, antes que se machuque de verdade. Eu coloquei os seguranças sobre vocês por um motivo. Tem de confiar em mim, okay? Caralho... só não faça isso mais.

Ele tomou meu rosto em suas mãos, obrigando-me a fitá-lo.

— Não fique assim, querida. — Sua voz desceu uma nota, baixa e macia. — Eu não estive aqui por muito tempo, porém sei que a amizade de vocês é verdadeira e, neném, amizades assim não terminam por qualquer merda. Ouvi-me, Ella? Tudo irá se resolver mais cedo do quê você imagina. Juro isso a você. Sei que é difícil, mas tenha paciência. Dê um tempo a ela e a você, então se acertem. E não duvide disso, vocês irão voltar a me deixar louco muito antes do que eu gostaria.

As palavras dele me acalmaram. Ele tinha razão, contudo, isso não fez minha garganta afrouxar o aperto. Poderia parecer exagero meu, mas Pietra e eu nunca tínhamos nos desentendido, e a incerteza se nós ficaríamos bem novamente somente servia para espremer o meu coração.

Minha cabeça se afundou no peito dele e, de alguma maneira, eu me senti segura em seus braços e foi bom quando deixei de lado a raiva, e qualquer sentimento de rejeição que sentia por ele.

Eu adormeci.

Capítulo 10

Passou quase uma semana e o clima na mansão continuava pesado, roubando o meu animo. Pietra tinha neutralizado todas as minhas tentativas de explicações, nem mesmo olhar em minha cara ela olhava. Isso era demais. Eu tinha dado um tremendo vacilo, mas quem não vacilava?

E, foda, mesmo eu pisando em falso, e eu sabia que tinha feito, ainda éramos amigas. E se não, bem, ela devia ao menos dar-me o direito de me explicar em nome dos velhos tempos.

Pensar que ela tivesse colocado um fim na nossa amizade por uma bobagem, enfurecia-me. Sua indiferença estava me colocando de cabelos brancos.

Entretanto, se de um lado havia Pietra, do outro havia Heithor.

Ele e eu não tínhamos transado mais, embora o mesmo tenha dormido em minha cama por algumas noites. Não era como se eu tivesse convidado-o. Eu nunca o via chegar, nem sair. Apenas tinha consciência de que ele estava lá quando já estava zonza de sono.

Seja como for, esses dois mereciam o título de irmãos infernais.

A situação estava insustentável e minha paciência nula. Eu não poderia suportar mais nem um minuto daquilo. Então, tomei minha decisão. Depois do banho, encabecei para a cozinha a fim de um lanche rápido e, logo após, eu colocaria minha decisão em prática.

Estava terminando o meu lanche quando Martha entrou na cozinha.

— Zia, a senhora sabe onde Pietra está?

— Ela está tomando sol na piscina.

— Sozinha?

— Com Josie.

Murchei um pouco. Mas também não era como se Pietra já não tivesse contado a Josie e, bem, ela saberia de qualquer maneira porque eu não pretendia omitir mais nada de minhas amigas.

Bebi o restante do meu suco.

— Bambina?

Levantei o olhar.

— Sim?

— Resolva suas pendências com ela, mas vá com calma, sì? Não gosto de vê-las assim. Essa casa está senza vita e ver cada uma num canto me corta o coração.

Pensei sobre isso, e então, minhas bochechas coraram quando o óbvio se concretizou no olhar de Martha. Ela sabia o porquê de Pietra e eu estarmos sem nos falar, quero dizer, em partes, porque eu não queria acreditar que Pietra fora capaz de dizer os pormenores do flagra.

— A senhora acha que ela vai me perdoar?

Ela deu-me um sorriso reconfortante e se sentou juntou a mim ao redor da ilha.

— Ela te ama, cara mia. Somente está chateada, mas tenho certeza que irá te compreender se for sincera com ela. Aliás, até arrisco em dizer que ela já te perdoou.

Ou seja, ela estava me castigando por prazer.

— Grazie zia, — eu disse, com uma exalação de alívio e, em seguida, abocanhei o último pedaço do meu lanche.

— É novo?

— O quê?

— O colar. É novo? Não tinha reparado que usava qualquer coisa no pescoço.

Segurei o pingente num gesto inconsciente.

— Eu ganhei. Achei melhor usá-lo do que deixar na caixa.

— Fez bem. È bello.

Sorri, olhando para ele.

— Sim, é.

— Va bene! Agora mova seu traseiro e vá endireitar as coisas com a sua amica.

— Ti amo.

Saltei da banqueta e dei um beijo estalado em sua bochecha.

— Ti amo também, bambina.

Encontrei as garotas deitadas nas espreguiçadeiras à beira da piscina. O sol não estava muito forte nessa manhã. Clima fresco e agradável para uma conversa do cão, meditei, sentindo um frio na barriga. Hesitei incerta sobre o que esperar.

Andiamo! Isso não são horas de se acovardar.

Sem fazer alarde, eu me aproximei, sentando na espreguiçadeira ao lado de Pietra. Josie sorriu para mim da outra e minha torturadora abriu os olhos, cerrando-os minimamente quando me fitou.

Eu sabia o que viria depois, então me apresei em dizer:

— Me escute, per favore, Pietra — supliquei, e ela virou a cara. Irritação veio à borda, eu respirei fundo, afundando-a de volta. — Não podemos permanecer assim. Sei que não tenho nem um direito de te pedir seja lá o que for, mas eu estou te implorando. Você não precisa dizer nada se não quiser. Apenas me ouça, por favor, e depois eu vou embora, se você não me quiser mais aqui.

Sua cabeça se voltou para mim, com a expressão chocada enquanto ela se sentava.

— Que merda você está falando?

— Não suporto mais esse clima entre nós e a sua indiferença está me enlouquecendo.

— Eu vou ver se a tia precisa de algo.

— Fique. Seja o que for que Antonella tenha a dizer pode ser ouvido por você, também. Ou tentará arrumar uma merda fazendo outra?

— Não Pietra, — empurrei entre dentes e olhei para Josie que permanecia de pé. — Sente-se Josie, por favor. De qualquer maneira, depois você saberá o que nós conversamos. Aliás, não é como se você já não soubesse o porquê de Pietra estar me pisando.

— Por que peguei você e meu irmão trepando na sala quando você afirmou não ter qualquer interesse nele? Quando conversamos e eu pedi para você manter distância dele? Ou talvez, por que eu sempre te contei tudo muito antes da promessa que fizemos na Itália? Nunca escondi merda nenhuma. Você me enganou. Mentiu para mim na cara dura. Tem ideia de como eu me senti traída? E pior, por uma das pessoas que eu mais confiava e que eu acreditava confiar em mim também.

— Eu confio em você — murmurei ofendida.

— Ah, sì? Que bela maneira de demonstrar, não? Quase um mês. Um puto de um mês mentindo é realmente uma maneira perfeita de demonstrar sua confiança. Grazie mille.

— Eu sinto muito, Pietra, de verdade. Sinto mais do que posso dizer.

— É claro que sente. Mas isso não vai apagar o que você fez, nem a cena infernal que ainda queima os meus olhos. Tive pesadelos horrendos com aquilo.

— Pietra pegue leve — Josie interveio.

— Traição é traição. Não tem como pegar leve com isso, ainda mais quando a amiga, aliás, melhor amiga me fez de trouxa. Você se lembra da promessa que fizemos na Itália, Antonella?

Ergui o olhar para ela. Era uma merda estar errada e ter consciência disto, até poderia tentar me defender com uma desculpa esfarrapada, mas Pietra era importante para mim.

Ela não esperou pela resposta que eu não tinha.

— Sabe o que é impressionante? Eu já desconfiava. Davvero. Chame isso do que quiser; sexto sentido, intuição feminina, mas alguma coisa me dizia que havia algo acontecendo entre vocês logo quando se conheceram. Havia algo lá, sutil, mas havia.

Isso me surpreendeu então Pietra jogou a bomba furando os meus olhos com os seus.

— Eu não estou magoada com você pela cena que flagrei, embora tenha pedido para você se manter longe dele. Porém, como disse naquele dia em que nós conversamos, eu não poderia e nem posso te obrigar a fazer isso, tampouco, viraria a cara simplesmente porque você não acatou um desejo meu.

De repente, um sentimento estranho me tomou, como um pressentimento.

— Foi à mentira, a omissão, o cazzo que quiser chamar isso, que me deixou puta com você. Foi você quebrar a nossa promessa e, admitindo ou não, ter me considerado uma idiota. Você me desrespeitou na cara dura. Sim, Antonella. Foi exatamente isso que você fez. E, cara mia, se você não gosta de ser a autora do sentimento, imagine eu sendo a vítima dele?

— Pietra...

— Acha que não percebi o seu espanto quando eu os apresentei? Que não vi a estranheza entre vocês? E os olhares? Sua súbita timidez? Thor estava louco para sair naquele dia. E quando digo louco, eu quero dizer exatamente isso. Pirado, quase pulando fora da pele. Mas, então, milagrosamente depois que eu os apresentei, ele ficou muito tranquilo sendo que ele próprio tinha dito antes que não poderia remarcar o tal compromisso inadiável. Eu não sei como isso se encaixa, mas sei que tem um jeito... Então ele estava todo puto proibindo nós duas de flertar com os caras. Sobre mim, eu até entendo. Mas você? Não tinha sentido. E quando você foi para o seu quarto com uma súbita dor de cabeça, eu estanhei, ainda assim deixei para lá. Isso até Norah ir nos procurar para saber se sabíamos de Thor quando eu pensei que eles dois estavam juntos... Eu confesso, não achei que existia algo aí, mesmo assim resolvi ir ver como você estava.

OH. Merda!

— Não estou acompanhando aqui Pietra. Você não disse que ela estava dormindo?

Eu respondi incrédula:

— Ela me achou no quarto dele.

O queixo de Josie despencou. Pietra rolou os olhos.

— Ouvir é o termo certo.

— Perché non me l'hai detto[39]?

— Eu não disse, porque eu queria que você me contasse, caralho! Eu esperei que você me dissesse a verdade, não queria acreditar que estava mentindo para mim.

— Por isso me disse aquelas coisas — eu murmurei para mim mesma, me lembrando da nossa conversa e de quão estranha ela tinha sido.

— Sim, mas eu não menti quando disse que preferia que vocês não se envolvessem. Meus motivos seguem sendo os mesmos e minha preferência também. Isso, no entanto, não me dá direito de decidir o quê você e ele podem ou não fazer. Eu jamais teria essa arrogância, Ella. Eu apenas quis ser honesta com você e esperei que me devolvesse isso. Vê? Nunca foi sobre você e Thor afofando os colchões, mas sobre você e eu. Nossa amizade.

— Eu vejo isso.

— E vocês me acusando de ser rápida — Josie zombou, rindo.

— Me perdoem. Okay? Sobretudo, você, Pietra. Foi errado o que fiz, mas não tive a intenção de te magoar e as coisas não aconteceram como vocês imaginam.

Josie se sentou ao lado de Pietra.

— Eh, agora eu fiquei curiosa.

Respirei fundo, correndo as mãos pelo cabelo.

— Eu já o conhecia quando você me apresentou, quero dizer, não o conhecia por nome. Vocês sabem.

— Sim, sim. Nada de nomes na noite. E isso eu já imaginava, como disse, só não encaixava e eu não tinha certeza — Pietra disse impaciente.

— Eu o conheci no clube na sexta... e passamos a noite juntos.

— Espere aí... Ele foi o motivo do seu atraso e você o motivo dele querer sair? — ela perguntou devagar, como se somente naquele momento se desse conta.

— Capisce agora? Eu fiquei assustada e quase tive um ataque do coração quando o vi aqui. Dio, isso nunca aconteceu comigo e eu não soube o que fazer. Eu realmente estava decidida a contar para você quando foi ao meu quarto. Mas, então, você me disse aquelas coisas e eu tive medo. Além do mais, não acreditava que iríamos ficar junto novamente.

— Ah, porra, eu te chamei de puttana — ela caiu na risada.

— Não tem graça.

— Tem sim.

— É, você está certa, principalmente, na parte que disse que não ia tomá-lo de mim.

Ela parou de rir e fez uma expressão de nojo.

— Che schifo[40]! Eu não sabia.

— Eu também não.

Ela suspirou.

— Io capisco... Isso é meio louco. Acho que eu também iria pirar. Ainda assim, não justifica o fato de que você continuou a mentir para mim e que tinha a intenção de continuar a fazê-lo, uma vez que acreditava que não ficaria mais com ele. Foi isso que disse.

— Maledizione, Pietra! Eu realmente não queria esconder de você, eu iria contar. É só... eu não sabia como fazer e acabei me enrolando. E eu *omiti*.

— Per me è uguale[41]. Mentir e omitir. Qual a diferença quando no fim o resultado foi me enganar?

— Você não fez o mesmo?

Ela levantou o dedo e sua expressão se apertou.

— Oh, não se atreva Antonella! Não há comparação.

— Será? Porque você já sabia que tínhamos ficado e ainda assim se fez de boba, e no processo fez a mim também. Foi por motivos diferentes dos meus, mas o resultado foi o mesmo.

— Va bene. Você tem um bom ponto. Não nego — admitiu contrariada.

— Hey! Eu também fui lesada nessa conta aí. — Josie soltou, com um ar indignado. Pietra e eu a encaramos. Ela bufou. — Caramba, vocês são tão safadas. É isso mesmo. Não adianta me olharem desta maneira não. Safadas e hipócritas até a alma.

— Você tomou sol demais? — questionou Pietra.

— Isso. Zombe, cadela — ela murmurou, com um bico infantil. — Estão aí as duas indignadas porque uma escondeu da outra, uma que estava pegando o Sr.Italiano-coisa-quente, e a outra por saber e não dizer, quando no fim a mais prejudicada fui eu.

Minha expressão era de pura confusão quando sondei cautelosa:

— E como isso aconteceu?

— Vocês duas me enganaram também, porque nem você, Ella, disse que já tinha ficado com ele. E Pietra, tampouco, me contou que já sabia.

— Eu disse que desconfiava.

— Quando você já sabia da verdade. Ou seja, além de omitir você me usou quando pediu para eu não dizer a Ella que você foi procurá-la, e que Norah tinha estado com a gente na piscina.

Eu precisei de um momento para entender o que estava acontecendo.

— Bene, — comecei pensativa — neste caso, estamos quites Josie. Você e Pietra omitiram para mim. Ela e eu omitimos para você. Dois para cada e um para Pietra.

Pietra soltou um riso frouxo.

— Josie me desculpe, sim? Não menosprezei você, eu apenas queria me certificar que Ella não mentia para mim e, bom, não queria acreditar que ela poderia realmente me esconder algo.

— Vou pensar — Josie desdenhou, mas a diversão em seu olhar a entregava.

— E você, Antonella, não pense que por isso escapou do que fez.

— Va bene. O que você quer ouvir? Sinto muito? Eu realmente sinto. Perdonami? Já pedi. Eu errei sim. Primeiro fiquei com medo e, caralho, aquele bastardo não saia do meu pé. A culpa é dele.

Seu semblante ficou sério.

— Ele te obriga?

— Claro que não.

— Certo... Só lembre que ele é meu irmão antes de chamá-lo de bastardo.

Lentamente, respirei profundo, acalmando-me.

— Escuta P, eu sinto ter escondido a verdade. Sei que nada do que eu diga vai mudar o que aconteceu, mas entenda, ele... Merda! Eu nem sei o que dizer. Eu somente posso afirmar para você que nunca tive a intenção de te ferir ou magoar. Eu confio em você e, bem, a única coisa que posso te prometer é que não vou te esconder nada mais. — Olhei para Josie. — Nem de você... Me desculpem. Realmente não foi minha intenção.

Houve um comprido silêncio enquanto eu aguardava o veredicto final.

— Eu proponho que zeremos isto e comecemos de novo — Josie quebrou o silêncio. — A promessa aí não me incluía, pois eu não estava na Itália com vocês então façamos uma nova.

Olhei para Pietra, esperançosa.

— Tutto bene. Mas ainda estou chateada.

— Ah, qual é? Eu sou a mais lesada aqui e nem por isso estou querendo arrancar os seus olhos. — Josie mofou-se e acrescentou. — Todas nós erramos, mas não é por isso que deixaremos de sermos amigas. Não podemos exigir perfeição uma da outra, porque somos imperfeitas...

— Fale por você — brincou Pietra.

Josie pôs os olhos em branco.

— Engraçadinha. Estou falando sério, garotas. Nem sempre contaremos tudo uma para a outra e a ninguém mais, porque há coisas que são somente para nós mesmas, quero dizer, somos humanas. Um erro e outro nós vamos cometer, por mais que tentemos sempre sermos honestas uma com a outra. A diferença está na atitude que tomaremos a seguir como, por exemplo, a sua Ella de admitir e tentar se redimir. Isso deve ser levado em conta. Além do quê, essa situação veio para o bem.

— Eu não vejo como isso pode ser — resmungou Pietra.

— Como assim?

— Uh, vocês sabem, tinha essa promessa aí e eu não estava incluída.

— Mesmo não estando conosco na Itália, obviamente, eu a estendi para você quando nos tornamos amigas. — notifiquei-a.

— Eu idem.

Ela fez um gesto fugaz com as mãos.

— Okay. Okay. Mas agora, podemos fazer uma nova. Vocês não fizeram nada com sangue, cuspe ou essas nojeiras do gênero, não é? Porque isso, definitivamente, eu não vou fazer.

— Eca! — exclamei com nojo.

— Claro que não, sua louca. Que tipo de filme anda vendo?

Josie colheu os ombros.

— Apenas me certificando. Afinal, vocês não batem bem da cabeça... Certo, sou somente eu quem está achando isso emocionante ou é impressão minha?

Pietra e eu bufamos.

— Chatas! Agora é sério, dêem as mãos... Não importa o que aconteça e aonde a vida nos leve, nós

sempre estenderemos a mão uma para a outra e seremos sinceras. E se acaso, algum dia tivermos de segurar a língua sobre algo que as demais deveriam saber e alguma de nós descobrirmos, nós não iremos acusar, nem sentenciar a língua presa antes de ouvirmos os seus motivos, okay?

Assentimos e Pietra completou:

— E nunca colocaremos um homem acima da nossa amizade.

— Isso foi uma indireta? — sondei com o olhar cerrado. Ela dissimulou e eu adicionei, olhando-a com uma expressão apertada. — E jamais daremos indiretas, pois isso é coisa de gentinha covarde.

— Okay. Okay. Sem indiretas e homens acima das amigas. Algo mais?

— Não, — Pietra e eu dissemos em uníssono.

— Sempre seremos mais que simples melhores amigas, somos irmãs de coração — Josie declarou, apertando nossas mãos. — Eu amo vocês. Sempre vou amá-las.

— Sempre — eu disse.

— Sempre — Pietra confirmou.

Olhei para ela sentindo meu coração mais leve, contudo, ainda havia uma pequena, mas notável incerteza me espinhando.

— Você me perdoa?

— Eu já te perdoei há alguns dias, Amada, mas queria que você sofresse um pouquinho. Era justo depois da cena de terror que me deu — confessou sádica. — Então, vocês ainda estão saindo?

— Não, — lambi os lábios, — quero dizer, ele esteve dormindo em meu quarto por algumas noites, mas nós não transamos mais depois, bem, depois do que viu.

— Puta merda! Não me lembre disso que meu estômago revira.

Josie soltou um risinho e, em seguida, se levantou indo até a mesa ao lado.

— Não obstrua a informação, — ela pediu quando retornou, entregando um copo de suco de laranja para cada e se sentou. — Queremos os detalhes, Ella.

— Exceto os sórdidos. Já tenho muito de vocês dois para queimar meus olhos à noite.

Tomei um gole do meu suco.

— Não há nada para contar. Nós apenas ficamos algumas vezes.

Deslizei minhas costas no respaldo da espreguiçadeira. Embora estivesse novamente confortável pelo clima estar mais ameno entre Pietra e eu, não pude deixar de sentir uma pontinha de incomodo. Não havia nada para falar, e eu não queria valorizar algo que não era importante para mim.

Entretanto, suspirei rendida quando as mirei outra vez. Suas expressões estavam determinadas a me tirarem os ossos do corpo caso eu não abrisse a boca.

— Va bene, mas em minha defesa digo que não há nada de relevante.

— Isso somos nós quem decidirá — Josie decretou.

Dei a elas o que queriam. Claro que, editando uma e outra parte.

— Por que você aceitou? — Pietra especulou quando terminei de relatar o acordo que fizemos.

— Porque eu dei a minha palavra e, bem, eu não vou negar que ele é um cara sexy.

— Ele é quente, não?

— Como o inferno, Josie. Mas é um cretino mandão também.

— Você gosta dele, não é? — Pietra que até então apenas ouvia, soltou, de repente.

— Não.

— Então por que você ficou com ele de novo? Você nunca foi disso.

— Pietra tem razão, — opinou Josie. — Você sempre disse que figurinhas repetidas não completam o álbum, mas repetiu ele muitas vezes.

— Não façam essas caras, porque não há chance alguma de eu sentir *isso* por ele, além do tesão e da raiva. Ele é bom. Porém é só isso. — Mirei Pietra. — E você, meu bem, também nunca foi de repetir. No entanto, sempre que possível está trancada com Nathan em alguma parte da mansão.

— Certo. Você me pegou, contudo, você é mais radical do que eu. Sempre foi assim, e eu nunca me incomodei de repetir uma figurinha, se ela valia o meu tempo.

— Você está gostando do Nathan?

— Você quer dizer, me apaixonar? Talvez. Não sei, ainda é muito cedo. Porém, não descarto essa possibilidade. Ele é maravilhoso e eu adoro nossos momentos juntos. Ele me faz sentir bem... Especial. Sei lá, parece que estamos meio que em sintonia. Isso é bom.

— Quero ver quando o seu irmão souber disso — comentei sem conseguir me conter.

— Eu idem. Ele não parece o tipo que simplesmente aceita que a irmãzinha viva um romance com o amigo bonitão, porque é um defensor do amor. Ele provavelmente irá te matar.

— E castrar Nathan.

Pietra fez uma careta enquanto nós riamos.

— Pra que amigas, eh? — Ela bufou. — Pior é que mamma nos flagrou.

— Não brinca!

— E o que ela disse? — eu quis saber.

— Ela não foi contra. Gosta dele, mas, enfim... Ela disse que sério ou não, será eu quem terá de contar a Thor e me aconselhou a fazê-lo antes que ele descubra por si mesmo.

— Eu concordo. Não que ache que seu irmão levará isso numa boa, ainda assim é melhor ele saber por você mesma a saber por boca de terceiro. Pior, flagrar vocês. Visto que vocês, Castellammare, parecem ter um timing *perfeito*. Eu não bobearia.

Balancei a cabeça em concordância com Josie.

— Eu sei. Penso assim também. Mas, — ela fez uma pausa, — ele e eu não estamos namorando, quero dizer, não é nada sério. Estamos curtindo o momento.

— É isso que ele disse a você? Que estão curtindo?

— Na verdade, Amada, eu não perguntei, nem vejo motivos para fazer isso. Não é como se ele tivesse me proposto algo mais. Então por que eu deveria levar isso para o conhecimento de Thor quando podemos parar de sair hoje mesmo?

— Mas vocês não vão.

— Não, Ella.

— Com conhecimento de causa, eu digo para você abrir o bico logo.

— E dizer o quê? “Então, maninho querido, sabe aquele seu amigo? É, aquele gostosão com o moicano e a tinta sexy. Isso mesmo! Nathan. Então, ele e eu estamos testando o colchão há algum tempo, que não vem ao caso, enfim, só curtindo o momento mesmo.”

— Não precisa dizer com essas palavras, P.

— Acha que vai adiantar a forma que eu digo, Josie? Cortês ou não, Thor ligará os pontos numa fração de um segundo. Ele bem sabe que eu não estaria apenas sorrindo e conversando com Nathan. E, este não é problema, mas sim o que dizer a ele. Thor não vai tomar isto bem. É capaz de escorraçar Nathan daqui, se não fizer coisa pior, e me colocar numa masmorra.

— O Moicano te pegou de jeito, uh? — Josie divertiu-se.

— De jeito, de lado, de costa, embaixo e em cima, até do avesso se brincar.

Caímos na risada. Eu mirei Josie.

— E você, Santa? Como anda o seu caso com o astro?

Os olhos dela brilharam e ela corou.

— Ele é incrível!

— Se começar a babar eu vou te dar uma bofetada — Pietra avisou com dissimulada seriedade.

Eu ri baixinho. Josie sempre rezava uma missa de elogios para Eric antes de chegarmos ao ponto que queríamos. Era engraçado demais e às vezes (muitas vezes) tedioso.

— Oras, Pietra, eu não tenho culpa se você é uma clandestina. Aliás, percebe que de nós três e, sendo

você quem estava toda brava com Ella, é a única que mantêm segredo do seu affair?

Pietra fechou a cara, e eu ri com gosto.

— Por segurança.

— Claro. E só para você saber, eu não tenho um caso. Estamos nos conhecendo como pessoas normais fazem. Você deveria experimentar algum dia.

— Que emocionante! — ironizou Pietra. — Então, a quantas anda esse "nos conhecendo"?

Josie mordeu o lábio. Sua expressão era de puro mistério enquanto ela fazia suspense.

— Ele quer falar com os meus pais — pausadamente, ela revelou.

Foi o que bastou para um pandemônio se instalar.

Eu estava feliz e tranquila novamente por ter me resolvido com Pietra. E apesar de achar frufrus uma bobagem e perda de tempo, estava contente por Josie também, que parecia ter finalmente encontrado seu cavalheiro de armadura brilhante. Confesso que, me sentia um pouco receosa. Odiaria ver que o quadro que ela estava pintando fosse somente uma ilusão, mas preferi acreditar que Eric realmente estava com ela nessa. Afinal de contas, ele iria pedi-la em namoro aos seus pais. Algo antiquado e um tanto quanto piegas, contudo, se isso a fazia feliz, eu também ficava por ela.

Horas mais tarde acompanhei Josie até seu carro, porque Pietra recebeu uma mensagem suspeita e sumiu. Provavelmente, ela estava atracada com Nathan em algum cômodo da mansão.

Despedimo-nos, mas antes dela entrar no carro, eu disse:

— Grazie, — ela me olhou com um ponto de interrogação enquanto segurava a porta do carro aberta. — Você sabe. Pelo o que fez mais cedo me ajudando com Pietra.

— Vocês me esconderam a verdade, também.

— Eu sei e me desculpe por isso. Foi idiota da minha parte. Mas sei que interveio, fazendo valer o seu direito para me ajudar. Obrigada, de verdade.

Ela sorriu.

— Sim, foi idiota. Porém somos amigas e sei que não fez por mal. Além do mais, eu não poderia deixá-la tripudiar em cima de você quando ela também errou. E nós duas sabemos que, embora amemos aquela maluca, ela adora o papel de carrasco e precisa de freio de vez em quando.

— Ah, eu sei.

Ela entrou no Toyota Camry vermelho e deu partida no motor.

Eu já estava me virando para voltar para a mansão quando ela se divertiu:

— Então, será que em breve veremos esse coraçãozinho de ferro derreter? Ou já está derretido?

Mostrei-lhe o dedo do meio.

— Va' a cagare!

Capítulo 11

O clima na mansão melhorou depois que tudo fora esclarecido com Pietra, apesar de uma parte de nossa conversa insistir em me incomodar. Eu recusava-me a gostar de um cara como Thor, ainda mais sendo ele tão arrogante e cretino. Quero dizer, apaixonar-se não era a minha meta de vida, nem para o agora, nem para um futuro próximo. Não negava, Thor me atraía como moscas à luz, além de, ele ser lindo e sexy, mas era somente isso, tesão furioso.

Um desejo louco, uma atração indissolúvel.

E se ele estava lá disposto a me satisfazer, por que eu negaria?

Ademais, se algum dia me apaixonasse, certamente, não seria por meu carrasco.

Por alguns dias eu passei a evitá-lo, e ele, claro, percebeu e não gostou impondo-se daquela maneira que eu não sabia se odiava ou gostava. Ele roubou-me um beijo na frente de todos. Não um simples beijo, senão um daqueles que deixava todo o meu corpo ardendo. O que me rendeu um acumulo de piadinhas de Pietra, algo que devo salientar, eu não esperava, bem como, não esperava que o cretino me faria experimentar uma dose do meu próprio veneno.

Sem sexo. Sem farra. Sem merda nenhuma.

Pietra também foi descoberta. O que gerou um show por parte de Thor, que para a salvação da minha amiga tinha Martha ao seu lado, o ditador então foi obrigado a aceitar a relação.

Isso mesmo, agora, Pietra namorava.

* * *

Torci os lábios preenchidos com o batom vermelho rubi quando a imagem de um Heithor irado passou em minha mente, ou melhor, quando as possibilidades do que ele poderia e faria foram cogitadas por minha mente, uma vez que ele se desse conta de que atravessamos o Rubicão[44].

O sorriso se espalhou por meus lábios até atingirem meus olhos quando aumentei o volume do som do carro, a batida de Work Bitch enchendo meus ouvidos, e acelerei sem dó.

Estava pirada. Completa e irrevogavelmente. Sabia que a minha peraltice teria consequências e não poderia me sentir receosa, nem menos feliz por isso. Sentia-me compelida a ir adiante, ao invés.

Uma sádica talvez?

Não sei, mas iria amar ver a cara de otário dele quando descobrisse a verdade. Isso queria dizer no dia seguinte quando retornasse a mansão, porque hoje eu pretendia me divertir até não poder mais. E a contar pela expressão iluminada de Pietra, ela também estava na minha sintonia.

Acontece que Baby, o nosso colorido favorito, estava dando sua festa trimestral na sua mansão em Santa Mônica. Não uma simples festa, mas A festa. Baby era um promoter muito badalado e requisitado entre as celebridades hollywoodianas, e o melhor, era nosso amigo. Pietra e eu tínhamos feito boas conexões ao nos instalarmos nos Estados Unidos. E claro, sempre recebíamos convites para as suas festas, que eram as melhores de toda Califórnia.

O problema? Heithor, o cretino mor.

A data da festa caia numa quinta-feira, um dos dias proibidos para farrear, segundo o seu calendário de escravidão. Um pequeno empecilho comparado a nossa vontade de vadiar. Não se podia recusar e, tampouco, ignorar uma festa de Baby. Isso era o mesmo que se recusar a beber água quando se tem sede então fomos obrigadas a fazer uma pequena omissão dos fatos. Não rolava dizer a verdade a Thor. Ele

era um babaca, mas, embora tivesse permitido nossa saída — com muito sacrifício devo salientar, sobretudo, o meu —, dizer-lhe a verdade significava ele me acompanhar e Nathan a Pietra, e não haveria nada que pudéssemos fazer para impedi-los. Isso era mau, afinal de contas, ninguém leva bolo em festa quando se pretende comer um lá.

A retaliação viria no dia seguinte quando colocássemos os pés dentro da mansão, no entanto, eu sabia também que não seria tão penosa. Thor poderia se irar, gritar e nos colocar de castigo, mas quando ele e eu estivéssemos a sós, eu poderia domá-lo como já tinha feito antes. E eu não hesitaria em usar meus atributos físicos para fazer isso. De antemão, eu já sabia, ele não iria resistir.

Homens e testosterona! Dê-lhes uma boa jogada de quadris e já está.

Uma vez que chegamos à mansão de Baby, entreguei a direção do meu Audi ao manobrista da festa. Respirei fundo, enchendo os pulmões, com o ar da noite e dei um sorriso lento, apreciando o aroma. Não era o fedor de poluição que sentia, senão o cheiro de vida, de liberdade e de diversão sem fronteiras. Amava os cheiros da noite, principalmente, o que ela tinha a me oferecer.

A roupa que eu tinha escolhido com meticuloso cuidado para aquela noite resultou melhor do que eu esperava. O vestido florido frente única, com um decote propício para imaginação masculina, aderia ao meu corpo até a altura dos quadris então se soltava, até quase a metade de minhas coxas. As sandálias altas de cor nude, com tiras e pedrarias faziam combinação.

Pietra também estava impecável. Ela usava uma blusa branca de mangas longas, com uma leve transparência e botões na frente, e uma curta saia da cor preta, com paetês e saltos sensacionais.

Nós duas estávamos enfeitadas com foda-me da alta costura.

— Acho que molhei a calcinha — murmurei, com um gemido ao analisar os tipos lindos que se encontravam na entrada do evento, todos impecavelmente bem vestidos. Homens que não precisavam gritar que tinham grana, porque eles exalavam poder e riqueza, naturalmente.

E, vou te dizer, eu me sentia uma criança num parque de diversões.

As festas promovidas pelo Baby eram boas por isso, sempre recheadas com homens lindos e sexies, e todos os convidados eram escolhidos a dedo. Nada de pobretões metidos a ricos.

— Nem me fale, — Pietra disse, tão embasbacada quanto eu. — Vou dar um beijo na bunda daquela mona em agradecimento por ele sempre fazer as melhores festas e nos convidar.

Concordei e caímos na risada.

— Andiamo! — Ela pegou no meu braço, arrastando-me em direção a porta do evento.

Tropiquei em meus saltos e me soltei dela antes que caísse de cara no chão.

— Espera aí, sua doida. Deixe-me ligar para a Karen para avisar que nós já chegamos, do contrário, ela ficará chateada. — Procurei meu celular na pequena bolsa tiracolo que levei. — Não está aqui, Pietra. Droga! Será que eu esqueci no carro?

Estava um pouco dramática, pois eu nunca largava o meu bebê.

— Esquece isso, Amada. Ela já deve estar aqui, fazendo o que nós duas deveríamos estar fazendo agora, aproveitando. Porque você sabe, Thor não vai aliviar para nós.

— Va bene. Já que vamos ficar um mês de castigo temos de fazer isso direto!

Capítulo 12

THOR

Na linha do meu trabalho eu tenho de ser bom e manter o controle, porque quando você não tem esses dois fatores alinhados coisas ruins acontecem com pessoas boas... elas morrem. Eu morro.

Então você vê, conter-me fazia parte de quem eu era, e eu sempre me continha, sobretudo, quando estava com uma mulher. Norah era um bom exemplo disso, mesmo estando com ela por tanto tempo, eu sempre mantive as rédeas curtas sobre mim mesmo, sobre uma parte minha que eu sabia ser perigosa se a permitisse saltar fora. Principalmente, para mim mesmo. A parte que assumiria o controle. E, bem, nunca houve uma mulher que me instigasse a libertar esse meu lado. Até Antonella. E isso era estúpido por muitos motivos. Ela era uma patricinha mimada e inconsequente. Experiência de vida nula comparada às mulheres que eu estava acostumado a foder. E eu não conhecia Antonella. Sabia algumas coisas sobre ela, era certo. Mas não a conhecia. E ela não era exatamente o tipo de pessoa que deixava o sujeito chegar perto o suficiente para conhecê-la mais que a cama permitia.

No entanto, esse pouco de conhecimento sobre ela era o que estava incitando meus nervos, quebrando os cadeados da prisão que mantinha meu lado obscuro trancafiado a sete chaves. E o mais impressionante era que ela parecia saber o que estava fazendo, mas não dava à mínima.

Bem, eu também não.

Não queria analisar minha ação e, cacete, se eu fiz.

Eu tinha um foco em mente, pegar o que era meu. E ela era minha. Toda minha. Gostava de pensar assim, mesmo que Ella odiasse a minha posse sobre ela e fizesse questão de demonstrar isso quando queria me zangar, como agora. Mas ambos sabíamos da verdade, ela me pertencia. Ela era minha para mimar, para dar e receber prazer. E, para castigar. Definitivamente, castigar.

Antonella era jovem demais, vibrante, rebelde e contrária. Tão linda. E o seu sorriso. Quando ela sorria havia aquelas cativantes covinhas e o atrevido olhar marrom derretido. O brilho diabólico naqueles olhos seria a minha ruína. Mas quem disse que eu dava a merda pra isso?

Ela me tirava à paz de tantas maneiras diferentes, que qualquer dia desses, eu ficaria louco. Cacete, agora eu estava louco. A mensagem em seu celular ainda queimava através do meu cérebro, incitando uma fúria silenciosa em meu peito, que me punha teso até os ossos. Isso porque eu fui tolo o bastante para ser bom para ela. Tinha aberto uma exceção nas regras, lhe dado um voto de confiança para que ela e minha irmã tomassem um momento para elas mesmas sem supervisão.

Meu cuidado para com elas podia parecer exagerado ou no mínimo algo de um filho da puta arrogante, querendo estragar a vida de duas garotas inocentes, porque elas não sabiam, porém tudo que fiz foi para o bem e proteção de ambas. E em troca recebi uma mentira.

Maldita seja, ela sabia.

Eu tinha sido bastante claro sobre o meu humor para mentiras.

E, ainda assim, ela escolheu mentir a ser honesta comigo.

Para ser franco, eu não tinha nenhum problema com ela indo a uma festa. Mesmo eu poderia tê-la acompanhado, se ela quisesse. Ou não. O problema em si não era a fodida festa, senão o porquê dela mentir sobre isso. O porquê de não querer que eu soubesse que ela estava indo a uma festa.

Um grunhido subiu por minha garganta e eu o engoli de volta quando a certeza por detrás de seu motivo bicou o meu cérebro outra vez. Ela estava indo se divertir com outro. A mensagem em seu celular tinha sido suficiente clara. E eu seria um condenado se a permitisse me fizer de tolo.

Agora, eu canalizava o remanescente da minha paciência enquanto era cortejado pelo dono da porra da festa. Eu estava indo matar Antonella logo que a pombinha na minha frente parasse de dizer tolices.

— Ah, eu adoro a língua italiana. É tão sexy e quente, me deixa toda eriçada. — Mantive a expressão neutra quando ele focou Nathan ao meu lado. — Você também é italiano?

— Não.

— Oh, que pena! Quero dizer, você é quente. Têm todos esses músculos, esse moicano e essas tintas. Aposto que deixa as mulheres enlouquecidas, não? Eu sei que sim. Vai causar um alvoroço entre as minhas convidadas. Mas não me entenda mal. Eu sou do mantra que os italianos fazem melhor. Madonna não mente.

Cristo...

Ele piscou para mim. Ele realmente piscou para mim.

Fixei nele, ignorando o riso mal disfarçado de Nathan.

— Podemos?

— Oh, claro que sim, lindo! Que falta de educação a minha deixá-los parados aí. — Ele mirou a hostess e alardeou a mão, num gesto exagerado. — Saía da frente fofa e deixe-os passar. Eles são bem-vindos em minha humilde residência e podem entrar *aonde* quiserem.

Nathan bufou ao meu lado, e eu lhe dei um olhar de advertência.

Não me incomodava ser paquerado por outros homens, até porque não colocava minha atenção sobre isso. Desde que ele mantivesse as mãos para ele próprio, tudo estaria bem.

— Obrigado — agradeci, passando pelo tipo.

— Sou eu quem agradece lindo. Estão trazendo beleza a minha festa — ele disse quando nos acompanhou em direção ao jardim. — Sabe que conheço outro Castellammare? É uma menina. Uma italiana linda de olhos... Espere. Pensando bem, até que vocês se parecem um pouquinho.

Estreitei o olhar.

— Pietra Castellammare?

— Oh, sim! Conhece? Eu adoro aquela garota. Tão louquinha e refrescante, que me rejuvenesce alguns bons anos quando nos falamos. Ela e a amiga, Antonella. Esta é um diabinho de saia, mas é adorável também — murmurou com um risinho.

Eu sabia que sim. Antonella era um anjo diabólico prestes a levar umas boas palmadas.

— Pietra é minha irmã e a outra a minha mulher.

— Não brinca? Aquela garota nasceu com o bumbum para lua, uh? Madonna a abençoe! — Seja lá o que isso significava eu não estava interessado. — Você tem um irmão gêmeo? Ou não gêmeo?

— Não. — E acrescentei impaciente. — Sabe onde posso encontrá-las?

— Eu acho que as vi na pista de dança perto da piscina. Mas, você sabe, é uma festa. Elas podem estar em qualquer lugar. — Ele fez uma pausa, fixando seu olhar em mim e sorriu. — O que acha de ir tomar uma bebida comigo? Você parece muito tenso, precisa relaxar esses músculos viris um pouquinho, lindo. Ella não se importará de eu pegá-lo emprestado por um instante.

— Agradeço por ter liberado a nossa entrada, mas não gosto de homens. Não é minha praia.

— Ah, tudo bem! Mas sabe que é um desperdício?

Nathan tossiu uma risada enquanto eu contava em mente.

— Obrigado — expressei rapidamente. — Agora, se me der licença.

— Okay, lindo. Fique à vontade para procurá-las e quando estiver disponível, e quiser companhia caso não as encontre, me procure. É só dizer meu nome, que venho correndo — disse, dando-me uma piscada e, em seguida, colheu os ombros, sorrindo. — Amigos. Não roubo homem das minhas amigas. Só admiro,

infelizmente — finalizou com um suspiro pesaroso.

Assenti, não sabendo o que pensar e, logo após, nos afastamos.

— Se abrir o bico para dizer qualquer fodida coisa, eu te mato — rosnei, antes que Nathan pudesse respirar, e então, parei e dei a volta, encarando-o. — Vamos nos separar. Há muita gente aqui e será mais fácil procurá-las se cada um cobrir um espaço.

Besteira!

Quando duas trapaceiras mentirosas querem brincar de gato e rato paciência é o que mais você precisa ter. E eu não tinha mais nem um fodido pingo.

Não havia um só canto que eu não tivesse olhado e não achei sequer a sombra de nenhuma das duas. Na melhor das hipóteses elas já tinham voltado para a mansão, mas mesmo o pensamento não amenizava minha raiva. Elas haviam atravessado essa ponte e não havia nada mais que me enojasse tanto como a mentira, porque o sujeito sempre tinha a escolha de dizer a verdade.

Pedi uma dose de uísque quando parei junto ao bar instalado próximo à piscina e, em seguida, chamei Nathan no celular para irmos. Estava decidido a esperá-las na mansão e dar a ambas o que mereciam por serem tão sacanas. E desta vez não haveria tolerância. Peguei o copo com a bebida quando guardei o celular e tomei-o em dois sorvos, pousando o copo vazio sobre o balcão.

Eu poderia aproveitar já que estava aqui, todavia, eu realmente odiava esse tipo de festa.

Havia gente demais, barulho em excesso enquanto as pessoas tentavam se fazer ouvirem sobre o som alto, e muita pouca luz. Era o tipo de festa, aonde você vai para tentar a sorte para uma foda rápida ou dependendo da companhia, se fosse boa o suficiente, uma noite inteira.

O mesmo lugar que a fez mentir para mim.

O pensamento me fez apertar os dentes, rangendo. Balancei a cabeça desanuviando qualquer pensamento nesta direção. Não confiava em mim mesmo quando meu sentimento de posse fazia saltar sobre a borda, o instinto assassino enfraquecendo o meu controle.

Despejei uma gorjeta no copo do barman, e então, dei a volta para sair. Foi quando meu olhar entreviu e, em seguida, focou-se do outro lado da piscina, atraído por um casal sob a luz difusa.

Não gostava de observar esses espetáculos gratuitos, contudo, não pude desviar os olhos, nem a sensação inquietante em meu peito quando estudei a garota.

Ela tinha longos cabelos ondulados, que iam até sua cintura, escuros até a metade de seu comprimento e claros nas pontas. O vestido mal cobria suas pernas pecaminosas. E, porra, eu somente conhecia uma pessoa que tinha aquele cabelo e aquelas pernas incríveis...

Minhas mãos se fecharam em punhos apertados, deixando os nódulos dos dedos brancos e frios, e um grunhido baixo subiu por minha garganta quando a garota interrompeu o beijo. Sua cabeça inclinou para o lado justo quando um lance de luz iluminou sobre ela, dando-me o vislumbre exato de seu rosto. O mesmo rosto que estava cauterizado na minha mente.

Não qualquer garota, mas a minha garota agarrada a outro.

Meu corpo endureceu ao mesmo tempo em que a fúria me atingiu com uma bola de aço, enrodilhando os meus músculos e injetando frieza dentro. Eu estava perdendo a mente muito rápido. Esta era uma reação ridícula para um homem da minha posição. Porém, eu não podia controlar, mesmo assim eu tentei.

Lá, parado, com uma expressão selvagem enquanto meus olhos pétreos assistiam o casal, eu coloquei minha mente na razão e no que era certo fazer.

Eu deveria deixá-la aqui, fazendo o que ela sabia fazer de melhor, ser uma completa vadia e esquecê-la por definitivo. Porque Deus sabia e eu também, ela gostava disso. Ela gostava de ser como era e não havia nada que eu pudesse fazer para dissuadi-la a mudar por mais que eu tentasse.

E, cacete, eu sabia que não tinha direitos sobre ela, que não podia exigir nada dela. Na verdade, não tínhamos qualquer coisa além de um grande sexo. Ela era um inferno sensual na cama, uma buceta deliciosa, onde eu podia molhar meu pau; não era nada para mim. Todavia, mesmo enquanto pensava, eu

sabia que era mentira. Ela era alguma coisa. Só não sabia o quê ainda.

Foda-se!

O que eu deveria fazer não significava o que eu queria. E no momento eu queria surrar o traseiro da vadia, minhas mãos coçavam para fazer exatamente isso enquanto eu a marcava com meu pau.

Eu a tinha reivindicado. Ela era minha. Fim de historia.

E, por Deus que, ela iria entender de uma vez por todas que eu não compartilhava nada, mesmo uma vadiazinha mimada que me punha louco de raiva.

O celular vibrou em meu bolso. Sem apartar meus olhos dela que, agora, dançava se esfregando com o garoto de merda, eu peguei o aparelho num aperto de morte, levando-o a orelha.

— Já tenho Pietra. Estamos indo para a mansão — Nathan grunhiu, com a voz alterada de Pietra gritando uma gama de palavrões ao fundo.

Eu não podia fazer nada por ela quando eu estava prestes a dar um tratamento parecido a sua amiga vadia. E, cacete, eu realmente não queria pensar sobre o que Nathan faria com minha irmã.

Enfiei o celular no bolso da calça e, em seguida, grunhi de raiva quando fiz meu caminho para tomar o que eu tinha ido buscar naquela fodida festa. Antonella. Ela ainda não sabia o que sua leviandade havia provocado sobre ela mesma, mas, tão logo, eu teria o prazer de lhe mostrar.

De repente, ela se virou sorrindo. Foi só uma fração de segundo antes que nossos olhares se cruzassem e ela fizesse conta da minha presença. Seus olhos dançantes, os meus piscando fogo. O sorriso dela se congelou, e então, sua face empalideceu branca, como papel.

Ela assustada. Eu muito puto.

Segurei seu braço, num aperto firme assim que a tive ao meu alcance, puxando-a contra mim.

— Ai, seu ogro! Está me machucando.

— Cala a porra da boca Ella, se não quiser que eu te dê as palmadas que merece bem aqui.

Ela se calou e eu agradeci em mente. Então girei e comecei a andar, levando-a comigo.

— Hey, cara! Solta a minha garota e vá pegar uma para você.

Parei e olhei para trás. O garoto com quem ela se agarrava estava vindo atrás de nós.

— Desculpe, cara, mas a garota é minha — alertei-o sobre o ombro, ainda a segurando. Um homem racional e normal poderia ter prestado atenção à advertência em minha voz.

Um homem, não um garoto almofadinha.

Ele me mediu e, logo após, estufou o peito, tentando parecer ameaçador. Só por aquilo eu disse a mim mesmo, que o castigo que aplicaria naquela safada seria um pouco mais duro.

— Eu não vi nenhuma marca de propriedade — o garoto disse num tom insolente, sua postura clara que ele lutaria por ela se eu não tomasse o controle.

— Você apenas não olhou no lugar certo — eu informei-o, minha voz profunda e baixa. — O que é uma boa coisa, caso contrário, eu teria que te matar.

Ele contraiu o olhar, irado, assim como qualquer filhinho de papai faria.

— Você sabe com quem está falando, babaca? Eu...

Eu tinha o tipo pela garganta em outra fração de segundo. Lentamente, apertando-o enquanto as mãos corpulentas, porém insuficientes para se desfizer do meu aperto, envolviam o meu pulso, seus olhos azuis começando a inchar com a falta de oxigênio.

— Você não vai querer saber quem eu sou então não mexa comigo, garoto, — rosnei, impiedosamente —, ou com minha mulher. Ponto final.

Apreciei o medo balançando em seus olhos enquanto ele assentia sufocado. Quando soltei o merdinha, ele se afastou rapidamente, tropeçando em seus próprios pés, se perdendo em meio aos convidados.

— Você é louco — ela disse, batendo no meu braço com força suficiente para me fazer olhá-la com surpresa. — Sua mulher uma ova! Eu não sou nada sua, ordinário!

— Você não tem vergonha na cara de ser tão vadia e ficar com um merda desses?

Seu olhar estreitou desafiador.

— Não seria a primeira vez. Você aqui não me deixar mentir — menosprezou e, em seguida, tentou puxar o braço. — Me solta, Castellammare! Eu não vou embora. Não pode me obrigar.

Ela era louca e condenadamente petulante!

Não havia outra explicação para ela me tentar quando eu estava a ponto de surrar seu traseiro aqui mesmo. Usando meu último fio gasto de controle, joguei-a no meu ombro e caminhei para a saída. O percurso todo ela berrou, xingou e se debateu, chamando a atenção dos convidados para nós.

O que havia em Antonella que destruía o meu autocontrole? Que acabava com minha determinação de ser racional e tranquilo com ela? O que a fazia ser tão diferente de qualquer outra mulher?

Eu não fazia a porra de uma mínima ideia.

Maldição, Antonella tinha razão. Eu estava louco. Ela estava me enlouquecendo a ponto de diluir meu controle a nada. Essa pequena vadia aflorava meu lado possessivo e animal a um nível incontrolável. Estava além de mim, além de qualquer esforço que eu fizesse para agir com a razão. Meus instintos de macho primitivo obrigavam-me a agir como um homem das cavernas. Eu tinha deixado minhas emoções sobressaltarem e o ciúme bestial por minha posse subir a borda. E não havia nada que eu pudesse fazer para empurrá-los de volta.

Uma vez que cheguei ao carro, coloquei-a no chão, porém não a soltei.

— Entre — grunhi, com a porta do carro aberta.

Ela bateu o pé.

— Não! Eu já disse que não vou com você. Meu carro está aqui, além do mais, não quero ficar perto de você. Você é um tirano, Heithor. Um machista cretino de merda. Não vou com você a qualquer lugar. Não tem nenhum direito sobre mim. — Inspirei e exalei, apertando a ponte do meu nariz, buscando uma calma inalcançável dentro de mim. — Sabe que eu nunca vou te perdoar por me fazer pagar esse mico. Nunca, Castellammare! Me matou de vergonha...

Sem paciência para sua ladainha rebelde, coloquei-a a força dentro do carro e fechei a porta com um baque surdo, em seguida, dei a volta e tomei o lugar no assento do motorista.

O caminho para mansão foi rápido e marcado com suas maldições enquanto eu me mantive em silêncio, minha ira cozinhando em fogo brando. Lento e constante. Assim que estacionei o veículo em frente à porta principal, ela como a louca que era adicionou mais pimenta ao meu temperamento ao descer e correr em direção do portão. Não pensei duas vezes, indo atrás dela.

Se Antonella fizesse ideia do quanto sua ideia de merda fez agravar mais fúria ao meu humor sombrio, ela teria se calado e me pedido perdão de joelhos. Não que isso fosse ajudá-la, somente faria seu castigo mais brando, porque o inferno se congelaria antes de eu abrir mão de castigá-la.

Logo consegui alcançá-la, jogando-a em meu ombro, novamente. Caminhei de volta para a mansão sob os protestos dela. Seus socos em minhas costas sequer faziam cócegas, mas meus dedos coçando agiram, desferindo um tapa forte em sua bunda. Ela gritou e xingou.

— Você vai me pagar por isso, Castellammare. Eu juro a você, maledetto! Vai me pagar por cada uma dessas coisas que me fez hoje. Ouviu-me cretino? Ti odio, puttano!

— Cale-se e se comporte, ou vai levar outro tapa — estalei, agressivamente.

Ela ficou imóvel e calou seu escândalo, embora ainda seguisse murmurando maldições em tom baixo. Plantei-a sobre seus pés quando chegamos ao quarto. Antonella ficou parada, encarando-me ofegante, com os braços cruzados sobre os seios. O rosto vermelho, sua expressão apertada. Os olhos faiscavam raivosos, desafiando-me em silêncio.

— Tire a roupa — ordenei num tom de comando.

— Tente daqui... nunca.

— Tire. A. Porra. Da. Roupa.

— Nem. Em. Sonho — ela provocou de novo, numa postura prepotente dos infernos que me fez perder

o único resquício de paciência e juízo, que eu ainda possuía.

Cego pela raiva e pelo desejo de substituir o cheiro e os toques do outro pelos os meus, eu caminhei para ela. Segurei o decote exagerado de seu fodido vestido e puxei num pulso de raiva, rasgando-o de cima abaixo. Ela soltou um grito abafado. Dei o mesmo destino a sua calcinha sem me importar com os seus protestos nada convincentes e, em seguida, enfiei os dedos em seu cabelo longo, puxando-a para a minha boca. Ela mordeu meu lábio inferior com força e eu sibilei, soltando-a, em seguida, e levei minha mão à boca sangrando.

Antonella se aproveitou do meu recuo momentâneo e me esbofeteou. O som da sua mão pesando em meu rosto era chocante no silêncio, porém minha incredulidade foi maior que qualquer dor.

— Suo disgraziato figlio di puttana! Acha que pode me beijar ou fazer qualquer merda depois de me tirar da festa como se eu fosse um saco de batatas? Um objeto seu, maledetto? Nunca fui tão humilhada na mia vita! Você é realmente um tirano, um maledetto filho da puta de merda, que acha que pode mandar em todo mundo e fazer o que bem entende! Mas não vai mandar em mim, cazzo!

Minha incredulidade foi substituída pela fúria assentada, que fluiu através da minha pele por sua petulância e atrevimento, mas não era somente isso. Era desejo quente e lascivo, trovejando, queimando em minhas veias com uma luxúria abrasiva. Tudo ao mesmo tempo. Insano e doentio.

Ela recuou um passo, fechando as mãos em punhos ao lado do corpo enquanto a fúria pintava o seu rosto delicado. Seu peito subindo e descendo. O movimento brusco balançando seus seios de forma graciosa, as pontas duras entregando-a. A vadia estava irritada, mas excitada, também.

— Me ouviu, babaca? Non voglio che tu mi tocchi[45]! Nunca mais nessa sua vidinha medíocre ouse me tocar novamente. Ou eu juro a você, vai se arrepender de ter nascido. Está ouvindo?

Ela continuou recuando e xingando. Seus braços levantados, como se estivesse pronta para me atacar, quando eu continuei indo para ela. Meu corpo estava tenso e minha expressão determinada, marcando minhas feições, rudemente. A cama atrás dela barrou sua fuga, e então, Antonella lançou-se para mim com unhas e dentes, literalmente. Mordendo e chutando. Evitei seus golpes o quanto pude, desprezando suas tentativas de me ferir com o mínimo de esforço. Isso a irritou mais, e eu dei a ela alguns minutos para bancar a incompreendida quando ela redobrou seus próprios esforços para me prejudicar. Ela realmente estava determinada a me causar danos. Aquilo me surpreendeu.

Fechei os dedos em torno de seus pulsos num agarre cuidadoso, porém firme, e então, os torci pelas costas e a girei, curvando-a sobre a cama. Em seguida, minha mão caiu em seu traseiro redondo. Uma. Duas. Três vezes. Ela gritou. Eu sorri satisfeito com o tom avermelhado em sua pele. Não podia ter piedade dela. Ela mesma tinha trazido um castigo para si e meu trabalho era aplicá-lo de maneira que ela entendesse de uma vez por todas que aquele comportamento não seria tolerado. Estapeei outra e mais outra vez. Ela xingou misturando os idiomas como sempre fazia.

— É uma gatinha selvagem, não é, neném?

— Me solte, porra — ela grunhiu.

Antonella tentou se levantar, no entanto, pesei meu corpo sobre o seu. Minha boca pairou sobre sua orelha e, em seguida, eu mordi com força, fazendo-a suspirar. A altura da cama manteve seu quadril no alto. Metade de seu corpo estava sobre o colchão e metade fora. E, caralho, seu cheiro era fodidamente bom. Antonella cheirava a pecado, quente e molhado, inocência e travessura.

Ela bufou frustrada quando empurrei meus joelhos entre suas pernas, afastando-as. Segurei seus pulsos com uma mão e deslizei a outra abaixo, acariciando a curva de sua bunda. Se ainda havia alguma dúvida em mim que ela estava excitada com nossa batalha particular, todas elas se dissiparam quando as pontas dos meus dedos encontraram sua buceta quente, molhada e tenra.

— Pare com isso! — sussurrou ela em tom de ameaça quando meu dedo escorregou para dentro dela, mas havia mais que ameaça lá, havia uma nota de excitação que ela tentava ocultar.

Eu parei, mantendo o dedo em seu interior.

— E se eu não parar?

Ela grunhiu e eu ri, num humor distorcido.

— Você me bateu. Não quero que me toque.

— Não quer que te toque, mas o filho da puta na porra daquela festa podia te tocar? — rosnei em sua orelha, minha voz mais profunda, mais sexual. — Eu deveria te dar mais algumas palmadas por me dizer isso quando está toda cremosa em minha mão. É uma mentirosa, Antonella.

Comecei a bombear o dedo dentro dela, logo acrescentei o segundo. Seu quadril retesou enquanto suas paredes lisas e sedosas tragavam meus dedos mais fundo, palpitando ao meu redor.

— Inferno! Não faça isso!

Podia ver seu esforço em se conter, em fingir indiferença, porém sua buceta a entregava, cada vez mais molhada, facilitando meus dedos deslizarem em seu interior. Ordenhando. Apertando. Seu quadril estava tensionado, tentando frear seus movimentos quando ela, obviamente, não podia.

— Não era isso que queria, Antonella? Não era por isso que estava se esfregando naquele moleque? Oferecendo ao merdinha o que é meu?

— Não com você — negou teimosa.

— E por que está montando minha mão? — Ela grunhiu, novamente, mas não respondeu, nem seus movimentos cessaram. — Te excita saber que não pode se libertar ao menos que eu permita? Claro que sim. Está babando e pronta para ser fodida... É uma menina má. Uma diaba em pele de anjo, que se excita ao lutar comigo, por isso vive me desafiando, não é assim, neném?

— É um desgraçado pervertido — xingou com um gemido baixo.

— E seu homem, porra — vociferei. — E, juro por Deus, Antonella, você vai entender isso nem que esta seja a última coisa que eu faça nessa vida, mas você irá entender.

Puxei meus dedos de repente e dei um último tapa forte em seu traseiro, antes de soltar seus pulsos. Ela xingou, blasfemando. Eu a girei, deixando-a sobre suas costas.

Antonella se arrastou para o meio da grande cama quando eu subi atrás dela, perseguindo-a, sem tirar meus olhos dos seus. Sua expressão estava cheia de uma teimosia rebelde, mas também de um desejo legítimo por detrás da falsa fúria. Tão enganosa. Sua delicadeza contrastava com a garota má que ela era. Uma que merecia e pedia por um castigo a altura de seus delitos.

— Não me quer, não é? — sussurrei, cheio de intenções, quando me coloquei de joelhos e agarrei seus tornozelos, puxando-a para mim num movimento brusco. Ela tentou lutar, mas eu não lhe dei chance. Em seguida, espalhei suas pernas, expondo seu sexo. — Deus, olhe para você. Toda pronta para ser fodida.

— Ti odio — resmungou num fôlego.

Joguei meu olhar para ela, vislumbrando suas mãos fechadas no lençol.

— Claramente que sim — murmurei com riso na voz então acrescentei rouco enquanto minhas mãos desciam pelo lado de dentro de suas coxas, sentindo-a estremecer em minhas palmas. E sabe o quê? Ela não estava lutando contra ou tentando fugir mais. — Me odeia, me acha um filho da puta e outros tantos nomes carinhosos que me deu, contudo, seu corpo me ama. Ou será que já estava assim quando a tirei da maldita festa? Estava assim por aquele garoto?

Meu polegar varreu sua fenda e parou sobre seu clitóris inchado quando a possibilidade se firmou em minha mente. Eu sabia que não, mas meu lado primitivo queria ouvir as palavras dos lábios dela. Ela se manteve quieta, no entanto, me olhando com os olhos grandes e provocativos. O marrom profundo na luxúria, provocando-me deliberadamente.

Inclinei-me sobre ela, sustentando meu peso em um braço, meu rosto pairando sobre o seu.

— Maldita seja, me responda. Foi ele quem te deixou assim?

Ella lambeu os lábios e olhou dentro dos meus olhos, de repente, estreitados.

— Não, — ela respirou.

Eu não percebi que estive tenso pela resposta até que ela falou. Desci minha boca para a sua e a beijei

devagar e profundamente, querendo marcar-me em sua alma. Senti o gosto doce do champanhe que ela provavelmente bebeu na fodida festa e do sangue que ela me tirou. Desta vez, ela respondeu ao beijo com entusiasmo. Comecei a massagear seu clitóris com meu polegar ao mesmo tempo. Ela choramingou, se agarrando a mim.

Por um momento, sua boca parou de se mover, mantendo sua língua para o meu deleite e eu me deliciei, chupando-a repetidas vezes, acariciando-a com os meus lábios.

Nenhuma bebida no mundo poderia me intoxicar desta forma. Eu queria ficar bêbado sobre ela, dentro dela. Mas antes, ela tinha uma conta pendente comigo.

Recuei e mordi seu queixo de leve, e então, tornei a minha posição inicial.

Tirei a camisa sob seu olhar guloso, em seguida, desabotoei o jeans e abaixei o zíper a fim de algum conforto, mas mantive a calça no lugar. Estava duro, meu pênis me sufocando para se libertar. Queria-a tão difícil que, provavelmente, no momento que eu tivesse meu pau livre, ele estaria dentro dela no outro segundo. Ainda não, pensei, agarrando o controle com firmeza. Antes queria imergi-la tão profundamente no desejo devasso que compartilhávamos que ela não pudesse pensar em nada salvo no prazer que somente eu poderia lhe proporcionar.

Unicamente eu. Seu dono. Porque era isso que eu era dela.

Enquanto eu estivesse em Malibu, Ella era somente minha.

Pertencia-me.

E nada do que ela dissesse mudaria isso.

Corri meu olhar faminto por ela.

Ella, era a visão do pecado, com o lábio inchado e vermelho preso nos dentes, as bochechas cremosas rosadas e os olhos marrons escurecidos pela luxúria, os seios apontando para cima.

Pequena e deliciosa, tempestuosa e atrevida, como uma ninfa.

Aquela interessante combinação de inocência e sensualidade ardente estava me deixando louco. Eu amava isso. Eu amava... Não, meus pensamentos se recusaram a seguir adiante, nessa direção. Eu amava o prazer que seu corpo me oferecia, sua entrega e sua disposição para tomar tudo que eu podia lhe dar sem reservas. Sexo selvagem, louco e imoral. Sem pudor ou limites.

A pele dela me pareceu como seda quente, e me excitou mais do que deveria quando corri as mãos por suas coxas, lentamente, subindo até seus seios, apertando-os entre meus dedos. Eles eram arredondados e firmes. Nem pequenos, nem grandes demais; perfeitos para as minhas mãos e boca. As pontas duras furavam minhas palmas, invejando minha língua, enchendo minha boca d'água.

Logo desci e segurei seus joelhos pela parte de dentro, empurrando suas pernas em direção ao seu estômago, de modo que, elas ficassem bem abertas. Inclinei a cabeça e lambi toda sua virilha, evitando propositalmente seus lábios vaginais e o clitóris a cada deslizar lento da minha língua. O cheiro da sua excitação era doce, provocativo, e eu lutei contra a vontade de banhar a língua em sua cremosidade. Ella choramingou e se contorceu, movendo o quadril com dificuldade pelo o meu aperto, buscando minha boca. Tão receptiva e responsiva, que quase me enfraqueceu. Mas não cedi e ela xingou.

— O que você quer Ella? — perguntei, minha voz era um sussurro grave e duro desfigurado pelo tesão, torcendo minhas bolas. — Você quer a minha boca e os dedos em sua buceta, neném? Quer que a faça vir? Quer que a prove até que goze na minha língua?

Ela assentiu com a cabeça, porém eu não fiz nada mais que olhar para ela, esperando-a articular as palavras que eu queria ouvir.

— Sim — ela sussurrou relutante. — Eu quero que você me faça vir.

Eu ri baixo contra a sua coxa e, em seguida, fechei meus dentes em sua pele macia, sentindo-a estremecer. Ela gemeu uma maldição. Lambi sobre.

— Você gosta da minha língua na sua buceta, Ella?

— Dio, sim, Thor!

— Não era isso que parecia — comecei num tom zangado, a imagem do merda com as mãos imundas sobre ela, com a permissão dela, enchendo minha mente. Traguei uma longa respiração, mas minha fúria não cedeu apenas recuou, esperando. — Parecia muito disposta a deixar que ele te tocasse assim. Estava indo deixá-lo tocar a minha buceta, Antonella.

— Não... f-foi o momento. Eu n-não...

Eu ri, um som sádico, que eu tive certeza que ela decodificou.

— Então eu tenho que trabalhar duro para que esses momentos não aconteçam novamente.

Deslizei os dedos em sua fenda, subindo até seu clitóris e descendo até sua entrada, e então, enfiei um dentro. Ela ofegou e tentou fechar as pernas.

Olhei para cima, em seu rosto torcido pela emoção do prazer.

— Segure suas pernas como eu fazia e mantenha-as assim — instrui, adotando um tom rude de comando em minha voz. — Não as feche até que eu permita.

Desci a boca sobre seu broto inchado, tragando-o, numa sucção áspera enquanto mantinha o dedo ainda imóvel dentro dela. Seu gosto explodiu na minha língua, como uma droga, entorpecendo meu organismo e atingiu diretamente a cabeça do meu pênis. Ofeguei na agonia quando apertei o quadril contra o colchão, louco para meter dentro dela. Eu tinha que me controlar melhor se quisesse aplicar uma lição nela e, sobretudo, levá-la ao fim sem cair em tentação.

Seria um inferno em Terra, mas iríamos queimar juntos.

Enquanto eu respirava profundo, me concentrei em sua respiração ofegante. Mais controlado, usei os dedos para separar seus lábios vaginais e travei a mandíbula. A visão de sua buceta vermelha exposta sem pudores, brilhando com sua necessidade, tão inchada e pedinte, que quase me fez explodir na cueca. Pousei minha boca aberta em sua vagina, lambendo-a de cima abaixo então afundei a língua na sua entrada, fodendo-a como o meu pau queria fazer. Cavando dentro dela, mexendo a ponta para cima e para baixo, e depois tornei a lamber todo seu sexo até voltar a sugar clitóris. Mordisquei e acariciei-o, apreciando seu pulsar e maciez na ponta da minha língua.

— Oh, merda! Sim, Heithor, me chupe assim... Use os dedos também, maldito.

— Você não dá às ordens aqui pequena vadia travessa, — declarei áspero —, mas não se preocupe, iremos discutir seus pequenos hábitos ruins... a fundo.

Sem aviso prévio mergulhei dois dedos dentro de sua buceta, estirando a carne macia, empurrando até o fundo enquanto ela curvava as costas e soltava um grito sexy, com a cabeça jogada para trás e os olhos semiabertos. A visão tão fodidamente quente, como o próprio inferno sobrecarregado com uma luxúria escaldante, pesada. Maldição, somente com aquela imagem eu podia sentir minhas bolas espremidas contra a base do meu pênis, suplicando por liberdade.

Arfando, eu comi sua buceta com meus dedos, alternando os movimentos entre golpes rasos e profundos então baixei a boca para o seu clitóris, batendo a língua sobre ele. Meus dentes mordiscavam enquanto os lábios chupavam, a língua estimulando em torno e abaixo.

Quando senti sua buceta começar a mastigar os meus dedos, eu parei.

— Filho da puta, gostoso — ela grasnou, engasgando. — Já chega de brincadeira, Thor!

Eu não fiz caso de sua exigência.

— Te ver com aquele viado, sabendo que ele estava pronto para tomar o que é meu... Eu quis matá-lo, Ella. Ainda quero. Você entende isso? — murmurei num tom feroz e baixo enquanto movia os dedos em seu canal quente, vagarosamente, sentindo o aperto de seus músculos internos. Meu olhar se moveu para cima para seu corpo, seu rosto. — Permitiu que outro a tocasse quando sabe que me pertence e que eu não divido qualquer coisa minha, incluso minha vadia.

Ela levantou a cabeça, seu olhar encontrando o meu, a rebeldia ainda reluzindo em seus orbes.

— Eu não sou sua — silvou ela, num gemido áspero.

Orgulho masculino curvou minha sobrancelha.

— Não? Tem certeza neném?

Era insano, mas ao mesmo tempo em que sua teimosia irritava o inferno fora de mim, eu adorava sua insolência, sua altivez petulante de tentar reprimir aos seus anseios, as respostas de seu corpo ao meu toque. Não era tolo. Já tinha comido minha parcela de mulheres e vivido um bocado para entender algumas coisas que mesmo ela tentando, não podia me esconder.

Antonella não estava feliz por não conseguir ignorar a atração que sentia por mim e ela lutava contra. Não contra mim, senão contra ela mesma. Contra seus impulsos, seus desejos e a luxúria que nos envolvia, embora ela mesma soubesse que aquela era uma luta perdida. Mesmo assim, ela seguia lutando, tentando, buscando uma única brecha para se colocar a salvo. E eu seria um fodido condenado se a permitisse sequer chegar perto de achar uma.

Movi o olhar para onde meus dedos estavam enterrados, sobre sua estreita abertura relaxada para acomodá-los. Brilhando. Molhada. Inchada. Erótico pra cacete. Movendo a mão, curvei os dedos e trabalhei-os mais duro, mais fundo, estocando os músculos inchados da sua buceta à medida que tremores responsivos a fazia balançar em torno dos meus dedos. Agarrando. Se moldando a eles, num aperto firme então suavizei os movimentos. Antonella se contorceu incontrolavelmente sob mim, arqueando-se para cima para buscar mais da minha mão. Ela já não segurava as pernas, suas mãos estavam agarradas no lençol num aperto de morte, e eu dei isso a ela.

— Per favore, Thor — ela suplicou. — Eu preciso de você dentro de mim agora. Dê-me isso merda, qualquer coisa. Me faça vir.

Eu olhei para ela.

— E por que eu faria isso? Se eu não tivesse chegado naquela fodida festa a tempo você, provavelmente, estaria sendo fodida por aquele merdinha. Então me diz, Antonella. Por que eu deveria foder você agora?

Ela bufou. Praguejou.

— Eu poderia ficar fazendo isso à noite toda. É muito gostosa, neném. Todo um banquete para um homem saborear com os dedos, a boca... o pênis. Eu quero te comer de tantas formas.

— Thor..., por favor.

— O quê quer neném?

Escovei os lábios em sua buceta e a beijei. Realmente a beijei. Um mover lento de língua e lábios, suave, sugando-a gentilmente antes de recuar.

— Ah, inferno! Você, Heithor... Eu quero você, caralho!

— Estou bem aqui. Então, me diga, o que você quer de mim, exatamente?

— Quero que me coma — grunhiu. — Droga, só faça algo e me deixe vir. Qualquer coisa!

— Por quê?

— Thor, suo disgraziato, isso é tortura... Inferno! Eu juro que vou te matar, se não morrer antes... e-e se eu morrer, juro que venho assombrá-lo, maledetto! Faça. Agora.

Parei de mover os dedos e os mantive. Bem ali. Aconchegados no calor de seu corpo quando me desloquei sobre ela, apoiando-me em uma mão ao lado de sua cabeça. Minhas pernas empurraram suas pernas bem abertas. Meu olhar feroz prendeu o seu.

— Toque-se. Tome seu prazer por si mesma — vociferei em tom baixo. — Vamos filha da puta, faça isso. Não é muito diferente do que você teria feito, se não houvesse a minha interferência. Porque certo como o inferno, você poderia até mesmo ter fodido com aquele merda, mas ele não iria te satisfazer. Contudo, você já sabia disso, então só posso imaginar que você se tocaria depois, porque você também sabia que eu me recusaria a tocá-la quando permitiu outro na minha buceta, quando foi uma cadela mentindo para mim quando fui bom para você. Então faça, Antonella. Leve sua mão abaixo, toque sua buceta e pegue o seu prazer.

Percebi minha respiração alta, tão arfante quando a dela. Ela me olhava confusa, a indecisão

balançando em seu olhar. Podia vê-la lutando com as palavras. Eu empurrei.

— Você não precisa de mim para isto. Faça por si mesma, e então, terminamos aqui. — Ela mordeu os lábios e, relutante, sacudiu a cabeça, negando. — Não vou te barrar. Faça. Ou saia daqui.

— N-não Thor — ela suspirou, sua voz se quebrando um momento mais tarde.

— Você está cheia de nãos hoje Antonella. Apenas faça e deixaremos isso assim... Porque, se ficar, esteja ciente que as coisas serão do meu jeito. Antes que essa noite termine, eu te terei por inteira. Sem piedade. Sem desculpas. Sem mais birrinhas. Tudo ou nada, Antonella.

Capítulo 13

THOR

Suas sobrancelhas franziram, um cintilar de razão cruzando seu olhar.

Eu soube que a estava empurrando um pouco além do seguro, porém ela precisava entender, assim como eu precisava ouvir e ter certeza de que ela entendeu o que eu estava oferecendo. Sobretudo, o que ela me daria em troca. Exclusividade. Não podia tolerar que a sua rebeldia de *hoje* se repetisse, que ela permitisse outros em seu corpo, de nenhuma fodida maneira. Desejava-a além da minha sanidade, ainda assim, se ela não estava disposta a dar-me tudo, então, eu não queria nada.

Ela suspirou rendida quando, finalmente, disse:

— Não posso me tocar, Heithor. Não é suficiente. Quero que você faça...

Suas palavras se perderam, o olhar aflito brilhando em esperança para que as palavras fossem suficientes, porém, embora eu pudesse ver o quanto difícil estava sendo para ela, eu precisava ouvir.

Ella bufou, um som que foi quase um rosnado.

— Inferno, Thor, o que quer ouvir, caralho? Eu quero você, va bene? Quero que me toque como estava fazendo, que me coma com seus dedos, com seu pau... o que for... E-eu preciso de você. Não posso ter o bastante sozinha. Meu corpo quer você. Só você... Per favore.

Por um instante tudo que eu pude fazer era somente olhar para ela, cativado pela maneira bonitinha que ela misturava o inglês com o italiano, pela paixão efervescente ondulando o marrom derretido de seus olhos, fazendo-os quentes e iluminados, a espera de uma ação minha. Eu era um filho da puta por empurrá-la assim, porém era o filho da puta mais feliz da face da Terra nesse momento. Mesmo meus bons princípios não poderiam tirar isso de mim. Orgulho puro e outras emoções apertaram meu peito, emoções que eu não quis examinar. Não ainda.

— Você é minha enquanto eu estiver aqui. Ponto final. Não tolerarei que outro homem te toque, de nenhuma fodida maneira. Essa buceta é minha. Está entendido?

Ela arfou, assentindo.

— Sì.

De repente, puxei meus dedos melados com sua excitação e os pousei em sua boca, deslizando-os sobre o contorno cheio de seus lábios borrados, sobre a costura.

— Prove-se — pedi sem realmente precisar fazê-lo, ela já abria os lábios, chupando-os para dentro do calor de sua boca. Minhas bolas se apertaram com a visão.

Observar seus pesados cílios se entrecerrarem enquanto sua língua traçava padrões em meu dedo, sua boca borrada pelos beijos que trocamos e brilhando com sua própria excitação, movendo-se com entusiasmo ativou em meu corpo um frenesi. Segurei sua boca para a minha fome dela quando a beijei duramente, querendo comê-la viva. Meus lábios se moveram sobre os dela enquanto minha língua explorava sua boca, antes de enroscá-la contra a sua, mimando-a a cada sugar.

Um gemido seu se quebrou em minha boca. Suas mãos se apertaram em minha cintura antes de se moverem para as minhas costas, e então, desceu por dentro da minha calça, apertando minha bunda sob a cueca, puxando meu quadril contra o seu, se esfregando contra mim. Sem afastar nossas bocas, eu dei isso a ela, empurrando a pélvis de volta, num movimento duro, difícil, até que o desejo de gozar queimou

minhas bolas e fez a cabeça do meu pau latejar em agonia.

Iria gozar, mas, definitivamente, não seria na boxer.

Recuei ofegante, soltando-a e desci da cama.

Retirei a calça e a cueca e, em seguida, retornei a cama, ficando de joelhos em posição sentada na frente de seu corpo. Meu pênis latejou em minha palma, protestando contra a minha mão quando a deslizei sobre ele. Ele queria Ella. Sua boca. Sua buceta. Cada buraco dela.

Lentamente, respirei profundo, acalmando-me.

— Eu vou dizer o que vamos fazer... Primeiro, você vai chupar meu pau e minhas bolas até que eu goze na sua boca. Eu vou foder sua boquinha sexy e suja, e você vai tomar tudo de mim. Cada fodida gota. Depois vou comer *minha* buceta e reivindicar esse seu cuzinho doce. Se você se comportar bem, talvez eu te libere um orgasmo. E, antes que me ameace ou tente bancar a espertinha comigo novamente, eu já te adianto que, você não chegará sozinha. A vez para isso chegou e passou. Eu não vou mais permitir. Se continuar a se comportar como uma cadela, irá dormir com as mãos amarradas. Excitada, dolorida e sem qualquer alívio. Você entende isso?

Observei sua feição se apertar com sua rebeldia jovial, o desejo de gritar comigo estampado no rosto dela, e eu realmente apreciei isso. Gostava dela assim. Arredia. Mas hoje, queria-a doce, subjugada.

— Sì — disse ela, com a voz trêmula.

Assenti em aprovação.

— Venha aqui neném — ordenei, meu tom descendo uma nota, deixando minha voz mais grave e profunda quando segurei meu pênis. Ela engatinhou para mim. — Coloque os lábios em torno dele e mostre ao seu homem o quanto você quer isso.

A assisti lamber os lábios e meu pau pulsou em antecipação. Uma de suas mãos espalmou contra a minha coxa quando a outra agarrou meu membro, firmemente. Eu fechei as mãos em punhos ao lado do meu corpo quando sua boca úmida e má cercou a cabeça de meu pênis. Um gemido áspero correu da minha garganta com a sensação. Pendi a cabeça para trás, meus olhos se fechando brevemente, perdido na emoção afiada de ter sua boca em mim.

Aspirei fundo, abrindo os olhos e mirei abaixo enquanto prendia os dedos em seu cabelo, limpando a visão de sua boca em meu pau, e a segurei lá. Justo onde sua língua sacudia sobre a pele sensível debaixo da cabeça, enviando disparos de sensações correndo por meu eixo, indo diretamente para as minhas bolas. Ela lambeu todo caminho abaixo, molhando, queimando-o com sua saliva antes de tornar a sugar a cabeça enquanto movia a mão, trabalhando-a em volta do meu pau, numa sincronia enlouquecedora com a sua boca.

Suor cobriu meu corpo pelo esforço de me segurar.

— Foda, neném — grunhi. — Chupe isso apertado... Deus, Ella, sua boca é o céu.

Ela começou a chupar duro, como uma fodida profissional, atraindo a cabeça para a garganta enquanto a língua brincava em torno, os dentes raspando de leve. A resposta queimou meu corpo e me surpreendeu quando uma onda ígnea de calor febril viajou através do meu pau e retesou meu quadril. Ella tinha uma língua perversa, capaz de fazer um homem caminhar até o inferno, se a recompensa final fosse ter sua boca sobre ele. Os sons molhados da sucção que ela fazia eram altos e eróticos em meus ouvidos. Seus dedos brincaram com minhas bolas antes de sua boca o fazer. Uma lambida gentil, suave, enviando-me quase ao limite, e então, ela voltou a tomar meu pênis.

Eu não demoraria a vir em sua boca. Precisava gozar. Liberar a tensão estrangulando as minhas bolas, caso contrário, não duraria um minuto dentro dela e, quando eu estivesse lá, enterrado profundamente dentro do calor da sua buceta, eu queria aproveitar ao máximo. Entretanto, queria também apreciar por um momento a mais de sua boca diabólica.

— Abra a boca. Mais — instrui, não reconhecendo minha própria voz. Dura, selvagem e muito profunda. — Isso, assim mesmo my little bicth. Relaxe a garganta e respire pelo nariz. Deixe-me foder

essa boquinha sensual. Assim mesmo neném. Foda.

Enrolei uma massa espessa de seu cabelo em meu punho, segurando acima de sua nuca então comecei a manejar o quadril, controlando minha força para não machucá-la, apesar de não aliviar em meus movimentos. Ella estava entregue, relaxada a minha invasão, tomando o que eu lhe dava, com uma fome que nunca vi em outra mulher. Ela era gulosa, e eu dei a ela tudo que tinha em mim.

Amava a visão do meu pau deslizando através daqueles lábios cheios e depois recuando, molhado com a sua saliva. O barulho que ela fazia quando tragava meu pênis a cada investida minha dentro era como uma faca, apunhalando minhas bolas e torcendo. Seus olhos estavam para mim, incendiários, com uma carga de emoção sexual. Fechei os meus quando o prazer ateou fogo em minha coluna e desceu até meus escrotos, voltando meus movimentos mais frenéticos. Os gemidos dela ao meu redor estremeciam a minha carne e acendeu o barril de pólvora, acionando minha libertação.

Que Deus me ajudasse, pois eu estava indo para gozar no fundo da sua garganta.

Friccionei os dentes debruçando a cabeça para trás, seu nome saindo entre os meus dentes e a segurei. Bem ali. Enquanto o prazer espremia o gozo das minhas bolas, viajando todo o caminho até a cabeça do meu pau, meu sêmen se derramando em sua garganta. Ela tomou tudo, como uma gatinha sedenta por leite. Isso me causou uma sensação boa pra caralho. Primitiva. De posse. Minhas mãos se afrouxaram em seu cabelo quando a última gota de porra caiu em sua língua.

Uma vez que pude respirar novamente, eu abri os olhos e olhei para ela.

Sua bochecha estava apertada em minha coxa, e seus braços estavam frouxamente ao redor de meus quadris. Seu corpo relaxado sobre a cama, as pernas afastadas deixando seu traseiro aberto.

Era a coisa mais atraente que eu já havia visto.

E eu teria tudo dela nesta noite. Cada parte sua estaria marcada por mim. Dentro e fora. De maneira que ela não poderia me tirar de lá, mesmo se quisesse.

Acariciei a lateral de seu rosto, ouvindo seu suspiro trêmulo. Eu tinha saciado uma pequena porção da minha fome por ela, e na outra mão, tinha lhe aplicado um terço da sua lição. Contudo, estava longe de me sentir satisfeito e, mesmo com a noite toda pela frente, eu duvidava que tivesse o bastante ao menos em uma parte. Nunca me cansaria dela. Nunca teria o bastante, mas morreria tentando.

Mais calmo, movi seu corpo, colocando-a estirada sobre suas costas, as pernas espalhadas para os lados quando me acomodei no berço de sua pélvis. Beijei sua boca brevemente e desci por seu pescoço, colo. Suguei seus mamilos rosados sem pressa então tornei a descer por sua barriga.

— Thor...

— O quê minha putinha quer?

— Toque-me. Por favor, toque-me antes que eu morra. — A voz dela era urgente, quebrada.

— Chupar o pau do seu homem te excitou mais?

Ela assentiu, lambendo os lábios, com uma sugestão de um sorriso arteiro no canto deles.

— Eu adoro o sabor do seu pau.

Busquei sua racha cremosa, impossivelmente mais molhada.

— Posso ver que sim... Está lisa e cremosa. Tão inchada que se eu não a tivesse visto antes, pensaria que já teve um pênis dentro de você.

Molhei dois dedos na boca e, em seguida, empurrei dentro dela. Embora estivesse gotejando, suas paredes inchadas ofereciam resistência a minha invasão, se moldando em torno de meus dedos num aperto de morte, induzindo o pensamento da tortura que seria quando os substituíssem por meu pênis. A insinuação enviou uma onda de luxúria para a minha virilha, engrossando meu pau outra vez. Ella gemeu, seus quadris ondulando, empurrando contra enquanto eu batia dentro dela. Cerquei seu clitóris em meus lábios, minha língua golpeando sobre e ao redor a cada sucção áspera. Eu podia sentir seu orgasmo se construindo e vindo rapidamente em meus dedos e boca.

Saber que ela estava se contorcendo de prazer, senti-la vindo e, principalmente, que era eu quem

estava proporcionando isso a ela acariciou meu ego masculino de tal maneira, que eu queria rosnar, como um animal. Queria meter nela de tantas e tantas maneiras, que pervertido seria pouco.

— Oh, Dio! Foda-se, eu vou...

Afastei-me dela, de imediato, deixando-a no limite. Tragando duras respirações pela boca, eu olhei para ela choramingando pelo clímax interrompido enquanto minha mão alisava o meu membro endurecido, como se não tivesse acabado de gozar há pouco.

Os olhos dela estavam vidrados, a emoção estourando nas profundezas marrons. Agonia torcendo suas feições. Eu não esperei mais. Com um palavrão murmurado e um grunhido desesperado, eu fui dentro dela, forçando o tecido aquecido e os fluidos lisos até que estive enterrado até o cabo.

Ela soltou um grito. Eu rangi os dentes, lutando por controle enquanto era sugado por ela. Sua bucetinha tinha sido feita para a minha boca, para o meu pênis. Pequena, mas gulosa.

Nada podia ser tão delirante e ao mesmo tempo ser tão suave quanto à sensação de estar dentro dela, sentindo seus espasmos a minha volta. Sua fome, sua paixão podia acionar uma tormenta de excitação e emoções destemperadas dentro de mim, e, simultaneamente, trazer-me o sentimento de plenitude, de lugar certo. De estar em casa. E eu queria ficar lá por muito, muito tempo.

— Você é minha vadia, minha prostituta, minha amante. Está entendido? — grunhi num tom selvagem me dobrando sobre ela, e então, tomei sua boca num beijo ambicioso. — Hoje você só vai dormir quando meu pau estiver todo esfolado e sua buceta assada, cachorra.

— Ah, seu puto, faça isso... me esfole com esse pau gostoso... Foda-me, Thor.

O aroma de excitação e a imagem da mulher sensual sob mim, implorando-me para fazê-la minha, emudeceram-me, e a necessidade de reclamá-la apagou todo o pensamento racional.

Eu a segurei, uma das mãos plantadas em seu quadril e a outra em sua cabeça, suas pernas me abraçaram firmemente, e então, eu comecei a meter dentro com força e velocidade.

Não havia nada de bonito e sensual em meus golpes. Estes eram descuidados, primitivos. Golpes de um homem cego de desejo por sua mulher. Eu estava queimando, pulsando, muito vívido e desesperado por mais dela. Não podia estar em todas as partes de uma vez, mas fiz o meu melhor.

Ella não era uma garota que fazia o homem se perguntar o que acontecia ou duvidar de seu empenho. Seus gemidos guturais eram fortes e abundantes enquanto eu a fodia duro. Seus quadris elevando-se a cada investida do meu e seus gritos incentivavam-me a continuar. Em uma parte da minha cabeça havia o conhecimento de que seus gemidos altos não eram só de prazer, mas de dor também, porém eu não podia me controlar. Ela tinha soltado o animal que vivia enjaulado dentro de mim e, agora, ele queria marcá-la, absorvê-la, prender-me nela e arruiná-la para qualquer outro homem... E nada era suficiente.

Levantei a cabeça e tomei sua boca com volúpia, bebendo seu fôlego e suspiros de prazer quando movi a língua dentro da sua boca. Recuei para seus peitos, assaltando os bicos enrugados enquanto seguia martelando dentro dela sem perder o ritmo. Sentia-lhe tão molhada, meu pênis escorregando em seu canal com facilidade, indo fundo, amortecendo minhas bolas em sua entrada. Vez e outra meu pau deslizou fora e eu rapidamente o meti dentro. Minha pélvis estimulando seu clitóris mais e mais, até que a senti estremecer a minha volta, suas paredes me apertando. Fiquei imóvel.

— Não, maledetto! Mantenha me fodendo. Faça isso agora!

Lutando contra o desejo de satisfazer as suplicas dela por seu ápice privado outra vez, eu traguei baforadas de ar em respirações que me acalmaram enquanto fechava os olhos, reordenando meus próprios sentidos, e então, me retirei dela, apesar de seus esforços para manter dentro.

— Desgraçado, volte aqui, Thor! Maldito. Ti odio!

— É gostosa pra caralho, neném. — Ela xingou mais enquanto minhas mãos em seus joelhos seguram-na aberta. — Sua racha está tão inchada e vermelha agora mesmo, que parece uma cereja... Uma que quero comer até que não possamos andar. Muito sexy.

— Se v-voltar a me... torturar novamente...acredito que morrerei. — A agonia mortificada em sua voz

frágil agiu como uma descarga elétrica sobre a minha vontade de satisfazê-la.

Enchi o peito de ar, aquietando aquelas emoções, o desejo de dar a ela o que queria. Não ainda. Ela esperaria por sua libertação. Este era o seu castigo. Nem um minuto a menos, nem a mais.

— Não estou te torturando querida — resmunguei, olhando fixamente em seu rosto suado, todo seu corpo brilhava pelo suor. — Te dou prazer e é bom que se lembre que sou eu quem pode te dar esse tipo de prazer. Ninguém mais pode te deixar tão quente e louca de desejo como eu.

Ela grunhiu. Um som que para mim foi sexy como o diabo.

— Maledetto, está me privando o orgasmo... Isso dói, suo disgraziato di merda... S-se eu pudesse me colocar de pé te daria uns murros por ser tão mau.

Soltei um riso duro.

— É genial que não possa — murmurei, um segundo antes de cair de boca em sua buceta, novamente, cuidando para que ela não gozasse. Ella gritou e arqueou os quadris.

Desta vez, meu dedo sondou seu cu. Minha tara desde que a tive embaixo de mim. Ela estava pronta para me tomar. Tinha tomado todo o cuidado para prepará-la durante semanas e agora estava na hora de tomar o que era meu. Só o pensamento quase me fazia gozar de antecipação.

Usei a lubrificação escorrendo da sua buceta indo para seu buraco virgem e apertei o dedo, introduzindo o primeiro nódulo. Antonella chiou, mas deixou ir. Forcei mais um pouco e o segundo nódulo entrou. Sua resistência a invasão só intensificou minha fome de tomá-la lá. Impossivelmente mais apertada, mais quente. Arrastei a língua para a entrada do seu sexo e a rodeei com a ponta antes de penetrá-la ali, como meu pau fazia antes, ao mesmo tempo em que comecei a mover o dedo dentro do seu ânus, investindo-o todo. Quando a senti mais relaxada cuspi na sua prega e adicionei o segundo, estirando seus músculos lentamente, com movimentos precisos e sensuais.

Movi o olhar para cima e quase perdi a mente ao ver seu tronco arqueado, a cabeça jogada para trás, com o lábio preso nos dentes enquanto seus dedos puxavam as pontas duras de seus seios.

Não havia nada mais luxurioso que ver uma mulher abandonada no desejo. Nada podia embevecer mais um homem que a visão de sua mulher embrulhada no prazer que ele lhe dava.

— Thor — ela gemeu ofega. — Você está me matando.

Dei um risinho, orgulhoso.

— Essa é a ideia, neném. Embora não mereça que eu facilite, quero você tão excitada e necessitada que me receba em seu cuzinho sem qualquer esforço.

Intensifiquei meus próprios esforços, fodendo-a com a língua e os dedos. Seus gemidos e murmúrios aumentaram. Uma de suas mãos se agarrou ao meu cabelo, puxando com força. Não havia dor, apenas soberba masculina. Eu não parei até que a tive tremendo incontrolável, seu corpo se arqueando sem forças contra mim.

Desci da cama, pegando da gaveta da mesinha de noite um tubo de KY, que guardava para a ocasião, e um envelope de camisinha. Voltei para a cama.

— Fique sobre suas mãos e joelhos — amestrei, ajudando-a a se colocar na posição. — Cabeça para baixo e a bunda para o alto. Abra as pernas. Mais.

Inclinei-me sobre ela, depositando um beijo na linha da sua coluna e outro sobre sua tattoo na nuca, deslizei as mãos por suas costas fazendo o caminho até seu traseiro redondo. Era pequeno e delicado e, em breve, meu. Acariciei a curva abaixo, sentindo-a tremer sob meu toque.

Não pude deter minha mão quando ela caiu, marcando sua pele avermelhada pelos tapas anteriores. Ela engasgou com um gemido e xingou. Coloquei uma boa quantidade de lubrificante nos meus dedos e em seu buraco enrugado. Ella ficou tensa, de repente.

— Relaxe neném. Eu serei cuidadoso — prometi, penetrando os dois dedos devagar. — Não vou mentir. A princípio vai doer, mas depois garanto que vai gostar. Vou fazer bem gostosinho.

Gradativamente, ela relaxou enquanto eu batia os dedos dentro dela. Não me demorei, estimulei-a o

suficiente para que o choque do meu pênis não fosse tão grande. Ser o primeiro a tomá-la lá causava um tipo de vaidade diferente no meu interior. Uma agitação, um frenesi. Era mais que orgulho masculino, mas isentei-me de analisar essa emoção no momento.

Retirei os dedos então busquei o envelope, rasgando-o, em seguida. Rapidamente desenrolei o látex em meu pau e agarrei o tubo, novamente. Segurei a base do meu membro quando o tive besuntado no lubrificante e conduzi a cabeça para seu ânus. Ella retesou ao primeiro contato.

— Thor...

— Preciso que relaxe para mim e não lute contra — sussurrei, controlando meu tom para ocultar minha própria tensão enquanto agarrava seu quadril com a mão livre. — Relaxe, neném, e empurre contra quando eu forçar. Pode fazer isso para mim?

Ela assentiu aturdida.

— Boa garota. Agora baby, empurre — disse quando comecei a forçar dentro, controlando minha própria força e a vontade que tinha de afogar-me nela por inteiro.

Ver seu cuzinho resistindo e aos poucos ceder, quase que em câmera lenta a invasão da cabeça do meu pau, abrindo-se timidamente, era uma fodida tortura. Pressionei um pouco, e a glande entrou nela. Meu maxilar travou. Pressionei mais, devagar, forçando o anel de músculos aliviarem. Amaldiçoei entre os dentes cerrados e cravei os dedos em seus quadris. Sentia meu corpo transpirar, de repente. O suor escorrendo do meu rosto indo para meu pescoço, meu peito.

— Maldita seja, é muito estreita. Não vou poder me conter por muito — grunhi duramente, não sabendo se para ela ou para mim mesmo.

— É muito Thor, — ela engasgou.

— Estamos indo bem, querida. Relaxe... Isso, assim. Vai gostar disso tanto quanto eu estou gostando de ter meu pau no seu cuzinho apertado. Eu prometo. É muito gostosa, neném.

A pressão em torno do meu pênis aumentou, estrangulando-me quando voltei a empurrar para frente, introduzindo mais alguns centímetros. Ela ofegou. Alisei suas costas, acalmando a ela e a mim mesmo, com carícias tenras sobre a sua pele aquecida. Ella relaxou um pouco mais. Movi a mão abaixo, alcançando seu clitóris e o massageei brandamente. A tensão do corpo dela se foi, e eu aproveitei para puxar para trás e voltei entrando mais um pouco.

— Muito bem querida. Estou quase lá. Só mais um pouco.

Com uma última aposta, enquanto me agarrava freneticamente a seus quadris e soltava um grunhido, me introduzi por inteiro. Ella soltou um gemido gutural.

— Merda! Isso dói — ela engasgou, apertando os dedos no travesseiro, seus músculos tão apertados ao meu redor que pensei que morreria asfixiado. — Está ardendo Thor. Faça parar.

— Não lute contra, neném. Me aceite. — Intensifiquei minha carícia em seu grelinho. O calor dela, os espasmos contínuos de seus músculos a minha volta fez-me apertar os dentes. — Logo vai passar e tudo que sentirá será prazer. Juro isso a você... Ah, porra, que cuzinho gostoso.

Esperei, puxando o meu controle com duras respirações, com medo de vir no primeiro golpe, até que ela, mais relaxada, começou a pedir que eu me movesse. Retirei-me dela até quase a metade e voltei devagar, sentindo cada centímetro estirado e logo o agarre dos músculos. Sob meus dedos, os soluços de Ella se converteram em gemidos. Os gemidos em súplicas quando seu quadril começou a balançar, recebendo minhas investidas ponderadas. Gradativo, eu a empalei mais e mais.

— Você me pertence, Antonella?

Ela arquejou.

— Pertencer a você?

— Diga-me que você me pertence, Antonella. — Foi mais que uma petição, foi um rogo que eu não fazia ideia de onde havia vindo, mas precisava a ouvir dizer.

— Sì! — Ela gritou a palavra. — Deus, sim, Thor. Sou sua.

Aquele sentimento de possessão que somente ela despertava em mim, vibrou e expandiu o meu peito com satisfação. Contentamento puramente masculino.

— Esse traseiro é meu. Essa buceta é minha.

Minha palma se encheu com sua carne suave.

— Sim, sim, sim! Me bate, Thor! Oh, merda!

Deitei a mão no seu traseiro. Uma. Duas. Três vezes. Sentindo-a queimar ao meu redor.

— Gosta assim, my little bicth?

— Dio, Thor, eu adoro... Fode o meu traseiro com força.

Martelei dentro de seu rabo algumas vezes, batendo lá no fundo.

— Assim?

— Sim! Me dá uma surra de pau, gostoso. Mmmm...

Ela chorou. Eu adorei.

Observei seu cabelo longo e castanho claro, espesso e cheio, com cachos dourados revoltados nas pontas, que caíam pelas costas. Seu rosto estava virado, os olhos semi-abertos. A excitação ardia em seu rosto, resplandecia naquelas dilatadas pupilas marrons. Tão linda. De repente, com a mão livre agarrei o cabelo dela e puxei sua cabeça para trás ao mesmo tempo em que me inclinava.

Beijei sua garganta e a bochecha, e comecei a penetrar nela com mais força e mais velocidade.

Ella gemeu, fincando as unhas na lateral da minha coxa.

Responsiva. Tão suada quanto eu. Seu clímax vindo num galope infernal.

Meu êxtase começou justo quando o orgasmo estalou sobre ela, viajando por meu pênis comprimido por seus músculos assassinos. Enlouquecedor e austero. Eu tentei contê-lo enquanto ela vinha em meus dedos, prendendo-me em seu corpo, explodindo com um grito.

Pensei no meu trabalho, nas merdas que já fiz e nas que eu tinha de lidar diariamente —, mas o calor ígneo aumentava ante minha necessidade de gozar.

O canto erótico ao fundo dos sons sensuais que Ella fazia, das nossas carnes se chocando marcando o quarto, da cabeceira batendo na parede. Sons de sexo quente e imoral era uma dinamite com explosão iminente. Não pude conter meu gozo por mais tempo. Senti vários estremecimentos na base de minhas costas. Meus testículos esticaram. Eu queimei vivo no calor intenso, meu sêmen correndo por meu pênis como fogo líquido enquanto a comia como o demônio, que às vezes sentia que tinha me tornado, sofrendo com fome, demente.

Ella levou tudo de mim.

Enterrado em sua bunda, eu fiquei imóvel segurando seu corpo lasso junto ao meu à medida que os estremecimentos do orgasmo arrebatador que tínhamos experimentado ainda nos assolavam.

Meu coração frenético acalmou-se pouco a pouco, porém a euforia do prazer que o desacelerava fora substituído por outro tipo de prazer. O tê-la comigo.

Capítulo 14

Senti Thor em cada parte minha quando a manhã me chamou acordada.

Seu comportamento da noite anterior havia me deixado louca de raiva, de excitação. Meu sangue tinha fervido com a combinação perigosa. E o resultado foi devastadoramente delicioso.

Meu corpo doía nos lugares certos. Se brincasse até minha alma estava desfalecida e largada em algum lugar do meu corpo. Nada tão sério. Era uma dor funda, agradável até.

Bati os olhos abertos, pescando um vislumbre das costas de Thor sentado quieto na beirada da cama, com a cabeça entre as mãos. Esfreguei os olhos. Seus músculos pareciam tensos. Isso chamou minha audiência, empurrando de vez as nuances de sono do meu cérebro.

Não consegui conter o gemido quando me sentei.

— Me perdoe.

Franzi o cenho para o tom baixo de sua voz.

— Per? — Quis saber quando me coloquei atrás dele de joelhos, minhas mãos pousadas em seus ombros. Sentia-o realmente tenso sob meus dedos.

Ele exalou de forma condensada.

— Eu fui um animal ontem. — Ele pausou exalando forte, e então, continuou num tom afetado, como se algo o atormentasse. — Eu não deveria tê-la tratado daquela maneira. Poderia ter te machucado, e eu sabia disso, mas não pude me controlar.

— Você tem que estar brincando comigo! Eu amei seu lado animal, se quer saber. E você não me machucou... — Ele virou o rosto para mim, parecia cético, seu olhar me censurando. Lambi os lábios e acrescentei, calmamente. — Va bene. Talvez, eu esteja um pouquinho dolorida e tenha que ficar de molho por alguns poucos dias. Entretanto, eu não me incomodaria se trouxesse seu *animal* para cama vez ou outra. Ele é *muito* bem-vindo — pisquei.

Thor se levantou. Sua expressão mudando, de repente. Uma que eu nunca tinha visto. Poderosa e ao mesmo tempo atormentada, os ângulos firmes de seu rosto apertados numa fúria contida.

— Você é louca? Não devia estar me dizendo isso! Deveria estar me xingando, socando, qualquer porra! — Ele respirou fundo e quando falou novamente, sua voz era de uma falsa calma, como se estivesse clareando minha mente. — Eu poderia tê-la machucado seriamente.

Ele estava fazendo drama por termos feito um sexo-louco-selvagem?

— Mas não fez — contra ataquei, erguendo-me sobre os meus joelhos.

— E por que estremeceu quando se levantou?

— Porque acabei de acordar e meus músculos estão retraídos ainda? Estou um pouco dolorida, sim. Isso, no entanto, é natural e esperado. Não sei se reparou, mas não somos iguais em tamanho. Enfim, o que eu quero dizer é que eu estou bem. Dolorida, mas muito bem.

Ele apertou os lábios, seus punhos fechados ao lado do corpo enquanto me fitava como se mirasse uma louca. Muito diferente do tipo dominador, arrogante e possessivo, que ele se mostrou ser na noite passada, se bem que a arrogância ainda estava lá. Afinal, essa era sua segunda pele.

Quando ele persistiu lá, parado, como uma pedra e não disse nada, eu rolei os olhos.

— Oh, *por favor!* — mofei-me, balançando a mão no ar. — Não banque o maricas agora. Não combina com você, va bene? Tivemos uma foda do cacete, e eu estou muito bem com isso, mas agora estou começando a me chatear e ficarei muito zangada, se você insistir neste drama ridículo.

Um sorriso preguiçoso apareceu em sua face quando ele pareceu relaxar. Dando um passo a frente, sua mão esticou tocando o meu rosto. Eu sorri e suspirei com o afago suave de seu polegar.

— É muito atrevida, neném. Eu gosto, porém não abuse como fez na noite passada — sua voz era funda e rica como um veludo negro. — Sou paciente e posso ser muito tolerante. Mas devo alertá-la que quando se trata de você, eu não sou o cara mais razoável do planeta. Então, não me teste novamente.

Girei a cabeça, beijando sua mão então o fitei.

— Com ciúme, Heithor?

— Não estou com ciúmes — ele assegurou, firmemente. — Você não deixaria outro homem te tocar, não é, Ella? Você sabe a quem pertence. Não irá provocar seu homem outra vez.

Aí estava ele. Uma salva de palmas para o cretino Castellammare!

— Obviamente — fiz uma pausa meditativa, meu sorriso se abrindo lento. — Pertenço a mim.

Seus dedos escorregaram para trás, enfiando em meu cabelo então ele se inclinou, beijando-me. Não era um beijo cheio de línguas, apenas um roçar delicado de lábios. Thor recuou para o lado, sua boca sobre a minha orelha. Seus dentes beliscaram a ponta, enviando tremores pelo meu corpo.

— Lembre-me de bater no seu traseiro quando estiver menos dolorida.

— Se eu não bater no seu primeiro.

O olhar negro estreitou ao mirar minha face. Eu sorri docemente.

— Nós vamos discutir sobre esse seu mau hábito mais tarde. Agora precisamos tomar banho, comer e depois você pode descansar um pouco mais. Eu tenho uma reunião daqui a pouco.

— Uh-hum... Merda — ofeguei quando coloquei os pés para fora da cama.

— Desculpa, eu...

— Pare de me pedir desculpas, cacete.

— Eu pararia se você não estivesse toda dolorida — ele retrucou, pegando-me no colo. Eu bufei rolando os olhos por isso. Não adiantava brigar com ele, e eu gostava de estar sendo carregada em seus braços. — Tenho Advil no armário. Você vai se sentir melhor logo que faça efeito.

— Vai me dar banho também?

— Um homem tem de manter sua honra. Não posso permitir que pensem que eu não cuido dos cuidados básicos do meu neném. Então, sim. Darei banho e a vestirei. E você não lutará por isso.

Fiz uma careta. Ele mordeu a ponta do meu nariz e riu alto.

Momentos mais tarde, Thor e eu descemos para a cozinha, encontrando a corja toda e minhas amigas na mesa, onde a empregada servia o brunch. Todos nos encararam, principalmente, a loura oxigenada. Na verdade, os olhos estavam incrustados na mão de Thor entrelaçada com a minha.

— Bom dia — Thor disse.

— Bom dia — exclamei risonha, olhando diretamente para a loura vadia.

Ouvi os cumprimentos de volta, pescando pelo canto dos olhos Eric se debruçar sobre Josie que tossia engasgada. Nathan imitou o gesto em Pietra, mas essa desprezou sua mão.

Thor espalmou a mão em minhas costas, guiando-me até a cadeira então a puxou para mim. Eu me sentei. Ele me imitou, sentando-se ao meu lado e bem longe da outra.

— Stai bene? — Pietra perguntou quase em tom acusatório.

Enquanto colocava o guardanapo em meu colo, eu respondi num tom tranquilo:

— Sì. Perché?

— Nada não.

Sua cara de confusão era impagável e eu me concentrei para não rir. Josie ainda estava boquiaberta, talvez, mais desconcertada que Pietra. Ignorei isso, e então, puxei conversa com ela enquanto me servia. Estava determinada a acabar com o clima estranho. Não foi bem uma conversa, estava mais para um monólogo chato. Adam veio a minha salvação e em poucos minutos descobri que por debaixo da couraça dura, ele era uma cara muito engraçado. O clima em torno da mesa se voltou mais agradável, apesar de as

minhas amigas insistissem em me olhar como quem estivesse enxergando uma alma penada. Mas não deixei que isso me afetasse.

— Vamos caminhar um pouco na praia, Amada?

— Claro.

Thor se levantou, puxando a cadeira para mim enquanto falava para seus amigos:

— Encontro-me com vocês na sala de estudos dentro de um minuto.

— Não demore. Todos têm outros compromissos — disse Norah.

— Um minuto, Norah. — A voz dele vibrou poderosa.

Um sorriso soberbo cruzou minha face quando observei a cadela endurecer. Ela não disse nada, saindo com Adam, em seguida. Thor envolveu sua mão em meu braço de uma maneira possessiva e segurou meu rosto com a outra, chamando minha atenção para ele.

— Eu preciso ir, neném. Tenho negócios a tratar com os caras e creio que vá demorar mais que o desejado — ele avisou, com uma carranca bonita. — Está se sentindo melhor? Ótimo. Tente descansar após a caminhada e se comporte. Estarei no escritório, mas terei um olho em você.

Bati os cílios, inocentemente.

— Não quer colocar um GPS na minha bunda?

— Quero colocar outra coisa em sua bunda, mas vamos ter de esperar até que esteja bem o suficiente para isso. Até lá, comporte-se e eu serei bom para você. — Eu torci os lábios antes de serem capturados pelos dele. — Tenha um bom dia.

Assenti um pouco torpe, assistindo-o deixar a cozinha. Lentamente, traguei uma lufada de ar e olhei para as minhas amigas, que estavam com os queixos e os olhos no chão.

— Cuspa! — Pietra ordenou, freando meus passos na areia ao se colocar na minha frente.

— O quê?

— Não se faça de desentendida comigo. Thor pode até comprar seu ar de menina doce, mas eu te conheço Antonella. Sei que está aprontando pelo o que aconteceu ontem.

— Eu não sei do que está falando.

— Corta essa!

— Eu estou com Pietra. Ela já me deixou a par da última — Josie interferiu. — Sabe que pensei que estava na mansão errada quando entrou com ele na cozinha, esbanjando felicidade e de *mãos dadas*. E, o que foi aquilo de minutos atrás? Bateu a cabeça quando saiu da cama?

Encolhi os ombros.

— Não é você quem vive dizendo que tenho de ser mais amorosa?

— Não assim. Isso é meio assustador.

— Está nos enrolando, Ella — disse Pietra, impaciente.

Meus ombros caíram e o tédio pintou minha face.

— Estou puta! Louca da vida — confessei, deixando minha raiva transparecer. — Ele teve a audácia de me jogar sobre o ombro, como se eu fosse um saco de batata de merda. No meio de todo o mundo! Dá pra imaginar o mico que paguei? Isso vai ficar gravado na mente de todos os presentes mesmo depois da minha morte. Juro a vocês, eu nunca senti tanta vergonha como eu senti ontem. *Humpf!* Ainda estou morta de vergonha.

— Eu sabia! Você não podia estar tão calma depois de Thor aparecer, e eu sei que ele foi te buscar também. Nathan me disse quando me tirou de lá, quase pelos cabelos.

— Eu fico impressionada com a dissimulação de vocês. — *Tão bobinha.* — Se bem que de Pietra, eu já esperava. Ela não disfarçou em nem um momento.

— E por que faria? Não vou me fazer de feliz quando quero arrancar as bolas dele.

— Mas eu estou feliz também, — protestei me sentando na areia. Elas me seguiram. — Apesar de ele ter se comportado como um neanderthal e feito eu pagar o mico do ano na frente de muitos conhecidos, a

noite se fechou com chave de ouro. Foi bom pra caralho!

— Eu não tenho do que reclamar neste quesito. Nathan deu o melhor de si, mesmo assim estou num ódio daquele moicano safado. Eu juro pra vocês, pensei que ele fosse tirar um porrete do bolso e dar com ele na minha cabeça, bem ao estilo homem das cavernas, sabe?

— Acho bom alguém avisar a ele que suas bolas correm perigo — Josie zombou.

— Oh, acredite em mim, ele sabe que não estou feliz. Mas quem diz que ele se importa? Pra ele o importante é que me deixou saber o que eu vou perder se aprontar outra. Stronzo. Se eu soubesse que ele era tão mandão assim, não tinha nem olhado nas fuças dele.

Josie e eu olhamos para ela com descrença. Ela bufou.

— Va bene, eu teria. Inferno! Eu só quero dar umas porradas nele.

— Pior é que até agora não sei como eles souberam que nós estávamos lá.

— Então ele não te disse?

— Eu meio que estava ocupada, sabe?

— Karen. — Franzi o cenho. — Você esqueceu o celular. Ela mandou uma mensagem e Thor pegou. O resto pode imaginar, não?

Merda. Eu nem podia culpá-la por minha estupidez.

— Esses dois infelizes tiveram aulas de como se tratar uma garota na escola do terror — resmunguei após um momento. — Mas Thor não perde por esperar. O troco virá a galope.

— Posso saber como? Para incluir Nathan, também.

Eu dei uma risada maléfica.

— Sicuramente.

— Vocês são desvairadas! — expressou Josie, indignada.

— Devassas e vingativas — corrigi, com um meio sorriso, batendo meu ombro no dela. — Mas, mesmo assim, você nos ama de montão que eu sei.

— Deus disse que temos de amar até as cadelas.

— Diga-me com quem andas que eu te direi quem tu és?

— Algo assim.

Pietra bufou.

— Tá, tá, tá... Chega de rasgar seda, cacete. Quero saber o quê vamos fazer.

Alguns dias depois

— Conseguiu?

Estávamos do outro lado da rua da farmácia do pai de Josie, onde ela trabalhava como caixa. Ela devotou um olhar receoso para Pietra e eu assim que entrou no meu carro pela porta traseira.

— Vocês ainda vão me colocar numa enrascada. Mas, sim. Eu consegui. — Ela tirou do bolso do moletom azul um saco de papel pequeno e o entregou a Pietra. — Espero que meu pai não dê por falta. E, pelo amor de Deus, garotas, usem isso com muito, muito cuidado, okay?

— Cautela é nosso sobrenome — galhofou Pietra, com um riso na voz.

— É sério garotas. Isso não é brincadeira — advertiu, novamente. — Se não usado adequadamente pode causar vários danos, até morte. Eu não quero ir para cadeia.

— Não queremos matá-los. Apenas dar uma lição.

— Acha que a gente colocaria você em maus lençóis? — Ela hesitou, porém sacudiu a cabeça em negação. — Então deixe de ser tão medrosa. Ninguém vai saber que foi você quem nos deu. Aliás, a intenção é justamente ao contrário. Eles nem mesmo saberão o que passou por eles.

— O problema, Ella, é que eu vou saber, se a caso algo der errado. E vocês sabem que eu não gosto de fazer nada escondido, como se eu fosse uma criminosa. Isso é muito errado.

— Então você não sabe o que é bom — Pietra brincou maliciosa.

— Não quer ir com a gente?

— Obrigada, mas já tenho compromisso. Eric e eu vamos jantar. — Seu olhar brilhou sonhador, dissolvendo um pouco de sua preocupação. — Eu tenho de ir agora. E, cuidado.

Sábado, 10h15min a.m

— Você tem certeza de que não quer ir à festa hoje? — Thor perguntou. — Nathan disse que acompanhará Pietra. Acredito que até foram a LA comprar as fantasias.

Nós estávamos em uma namoradeira no deck. O sol estava bem fraquinho, hora e outra sendo encoberto por algumas nuvens acinzentadas. Eu estava sentada entre as pernas de Thor, com minhas costas inclinadas sobre seu peito. Os braços dele envoltos do meu corpo.

Quando eu somente neguei com a cabeça, ele continuou:

— Eu sei que você não gostou daquele último episodio. No entanto, você sabe que eu não vejo problema de você ir hoje. Desde que eu vá com você ou vá com o motorista. Não me entenda mal, neném. Não estou querendo te controlar, apenas quero cuidar para que você vá e volte com segurança, e se divirta sem qualquer problema. Vou estar mais seguro sabendo que não irá dirigir embriagada ou que algum idiota quis se aproveitar de você por causa de seu estado.

— Pelo jeito que fala até parece que eu devo procurar o AA o mais rápido possível.

Ele riu.

— Não. Entretanto, você sabe melhor do que eu que não se contentará apenas com uma taça de champanhe, muito menos tomará suco, não é mesmo?

— Eu não gostei da forma que me tirou daquela última festa — disse sincera. — Mas hoje eu não quero ir a nenhuma balada, embora me atraia a ideia de ver você fantasiado. A propósito, Baby também pareceu muito animado com a ideia, sabia? Até me deu dicas de fantasias para você.

Thor bufou e eu dei uma risadinha.

— Podemos ir jantar — sugeriu enquanto seus dedos faziam círculos na minha barriga exposta.

— Não. Eu estou preguiçosa. A semana não foi fácil, e eu só posso pensar em ficar esparramada hoje. Então, sem festas — sussurrei concentrada no carinho que estava recebendo.

— Uh, acho que estou exigindo muito de você — zombou convencido, mordiscando a ponta da minha orelha. Eu me arrepiei toda e dei um tapa em seu braço. — Ei!

— Não seja tão convencido, Castellammare!

Ele beijou meus cabelos e deu aquela risada gostosa.

— Eu não sou convencido.

— Pode até não ser, porém agora está.

— Certo. Eu estou, mas não sou.

— Não, você não é. — Minha voz decaiu uma nota, dengosa e sensual quando girei o rosto para olhá-lo, e adicionei. — Você é muito gostoso e quente. Bom para comer de colher.

— Eu gosto do som disso, garota.

Minha boca alcançou a sua, beijando-o devagar. Tentei me virar, porém não tive sucesso até Thor me ajudar, movendo-me com uma precisão magistral. De frente para ele, meus dedos se enfiaram em seu cabelo sedoso, bagunçando os fios alinhados quando puxei sua cabeça para trás e inclinei a minha então começamos a nos beijar novamente, profundo e forte. Suas mãos estavam pousadas em minha bunda, apertando-a sobre o meu pant short.

Suspirei contra a sua boca. Mordisquei.

Me acendi, querendo me esfregar nele. Na verdade, eu sempre tinha ganas de esfregar-me nele quando estávamos no mesmo ambiente. Queria minha boca nele e a dele em mim.

— Pessoas decentes na área!

Thor riu sobre meus lábios quando eu resmunguei baixinho.

— Aonde? — ralhei depois de uma exalação, virando a cabeça para olhar para minha amada e detestável melhor amiga. Nathan estava ao seu lado, sorrindo com diversão. Minhas bochechas tostaram, e eu afundei o rosto na curva do pescoço de Thor. — La odio. Odio veramente[46].

Ele riu de novo, plantando um beijo na minha nuca.

— Bem aqui, fofa! Agora, levante esse traseiro preguiçoso e venha ver o que eu comprei.

— É melhor eu ir antes que minhas inspirações assassinas venham a borda — murmurei no ouvido de Thor.

08h30min p.m

O ar a minha volta estava espesso e quente, como se eu estivesse envolvida em uma manta sedosa de erotismo, enquanto sentia os lábios de Thor escovar a pele de meu pescoço e mais abaixo. Sua mão forte corria por minha coxa, apertando a carne numa pegada deliciosa.

Estávamos enroscados em cima da cama em nosso quarto. Eu disse isso mesmo. Nosso. Meu quarto deixou de ser "meu" e passou a ser "nosso" desde que ele *dormia* aqui todas as noites.

Soltei uma exalação pesada junto com um gemido baixo quando deslizei as mãos por suas costas sobre a camiseta branca que ele usava. Podia sentir os músculos daquela parte flexionar-se e soltar ao movimento de seu corpo, sua força nas pontas dos meus dedos.

Em poucos minutos estávamos apenas de roupas íntimas. Tocando. Beijando. Acariciando. O desejo crescia denso, lentamente, afetando nossas respirações e a atmosfera do quarto.

— Neném tem certeza que você não quer ir? — ele perguntou, com rouquidão, mordiscando a pele abaixo da minha orelha. — Podemos ter uma rapidinha e na volta eu te compenso.

— N-não.

Ele elevou o tronco para que eu pudesse ver seu rosto.

— Tem certeza?

— Sua única preocupação hoje, Castellammare, é me levar para outra galáxia — o informei, num sussurro malicioso. — Se não puder fazer isso, então iremos à festa.

Um sorriso perverso escureceu as feições dele.

— My little bicth está abusada — ele murmurou, arrastando as palavras. Muito sombrio, sua voz incrivelmente profunda, vibrando dentro de mim. Fazendo meu útero ter espasmos de necessidade quando minha buceta ficou mais quente e molhada. — Talvez, eu devesse te mostrar o que acontece com garotas atrevidas que desafiam seu homem de maneira tão insolente, uh?

Seu olhar brilhou, e então, escureceu numa fome crua e cruel.

Ele olhava fixamente de volta para mim, os olhos quase pretos *agora*, envolvendo-me em sua luxúria, as correntes invisíveis do desejo torcendo meu ventre.

Abaixando a cabeça, ele prendeu meu lábio inferior entre os dentes, estirando-o antes de aplacar sua boca na minha. Um beijo que insuflou minha excitação. Duro e áspero. Sua língua consumia-me, incendiando meu corpo, aquecendo até a alma. Os sons molhados eram sensuais, fazendo um calor febril estalar minhas terminações nervosas. Eu tive de fazer um esforço sobre humano para me recordar de que tinha de dar uma pausa na brincadeira quando seus lábios desceram para o meu colo. Plantei as mãos em seus ombros e empurrei. Ele se deixou ir com um xingamento.

— Eu quero tentar uma coisa antes.

Thor hesitou, suas sobrancelhas franzindo quando fiz menção de levantar, e então, ele se deixou cair ao meu lado. Desci da cama e balancei o quadril sensualmente em direção à cômoda.

Ele xingou baixinho novamente, e eu sorri insolente. Podia sentir seu olhar em minhas costas, causando

um formigamento em minha pele e arrepios contínuos através da minha espinha.

Da primeira gaveta peguei o complemento que faltava para a festinha particular que eu tinha planejado para ele. Em seguida, dei a volta, escondendo o objeto em minhas costas.

Thor estava sentado na borda da cama, as mãos pousadas ao lado das pernas. Seu cenho enrugou desconfiado, e eu lhe lancei um sorriso inocente ao me aproximar.

— O quê está escondendo, neném?

Parei a alguns poucos passos dele, meus dentes cavando o lábio inferior, acrescentando hesitação a minha expressão ansiosa. O que não era de toda mentira, afinal de contas, eu não tinha certeza se ele iria topar ou não. Então fiz a vez de garota imaculada.

— Eu... eu quero tentar algo que eu sempre quis fazer, mas nunca encontrei ninguém em quem eu confiasse o suficiente. Ou que eu quisesse realmente...

Deixei as palavras no ar, dando tempo para ele absorvê-las.

Seu olhar deslizou do ponto onde minhas mãos estavam escondidas e pairou em meu rosto. Eu respirei devagar, controlando minhas reações ao mesmo tempo em que obrigava meus olhos deixarem a visão do monte tentador erguendo uma tenda orgulhosa em seu quadril. De repente, seu olhar passou de desconfiado para curioso.

— O quê? O que quer fazer, neném?

Respirei fundo, agradecida pela reação tosca de corar que somente servia para dar mais autenticidade a minha encenação quando levei as mãos a frente, revelando meu segredinho.

As sobrancelhas dele elevaram e abaixaram, e, em seguida, um sorriso lento iluminou seu rosto bonito. Podia ver as emoções como choque, hesitação e logo entusiasmo cruzarem sua face.

— Aonde arrumou isso? — A desconfiança ainda circulava sua voz, mas o sorriso malicioso prevalecendo em seus lábios cheios dizia-me que eu não teria qualquer dificuldade.

— Eu já tinha, mas... Bem, nunca tive a oportunidade de usar. Isso sempre exigiu um tipo de confiança que eu nunca antes tive com ninguém, então...

— Você quer ser algemada?

O quê? Não mesmo!

— Não. Eu... — umedeci meus lábios, — eu quero algemar você.

Suas sobrancelhas quase chegaram à linha de seu cabelo quando ele arregalou os olhos então a negação caiu em sua face enquanto sua cabeça sacudia em negação.

— Não, — calmamente, ele disse.

Bufei, deixando meus ombros caírem, mas não desisti.

Encurtei a pequena distância que nos separava, parando em sua frente. Suas mãos seguraram meus quadris, sua respiração batendo no vale entre meus seios.

— Thor — chamei num tom arrastado, muito dengoso. Ele inclinou a cabeça para trás, seu olhar buscando meu rosto. — Não seja ruim. Será só por um momento... Por favor.

— Não neném. Peça-me qualquer outra coisa que eu farei com o maior prazer, exceto isso.

Suas mãos me puxaram enquanto ele falava, e eu deixei a algema de pelúcia vermelha cair sobre a cama quando me sentei escarranchada em seu colo. Eu tive de apelar. Desci minha boca para o seu pescoço e belisquei com os dentes logo abaixo da sua orelha, seu ponto fraco. A respiração dele ficou pesada. Minhas unhas arranhavam de leve sua nuca. Um gemido baixo premeditado escapou por meus lábios, e então, fechei os dentes sobre sua pele, numa mordida forte o suficiente para ficar a minha marca e lambi o local, em seguida. Ele amaldiçoou e xingou, antes de devotar a mim o mesmo tratamento. Suas mãos sobre minha pele eram como fogo, chamas crepitando com estalidos de prazer desde a base da minha coluna, enevoando meus sentidos.

Eu não podia perder o controle do meu corpo, porém seu pau pulsando através do tecido fino de nossas roupas íntimas, contra minha vagina dolorida, não ajudava em nada.

Com minha boca rente a sua orelha, eu sussurrei:

— Eu quero isso, Thor. Por favor. — Ele estremeceu, ainda assim irredutível. — Eu prometo que farei você se sentir *mooolto* bene. Se não, pode me dar quantas palmadas quiser.

Com um movimento rápido e fluido, ele mudou nossa posição ficando em cima de mim, suas coxas empurraram para cima, abrindo ainda mais as minhas pernas. Ele me beijou rápido e duro então recuou, mordiscando meu queixo enquanto me falava.

— Não precisa me algemar para isso, neném. Você me faz sentir bem, de qualquer forma.

— Eu quero me sentir bem, também.

— Eu cuidarei disso.

— Assim eu não quero — ralhei irritada.

— Eu não acho uma boa ideia, Ella — disse ele, num tom grave e rouco, abaixando a taça do meu soutien e tomou o mamilo entre os lábios, chupando-o, gentilmente.

Ofeguei no calor convidativo. Eu sabia o que ele estava fazendo. Distraindo-me. Mas isso não ia acontecer então respirei fundo, controlando-me, quando enfiei os dedos no cabelo do topo de sua cabeça e puxei para trás, obrigando-o a me olhar.

— Façamos um acordo, sim?

As sobrancelhas abaixaram reflexivas.

— Que tipo de acordo?

— Você realiza essa fantasia minha e depois eu realizo uma sua... Independente de qual seja. Quero dizer, exceto com outra mulher e coisas nojentas — falei, cuidando para o meu tom soar um tantinho embaraçoso e, em seguida, mordi o lábio em expectativa.

As feições dele ficaram sérias quando ele pareceu ponderar. Meus olhos brilharam angustiados por sua resposta que veio sem aviso um segundo depois. Thor inverteu nossa posição, deixando-me por cima dele e esticou os braços acima da cabeça, as mãos perto da cabeceira.

— Eu sou todo seu, neném.

Um sorriso curvou a comissura dos meus lábios, e eu me esforcei para engolir de volta o gritinho vitorioso preso em minha garganta. *Calma. Natural*. Peguei a algema sobre a cama e me inclinei para frente para prendê-lo na armação de ferro da cabeceira da minha cama.

— Esteja ciente, Ella, você irá cumprir a sua parte... por bem ou por mal.

A leve ameaça em seu tom cálido fez-me vacilar por um breve momento.

Então algemei seus pulsos e saí da cama.

Capítulo 15

Maldição, esse homem era perigoso da cabeça aos pés, pensei enquanto deslizava meu olhar faminto sobre o corpo dele. E agora, o meu cara mal estava preso e a minha mercê.

Eu gostava de como isso se parecia. Gostava muito.

O tipo era uma bomba sexual. Mesmo relaxado e supostamente vulnerável, ele seguia sendo implacável, um propulsor para alagar as calcinhas. A minha tinha dado perda há algum tempo.

— Vai fazer algo? Ou continuará me comendo com os olhos?

— Não, — murmurei enquanto me desfazia do soutien então fui para os laços da calcinha, sem pressa para soltá-los sob o seu olhar ávido. — Está gostando do quê vê?

Sem timidez, esqueci os laços da calcinha por um rápido momento quando levei as mãos para os meus seios e joguei com eles. Assisti ele tragar duro. Então retornei aos laços.

— Vai me responder? Ou ficar babando sobre mim?

— Vou gostar mais quando trouxer seu traseiro aqui e sentar no meu rosto. Ou quando colocar esses peitinhos suculentos na minha boca enquanto me monta. O que você preferir. Agora, venha aqui neném. Quero colocar minha boca em seus mamilos.

Uma sacudida de calor torceu meu ventre ante suas palavras.

— Tão ambicioso! — Arrastei cada sílaba, sentindo-me brincalhona e sexy enquanto puxava a calcinha fora do meu corpo. — Isso não será possível tolinho. Você me deu o controle para eu fazer o quê *beeem* entender e eu quero brincar com você. É meu bonequinho sexual, Thor.

— Está brincando com fogo neném. Tenha cuidado. Talvez, você não goste do resultado mais tarde quando eu te pegar. — As palavras explícitas e diabólicas em seu tom barítono, enfraqueceram-me, momentaneamente, porém também acenderam o desejo de que ele fizesse exatamente o que ocultava por detrás daquelas letras. Sim. Louca. Eu estava louca de pedra.

— Então é bom que me queime até que reste apenas cinzas, não?

Eu não tinha muito tempo para jogar com ele e isso era uma pena. Mas seria uma cadela se não fizesse Thor arder, como o próprio inferno, naqueles poucos minutos que tinha.

Regressei a cama, esparramando as pernas ao lado de seus quadris e curvei-me sobre ele, com as mãos dispostas em ambos os lados de sua cabeça, e então, dobrei a cabeça para beijá-lo.

Meus lábios tocaram os dele, alisando sobre eles, antes que eu permitisse à língua passar entre os lábios e amortecer as curvas. Eu respirei com remorso quando senti seu gosto. Picante. Masculino. Poderoso. Tão entorpecente como uma droga pesada. Saboreei sua boca num beijo lento, sensual.

Mordi seu lábio e o estirei, chupando-o brandamente antes de descer, beliscando seu maxilar de leve, o pescoço... Contornei seus mamilos com a ponta da língua e chupei, deixando-os duros na minha boca quando permiti meus dentes rasparem neles. Thor se manteve quieto, mas seus músculos tencionaram em minhas mãos e boca, estremecendo quando eu usava os dentes ou as unhas para jogar com ele. Deixei seus mamilos para explorar mais abaixo, desenhando o contorno de seus gominhos com a ponta da minha língua e desci mais.

Ele tragou, o movimento apertado, duro. Tão apertado e duro quanto os músculos sob a minha mão. Joguei uma olhada para cima e encontrei seu olhar muito atento as minhas apostas, as burcas azeviches estavam escurecendo, profundas.

Sem apartar meu olhar do seu, agarrei as laterais de sua boxer preta.

— Vamos tirar isso do caminho — falei, arrastando a peça fora de seu corpo.

Quando baixei o olhar para o seu quadril, enfrentei seu pênis duro. Tão pronto, que parecia vivo pulsando sobre sua barriga. A cabeça bulbosa estava bem inchada, púrpura e suculenta.

Sorrindo, minhas unhas deslizaram pelo interior das coxas fortes de Thor, e alisei os testículos pesados em meus dedos. Ele gemeu quando os empalei, delicadamente, enquanto jogava uma perna no meio das suas. O que facilitou meus movimentos ao me abaixar. Minha buceta partida se assentou em sua perna, molhando-a com meus sucos ao mesmo tempo em que lambi seu pênis, da base à ponta.

— Jesus! — ele disparou, com o quadril muito tenso quando traguei a cabeça em minha boca e pressionei levemente a pele abaixo de seus testículos.

Rodeei a língua sobre a glande e, em seguida, espalhei leves beijos sobre ela e desci. Minhas unhas arranhando a carne sensível o suficiente para ele estremecer em meus lábios.

— Maldição, neném, me chupe apertado daquele mesmo jeito.

— Não tão rápido ragazzo. É minha vez de brincar com você.

Lambi seus escrotos e os tomei na boca. Uma sucção suave, deixando a língua roçar sobre eles enquanto meus dedos apertavam fraco. Thor chiou. A algema tilintou contra a cabeceira.

— Ella...

— Sim? — murmurei sobre a sua carne, lambendo-o lentamente debaixo para cima, meus olhos sobre os seus, de maneira inocente.

— Não vá por este caminho, neném.

A advertência escura em sua voz ofegante enviou calor através da minha coluna. Meu clitóris palpitou em resposta e desejo líquido besuntou minhas dobras mais um pouco.

— Acaso você não fez o mesmo comigo faz um par de dias?

Seu olhar cerrado abriu-se por completo e o que vi neles era mais que uma advertência. Era uma promessa de vingança se perseverasse por esse caminho. Escura. Faminta e insondável.

Me apressei em dizer:

— Mas você foi bom comigo, não? Toda aquela espera infernal fez-me ver toda uma galáxia e derreteu os meus miolos quando me permitiu vir. Acho justo que tenha o mesmo, não crê?

O olhar eloquente dizia não.

— Certo, certo. Somente tenha certeza que pode aguentar o retorno. Não serei suave.

Sua promessa me estremeceu. A excitação se apoderou de minha coluna, sacudindo-me até a medula. Meus mamilos empurraram duros, carentes de seu toque enquanto minha vagina parecia molhar-se mais contra a sua perna. Cacete, supõe-se que eu não deveria me afetar tanto, nem vacilar no que já era certo. Mas fiz e, em seguida, tornei atrás ao ver o desafio em seus olhos arrogantes.

Lambi os lábios e o empalei em minha boca, relaxando ao seu redor para levá-lo mais fundo em minha garganta e, mesmo assim, boa parte dele seguia fora do meu alcance. Thor uivou, suas feições denotando que ele sentia a batalha ganha enquanto eu o chupava, mantendo meu olhar ardente sobre sua face. O tilintar do atrito da algema contra a armação de ferro da cabeceira dizia-me que eu estava no caminho certo. Raspei os dentes em sua carne e seus quadris se moveram.

— Cacete, neném — ofegou ele. — Abra mais. Quero foder essa boquinha. — Eu dei isso a ele, abrindo os lábios um pouco mais. Ele começou a foder minha boca, com lentos e precisos movimentos. — Que delícia, baby. É tão apertada quanto a tua buceta.

Gemi rouca a sua volta. Adorava suas palavras picantes, a forma sensual que ele dizia àquelas palavras sujas era para colocar qualquer mulher piscando. Sua perna se movia junto a cada assalto de seu quadril, esfregando contra meu sexo, e eu movi de volta, deliciando-me com o prazer.

— Abre mais um pouco para eu foder gostoso dentro. — As palavras dele saíram rosnadas, graves e vibrou dentro de mim, atingindo meus pontos sensíveis. — Ah, porra! Tão fodidamente bom, neném. Essa boquinha sexy foi feita para o meu pau.

Thor fodeu minha boca, deixando-me sentir cada centímetro que entrava indo e vindo. Quanto mais eu me esfregava em sua perna, mais voraz eu tomava seu membro, tragando-o de volta para a minha boca quando ele se retirava. Meus dedos nunca abandonando suas bolas. Podia senti-lo inchando em meus lábios, o retraimento de seus músculos, os golpes mais duro de seu quadril avisando que ele estava bem perto. Tanto que já podia ter um gosto de sua essência em minha língua. Quando ele apertou, investindo mais e mais forte, quase que num frenesi, eu soube que era hora de parar, apartando a boca e dedos para longe, deixando-o no limite enlouquecedor que ele me deixou dias atrás. Thor xingou. Um som alto e bravo. O tilintar da algema mais alto.

Eu conhecia aquela frustração, a luxúria tão afiada do prazer interrompido quase tão doloroso como uma ferida aberta sendo cutucada por um espeto. Pulsando. Levando a razão a merda.

Bati meus cílios inocentes para cima. Seu olhar sobre mim era mortal, o maxilar rígido, suas feições muito duras. Seu peito subindo e descendo com brusquidão, acompanhando suas duras respirações. Ele transpirava. A capa invisível de suor brilhando em seu peito e abdômen, mesmo em seu rosto. Os músculos de seus braços estavam flexionados com sua força.

Mesmo bravo, o homem era uma visão do inferno.

— Não jogue comigo, Antonella — grunhiu ele, com fúria.

Não fiz caso de suas palavras e tornei a chupá-lo quando o senti mais controlado. Provoquei com meus lábios, língua e dentes, até que ele esteve no limite outra vez. Parei. Cada vez que ele esteve à borda eu detive minhas apostas, forçando seu clímax recuar. Ora simplesmente me apartando, ora apertando a palma sobre a glande enquanto ele se debatia com tanta força a ponto de eu pensar que ele poderia quebrar a cabeceira. Uma. Duas. Três... Seis vezes. Thor xingava, amaldiçoava, ameaçava a torto e a direita. Tão devasso e brutal. Gotas de suor cobriam seu rosto de feições rudes, seu peito arfante e o abdômen comprimido por sua força. Letal e selvagem era como ele se parecia.

— Filha da puta! Juro a você, Antonella, quando me soltar, porque você terá de fazer isso alguma hora e quando fizer. É bom estar preparada. Eu vou surrar seu traseiro, cadela. Vou te deixar tão quente, que nem o fogo poderá se comparar e depois eu te comerei duro em cada buraco seu. Difícil e ruim o suficiente, que não andará por uma semana.

— Promete?

— Estou falando sério Antonella — rugiu ele diabólico, e todo meu corpo estremeceu. — Você terá o triplo do que está me dando. Juro por Deus que terá.

Eu sentia a veracidade daquelas declarações em meus ossos. Tão implacável, que me colocava mole e sem fôlego. Entretanto, não parei por aí, me colocando a beira das chamas quando sentei em suas coxas e me levantei sobre os joelhos enquanto segurava seu pênis, esfregando minhas dobras contra seu comprimento. Cuidando para que ele não me penetrasse, apesar de seus esforços. O tilintar do aço da algema contra a cabeceira se tornou mais e mais frenético, causando um frisson de adrenalina por meu corpo. Uma mistura de medo e excitação palpitando sob a minha pele.

Vê-lo abandonado no prazer premente me atingiu em cheio. Eu queria tanto me derrubar em cima de sua pesada ereção. Sentir cada polegada sua me estirando ao limite, enchendo-me até que eu pensasse que não pudesse suportar mais. A dor. A pressão. O prazer afiado. O calor incandescente.

Mas, então, que merda de professora seria eu se fizesse isso?

Ele tinha uma lição para aprender, uma muito importante, que não eu poderia abrir mão de lhe dar por mais tentador que desistir parecesse ser. Também não era como se eu tivesse que me privar do prazer. Eu poderia ter meu momento sublime. Não ele.

— Você é muito gostoso, Thor... Todo um banquete erótico. Eu tenho vontade de me esfregar contra você. Te lamber todo — assoprei sedutora enquanto subia por seu corpo.

Pressionei meus lábios sobre os seus. Ele aceitou o beijo, devorando, punindo-me.

— Delicioso — ofeguei, recuando para o seu pescoço. — Você não faz ideia de como minha buceta

está doendo, morrendo para sentir seu pau enterrado nela até o talo, gostoso. É tanta vontade que me dói todo o corpo — eu acrescentei sussurrante ao pé da sua orelha.

— Mostre-me.

Não um pedido, senão um comando dito num tom sexualmente áspero, uma voz muito dominadora, que devia me irritar, não fazer os fluídos de excitação se derramarem do meu sexo.

Assistir sua loucura por mim excitou-me mais e fez eu me sentir sapeca.

Era um tipo de comoção diferente que me colocava quente, muito mais atrevida. Sexy. Definitivamente, eu me sentia poderosa quando agarrei a cabeceira com força e icei meu corpo. Bati as pestanas para baixo, pescando seu olhar ansioso então desci ficando a poucos centímetros de seu rosto, minha vagina aberta ao seu olhar faminto. Perto o bastante para sentir seu hálito quente agitado contra minha carne sensível.

Estiquei uma de minhas mãos até meu centro, meus dedos espalhando os lábios, lhe oferecendo uma visão descarada, antes de escorregar um dedo em meu canal.

— Olhe Thor — murmurei num sopro rouco quando retirei o dedo lambuzado. — Veja como eu estou por sua causa. Isso porque você nem me tocou ainda. — Ele começou a amaldiçoar e eu o calei, melando seus lábios com o dedo úmido. — Me prova, safado.

Sua boca recebeu o dedo com uma fome insaciável, sorvendo meu tesão com vontade. A cena foi tão pornográfica que um gemido fluiu além dos meus lábios. Quando puxei o dedo, Thor levantou a cabeça, sua língua tentando me alcançar, porém não dei tempo a ele, erguendo-me de imediato.

— Não, não mocinho, — censurei, numa falsa irritação.

O tilintar crescente do aço crepitou em meus ouvidos.

— Cacete, neném, abaixa — silvou ele. — Agora, Ella, senta na minha cara. Quero chupar a sua buceta. Vamos baby. Eu quero te fazer sentir bem. Você está muito úmida e inchada... Porra, Ella, só senta e esfrega a buceta na minha cara.

Quase tão persuasivo quanto à serpente que enganou Eva. Meu corpo aplaudiu sua intenção, palpitando por todos os lugares, no entanto, meu lado arteiro advertiu e ganhou.

— É uma oferta tentadora, — estalei a língua —, mas, primeiro você tem de merecer isso e só depois, e, *talvez*, provar. Ou não. Tudo depende de você. Será um bom ou mau menino?

Seu grunhido baixo incitou meu sorriso quando deixei meu corpo cair ao seu lado, uma perna jogada de forma negligente em cima do peito dele e a outra espalhada no colchão para que ele pudesse ver meu sexo aberto. Apoiei-me em uma mão para manter meu tronco elevado enquanto deslizava a outra, subindo por minha barriga, contornando a curva inferior de meus seios, enchendo a mão com eles. Imaginava o toque dele, suas mãos ásperas apreciando minha pele.

Senti-me perversa, sensual e muito excitada.

Era a situação, aquela atmosfera sexualmente escura e quente. Mas, principalmente, Thor com a boca entre aberta, fitando-me com uma fome lasciva queimando em seu olhar furioso, que me hipnotizava. Insuflando meu desejo de puni-lo, de ser muito má com ele, embora cada célula do meu corpo estivesse gritando pelo toque dele. Meus seios estavam inchados, os mamilos... Dio, meus mamilos estavam ardendo, doendo para serem castigados por sua boca gostosa.

Eu não protelei dando-me um gosto daquilo que necessitava.

Ao primeiro toque de meus dedos em meu clitóris, eu gemi rouca e cavei os dentes no lábio inferior, deixando a cabeça cair para trás. O som áspero que Thor fez balançou minhas pálpebras para cima. Encontrei o olhar dele. Era abrasador e selvagem igual a sua expressão.

Movi-me para o lado, abrindo a primeira gaveta da mesinha de noite e de lá tirei um dos brinquedinhos que eu tinha abandonado desde que meus encontros com Thor se tornaram frequentes e ele usurpou o meu quarto. Não era que não gostasse dos meus bibelôs da Lelo[47]; eu apenas não necessitava deles como antes. Gostava muito mais dos esforços de Thor em me dar prazer e ele também.

— Não faça isso — vaiou ele quando deslizei a ponta do vibrador por minhas dobras úmidas.

Eu parei, minha sobrancelha arqueando.

— Não?

— Se quer tomar algo dentro, senta na porra do meu pau. Ou melhor, me solte que eu vou cuidar de você. — Seu tom era incrivelmente possessivo em sua voz autoritária.

— Não penso assim.

— Porra, não faça!

Dei-lhe um sorriso sacana enquanto afundava o objeto vibrando em meu sexo. Exalei um suspiro languido, deixando meu tronco escorregar sobre o colchão.

— Mmm... Tão bom, Thor — gemi, movendo-o no meu canal. — Seu pau é muito melhor, mas isso... oh... isso dá para o gasto. Ah, Deus, me sinto tão molhada e com tanto tesão... Mmmm...

— Eu vou te castigar por isso, vadia — ele disse, baixo e ameaçador.

Estremeci, imaginando meu castigo e, em seguida, concentrei no meu prazer.

Aumentei a vibração do vibrador e uma onda de calor beijou a minha coluna, descendo, torcendo meu ventre enquanto esfregava meu clitóris com a outra mão. Eu ofeguei na sensação. Sabia que não iria demorar a vir. Virtualmente, ouvia os resmungos de Thor e o tilintar ininterrupto das algemas, mas nada importava nesse momento, exceto meu prazer.

Subi a mão e acariciei meus seios, até que a vontade de gozar se intensificou. Puxei o vibrador fora, pousando a ponta tremente sobre meu clitóris e voltei a aumentar a intensidade vibração.

Sentia o olhar de Thor em mim, numa mistura de raiva e desejo. O que fez minha excitação rodar num redemoinho de fogo dentro de mim e trouxe meu clímax mais perto. Mais e mais. Faíscas de excitação atingiram meu ventre, a sensação crescendo, crescendo...

Um alto gemido rasgou através dos meus lábios numa uma voz rouca e irreconhecível quando meu corpo inteiro se apertou, abalou, e então, tremeu. Minhas costas arquearam e minha cabeça se lançou para trás, expondo minha garganta enquanto o orgasmo golpeava o meu corpo.

Por alguns instantes permaneci lá, jogada, absorta no relaxamento momentâneo. Meu coração frenético e a respiração alta. Tinha sido rápido e gostoso, porém longe de ser suficiente. Somente uma coisa me faria sentir o prazer pleno e foi para ela que olhei ao mover a cabeça para o lado. O pênis de Thor estava mais duro, se possível. As veias marcando sob a carne macia. Latejando muito vívido em cima da sua barriga. A ponta molhada com seu pré-gozo.

— Me solta neném — pediu, num tom desesperado, inflando meu ego. — Eu preciso me enterrar em você agora enquanto te toco. Droga, garota, faça isso logo.

Esta foi a primeira vez que ele me pediu algo sem que seu tom viesse sem um pingo de arrogância e isso me desconcertou um pouco, logo me cobriu de vaidade.

E, por isso, ele merecia um agrado, pensei.

Sentei-me escarranchada sobre suas coxas então segurei seu pau, elevei o quadril e guie a ponta entre minhas dobras. Má ideia. A vontade de tê-lo dentro crescendo muito rapidamente, que me deixou zonza e levou cada fibra do meu ser para não encaixá-lo em minha entrada e cair sobre ele até que sentisse seu gosto em minha boca.

— Cristo, Thor, sinto a cabeça do seu pau queimar o meu grelinho.

— Caralho, gostosa! Senta na minha rola, Ella, — rosnou ele em seu usual tom mandão. Fechei a cara e saí da cama. Ele me fitou em desespero. — O quê...? Volta aqui neném!

— Por que eu faria isso, Castellammare? Por que eu permitiria a você à honra de me comer? — Seu olhar estreitou. — Andiamo, dimmi. Por que eu te daria o privilégio de me possuir?

— Ella deixa dessa brincadeira. Volte aqui e me solte.

— Me convença.

Heithor fechou os olhos, e eu aproveitei para me aproximar. Subi em seu corpo, deixando uma das

minhas pernas no meio das suas e segurei seu pênis. Ora apertando, ora acariciando seu eixo num vai-e-vem lento enquanto mordiscava seu abdômen. A respiração de Thor estava alta, pesada.

— Você é um menino muito desobediente, Castellammare. Um garoto mau e cheio de si. — Usei meu tom irritado e saí de cima dele, ficando em pé ao lado da cama e coloquei as mãos na cintura, erguendo meu queixo quando informei. — Por isso não ganhará meu *doce*.

— Antonella, eu quero que me solte agora. — Ele fez uma pausa, aspirando fundo. — Você já brincou, me torturou, fez tudo que quis. É suficiente. Solte-me agora mesmo.

— Se eu fizer isso, você irá me castigar e eu não quero ser castigada.

Curiosamente, observei sua expressão raivosa ser substituída por uma suavidade enganadora.

— Juro por Deus, que não vou, neném. Eu somente vou te dar prazer. Fazer você sentir bem. Prometo isso. Agora me solte. Isso foi o que combinamos.

A garantia verossímil entoando em sua voz e a aparente sinceridade em seus olhos fez-me hesitar enquanto meu coração pulava alegre. Por um instante eu realmente quis ficar, até aquela voz endiabrada soar no fundo da minha cabeça, trazendo em cores vívidas tudo o quê ele me fez passar.

Sem olhá-lo, eu fiz meu caminho para o banheiro sob seus gritos e ameaças.

Não é que ele blefava?

Debaixo do jato forte de água fria, enfim, pude relaxar com uma exalação longa.

Cazzo, eu tinha resistido à tentação Castellammare!

Tinha levado cada fibra do meu corpo e ainda o desejava, era certo, mas eu tinha conseguido e só por isso merecia um prêmio, que eu me daria logo mais.

Minutos mais tarde ao retornar ao quarto, já maquiada e de cabelos arrumados, flagrei Thor tentando se livrar das algemas. Tolo. Ele somente teria êxito, se eu fosse muito idiota para deixar as chaves da algema perto dele ou ele fosse dotado de uma super força, e nem uma das duas coisas estava acontecendo. Quando me viu, seu olhar era malvado e um punhado de ameaças bateu sobre mim. Se ele soubesse que aquilo unicamente fazia alimentar minha sede por vingança, na certa manteria a boca fechada. Ou melhor, começaria a rogar o meu perdão.

Ri comigo mesma enquanto passava hidrante em minha pele, ignorando-o, deliberadamente. Em seguida, encaminhei-me até o closet vesti uma lingerie branca e peguei a roupa, que me aguardava graças a Pietra que tinha pego-a para mim quando foi comprar a sua.

A pergunta dele foi instantânea quando retornei, pondo a roupa numa poltrona ao lado da cama.

— Pra quê isso Ella?

— Para vestir. Ou você acha que eu vou sair pelada? Se bem que seria uma visão do céu, não? Infelizmente, não sou tão caridosa. Minha filantropia somente se restringe a você.

Coloquei o vestido curto de renda na cor branca.

— Você quer sair agora? — Assenti. — Por que porra não me disse quando eu te perguntei?

— Creio que houve um equivoco de interpretação da sua parte, caro mio. Primeiro, — comecei enquanto vestia o trench coach pink curto, com babados brancos nas mangas, — eu disse que não, porque eu *não queria* e *não quero* sair com *você*. Segundo, eu não tenho de pedir sua permissão pra sair, porque hoje é sábado e pelas suas regrinhas idiotas, aos fins de semana eu tenho livre arbítrio.

Fui até o espelho de corpo inteiro para terminar de arrumar a peça. Uma fita dourada transpassada na frente por três fechos cuidavam para mantê-lo fechado. Toda a bainha era adornada por dourado e havia alguns detalhes sutis da mesma cor no próprio casaco. Um luxo sexy.

Regressei para vestir as meias.

— Antonella não faça isso. Essa brincadeira já foi longe demais e você não vai gostar do resultado dela, se persistir com isso. Não brinque comigo desta forma...

Empertiguei os ombros e o encarei desafiadora.

— Ou o quê?

— O quê ganha fazendo isso?

— Isso, — gesticulei sobre ele. — Então você não sabe? Vê-lo com o rabo entre as pernas, caro mio, não tem preço. Todo esse poço de arrogância e a pose de senhor-eu-posso-tudo reduzido a nada é melhor que qualquer prêmio da loteria.

O olhar dele foi de arrepiar. Eu dei os ombros, com indiferença e deslizei por minha perna a primeira meia. Era uma 5/8 de cor branca, com um laçinho rosa no topo. Logo deslizei a outra.

— Eu te proíbo de sair.

— E eu te proíbo de me dar ordens. Vê? Nenhuma das duas coisas está acontecendo.

— Por que você está agindo assim, Ella? Nós dois estávamos bem...

— Ah, *por favor*, cale a boca imbecil! Não existe essa merda de nós. Eu já não te disse isso umas mil vezes, não? Dio, como você é chato!

Seu olhar entristeceu, a mandíbula apertada, porém eu não me abalei.

— Você quer mesmo saber por que estou agindo assim? Eu vou te dar isso já que, aparentemente, sua mente está lenta. Aquelas suas regrinhas idiotas que você me obrigou a aceitar a base de uma chantagem suja ainda estão entaladas aqui — agitei a mão no meu pescoço, — assim como aquele gorila que você me fez pagar na festa do Baby.

— Se você não levasse uma vida promíscua e de risco, eu não seria obrigado a forçá-la a aceitar as minhas regras, que foram impostas para o seu próprio bem. Aliás, se você tivesse o mínimo de responsabilidade e respeito por si, e pela mulher que se responsabilizou a cuidar de você para que você pudesse desfrutar de uma boa experiência vivendo fora de seu casulo familiar, eu nem mesmo teria colocado qualquer fodida regra. Você pediu por isso Antonella. Aja como a mulher que quer ser tratada. Quando fizer isso ninguém irá te forçar a aceitar qualquer porra.

Eu o olhei horrorizada, logo, muito zangada.

Como ele ousava?

Ele prosseguiu:

— O seu problema é que você quer fazer o que bem entende, mas não quer aceitar as fodidas consequências dos seus atos. Eu te avisei, Antonella. Disse para não mentir para mim, que eu não suportava isso. Se tivesse sido honesta comigo, não teria pagado nenhuma merda. Mas, como agora, você preferiu agir como uma cadela. Não tem respeito algum por mim, nem por você mesma.

— Você, definitivamente, não bate bem da cabeça ou não está se ouvindo. Eu não sou nada sua, Castellammare. NADA. Não te devo qualquer coisa. Respeito se conquista. E, cretino, você não tem o meu. Aliás, nunca terá, se pensa que agindo como um imbecil conseguirá algo de mim. Dio, você é tão, mas tão estúpido que eu não sei se rio ou choro de pena. E sabe do que mais? Só para que fique bem claro, visto que você não parece enxergar bem, ou não faz caso, enfim.

Coloquei-me de pé, meus olhos semicerrados quando me aproximei, inclinando-me até alguns poucos centímetros de seu rosto. Toda diversão em minha face sendo substituída por uma expressão de escárnio quando eu lhe falei, pausadamente, da maneira mais fria e debochada que consegui.

— Não fique se achando o fodão. Você não é minha única fonte de prazer. — Estiquei a mão para seu pênis ereto, ainda aguardando uma libertação que não viria, e agarrei-o, massageando com suaves movimentos. — Um pênis bom e gostoso, onde posso me divertir por algumas horinhas. É isso que você é para mim, filho da puta. Nada mais, nada menos. Apenas mais um.

Se ele pudesse me matar nesse exato momento, não haveria nem minhas cinzas para contar história. Seus olhos eram mordazes, cheios de uma fúria assassina silenciosa.

Perigo. Perigo. Perigo.

Eu rezei uma rápida Ave Maria em mente pela minha cabeceira e algema serem tão boas quando ele puxou as mãos, o tilintar cortando o ar com uma faca afiada.

Arrumei a postura ereta, queixo erguido.

— Não fique bravo, *querido*. Você tem mais é que se sentir muito privilegiado por ter provado desse meu corpinho gostoso mais de uma vez. Saiba que não costumo repetir o cardápio então sinta-se infinitamente honrado — sugeri, arrogantemente.

Creio que minhas palavras deixaram Thor em choque, talvez, porque ele não estava acostumado com garotas diretas. Seja como for, não importava. Ele estava mudo, seu olhar mais malvado, se possível. E eu precisava me apressar se quisesse aproveitar cada minuto da festa, que me aguardava.

— Sabe Thor, eu devo admitir, você é um amante sem igual e me satisfaz como ninguém jamais conseguiu fazer. O que é uma merda, porque eu não posso me negar a você. Eu tento, mas meu corpo é safado e está viciado em você. Isso chega a ser *inquietante* — comentei distraída sem dar muita importância enquanto calçava meus saltos sensacionais, também brancos para complementar o visual. Coloquei-me de pé novamente, meu olhar em sua cara quando completei. — Se você não fosse tão mandão e filho da puta, eu até poderia tentar ser boazinha. Mas, então, você é um babaca arrogante, e caras assim como você, não merecem qualquer bondade minha.

Fui até o espelho para checar meu visual e sorri largamente, aprovando o que via. A fantasia de pirata sexy tinha caído como uma luva, beijando a minha pele e adicionando um quê a mais em minha sensualidade natural. O cabelo estava solto e esvoaçante, com cachos nas pontas louras. E como eu gostava de pisar em brasa, regressei para junto de Thor e dei uma volta lenta.

— O que acha? Estou gostosa pra caralho, não?

— Não se atreva a sair assim — grunhiu ele, vibrando.

Soltei uma risada alta e dissimulei um tremor.

— Uh, que medinho! E vem cá, Castellammare. Quem vai me impedir? Você?

— Antonella pare com isso. Escute o que eu digo, garota, você não me quer ver irritado com você. Não a sério... Não percebe que não ganhará nada com isso? Solte-me. Te dou a minha palavra de que não farei nada e, se quer realmente ir a essa festa, eu a levarei. Não haverá retaliações. Se não me quiser junto, você pode ir sozinha. Tem minha palavra. Agora, pare com isso e solte-me.

Sua voz era calma, muito bem controlada. Aquele tom apaziguador levou calafrios gélidos por minha coluna, e eu tive medo. Não medo de ele não cumprir sua palavra, mas da ameaça oculta por detrás de seu aviso caso eu levasse minha vingança adiante. Infelizmente para ele, o medo comigo sempre tinha funcionado como um propulsor, não um inibidor.

— Nop.

O baque do aço batendo contra a cabeceira quando ele puxou as algemas quase me fez saltar.

— Por que você tem que ser tão vadia?

— Por que você quer tanto essa vadia? Temos de convir, Castellammare, ou você é muito estúpido ou você está... — me interrompi. *Será?* — Você está apaixonado por mim. — Assim que as palavras deixaram os meus lábios, deu-me um ataque histérico de riso vindo do nada. — Oh, Minha Nossa! Não me diga que fez essa estupidez, Castellammare? Se bem que não me amar é algo difícil. Eu sou um doce de garota, não sou? — manguei, ainda sorrindo e batendo os cílios. Respirei, controlando-me e o fitei em expectativa. — Então? Você está Castellammare?

Thor ergueu a sobrancelha, zombando.

— Não permita que sua prepotência te cegue, garota. Eu teria de ser louco antes de me permitir apaixonar por uma puta mimada e tão vadia como você — cuspiu ele, com frieza.

Eu prendi a respiração. As palavras me afetando de uma forma perturbadora.

Ele continuou, sua voz tão fria quanto seu rosto:

— Não se ama uma vadia, Antonella, come-se ela. Se for boa o suficiente, repete. Então não se engane. Você é boa, mas não é a melhor. Lá fora há muitas vadiazinhas como você e muitas delas já estiveram em minha cama. Se a mantive não foi por afeto, senão porque é mais fácil mantê-la cativa para quando eu quiser aliviar o estresse. Afinal, se há uma buceta quente disposta pra molhar meu pau a qualquer hora

que eu queira, por que recusar? E antes que diga qualquer asneira, sabe que nunca te obriguei a trepar comigo. Todas as vezes que veio pra mim, você fez por livre e espontânea vontade, faminta por meu pau, implorando e clamando por mais como todas as outras que tive.

Suas palavras moldadas num escárnio pesado entraram em meus ouvidos, como lâminas afiadas banhadas em ácido, machucando, ferindo-me por dentro de uma maneira inconcebível.

Minhas pálpebras bateram para baixo enquanto eu tragava uma lufada de ar e, em seguida, o mirei nos olhos. Ódio imperou em meu olhar. Forte e abrasivo.

Ele me encarava insondável, ostentando um sorriso cínico leve.

Retrai minha fúria súbita e amenizei a expressão, sorrindo.

— Fico feliz que pense assim, Castellammare. É sinal de que estamos nos entendendo, afinal. Pensamos da mesma forma. Até tirou as palavras de minha boca, devo dizer.

Ele franziu o cenho. Por um instante pensei ter visto um lampejo de surpresa cruzar seus olhos por meu tom incrivelmente calmo e gélido, até mesmo eu estava surpresa.

Bati minhas mãos juntas.

— Bem. Adoraria ficar e continuar nosso papo agradável, no entanto, há uma festa badalada me esperando. Lembra-se da última?

— Você não pode me deixar preso aqui, Antonella — ralhou ele enquanto eu pegava o chapéu, um adorno a mais da fantasia.

Olhei-o sobre o ombro.

— Me processe.

— Volte aqui Antonella! Não faça isso, porra! — Fingi não ouvi-lo e me dirigi até a porta, doida para, enfim, seguir para a festa. — Não se atreva a sair por essa porta!

Olhei-o sobre o ombro, novamente.

— Não faça escândalos! Martha está dormindo, seu mal educado. Oh, per favore! Não me olhe desse jeito como se eu fosse um monstro sem coração. Isso é para o seu próprio bem.

Ri alto, lembrando-me que ele havia usado essas mesmas palavras comigo quando decidiu que eu era sua escrava. *Tudo que vai volta*. Recomecei a caminhar.

— Volta aqui vadia!

Girei os calcanhares, antes que sua histeria acordasse todos na mansão, ou pior, trouxesse tia Martha ou algum segurança. Não olhei para o seu rosto ao buscar um lenço na cômoda.

Thor arregalou os olhos quando entendeu minha intenção. Sua cara foi tão cômica, que eu teria rido dele, se não estivesse tão obstinada a calar sua boquinha gostosa.

— Não ouse fazer isso, Antonella.

Sorri em resposta. Não foi a tarefa mais fácil da minha vida amordaçá-lo. Ele se mexeu pra caralho, xingando e ameaçando, porém consegui. Logo segurei seu queixo e o beijei na boca por cima do tecido. Somente uma pressão de lábios punitiva e, em seguida, fitei seu lindo olhar raivoso.

— Perfeito! — exclamei baixo, acariciando seu rosto deformado pela ira. — Você fica ainda mais gostoso com a boquinha fechada, Castellammare. Seus lábios foram feitos para me beijar e chupar. Dar prazer a mim. Não para proferir palavras depreciativas ao meu respeito, menino mau.

Bati o olhar para baixo, seu pênis ainda se mantinha a ponto de bala em cima da sua barriga, a glande ostentando uma lubrificação atrativa. Eu não resisti, segurando-o e, logo após, chupei isso.

Thor ainda tentou, mas seu quadril bateu para cima.

— Delícia — gemi, dando uma última chupada brusca na cabeça inchada. Thor resmungava algo. Com o olhar preso em seu pênis pulsante, eu disse. — Desculpe gostoso, mas hoje você não pode brincar com a minha menina. Seu dono merece uma lição.

Dei um último beijo na glande, e então, me afastei pegando o chapéu e a bolsa.

Parei, de repente.

Meu sorriso foi maquiavélico ao retirar o celular da bolsa, passei para o modo câmera e apertei o botão, registrando aquele momento numa foto linda e excitante. Guardei-o e fui para a porta. Meus olhos caíram sobre Thor pela derradeira vez.

— Eu te disse que não iria aceitar suas babaquices calada, não disse? Que não iria te perdoar pela palhaçada que me fez passar e que eu iria me vingar por cada uma daquelas coisas que me fez, não disse? Da próxima vez leve a sério o que eu digo, paspalho. Agora, aproveite seu tempo *livre* e, por favor, não *saía* daqui. Eu não demoro *caro mio*.

Lancei-lhe um beijo estalado e deixei o quarto ainda rindo.

Não queria aceitar, mas as palavras dele me incomodaram de uma forma perturbadora. Eu não era uma garota qualquer. Resolvida e honesta com a minha sexualidade, com toda a certeza.

Mas vadia? Nunca.

Ele somente estava tendo o que merecia. Cretino.

E, como Deus estava no céu e o Diabo no inferno, eu faria Thor Castellammare engolir uma a uma daquelas palavras. Ele comeria na minha mão ou eu não me chamaria Antonella Vicenti.

Encontrei Pietra rindo sozinha na sala, vestindo sua fantasia de marinheiro. O cabelo solto ondulando até a cintura. Olhos com bastante máscara de cílios e a boca preenchida com vermelho sangue. Ela estava muito sexy. Entreolhamo-nos e caímos na risada então saímos.

Lá no fundo, mas bem lá no fundo, eu estava temerosa sobre o amanhã. Eu tinha certeza que o castigo viria, assim que Thor estivesse livre, pelo o que fiz e disse.

Mas quem se importa? Ele não era nada para mim. E eu teria um montão de prazer. Ele me faria trabalhar para isso para reafirmar seu papel de macho alfa, porém eu não dava à mínima, porque eu sabia que ao final tudo que eu teria dele era prazer.

Expulsei-o da minha mente e me concentrei na estrada para Santa Monica.

Baby estava dando sua anual festa à fantasia, que de antemão sabia ser uma das mais aguardadas no ano. Seria nossa primeira festa a fantasia aqui e também a primeira de minha vida. E eu pretendia apreciá-la do começo ao fim, sem qualquer interrupção. E assim foi.

Toda e qualquer festa deve ser aproveitada como se fosse a última de sua vida. Esta era a nossa regra de vida. Nesta noite não foi diferente. Dançamos, bebemos, flertamos e beijamos. Este último menos que os três primeiros. O que diferiu aquela das demais festas que já frequentamos.

Em essência, os homens lá, embora bonitos e atraentes aos olhos, deixaram de nos entreter em uma determinada hora. Isso porque uma parte danificada minha mente começou a fazer comparações e nenhum dos caras presentes podia ser comparado a Thor.

Tudo com o maledetto parecia-me ser melhor.

Estava ali, mas, na realidade, eu estava mesmo ansiosa para voltar à mansão e receber o castigo que me aguardava. Eu já tinha me vingado e mal podia esperar pela vingança de Thor. No entanto, não deixei isso corromper minha noite de folga e apreciei-a até o último segundo, literalmente.

Uma vez que Pietra e eu retornamos a mansão cerca das onze da manhã do dia seguinte, eu estava extremamente cansada. Respirei fundo, me armando de coragem.

Estava um pouco receosa, afinal de contas, eu teria de soltá-lo. Girei a maçaneta, abrindo a porta num rompante, meu sorriso era largo e confiante...

Merda! Merda! Merda!

O choque me petrificou na porta, e então, o gelo se apossou da minha coluna e o medo queimou em minhas veias quando meu olhar se desviou da cama vazia e feita, em seguida, cobrindo todo espaço do quarto que estava ao alcance dos meus olhos.

Onde inferno aquele cretino estava? E como diabo ele tinha se soltado? A algema era forte, não?

Um pé após o outro, eu entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim bem devagar, tão cautelosa quanto uma mocinha nos filmes de terror e era bem assim que me sentia.

Meus ouvidos estavam atentos ao mínimo barulho, até meu coração parecia estar compadecendo do meu temor, diminuindo as batidas para maior eficácia da minha audição. O sentimento de apreensão amorteceu minhas vísceras quando busquei por Thor em cada canto do meu quarto, closet e banheiro, com uma cautela de dar inveja a qualquer atriz hollywoodiana.

Por que merda eu estava tão apreensiva?

Não era como se ele fosse aparecer do nada com uma faca na mão e tentar me matar.

Um chicote, talvez?

Soltei um risinho histérico. Era o mais provável. Infelizmente, meu corpo não entendia isso, pois eu tinha a ligeira sensação que ao estar cara a cara com Thor, eu estaria em maus lençóis. Bem, se o tivesse encontrado da maneira que o deixei (o que devia ter sido), eu também estaria. Entretanto, eu daria um jeito de adoçar a fera antes de tê-la a solta. E agora, eu não sabia o quê pensar.

— Scusami!

— Caraaaaaaalho! — gritei sobressaltada, quase saltando fora da minha pele quando a cadela da minha amiga entrou no quarto de supetão.

Meu coração batia no cérebro, minha respiração descontrolada tão rapidamente, que foi um milagre não ter tido uma taquicardia. Puxei lufadas de ar, acalmando-me.

— Mas que diabo foi isso mulher?

— Nunca. Nunca mais se atreva a fazer isso, capisti Pietra?

Ela colheu os ombros.

— Scusa, eu queria falar com você. Ele ficou muito bravo?

— Não, merda!

— Então por que está assim? Isso é uma coisa boa, não?

— Não, Pietra. Ele simplesmente não estava aqui. Capisce? Não estava. — Plantei as mãos na cintura, meu cenho franzido em tensão. — Como diabo ele saiu?

— Você deixou algo perto para que ele pudesse abrir a algema, não foi?

— Juro que não. Niente. Nadinha. Juro! Ele não quebrou a algema. Não tinha como acontecer, além do mais, ela está intacta.

Pietra foi até a cama, inclinou-se pegando algo.

— E isso aqui? — Balançou as chaves na frente do rosto e meu queixo despencou. — Me parece a chave das algemas, não?

— Pietra, eu juro... — Pausei, indo até ela. — Essa chave maldita não estava aí ontem.

— Ela andou até aqui?

— É claro que não! Senti, eu lembro muito bem, ontem eu as deixei dentro da gaveta da cômoda junto com as algemas. Não as tirei de lá em nem um momento.

— Bem, alguém tirou. E eu já até imagino quem.

— Quem?

Que não seja tia Martha.

— Nathan. Ele não está no meu quarto, nem no dele e em nem um lugar da mansão. Eu já falei com a Mamma, mas ela disse que não sabe dele também e que nenhum deles desceu para o café.

Deixei minha bunda cansada pousar na cama.

— Isso é estranho, não acha?

— Estranho, eu não sei, porém de uma coisa tenho certeza, não é nada bom. De qualquer maneira, não há nada que possamos fazer então o jeito é tomar um banho e descansar antes que eles deem as caras, e nós tenhamos de enfrentar as feras. E não duvide disso. Se foi mesmo Nathan quem libertou Thor, você tem um inferno particular para enfrentar e entrevejo que eu terei o meu, também. É melhor que estejamos descansadas.

Naquele mesmo dia à noite, Thor ainda não tinha dado sinal de vida. Logo fui à caça de Pietra,

encontrando-a na sala de entretenimento, com o celular em mãos.

— E aí? Eles já deram as caras?

— Não. Eu já liguei inúmeras vezes. Nem Thor, nem Nathan respondem. A propósito, só dá caixa postal em ambos os números. E mamma jura não saber de nada.

De repente, um pensamento me ocorreu.

— Pietra, você acha que ele foi embora?

Era uma possibilidade válida, afinal de contas, Thor estava apenas de passagem.

— Thor não iria sem falar comigo e com mamma. E ele não fez nem um, nem outro. Além do que, Nathan para todos os efeitos ainda é meu namorado, ele não pode ter ido sem me dizer nada.

Capítulo 16

Ele e eu éramos companheiros de foda, eu dizia a mim mesma. O que significava que eu tinha o direito de sentir falta dele. Isso, no entanto, não queria dizer nada. Só porque havia um sentimento, bem, uma ligeira sensação ruim ao cogitar a perda da melhor foda da minha vida e meu coração batia um pouco mais forte no peito só de pensar em vê-lo na mesa do café da manhã, não queria dizer nada além de que meu corpo sofria de abstinência de sua droga preferida.

Quatro dias. Nem uma notícia para dizer se tinha ido para o raio que o parta ou retornaria da casa do caralho para me atormentar. Heithor havia desaparecido, como mágica. Nem mesmo Martha sabia dizer onde ele estava, aliás, ela nem parecia preocupada com o desleixo dele.

Quanta ironia, não?

Aquele infeliz vivia me aporrinhando por eu sair sem dizer as horas, e agora, ele fazia o mesmo.

Belo exemplo de merda!

Não que eu realmente precisasse de qualquer coisa dele, quem dirá um exemplo. Mas ele tinha de ter a decência de ao menos se despedir de mim, como um bom homem faria.

Maldição. Eu até mesmo tinha engolido meu orgulho, ligando para ele, e ele não reconhecia. Thor devia sentir-se privilegiado por eu estar chamando, e me atender ao primeiro toque, não estar bancando a mulherzinha fresca fazendo cu doce.

Ao fim do quinto dia eu cheguei a mansão mais cedo, caí em minha cama e desmaiei até ser acordada com um barulho infernal. Chequei o despertador. Sete da noite. Levantei xingando Dio e o mundo, porque só um desocupado infeliz de marca maior sem nada mais para fazer da vida que poderia estar fazendo um alarido daquele. Um vagabundo desocupado. Encontrei Pietra no corredor no mesmo animo que eu, e então, pisamos duro para o térreo.

Música. Splash! Vozes. Risos...

Seguimos o barulho em direção à porta dando acesso para a área externa. Estaquei na soleira quando vi um sujeito que eu conhecia bem sair da piscina, a água pingando de seu cabelo negro escorrendo por seu peito e abdômen. Esqueci-me de Pietra. Meu coração correu mais rápido.

Thor. O meu Thor estava bem ali na minha frente.

Ele não é teu, idiota.

Não era, mas mesmo a repreensão não foi palio para a alegria que iluminou meu rosto, curvando as esquinas de meus lábios, empurrando meus mamilos apertados contra o soutien. Meu corpo se avivando ao detectar a presença de sua droga. Cobiçando seu toque quente e macio. E os lábios.

Meus olhos débeis correram sobre ele, agora, de perfil enquanto ele falava distraído com um dos caras, que pensei ser Adam. As luzes difusas e as plantas ornamentais não me permitiam ver claramente. Mas de uma coisa eu tinha certeza, Thor estava todo um tesão metido numa sunga preta. Meus dedos coçavam para tocá-lo quando minha intimidade se contraiu na lembrança dele. Um aperto gostoso e úmido. Eu o queria.

Mas espere aí! Ele me devia algumas explicações, verdade?

Thor tinha sumido por dias. Nem sequer deu um alô para dizer onde estava e se estava bem. Não que eu realmente me importasse, porém ele não podia fazer isso comigo. Não mesmo.

— Antonella? Antonella?

— O quê? — Bati minhas pestanas. — Ah... eh... olá Nathan.

Ele arqueou a sobrancelha, o canto de sua boca se contraindo.

— Pode me dar licença, por gentileza?

Olhei para os lados, percebendo que estive empatando o trânsito na porta.

— Oh, claro..., claro que sim.

O deixei ir, ouvindo a voz de Pietra na parte detrás da minha cabeça falando com ele, mas não dei atenção a eles. A ansiedade levou meu olhar afoito novamente em direção à piscina e o quê eu vi substituiu minha excitação pela raiva em uma questão de segundos.

Da piscina saía àquela mesma empregadinha de merda, enfiada num biquíni minúsculo. A perplexidade veio a seguir quando Thor puxou a puta para o colo e a beijou. BEIJOU!

Em instantes, eu tinha sangue nos olhos, minhas mãos fechadas em punhos difíceis e meu corpo agindo por conta própria. Levando minhas passadas duras até aqueles dois filhos da puta.

— Que merda é essa aqui?

Eu tinha todos os olhares em mim, porém somente enxergava aqueles dois filhos da puta na minha frente. A troia me olhou assustada enquanto eu a fulminava com o olhar, louca mesmo para esquentar a cara horrenda dela. Movi meu olhar assassino para ele.

— O que essa vagabunda está fazendo aqui?

— Controle-se Srta. Vicenti — disse ele em tom baixo, sua voz era gélida. — Não vou permitir que desrespeite meus convidados. Está entendido?

— O quê?

— Retire-se, por favor. Esta é uma reunião privada e você não está convidada a participar.

O pedido dele explodiu na minha mente, apertando minha expressão.

— Como é que é? Você perdeu a sua mente, maledetto?

— Que maldade, querido. Vá queridinha, antes que ele te coloque de castigo.

Eu perdi a cabeça quando meu orgulho escorregou no atrevimento daquela mulherzinha.

Eu saltei sobre ela, meu punho fechado acertando em cheio o seu falso nariz sem dar tempo dela se defender. Ela caiu no chão e eu fui atrás, estapeando os dois lados de sua cara enquanto ela gritava e chorava, tentando ridiculamente se defender. Mas não lhe dei fôlego, batendo a merda fora dela enquanto seu nariz recém quebrado jorrava sangue. Eu queria fazer isso com ela. Queria machucá-la seriamente por ser tão atrevida em minha própria casa. E fiz exatamente isso, até que mãos firmes e grandes se fecharam em minha cintura, e, em seguida, fui puxada para longe da puttana.

Thor caiu ao lado dela, deixando-me mais irada.

— Me solta, cazzo! — eu gritei, esperneando e me debatendo contra as mãos de ferro que me seguravam, tentando o meu melhor para me livrar de quem quer que fosse que me segurava. Eu queria arrancar os olhos da cadela. — Inferno! Me solta, porra! Eu vou arrebentar essa puta!

A troia começou a chorar sendo amparada pelo ordinário. Eu pirei de vez. Jogando uma rápida olhada para baixo, ergui o calcanhar e pisei no pé de meu captor com toda a minha força e dei uma cotovelada no estômago dele quando ele afrouxou o aperto. Ele xingou. Eu dei um passo à frente, pronta para dar mais uns tapas na cara da vadia, porém o maldito me pegou novamente.

Heithor colocou a troia de lado, acenando para alguém atrás de mim, antes de me dar sua atenção. Ele veio na minha direção e parou há três passos de distância.

— Solte-a, Eric — ele ordenou, com uma voz assassina, seu olhar duro era raivoso sobre mim.

Humpf! Se ele estava pensando que aquela encenação barata de Al Capone iria me amedrontar era bom ele pôr o rabo entre as pernas, porque eu nem tinha começado.

— Sim, Eric, me solte. Eu ainda não terminei com a cadela.

Eles me ignoraram.

— Eu não acho uma boa ideia, cara.

— Eu disse para você soltá-la agora — ele dizia, olhando diretamente para mim.

No instante que Eric me soltou, Thor segurou o meu braço com força.

— Está me machucando, seu merda — choraminguei indignada, tentando puxar o braço, o que só o fez apertar mais os dedos em minha pele enquanto me arrastava em direção a troia.

Eu apertei os dentes, contendo um gemido de dor.

— Machucando? E o quê fez a Kate? Olhe. Olhe bem para ela. Está feliz com o estrago que fez?

A mirei por cima, como se olhasse para um verme, apreciando o vermelho na cara dela pelos tapas e pelo sangue de seu nariz. Realmente, eu tinha feito uma arte no focinho dela.

— Oh, sim. Estou *muito* feliz — murmurei com escárnio. — E ficarei mais ainda se tirar suas patas imundas de mim, antes que eu dê na sua cara também.

— Além de ser uma inútil patricinha de merda, você também é uma selvagem?

Encarei-o, desdenhosa.

— Diga-me você. Eu sou?

Suas feições repuxaram em uma fúria silenciosa.

— Peça desculpa a ela por tê-la atacado.

— Nem morta! Se alguém aqui tem que pedir desculpas, este alguém não sou eu.

Sua mão torceu meu braço. Eu ofeguei com a pressão e a dor disparando para o meu cérebro, meus dentes tão apertados, que não me admiraria que eles se quebrassem.

— Peça — ele grunhiu.

Neguei com a cabeça. Recusava-me a dizer as malditas palavras.

Thor grunhiu outra vez, seu aperto mais firme, a dor quase insuportável acumulando água no fundo dos meus olhos. A voz dele ficou mais dura, mais áspera.

— Peça, Antonella. Não me faça te machucar de verdade. Peça a porra das desculpas. Agora.

Eu o odiava com toda a minha alma.

— D-Desculpe — empurrei a palavra entre os dentes.

Ele soltou meu braço, meus dedos agarrando aonde os seus tinham contundido.

— Agora, se retire e não ouse bancar a garota mimada na minha presença outra fodida vez.

Engoli o choro e a humilhação que me lavava com óleo quente quando tropiquei para o meu quarto, querendo devastar o mundo. Sem o pescoço dele ao alcance das minhas mãos para que eu pudesse estrangulá-lo, extravasei minha cólera nos adornos de decoração do meu quarto, ao invés.

A fúria latente vibrava em meus ossos, construindo lágrimas bestas no fundo dos meus olhos. Elas caíram com a intensidade da minha ira, da sede de vingança obstruindo minha garganta quando me deixei cair na cama, abafando o grito tempestuoso no meu travesseiro. Nada era suficiente.

O ódio que sentia por aquele sujeito de merda era colossal. Odiava-o duplamente.

Nunca na minha vida tinha sido tão humilhada.

Três dias depois

— Pietra, você precisa fazer alguma coisa. Me ajudar. Qualquer coisa! — Eu implorava pela milésima vez, andando atrás dela em seu quarto.

Ela parou, encarando-me, com uma expressão chateada.

— Amada, este é um assunto de vocês dois. Não posso fazer nada por você, além do que, eu já tenho trabalho dobrado com o Nathan. Isto está tirando o meu sono, você sabe.

— Você está sendo uma cadela egoísta — acusei, batendo as mãos nas coxas quando ela se sentou na frente da penteadeira. — Caramba! Pra que diabo serve a nossa amizade?

— Ah, cale a boca! — Ela me fitou através do espelho. — O que pensa que eu posso fazer? Descer lá e exorcizar a vadia? Se você não se lembra, deixa eu te dizer. Também estou na lista negra do meu irmão. Ele não é bobo, sabe que nós duas armamos aquilo junto.

— Você é irmã. Além do mais, fui eu quem o deixou preso, não você.

— Está aí o ponto! Peça desculpa a ele e vê no quê dá. E não se engane, o fato de eu ser irmã dele não ameniza em nada, pois, embora não tenha sido eu quem o algemou, se não houvesse minha ajuda indireta, ele não teria ficado naquela situação. Ele sabe disso. Nós sabemos disso.

— Eu não tenho que pedir nada. Foi ele quem errou sumindo sem mais, depois trazendo aquela empregada vagabunda, e agora, a oxigenada, que está lá na sala, empoleirada no colo dele. Nós fizemos uma promessa quando pegamos Nathan e ele na mesma situação, lembra?

— Isso foi antes da gente aprontar feio — apontou demente. — Eu não vou ferrar mais as coisas com o Nathan. Não mesmo. Já está difícil o suficiente para me complicar mais.

Joguei as mãos para cima quando grunhi, me derrubando na cama dela.

— Foi uma brincadeira inocente sem maiores danos.

— Diga isso a ele então.

Pietra se levantou, seus olhos sobre os meus. Eu exalei forte. Conhecia aquele olhar.

— Longe deles podemos ser completamente sinceras uma com a outra, Ella. Eles aprontaram sim, mas também nos recompensaram do papelão que nos fizeram pagar. Nós erramos feio, amica. Temos de ser honestas com nós mesmas. Pegamos pesado, e agora, estamos pagando por isso.

A mirei, incrédula, enquanto ela se perfumava e, em seguida, se dirigiu para a porta.

Eu pulei da cama.

— Aonde vai? Estamos conversando aqui, porra!

— Correr atrás do prejuízo — respondeu entediada, abrindo a porta. — E, Amada, eu sugiro que você faça o mesmo. Você sabe como dobrar ele, que eu sei. E, se for sincera, confie em mim, Thor vai te desculpar e tudo voltará ao normal. Pense nisso.

— Ma Pietra...

— Esqueça o orgulho, boba! E faça o que eu te disse.

Ela saiu saltitando pelo corredor, como uma gazela drogada, deixando-me plantada e com a boca aberta. Nathan não estava fazendo bem para ela, conclui.

— *Peça desculpa* — resmunguei com escárnio para eu mesma ao seguir para o meu quarto.

Eu não iria me rebaixar a ele quando o errado era ele próprio. Se Thor não tivesse tentado me manipular tão vilmente tudo estaria em seu devido lugar. Mas estava, não estava? Ele estava lá com sua puttana favorita, e eu em meu canto, longe daqueles imundos, como devia ser.

Foda-se todos eles!

Tomei uma ducha e vesti algo agradável para dormir. Os trovões e relâmpagos lá fora me diziam para deitar, e, ter uma boa noite de sono e foi o que fiz. Deitei, encobrindo-me com o lençol egípcio, que mais parecia arame farpado sobre a minha pele macia. Uma porrada de trovões depois e meus olhos ainda estavam arregalados, o sono muito distante para que eu permanecesse na cama.

Levantei, bufando impaciente e comecei a ziguezaguear pelo quarto.

A culpa da minha insônia era de Pietra que tinha colocado caraminholas na minha cabeça, e agora, eu não podia dormir. Estava irritada e ansiosa. Eu ponderei sobre o que fazer. Se dissesse que não queria ir até o cretino, eu estaria mentindo. Contudo, a outra metade, dizia para não ceder.

Caramba!

Eu só queria dormir e esquecer que aquele filho da mãe existia. Não podia ser fraca ao ponto de me colocar vulnerável a uma nova humilhação, pois se isso ocorresse, eu não iria me perdoar.

Maltratei meus lábios, indecisa.

Que se dane!

Se Thor se atrevesse a me humilhar de novo quando eu estava indo humildemente pedir-lhe desculpas, bem, eu poderia usar isso contra ele, além de tatuar minha mão na sua fuça.

Curiosamente, toda minha coragem retrocedeu quando fechei minha porta atrás de mim, encostando-me a ela, meus olhos cravados sobre a porta dele na minha frente.

Puta merda! Como diabo eu iria fazer isso?

Eu sabia que não estava errada, o que sugeria a inutilidade de um pedido de desculpa.

E quem disse que eu precisava pedir desculpas quando eu poderia dar uma?

Estava chovendo, trovejando e muitas pessoas se cagavam de medo de trovões. Eu até poderia dar vida a um rato. Era uma desculpa esfarrapada, mas funcionaria, e, bem, uma coisa leva a outra. Heithor podia estar bravo, mas ainda me desejava. Eu sabia. Joguei uma olhada sobre meu corpo e sorri maliciosa. Eu estava ao ponto.

Dei um passo à frente, ergui a mão em punho e...

— *Oh, sim! Sim! Por favor, Thor!*

Gemidos e mais barulhos sexuais atingiram meus ouvidos com um tapa, rodopiando a minha mente. Eu fiquei sem ação por um instante, minha mente em branco. E então, corri de volta para a segurança do meu quarto, sentindo pontadas de raiva furar o meu peito.

Cafajeste cabeça de merda!

Era Norah, a oxigenada. Sua puta oficial.

E eu ainda tinha ido lá igual a uma idiota pedir desculpas a ele. Não iria fazer de fato, porém era a intenção que contava. Eu odiava esse homem mais que tudo na vida.

A manhã não foi melhor que a noite dos horrores que tive.

Sentei junto à ilhota num mau humor infernal. Peguei um pãozinho, cortando ao meio e espalhei uma pouco de geleia de amora em um pedaço pequeno. Comi, mastigando com raiva. De soslaio, eu vi uma empregada terminando o preparo de uma bandeja de café para duas pessoas.

— Para quem é esta bandeja, Mariah? — sondei enquanto comia outro pedaço de pão.

— É para o senhor Castellammare, Senhorita.

Stronzo!

Engoli forçosamente então tomei um gole de suco, ajudando o pedaço de pão entalado na minha garganta. Minha fome passou, e eu me senti enjoada.

— A senhorita precisa de algo?

Olhei para ela depois para a bandeja, e para ela de novo.

— Não, obrigada.

Quando ela ia pegar a bandeja pronta, um pensamento cruzou a minha mente.

— Na verdade, eu preciso que você veja se aquele meu vestido florido de alcinhas da Dior está passado. Vou usá-lo hoje na universidade.

— Se a senhorita puder aguardar um momento...

— Tente agora — cortei-a em um tom áspero. Em geral, era muito cortês com os empregados, porém a mulher não parecia disposta a tornar a minha vida fácil.

— Claro, senhorita. Com licença.

Saltei em pé assim que ela deixou a cozinha. Arrebatei do armário um temperinho a mais para o café dos filhos da puta e, em seguida, pinguei algumas gotas generosas de laxante no suco de laranja, cuspi no iogurte e mexi bem. Então guardei o remédio no mesmo lugar e me sentei, rindo comigo mesma.

Oh, não é que minha fome tinha voltado?

A empregada retornou pouco depois.

— Lucy disse que o vestido ainda não foi lavado.

— Não tem problema. — Coloquei-me de pé, deixando guardanapo sobre o mármore. — Decidi que ficarei com este aqui mesmo. Não acha que estou bonita? — cantarolei, dando uma rodopiada.

— Sim, senhorita.

Sentei-me na sala enquanto assistia a empregada subir com o café dos otários, e eu não sairia de lá por nada nesse mundo. Queria estar de camarote para quando a mágica do ingrediente secreto fizesse seu efeito, e pela quantidade que coloquei no suco, isso não demoraria muito para acontecer.

Enquanto aguardava folheei uma revista. Não tive de esperar por muito, logo os dois deram as caras. Norah tinha uma expressão tensa na cara de puttana. Thor estava ao seu lado.

Camuflando a raiva, eu abaixei a revista em minhas mãos e lancei um olhar amistoso sobre eles.

— Você aqui Norah? Che sorpresa! — Ela me fitou com uma careta, andando apressada em direção à porta, ladeada pelo grande filho da puta. — Não me diga que já está indo? Não quer esperar o café? — Thor me olhou de relance. Eu dei os ombros e sorri sem dentes. — Va bene. Volte sempre — acrescentei, assistindo ele se despedir dela com um beijo rápido nos lábios.

Ordinário. Devia ter posto no café dele também, pensei raivosa, encobrindo minha expressão irritada quando ele fechou a porta e fez menção de ir à cozinha.

Eu não aguentei, tive de cutucá-lo.

— Você deveria melhorar suas companhias. Mulher mal educada, nem me deu bom dia.

Ele parou, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça social preta. Seu peito coberto por uma camisa também social de cor azul claro. O cabelo ainda úmido e apostaria que com pouco produto, jogado para trás, como de costume. Tão lindo, mas tão frio.

— Confie em mim, Srta. Vicenti, eu estou fazendo exatamente isso.

Mentalmente, eu o assassinei de cinco maneiras diferentes.

Desde então, ele e eu não trocamos mais que algumas poucas palavras, todas elas carregadas de frieza e sarcasmo. Heithor estava mais impessoal. Por mais que eu tentasse provocá-lo, ele não dava à mínima. Então eu meio que apelei, fazendo todo o cardápio proibido.

E o quê Heithor fez? N. A. D. A!

Eu já estava a ponto de arrancar fio a fio do meu cabelo.

Estava vivendo num martírio!

A indiferença dele apenas me deixava mais puta da vida. Ele não podia me tratar assim.

Obstinada a dar fim a essa palhaçada, eu fiz meu caminho para a sala de estudos. Era lá, onde Heithor passava a maior parte do dia. Não bati. Entrei de supetão, imperiosamente, sem me preocupar em esconder a minha irritação por essa situação. Ele estava concentrado mexendo no Macbook, mas parou quando fez caso da minha presença. Seu olhar contraiu.

— Já chega dessa palhaçada, cacete!

Ele se inclinou para trás em sua cadeira.

— No quê posso ajudá-la, senhorita Vicenti? E por que entrou aqui sem bater? — Eu apertei os olhos para ele. Ele continuou, com aquele tom calmo e indiferente, que me deixava de cabelo em pé. — A senhorita está bem? Pietra? Aconteceu algo com ela?

— Deixe de bancar o maricas lesado! Não combina com você, cazzo. Cadê a porra dos gritos? Ameaças? E aquele seu jeito mandão dos infernos? Ficou frouxo, foi?

— Acabou?

— Não. Scusami pela..., bem, pela brincadeira. Talvez, eu tenha pegado um *pouquinho* pesado, mas você merecia uma lição. Você sabe. Não pode sair mandando a torto e a direita e esperar sorrisos de volta. Você meio que totalmente buscou isso.

— Concordo.

Opa!

— D'accordo?

— Em partes, sim. — Fez uma pausa meditativa enquanto juntava as pontas dos dedos na frente do peito, seu olhar nunca saindo do meu. — Não acho correto o que você fez. Foi desonesto e sujo de sua parte, além de muito perigoso. Eu poderia ter passado mal e não tinha como pedir ajuda. Mas dado às circunstâncias, eu entendo o porquê de ter tido tal atitude.

Come?

Estreitei o olhar. Definitivamente, eu preferia o arrogante aquele homem tranquilo na minha frente. Ele

me deixava mais nervosa e inquieta. Não entrevia coisas boas.

Heithor prosseguiu:

— Eu devia ter somente conversado com você e exposto os riscos da vida que levava, e que trazia sobre Martha, que para todos os efeitos é sua tutora frente a sua família. Eu não tinha o direito de te exigir qualquer coisa, nem de chantageá-la para que você aceitasse minhas regras. Peço-lhe desculpas por isso, afinal, fomos somente uma boa foda. Eu não devia ter me deixado reger..., enfim, foi uma péssima conduta minha. Uma que eu não costumo ter e sinto-me extremamente envergonhado. Mas, confie em mim, isso não irá se repetir. Tem minha palavra sobre isso.

Ele terminou tão calmo que pensei que tínhamos morrido, porque minha voz estava em qualquer lugar, exceto em meu corpo. As palavras dele tinham embrulhado meu estômago e dado um nó tão apertado em minha mente, que eu não consegui reagir até que sua voz se fez ouvir novamente. Mais alta. Mais forte, ainda assim cuidadosamente macia.

— Sinta-se livre das regras. Viva a sua vida da maneira que lhe convir, entretanto, eu devo pedir a você que pense em Martha antes de fazer qualquer coisa. Ela não tem de pagar por seus erros.

— Ti odio, Castellammare!

Capítulo 17

Alguns dias depois

Meus pés avançaram pela trilha, no parque Malibu Bluffs, até que avistei uma pedra grande perto da encosta e me sentei nela. Fechei os olhos e inspirei fundo quando inclinei a cabeça para trás, absorvendo a calmaria ao meu redor. A combinação da brisa fresca vinda do Pacífico e do calor dos últimos momentos do sol se derramando sobre a minha pele era malditamente boa.

Não era uma garota da natureza, mas gostava de ir ali quando tinha um montão em minha cabeça. E *hoje*, eu sentia que tinha mais do que o saudável. Estava inquieta e chateada.

Abri os olhos, plantando-os sobre o mar no horizonte sem realmente vê-lo.

Pietra estava no amor com Nathan outra vez. Minha relação com Heithor continuava na mesma. E eu, bem, sem as regras escrotas e o radar dele na minha bunda, pude retomar o controle da minha vida. Liberdade cheirava a céu. E eu agarrei isso com unhas e dentes.

Estava saindo quase todas as noites. Não era como se eu estivesse desesperada pela rua, a verdade é que eu não tinha nada para fazer na mansão exceto morrer de tédio. Isso porque Pietra estava muito concentrada zelando pelas bolas de Nathan, logo, Josie estava na mesma com Eric.

Minhas amigas tinham sido infectadas pela merda do amor.

Eu não podia ver como isso era bom. Não para mim, certamente.

Então, sobrava-me Heithor. Porém, nós mal nos olhávamos e quando fazíamos, eu sempre queria estapear a cara dele. Inferno. Só a presença daquele energúmeno me irritava. Logo eu estava indo para as corridas na maioria das vezes que saía e me divertindo. Dei um ou dois amassos, que só me irritaram, porque a merda da minha cabeça não podia parar de fazer comparações estúpidas.

Meus pais também estavam na torcida para me aborrecer, enchendo-me o saco para ir vê-los devido à proximidade das festas natalinas. Isso não estava acontecendo.

Você vê, tudo estava de volta ao normal, praticamente. Era verdade, mas, de alguma forma que eu ainda não compreendia, algo não ia bem, não estava... certo.

Eu não gostava disso. Não gostava de como estava me sentindo.

Afinal, por que diabos eu me importava?

Eu deveria estar feliz por ele esquecer todas aquelas baboseiras sem sentido de "*você me pertence*" e "*você é minha*", não devia?

Deveria soltar fogos de artifícios por ele me liberar das regras idiotas, certo?

Mas não estava, inferno! Era como se eu não existisse para ele. Isso me incomodava mais do que minha dignidade podia suportar e me incomodava por me incomodar com isso.

Que bagunça do caralho!

Meus sentimentos estavam confusos e eu não gostava da bagunça. Não podia tolerar a sensação de estar perdida. A atitude contrária dele tinha embaralhado minha mente e dado vários nós nela.

Foda. Nada disso era para estar acontecendo.

Eu esperava ser castigada como da outra vez que ele me buscou na festa como um neanderthal do caralho. Tinha me preparado física e mentalmente para isso. Meu corpo estava mais que pronto. Mas o maledetto do homem fugiu do roteiro e fodeu minha cabeça. Quanto mais eu pensava mais confusa eu ficava. Perguntas que eu não sabia responder se aglomeravam no meu cérebro.

Exalei forte, forçando meus pensamentos para uma parte funda da minha mente e por uns bons minutos pude ficar absorta em mim, no lugar onde eu estava. Isso durou até que minha bunda começou a ficar dormente. Quando fiz menção de me levantar, tive a ligeira sensação de estar sendo observada, que sentia desde que tinha pisado fora da mansão, a sensação voltou estalando sobre mim. Era uma comoção inquietante, que deixava os pelos da minha nuca eriçados e meu coração um pouco mais ritmado enquanto meus olhos procuravam por algo suspeito.

Em dado momento quando estive dirigindo da UCLA até o parque, eu pude jurar que havia um carro me seguindo, embora tudo aparentasse estar em seu devido lugar.

Você está louca Antonella, eu pensei comigo mesma ao jogar uma olhada sobre os meus ombros ao ficar em pé, e então, comecei a caminhar indo para o estacionamento do parque. Mesmo assim, eu não podia impedir a aceleração das minhas passadas e minha frequência cardíaca alterada.

É o estresse me afetando.

Eu apenas precisava de paciência e tempo para que as coisas retornassem de vez aos seus devidos lugares. Afinal de contas, o ordinário não ficaria aqui para sempre.

Uma rajada de vento embalou meu corpo, esvoaçando meu cabelo, eu parei a alguns bons metros do estacionamento. Perto, mas não o suficiente. Calafrios gélidos cortaram através da minha coluna e eu estremeci de leve. A sensação que eu tentava ignorar desde cedo emergiu dentro de mim, forte, e meus olhos estreitaram quando olhei ao redor, apenas por instinto, sabendo que minha reação era louca. Mas, então, um ponto chamou a minha audiência. Dois homens. Tipos corpulentos, altos e mal encarados, vestindo negro estavam logo atrás de mim. Um era careca e o outro tinha um corte militar. E eles olhavam diretamente para mim enquanto caminhavam obstinados em minha direção.

Uma voz no fundo da minha cabeça disse-me para correr, para me juntar ao maior número de pessoas possível e me misturar a elas. E sabe o quê? Não havia ninguém a vista, senão nós, e alguns poucos carros que eu podia enxergar no estacionamento silencioso. Ignorei a voz doentia, porque eu não tinha razão para temer qualquer coisa. Não era como se eu tivesse inimigos. Dei um risinho estrangulado pelo pensamento descabido, e então, outro se insinuou em minha mente.

Isso deveria ser coisa do figlio di puttana do Castellammare. Ele tinha feito o papel de indiferente quando, na realidade, ainda seguia me monitorando. Claro! Um tipo tão controlador e possessivo como ele não iria largar o osso com a facilidade que ele demonstrou.

Mentiroso de merda!

Enfurecida, me desloquei na direção dos homens com cara de Pit Bulls raivosos a fim de mandá-los à merda e enviar um recado bem mal criado para o chefe deles, e foi quando minha teoria recém formada veio por terra. Eles apertaram o passo. Eu parei de súbito, uma vez que o vento balançou o casaco do cara da esquerda e algo brilhou em sua cintura. Eu concentrei meus olhos lá, forçando-os, antes de o tipo fechar o casaco. Não era algo qualquer, mas... uma arma.

Eu engoli.

Meu sangue sendo drenado do corpo.

Meu coração pulsou com força e, em seguida, correu desordenado.

O cara da direita me lançou um sorriso diabólico, fazendo uma quebra de onda de medo agitar em meu interior como um torvelinho de ruins vibrações, que me colocou tremente da cabeça aos pés. Fiquei sem fôlego, por um infinito segundo colada no lugar com uma supercola, sentindo que eu estava indo para ter um ataque cardíaco. Então eu pisquei e, no outro instante, agi sem pensar.

Dando a volta, eu comecei a correr rápido, consciente de que os brutamontes estavam em meu encalço. Sentia a perseguição em meu sangue, elevando meus níveis de adrenalina. Joguei uma rápida olhada para trás apenas para que o desespero saltasse a pele e meus pés tropeçassem, eles seguiam vindo atrás de mim. Isso não podia ser bom. Não era, eu sentia.

Dio Santo! Eu ia morrer!

Isso não era nenhum pouco justo. Tantas coisas que eu ainda queria fazer...

Não tive namorado, marido, filhos... Merda! Não que eu quisesse isso, mas era esse o circulo natural da vida, não era? Eu tinha direito a isso, também. Ainda havia aquele tirano dos infernos.

Eu ia morrer brigada com ele sem direito a um adeus?

Um último beijo?

Uma última transa?

Não, não e não!

Isso não estava certo. Eu não podia morrer e deixá-lo de bandeja para aquela troia.

Meus olhos arderam loucamente. Não podia correr rápido o bastante por mais que me esforçasse. O estacionamento parecia estar cada vez mais longe. Meus pulmões ardiam. O coração batendo com tanta força que poderia me fazer sangrar pelos poros. As minhas pernas doíam pelo esforço, ameaçando a vacilar a qualquer momento, mas nada me parou até que, de repente, quando estava chegando ao estacionamento, um carro surgiu do nada freando bruscamente em minha frente.

Não sabia o quê ou como, mas tudo em mim parou de funcionar. Era como se alguém tivesse me desligado, porém eu ainda estava lá. Podia ver e ouvir, no entanto, não podia me mexer.

Em seguida, as coisas aconteceram muito rápidas para que eu esboçasse uma reação quando as portas do veículo se abriram e um dos dois estranhos que saltaram fora veio para mim, e, logo após, jogou-me para dentro do carro e fechou a porta ao mesmo tempo em que tiros começavam a soar, e eu me curvei em mim mesma tampando minhas orelhas com as mãos.

— Vai. Vai. Vai! — Berrou o homem do meu lado para o motorista.

O motor arrancou e, em seguida, os pneus queimaram o asfalto.

O caos se instalou dentro e fora de mim. Eu não me movi, no entanto. Estava neutralizada, estarrecida na impotência. Um soluço irrompeu contornando o nó em minha garganta.

O estranho não me olhou, levando o celular a orelha e falou muito rápido.

Quando o veículo parou, ele desceu. Pensei em abrir a outra porta e saltar fora correndo pela minha vida, mas antes que o pensamento se concretizasse, ele abriu a porta do meu lado.

— Vem. Vamos — o tipo disse, oferecendo a mão para mim.

Obriguei-me a engolir o choro e desci, ignorando sua mão. Eu não estava indo ser gentil com o idiota quando ele planejava bater a merda fora de mim. Ele não fez conta da minha recusa e segurou meu braço sem me olhar. Eu tentei sair de seu aperto, começando a ser engolida pelo desespero.

— Por favor, por favor, deixe-me ir! Eu imploro. Me deixe ir!

O estranho bonito me fitou.

— Não vou te fazer mal. Tem minha palavra sobre isso.

Minha bunda!

— Então deixe-me ir — supliquei, com os olhos alagados no pavor. — Juro que não procurarei a polícia. Apenas deixe-me ir. Se... se quiser dinheiro, eu posso te dar isso. Não tenho muito aqui, mas eu posso conseguir mais. Juro! Apenas me deixe ir. Eu te imploro. Ti prego...

De maneira deliberada, ele me ignorou, arrastando-me com ele. Bati as pestanas para cima, me dando conta pela primeira vez de onde estávamos. Era um prédio residencial luxuoso de pelo menos 18 andares, em uma área de alta classe. Procurei por salvadores a volta, mas não havia uma alma penada para me ajudar. O lobby do prédio também estava vazio.

Definitivamente, esse não era meu dia.

Tropecei sobre meus pés enquanto ele nos encaminhava ao elevador privado, e quando dentro ele usou o cartão de acesso a cobertura. O tempo que se sucedeu até o elevador se abrir novamente foram eternos e mortificou a minha alma. Estar no escuro somente tornava a situação mais sinistra.

Possibilidades terríveis do que poderia me acontecer disparavam por minha mente.

Uma torneira foi aberta em meus olhos e litros de lágrimas frescas escorreram por minhas bochechas,

surpreendendo-me. Sabia que não devia perder tempo chorando. As lágrimas não me ajudariam a resolver esta situação, elas fariam de mim uma chorona boba, ao invés.

Tinha os nervos atrofiados, as terminações nervosas eletrificadas quando o elevador parou, mas, uma vez que as portas duplas se abriram e a visão do homem odioso encheu os meus olhos, eu não pensei sobre o que fazer correndo para ele e saltei em seu pescoço, agarrada a ele com força.

Os braços de Thor me acolheram de imediato, se apertando a minha volta.

A sensação era quase como se eu tivesse sido arrebatada no último instante.

— Shhh... Calma, neném, já acabou... Está tudo bem. Você está segura agora — ele murmurava contra os meus cabelos, sua voz era suave e paternal enquanto uma mão afagava minhas costas.

Outra comoção de lágrimas saltou de meus olhos com mais intensidade, molhando a camisa dele enquanto ele andava comigo para o sofá. Eu relaxei quase que de súbito, deixando-o me embalar em seu colo enquanto ele seguia me tranquilizando com palavras e toques suaves.

Senti-me segura... protegida.

Traguei o nó de medo obstruindo minha garganta e o olhei através do nevoeiro em meus olhos.

— E-e-eu... elesqueriammematar.

Ele correu as mãos por meus braços.

— Está tudo bem querida. Acabou. Está a salvo agora.

Fitei-o com um olhar selvagem, minhas mãos estavam em seus ombros, sacudindo-o para a seriedade da situação, que ele parecia não enxergar. Ou não dava a mínima.

— No, non è mica bene[48], Thor. A-aqueles homens queriam me machucar! E, deixe-me dizer, caso você não tenha entendido, eles eram maus. Realmente ruins. E estavam como Pit Bulls atrás de mim!

Sua expressão apertou, os olhos tão letais quanto seus traços severos, talvez porque somente agora ele se dava conta de que aquilo não era nenhum ensaio para um filme de terror.

— Eu entendi, querida. Acalme-se, você está segura agora. Juro-lhe isso.

— Eu devia ter ficado na mansão quando senti meu instinto gritando. Eu sabia. Meu sexto sentido me avisou, mas eu fui estúpida demais e não prestei atenção... Dio, eu podia ter morrido...

Thor segurou meu rosto entre suas mãos, chamando meus olhos para os dele.

— Eu nunca iria permitir que eles te machucassem de qualquer forma.

Eu não estava dando ouvidos a ele em tudo quando minha mente estarreceu na minha própria declaração, como se somente nesse instante eu *realmente* desse conta do que poderia ter acontecido.

— Oh. Dio. Mio... Eles queriam me matar — sussurrei para mim mesma, levando a mão à boca. Meus olhos tão grandes que doía. E, em seguida, comecei a divagar na angustia. — Non capisco. Por que eles queriam me matar? Eu não tenho inimigos. Quem iria querer me fazer mal? Perché? Eu não fiz nada a ninguém para que quisessem me fazer mal, tenho certeza disso. Eles eram ruins e tinham uma arma, eu vi..., mas se eles quisessem me matar, eles poderiam ter feito... Oh, Dio... Talvez eles não quisessem me matar realmente, talvez... talvez eles quisessem me sequestrar para depois pedir resgate ao papà. Eles deviam saber de quem eu era filha e acharam que podiam descolar uma grana alta. — Perplexidade congelou minhas feições quando me dei conta que poderia ser realmente isso. Fazia todo o sentido. Agarrei a camisa de Thor em meus punhos, meu olhar alucinado sobre o seu rosto. — Você não pode dizer isso a ele, capisce? Se ele souber, se... minha mamma... Oh, Dio! Minha mamma vai pirar e eu vou ser obrigada a voltar. Prometa-me, Heithor. Prometa que você não vai ligar para eles. Afinal de contas, não aconte...

Minhas palavras foram cortadas pela língua de Thor cavando minha boca, substituindo minha histeria por outro tipo de choque. Então eu estava derretendo contra ele e respondendo ao beijo.

Eu suspirei em sua boca.

Ele recuou, deixando meus lábios formigando quentes na sensação. Querendo mais.

Levantei os cílios, olhando no rosto dele.

— Por que fez isso?

— Você estava surtando, e eu precisava fazer você me ouvir.

— Eu ainda estou surtando.

Eu poderia jurar que havia culpa em seu olhar.

— Sinto muito Ella. Juro por Deus, que nunca mais terá de passar por qualquer merda parecida, novamente. Está segura agora, prometo-lhe isso.

— Aqui senhor.

Eu olhei para cima para o desconhecido se afastando para um canto assim que Thor pegou o copo de água das suas mãos e, em seguida, ele me ofereceu isso.

— Beba.

Que merda estava acontecendo aqui? Aqueles homens não tinham ido atrás de mim por causa do meu pai? Inferno. Eu não estava entendendo nada.

— Ella, querida, pegue e beba — Thor insistiu, num tom plano, chamando minha atenção.

Aspirei com temor e apertei os punhos para impedir que me tremessem às mãos.

— Eu não quero merda nenhuma de água. Quero uma explicação e quero agora!

— Querida, você está em choque. Precisa desacelerar...

— É claro que estou em choque, super gênio! Queria que eu estivesse como? Dando pulinhos de alegria? Tente isso amanhã. Talvez eu faça uma festa por ter dois Pit Bulls indo atrás de um pedaço da minha bunda para fazer sabe-se lá o quê! Não hoje. — Meu olhar foi para o estranho sério em pé do outro lado da sala, pedra era uma boa definição para sua expressão. — E quem é ele? Como ele apareceu do meu lado tão rápido? Não entendo porque aqueles homens estavam atrás de mim. E onde diabos estamos? Por que ele me trouxe aqui e não para a mansão?

— Beba a água, Antonella... Escute-me, você está muito alterada agora mesmo e não tiro sua razão, mas precisa se acalmar se quiser que lhe explique qualquer coisa. — E acrescentou pungido. — Por favor, beba a água e depois você vai tomar um banho quente. Mais calma e confortável, nós iremos conversar e eu lhe darei as respostas que quer.

— Não sei se posso confiar em você.

Um brilho de tristeza lampejou em seu olhar antes de ele desviá-lo.

— Eu sei, mas juro que ninguém aqui te fará mal.

— Você não vai fugir de me dar uma explicação.

— Prometo que não vou. Beba.

Aceitei o copo, minhas mãos ainda tremendo, bebi alguns goles. Ele pegou o copo e o colocou em cima da mesa de canto. Pôs-me sobre meus pés e se levantou, também.

— Eu vou te mostrar onde fica o banheiro — disse, segurando a minha mão e, em seguida, guiou-me pelo apartamento.

Eu parei, olhando para trás para o tipo ainda parado no mesmo lugar.

— Er... Obrigada.

Ele maneou a cabeça.

Thor me levou até o banheiro da suíte. Ele não estava cômodo com essa situação. Seu olhar, seus gestos tudo era muito desprendido e distante, como se ele não estivesse aqui.

— Tome seu tempo, eu vou estar na sala.

Olhei para baixo para as minhas roupas suarentas e sujas.

— Não tenho nada para usar.

— Eu tenho roupas aqui. Há camisetas nas gavetas e camisas no closet. No armário há toalhas, escovas ainda na embalagem e outras coisas mais que precisar. Use o que quiser... Estarei na sala.

Ele saiu fechando a porta atrás dele.

Ele não tinha tentado me beijar de novo, nem me olhou. Apenas saiu.

Eu exalei languida, deixando os ombros caírem. Realmente precisava de um banho. Talvez, a água morna soltasse meus músculos tensos e clareasse minha mente. Desfiz-me das roupas dobrando-as sobre o balcão da pia. Entrei no box espaçoso e liguei a ducha. Por algum tempo eu apenas fiquei lá, parada, enquanto o jato forte de água morna batia sobre a minha pele. Lavei os cabelos com um xampu que tinha lá. Ensaboei e enxaguei meu corpo, com movimentos automáticos.

Nada fazia sentido.

Os homens, a perseguição, meu salvador, Thor.

O que eles tinham a ver?

Aliás, o que eu tinha a ver com qualquer coisa?

Não era sequestro. *Agora*, mais calma, eu podia ver isso. Qualquer idiota saberia que não ganharia nada sequestrando um italiano, os bens eram congelados no outro momento.

Bem, eu era ítalo-americana, pensei.

Eu não sabia bem como a lei se aplicaria nesse caso.

Matar? Dio, eu não tinha feito mal a ninguém...

Bufei um sopro de água.

Enrolei-me em uma toalha quando acabei e entrei no quarto. Estava meio que começando a pirar outra vez. Precisava de respostas e, per Dio, que Thor me daria todas elas. Parei por um momento, correndo os olhos em volta do quarto. Era grande e muito espaçoso. Tinha uma enorme cama king no centro, coberta com Fili D'oro negros. Um cômodo em tons pastéis e móveis escuros sem muitos adornos. Era funcional e luxuoso. Um pouco frio, eu diria. Masculino. Tinha a cara de Thor.

Fui até o closet, muito arrumado, fucei dentro. Muitas roupas casuais, poucos ternos. Thor era prático, simples e muito sofisticado. Etiquetas de grifes caras. Ele tinha bom gosto.

Peguei uma de suas camisas azuis e vesti. Não rolava vestir minha calcinha então procurei nas gavetas e achei alguns pacotes fechados de Armani. Em seguida, regressei ao banheiro e procurei uma escova, mas achei apenas um pente. Mirei meu reflexo no espelho. Estava pronta.

Fiz o caminho de volta para a sala. Tinha curiosidade para explorar o apartamento, porém isso eu faria em outra hora, *agora* eu queria as respostas e fui atrás delas.

Estava chegando ao limiar da sala quando comecei a escutar as vozes de Thor e do outro.

— Precisa de mim lá?

— Não Ben. Os caras já estão nisso, e eu já chamei Miller. Você ficará a cargo dela. Desconfio que essa não será a primeira, nem a última vez que tentarão fazer algo assim. Eles seguirão vindo até que eu tenha essa merda resolvida.Preciso me apressar, enquanto isso, você continua sendo a sombra dela. Sei que vou ter um inferno, mas não dou à mínima. Preciso de você com Antonella a todo o momento.

— Sim senhor.

— Fez um excelente trabalho. Está dispensado por hoje. Tome..., eu deixei avisado que você estava indo. Divirta-se. Eu entrarei em contato, se precisar de você amanhã.

Espremi os olhos, um balaio de perguntas rondando a minha cabeça.

Que papo bravo era esse?

— Obrigado senhor. Boa noite.

— Boa noite.

Entrei na sala. Heithor pregou os olhos em mim. Por um momento tudo que fizemos foi nos encarar um ao outro. Ele correu o olhar sobre mim e, em seguida, limpou a garganta.

— Quer beber algo? — ele perguntou e adicionou, com a mão estendida para mim. — Eu me adiantei enquanto estava no banho e pedi o jantar em um restaurante que gosto. Espero que esteja com fome, pois eu estou. Não comi nada desde cedo. O jantar deve chegar em meia hora.

Cruzei os braços sobre o peito e o fitei com uma expressão fechada em determinação.

— Eu quero respostas. Agora.

Heithor deixou a mão cair e suspirou derrotado. Ele se acomodou no grande de sofá negro, suas pernas abertas, as costas inclinadas para frente e os cotovelos apoiados nas coxas quando esfregou o rosto com as mãos. Tinha um ar de cansaço e algo mais, que não entendi de primeira, porém com uma olhada mais atenta percebi ser arrependimento misturado a uma sugestão de tristeza.

Essa merda toda está muito estranha.

— Então? Quem é esse cara de verdade?

— O nome dele é Benjamin Queiroz. Ele é seu segurança pessoal.

— Meu o quê?

Claro! Como sou idiota!

Um riso baixo e nervoso fluiu por meus lábios quando andei de um lado para o outro, com as mãos pregadas no quadril. Como eu era estúpida...

— Sei o quê está pensando, mas está errada.

— Estou? Quero dizer, você me fez acreditar que tinha tirado aqueles babacas do meu pé quando, na realidade, apenas mudou a posição deles, certo? Isso não faz de você um grande filho da puta mentiroso, Castellammare?

— Isso faz de mim sensato — grunhiu. — Devia estar grata por feito isso, caso contrário...

— Grata! Grata? Eu não pedi nada disso, Castellammare!

— Sei, porra! Essa merda é minha culpa. Eu sinto muito. Se algo tivesse...

Ele não terminou como se as palavras fossem difíceis demais para serem ditas em voz alta, sua expressão ganhando sombras escuras de uma fúria mortal. Havia tanta ira em seus olhos que, de repente, eles pareciam profundos demais, um abismo de aço. Muito perigosos.

— Fiz o que eu tinha de fazer para te manter segura, Ella, e não me arrependo. Não adianta se queixar. Ele continuará aonde eu o coloquei, pelo menos até que eu tenha tudo resolvido.

— E aonde eu me encaixo nisso, exatamente?

Seu olhar prolongou em mim, antes que ele falasse.

— Se quer conversar comigo e ter as respostas para suas perguntas, você terá de se aproximar, neném.

Bem, lá estava o apelido besta. Não nego que me amoleceu um pouquinho ouvi-lo novamente, mas não faria isso fácil para Heithor. Eu queria respostas e não deixaria ele me distrair.

— Nem em sonho.

— Então não terá nada — carimbou arrogante. — Não vou conversar com você quando está pronta para correr para longe de mim na primeira resposta que eu der.

— Neste caso, eu vou embora — joguei, tentando ter alguma vantagem aqui, porque a verdade era que eu ainda estava cagando de medo de sair e encontrar aqueles sujeitos, novamente.

Thor arqueou uma sobrancelha negra com impaciência, conseguindo parecer severo, aborrecido e um pouco ameaçador ao mesmo tempo.

— Não, não vai. Sabe disso.

— Eu não confio em você.

— Não vou te machucar Antonella. Nunca seria capaz de fazer isso. — Ele bufou quando eu apenas o olhei com desconfiança. — Pelo amor de Deus, acha que se quisesse te fazer algum mal teria colocado alguém para cuidar da sua bunda? Fere-me que pense isso.

— Pode até não querer, mas já fez isso, não?

— Venha — estendeu-me a mão —, por favor, neném.

Pedindo dessa forma... Eu fui.

Não queria, mas confiava nele. Não sabia como, mas tinha certeza de que ele não era capaz de me machucar, havia toda aquela aura de proteção e segurança que ele me enviava aos baldes. E não era como se eu pudesse evitar mesmo quando meus pés já andavam por vontade própria indo até ele.

Thor arrebatou-me, sua palma engolindo minha mão, o contato quente energizando meu braço e

rapidamente o restante de meus membros quando ele me puxou para o seu colo de frente para ele.

Puta merda.

Como eu iria conversar assim e ainda ficar brava com ele?

— Uh, Thor, eu não acho uma boa ideia...

— É uma fodida de boa ideia, neném, — assinalou, soando um pouco atormentado. — Se temos de conversar que seja assim, com você ao meu alcance, onde não pode fugir gritando.

— Se está tentando me assustar terá de fazer melhor que isso.

Seus braços me rodearam com ternura, trazendo-me para o seu peito. Forte e cuidadoso ao mesmo tempo. Seu calor e seu perfume gostoso me rodeando, permeando em minha pele.

— Deus, tem ideia de como fiquei louco com a possibilidade de você ser ferida? Não quero nem mesmo cogitar a ideia disso acontecer por minha culpa. De nenhuma maneira. Nunca.

Aspirei seu cheiro bom enquanto sentia-o fazer o mesmo comigo, sua respiração beijando a minha pele. Era agradável estar em seus braços novamente.

Não se distraia.

Elevei a cabeça para fitá-lo.

— Por que sua culpa? Oh, merda... Eu sabia! Você é um gangster, não é? Claro! Um representante comercial nunca poderia manter o padrão de vida desses.

— O quê?

— Tem todos esses luxos. Eu posso não estar em dia com a economia, mas sei que nada disso que ostenta é barato. Um representante comercial como você alegou ser jamais poderia manter tal padrão de vida, a não ser que tire algum por fora. O que também é ilegal. Eu bem que vi que você tinha essa pose de menino mau e indecente. Só não esperava que fosse ser um traficante.

Thor riu. Não. Ele gargalhou, jogando a cabeça para trás, o som grave reverberando a nossa volta, em minha pele. Seu corpo todo sacolejando enquanto ele se acabava de rir.

Onde estava à graça nisso?

Ele não sabia que eu poderia denunciá-lo num surto de raiva? Algo que, vamos combinar, não era tão difícil. Você sabe. O calhorda era mestre em apertar os meus botões.

— Qual a piada?

— Jesus, neném! Só você para me fazer rir numa hora dessas — disse ainda rindo. — Sua imaginação é estupenda, não é assim?

— Não sei por quê. Vê a ironia da situação? Você é um fora da lei e estava bancando o puritano para cima de mim e da sua irmã quando colocou aquelas regras idiotas.

Ele me parecia muito relaxado para quem tinha seu segredo obscuro descoberto. Estava lá jogado no sofá, o tronco frouxo sobre o respaldo, as mãos pousadas displicentes sobre minhas coxas nuas.

Seu peito se moveu quando ele respirou fundo, recompondo-se.

— Fora da lei? Talvez. Alguns diriam que sim, outros que não, — disse com cautela, seus olhos atentos a minha reação. Quando só fiz bufar impaciente, ele acrescentou. — Não está com medo?

— Está me vendo gritar? A propósito, se não começar a falar, garanto que será você quem gritará de pavor. Posso não ser uma fora da lei, porém sei ser muito má quando me zango.

A diversão se foi dando lugar à seriedade em sua expressão profunda.

— Sei. — Ele suspirou. — Não sou traficante.

— Mas também não é representante comercial.

— Não, não sou. Eu sou o que você pode chamar de detetive particular.

— Detetive...

Oh-uh. Isso explicava como ele tinha descoberto as coisas sobre Pietra e eu.

— Então, você investiga dondocas para os maridos ciumentos?

— Maldição. Não Ella. Por Deus, não tenho saco para bancar o babá de velhotes ricos, que mordem

mais do que podem mastigar. Não mesmo. Meu trabalho é um pouco mais sério que isso.

— Não foi o que fez com Pietra e eu?

— Exceções.

— Claro.

Ele respirou fundo, seus olhos eram muito sérios.

— Não sou bandido.

— E não é o mocinho também.

— Se ser um mocinho implica sempre seguir as regras e as leis do sistema. Então não. Não sou um mocinho, também.

— O que isso quer dizer *exatamente*?

— Quer dizer que eu faço o que preciso fazer para concluir meu trabalho. Os meios legais nem sempre são eficazes. Não me entenda mal, o sistema ajuda e faz sua parte, mas há limites que mesmo ele não pode cruzar. É onde eu entro, eu cruzo esses limites, mas nunca para fazer mal a inocentes de nenhuma fodida maneira. Sou só um homem que leva o lixo para fora. Uma pequena contribuição no equilíbrio da sociedade. — Ele tragou duro, sua expressão ficando mais séria. — Escute, eu não posso te dar todas as respostas Ella, isso vai contra minhas próprias regras e é para a sua segurança, também. Então não exija isso de mim, porque não poderei te dar mais ainda que queira. Eu apenas te contarei até aonde acredito ser seguro para você.

Besteira!

E não era que isso foi como balançar uma bandeira vermelha frente ao touro?

Minha curiosidade subiu tão rápido que uma leve vertigem me atingiu.

— Então me deixará as cegas, mesmo que eu tenha o direito de saber no que fui metida?

Sua mandíbula apertou, o semblante um pouco atormentado.

— Perdoe-me por isso. Nunca quis te envolver ou a minha família nas minhas merdas. — Fez uma pausa e acrescentou. — Sei que a profissão que escolhi atribui perigo aos que me rodeiam, mas em minha defesa alego que sempre fiz o que estava ao meu alcance para mantê-las a salvo.

— Por isso mantém distância.

Era para ser uma pergunta, mas soou como uma afirmação.

— Não pode me culpar por isso.

— Não estou. É só que..., bem, você não precisa ficar longe, ao menos não tomar essa distância que impõe. Martha e Pietra sentem sua falta. Algumas visitas frequentes não fariam mal. É a única família delas.

— Não vou me defender. Sabia do que teria de abrir mão quando sai da CIA e optei por trabalhar sozinho na mesma linha do meu antigo emprego.

Opa, opa, opa!

— Você é um ex-agente? — Ele assentiu. — Mas você não é americano.

— Dupla cidadania, neném. Consegui logo após a morte dos meus pais. Papai teve a dele ainda menino por causa de seus avôs e de um tio distante que ainda vivia aqui...

— Sim. Martha disse que seus bisavôs eram americanos.

— Peter tinha entrado com o pedido para mim meses antes do acidente. Tanto ele quanto mamãe compartilhavam da ideia de eu ter melhores oportunidades, se me graduasse em uma boa universidade aqui. Meus pais não eram ricos, ambos trabalharam muito duro para não deixar nada faltar para Pietra e eu. E enquanto eu me esforçava para conseguir a bolsa para estudar direito em Stanford, ele quis ter certeza de que eu seria amparado como qualquer outro cidadão nascido aqui, se algo acontecesse comigo.

Olhe, quem diria? Tínhamos algo em comum além do encaixe sexual...

Oh, merda. Não vá por aí garota.

— Capisco. Também tenho dupla cidadania. Mamma é americana... — Me calei, outra pergunta rondando a minha cabeça. — Por que veio mesmo depois de...?

— Quer saber por que optei deixar minha irmã sozinha depois de enterrarmos nossos pais?

— Bem, sim.

— Deve pensar que sou um desalmado, não?

— Eu estava chegando lá — murmurei sincera. — Scusa, mas é no mínimo muito estranho que tenha vindo após uma tragédia dessa magnitude. Não posso dizer com autoridade, pois nunca passei por isso, mas penso que, sei lá, isso... O que aconteceu deveria ter te aproximado mais, não?

— Era o que eu tinha de fazer, Antonella. Vai me achar frio e insensível pelo que vou dizer, mas não adiantava eu ficar chorando quando o mundo desmoronava a minha volta. Eu não podia fazer nada para amenizar a dor da minha irmã e de Martha. O que estava feito, estava feito. Tinha de engolir minha própria dor e seguir em frente. Pietra tinha Martha. Eu tinha uma oportunidade nas mãos, que meus pais batalharam comigo para que eu conseguisse e... — ele parou, suas feições contraindo severas, respirou fundo e continuou. — Na época todos acreditaram em um acidente. A perícia final da polícia dizia que o carro estava em alta velocidade e no dia chovia muito, a estrada era estreita e a pista estava escorregadia. O que facilitou Peter perder o controle do veículo na curva. Para a polícia que investigou o caso as circunstâncias eram óbvias – um motorista imprudente que ignorou as advertências da estrada perigosa e do tempo ruim. Mas eu sabia que aquilo não era verdade. Papai nunca andou acima da velocidade, Laura, minha mãe até brigava com ele por andar muito lento. Ele era um homem extremamente cuidadoso. Não tinha como papai ter se aventurado mais rápido, ainda mais numa estrada perigosa e com um dia chuvoso. A polícia não deu ouvidos a um garoto que tinha acabado de perder os pais, o caso tinha sido esclarecido e fechado. Não havia nada que eu pudesse fazer lá.

— Acha que alguém provocou o acidente? Mi dispiace[49], eu não deveria estar trazendo essas lembranças para você. Não posso imaginar o que foi para você perder os pais ainda tão novo e... Eu sinto muito.

— Está tudo bem Ella. Não me incomoda falar sobre isso. Não mais. Além do que, se quer respostas eu tenho que lhe contar isso, pois foi aonde tudo começou para que hoje estejamos aqui. E, apesar das circunstâncias não serem agradáveis, eu gosto que queira saber mais sobre mim.

Bem, já que era assim, não custava alimentar a curiosidade me corroendo.

— Quando eles foram mortos, tínhamos algum dinheiro que papai guardou ao longo dos anos, mas também tínhamos dividas e a hipoteca da casa na qual vivíamos. Uma vez que as contas foram pagas, não sobrou muita coisa, porém daria para vivermos por algum tempo e havia Martha. Ela foi de uma generosidade ímpar. Martha tomou para si toda a responsabilidade da casa e de nós, principalmente, de Pietra que ainda era uma criança. Ela gastou conosco suas economias e arrumou um emprego fora. No entanto, eu sabia que esta era uma responsabilidade minha. Eu não podia abrir mão da bolsa de estudos. Não parecia certo e hoje eu não tenho dúvidas quanto a isso. Não era apenas meu sonho, mas dos meus pais, também. Em todo caso, aqui eu poderia estudar e por ter a dupla cidadania, poderia trabalhar também e me sustentar sem a necessidade de recorrer ao pouco que sobrara. Pietra precisava mais do que eu. E eu ainda poderia enviar alguns trocados quando sobrava alguma coisa.

— Isso foi muito altruísmo seu.

— Não, Ella. Era minha obrigação. Martha possuía a guarda legal de Pietra e a minha, todavia, em poucos meses eu faria 18 anos e a responsabilidade de cuidar da minha irmã era minha, com ou sem a guarda legal para Martha. Eu tinha o dever moral de fazer por nós dois o quê meus pais teriam feito por nós, se eles não tivessem sido assassinados.

— Sei, porém qualquer outro em seu lugar teria aproveitado para deixar toda a responsabilidade sobre Martha, afinal de contas, legalmente e para todos os efeitos a responsabilidade pertencia a ela. Mas você não, mesmo longe as ajudou, cuidou a sua maneira e ainda faz.

Ele deu os ombros.

— É minha responsabilidade. Não faça essa cara. Um dia irá entender que há coisas que você deve fazer simplesmente porque tem de fazer, mesmo aquelas que no momento não pareçam ser as mais corretas, como vir para cá logo que enterrei meus pais. Seria desonesto contar vantagens sobre isso.

— Não estou dizendo que tem de contar vantagens sobre isso, mas tem de reconhecer que foi sim altruísmo seu. Você tinha muito sobre si, ainda assim cuidou do seu e do delas quando outra pessoa teria virado as costas e seguido adiante sem culpa. Então se isso não é ser altruísta, é o quê?

Seu sorriso foi modesto.

— Entenda Antonella, você estudar e tirar notas boas não é mais que uma obrigação que você tem consigo mesma e também para com aqueles que fizeram por onde você ter oportunidade de frequentar uma boa universidade. Ninguém tem de lhe dar os parabéns por isso.

— Então?

Thor correu a mão pelo cabelo e recostou a cabeça no respaldo do sofá.

— Eu tinha a convicção de que aqui, de alguma maneira, eu poderia, enfim, descobrir o que realmente se passou no dia que meus pais foram mortos. Faltando um ano para me graduar, eu fui convidado para trabalhar para agencia.

— Você devia ser bom — comentei pensativa.

— Eu sou. — Sua voz foi implacável.

— A modéstia mandou um alô.

— Não há nada de soberbo em saber reconhecer suas habilidades, Ella. Seria se eu tivesse contando vantagens sobre isso. Confie em mim, eles não teriam me oferecido um emprego se eu não fosse bom. Eu tinha uma condição perfeita para o trabalho que me foi oferecido. Boa habilidade analítica e intelectual, aprendizagem rápida, estava por minha conta e me adaptava fácil. Força, foco e determinação.

— Você pode advogar?

— Não. Estava bastante ocupado na minha nova carreira e na minha busca por respostas para arrumar tempo para cumprir todos os requisitos burocráticos para exercer a profissão. Fiz umas conexões aqui e ali. Demorou um pouco, mas achei o que estava buscando. Meus pais foram queima de arquivo, quero dizer, papai foi. Mamãe foi uma vítima não contabilizada. Hora e lugar errado. Por infelicidade, papai tinha descoberto que seu chefe, um homem muito influente na época, estava envolvido no tráfico de mulheres e crianças. E, embora fosse um homem muito correto, Peter preferiu se calar e deixar a empresa. Ele tinha família e sabia que mexer com aquelas pessoas nos colocaria em risco. No entanto, pessoas como o seu chefe não pesam qualquer moral. Era mais seguro tê-lo enterrado com a informação do que a solta com a possibilidade de papai dar com a língua nos dentes.

— Como sabe disso?

Seu olhar se espreitou sobre o meu. Um sorriso diabólico curvando o canto de sua boca.

— Foi o que o verme disse antes de eu matá-lo oito meses após eu deixar a agencia.

Ocorreu-me que a declaração não devia fazê-lo quente aos meus olhos, nem aquecer meu ventre e empurrar meus mamilos duros contra a camisa, porém fez e isso não passou despercebido ante os olhos perspicazes de Heithor. Ele não esboçou nenhuma reação, no entanto.

— Embora tenha feito o meu melhor por ambas, sei que fui negligente, pois deveria ter me acalmado logo que deixei a agência e vinguei meus pais. Entretanto, eu tomei gosto pela adrenalina que o trabalho me dá. Todavia, não queria a burocracia do sistema. A autonomia foi uma boa escolha. Eu pude ganhar mais, escolher meus trabalhos, fazer o meu tempo. Ajudar realmente.

— Isso faz de você uma espécie de Ethan Hunt? Oh, isso é sexy.

— Ethan Hunt?

— Você sabe. Aquele mocinho de Missão Impossível interpretado por Tom Cruise. — Ele continuou me fitando sem entender. — Em que mundo você vive? Não vê filmes?

— Não gasto meu escasso tempo livre com bobagens, prefiro fazer algo de útil, que realmente me dê prazer. Descansar, ver minha família...

—... Comer vadias — acrescentei despretensiosa, brincando com o botão da sua camisa.

— Nada que um homem livre não possa fazer.

Eu também sou livre. O que acha disso, cretino?

— Pietra e Martha sabem? Digo, sobre o que faz?

— Parecia injusto deixá-las no escuro quando eu tenho de permanecer longe enquanto trabalho, além do mais, tê-las cientes do que eu faço é mais seguro para elas mesmas e me evitou um montão de problemas. No entanto, não lhes dei mais do que fiz a você... Além de Martha, apenas você sabe sobre meus pais. Pietra ainda crê que foi apenas um acidente e quero que se mantenha assim.

Sacudi a cabeça em concordância, gostando da confiança que ele havia depositado em mim, ainda que isso parecesse soar como se estivéssemos trocando confidências.

— Por que mandou Pietra e Martha virem para cá?

— Porque era necessário — disse simplesmente.

— Uh-hum.

— Estou em um caso agora mesmo. Olhe, eu nem sempre trabalho para pessoas honestas, às vezes ajudo alguns colegas do meu antigo emprego. Não é algo que gosto, porque sempre me trás problemas parecidos com os de hoje. Todavia, é necessário. Em essência, trabalho para civis com grande poder aquisitivo, alguns bons e outros nem tanto. Na verdade, não me importa quem é o cliente, desde que ele possa pagar por meus serviços e eu não tenha de matar ninguém, como um assassino de aluguel, ou prejudicar um inocente, eu fico com o trabalho. E, neném, eu não sou barato.

— Então você é um mercenário — meditei em voz alta.

Seus olhos e sua voz estavam banhados em cautela sondável.

— É uma forma de ver. Só porque alguém não segue as regras do sistema, não quer dizer que essa pessoa seja alguém ruim. Há muitas pessoas dentro do próprio sistema que são piores do que as que estão fora. Gente ruim mesmo. Gente que usa a lei para cometer atrocidades.

— Va bene. Mas o que eu tenho a ver com tudo isso?

Fúria cruzou seus traços faciais.

— Aqueles pedaços de merda tentaram te pegar para me atingir.

— Desculpe?

— Quem eu investigo não está contente por me ter fuçando em seus negócios, por isso mandou seus homens atrás de você. A pessoa também tem seus meios para descobrir coisas, como quem a investiga e as pessoas ao redor que me importam. Alguém de dentro da agencia deve ter aberto o bico...

Eu importava para ele?

Meu coração deu uma cambalhota, contudo, eu disse a mim mesma que foi pelo derrame de informações sobre a minha cabeça naquele dia e, bem, não era mentira.

—... Se eles te pegassem, o pedaço de merda poderia usá-la para me dissuadir do caso — ele continuava dizendo, com uma expressão mortal em sua face.

— Eu não diria que eles queriam me pegar. Eles pareciam realmente maus — estremeci de leve com a lembrança. — Tirou o inferno fora de mim.

— Sinto muito — disse ele, tocando meu rosto. — Queria ter estado lá, eu... Tem minha palavra que isso não irá se repetir; para isso preciso que me ajude.

— Fazendo o quê? Vai me dar uma arma? — Eu estava sendo sarcástica, entretanto, a ideia realmente me animou. Eu quase me sentia poderosa.

— Porra, não! De nenhuma fodida maneira, darei uma arma para você.

— Eu deveria me sentir ofendida?

Thor me tirou de seu colo, colocando-me no sofá. Eu contive um suspiro afetado pela perda de contato.

Ele se pôs de pé e foi até minha bolsa sobre uma das poltronas. Abriu-a sem cerimônia, pegando meu celular e digitou algumas vezes e, em seguida, veio para mim.

— Coloquei meu número na chamada rápida. Também adicionei o de Benjamin, é o segundo número na discagem rápida. Logo os apresentarei formalmente para que se sinta mais cômoda, se sentir necessidade de chamá-lo caso não me encontre. Qualquer mínima coisa que achar estranha, não hesite em chamar um de nós dois. Se eu não puder ir até você, Ben estará lá e quero que siga tudo que ele disser. Sem reclamação ou questionamentos.

— Não gosto disso — avisei emburrada.

— Acha que eu faço? Porra. Estou puto por aqueles merdas terem tentado te pegar. Mas até que os caras e eu finalizemos o caso, você terá guarda-costas te seguindo por toda parte e isso não é negociável. Eles ficarão aonde os coloquei, a uma distância segura, aonde não vai te incomodar e eles possam agir rapidamente. Pretendo resolver tudo o mais rápido possível, até lá, coopere.

— Eu deveria te chutar o rabo por isso.

— Provavelmente eu mereço.

— Certo. Eu vou... vou cooperar.

Seu sorriso foi de muitos watts.

— Obrigado — murmurou, puxando-me para o seu colo, novamente. — Não se preocupe. Aqueles homens não podem te ferir. Ninguém fará. Eu não vou permitir. Agora mais do que nunca, eu tenho urgência em fechar esse caso. Assim, fique tranquila. Não quero que não se preocupe com nada. Tudo permanece igual... Foi muito corajosa hoje, querida. Estou orgulhoso de você.

Eu estava tranquila, mas isso era porque eu confiava nele. O que me pareceu um tanto quanto anormal dada à situação. Estava na dúvida sobre isso ser certo ou errado. Bem ali, como estávamos, eu sabia que nada poderia me atingir. Estava segura e protegida com ele, contudo, o pensamento de sair daquelas paredes colocava calafrios gélidos na minha espinha e meus pelos da nuca em pé.

— Um dólar por seus pensamentos.

— Todos os outros também são como você? — Ele assentiu devagar. — Norah? — Outro movimento lento de cabeça, e eu exalei com força.

Droga! Isso fazia da puttana o quê? Uma espécie de Lara Croft saída dos infernos?

— Na verdade, Norah trabalha para mim. É meu manipulador.

— Como uma secretária?

— Algo assim.

Grande merda!

— Alguma pergunta mais?

— Os caras e você são um time?

— Quando precisamos. Entretanto, prefiro trabalhar só.

— E eles são ex-agentes, também?

Mais um movimento de cabeça para a coleção.

— Todos são meninos maus, verdade? — De repente, minha diversão foi cortada por um pensamento aterrador. Eu me senti angustiada. — Dio, Thor. Se eles tentaram me pegar, eles podem ir atrás de Pietra e de Martha. E, de Josie, também. Nós precisamos...

— Nathan está com Pietra. Ele é um tremendo de um bastardo sem alma quando tentam mexer no que lhe pertence. Estou feliz que ele *ame* Pietra. Ninguém chegará até ela. Eric não vai permitir que Josie fique desprotegida, tampouco. Martha também está segura. Ninguém toca no que é nosso, neném, e quem for tolo o bastante para tentar, confie em mim, será a última coisa que o idiota fará na vida.

— Vocês fazem um concurso entre si de quem mija mais longe?

— Só quando estamos entediados.

Eu me esforcei para não rir, sem sucesso.

— Eu gosto desse som e dessas covinhas sexies. — Cavei meu lábio nos dentes num gesto de timidez envaidecida. Ele suspirou, seus dedos faziam pequenos círculos em minha coxa. — Não sabe como me sinto aliviado que não esteja correndo com raiva de mim.

— Não tenho medo de você e não estou com raiva. *Deveria*. Porém, no momento ainda me sinto um pouco estarrecida pelo o que aconteceu para sentir qualquer outra coisa. Provavelmente, ela virá a qualquer momento, se me der alguns minutos. Ou horas. Não sei. Mas, então, você me protegeu também. E ainda tem esse montão de informação para processar... Está tudo bem, eu acho. Ou estou ficando louca.

— Provavelmente o último. No entanto, aprecio sua loucura.

— Os loucos se identificam, não sabe?

— Para ser honesto, eu não sei de mais nada.

— Isso é bom — pisquei, tentando fazer graça.

— Não, Ella. Isso é péssimo.

Ele segurou meu rosto e seu olhar me fixou. Intenso e escuro. Meu coração deu umas tropeçadas na minha respiração. Senti meu rosto se aquecer e minha boca secou.

Sua voz era um sussurro macio, melodiosa e baixa quando ele concluiu:

— Eu costumava ser totalmente racional, porém desde que você apareceu na minha vida tudo mudou. Eu mudei. Me deixa louco, neném. E, porra, não dou a mínima.

Suas palavras foram um golpe dentro de mim. Eu não podia decidir sobre como me sentir ante a força delas. Eram simples e bobas até, mas capazes de emergir dentro de mim uma mistura de sentimentos e emoções, que colocaram mariposas na boca do meu estômago.

Tê-lo perto, sua mão ainda envolvendo meu rosto, seu calor, a espera imprensada em sua cara, seu cheiro enchendo meus pulmões quando puxei profundas respirações. Tudo tinha mudado. Uma tensão inquietante, colocando uma ansiedade crescente sob minha pele.

Lambi os lábios e, em seguida, meu olhar caiu para a sua boca. Lembranças dos beijos ardentes que trocamos ao que parecia ser uma década atrás infestaram minha mente.

Ele não estava se mexendo. Eu fiz.

Inclinei a cabeça devagar, empurrando minha língua fora, e então, deslizei-a sobre o contorno de seus lábios e pela comissura. Senti sua exalação forte e me aventurei além, puxando seu lábio inferior entre os meus lentamente. Uma prova. Um gosto. Thor gemeu, sua mão apertando minha coxa enquanto a outra escorregava para a minha nuca. A posse estava lá, sutil no aperto delicado.

Bati os cílios para cima, encontrando seu olhar negro. Desejo crepitava sobre ele incendiando o meu próprio. Sustentei seu olhar quando mordi seu lábio e o estirei antes de beijá-lo.

Não foi um simples beijo.

Ele me devorou. Marcou. Possuiu. Arruinou.

Um beijo era tudo que ele precisava para pôr meu corpo a caminho do inferno.

A língua empurrou dentro da minha boca, balançando por todos os cantos, saudando e demarcando território, antes de se enrolar na minha. Eu estremeci e gemi, me afundando nessa possessão. Seu gosto turvou meus sentidos e enviou uma labareda de fogo por entre minhas pernas.

Apertei-me a ele querendo mais, precisando de mais.

E ele me deu até que estivesse com os pulmões gritando por ar.

A boca pecaminosa recuou para meu pescoço. Firme e rude. Dava-me chupões e beijos molhados. Eu me deliciei com o pensamento de ter novamente suas marcas...

Que merda você está fazendo, estúpida? Já se esqueceu das humilhações que ele te fez passar na frente das suas vagabundas?Ele comeu Norah bem debaixo do seu nariz! Na sua PRÓPRIA CASA!

Meu corpo enrijeceu e uma raiva negra me corrompeu numa velocidade sem igual. Cheia, encorpada, tão forte, que me torceu. Empurrei o peito dele duas vezes, antes que ele me permitisse ir e quando

consegui, saltei de seu colo, afastando-me dele aos tropeços.

Como eu podia ser tão fraca? Inferno. Eu não sabia se isso me fazia sentir mais raiva dele ou de mim mesma por te me jogado sobre ele e ainda desejá-lo depois de tudo que ele me fez.

Fraca. Fraca. Fraca.

Fechei os olhos. Trinquei os dentes e respirei, buscando uma calma inalcançável. Os gemidos daquela troia loura soaram em meus ouvidos, como se tivesse retornado aquele momento. A imagem da humilhação na piscina reproduziu na minha mente.

Estúpida! Eu era uma tremenda idiota!

— O que foi Ella?

Abri os olhos e dei a volta, encontrando-o em pé. Não ocultei a cólera em meus traços, ainda mais quando ele me fitava com uma inocência que não possuía.

Era um figlio di puttana por excelência.

— Neném? O que foi? Fiz algo errado? Você não está surtando novamente, não é?

Ele também tinha chamado àquelas putas de neném? Provavelmente.

— Neném fa...

— Neném, o caralho, suo figlio di puttana di merda!

— Que porra é essa Ella?

Meus olhos se estreitaram para seu tom irritado, como se ele tivesse razão para isso e não eu. A raiva rastejando sobre minha pele. Não pensei em mais nada, pegando a primeira coisa que vi na minha frente, que para o azar dele era um vaso bem grosso. Taquei. Ele desviou a tempo.

— Mas que merda deu em você? Ficou louca mulher?

— Folle? Você ainda não me viu louca, Castellammare! — rosnei, jogando nele os objetos que encontrei pela frente. Ele desviava com habilidade, aumentando minha irritação. — Nunca mais, suo canaglia di merda, ouse encostar um dedo em mim. Principalmente, depois de ter tocado naquelas vacas, seu maldito! Eu te odeio! Ouviu-me? Odeio pra caralho!

Ele me encarou com os olhos mais arregalados. Havia surpresa neles e raiva também. Soltei uma risada amarga, cética de que ele pudesse sentir raiva quando ele era o errado.

— Que foi Castellammare? Acha mesmo que com um beijinho eu iria esquecer que você levou aquela porca troia para dentro da minha casa, me humilhou e machucou, depois levou a oxigenada e a comeu bem debaixo do meu nariz? — indaguei enquanto gesticulava para ele com outro vaso na mão, que logo voou para ele. — Responda-me, seu cretino! Você pensa que eu vou me esquecer da humilhação que fez passar porque “aparentemente” foi meu herói hoje? Acredita que vou me entregar para você como se nada tivesse acontecido? Como se não tivesse me forçado a pedir desculpas para aquela puta? Diga, chamou-as de neném também? Eu quero que você vá para o raio que o parta! Ouviu? Maldito desgraçado!

— Eu não fiz nada que um homem livre não faria, Antonella — disse, com a voz dura como aço, os punhos cerrados ao lado do corpo tenso. — Foi você mesma quem disse que nós não tínhamos nada, portanto, não devia respeito a mim. Recorda-se?

Fechei os olhos com força por não ter como argumentar contra aquilo, e quando os abri de novo abafei um grito surpreso por vê-lo tão perto.

— Você me esculachou Antonella. Deixou-me nu na cama, algemado e amordaçado, com um tesão da porra. E para que Antonella? Para ir a uma maldita festa se esfregar em outro macho sendo que em casa você tinha um fodidamente louco por você, filha da puta!

Seu tom hostil e os olhos raivosos me fizeram estremecer até os ossos. Suas palavras me deixando atordoada por um momento. Heithor se afastou, ficando de costas para mim.

Eu fiquei sobressaltada com a intensidade dele.

Ele estava vibrando, seu corpo muito tenso, mas eu não tive medo em tudo.

— Você me humilhou de todas as maneiras que pôde — ele mordeu quando se voltou para mim outra

vez. — Agora eu te pergunto Antonella. Que porra você queria que eu fizesse?

— Você é um idiota mesmo, Castellammare! Eu queria que você me castigasse como fez quando fui à festa do Baby assim que eu botasse os pés dentro da mansão, seu ordinário. Não esperava que você fosse dar um piti afeminado, escondendo-se como qualquer covarde faria para depois levar aquelas putas para dentro da mansão. Foi um imbecil, se quer saber.

Sua reação me deixou zonza pela rapidez com que ele se colocou sobre mim. Ofeguei, sentindo minhas costas baterem na parede quando ele me prendeu entre ela e seu corpo duro. Em segundos, ele tinha meus pulsos presos acima da minha cabeça quando eu briguei com ele. A outra mão segurou meu queixo, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. Eles faiscavam perversos, esfolando-me.

— Eu me afastei por medo do que poderia fazer contra você, sua idiota. Você não somente me feriu com sua atitude de merda e suas fodidas palavras, mas também surrou o meu orgulho. Isso ninguém ousou a fazer. Nem homem, nem mulher. E sabe por quê? — Eu tinha a ligeira sensação de que não queria saber, mas ele não me permitiu negar. — Porque eu nunca dei uma segunda oportunidade a quem se atreveu. Compreende o que eu digo? Você me acha um covarde por ter ficado fora aqueles dias, eu admito, fui covarde porque mesmo não merecendo que eu sequer olhasse em sua cara depois da cachorrada que você me fez, eu jamais poderia me perdoar se te fizesse qualquer dano. Porque eu queria Antonella. Eu quis te fazer dano. Mas não podia.

Agora, olhando em seu rosto eu podia ver o quanto tinha magoado. Isso de alguma forma me machucou por dentro. Eu não gostava disso, no entanto. A mão dele afrouxou o aperto em meus pulsos. Os olhos ainda cravados nos meus. Mordi os lábios juntando forças para o que eu estava preste a fazer quando arranquei a declaração sincera da minha alma.

— Scusami. Sinto muito, de verdade, Thor. — Ele franziu o cenho e soltou meus pulsos. — Eu admito, peguei um pouquinho pesado. Eu... eu sinto muito mesmo.

Thor se afastou, parecia desconcertado.

— Se... se esse for mais um de seus joguinhos é melhor parar — advertiu seco, gesticulando a mão para mim. — Minha paciência para isso já se esvaiu há muito tempo Ella.

— Juro que não estou fazendo joguinho nenhum — falei, mirando minhas mãos. Um rubor detestável coloria minhas bochechas. Engoli duro e, em seguida, bati os olhos para cima para ele, que me fitava desconfiado. — Eu sinto por ter feito aquilo, mas eu estava com raiva... Desculpe.

Seus olhos me analisaram por alguns instantes, e então, seus lábios finalmente expressaram um sorriso lindo, me fazendo sorrir também enquanto ele encurtava nossa distância. Sua expressão suavizando quando ele esticou a mão e alisou minha bochecha com o polegar.

— Acredito em você, neném — sussurrou, carinhosamente. — Eu também não deveria ter levado mulher alguma para a mansão. Estava furioso com você e comigo. Desculpe-me.

Seus olhos se desculpavam, também.

Mordi os lábios, nervosa. Nunca tinha passado por uma situação dessas na minha vida, portanto, não sabia como agir ou o que falar. Afinal, o que significava isso? Voltaríamos a nos pegar novamente como antes? Ou era somente uma bandeira de paz içada sem direitos a fodas?

— Só você — ele sussurrou.

— O quê?

— Você me perguntou se eu havia chamado outra de neném e a resposta é não. Nunca tive animo para dar a outra mulher qualquer expressão de afeto. Só você. — Eu meio que gostei disso, e gostei mais quando ele fez um adendo sensual. — É meu neném, Ella. Minha para cuidar, mimar e foder.

Meus joelhos fraquejaram e eu agarrei seus ombros com força, sabendo que aquela era só uma desculpa para tocá-lo. Os braços dele vieram ao redor da minha cintura.

Thor inclinou a cabeça, sua testa pousando contra a minha. Ele suspirou pesadamente.

— Nunca mais faça aquilo de novo ou algo parecido. Eu sou muito paciente, mas você me tira do eixo

e aperta todos meus botões. Isso não é bom. Não será bom para nenhum de nós dois. Entende isso?

— Sim. Mas você vai ter que dedetizar aquele quarto.

Ele lançou a cabeça para trás e riu às gargalhadas.

Dei um tapa em seu braço, fechando a cara.

— Desculpe, mas você tem cada ideia. — Eu ainda não estava rindo. — Você tem que estar brincando comigo? Certo. Considere feito.

Torci os lábios, retendo o sorriso satisfeito. E assim, de repente, toda a diversão se foi de uma maneira sutil, porém rápida, dando lugar a outro tipo de comoção, que eu não compreendia enquanto nos olhávamos em silêncio por um comprido momento. Eu me sentia hipnotizada por seu olhar que parecia transcender minha alma. Ele então baixou sua boca contra a minha roçando os lábios nos meus tão delicadamente, que eu suspirei afetada. Thor sugou meu lábio inferior, deu-me pequenos beijos, antes de tomar minha boca num beijo calmo.

Esse foi diferente de todos que já tínhamos trocado.

Não havia demanda, nem pressa.

Mas não era só isso, havia algo mais, algo que eu não compreendia.

Thor recuou tão ofegante quanto eu com o barulho do interfone.

— O jantar chegou.

Capítulo 18

Algo está errado, as palavras estalaram em minha mente quando, ainda desnorteada pelo sono, eu tentei mover as mãos para tatear a cama e falhei miseravelmente. Meus olhos bateram abertos, alarmados. Virei o rosto e joguei o olhar acima da cabeça, em seguida. Engoli duro.

Correntes. Algema. Presa.

Contive minha respiração, meus olhos muito grandes, quase saltando da cara. Por uma fração eu congelei então exalei num fôlego só enquanto meu coração iniciava uma corrida maluca.

Eu estava... ALGEMADA!

OH, puta merda!

Isso não é real, cantarolei o mantra em minha mente. Contudo, um puxar forte dos meus braços não fez o sonho desvanecer e meus pulsos doeram pela mordida da algema, ao invés.

Respirei fundo e fechei os olhos. Eu não iria pirar. Mas ao abri-los novamente percebi a falta da camisa. E merda, eu lembrava-me de ter dormido com ela.

Thor não havia me tocado na noite passada, de maneira sexual. Tínhamos jantado e conversado amenidades, logo estivemos empoleirados na frente da televisão e, embora o desejo permutasse entre nós e ele estivesse com suas mãos sobre mim a todo o momento, ficamos apenas nisso.

Trocamos beijos, carinhos, porém nada além.

Tinha estranhado, porque cara, eu não podia negar, esperava que nós fodêssemos como coelhos, no entanto, Thor segurou as rédeas. No fim, dormimos em sua cama e vestidos.

Então como?

Minha resposta veio no seguinte segundo quando pesquei o vislumbre de Heithor entrando no quarto, de forma displicente e muito relaxada. Meu olhar viajou por ele. Pés descalços, o V sexy de seus oblíquos se perdendo sob o cós de seus jeans rasgados, que se penduravam em seu quadril com perfeição, o peito nu. Ele era bom para parar o coração. O meu estava no caminho.

Eu traguei duro e foquei seu rosto. A expressão insondável.

— Bom dia my little bitch. Estava pensando quando iria acordar para ver a *surpresinha* que preparei especialmente para você — disse ele, com uma sugestão de zombaria em seu tom.

Choque pintou minha cara quando a compreensão caiu.

— Que merda é essa, Thor? Me solta agora!

Ele piscou, surpresa dissimulada estampando sua expressão bonita.

— Nem começamos e você já está pedindo arrego? — Sua cabeça se lançou para os lados em desaprovação. — Tsc, tsc, tsc... Que decepção, neném.

— O que pretende com isso?

Os cantos de seus lábios se levantaram, num sorriso cheio de dentes. Predatório, carregado de intenções escuras. Tão perverso, que um chiado de desejo se enroscou em meu ventre... e mais abaixo.

Thor veio para mim feito um felino espreitando sua presa, sentou-se na beirada da cama e, em seguida, esticou as mãos para o lençol cobrindo meus seios.

Seu olhar quente não se desprendeu do meu, e quando ele falou, sua voz foi escura e sexy.

— Ah, neném, eu pretendo fazer muitas coisas más com você.

Ele puxou o lençol para baixo, expondo meus seios, os mamilos levemente enrijecidos despontaram carentes. Ele se inclinou para baixo e deu um beijo em meu pescoço. Eu estremeci e, em seguida, relaxei

um pouco, permitindo-me apreciar a sensação de seus lábios e o assopro morno de sua respiração em minha pele. Eu confesso, por dentro eu estava dando pulos de felicidade por ter meu carrasco de volta, porém eu não demonstraria isso... por enquanto.

Por hora eu entraria no jogo dele.

Eu só rezava para que meu corpo sem vergonha não me traísse tão facilmente. Sabia que essa seria uma tarefa muito difícil — me fingir de brava — quando eu já estava acesa em expectativa só de imaginar o que ele faria. E, deixe-me dizer, as possibilidades eram profusamente animadoras.

Sua boca deslizou sobre a minha orelha.

— Sabe que foi uma menina muito, muito safada, não sabe? Deixou-me puto tantas vezes, flertando com meu amigo quando te avisei para não fazer isso. Mostrando para quem quisesse ver meu corpo naqueles pedacinhos de pano de merda que você chama de biquíni, que foi um milagre eu não ter enlouquecido. Sabe que terá de ser castigada por isso também, verdade?

Eu respirei fundo e dei meu melhor show.

— Thor, não vai dar certo... Eu não posso ficar presa. Tenho pavor.

Ele levantou a cabeça, seus braços sustentados de ambos os lados de minha cabeça mantinham ele ainda inclinado para mim. Jesus, o cretino era tão bonito que fazia danifico. Mandíbula firme, lábios cheios e beijáveis, a sombra azulada de sua barba recém feita cobria um rosto que faria qualquer galã de Hollywood morrer de inveja. As sobrancelhas escuras estavam franzidas enquanto seu olhar penetrante me observava com atenção. Então ele sorriu. Um preguiçoso curvar de lábios.

— Fique tranquila, querida. — Sua boca escovou sobre a minha enquanto ele acrescentava sussurrante. — Eu vou cuidar bem de você e ajudá-la a superar seu medo.

— Não quero superar porra nenhuma!

— Shhh... Negar-se apenas fará seu *medo* maior e não queremos isso. Os gritos são desnecessários, ao menos estes. Está segura comigo, sabe disso. Então trate de relaxar e cooperar com a minha ajuda. Porque baby, eu não vou te soltar.

Grunhi de raiva e gemi de excitação, em seguida. O maldito tinha capturado um dos meus mamilos em sua boca, chupando forte, raspando os dentes sobre enquanto a língua golpeava. Outra e mais outra vez. Suspirei e me arqueei num gesto involuntário, querendo mais quando sua boca moveu-se para o outro, dando-lhe a mesma atenção requintada. Calor ígneo floresceu em meu corpo, aquecendo meu coração e desceu enquanto a sensação acetinada corria por meu sistema.

Meus seios tinham sido uma descoberta agradável de prazer desde que conheci Thor. Seus toques e lábios eróticos sobre eles de quem sabe o que faz, tornava-os hipersensíveis. Era muito. A cada lambida eu o sentia entre as minhas pernas, como se ele estivesse me tocando lá, ao invés.

Esfreguei as coxas juntas percebendo que a umidade começava a brotar entre minhas dobras e que ainda usava a cueca dele. Eu a quis fora, porque o tecido estava desagradável, de repente.

Thor deveria ser ilegal, constatei me torcendo sob ele. Não era possível que meu corpo respondesse a ele dessa maneira. Porém, muito cedo ele me deixou. Eu resfoleguei na perda.

— Assim está melhor — murmurou ele. — Seus seios são tão bonitos. Eu amo a maneira que eles me respondem e essas doces pontas rosadas ficam duras quando eu as lambo. Você é toda perfeita. Tão linda, neném, que eu não canso de olhar para você. Nunca antes senti tanto desejo por alguém como sinto por você. Me queima. Tenho o pau duro só de evocar você em minha mente.

Segui seu olhar, vendo meus mamilos tesos e vermelhos então mirei sua cara. Sua expressão era de pura satisfação masculina. Ele deu mais uma lambida brincalhona em cada e voltou a ficar ereto.

— Heithor, eu não estou brincando. Ti prego, me solte. Não pode me manter presa contra a minha vontade — ralhei sobre minha respiração ofegante.

— Da mesma forma que não poderia manter a mim e, mesmo assim, você fez?

— Achei que tivesse aceitado minhas desculpas quando as pedi ontem à noite, mas pelo jeito eu estava

errada. É um fingido. Mentiroso!

Seus olhos se arregalaram, quase com ingenuidade.

— Eu aceitei. Se não fosse assim, você não estaria aqui mais — informou então pausou brevemente, um sorriso torto nascendo no canto da boca. — Mas neném, cada ação tem uma reação, cada escolha uma consequência. E eu acho muito justo que você tome a sua para que compreenda sem equívocos, que um comportamento seu semelhante aquele não deve em hipótese alguma se repetir novamente.

— Va al diavolo[50], Castellammare! Eu não preciso que banque o professor comigo.

Precisamos sim!

— Sabe o que me mantém atento aos meus inimigos e a um passo a frente deles? O treinamento que recebi, e Antonella, não há melhor garantia de que aprendeu sua lição e, sobretudo, que não irá esquecê-la quando se coloca na situação real. Ou em seu caso, na minha pele.

— Non m'importa. Você não tem direito de fazer isso.

— Está enganada. Deu-me o direito quando não deu ouvidos aos meus pedidos para você que parasse com aquela palhaçada. Ou estou errado? Hoje será meu brinquedinho sexual, neném. Minha para tocar, beijar e *foder*. Mas antes, eu irei me certificar de que esteja enlouquecida de necessidade, que esteja tão dolorida que não possa pensar em outra coisa que não seja meu pau. E quando estiver a ponto de perder sua mente porque seu desejo de ter-me dentro superou sua necessidade de respirar, eu vou comer cada buraco seu.

Engoli às secas com a intensidade de suas palavras, incendiando pontos sensíveis dentro de mim. A combinação explosiva de excitação, expectativa e apreensão me deixando sem fôlego.

Uma mão grande tocou minha barriga, acariciando com descidas e subidas suaves. Meu corpo traiçoeiro relaxou sob a palma quente e pulsou em antecipação.

— Sabe que isso é estupro, não sabe?

Ele se moveu. O lençol foi jogado para os pés da cama. Seu corpo se posicionou entre as minhas pernas, em segundos, ele agarrava a boxer em meu quadril e puxou, passando-a pelos meus pés habilmente. Suas mãos espalmaram em meus joelhos e os empurrou abertos então ele se aproximou mais, as palmas correndo pelo interior das minhas coxas. Seu olhar ateou sobre o meu.

— Certo. Vamos falar sobre isso. Você me deixou pelado, algemado e amordaçado. Provocou-me de todas as maneiras que pôde, até que meu pau latejava como uma ferida aberta e minhas bolas me sufocavam. Dolorido e excitado como o inferno. Sem alívio. Sem retenção. Durante *toda* a fodida noite, e eu teria permanecido naquela agonia até você resolver dar as caras, se não fosse Nathan me procurar pela porra da manhã. Tem ideia da vergonha que me fez passar porque você achou que tinha o direito de usar meu desejo por você contra mim? Nathan vai me infernizar por isso até a minha morte. Isso se eu tiver sorte de ele não contar aos outros caras. O que me lembra que sua lição deve ser um pouco mais dura.

— Stavo scherzando[51] — sussurrei com uma pontada de receio.

— Aqui está a situação. Você me deve neném, e sou um grande filho da puta para cobrar o débito, com todos os juros e correções que tenho direito. Fizemos um acordo naquela noite e, embora esta não seja minha fantasia inicial, eu gosto de tê-la assim, vulnerável aos meus desejos... A minha mercê. Foi você quem começou com isso. Agora é a minha vez. Espero que seja corajosa o bastante para tomar o seu castigo com honra. Não vou aliviar. Não vou te forçar. Mas vou persuadir e te empurrar até o seu limite, e então, iremos além. — A voz dele vibrava com desejos escuros, o desafio explícito em suas palavras e em seu olhar malvado também. — E sabe o que my little bitch? Quando for brincar com o desejo de um homem tenha a certeza de que poderá aguentar à revanche sem pedir por misericórdia. Sobretudo, se este homem for eu.

Meus pulmões arderam avisando-me que eu tinha parado de respirar. Respirei pela boca, meu peito subindo devagar e abaixando. As palavras se embaralharam em minha mente. Sem voz. Unicamente,

podia olhar para ele enquanto absorvia seu desafio.

— Eu jamais te faria mal. Mas terei certeza que aprendeu sua *lição*... Meu conselho para você é: relaxe e tome o que te dou. E, talvez, seja recompensada mais tarde. Depende de você.

Meus membros relaxaram antes de eu permitir, tomando o conselho dele, como uma ordem direta. Muito ansioso para o que fosse que Thor estava planejando. Tão vagabundo, que eu tinha pena de mim mesma por meu corpo ser tão fiel a ele. E eu me perguntei aonde tinha ido parar o meu receio. Sim, o danado ainda estava lá, mas não era da mesma forma. Era outro tipo que se convertia em excitação pela espera do viria a seguir, fazendo o desejo chiar sob minha pele, aguardando atento ao grito de largada para descer-me ao inferno. Eu iria me queimar toda. Ademais, desafios sempre tiveram um quê de adrenalina e, Dio sabia por que, eu nunca neguei a nenhum.

Fui arrancada dos meus pensamentos quando senti as pontas de seus dedos roçarem sobre meus lábios vaginais. Meu primeiro impulso foi fechar as pernas, mas Thor estava vigilante e sua palma também, acertando a parte de dentro da minha coxa.

— Figlio di puttana — ofeguei.

— Não feche as pernas para mim. Essa buceta, — sua mão se fechou sobre meu sexo dando ênfase a suas palavras arrogantes, — é minha. Não me obrigue a amarrar suas pernas também.

Meus olhos cresceram.

— Non farlo[52].

— Eu não farei — tranquilizou. — Quero-a aberta. Disposta. Prefiro-a se oferecendo para mim por livre e espontânea vontade. Com fome por meu pau.

— Cretino!

— Eu poderia ser suave com você e tomar isso lento. Realmente poderia. Porque Deus sabe, eu gosto de mimar você, de atender seus pedidos e me esforçar pra caralho para lhe dar mais do que pede. No entanto, eu não posso fazer isso hoje. Você é uma garota má e mimada, que precisa aprender certas lições, que *somente* eu posso te dar. E eu quero isso muito ruim, baby.

Engasguei e, logo após, cerrei os dentes para conter o gemido arranhando minha garganta ao sentir as pontas de seus dedos investigarem minhas dobras com maior interesse.

— Cacete, neném. Como pode insinuar estupro, mesmo que seja somente para me provocar, quando está derretendo por mim aqui embaixo? — Rangi os dentes para ele. — Você sabe. Só se caracteriza estupro quando uma das partes envolvidas não está de acordo.

— M-m-mas eu não estou de acordo — vacilei torpe enquanto me perdia na sensação de um dedo seu escorregar dentro do meu canal sem cerimônia.

Trinquei os dentes com força e chorei em mente.

— Não é o que sua bonita buceta me diz.

— Isso porque ela tem a filantropia como meta de vida.

— Bom saber. Vou explorar isso muito bem.

Eu xinguei. Ele riu.

Ouvi seu rizinho baixo enquanto eu fechava os olhos, sentindo mais um dedo ir dentro. Os dedos dele eram obscenos. Carnais. Nocivos. Invadiam-me numa lentidão agonizante, experimentando enquanto as pontas sondavam minhas paredes até que ele encontrou um ponto sensível. Pressionou e esfregou, testando. Eu rodopiei dos pés a cabeça, como se estivesse em um carrossel infernal, sentindo um calafrio ardente me atravessar. Um gemido alto nasceu no fundo da minha garganta, e eu mordi o lábio com força para segurar o som impotente enquanto fechava as mãos em punhos em torno das correntes. Ele cessou os movimentos dos dedos, mantendo-os dentro.

Thor estava me assistindo enquanto estava indo me matar!

— Sua buceta é muito delicada, baby. Gosto de como a trata. Esse pequeno triângulo escuro é uma visão do paraíso. Muito feminina. Não mude, okay? Sempre a mantenha desse jeito. Não gosto dessas

bucetas completamente peladas, prefiro-a assim, com esse rastrinho de pelos aqui em cima.

Meu corpo se ruborizou na luxúria.

— É um pervertido.

Ele deu um meio sorriso, com seu olhar ainda preso entre as minhas coxas.

— Sim, eu sou. Mas sabe o que gosto mais? Ela é uma menina gulosa. Mesmo miúda, ela tem o aperto certo para o meu pênis. Amo a forma que me ordenha quando você goza, que me responde quando eu te toco. Ela está muito apertadinha em volta dos meus dedos, ainda assim ela segue me mastigando, querendo mais, molhando mais. Isso é sexy pra cacete. Foi feita para mim.

O ar entre nós era tão espesso que logo não podia respirar. Calor irradiava dele e me fazia arder até os ossos. Seu perfume misturado ao seu aroma golpeava-me com força, nublando minha capacidade de falar. O olhar dele cravou em mim, derretendo-me de maneira implacável.

— Aonde foi que paramos mesmo? Acho que aqui.

Seus dedos tornaram a escorregar movendo-se com rapidez. Mordi o lábio inferior com tanta força que senti o gosto do meu sangue. Meus pulsos puxaram e doeu, eu sabia ser inútil, mas não podia me deter. O impulso era mais forte. Minha respiração tropeçou nas batidas do meu coração.

— Ué, eu ainda não fiz nada e você já está assim, imagina só quando eu te chupar.

Estava fazendo um esforço sobre humano para não gemer ou gritar, implorando por mais enquanto seus dedos me surravam e o polegar pressionava acima em meu clitóris duro. O fogo luxurioso consumindo meu corpo se concentrou no meu centro e minhas paredes se contraíram, anunciando meu gozo, mas o desgraçado retirou os dedos de mim.

— Figlio di puttana!

Ele me lançou um sorriso devastador, antes de puxar os dedos fora e levá-los a boca, em seguida, ele estava tragando-os dentro sem pudor. Eu quis lambê-lo, também.

— Deliciosa, neném. — Sua voz era mais profunda, mais sexual. — Você é como um bombom recheado com creme doce. Deixa-me muito ambicioso. — Eu tencionei à medida que a outra mão subiu pela minha barriga passando pelo vale entre meus seios e, em seguida, voltou. — Relaxe neném, eu não vou te morder — disse sério. Meio hesitante, eu me permiti isso. Thor deu um sorriso de lado, muito diabólico, quando adicionou. — Estou brincando. É claro que eu vou te morder e chupar todinha. E você irá gostar de cada fodido minuto disso.

Ele enterrou o rosto entre as minhas coxas, com a boca aberta. O contato me queimou. Desconstruí-me. Desejo fluiu através do meu corpo, como larva. Eu gritei e me contorci, puxando os braços. Mas mesmo as picadas das algemas não eram palio para sobrepor a sensação fervente de ter a língua de Thor em minha vagina. Eu estava ensandecida embaixo dele, buscando mais.

Lábios, dentes, língua, ele fazia bom uso de todos.

Thor beliscava e lambia, acariciando e me consumindo. Criando respostas em mim que mesmo eu não sabia que possuía, não sabia que podia sentir.

Eu pensei que fosse morrer.

Ele empurrou o dedo profundamente em minha buceta. Eu já podia sentir meus músculos vibrando com empolgação. Ele mexeu o dedo, retirou-o, e, em seguida, empurrou dois dedos na minha fenda. Ele transou comigo com os dedos, até que eu pensei que ficaria louca com a necessidade. Meus próprios dedos se enrolaram em minhas palmas, os pulsos puxando, tentando em vão aliviar minha excitação.

Os gemidos que trancafiei com tanto custo na minha garganta escaparam por meus lábios, denunciando o quanto eu estava amando aquela tortura. E eles eram muito convincentes para negar.

— Mmmm... Dio, Heithor, isso é muito gostoso. Eu adoro sua boca na minha buceta, ela me faz sentir tão bem... Oh, Dio, si! Me faça gozar... Me solte, gostoso — supliquei, desejando estar com as mãos em seu sedoso cabelo puxando mais duro aquela boca deliciosa contra o meu sexo.

Senti seu rizinho baixo contra meu clitóris, o que me fez estremecer. Ele ergueu os olhos para mim,

com a boca sobre a minha intimidade e, em seguida, deu um beijo longo e demorado em meu clitóris, como se estivesse beijando minha boca, ao invés. Eu quase tive um AVC. Sua língua quente fazia meu sexo latejar, doendo, engolindo seus dedos grossos. Eu estava a ponto de gozar outra vez quando ele parou. Eu o olhei em desespero, com minha respiração alta e entrecortada.

— Preciso terminar de preparar o seu café — calmamente, ele disse, levantando-se da cama, lambendo os lábios brilhantes com a minha excitação.

Abri e fechei minha boca várias vezes, perplexa demais para reagir.

Como diabos ele podia pensar em café quando eu morria para ser o café da manhã?

Ele veio para o meu lado e deu-me um beijo na testa enquanto me falava, parecendo ter lido meus pensamentos. Ou mais, provavelmente, minha expressão que não escondia nada.

— Eu disse que vou cuidar de você e isso incluiu todas as suas necessidades. Obviamente, na ordem que eu creio ser mais urgente. Agora você precisa se alimentar. Vai precisar de todas as suas forças para o que eu tenho em mente.

Sem mais, ele deixou o quarto. Eu fiquei estupefata, olhando onde sua figura esteve. Muito inconformada de ele ser tão controlado enquanto eu estava prestes a explodir. Meu corpo estava em brasas. Hipersensível. Esfregar minhas pernas juntas não aliviava, ao contrário, apenas fazia a dor pelo orgasmo interrompido maior. Bufei e tratei de trabalhar em minha respiração, sabendo que não adiantava me rebelar. Meu corpo vagabundo obedecia a ele, e eu não podia fazer nada a respeito.

Estava de olhos fechados quando senti o cheiro de café fresco e panquecas. Levantei as pálpebras e vi Thor se aproximar com uma bandeja e colocá-la na mesinha ao lado da cama.

— Eu não sou muito bom na cozinha, mas me esforcei bastante — disse ele, como se desculpasse ao sentar-se na cama. — As panquecas são minha especialidade. A única, confesso.

Meu estômago reclamou pela comida; minha vagina reclamou por ele.

Thor estava um tormento comestível no papel doméstico. Seu semblante era sereno e não havia expressão alguma em seu rosto, que denunciasse o que se passava pela mente dele enquanto ele pegava o prato com panquecas, cobrindo uma com geleia, antes de começar a cortá-la em pequenos pedaços.

— E me diga uma coisa, oh, grande gênio. Como você acha que vou comer? Deitada?

Suas mãos se detiveram e ele me fitou. Rolei os olhos. O prato fora deixado sobre a bandeja, antes de suas mãos se esticarem para mim.

— Eu disse que vou cuidar de você, Ella, e isso inclui te alimentar, também.

Com cuidado, ele me ajeitou na cama. Fiquei numa posição parcialmente sentada, com a parte de cima dos meus ombros contra o travesseiro, que ele ajeitou atrás de mim.

Thor espetou um pedaço de panqueca com o garfo e levou a minha boca.

— Abra.

Aceitei o primeiro pedaço sem tirar meus olhos dele, com raiva. Estava uma delícia, e eu me perguntei mentalmente se ele havia preparado-as mesmo ou uma cozinheira. Ele me alimentou com alguns pedaços até que me neguei a aceitar mais. Limpou meus lábios no guardanapo. Deu-me suco. Neguei as torradas. Então ele foi para a salada de frutas. Tudo no mais completo silêncio. Eu o fulminando com o olhar e ele se divertindo. Na segunda colherada de frutas senti sua mão acariciar minha coxa. Engoli o bocado em minha boca e joguei meu olhar abaixo e depois para ele, cerrando os olhos. Ele não esboçou reação e me empurrou outro bocado.

Concentrei-me em mastigar e engolir. Na quarta colherada a mão dele subiu acariciando minha virilha, com as pontas dos dedos. Prendi a respiração, tentando me controlar. Mastiguei com dificuldade. Para engolir foi uma batalha quando seus dedos decidiram contornar meus lábios vaginais, ora escorregando um dedo dentro para logo depois o retirar e continuar seu passeio.

— Você não espera que eu coma com você fazendo isso, não é?

Nem uma palavra. Ele me ofereceu mais uma colherada. Eu neguei.

— Está satisfeita?

Ponderei sua pergunta. De comida eu estava até entupida. Mas...

Assenti receosa.

— Minha vez.

Não entendi até ele se mover entre as minhas pernas, mantendo-as abertas e, em seguida, se esticou pegando o pote de geleia e voltou, sentando ajoelhado sobre suas próprias pernas.

— Eu não estou achando graça nisso.

— Esplendido! Quero você excitada para mim, não rindo — assinalou sem mais. — Agora fique quieta e deixe-me ter o meu café da manhã.

— O que...?

As palavras se perderam na metade do caminho quando ele usou os dedos para pegar uma boa quantidade de geleia e besuntou isso no meu sexo. Eu engasguei com os lábios partidos e, em seguida, soltei um suspiro alto ao vê-lo se inclinar e cair de boca sobre isso.

Thor foi guloso. Sua língua cobiçou cada centímetro da minha vagina, subiu e desceu, e então, cercou, rodando. Seus lábios massageavam minha carne. O fôlego quente dele batendo com um chicote de sensação, que me deixou mole e hipnotizada ao mesmo tempo.

Os estalidos da sua boca sobre meu sexo se misturaram a minha respiração ofegante, marcando o silêncio no quarto. Isso era muito erótico. Muito pervertido. Eu adorava.

— Framboesa e você é uma combinação perfeita, neném. Eu estava morrendo para provar você assim, disposta para mim. Fodidamente boa. E agora não posso ter o bastante.

Eu quase dei um pulo ao sentir seu polegar pressionar meu clitóris, circulando devagar, colocando a pressão certa ao passo que sentia sua língua descer, e então, ela estava dentro de mim, empurrando fundo, destruindo meu controle. Pulverizando minha mente debilitada.

Enverguei a cabeça contra o travesseiro, fechando os olhos por um instante, absorvendo todas as sensações deliciosas nadando dentro de mim. Torcendo até minhas entranhas. Minhas unhas machucaram as palmas enquanto eu as apertava na comoção intensa.

Meu quadril ganhou autonomia, tenso, rebolando devagar contra a boca daquele safado, adquirindo confiança aos poucos quando levantei a cabeça para assistir sua tortura lenta.

Respirei por entre os lábios, de repente, muito ressecados. Minha boca era um deserto áspero enquanto encarava os dedos de Thor deslizando dentro-e-fora de mim.

— Thor...

— Quer que eu pare?

Encarei-o com os olhos suplicantes, porém não respondi. Estava concentrada demais no prazer, que seus dedos e boca estavam me proporcionando. Eu era uma pilha desossada de sensações.

— Quer que eu pare? — pausadamente, ele repetiu, deixando os dedos parados.

— Não, — gemi quase em desespero.

— Eu não iria mesmo — particularizou, com um sorriso debochado.

Thor retirou os dedos do meu canal e levou-o a minha boca, empurrando dentro. Eu os recebi, chupando, absorvendo meu próprio gosto com uma nota de framboesa. Ele grunhiu, suas feições se apertando com uma fome selvagem, os lábios partidos.

Ele era uma visão quente.

De repente, sua mão agarrou meu queixo e sua boca reivindicou a minha, beijando-me com profusa lasciva. Senti sua fome em minha língua como se fosse a minha própria. Eu fiquei um pouco letárgica, uma vez que ele recuou, puxando meu lábio inferior entre os dentes, talvez porque eu não tivesse oxigênio suficiente em meu cérebro. Eu tragava, mas parecia não conseguir o suficiente.

Thor ajeitou meu corpo em linha reta e se levantou, tirando a calça e a cueca. Seu pênis apontou na minha direção. Ele tinha sido feito para mim. Espesso. Grande e poderoso, como o dono.

— Thor, me solte, per favore. Eu quero te tocar.

Ele me olhou continuamente.

— Confie em mim, neném, você está me matando aqui. Eu também quero que me toque, quero isso muito ruim, mais do que quero respirar. É fodidamente perfeita para mim.

Mas ele não iria. Eu grunhi em frustração. Observá-lo se tocar, correndo a palma sobre seu pulsante pênis da maneira que eu queria fazer, criou um formigamento em meu corpo.

Eu o queria muito.

Ele apertou a cabeça inchada e fechou os olhos, como se a sensação fosse demais.

— Me deixe ao menos te chupar — pedi, molhando os lábios com a língua.

Ele abriu os olhos, negros e selvagens, e xingou vivamente.

— Depois. Agora quero degustar cada pedacinho desse corpo gostoso — disse, subindo na cama, novamente. — Preciso de você bem excitada para o que tenho em mente, porque depois que meu pênis te penetrar, neném, ele só ira sair de dentro de você quando eu não tiver mais forças para fodê-la.

Calor encheu meu peito, e se moveu em espiral para baixo por meus seios até minha buceta, ante o significado de suas palavras cruas. Eu iria morrer por falta de sangue no cérebro.

— Eu vou morrer de tesão, Thor — chorei.

— Sei, mas fará isso quando tiver meu pau dentro de você — disse rouco, antes de apertar meu seio esquerdo com a mão direita e mamar como um bebê esfomeado no direito.

Sua boca não era cuidadosa, ela era dura e punitiva.

Ele sugou com força, tentando engoli-lo. Os dentes raspando sobre, a língua contornando. Um açoite de sensações bateu sobre mim. Uma. Duas. Três vezes. Quando os dentes pressionaram o mamilo entre eles, numa forte mordida, que ascendeu minha alma, minha cabeça girou.

— Ai, cazzo! Thor, per favore, per favore...

Eu nem mesmo sabia por que estava rogando, mas havia toda essa comoção furiosa obrigando as palavras em minha língua. Correntes elétricas repuxaram o meu ventre. Thor sugou mais forte, as lambidas mais vorazes, os dedos puxando um e outro mamilo. Ele alternou.

Dedos, lábios e dentes, trazendo o inferno e o céu.

Então eu tinha todos os meus dedos se enrolando, meus pulsos apertados nas algemas, minha pele estava pontilhada, as coxas tremiam. Meus músculos retesaram e logo soltaram para a minha cabeça rodar quando eu comecei a convulsionar, empurrando meu quadril com violência.

— Foda-se, neném, você gozou! Está muito sensível. Eu gosto disso. Porra, eu amo isso.

Não era possível! Ele me fez ter um leve orgasmo somente sugando meus seios. Isso nunca aconteceu comigo antes. Dio! Que homem era esse? Ninguém tinha o direito de ser tão gostoso assim!

Thor abandonou meus seios sem afastar a boca da minha pele e foi descendo, descendo, descendo...

— Oh, Dio! Oh, Dio — eu cantarolei bêbada, sentindo o calor escaldante de sua boca envolvendo meu grelinho. Era loucura, totalmente insano, mas eu já podia sentir outro orgasmo vindo.

Minha testa estava molhada pelo suor. Toda a minha pele úmida e quente. Isso que ele ainda nem tinha me penetrado, pensei angustiada, não tendo certeza se poderia aguentar até o fim, sem morrer.

Puta merda!

Eu já estava vendo tudo. Eu iria morrer desidratada. Ele iria sugar tudo de mim!

Arqueei violentamente as costas e meus pulsos latejaram quando puxei os braços num impulso brusco ao sentir aquele cavalo dar um tapa forte no meu clitóris duro. Outro, outro e mais outro. Eu delirei na sensação cortante. Sua língua voltou a maltratar meu ponto sensível, chupando com precisão, esticando-o o máximo que podia. Mas o cretino não parou por ai! Não satisfeito em preparar meu velório, porque eu estava indo para a minha morte, ele se sentou sobre as suas pernas e segurou o pênis, guiando-o para o meu núcleo.

— Oh, merda! Seu filho da puta, gostoso! — eu gritei quando ele pincelou a cabeça entre minhas

dobras molhadas, descendo e subindo, pressionando o ponto sensível acima, então voltando. *Eu vou morrer!* Impulsionei, cobiçando-o dentro, precisava dele tão ruim quanto ele podia me dar, mas ele se retraiu. — Maldito disgraziato, me come logo porra!

Ele riu breve e bateu seu pau sobre meu clitóris.

— Antonella, Antonella, você não está em condições de ordenar nada aqui. Eu mando e você obedece. Isso está claro para você, my little bitch?

Estava claríssimo que se ele não me comesse já, eu iria morrer, pensei enquanto assistia sua mão acariciar seu pênis, me deixando zonza de vontade.

— Se você não me comer agora, nunca mais vai fazer. Isso é claro o suficiente para você, Castellammare?

Seu olhar estreitou.

— Eu sugiro que contenha esse seu tom arrogante comigo. — Ele me beijou com volúpia. Duro e rude. Então segurou meu queixo, forçando meu olhar dentro do seu. — Escute bem Ella. Se quiser meu pau enterrado nessa preciosa bucetinha que tem, é bom que se comporte como a boa garota que você deveria ser. O dia está apenas começando, ainda há muito até a noite, mas ele pode ser fodidamente mais longo e doloroso se me chatear.

Inferno. Isso já tinha passado de sexual para sádico!

— Eu preciso de você, Thor — pedi manhosa. — Ti prego. Você vai me matar desse jeito.

Ele pareceu ponderar, e eu retive o ar, rezando para que ele reconsiderasse.

— Eu sei que você precisa e vou te dar isso, mas não agora — informou, virou e, em seguida, se encaminhou para o banheiro. — Quero-a muito disposta.

Eu xinguei e gritei de raiva.

Fechei os olhos e comecei a respirar a baforadas profundas de ar.

Precisava me acalmar se não enlouqueceria. O receio voltou. Estar presa não era nada agradável, pior era estar morrendo de excitação sem poder fazer nada.

Ele era malvado. Eu adorava isso e me odiava por gostar.

Minutos mais tarde, ouvi o chuveiro ser desligado e, segundos depois, ele saiu. O cabelo estava molhado, gotas de água pingavam percorrendo um caminho de tentação por seu abdômen sarado e sumindo na toalha branca enrolada em seu quadril. A tenda era visível sob o tecido felpudo e agitou outra onda de calor em meu corpo. E suspirei alto e lambi os lábios.

— Tem ideia de quão sexy você está deitada aí, nua? A fome queimando viva em seus olhos? Pronta para ser possuída? Faz-me te querer tão ruim, que eu tenho medo de te machucar.

Meu olhar voou para o seu rosto sacana e eu apertei os lábios numa linha rígida.

Ele caminhou para o closet e voltou, em seguida, vestindo apenas uma boxer branca.

— Eu preciso resolver algumas coisas. Prometo não demorar, okay?

Suas palavras tranquilas me tiraram do torpor.

— Como assim promete não demorar? Você não vai me soltar? — Respirei, puxando uma calma que não sentia. — Thor, eu não posso ficar presa aqui. Eu não falo com Pietra desde ontem, ela deve estar preocupada. E eu realmente não gosto de estar presa.

— A melhor maneira de lidar com seu *medo* é enfrentando-o. Eu já cuidei de tudo. Pietra sabe que está comigo então não se preocupe. Temos todo o final de semana para nós dois.

— O que acha que vou ficar fazendo aqui sem poder me mover?

— Você não pode sair da cama, mas pode se mover.

Olhei-o fixa e cautelosamente em seu rosto.

— Solte um pulso, per favore. Ficarei mais confortável, se tiver ao menos um dos pulsos soltos.

— Não a quero mais confortável do que permiti estar.

Thor pegou a bandeja do café e se encaminhou para a porta.

— Aproveite esse tempo para refletir sobre suas peraltices. Descanse e se prepare para a surra de pau que eu vou te dar mais tarde por ter sido tão safada comigo.

— Vaffanculo[53], maledetto!

Capítulo 19

Algo quente e úmido resvalava sobre minha pele, sacudindo meus pelos em pé e uma sensação cheia em minha barriga. Um calor aconchegante me envolvia. Meu sexo empapado e dolorido.

Suspirei com preguiça.

Sob minhas pálpebras sonolentas eu monitorei aquele safado do Castellammare completamente nu sobre meu corpo, lambendo e beijando-me de cabo a rabo. Isso trouxe de volta todas as sensações angustiantes que tinham me atormentado desde que acordei pela manhã.

Na secura, sentindo-me raivosa e altamente aquecida, eu tinha cochilado, com ganas de ter a bolas dele para o jantar. E, deixei-me dizer isso, não era de uma boa maneira.

Meu olhar contraiu, voltando para ele.

Um espasmo agitou meu ventre enquanto a boca profana esquadrilhava minha barriga, puxando de leve meu piercing por entre os lábios, enfiando a língua em meu umbigo.

— Per carità, Thor! Eu juro que vou ter um ataque cardíaco, se você me torturar outra vez. Está me matando aqui, merda. Por favor, por favor, não me atormente mais.

Sua boca subiu até meu rosto. Ele se apoiou, as mãos dispostas ao lado da minha cabeça e desceu a sua para me olhar nos olhos. A respiração dele estava pesada, os olhos brilhando. Ele me observava com uma promessa rondando nas profundidades tempestuosas de seu olhar.

— Eu quero você, neném — murmurou com a voz rouca e luxuriosa.

Molhei-me toda.

— E o que você está esperando, caralho?

— Que você implore.

Che? Eu já não tinha implorado demais, não?

Meu olhar vibrou perigoso sobre ele, de uma maneira que eu nunca senti antes.

— Senti, seu tirano dos infernos, ou você me come de uma vez ou eu te mato! Juro que mato!

Thor fez um som rude, como se esse fosse o gatilho que faltava. Eu quase desfaleci de alívio para no outro momento gemer de prazer quando ele plantou a boca na minha. Sem interlúdios, minha língua raspou na sua, enrolando-se contra, os lábios torcendo, estalando sons sensuais.

Sensações viajaram através da minha barriga e me engolfaram.

Eu me esqueci da raiva que estava sentindo dele, esqueci da dor nos meus pulsos, esqueci até o meu nome. Eu apenas estava lá com ele, flutuando junto na comoção que ele desencadeou em mim.

Thor inclinou a cabeça para um melhor ângulo e me engoliu enquanto suas pernas se enfiavam no meio das minhas, empurrando-as abertas para repousar seu quadril no meu. Eu vibrei de alegria.

Ele puxou para cima, tanto ou mais ofegante do que eu.

— Thor está me matando. Dói.

— A espera é dolorosa, não é, neném?

— Sì — sussurrei, com apreensão.

Thor ergueu o tronco. Seu olhar deslizou acompanhando o movimento de suas mãos sobre meu corpo, quase como estivesse memorizando minhas curvas e a textura da minha pele.

— Suave e feminina. Fodidamente perfeita. Minha. Toda minha!

— Thor — chamei impaciente.

— Pensou em mim nestes últimos dias?

— Todos os dias.

A sobrancelha negra disparou quando ele me olhou com profuso orgulho.

— Só os dias?

— As noites também.

Que porra?

— Sentiu minha falta?

Não faça...

— Dio, sì, Thor.

— Queria isso aqui? Tocou-se pensando em mim? Usou seus brinquedinhos?

— Sim, sim, sim!

Ele voltou a se dobrar sobre mim, seu perfume me rodeando.

— Você não vai me desafiar novamente, entende?

— Sì, Thor.

— Vai me respeitar como o seu homem, Antonella. Ninguém além de mim vai te tocar mais. De nenhuma fodida maneira. É minha!

— Sim, sim, Thor.

Seu nariz se enfiou na curva do meu pescoço, a ponta roçando sobre.

— Eu gosto de você, Ella. Realmente, faço. Mas se fizer qualquer merda como àquela, *isso* entre nós está acabando, está entendido?

— Dio, Thor, eu já entendi, cazzo — resmunguei aflita. — Agora faça seu pior.

Ele riu baixinho, movendo as burcas azeviches para mim. Sua mão esticou entre nós ao mesmo tempo em que seu quadril subiu. As coxas empurrando as minhas para cima, mais amplas, os pelos da suas pernas raspando contra as minhas no processo, dando-me minis porções de sensações.

Chamas lamberam abaixo da minha pele, sensibilizando minha carne, lembrando-me de quão bom era senti-lo dentro de mim, assaltando meu núcleo com seus golpes poderosos de prazer.

Eu queria mover, impulsionando para frente para fazê-lo entrar, mas havia algo na atmosfera em torno de nós me segurando. Esperando ansiosa pela aposta dele.

Thor roçou os lábios nos meus.

— Como eu senti a sua falta neném. Falta do seu gosto, — ele me beijou com abandonada paixão, logo moveu a cabeça para o lado para o meu pescoço, cheirando profundo. — Do seu cheiro bom... de estar dentro de você, — seu eixo me invadiu devagar, polegada por polegada, estirando-me devagar, fazendo o caminho até o fundo. Thor gemeu. Eu resfoleguei e revirei os olhos na pressão dolorosa. Um raio de dor prazenteira partiu daquele ponto e me atravessou. Era tão condenadamente bom. — Porra, eu morria por isso, neném, por esse aperto quente me acolhendo de forma única. Muito gostosa. Fez-me falta todos esses fodidos dias.

Ele não prolongou a tortura começando a se mover devagar, seu comprimento grosso e longo acariciando minhas paredes sensíveis a cada lento deslizar agonizante.

Sua boca bebeu os meus gemidos, e eu os dele.

Thor olhou fixamente nos meus olhos. Eu pude ver toda a fome crua, o desejo e a necessidade que sentíamos um pelo outro refletido em nossos olhos.

— Enrole as pernas em volta de mim.

Eu obedeci trancando os tornozelos acima da sua bunda. Ele penetrou-me mais fundo indo até que senti suas bolas pressionarem firmes contra minha pele.

Eu gemi. Ele gemeu.

Thor retrocedeu e voltou em outra agonia, que teve meus sentidos alagados.

Suas estocadas eram lentas e torturantes, porém fortes, me fazendo girar os olhos pelo ígneo prazer que sentia em tê-lo me possuindo, novamente.

— Isso se sente tão bem... você dentro de mim... Merda, Heithor!

— Você gosta?

— Io adoro — ofeguei.

— Bom, porque eu amo a sensação da sua buceta me rodeando. Fodidamente gostosa.

Lábios rastrearam meu pescoço e mais abaixo indo para os meus seios. Afundei a cabeça no travesseiro fofo, arqueando as costas em grata oferenda. Ele tomou isso, lambendo e chupando com suavidade aprimorada. Eu me deleitei, vibrando em torno dele.

— Cristo, — ele gemeu, puxando para trás e escorregando para dentro de novo. — Sua vagina está sempre tão gulosa, neném. Eu só quero meter dentro e nunca sair. Você é muito boa, baby.

— Ti prego, Thor — gemi, sentindo minha necessidade de mais crescer.

Sob ele, meu quadril tentou se mover.

— Não vamos ter pressa, Ella, — disse rouco ao pé da minha orelha e mordiscou a pele. Eu estremeci. — Estou morrendo por essa buceta há muitos dias para terminar isso rápido.

Ele se retirou, deixando só a cabecinha e voltou rebolando enquanto sua mão apertava minha coxa, puxando-a para cima, os dedos marcando a minha pele. Projetei meu quadril para frente para que ele entrasse mais fundo. Seu pau pulsou dentro de mim e em resposta minhas paredes trancaram a sua volta com força. Tão apertado, que doeu. Eu estava muito cheia dele.

— Puta que pariu, Ella!

— Oh, merda. Mais Thor, mais forte — choraminguei.

Ele aumentou o ritmo gradativamente me levando a beira da loucura. Suas estocadas calculadas num ritmo rápido, não naquele que eu estava acostumada, mas que também me deixava insana. A ponta do seu pênis tocava o lugar exato, criando respostas em mim que me faziam berrar.

— Sua buceta está morrendo de fome. Muito quente e macia. — Ele enfiou até o fundo, causando-me um espasmo de dor/prazer, voltou e repetiu o ato. — Eu sonhei com sua buceta todos os dias... metendo gostoso assim...Sabe quantas vezes acordei gozado? Muitas, neném.

— Sim, Thor! Por favor... Agora você pode me encher... Oh, foda! Faça mais rápido!

— Isso, neném, mantenha apertando meu pau desse jeito — ele rosnou, a voz engrossando, deformada pelo prazer. — Foda-se! Essa buceta vai me secar.

— T-thor — eu solucei.

— Você não teve o suficiente? — ele pediu, procurando os meus olhos.

— Não, per favore.

— Foda-se!

Eu soube. Eu tinha ganho.

— Não quero sua piedade, gostoso.

Precisava dele duro nisso, precisava da nossa loucura.

— Tudo bem, safada. Não vai ter.

Ele se alavancou para cima ficando de joelhos, com minhas pernas ainda em volta dele e, em seguida, escorregou as mãos logo abaixo em minha bunda e ergueu num ângulo que o permitiu ir mais fundo. Chocante. Abrasador. Ele me encheu completamente e me fez tomar mais.

Eu curvei as costas, como um gato ao contrário, chorando enquanto ele martelava dentro de mim com apunhaladas fortes e profundas, marcando minha alma.

Ele me recheava de uma forma deliciosa.

A visão de Thor, do seu peito úmido se contraindo, a espiral dura de músculos de seus braços, sua força expressada em cada pedacinho dele. Os lábios partidos, sua expressão de fome selvagem enquanto ele impulsionava dentro de mim era boa o suficiente para me despedaçar.

— Ah, seu tesudo... delícia de homem. Dio, Thor, você é muito gostoso — gemi. As palavras possessivas vindo não sei de onde, escapulindo sem que eu pudesse deter. — Meu homem! Só meu!

Seus dedos me agarraram com mais força e ele empurrou dentro num impulso firme.

Thor se dobrou, mantendo-me segura com uma das mãos.

— Sempre seu, neném. — Meu coração bateu mais forte com sua declaração. Eu meio que gostava dessa posse. Ele me beijou duro e sobre meus lábios ele sussurrou. — Nestes dias eu não fiz outra coisa, se não pensar em você. No seu corpo contra o meu, nos seus gemidos sexies, todos esses sons bonitos que faz quando estamos juntos, quando diz que é minha. — Ele me invadiu com maior força, como se o pensamento o enlouquecesse. — Só minha! Diz para mim, Ella.

Thor diminuiu o ritmo. Eu xinguei frustrada.

— Diz para mim, Antonella. Deixe-me ouvir as palavras — pediu num rosnado.

— Sou sua, Thor! Só sua! Agora mantenha me fodendo daquele jeito — implorei, minha voz estava quebrando, meus nervos ricocheteando enquanto eu ambicionava mais.

Eu o queria *tão* dentro que me doía.

Murmúrios de prazer embalavam meus lábios, se estilhaçando no ar.

Ele voltou, segurando firme o meu quadril, de maneira que minhas costas não tocavam o colchão, e então, ele martelou dentro-e-fora sem parar num frenesi alucinante.

Eu podia sentir meu orgasmo se construindo, crescendo numa massa volumosa, mas eu não podia alcançá-lo. Isso me causou um frisson pelo corpo. Meus pés desceram para o colchão, e eu os plantei lá buscando apoio para mover o quadril em círculos quebrados e irregulares.

— Assim meu puto... bem forte. Sim! Faça assim!

— Porra vadia! Rebola gostoso para mim. Deliciosa!

Cada impulso agitou-me da ponta do pé até a raiz dos cabelos. A mordida da algema estava apertada em meus pulsos. Virtualmente, eu sentia a dor e a dormência, mas não dava à mínima.

Thor veio sobre mim, novamente, a dureza de seu peito amassando meus seios enquanto sua boca me tomava num beijo selvagem. Suas coxas empurraram as minhas para cima, e eu o rodeei, novamente. A posição me deixando muito aberta para ele, disposta para seu martelar fundo.

Eu estava lisa, escorregadia contra ele, empapada.

Aquele ponto, onde nossos sexos se encontravam sentia-se como fogo puro. A sensação me voltando mais molhada, permitindo-o deslizar com maior facilidade.

Thor diminuiu o ritmo, a pressão sobre meu ponto sensível. Eu blasfemei.

Ele riu duro, em seguida, sugou minha orelha e os dentes beliscaram.

Em alguma parte da minha mente eu ouvi um clique.

Um segundo mais tarde, senti as mãos de Thor em meus pulsos, massageando. E, logo após, com cuidado velado ele as estava trazendo sobre ele.

— Quero suas mãos apertando e arranhando o meu corpo enquanto eu te como duro e a faço vir na cabeça do meu pau — anunciou numa voz dura, deformada pela necessidade.

Soltei um gemido de puro êxtase, envolvendo os braços em torno de seu pescoço. Eu me segurei nele. Estava embrulhada a sua volta, me apertando à medida que ele meteu mais e mais duro. Mais e mais fundo. Tatuando minhas profundidades, estremecendo-me em cada afundada.

Estávamos indo para uma incursão infernal de prazer.

— Quem é o seu homem, Antonella? — ele exigiu no meu ouvido, o tom barítono mais grosso, reverberando em meu interior, chacoalhando-me para fora da névoa sonhadora.

— O quê?

— Quem é o seu homem?

— V-você, — respondi completamente desnorteada.

— Eu quero ouvir o meu nome, my bitch! Diz. Quem está te comendo gostoso? — A cada pergunta ele me estocava com mais força, me levando a beira da loucura com o tom mandão que ele usava. — Quem é o seu dono?

— Você, Thor! Dio, só você!

— Minha!

— Sim, sim, sim! Agora me coma mais duro — eu arquejei, torcendo-me contra ele enquanto minhas unhas cravavam em seus ombros. — Faça mais forte. Me faça gozar no seu pau.

Ele fez. Mais e mais.

Sua pélvis pressionando firme, massageando meu clitóris a cada investida.

Os sons das nossas carnes se chocando encheu o ar. A cabeceira rangeu enquanto Thor me pregava à cama. Nossas peles estavam escorregadias. O calor incendiando, fazendo minha respiração quebrada vir em jorros irregulares. Meu coração entrou numa corrida selvagem desenfreada.

Tudo era muito erótico, somando minhas sensações deleitosas, regando minha mente.

Numa questão de minutos eu estava chorando, o corpo tenso e trêmulo, as mãos agitadas nas costas e ombros dele. Minha cabeça se lançou para os lados, girando e girando.

Quando meu ápice começou, iniciou-se o de Thor.

O orgasmo nascia lá no fundo, enrodilhando minhas entranhas com amarras febris, torcendo isso firme até que me saqueou o fôlego dos pulmões e fez meu coração doer. Meus músculos internos ardiam, apertavam e soltavam, afagavam e massageavam…

Uma explosão de cores e emoções, que me tirou os ossos do corpo. Eu me perdi enquanto o prazer se tornou uma conflagração e pareceu alcançar minha alma. Sobre mim Thor veio furioso.

— Precisamos de um banho — disse ele momentos depois, escovando beijos suaves na curva do meu pescoço, orelha indo para o meu rosto e, enfim, roçando os lábios sobre os meus.

Minhas pernas estavam espalhadas contra o colchão enquanto ele seguia deitado entre elas, ainda enfiado até o fundo dentro do meu corpo. Isso era bom, pensei. Eu não queria me mover.

O relaxamento era muito gostoso para que eu movesse um músculo.

— Está comigo ou preciso me preocupar?

Movi o olhar para ele, minhas mãos em conchas em sua nuca.

— Você deveria ser proibido — suspirei, sentindo os lábios formigando pelo inchaço.

— Obrigado.

— Não foi um elogio.

A sobrancelha negra curvou com diversão.

— Não?

Maledetto.

— Foi, mas não é pra você se inflar.

Ele sorriu com satisfação e beijou a ponta do meu nariz.

— Se quer saber, você também deveria ser proibida. É uma tentação da qual eu não posso resistir por mais duro que tente.

Sorri com soberba.

— Eu sei.

Ele rolou os olhos e, em seguida, estava puxando para fora de mim. Eu exalei forte com a perda, me sentindo muito vazia *de repente*. Thor se levantou. Eu me estiquei toda na cama.

— Como estão seus pulsos? Eu os soltei um pouco mais enquanto dormia. Você nem se mexeu. Se não fosse por seus suspiros baixos, eu teria me preocupado.

Cerrei os olhos para ele emburrada, tomando consciência do incomodo *agora* que ele falava.

— Doloridos graças a você — acusei, com um beicinho.

— É mesmo?

Bufei reservando-me ao silêncio, sabendo onde isso daria, se eu desse chance a ele.

Ele me olhou fixamente, esperando.

— Estão dormentes, mas é apenas um incomodo leve.

Thor assentiu e me ofereceu a mão e me guiou para a porta do banheiro.

— Eu vou providenciar a comida enquanto você se banha. — Abri a boca para reclamar, mas ele já estava me dando um beijo e acrescentou. — Não demore.

Eu o assisti até que ele sumiu pela porta. Entrei no banheiro. Tão cedo estava debaixo da ducha e fiquei lá por longos minutos, apenas deixando a água fria cair sobre minha nuca e costas até que meus músculos começaram a se soltar. Estava meio tesa, mas era por causa da posição que tinha estado.

Massageei os pulsos um pouco avermelhados.

Então me lavei tomando meu tempo.

Minutos depois, estava fora de frente para a pia de mármore negro, com uma toalha enrolada no corpo e outra em meu cabelo. Minha mente dispersou enquanto eu escovava os dentes.

Thor tinha um jeito mandão que eu odiava. Va bene. Em algumas raras ocasiões eu até gostava. E, Dio, ele era muito, mas muito gostoso. Eu tinha amado sua vingança.

Maledetto. Era isso que ele deveria ter feito antes...

Sorri parecendo um cão raivoso com toda aquela espuma e enxaguei minha boca muito inchada.

Usei o pente dele em meus cabelos e, em seguida, transladei para o quarto logo para a sala.

Thor apareceu, vestindo um roupão negro e o cabelo úmido, parecendo muito sexy com alguns fios longos caídos para o lado. Ele levava uma bandeja nas mãos. O cheiro da comida flutuou até mim e minha boca encheu d'água. Eu não sabia se essa reação era apenas pela comida ou pela visão dele.

Ele tinha me comido com propriedade, era verdade. Mas a fome que eu sentia por esse homem era insaciável, principalmente, quando ele a despertava a vida. Eu ainda estava quente.

Respirei fundo negando meus pensamentos seguirem nessa direção enquanto o observava colocar a bandeja na mesinha de vidro de centro. Minha mente deu um estalo.

— Ei! O que eu vou vestir? Eu não posso ficar andando pelada, Heithor.

— E quem disse que você vai ficar andando? — Meu olhar cresceu em pratos. — Você não vai vestir nada. Quero acesso livre ao *meu* corpo então qualquer coisa além de sua pele está proibida.

— Como é?

— Eu te soltei, mas isso não quer dizer que está por sua conta. Deve-me, neném. E não faça essa cara como se eu fosse um louco... Bem, você realmente me deixa louco. Não nego. Mas eu sei que gosta disso tanto quanto eu. E não se preocupe, há apenas nós dois aqui.

— Você é muito abusado. Alguém já te disse isso?

— Uma garota safada e muito gostosa — piscou.

Tédio pintou minhas feições.

— Você me deixou presa por muito tempo. Que horas são?

— Foi menos do que você merecia, confie em mim — admoestou, e eu rolei os olhos. — É quase uma hora da tarde. Vê? Ainda está claro. — Meu queixo caiu. Eu tinha chutado que estávamos no fim do dia, nunca no meio dele. — Agora venha e coma o que eu te trouxe, porque o café da manhã você nem tocou direito. Quero-a bem alimentada.

Seu sorriso foi malícia pura e simples.

— Por que será que eu não comi, eh?

Ele encolheu os ombros com um ar inocente.

— Eu não faço à mínima ideia.

Joguei algumas almofadas no chão e me sentei sobre elas, ignorando a dorzinha em meu sexo.

— Eu não vou comer tudo isso — avisei, olhando para o prato com filé grelhado e molho, legumes cozidos, purê e um pouco de salada em outro. — Isso aqui dá e sobra para nós dois.

— Não precisa comer tudo, Ella. Apenas o suficiente para te saciar.

Espetei a metade de um tomate cereja.

— Você não vai comer?

Seu olhar azeviche se demorou em mim, antes de ele falar.

— Eu vou.

Mas ele não estava se movendo. Isso somente podia significar...

Engoli a porção na boca com um ruído.

Thor se moveu ao meu lado, sentando-se no sofá de maneira despreocupada. A televisão foi ligada, porém era em mim que seus olhos estavam. Sentia-os pungindo minha pele. Ignorei isso.

— Estive pensando... — murmurei após certo tempo.

— Sim?

Bebi um pouco do suco de laranja e o mirei antes de voltar o copo para a bandeja.

— Você gosta de ser um nômade.

— Por que pensa que sou um?

— Você tem esse seu trabalho de menino mau e raramente visita sua irmã e a tia, quero dizer, eu agora entendo sua distância. Porém, elas poderiam ir te visitar. Mas, então, isso nunca aconteceu, pelo menos não que eu soubesse. Quero dizer, desde que conheço Pietra, nós sempre estivemos juntas, exceto quando..., enfim, quando tinha minhas coisas para fazer.

Cortei um pedaço pequeno do filé e comi.

— Não sou um nômade. Um cosmopolita seria o correto.

Eu esperei e nada.

— Então?

— Eu tenho uma residência fixa em Tennessee, onde eu fico entre um trabalho e outro. Então não posso ser considerado um nômade — disse, sorrindo.

— E por que elas não vão te visitar?

— Porque eu não gosto de ficar parado.

Eu estava arrancando um dente dele?

Coloquei os talheres sobre o prato e girei o tronco.

— Va bene. E o que isso significa exatamente?

— Significa que eu quase nunca estou em casa devido ao meu trabalho. Nem sempre estou até mesmo nos Estados Unidos. Eu não tenho um calendário para estar em casa. Na maioria das vezes é Norah quem está. Assim é mais fácil eu ir até as meninas do que elas virem até mim...

Eu parei na informação.

Norah e ele moravam juntos?

Eu não sei da onde surgiu, mas uma raiva escura espreitou meu peito e puxou meus músculos. De repente, eu queria jogar aquela bandeja nele e depois dar com ela na sua cara de safado.

Inferno. Eles moravam juntos mesmo?

Que. Porra.

— Ella?

Sua voz preocupada me trouxe para o momento. Eu respirei devagar, camuflando meu aborrecimento e a vontade que eu tinha de estapear a cara dele.

— Então, você e Norah moram juntos?

— Vivemos no mesmo lugar, mas não moramos juntos como um *casal* — ele disse com cautela.

Oh, que grande diferença de merda!

Eles *apenas* dividiam a casa enquanto fodiam vez e outra.

Isso se parecia como?

— Eu te disse ontem que ela é meu manipulador. É mais fácil tê-la no meu lugar — ele estava acrescentando. E sabe o quê? Isso não me deixou menos raivosa, ao contrário.

— Sei, sei... — murmurei com simulado desdém, abanando a mão. — Você poderia ter levado a tia e Pietra para viverem no seu lugar. — *Não a puttana.*

— Não quero envolvê-las na minha merda mais que nossa ligação faz.

— Elas poderiam estar mais seguras com você.

— Confie em mim, elas estão mais seguras longe de mim. Ademais, elas têm uma vida normal e tranquila, um próprio ritmo, eu não poderia tirar isso delas. — E acrescentou explicativo. — Norah e eu não moramos debaixo do mesmo teto, apesar de vivermos no mesmo lugar. Ela está numa casa menor próxima a minha. Gosto de ter meu próprio espaço. Você entende isso?

— Uh-hum... Sobre Martha e Pietra, se acredita que seu afastamento as mantêm seguras, por que ainda está aqui? Não me leve a mal. Mas não tem muita lógica aí.

Seu olhar demorou-se sobre o meu, como se ele não esperasse por aquela pergunta e, tampouco, soubesse ele mesmo a resposta. Foi... inquietante. Ele não me respondeu, e eu não insisti.

Emprestei atenção em meu prato praticamente cheio ainda, não achando que aquela informação faria qualquer diferença em meu humor distorcido.

Por que eu me importo?

Eu não me importava, realmente. Tinha me afetado sim porque... Cazzo! Eu não sabia por quê.

Empurrei aquele chiado besta, contaminando meu espírito, para uma parte funda dentro de mim.

Ela que fosse a merda, com um punhado de chifres.

Sorri comigo mesma, espetando uma folha de alface e enfiei isso na boca.

Comi alguns pequenos bocados. Bebi suco. Mastigar e engolir. Era fácil, contudo, sentir os olhos de Thor em minha pele em algum momento começou a me perturbar.

Eu realmente tentei me concentrar no meu negócio e ignorá-lo.

Arrisquei uma olhada pelo canto dos olhos e pesquei um vislumbre tentador de uma tenda armada em seu quadril. Não era nada discreto, se quer saber. Engoli com dificuldade. Um comichão aquecido me embalou no fundo e de repente, e se espalhou de forma lenta e gradativa.

Puxei um fôlego e desviei o olhar para o prato, segurando-o lá.

Peguei o copo de suco e tomei um bom gole.

Não olhe.

Eu olhei sem pudor. Meus olhos cheios com a visão.

Ele estava lá me tentando a desejá-lo. Ele queria ser visto. Tocado.

Espetei mais uma folha verde sem graça e fiquei brincando com ela no prato, não podendo tirar meus olhos da tenda. Mordi e lambi os lábios. Minha boca seca, repentinamente.

Senti que uma onda quebra de onda de desejo ateou fogo meu ventre quando vi sua mão pousar lá, dando um aperto gentil.

Oh, sim... Ele está totalmente me seduzindo.

— Pare de me secar mulher e continue comendo — disse ele, debochado.

Homem do diabo. Ele estava se oferecendo para mim e ainda queria que eu ignorasse.

Exalei com força.

Na boa, minha fome de comida tinha ido para o ralo e outra subiu exigente. Depositei o garfo no prato e o guardanapo ao lado. Meu sorriso malicioso espalhou e eu dei a volta.

Escutei Thor amaldiçoar baixinho quando coloquei minhas mãos sobre a dele.

Não esperei que ele começasse com sua balelinha, levantando-me. Puxei a toalha fora e sentei-me escarranchada em cima dele. Suas mãos vieram para o meu quadril.

— Você está muito duro.

— Você não comeu quase nada, Ella — ele apontou num tom de advertência. Sorri de lado, mordendo o lábio e mexi os quadris contra sua ereção, olhando em seus olhos. As mãos dele me pararam. A mandíbula marcando. — Por favor, neném, você precisa comer um pouco mais.

Dobrei-me sobre ele, envolvendo seu rosto nas mãos e lhe beijei com fome. Os dedos em meu quadril apertaram firme. Ele respondeu, enfiando a língua no fundo da minha boca.

Calor selvagem umedeceu meu sexo. Puxou e flexionou. Eu gemi baixinho.
Levei a boca para o lado, beijando seu rosto lisinho até a orelha.
— Eu não quero comer, Thor, eu quero ser comida.
Seu rosnado me fez sorrir e seu próximo assalto me fez chorar de prazer.

Capítulo 20

Thor não estava na cama.

Eu quis rastreá-lo para saber por que ele não estava comigo, porém me sentia muito bem como estava, esparramada entre os lençóis, para querer abandonar o conforto macio sob mim.

Suspirei enquanto aconchegava melhor a cabeça sobre o travesseiro, enviando para baixo a necessidade que de repente senti de me levantar e mover meus membros.

Como se eu não tivesse feito nada mais que me mexer nos últimos dois dias.

Thor tinha imposto um ritmo de exercícios sexuais, que valiam por um mês de intenso treino na academia. Não que eu estivesse reclamando de qualquer coisa. Va bene, talvez minha vagina ardida discordasse um pouquinho. Mas, foder, comer, dormir e foder de novo — não necessariamente nesta ordem —, parecia ser uma ótima rotina para uma vida saudável.

Abri os olhos um pouquinho e foquei no relógio digital da cabeceira.

Dez e vinte da noite. Dez e vinte um. Dez e vinte dois... e seis.

Bufei ao mesmo tempo em que meu estômago roncou. Puxei as pernas para fora da cama e me sentei, com o maxilar travado quando a fisgada entre as coxas reteve minha respiração nos pulmões.

Não era grande coisa, apenas um desconforto mediano suportável.

Na verdade, me sentia num estado letárgico de satisfação.

E sabe o quê?

Eu não me arrependia de nenhum minuto do que fiz aqui, e se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo e de novo. Eu sei. Ninfomaníaca não fazia jus a minha pessoa.

Sorri comigo mesma e me coloquei de pé indo para o banheiro.

Na frente do espelho conferi minha bagunça. Primeiro, me escandalizei e depois ri.

Deixe-me dizer isso, eu tinha lábios que fariam a indústria do botox morrer de inveja. O cabelo era uma bagunça generalizada de fios emaranhados. E até aonde meus olhos podiam alcançar, havia marcas dos dedos e da boca gostosa daquele puto espalhados em minha pele clara.

Abandonei a inspeção para procurar no armário o remédio, que Thor tinha me dado mais cedo, e quando achei eu tomei isso com a água da torneira mesmo.

Depois do banho agarrei uma camisa branca de Thor.

Procurei minha bolsa e a achei na poltrona, em seguida, peguei meu celular de dentro. Chamadas de Mamma apareceram no visor, mas optei em mandar uma simples mensagem para ela ao invés de ligar e ouvir a Missa do Galo. Baixei o celular e joguei uma olhada para a cama bagunçada, onde tive os melhores orgasmos da minha vida e sorri em segredo, antes de, enfim, deixar o quarto.

O apartamento estava silencioso e sombreado pela iluminação baixa.

Thor não estava em nenhum lugar avista e eu aproveitei para explorar seu habitat.

Ele tinha bom gosto, disso eu não podia culpá-lo. A estética gritava macho, como na suíte. Tons escuros contrastando com o creme das paredes. Frio e aconchegante ao mesmo tempo.

Na cozinha peguei o pote Ben&Jerry's de chocolate com menta, que estava pela metade, e uma colher então reiniciei minha perambulação, passos mais tarde chegando à conclusão de que o apartamento era enorme para um cara sozinho.

Enquanto vagueava pelo corredor indo na direção inversa da suíte e dos quarto, eu escutei a voz abafada de Thor, vindo de uma porta fechada. Parei na frente dela e a abri sem cerimônia.

Ele estava sentado detrás da mesa de madeira escura e falava ao telefone em uma língua que pensei ser russa. Dei uma rápida conferida em torno e descobri ser o seu escritório. O olhar dele pousou em mim e eu sorri de boca fechada. Thor sorriu de volta, gesticulando com o dedo para que eu entrasse. Eu não me fiz de rogada e, em seguida, transladei até a estante cheia de livros.

O olhar dele não me abandonou enquanto eu corria o meu pelas fileiras bem organizadas. Uma variedade de títulos que iam do Direito Criminal aos clássicos literários ingleses e italianos. Era um arsenal impressionante, que em outro momento reteria minha atenção.

Plantei a bunda no sofá enquanto o aguardava desligar o maldito telefone. Tomei umas colheradas a mais de sorvete e fucei no meu celular. Entrei no modo câmera e mirei nele, que mostrou uma fileira de dentes brancos antes de eu clicar. Uma. Duas... cinco vezes. Guardei isso e esperei até que meus dedos começaram a tamborilar impacientes no braço do assento.

Dez minutos e nada de Thor desligar a merda da chamada.

Só era o que me faltava agora, ser trocada por um telefone!

Exalei irritada e me levantei indo em sua direção. Thor cerrou os olhos em desconfiança, mas eu o desconsiderei. Sondei atrás dele, colocando as mãos em seus ombros nus e comecei a massageá-lo de maneira distraída. Ele relaxou contra o respaldo da cadeira. Muito a vontade. As esquinas dos meus lábios oscilaram e, em seguida, eu olhei em volta com curiosidade. A mesa estava muito organizada, quase limpa de papéis e o Mac desligado. O celular dele sobre uma pasta.

Monitorei abaixo sobre ele enquanto corria a língua sobre meus dentes superiores.

Thor era uma tentação, mas tinha hora que ele abusava.

Ele vestia apenas um jeans claro, não obstante daquela abundancia de músculos firmes e fortes chamando meus dedos, o botão da calça estava aberto deixando-me consciente da falta de cueca.

Lambi os lábios. Não pude deter o impulso arteiro quando deslizei as mãos devagar pelo peito dele, tendo o prazer de sentir seus músculos se apertarem quando refiz o trajeto para cima, usando as unhas e joguei sobre um mamilo escuro. Inclinei até que meus lábios alcançassem a pele nua de seus ombros e trilhei beijos em direção a coluna grossa do pescoço. Lambi o caminho para a sua orelha. Belisquei a pele abaixo e contornei a concha com a ponta da língua.

Ele exalou forte e vacilou no telefone.

— Você prometeu que seria somente você e eu o final de semana *todo* — sussurrei manhosa ao pé da orelha dele e, em seguida, mordi a ponta com um pouco mais de força.

Thor se moveu na cadeira e esticou a mão abaixo.

Oh, sim. Ele estava excitado.

— Por favor, neném, me dê apenas um minuto — pediu rouco, com o rosto virado para mim enquanto segurava o bucal do telefone. A voz. A expressão. Enviavam-me um desafio irrecusável.

Eu dissimulei, camuflando minhas intenções travessas quando contornei a cadeira e me sentei no colo dele, encenando desconsiderar o cume duro sob minha bunda. Só fingindo mesmo, porque meu sexo se apertou logo no primeiro contato e começou a ficar molhado.

Eu quis me esfregar nele. Fazer uma lap dance bem safada só de sacanagem. Segurei isso.

Girei o rosto e plantei um beijo na parte baixa de seu queixo e, em seguida, me dobrei para frente para pegar o seu celular e voltei, cuidando para que o movimento pressionasse minha bunda contra seu pau, de forma exagerada. Thor não se moveu, mas bem senti seu corpo ficando tenso a cada segundo. Coloquei o aparelho no modo câmera e dei um show de cliques de nós dois. Beijando seu rosto e lábios, mordendo o queixo, lambendo a orelha...

Ele se remexeu sob minhas investidas. Porém, ele não me segurou. Ele nem mesmo me tocou. A mão livre estava em punho pousada sobre o braço da cadeira.

Bati as pálpebras para cima para o rosto bonito marcado com linhas duras e seu olhar escurecido me fez uma censura feroz, autoritária. Colhi os ombros e fiz uma careta entediada.

Nós não estávamos indo para lugar nenhum, porque o *Sr. Controle* estava decidido a resistir as minhas apostas. Sorte dele que eu tinha uma determinação ferrenha.

Ri baixinho. Ele contraiu os olhos para mim.

Balancei para fora do seu colo e me sentei sobre a mesa de frente para ele.

Ignorei seus olhos vigilantes e um sorriso malicioso laçou meus lábios quando observei as marcas de unhas, que eu tinha deixado em seu abdômen e braços. A mordida no peito. Mais acima, seu pescoço também estava marcado com uma chupada roxa.

Meu selo de propriedade estava nele.

Qualquer puttana que chegasse perto dele saberia que ele tinha dona.

Deslizei abaixo e corri a língua sobre os lábios uma vez que foquei a tenda tentadora.

Thor limpou a garganta, chamando minha atenção, entretanto, eu não desviei os olhos da sua pélvis até que o senti tocar minha perna. Acariciando minha panturrilha devagar e, em seguida, subiu indo até a coxa e voltando para o tornozelo, com carícias suaves e vagarosas.

Plantei os pés em cima das suas coxas e escorreguei um, esfregando-o contra sua ereção. Ele agarrou meu pé, freando-me. Olhei para ele e dei meu melhor sorriso casto. Em resposta Thor me lançou outro sorriso, muito perverso, um curvar cheio de promessas diabólicas, que teve minha barriga formigando. Eu quase fiz à dançinha da vitória quando o vi abaixando o telefone para no último momento apertar o botão do viva-voz, antes de deixar o telefone no gancho.

— Por favor, me dê um instante Adam — disse ele em inglês, quase num rosnado e se levantou, ficando no meio das minhas pernas.

Uh, então é com Adam que ele falava. Menos mal!

Mas que merda era essa de instante? Ele não iria desligar o maldito telefone?

— O que... — tentei falar, porém o dedo dele em meus lábios me calou. Não aguentei e lambi a ponta, tragando o dedo para dentro numa sucção molhada e estalada.

Sua expressão apertou e eu morri para não rir.

Thor puxou o dedo fora e me beijou forte e breve, mas o suficiente para me deixar tonta e ofegando quando ele me soltou para roçar os lábios em minha orelha.

— Calada — comandou numa voz sombria.

Estendi os braços atrás do meu corpo e espalmei as mãos contra a madeira enquanto ele segurava as lapelas da camisa e, em seguida, puxou isso para os lados num só golpe.

Os botões choveram para todos os lados.

Eu o olhava sem entender nada. Aquilo era muito excitante e tals, no entanto, eu não achava nem um pouco agradável Adam nos ouvir foder. Isso era no mínimo constrangedor.

— Thor não...

Seu olhar duro me calou e ele se dobrou sobre mim. Face a face.

— Eu pedi a porra de um fodido minuto. Sei que é uma garota safada e está louca para ter meu pau, apesar desses dias eu não ter feito outra coisa, se não me afundar em você. Eu gosto da sua disposição, baby. Me deixa maluco. Mas custava esperar o fodido minuto? Isso aqui é importante.

— Vai foder Adam?

— É uma provocadora, não é assim? Eu também adoro provocá-la. — Sua mão segurou meu rosto, me forçando a olhá-lo, mas eu não perdi o vislumbre da outra indo abrir o zíper de seu jeans enquanto ele acrescentava num tom sexual. — Agora aguente. — Ele endireitou as costas ao mesmo tempo em que puxava o pau para fora, guiando a cabeça púrpura contra minhas dobras e a esfregou lá. Gemi baixinho quase não podendo controlar o impulso do meu corpo. Ele me encarou bravo. — Eu não quero ouvir nem um pio seu. Estamos entendidos? — Acenei em concordância, com medo de abrir a boca e não conseguir manter meus gemidos trancafiados. — Boa garota.

Ele segurou a base e bateu o comprimento contra meu clitóris antes de esfregá-la contra minhas dobras

úmidas. Cada açoite vibrando em meu corpo. O ardor aumentou e meu desejo também.

Ele esticou as mãos e as deslizou através da minha barriga subindo para meus seios. Os dedos beliscaram as pontas até que elas enrugaram então Thor se dobrou, envolvendo-os na boca.

Eu olhei tudo, cada movimento, com os lábios entre abertos, ofuscada, hipnotizada pelo prazer se formando dentro de mim por cada mínimo toque dele.

Thor me abandonou e eu lamentei com um suspiro pesado.

Ele se sentou na cadeira e, em seguida, ancorou minhas pernas em seus braços, expondo-me por completo ao seu ávido olhar. A língua vermelha molhou seus lábios e as burcas azeviches sondaram o meu rosto com uma expressão imperturbável, e então, seus dedos profanos me tocaram.

Engoli duro.

— Desculpe a demora, Adam. Continue, por favor, — disse ele em inglês.

Eu deixei de ouvir qualquer coisa. Minha audiência, todos meus sentidos eram exclusivos para os dedos treinados de Thor rastreando pela a fenda lisa, subindo e descendo, num lento e contínuo instigar. As pontas espalhavam meus fluídos, indo até a entrada e pressionando dentro bem devagar.

A mordida da ardência rivalizando com minha vontade de tê-lo dentro.

Eu arfei mais alto. Ele me fitou com uma sobrancelha arqueada, pegando-me no flagra. A advertência como aço chamuscando no fundo de seus olhos. Umedeci os lábios.

Thor pareceu ler meu corpo, porque em seguida ele estava dobrando a cabeça e a língua deslizando devagar sobre meu clitóris. Mal tive tempo para absorver a sensação, porque ele me soltou para responder Adam no idioma que falava antes. Só não protestei porque o polegar substituiu a boca enquanto o dedo em meu canal começava a se mover devagar.

Deixei as costas pousarem na mesa e apertei meus seios, amassando, puxando as pontas quando as sensações deslizaram através de mim. Fechei os olhos, mordendo os lábios com força. Meu quadril começou a se mexer buscando mais. Minha pele esquentando muito quando a comoção febril se instalou no meu útero e minhas paredes tragaram seus dedos. Eu estava me esquecendo do desconforto. Me perdendo. O prazer vindo de mansinho...

O gemido frustrado nasceu no fundo da minha garganta, e eu tive de morder a língua para engoli-lo de volta quando Thor *de repente* apartou as mãos de mim.

Tremendo apoiei-me nos antebraços e lancei um olhar aflito para o maledetto.

— Depois nós terminamos essa conversa Adam — disse ele em inglês, finalizando a chamada, em seguida. Seus olhos estavam ardendo desejosos. Ele me lançou um sorriso safado enquanto forçava a calça fora do seu quadril. — Agora eu *deixo* você gemer e gritar aos quatros ventos o nome do seu macho, my bitch.

— Me come logo seu puto!

Eu tinha soltado o macho das cavernas, meu cavalo, e apreciei cada segundo da sua liberdade.

Era loucura. Ele tinha estado dentro de mim por mais tempo que poderia ser considerado saudável, se é que existia um tempo certo para isso. E, bem, partes específicas do meu corpo, que estavam doloridas, poderiam ter argumentos a favor disso. Mas concluí que não importava quantas vezes Thor me possuísse ou a forma, eu sempre iria querer mais.

— Linda — ele disse quando se retirou de mim. — Curvada sobre a mesa com o semblante de mulher bem comida. Meu gozo escorrendo até sua buceta inchada. Está pingando no chão. Seu rabo está aberto e cheio do meu leite. É uma visão quente do caralho, neném.

— Eu não posso me mexer... Acho que me matou dessa vez — assoprei baixinho.

Ele soltou uma risada jovial.

— A culpa é sua por ser tão gostosa e viciar meu pau. Sabe que deixou o menino todo esfolado?

— Estamos quites. Porque minha menina está toda assada. — Lancei uma olhada para trás, ainda com a cara colada na madeira. — Creio que darei férias a ela por tempo indeterminado.

— De jeito nenhum!

Ele me pegou no colo e começou a caminhar para a porta.

— Ei! — Ele parou de andar e olhou para baixo. — Nem pense nisso, seu tarado — acrescentei um alerta muito sério, com os olhos estreitados para ele.

Thor soltou uma risada gostosa lançando a cabeça para trás e recomeçou a caminhar.

— Molenga!

— Eu não sou molenga, mas também não sou de ferro.

— Não vou fazer nada além de cuidar de você, neném — disse sério, com uma expressão de indignação enquanto entrávamos na suíte. — Eu não sou louco. Sei que eu acabei com você.

— Modéstia mandou um alô.

Ele me lançou um sorriso torto e me deu um beijinho, desfazendo meu bico.

— Seu biquinho é muito sexy neném. — Rolei os olhos. Ele entrou no banheiro e me colocou sentada na pia. — Agora fica quietinha aí enquanto eu encho a banheira. Então vou te dar algum remédio para te ajudar a relaxar e depois do banho eu vou cuidar da minha buceta.

— Eu tomei um daqueles que me deu mais cedo, antes de ir te procurar.

Ele assentiu e cuidou do banho. Uma vez que a banheira estava cheia e os aromas de óleos perfumados flutuaram no ar, Thor me pegou no colo, novamente.

— Eu não estou inválida, sabia?

Estava adorando todo aquele cuidado, porém já estava me sentindo uma boneca de pano com ele me pegando no colo toda hora. Eu não estava acostumada a isso.

— Eu sei que você não é inválida, mas quero cuidar de você e vou fazer isso.

— Não preciso que *cuide* de mim.

— Será que custa você deixar sua arrogância de lado somente por algumas horinhas e fingir ser uma garota normal enquanto me deixa cuidar de você? — indagou irritado. Engoli meu orgulho e assenti, com um suspiro alto. — Boa menina! Assim que eu gosto. Obediente.

— Senti, seu babaca, se você continuar me sacaneando, eu vou embora e não olho na sua cara nunca mais! — Era para minha voz sair seca, mas o máximo que consegui foi sussurrar.

Ele parou de andar e me olhou sério, com as sobrancelhas juntas. Abri a boca para continuar meu discurso, todavia, seus lábios sugaram as palavras e a irritação repentina.

Thor entrou na banheira comigo segundos depois e me colocou sentada entre suas pernas, com as costas contra o peito dele. Fiquei em silêncio, observando seus gestos calmos e cuidadosos para comigo enquanto ele deslizava a esponja sobre minha pele. Ele banhou cada parte do meu corpo com tanto cuidado, como se eu fosse de cristal. Era quase impossível imaginá-lo sendo tão delicado e amável. Se eu não estivesse vendo com meus próprios olhos e sentindo na pele não acreditaria que ele era capaz de tal proeza. Ele até me secou e penteou meu cabelo, antes de me depositar na cama.

— Me espere aqui, eu já volto — disse carinhoso e, logo após, saiu para o banheiro e quando retornou, ele tinha algo nas mãos. Ele se sentou nos meus pés. — Abre as pernas neném.

— Thor...

— Eu apenas vou passar essa pomada na minha buceta, neném. Ela vai ajudar a melhorar a ardência e o desconforto que está sentindo — disse divertido. Eu o olhei desconfiada. — Não aja como se não tivesse sido você quem foi atrás do meu pau.

— Eu não fui atrás do seu pau.

Thor sacudiu a cabeça em consideração.

Apertei os olhos e espalhei as pernas abertas, observando-o sentar entre elas. Ele espremeu a bisnaga depositando uma boa quantidade nos dedos e, em seguida, levou-os para minha intimidade, passando a tal pomada com tanta delicadeza, que me surpreendeu.

Meu corpo estava cansado, mas minha colega lá embaixo por mais ardida que estivesse não tomava

consciência do estado em que se encontrava, molhando-se. E isso não passou despercebido por Thor que me lançou um sorriso malicioso. Orgulho apertou suas feições.

— Thor — adverti quando senti o dedo dele passar pela minha entrada sem vergonha.

— Neném, eu sei que você está dolorida aqui — disse com falsa indignação enquanto colocava o dedo um pouquinho. — Está muito inchada.

— Davvero? E por que seu dedo continua metendo dentro?

— Escorregou — disse casualmente, dando os ombros e retirou o dedo, tornando a passar a pomada em volta e toda ela. — Além do quê, precisava passar um pouquinho dentro também.

— Acabou?

— Sim.

— Então saí daí!

Ele saiu da cama indo para o banheiro.

— Thor, eu preciso de outra camisa e uma cueca — falei quando ele voltou.

— Não vejo o porquê dessas formalidades comigo, Ella. Eu já te conheço da cabeça aos pés, além do mais, eu gosto de olhar para você sem nada me impedindo a vista.

Continuei olhando para ele com a expressão fechada, demonstrando que iríamos ter uma briga por isso, se ele insistisse em ser um arrogante de merda. Ele bufou e eu soube que tinha ganho.

Thor foi até o closet e voltou, entregando-me as peças, com uma expressão de desagrado.

Eu sorri satisfeita.

— Grazie mille.

— Estou com fome e não tem mais nada na cozinha. Vou pedir algo para nós, okay? — Assenti e comecei a me vestir enquanto ele pegava o telefone. — Você prefere alguma salada em especial?

— Tem de estar brincando comigo? Não mesmo! — ralhei com as mãos na cintura. — Quero pizza com muita mussarela. Ah, sorvete de chocolate também, porque o de ontem acabou.

Uma sobrancelha negra curvou.

— Eu te disse para não usá-lo no meu pau, não disse?

— Isso foi antes ou depois de eu colocá-lo na boca? Hum... acho que foi antes, porque depois apenas me lembro de você mesmo besuntando seu pau no sorvete e me rogando pra chupar.

Ele sacudiu a cabeça e se afastou. Eu me joguei na cama e peguei o controle da televisão, ligando num canal qualquer. Pouco depois Thor se juntou a mim, vestindo uma calça de moletom cinza e se sentou com as costas apoiadas no monte de travesseiros contra a cabeceira da cama. Escorreguei entre as pernas dele, com as costas contra sua frente.

Sua mão esquerda fez círculos em minha coxa com as pontas dos dedos. Com a outra mão, ele retirou meus cabelos do pescoço e eu pendi a cabeça para o lado lhe dando acesso num gesto involuntário. Seus lábios foram gentis, depositando pequenos beijos em minha pele.

Era bom e desconcertante ao mesmo tempo.

— Vai demorar? Eu estou morrendo de fome. Acho que tem um buraco negro no meu estômago.

— Meu Deus, Ella! Você é realmente uma esfomeada, verdade?

Dei um tapa na coxa dele e virei o rosto para olhá-lo.

— Eu não sou esfomeada! Você é que não me alimentou direito.

— Eu bem que tentei, mas você não quis — apontou sério, o ar brincalhão suavizando sua expressão. Eu mordi o lábio pega na mentira enquanto ele fazia um acréscimo. — Você preferiu se alimentar de mim. Fazer o que se eu sou mais gostoso que comida?

Ele riu às gargalhadas.

— É, nisso eu sou obrigada a concordar com você. Você é muito mais gostoso que qualquer comida e também é uma academia ambulante. A combinação perfeita. Eu devo ter perdido uns cinco quilos nesses dois dias.

— Logo a comida estará aqui para que você possa alimentar o verme que tem aí dentro.

Mordi seu peito. Ele xingou, esfregando o lugar. Eu ri.

— Se fizer isso de novo eu vou morder a sua bunda.

— Isso foi um convite?

Thor me sondou fixo por um breve momento, que me fez rubra nas bochechas.

— Eu não me importo de ter suas marcas em mim, Antonella. Eu gosto delas.

Antes que o constrangimento me envolvesse, ele me beijou suave. Levantei a mão, infiltrando os dedos nos fios sedosos e o segurei enquanto nos beijávamos. Ele recuou mais rápido do que eu gostaria, porém manteve seus lábios para o meu pescoço enquanto eu assistia à televisão.

— Por que veio pra cá?

— Por que eu fui obrigada por seu assecla?

— Boba. Eu não estou falando disso — docemente, disse ele, enquanto enlaçava minha cintura e pousava o queixo sobre o topo da minha cabeça.

Coloquei as mãos em seus braços e o dedilhei distraída.

— Va bene. Reformule a pergunta, per favore.

— Por que quis trocar a Itália pelos Estados Unidos? Pelo que soube você foi admitida em Oxford. Poderia ter permanecido na Europa perto da sua família e mesmo assim você optou por vir. Essa foi uma mudança um pouco drástica, não? Você deixou sua família, a vida que tinha lá. Essas são amarrações difíceis de serem desfeitas, mesmo que somente esteja aqui para estudar.

— Você não fez o mesmo?

— Me pegou. Mas, então, qual é o *seu* motivo?

— Os Estados Unidos tem uma grande campanha de liberdade, enfim, queria viver por conta sem meus pais em cima — murmurei sucinta, um pouco incomodada.

— Você poderia ter isso sem precisar morar aqui, Ella. Sua família tem posses e pelo que me consta dinheiro não é problema. Mesmo com eles, a liberdade não seria um problema. Com moderação, é claro. — Ri sem humor. — Disse alguma besteira? — Neguei com a cabeça. — Você deve sentir muita falta dos seus pais, não?

— Sim. Mia mamma é fantástica assim como o resto da família.

Selena realmente era uma mulher incrível. Dio sabia o quanto eu sentia falta dela e de todos. Eles eram as pessoas mais importantes da minha vida.

— Daqui a quatro anos você vai poder estar com todos eles.

Franzi o cenho em confusão.

— O quê?

— Quando se formar, eu imagino que vá voltar a morar na Itália com a sua família.

— Não! Eu não vou voltar mais — assinalei firme, fitando minhas mãos. — Quero dizer, talvez, eu vá, mas para visitá-los, não para morar. Não mais.

— Desculpe querida, eu não entendo. — Ele parecia desapontado. — Não me entenda mal, mas se eu tivesse a mínima chance de poder ter meus pais novamente, jamais ficaria longe deles.

Cutuquei o braço dele, brincando com os pelos ali por um momento.

— Até meus sete anos eu tive uma vida de princesa. Meus pais sempre foram muitos amorosos comigo, meu babbo até mais do que a minha mamma. Você sabe. Eu era a princesinha dele e tudo isso de filha única. Ele sempre me protegia de tudo e todos. Quando eu me machucava ou tinha pesadelos a noite, era para ele que eu corria ao invés da mamma. Ele era o meu super-herói.

Em minhas costas senti Thor ficar rígido.

— E o que mudou? — A nota de cautela em sua voz não pôde ser disfarçada.

— Papà sempre quis ter um menino para ser seu sucessor no comando do grupo...

— Você poderia sucedê-lo.

Ri brevemente com o quadro que ele pintou. Seria hilário!

— Você não entende. Babbo sempre foi das antigas, Thor. Mamma nunca exerceu a profissão para qual ela estudou. Primeiro, porque ela engravidou de mim logo que se formou e segundo porque Rocco nunca permitiu que ela trabalhasse fora. Ele sempre disse que não tinha necessidade disso, pois ele podia dar tudo a ela. O que de certa forma é verdade. Tudo que o dinheiro pode comprar ele dá a ela. Mamma por sua vez nunca fez objeção quanto a isso. Ela sempre o apoiou em suas decisões. — *Até demais para o meu gosto.* — Enfim, papai queria um *varão* para sucedê-lo. Ele sempre disse que o status de CEO e presidente era pesado demais para uma mulher carregar. Essas são posições para homens, pois necessita de um punho firme não de sentimentalismos.

— Isso é arcaico e muito machista.

Busquei o rosto dele e não pude deter meu riso pela sua expressão de indignado.

— É, não é? Rocco tem ideologias e preceitos dos séculos passados arraigado dentro dele. Eu realmente não tenho ideia para quem ele puxou. Com certeza, não foi para o nonno Pepe, nem para minha nonna Donna. Eles são tradicionais também, eu não nego, mas são muito tranquilos.

— Como sua mãe lida com isso?

— Amor — bufei. — Eles são loucos um pelo o outro, Thor, e babbo melhorou um pouquinho com o tempo. Refinou-se. Apesar dos anos de casados, eles ainda parecem dois pombinhos enamorados — acrescentei, com uma careta ao me lembrar do mel que era aqueles dois.

— Você não parece feliz com isso ou é impressão minha?

— Não é isso. Eles foram feitos um para o outro, se é que isso existe. Eu até acho muito bonitinho a maneira deles demonstrarem seus sentimentos um pelo outro. Mas é doce demais para mim. — Procurei seu rosto, ele estava sério, compenetrado. — Pessoas diabéticas não podem chegar perto deles, porque é morte na certa — brinquei, mas Thor não sorriu. — O que foi?

— Por que seu pai não é mais o seu herói? O que aconteceu?

Suspirei desconfortável, tornando meu olhar para frente.

— Como eu disse, babbo sempre desejou ter um filho homem. Quando eu completei sete anos, mamma engravidou e para a alegria dele, ela esperava um menino. — Eu ainda tentei, porém não consegui evitar a mágoa em minha voz, nem o nó incomodo se formando em minha garganta.

— Você ficou com ciúmes.

— Não! — me apressei em dizer. — Eu fiquei muito feliz mesmo. A ideia de ter um irmão era maravilhosa para mim. Eu sempre pedia um bebê a mamma, e quando ela me contou que teria um irmão, eu fiquei radiante. — Sorri com a lembrança. — Porém, Rocco mudou comigo. Todas as atenções dele passaram a ser para mamma e o bebê. Isso me chateou no início, porque eu não entendia bem o motivo de ele fazer isso, contudo, ocorreu-me que ele estava feliz e eu também. Você sabe. Coisa de criança. Eu teria alguém para brincar comigo e dividir as coisas. E mamma me deixou participar ativamente de praticamente tudo que se referia ao bebê, acho que isso amenizou as coisas entre meu babbo e eu, e me distraiu. — Pausei, respirando fundo, afastando a queimação tosca colocando água em meus olhos, antes de prosseguir. — Quando ela estava no quinto mês, eu briguei na escola, mas não era a errada. — Escutei o risinho dele e ignorei. — A garota me provocou, falando mal dos meus pais e eu endoidei. No fim, Selena foi me buscar. Ela não falou comigo no percurso todo para a casa e eu não me atrevi a falar, também. Sabia que ela estava decepcionada comigo. Uma vez que chegamos, ela me passou um sermão de morte e me mandou para o quarto. Eu já conhecia a cartilha. Eu ficaria lá até que ela fosse falar comigo e me liberar. Era sempre assim quando eu fazia algo de errado.

— Você deveria ser uma diabinha desde pequena.

— Nada que uma criança da minha idade não fazia — me defendi. — E essa foi a primeira e última vez que entrei no tapa com alguém na escola, se quer saber.

— Certo, certo. O que aconteceu depois?

Eu protelei. Mirei minhas mãos com os olhos turvos, queimando muito, de repente. Puxei rasas respirações, afugentando as lágrimas. Nunca tinha tocado nesse assunto com ninguém, nem tinha porque fazer. Esta era uma parte inútil da minha infância. Sem serventia, exceto me espinhar.

— Ella?

— Eu a obedeci. Fiquei no meu quarto até anoitecer, mas ela nunca tinha me deixado de castigo por tanto tempo. Mamma tinha por regra aparecer depois de alguns poucos minutos e conversar comigo.

— Você poderia ter saído antes.

— Eu deveria, na realidade — murmurei para mim mesma. — Todavia, eu não queria chateá-la mais. Ela tinha estado realmente brava, mas não gritando, sabe? Ela estava quieta naquele dia.

— E então?

— Mesmo com medo de levar bronca e ficar de castigo novamente, saí do quarto e fui ao dos meus pais, ela não estava lá. Então fui para baixo e quando cheguei à sala, eu entrei em desespero. Mamma estava caída no chão e tinha muito sangue em volta. Sangue dela. Eu corri e me ajoelhei ao seu lado, chamando-a, mas ela não respondia. Eu não soube o quê fazer. Estava muito apavorada.

Minha voz se quebrou, estrangulada pelo bolo de arames na minha garganta, machucando até que meus olhos reagiram e sem que eu pudesse lutar contra, as lágrimas caíram silenciosas. Respirei fundo, engolindo duro e recomecei em tom baixo enquanto sentia a raiva se mover dentro de mim.

— Eu me debrucei sobre ela, chorando e pedindo para ela acordar, ela não fez. Não sei quanto fiquei lá, abraçada a ela, somente me movi quando escutei o grito do meu pai. Ele veio correndo até nós e me tirou de cima dela, sem sequer me olhar, em seguida, pegou-a no colo e sumiu pela porta. Eu fiquei no meio da sala chorando e tremendo, estarrecida no que poderia ter acontecido com ela.

Um soluço irrompeu por meus lábios e eu tentei duramente afastar aquela sensação conflitante, mas as lágrimas bestas seguiam vindo em abundância. Era uma merda de mulherzinha.

Thor beijou meu cabelo e me apertou contra ele, suas mãos esfregaram meus braços num gesto de conforto. Ele não disse nada, apenas ficou ali comigo, esperando meu momento ridículo.

Eu não queria ser fraca.

Respirei o ar a baforadas, engolindo uma e outra vez, forçando aquela reação a parar.

Mais controlada, eu prossegui:

— O sangue dela nas minhas roupas e joelhos me fez reagir. Subi para o meu quarto correndo e tomei banho para me limpar, logo depois, me enfiei debaixo das cobertas. Nessa noite eles não voltaram para casa. Ninguém veio... Esse foi o pior dia da minha vida. Eu não podia dormir, porque toda vez que fechava os olhos eu tinha pesadelos realmente ruins.

Funguei. Ele me apertou gentilmente.

— Por que não ligou para os seus avôs? Ou qualquer outra pessoa da sua família?

— Estava muito aterrorizada para me lembrar deles. Eu apenas podia pensar na minha mãe, no que tinha acontecido com ela, se a veria de novo... Ver o sangue dela me trouxe pensamentos muito ruins. No outro dia era muito cedo ainda quando eu saí do meu quarto para ver se eles tinham voltado e encontrei babbo no quarto deles, mas mamma não estava lá. Rocco estava muito concentrado arrumando uma mala pequena para perceber minha presença até que me aproximei e perguntei por ela. Ele se tornou uma pedra, rijo da cabeça aos pés e quando me olhou não era o meu pai. Era um desconhecido na pele do homem que eu conhecia. Havia raiva nos olhos dele, me acusando em silêncio. Eu não entendi até que ele verbalizou isso, dizendo que mamma quase morreu por minha culpa e que eu deveria estar feliz por meu irmão estar morto, já que era isso que eu queria. As palavras já eram ruins o suficiente, mas o tom gélido que ele usou para proferi-las as tornou pior do que eram.

— Jesus Cristo! Como ele pode fazer isso com você? Você era só uma criança.

Dei os ombros enquanto brincava com os botões da camisa em meu corpo.

— Ele acreditava que eu era a culpada pela perda do bebê. A gravidez da minha mãe era de risco e ela

não podia ter nenhum aborrecimento. Todos andavam nas pontas dos pés ao redor dela. Eu tinha brigado no dia e foi ela quem tomou a chateação para si. Ele associou uma coisa na outra, eu acho. Miei nonni apareceram e me levaram para a casa deles. Depois de duas semanas, mamma foi me buscar. Se não fosse por ela, acredito que ainda estaria na cada deles. — Ri sem humor. — Depois deste episodio, Rocco mudou definitivamente comigo. Quero dizer, na frente da mamma tudo era como antes, mas longe dela, ele mal falava comigo e quando fazia era muito frio e distante, como se eu realmente não passasse de uma estranha para ele — mordi as palavras, sentindo a raiva crescer em mim, muito densa e bati isso para baixo. — Isso continuou por quase um ano. Todas as noites eu chorava até adormecer, me sentindo culpada pela perda do bebê.

— Sinto muito querida que tenha passado por um momento tão ruim. Mas você não teve culpa de nada — Thor disse, afagando meus cabelos. — Você sabe disso, não é, Ella? Foi uma fatalidade.

Minha expressão se apertou.

— Confie em mim, eu sei. Num sábado de manhã mamma saiu para fazer compras com as minhas tias, Giovanna e Pennelope, e eu fiquei em casa com Rocco. Como já era costumeiro, ele não perdeu a oportunidade de me acusar. Ele sempre era muito sutil, mas certeiro. Ele realmente podia fazer eu me sentir mal apenas com um olhar. Mas, graças a Dio, que deve ter tido pena de mim, mamma chegou mais cedo e o flagrou me dizendo coisas rudes. Rocco ainda tentou concertar, mas ela não lhe deu atenção, me chamando e me abraçou, em seguida, pediu para que eu fosse para o meu quarto enquanto ela falava com ele. Eu não obedeci, fiquei escondida ouvindo-os. Nunca tinha visto Selena tão furiosa. Ele tentou se defender, porém ela não lhe deu chances, dizendo que se ele quisesse culpar alguém pela perda do bebê, ele deveria culpar a si mesmo. Ele ficou estático, parecendo muito perplexo e descrente, como se ela estivesse surtando. Mamma pegou a bolsa, tirando de dentro um envelope e jogou isso nele.

— O que tinha no envelope?

— Fotos dele com outra mulher.

— Isso não quer dizer nada. O ângulo certo pode dar muitas interpretações erradas — me virei, sentando de frente para ele e o fitei cética.

— E o que você acha do ângulo dele nu transando com outra mulher? — Sua expressão não mudou. Exalei com força. — Que ironia, não? Ele estava certo de que eu era a culpada e, no fim, o único culpado era ele mesmo — terminei, com a voz carregada de sarcasmo.

— Eles estão juntos ainda? Digo, estão bem?

— Sì. Ela o perdoou. — Esbocei um sorriso, apesar de tudo eu não queria que eles se separassem. — Depois disso ele voltou a me tratar como antes, a princesinha dele, mesmo quando estávamos sozinhos. No entanto, nossa relação nunca mais foi à mesma. Principalmente, depois que minha mãe descobriu que não poderia ter mais filhos. Quando ele viu que o tão sonhado varão não viria, ele enfiou na cabeça que eu teria de sucedê-lo, com o argumento de que o Grupo tinha de ser comandado sempre pela família. Uma vez que meus tios não tinham qualquer interesse e talento para os negócios da família. Zio Romeo está para as corridas e sua rede de oficinas, zia Giovanna, bem, embora não trabalhe, ela tem uma aspiração fortíssima para o mercado da moda.

— Você deveria ter ficado feliz por isso, não?

— É claro que não! Por conta disso Rocco me colocou numa gaiola. Eu já era mocinha e queria curtir a minha fase como qualquer garota da minha idade, mas não podia. Enquanto minhas amigas iam a festas de aniversário, dormiam na casa uma da outra, essas coisas que meninas fazem, eu ficava em casa estudando, quando não eram os meus deveres escolares era com babbo me ensinando o funcionamento de uma grande empresa. Regras e tudo mais. Até meus amigos ele passou a escolher. Meninos eram proibidos, porque estes eram distração desnecessária, segundo ele. E pelo meu bom comportamento, ele me enchia de mimos. Eu não reclamava, porque minha liberdade era frágil demais para que eu me revoltasse.

— Eu sinto muito neném — disse ele, acariciando minha bochecha com o polegar.

— Não sinta — ralhei agressiva, tirando sua mão do meu rosto. — Eu não lhe contei isso para que sentisse pena de mim então guarde sua pena para outra pessoa!

— Eu não estou sentindo pena de você — grunhiu ele, segurando meus braços para me impedir de sair do seu colo. — Não coloque palavras em minha boca. Odeio isso, porra! Eu apenas sinto que tenha passado por essa merda. É difícil imaginar um pai tratando uma filha assim. É triste.

— Não é o fim do mundo. Sono qui e tutto va bene. Nenhum dano realmente — estalei, dando um beijo breve em seus lábios e me levantei, antes que o clima pesado me esmagasse.

— Aonde vai?

— Ver se a pizza chegou. Acho que ouvi chamarem no interfone.

Girei para sair.

— Ah, mas não vai mesmo! — Ele agarrou minha cintura e me jogou na cama, ficando por cima de mim. — Se não quiser que eu cometa um assassinato fique aqui.

— Qual o problema de eu pegar a pizza?

— Você está quase nua. Eu sigo dizendo a você que não compartilho mesmo a visão de suas pernas. É bom começar a me ouvir, do contrário, teremos sérios problemas.

— É um neanderthal, sabe?

Ele sorriu e foi lindo, antes de beijar minha garganta então me mirou nos olhos.

— Não neném, sou apenas um homem que cuida do que é meu. E você é minha. Mas confesso que a ideia de segurá-la pelos cabelos enquanto te dou umas *pauladas* soa bem fascinante.

Capítulo 21

THOR

Ela é diferente.

Com a mão sob minha cabeça, eu reduzi o olhar sobre o rosto relaxado do meu anjo diabólico e não pude ajudar a mim mesmo quando o sorriso repuxou meus lábios a ponto de dor.

Ela tinha a mão espalmada entre a bochecha e o travesseiro. Seu cabelo estava amontoado no alto da cabeça e algumas mechas caiam para o lado, os lábios entreabertos. Pele clara e cremosa.

Fitei-a com atenção, memorizando cada detalhe dela.

Antonella era naturalmente linda e sensual.

Tão bela, que me doía o coração olhá-la.

Eu tinha todo esse orgulho e arrogância expandindo meu peito por tê-la na minha cama. Isso era tão tolo e juvenil. Mas, como disse anteriormente, eu não podia ajudar a mim mesmo. Nem queria.

Somente ela. No meu lugar. Na minha cama. Em meus braços.

Eu tinha sentido tanta a falta dela, mais até do que eu supus ser normal e aceitável para a minha sanidade, e agora, eu simplesmente não podia me sentir menos orgulhoso. Era um sentimento que beirava o primitivo. Louco e incontrolável, mas que me fazia um bem do caralho.

Peguei um punhado daquelas pontas douradas e inspirei isso, enchendo os pulmões com o cheiro inebriante dela. Adorando o aroma de frutas. Meu pau reagiu, porém ignorei. Não queria atrapalhar seu sono, embora soubesse que ela não se negaria a mim. Isso era uma das coisas que me enlouqueciam nela. Sua disposição em me receber, mesmo quando esgotada. Ela era fiel ao nosso desejo.

Exalei fundo em uma reprimenda irônica comigo mesmo.

Tudo nesta garota rebelde me endoidava.

Ella de um jeito ou de outro sempre me atraía a ela.

Verdade seja dita, eu tinha sido ingênuo quando acreditei que ela não poderia mexer com a minha cabeça mais do que já havia feito. Como eu estava enganado! Se com aquele jeitinho nariz-em-pé dela, ela me derrubava, quando a vi de baixa guarda então ferrou de vez.

Ella, doce e entregue, era um TKO na minha defesa. Completamente na lona. Qualquer coisa que ela me pedisse seria dela no outro instante. Talvez o fato de eu me sentir um pouco culpado pelo atentado contra ela tivesse algum peso relevante sobre isso. Entretanto, era mais que isso...

Ella tinha encarado tudo muito bem. E, para ser honesto, eu não sabia bem se ficava feliz por ela parecer não se dar conta do real perigo cercando-a por estar envolvida comigo. Ou bravo.

Mas uma coisa era certa, ninguém poderia ser mais perigoso para mim — mesmo os caras ruins que eu tinha de lidar em meu trabalho — do que essa garota nua dormindo em minha cama.

Perigosa e gostosa pra caralho. Eu gostava disso. Eu gostava da combinação... Dela.

Inclinei-me dando um beijo em sua têmpora e saí da cama indo para o banheiro. Ainda era muito cedo, mas meu dia seria cheio. Tomei meu momento no chuveiro apenas deixando a água gelada soltar meus músculos. Logo que estive fora, escovei os dentes, fiz a barba e penteei o cabelo.

Quando retornei ao quarto, Ella ainda dormia profundamente enquanto o sombreado da manhã se derramava dentro do quarto silencioso. Ela tinha mudado de posição, agarrando o travesseiro e dobrando

a perna esquerda. O que deixou seu traseiro encoberto por minha cueca, empinado.

Olhando para sua figura, eu tive de concordar com Norah quando a mesma me disse meses atrás que Ella era diferente das outras que tive. Eu só não sabia exatamente o que a tornava tão especial, porque sim, ela era especial, de alguma maneira que eu ainda não entendia. Talvez fosse por causa da desordem que ela me deixou ou por ela tentar me rejeitar — coisa que nunca antes tinha ocorrido, mulheres não me dispensavam, senão o contrário —, mesmo seu desejo por mim sendo indiscutível.

Cacete, eu estava mais que surpreso por estar fissurado numa *menina* que mal tinha saído das fraldas e agia como uma inconsequente. Mas aqui estava o fodido negócio, meninas não me atraíam. As mulheres que levei pra cama eram todas acima de 24 anos. Até Ella bater sobre mim.

Era irônico que até mesmo Pietra tivesse me alertado sobre ela antes de eu pousar em Malibu.

Mas, porra, como eu iria adivinhar que sua comparsa-de-crimes pudesse me despertar o interesse?

Uma coisa era vê-la por uma foto, uma menina magricela, onde ela tinha apenas 14 anos, uma imagem congelada sem cheiro, sabor e movimento, que na época não dei importância. Outra era o ao vivo.

Então você vê, aqui estava eu de joelhos por essa garota mimada.

Ella tinha o frescor da juventude. Não que eu pudesse ser considerado um velho aos 30 anos, porém estava bem consciente da nossa diferença de idade. Doze anos. Era uma pancada, que preferi não analisar. Ela já me dava muito para trabalhar e, bem, não era como se eu fosse me casar com ela.

Franzi o cenho e a deixei dormindo quando fui até o armário. Agarrei uma cueca e um jeans. Em seguida, dirigi para a cozinha e deixei a cafeteira preparando o café enquanto fazia algumas ligações.

Uma vez que estive com uma caneca de café nas mãos, eu recordei da nossa conversa na noite anterior e endureci com a lembrança. Era uma boa coisa que Rocco Vicenti estivesse longe, porque a vontade que eu tinha de bater a merda fora dele me contorcia as vísceras.

Ele tinha sido sujo e desumano.

Antonella tinha tentado demonstrar frieza e indiferença, apesar das lágrimas, e, Deus sabe que, me cortou o coração ver cada gota que escorreu pelo seu rosto e sua dor camuflada. Era evidente para mim que o episódio lamentável ainda a atormentava. Mais do que ela tentava demonstrar.

Até que ponto isso interferia em sua vida?

Ela tinha criado em torno de si uma barreira quase impenetrável. Se devido a isso ou não, eu ainda não sabia, mas estava disposto a descobrir o enigma que ela representava para mim.

Seja como for, não era de se estranhar o porquê dela levar uma vida desregrada. Não que isso fosse desculpa suficiente para as loucuras delas, todavia, é como dizem, quem nunca comeu melado quando come se lambuza. E, apesar de tudo, eu não podia negar que fiquei feliz por ela se abrir para mim.

Para ser honesto, eu tinha ficado mais que feliz por ela compartilhar.

Tomei um sorvo do meu café e conferi as horas, fazendo uma careta de desgosto por ter que acordá-la, embora passasse das nove da manhã. Em seguida, comecei a preparar o café para ela.

Queria mantê-la aqui por mais tempo, porém devido à reunião que teria logo mais com os caras e Miller, tinha de enviá-la para a mansão. Não a queria envolvida nas minhas merdas.

Então lá estava ela, encostada ao batente da porta, ainda vestindo minha camisa, com os pés descalços, toda descabelada e rosto inchado pelo sono. Mais linda que qualquer Miss Universo. Tirando o meu fôlego apenas por estar aqui no meu espaço. E eu sabia, embora não gostasse, que sua proximidade a mim a envolvia indiretamente na merda que era a minha vida. Entretanto, eu também sabia que ela não poderia estar mais segura do que comigo. Ela era minha prioridade.

Dirigi-me até ela e beijei sua boca.

— Bom dia neném.

— Bom dia — ela disse, mordendo os lábios e corando levemente.

Uma coisa eu tinha aprendido sobre os gestos dela, e esses dois, em particular, ela só os produzia ao estar nervosa ou excitada. Preferi ficar com o primeiro, uma vez que sabia que ela ainda estava dolorida

dos nossos momentos aqui, apesar de não ter porque ela estar nervosa, a não ser que... Não.

— Sente-se que eu já vou te servir.

Eu voltei para o fogão e ela se aproximou sentando numa das banquetas altas.

— Você acordou bem cedo.

— Eu queria preparar o café da manhã antes que você acordasse. — Ela ergueu os olhos para mim com certa confusão. — Você não precisava levantar agora. Ainda são nove e meia, e eu sei que apenas tem aula às duas da tarde. Eu gostaria de ter levado o café para você na cama.

Ela sorriu sem graça e suas bochechas ganharam um rubor mais forte.

Logo servi nós dois nos arranjos que já tinha preparado de antemão. Despejei suco de laranja no seu copo e agarrei um pouco mais de café para mim. Ella regou suas panquecas com mel e começou a comer devagar. Sua postura estava reta e rígida, parecendo desconfortável. Estranhei, mas me mantive quieto e bebi um pouco de café sem tirar os olhos dela, que parecia muito dispersa em si mesma.

— Você está bem?

— Sì — ela respondeu sem me olhar e continuou a comer pequenos bocados.

Eu gostava de silêncio pela manhã, mas *esse* silêncio não me agradava e estava começando a me aborrecer. Antonella quieta nunca era boa coisa. Especialmente para mim.

Será que eu tinha feito algo errado? Ou ela só estava arrependida por estar aqui comigo?

Decepção invadiu meu sangue. Uma sensação que estava ficando muito familiar para mim desde que a conheci, mas ela estava muito enganada se pensava que poderia me dissuadir de desistir dela depois do que tínhamos compartilhado nesses dias aqui. Isso somente fazia minha determinação de tê-la mais ferrenha. Porque certo como o inferno, eu não estava indo abrir mão dela.

— Qual é o problema?

Ela me olhou de lado e deu de ombros.

— Niente. Perché?

— Depois de tudo que aconteceu aqui entre nós, temos de convir que é no mínimo estranho esse silêncio todo, para não dizer desagradável. Está distante e, obviamente, incomodada com algo.

— Ah! — Ela deu um sorriso sem graça. — Eu gosto de silêncio pela manhã — acrescentou, bebericando um pouco de suco, porém isso não me convenceu.

— Não gosto de mentiras Antonella.

— Eu não estou mentindo, é só que...

— O quê?

— Isso é bem estranho. — Estreitei os olhos. — Nunca fiquei numa situação dessas antes. Assim, de acordar com alguém com quem transei e tomar café juntos, se bem que na maioria das vezes em que dormimos juntos eu acordei sozinha. Quero dizer, nós até já acordamos juntos e tomamos café na mansão, mas não deixa de ser estranho ainda mais por ser você, sabe? Nós ficamos esses dias aqui e... Bem, é só estranho. Nós estamos *sozinhos* e não brigamos até agora.

— Se você quiser, podemos voltar para cama. Eu te faço dormir e prometo te esperar acordar. Depois podemos brigar e foder como coelhos para nos reconciliar.

Ela soltou uma risada gostosa e tocou meu braço. Um calor se alastrou do ponto que ela tocava até meu ombro. Apenas com o toque dela. Uma coisa tão simples. Eu a olhei deslumbrado.

O clima de tensão se dissipou e acabamos de tomar o café em clima de descontração.

— Eu não vou lavar a louça — ela disse momentos depois, torcendo o nariz para o balcão.

Eu ri entre dentes.

— Seria o justo, uma vez que cozinhei.

— Não te disseram? Sou injusta.

— Preguiçosa! Agora você vai tomar banho. — Peguei-a no colo antes que ela protestasse e fiz o caminho para o banheiro. — Não demore — acrescentei quando a coloquei no chão.

— Você não quer tomar banho comigo?

— A proposta é tentadora, neném, mas é melhor que vá sozinha. — Toquei seu rosto quando fiz um acréscimo. — Eu tenho uma reunião importante daqui a pouco. Não posso adiar. Se entrar aí com você não sairemos tão cedo. E você ainda está dolorida então não vamos abusar.

— E eu?

— Ben te levará para a mansão...

— Você está me tocando? É isso?

— É claro que não, Ella! Santo Deus, não comece a dizer asneiras. — Ela franziu o cenho, apertando os lábios para mim. — Eu gostaria muito de passar mais tempo com você. Só nós dois. Mas essa reunião é inadiável e eu não quero te envolver mais nisso. Então, por favor, seja boazinha. Eu prometo que à noite eu vou para a mansão, ou se você quiser podemos voltar para cá.

— Faça o que quiser! E não perca seu tempo me prometendo nada, pois a mim não interessa suas promessas. Você é só mais uma transa e nada mais.

Ela me deu as costas enquanto suas palavras me chicoteavam. Isso me enfureceu de tal maneira que eu segurei seu braço, puxando-a para mim com uma força desnecessária e, em seguida, a imprensei contra a parede usando o meu corpo.

— Ai, seu grosso!

— Grosso? Sim, eu sou. Você já comprovou isso várias vezes e gostou muito — sibilei com a voz baixa e fria, que qualquer outro com cérebro teria tomado a advertência, não ela. — Eu fico me perguntando por que você insiste em se comportar como uma vadia sem coração? Pra que isso? Para me enfurecer? Shhh... Calada! Agora entra nesse banheiro e tome seu banho. Suas roupas estarão em cima da cama para quando sair. Se vista e me encontre na sala sem fazer birrinhas. Entende isso?

— Sì, signore, figlio di puttana!

Antes que ela proferisse mais umas das suas gentis palavras, beijei-a forte. Ella não retribuiu e tentou me empurrar. Ela não estava indo ceder então afastei suas pernas com meu joelhos e, em seguida, infiltrei a mão na cueca que ela usava e comecei a esfregar seu sexo. Ela partiu os lábios gemendo e eu aproveitei para introduzir minha língua em sua boca, dando-lhe um beijo punitivo até que ela esteve me devolvendo isso. Mole e entregue. Recuei ofegante, com meu pau duro.

Queria debruçá-la sobre o vaso e me afundar nela, mas tinha que ter vergonha na cara. Não podia dar a ela nenhum prazer quando ela me feria dessa maneira.

Soltei-a e me afastei, mantendo meu olhar duro em seu rosto.

— Tome seu banho e me encontre na sala — ditei sem margens para a recusa.

— S-sabe que ti odio, no?

— Eu percebi — zombei, com uma piscada malvada.

Deixei-a no banheiro e peguei suas roupas no armário, colocando-as em cima da cama. Segui para o outro banheiro e tomei uma ducha rápida, tendo de me aliviar lá mesmo.

Logo que estive vestido, liguei para Benjamin.

— Venha pegar Antonella e a leve direto para a mansão.

— Estarei aí em dez minutos.

Momentos depois encontrei Ella sentada no sofá com uma cara emburrada.

— Desde quando eu tenho roupas aqui, Castellammare? Porque essas daqui não são as mesmas roupas que eu cheguei aqui há três dias.

Sentei-me ao lado dela.

— Eu pedi a Pietra que separasse duas ou três peças para você e me mandasse.

— E por que você não me disse?

— Porque gosto da sua bunda.

— Acha que eu tenho que andar pelada só porque você gosta da minha bunda?

— Isso e porque eu sou seu homem. — Puxei-a em meu colo e a segurei lá. — Vamos parar com isso, por favor, nós dois gostamos de ficar aqui independentemente de roupas, certo? Eu gostaria muito de passar o dia inteiro com você, contudo, não posso adiar essa reunião por mais que eu queira. Então desfaça esse bico e para com essa birra. À noite eu sou todo seu.

— Eu não estou fazendo birra — ralhou, e eu sorri concordando. — E hoje eu tenho que estudar até tarde para ter tempo para você — acrescentou, mirando as mãos.

Rocei os lábios em seu rosto e coloquei uma mecha úmida de cabelo detrás da sua orelha. Ela pendeu a cabeça para o lado e segurou em meu braço, apertando-o na medida em que eu beijava seu pescoço.

Meu celular tocou e eu me afastei para atender, ainda com ela em meu colo.

— Castellammare... Certo. Aguarde um momento. Nós já estamos descendo. — Guardei o aparelho no bolso e tirei Antonella do meu colo, em seguida, me levantei. — Vamos? Ben já está abaixo te esperando. Eu vou te acompanhar e fazer as apresentações.

— Se me pegar no colo outra vez, eu te arrebento.

— Eu não vou fazer isso neném, a não ser que você queira.

— Grazie, mas eu sei andar.

Peguei em sua mão e caminhamos para o elevador, mas ela parou antes que chegássemos até ele.

— Esqueci minha bolsa no quarto. Me dê um minuto.

Ela mal saiu e o elevador se abriu. Eu dei a volta, porém antes de completá-la fui pego de surpresa, ou melhor, agarrado. Norah pulou no meu pescoço e atacou minha boca antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Recomposto do choque, eu interrompi o beijo.

— Eu senti tanto a sua falta amor. Passar uns dias com mamãe é bom, mas ficar longe de você não é nada bom — ela disse sorrindo, com os braços em torno do meu pescoço e me beijou, novamente.

— Norah, eu... — murmurei sobre seus lábios e, em seguida, escutei um pigarro.

Tirei meus lábios dos seus e olhei para o lado e para cima.

Puta que pariu!

Ella tinha o semblante frio e me olhava raivosa.

— Você aqui querida? — Norah cutucou.

— Não *querida*. Eu não estou aqui, isso é uma miragem! — Ella respondeu sarcástica mirando abaixo, e só então me dei conta de que ainda mantinha minhas mãos na cintura de Norah.

— Ella...

— Boa diversão para vocês — ela disse, passando por nós, como um furacão.

Soltei-me de Norah e corri atrás dela. Precisava explicar o que tinha acontecido antes que ela pensasse merda, quero dizer, isso ela já estava pensando. Mas que porra!

Por que Norah tinha que aparecer justo agora?

— Ella espera — pedi, segurando seu braço e a virando de frente para mim no limiar do elevador. — Não é nada disso do que você está pensando. Eu posso explicar...

— Mi faresti un piacere, Castellammare? Muori, suo stronzo[55]! — gritou se soltando do meu aperto e, em seguida, correu para dentro do elevador. As portas se fecharam.

Corri as mãos pelo cabelo e as plantei no quadril enquanto exalava com força, sacudindo a cabeça muito puto, sobretudo, pelo inferno que eu tinha trazido sobre mim.

Mulheres do caralho.

— O que ela fazia aqui Thor? — Norah perguntou atrás de mim. Respirei fundo tentando me acalmar e fui até o bar me servir de uma dose de uísque. Bebi isso de uma vez. — Eu te fiz uma pergunta Thor. O que aquela garota estava fazendo aqui?

— Eu não te devo satisfação da minha vida Norah! Não se esqueça disso. Mas se quer saber, ela estava aqui porque *eu* quis assim. Satisfeita?

Ela me fitou com os olhos marejados e encolheu os ombros. Eu quis me chutar.

— Me desculpe, eu me excedi...

— Tudo bem Norah... Desculpe-me, querida, eu também não deveria descontar minha raiva em você — eu disse me aproximando e dei um beijo em sua testa, e então, deixei meu corpo arriar no sofá. — Os caras logo estarão aqui. Miller também está vindo. Conseguiu o que eu te pedi?

— Demorei um pouco mais porque esses documentos são quase extintos, mas consegui.

Ela se recompôs e se sentou do meu lado me passando os documentos.

A reunião terminou por volta das onze da noite. Com o ataque a Antonella, os caras e eu tínhamos que nos reorganizar para estudar as novas estratégias de como iríamos conduzir nossas ações de agora em diante. Era uma burocracia necessária, porém uma fodida dor no traseiro. Eu apenas queria matar o filho da puta por ter ido atrás da minha mulher, meus instintos gritavam por ação, mas não podia agir por impulso e ferrar toda uma investigação. Não podíamos errar. As garotas estavam seguras, todavia, isso não impedia que elas fossem alvos e os fodidos obtivessem sucesso numa nova tentativa, se por uma infelicidade nós acabássemos trocando os pés pelas mãos. Isso não estava acontecendo.

— Eric contate o Nerd para que ele decodifique os códigos do arquivo e me mande isso o mais rápido possível — eu disse quando me levantei. — No mais, estamos finalizados aqui.

— Não sei se dá para fazer muita coisa com aquele HD.

— Se existe uma mínima possibilidade, Nerd é o cara para o serviço. Com o incentivo certo, antes que o sol se ponha amanhã, ele terá os arquivos abertos e nós uma vantagem sobre os ratos.

— Certo — Eric assentiu. — Eu tenho isso.

— Se não há mais nada para falar, eu vou me retirar. Tenham uma boa noite e fiquem á vontade, vocês conhecem a saída.

Girei sobre meus calcanhares e comecei a caminhar em direção ao corredor.

— Castellammare?

Pausei fitando Miller sobre os ombros.

— Algum outro problema?

Ele se aproximou e eu dei a volta para encará-lo.

— Eu sinto muito pelo o que aconteceu com a sua garota na sexta.

Minhas feições se afundaram numa carranca severa.

— Seu departamento está corrompido.

— Sei. E estou apurando isso e já tenho um suspeito em vista. Ele já foi isolado só para que saiba e logo que tenhamos as provas, ele pagará por isso. — E acrescentou. — O delator não ficará impune.

— Ele ferrou parte da investigação e colocou os meus em risco — apontei com a voz embainhada em aço. — Isso não será tolerado. Não estou mais na agencia para ser complacente com esses tipos de merdas. Lembre-se disso. Precisa renovar seu pessoal, antes que continuemos com isso.

— Estamos cuidando disso. Não haverá mais nenhum erro.

— Estou confiando em você, mas precisa saber que se houver um novo atentado aos meus, eu não vou esperar o sistema aplicar sua justiça, compreende?

Com um aceno de entendimento, eu o deixei e fui para a suíte, e, posteriormente, ao banheiro.

Estava estressado e cansado. Uma dor de cabeça ameaçava a vir. Tudo em que eu podia pensar era em um banho e em como seria bom se tivesse meu anjo diabólico comigo.

Não tinha me decidido se voltaria à mansão ainda hoje. Antonella estava nervosa e eu queria dar tempo a ela para se acalmar, antes de conversarmos. Mas, então, ela tinha tido metade de um dia para isso.

Entrei debaixo do jato de água e a deixei soltar meus músculos. Outra briga tão cedo não me parecia animador. Isso porque eu nunca sabia o que esperar dela, digo, a birra era previsível, mas o que ela resultaria não. Ella podia ir de um extremo ao outro e virar do avesso em questão de segundos. Essa sua habilidade me enlouquecia, porém me estimulava também.

Provavelmente, eu estava enlouquecendo.

Aquele anjo diabólico era a minha perdição, e a merda, se eu não queria isso.

Sorri feito um bobo, lembrando-me das suas palavras de mais cedo. Apesar das más criações eu tinha de dar isso a ela, porque eu mesmo não podia sequer suportar o pensamento de outro homem tocando-a. Mesmo a insinuação do pensamento me deixava puto.

Ela era minha. Ponto final.

Certificar-me-ia que nossas declarações se valessem além do calor do sexo. Não seria algo fácil, mas eu iria cuidar para que ela estivesse tão interessada por mim como eu estava por ela.

Ella não era como as outras mulheres que se encantavam com o meu charme e logo queriam mais do que eu estava disposto a dar. Eu sabia. Aquela garota surrava meu ego. Ainda assim ela me desejava e não podia me negar, e eu poderia ser canalha o bastante para usar isso a meu favor.

Minha mente desviou e imagens do seu corpo macio tão disposto contra o meu preencheram minha cabeça, fazendo meu pau subir em alerta, engrossando com as lembranças.

Minhas bolas apertaram somente com a memória dela.

Fechei os olhos e gemi duro, espalmando uma mão contra a parede quando apertei a base do meu pênis, tentando frear a luxúria que disparou em minhas veias, mas foi inútil.

Ella estava sobre mim, dentro de mim.

Essa garota safada tinha me infectado de uma maneira visceral e incurável, e foda-se, eu queria morrer dessa doença, se isso significava ter uma dose diária dela.

Sua disposição em me levar, mesmo quando eu perdia o controle e me tornava um homem das cavernas, me enlouquecia. Nunca antes uma mulher tinha sido assim tão faminta. Na verdade, as outras antes dela me chateavam. Eram sempre frescas e fracas demais, com as fodidas aparências.

Ella não. Ela era voluntariosa, responsiva, sensível e muito feminina.

Uma gulosa.

Movi a mão, quase vindo no primeiro deslize ao invocar a lembrança de seus lábios me chupando e lambendo, sua fome em me beber enquanto eu gozava. Ela tomou tudo. Cada fodida gota com o prazer de quem bebia a melhor das bebidas. Maldita seja. Ela tinha me queimado vivo.

Pendi a cabeça para trás embargado na excitação e meus lábios se partiram quando a visualizei de joelhos na minha frente, o calor de sua boca na cabeça do meu pau enquanto os lábios chupavam forte e a língua sensual deslizava, testando o meu controle. Eu queria rosnar na sensação.

Meu pau ficou mais duro, minha mão mais insistente ao imaginá-la me tocando.

Cacete. Eu amava suas mãos sobre mim. De qualquer forma.

Ela estava aqui comigo, pungindo-me a vir duro em seus lábios. Eu precisava disso. Ela me fazia necessitado de derramar minha porra no fundo da sua garganta, em cada parte do seu corpo perfeito.

Fogo disparou por minha coluna e desceu se concentrando em minhas bolas, apertando-as contra a base do meu pênis. Meu gozo mais próximo. E eu me masturbei mais rápido...

Uma mão conhecida cobriu a minha *de repente*, o corpo nu atrás de mim se apertou contra o meu, obrigando meus olhos abertos e em alerta. A luxúria recuou e escoou para os lados.

— Mmm... Senti tanta falta desse pau — Norah ronronou. — Não sabe o quanto você fica excitante se tocando assim. Deixe-me fazer isso para você, querido.

Eu não sabia se devia me preocupar por ela ter entrado no box sem eu perceber. Provavelmente sim. Isso queria dizer que eu estava menos alerta e para alguém na minha posição esse era um erro fatal.

Apartei a mão dela com gentileza e girei para olhá-la.

— O que está fazendo aqui Norah?

Ela fez beicinho.

— Falando assim até parece que não gostou de me ver.

— Não é isso, querida — eu disse, tentando não soar indelicado. — Eu pensei que tivesse ido com os

outros e eu estava sozinho.

— Eu sinto a sua falta, Thor. E, bem, achei que talvez você quisesse tirar o estresse depois da reunião. Sei que sempre fica muito tenso depois desses trabalhos em mesa. — Seu olhar caiu abaixo para meu pênis, e ela lambeu os lábios sem disfarçar seu desejo. — E não errei.

Em outro momento, aquilo teria me excitado e eu não perderia tempo, colocando-a de joelhos e empurrando meu pau no fundo da sua garganta. Mas agora...

— É melhor você ir. Já está tarde.

— Eu não quero ir. — Segurei seu pulso, antes que sua mão descendo em meu peito chegasse ao meu pênis. — Não sente a minha falta? Eu estou morrendo por você em cada parte do meu corpo.

Ela pegou minha mão livre e a enfiou no meio de suas pernas, deixando-me ciente de quão molhada ela estava enquanto se aproximava de mim, de forma sedutora.

— Norah, me deixe tomar banho...

— Eu tenho uma ideia melhor — ela me cortou, beijando-me, em seguida.

Retribuí o beijo e não nego, até a amassei contra o azulejo sujeitando seu corpo menor contra o meu quase penetrando-a. Norah tinha sido o tipo exato de mulher que eu gostava até Antonella aparecer...

Quebrei o beijo, e afastei Norah, me sentindo frio *de repente*.

— O que foi?

— Saia, por favor.

Descrença congelou sua expressão.

— O q-quê? Por quê?

Fiz uma careta, sentindo-me desconfortável com a situação.

— Desculpe. Não está acontecendo.

— Por que não? Eu quero e você também quer. Não adianta negar. — Ela segurou minha ereção para enfatizar suas palavras. — Por favor, Thor. Eu estou doendo por você.

Suspirei pesado.

Porra, como eu iria explicar que eu estava duro por Antonella e não por ela?

— Não — afastei sua mão e acrescentei num tom firme, pensando que eu tinha perdido a mente de vez. — Não vai rolar. Saia, por favor. Preciso terminar o banho e ir para a mansão.

Com uma careta zangada, ela saiu. Eu xinguei baixinho. Entretanto, não quis analisar o que tinha acabado de acontecer, assim terminei o banho, deixando de lado meu pau *agora* encolhido.

Eu não estava sendo um canalha por agir assim. Norah e eu tínhamos um acordo que, embora pudesse parecer machista, funcionava muito bem para nós dois.

Ela sabia que eu não poderia lhe dar qualquer coisa próxima ao romance ou fidelidade, mas se ela quisesse ficar comigo, eu exigiria exclusividade.

Ela aceitou.

Norah era apenas minha para tocar e foder. E, confie em mim, eu a fazia rezar agradecida por cada fodido minuto do nosso acordo. Mas já não funcionava mais. Eu tinha de acabar com isso.

Eu saí minutos depois com uma toalha enrolada no quadril, encontrando Norah sentada na minha cama, com uma expressão muito séria no rosto. Estranhei, todavia, não disse nada. Passei por ela indo ao armário, onde agarrei uma cueca e jeans.

— Por que está agindo assim? — ela perguntou quando retornei ao quarto, puxando uma camiseta sobre a cabeça. — Você nunca foi de negar fogo. Não posso me recordar de um só momento que negou fazer sexo comigo. Eu não entendo. Fiz alguma coisa errada?

— Você não fez nada Norah — tranquilizei. — Sou eu.

— Thor, *por favor*. Essa historinha comigo não rola.

— Sério, querida. Você é linda. Muito gostosa. E nos damos bem na cama, mas eu não posso mais. — Ela estreitou os olhos, porém permaneceu quieta, esperando-me concluir. Eu exalei cansado e

acrescentei, tentando ser o mais gentil quanto possível. — Escuta, eu não posso enganá-la, você não merece isso depois do tempo que me deu. É linda. Uma mulher realmente incrível e merece um homem que saiba zelar por você na mesma medida. E esse não sou eu. Eu gosto de você, porém não é suficiente. Apreciei cada minuto nosso, contudo, não podemos mais continuar com isso.

Houve um longo silêncio.

— É ela, não é? É por aquela garota mimada que está me dispensando?

Contraí os olhos sobre ela.

— Não tem ninguém. Eu apenas acho que você merece mais. Não é justo que fique presa a mim, esperando por algo que nunca vai acontecer.

Ela levantou, com as feições irritadas.

— Você está tomando a decisão por mim! Eu já sou bem grandinha para tomar as minhas próprias decisões e lidar com as consequências dela, Heithor.

— Acha que não sei disso? Isso funcionou para nós por um longo tempo e eu realmente apreciei sua companhia. Não mais. Não a quero dessa forma. Nosso acordo termina aqui e espero mesmo que isso não interfira no nosso trabalho. Se não puder lidar com isso, me diga agora.

— Você não pode estar falando sério...

— Eu estou. Agora, isso será um problema entre nós?

Seus punhos apertaram, antes de ela relaxar.

— Eu sabia das consequências quando nos envolvemos, então não, não será um problema. Mesmo porque eu sei que vai voltar atrás. Nós somos bons juntos, Thor. Não pode negar isso.

— Não estou negando nada, apenas dizendo que nós dois não fodemos mais — grunhi, irritando-me por ela estar dificultando algo tão simples. Corri a mão pelo cabelo. — Desculpe falar desse jeito, porém não conheço outra maneira de dizer isso. Não quero te machucar, mas nós dois terminamos aqui. Episódios como os de agora a pouco e de mais cedo não devem se repetir.

Ela riu num misto de deboche e aborrecimento, que não entendi e não gostei.

— Ela te mudou mesmo, não é?

— Não é por causa dela, caralho!

— Não? E por que ainda estamos aqui Thor? Pode me responder isso?

Eu a olhei com o semblante sério.

— A reunião de há pouco não te disse nada?

— Sim. Um caso que não estamos levando nada. Nem um único centavo!

— Favores fazem parte do nosso trabalho.

— *Por favor*, Thor! Pare de enganar a si mesmo. — Ela começou a andar de um lado para o outro rindo alto. Eu a olhei preocupado. — Nós íamos ficar aqui o quê? Um mês? No máximo um mês e meio. E há quanto tempo estamos aqui? Quase três meses! Você pegou um trabalho pequeno logo que chegamos porque nem você, nem os caras queriam estender as botas como qualquer outra pessoa normal no mundo faria. Eu entendo isso, sério. Sei que são viciados em adrenalina e odeiam ficar parados, mas, então, você pegou *outro* fazendo um favor a um amigo e os caras foram juntos. Nathan e Eric, eu até posso entender. Eles estão a sério com as garotas, mas você?

— Está perdendo a mente, Norah — adverti quando me sentei para colocar as botinas.

Ela bufou.

— Estou? Eu não acho que estou perdendo qualquer coisa, quero dizer, no final das contas eu perdi, não é? Você recusou um trabalho grande, que em outro momento teria aceito sem pestanejar para ficar aqui perto *dela*. E antes que diga de novo que eu estou perdendo a mente, lembre-se de que eu sou seu manipulador. Ou será que isso também mudou?

Apertei a ponte do meu nariz aborrecido com essa merda sem sentido.

— Me diz, Norah. Você quer continuar comigo sobre as mesmas condições, apesar de saber que eu

nunca vou te amar? Que nunca vou oferecer a você o que realmente quer? Veja bem Norah, eu gosto de você, sinto um fodido tesão, tenho carinho por você e te respeito pra caralho. Mas eu não te amo.

— É muito engraçado, Thor. Porque isso nunca te incomodou antes, não é?

— Por Deus mulher! Eu só não quero mais, custa aceitar? Eu não quero te machucar e prendê-la a mim por mais tempo, sabendo que nunca vou poder retribuir seus sentimentos.

— Realmente. Você nunca vai poder me retribuir, Thor. E sabe por quê? — Franzi o cenho esperando ela concluir. — Porque você *ama* aquela garota.

Exalei forte correndo a mão sobre o cabelo crente que ela havia perdido a razão.

— Está dizendo tolices.

— Sabe do que mais? Você pode dizer que é bobagem e até acreditar nisso, mas quando eu vi aquela garota e a maneira que vocês se olhavam, eu tive certeza que havia alguma coisa ali. Sua cama bagunçada e o cheiro de sexo em seu quarto quando fui procurá-lo naquele dia não me deixam mentir, certo? Você mudou muito desde que chegamos. Há muito tempo que você não me procura mais. Está disperso e mais irritado que o normal. — Maneei a cabeça, me negando a ouvir tantas baboseiras. — E não diz que não é por ela, se você tem algum respeito por mim.

Firmei o olhar sobre ela, muito sério.

— Você não sabe o que diz, Norah. Sério, querida. Está perdendo a mente.

— Eu sei e você também sabe que tudo o que falei até agora é verdade. — Eu me mantive calado, incapaz de negar. — Você é o tipo de homem que ama apenas uma vez na vida e quando isso acontece é definitivo. Não há espaço para outra pessoa. Tudo em você é intenso Thor, desde as suas atitudes e, principalmente, com relação a seus sentimentos, por isso não pode mais manter nosso acordo. Você a ama! Eu é que fui idiota. Não queria acreditar que uma pirralha conseguiu em poucos meses o que eu tentei por anos. Mas sabe o que é mais hilário nessa história toda? Ela nunca vai te amar como eu te amo Heithor. E você vai sofrer, porque ela não quer nada com nada. Ela é jovem e imatura, e pior, é durona igualzinha a você. A diferença é que você tem a seu favor a maturidade, aceita abrir mão de algumas coisas. Com custo, mas aceita. No entanto, não podemos dizer o mesmo dela, verdade? É uma pena. Por que você seria mais feliz comigo.

— Norah...

Suas mãos e cabeça sacudiram.

— Não diga nada. Eu espero que vocês sejam felizes. Que *você* seja feliz. E não se preocupe, eu vou deixar o caminho livre. Nada vai mudar. Eu sou profissional e sei separar as coisas.

— Me perdoe querida.

— Não há nada para perdoar Thor. Eu sabia onde estava me metendo, conhecia os riscos e mesmo assim aceitei. Essas coisas não têm como a gente prever ou como escolher, simplesmente acontece.

— Eu realmente gostaria que as coisas fossem diferentes, Norah. — Me vi dizendo em tom baixo, ainda perplexo no monte que tinha aos meus pés.

— Eu sei. Eu também queria, mas eu deveria ter previsto que um homem como você gosta de coisas impossíveis. Pena que vi isso tarde demais. — Sorriu breve e sacudiu a cabeça. — Tenha uma boa noite e não se preocupe em me acompanhar, eu sei o caminho da porta.

Ela saiu, me deixando sem palavras e sem ancora.

Amor?

Cacete, eu sabia que gostava de Antonella, que tinha um carinho mais forte por ela, mas amar... Isso era forte demais. Permanente. Era... Porra! Isso não podia ser real, todavia, mesmo quando me negava a crer, a verdade era irrefutável. Estava nítida e enraizada dentro de mim.

Que outra explicação teria para como eu me sentia em relação a ela?

Todo aquele sentimento, uma mistura de proteção e possessividade, fúria e preocupação. Ela estava chegando a mim e eu não tinha nenhuma ideia de como parar isto.

Ela *tinha* chegado a mim.

Tudo que se referia a Antonella era do meu interesse, qualquer mínima fodida coisa.

Meu coração disparava quando a via. Eu ficava bobo perto dela. O ciúme doentio. A dor por estar longe. O desespero infinito por saber que ela corria perigo. Ela havia me transformado num fodido adolescente e eu não dava a merda para isso. Se isso não era amor, eu não sabia o que era.

Tudo começou por um capricho teu
Eu não confiava... era só sexo
Mas o sexo é uma atitude
Geralmente como a arte
E talvez eu tenha entendido e aqui estou.

Esfreguei as mãos no rosto e as corri pelo cabelo.

Como eu fui me enfiar nessa merda?

As palavras de Pietra encheram minha mente e eu quis me chutar. Tinha subestimado o sentimento crescente dentro de mim, pois não acreditava ser possível amar Ella.

Não me levem a mal, contudo, amar uma garota mimada não estava nos meus planos. Mas Pietra tinha razão. Agora eu podia ver com clareza o quadro que ela me pintou na tarde que conversamos após o flagra. Ella e eu éramos iguais. E, embora suas rebeldias me voltassem loucos, elas também me atraiam. Mesmo naquele momento eu não podia me afastar dela. Eu acreditei ser porque não havia chances de me apaixonar por ela quando, na verdade, eu já estava apaixonado.

Eu a amava e isso me desesperava porque a conhecia.

Por mais que ela gostasse de ficar comigo, ela não me amava.

E desculpa se te amo e se nos conhecemos
Há dois meses ou pouco mais
Desculpa se não falo baixo
Mas se não grito morro
Não sei se sabes que te amo...
E desculpe se rio, me entrego ao embaraço.

Comecei a me sentir angustiado, sufocado pelo sentimento expandido meu peito, queimando embaixo da minha pele. À distância se impondo duramente e me fazendo ansiar estar do lado dela.

Enquanto terminava de calçar minhas botinas eu pensei que aceitaria o que ela estivesse disposta a me dar, mesmo que fossem somente migalhas. Era preferível ter uma mínima porção dela a nada. A única coisa que eu não aceitaria era ficar longe dela. Sem ela.

A falta dela dominou meu peito, e então, eu fiz o que meu coração me dizia sem interrupções.

Peguei meu carro e segui para a mansão como um louco.

Eu precisava dela. Precisava olhá-la. Necessitava sentir o seu cheiro.

Cheguei à mansão depois do pensei ser os minutos mais longos da minha vida e o medo me dominou. Ella tinha esse poder sobre mim. Com ela, eu me sentia fraco e forte ao mesmo tempo.

Subi a escada rapidamente. Em frente a sua porta, eu hesitei por um breve momento, porém meu corpo tomou as rédeas. Eu entrei tentando fazer o mínimo de barulho quanto possível quando me aproximei da sua cama, ciente que ela dormia profundamente.

Meu olhar venerado correu sobre o amontoado de lençóis em suas pernas até seu rosto.

Olho pra ti fixamente e tremo.
À ideia de te ter do meu lado.
E me sentir somente teu.

E estou aqui e falo emocionado.
E sou um atrapalhado! E sou um atrapalhado!

Ella era bela, como um anjo dormindo. Tão graciosa... Nem de longe lembrava a garota forte e destemida que ela era. Ela parecia muito frágil e inocente, mas a verdade é que ela era um anjo diabólico. Meu anjo diabólico. Meu coração pulava no peito inchado demais.

Nunca me senti tão feliz, tão completo e estarrecido na minha vida.

Sentei-me na beirada da cama e com cuidado afastei do seu rosto algumas mechas de seu cabelo. Eu não queria, mas quando dei por mim, as pontas de meus dedos afagavam sua bochecha.

Ela tinha a mão sob a face, como de costume, e um sorriso angelical nos lábios que eu tanto amava. Minha vontade de prová-los se fez presente e eu lambi meus próprios lábios, resistindo.

Levantei com cuidado não querendo acordá-la e, em seguida, caminhei até a porta. Parei com a mão agarrada na maçaneta e joguei uma última olhada sobre meu ombro para ela.

Deus... Eu realmente amava essa garota.

O que eu iria fazer?

Eu não tinha a porra de uma mínima ideia.

Sacudi a cabeça e me voltei para frente pronto para sair do quarto.

— Thor?

Minha mão congelou na maçaneta.

— Sim, sou eu. — Olhei para cama, encontrando-a de lado com o tronco elevado enquanto coçava os olhos com uma mão. — Me desculpe querida. Eu não quis te acordar. Volte a dormir. Eu já estou saindo.

— Não vai não... Dorme aqui comigo.

Meu peito inflou enquanto meu coração faltava estourar.

— Tem certeza? — perguntei mal podendo esconder minha felicidade.

— Se ficar fazendo doce, eu vou até aí te buscar pelos cabelos.

Ri baixinho, soltando a maçaneta, mais feliz do que algum dia estive. Ella voltou a se deitar e eu fui ao banheiro. Tomei um banho gelado, tentando controlar minha ansiedade e quando retornei seus olhos já estavam fechados. Peguei uma cueca minha que tinha no armário dela e vesti.

Logo me deitei ao seu lado, puxando o lençol sobre nós e a abracei apertado contra mim.

— Buonanotte Thor.

— Buonanotte Ella.

Fechei os olhos e pela primeira vez enquanto inalava o cheiro dela e a tinha envolvida em meus braços, me senti em casa. Estava completo. Enfim, eu tinha algo de bom... Alguém que me fazia sentir vivo. Alguém por quem lutar e querer ser melhor por ela... para ela.

As três palavras deslizaram fácil por minha língua, antes que o sono me levasse.

— Eu te amo.

Capítulo 22

— Antonella? Ei, Antonella! O que aconteceu?

— O que aconteceu? Seu irmão aconteceu! O que mais podia ser? Ele é o único que faz questão de atrapalhar a minha vida desde que botou os pés aqui. — Bati a gaveta da cômoda fechada. — Maledetto babaca cabeça de merda! Rato de esgoto! Odio aquele vagabundo! Odio!

— Rebobine aí, per favore. — Ah, eu queria mesmo, mas queria rebobinar até aquela noite trágica de Setembro. — Vocês meio que estavam bem. Quero dizer, você ficou com ele todo o final de semana, o que sugere que fizeram as pazes. Achei que chegaria aqui feliz...

— Felice? Felice! Olhe bem para a minha cara, Pietra, e me diga se eu pareço feliz — exacerbei-me, com as mãos agitadas em fúria. — Feliz está ele por ter tido a honra de eu ter lhe dado umas horas do meu tempo. O que, claro, não vai acontecer mais!

— Calma, va bene? Eu já entendi que você não está de bom humor. Me ilumine aqui, porque eu não estou entendendo nada. O que aconteceu? Vocês estavam bem, não?

Respirei fundo, meus lábios franzindo enquanto eu rolava os olhos.

— Eu não sei o quê você define como "bem" — fiz aspas com os dedos. — Ele não me irritou até hoje de manhã, então, sim, nós estávamos bem. — Até demais para o meu gosto.

— Madre di Dio! Vocês fodem como coelhos e brigam como pitbulls. Isso é o quê? Algum tipo de preliminar pervertida? — Grunhi para ela. — Va bene. E por que vocês brigaram hoje mesmo?

— Perché quel indecente è uno stronzo e bugiardo[56]*! Ele teve a audácia de me mandar embora com a desculpa esfarrapada de que teria uma reunião importante...*

Minha língua correu solta intercalando entre os xingamentos e o desabafo. Foi bom tirar aquilo de mim, mesmo que não me fizesse menos raivosa, porém tive um pouco de alívio. Pietra era toda concentração. Só não entendi seu sorrisinho sarcástico quando cheguei ao final da história.

— Macacos me mordam! Realmente, você tem toda razão de estar se remoendo de ciúmes.

— Qual é sua Pietra? Deu para se drogar agora?

— Tô mentindo?

— Não Pietra, você não está mentindo, — seu sorriso ampliou, — você está ficando louca!

— Ah, Ella, per favore! Cale a boca. Não vamos ser hipócritas aqui, sim? Que outra explicação você tem para toda essa sua irritação, se não for ciúme? E, diga-se de passagem, amada, é um ciúme do caralho. Coitado de Thor. É bom alguém avisá-lo para dormir com os olhos bem abertos, caso contrário, ele acordará órfão de bolas. Ou algo pior.

Rangi os dentes e fechei as mãos em punhos.

— Senti Pietra, se for pra falar merda é melhor sair!

— UH... Tá nervosinha? Antonella, será que você não vê que só está assim porque gosta dele?

— Pietra, cara mia, é claro que eu gosto dele — falei, calmamente. — Io non sono stronza! Mas a maneira que eu gosto dele é diferente da que você gosta do Nathan. É sexo. Somente isso! Eu gosto da presença dele, mas não passa de SEXO! Não diga tolices. Porque eu jamais iria me apaixonar pelo seu querido irmão e não é só porque eu não quero me envolver com ninguém. Mas, sobretudo, porque ele é a última pessoa na face da Terra por quem eu me apaixonaria.

— D'accordo. Você não pode se apaixonar por quem já está apaixonada.

Soltei um riso frouxo.

— Em seus sonhos.

— Va bene. Então me explica uma coisa. Por que você está toda bravinha por conta do beijo que eles trocaram? Temos de convir, já que você não gosta dele e que isso entre vocês é só sexo, então você não deveria se importar se ele beija ou não a Norah, ou qualquer outra mulher. Você não acha? A não ser, é claro, que vocês fizeram um pacto de fidelidade.

Eu bufei irritadíssima. Pietra quando queria sabia ser desagradável.

— Quer saber? Vai pentear macaco!

Eu tinha ido caminhar na praia mais irritada do que nunca. As declarações ridículas da minha amiga da onça apenas tinham regado limão em meu humor, e eu cheguei à conclusão de que ela havia perdido a mente de vez. Pietra havia mudado muito desde que começou a namorar Nathan.

Ela somente tinha tido razão num ponto.

Eu não deveria ter deixado aquela situação me afetar tanto. Mas poxa! Eu sou mulher e mulher nenhuma aceita ser substituída bem debaixo do próprio nariz. Heithor tinha surrado meu orgulho. O que me dava o total direito de ficar com raiva. Qualquer outra ficaria. Eu fiquei, também.

Ele tinha voltado para a mansão tarde da noite e me despertado quando espreitou o meu quarto. Eu meio que fiquei feliz e a raiva sumiu assim do nada, também posso ter pedido a ele para ficar e dormir comigo, todavia, isso era porque ele próprio tinha me acostumado mal. Eu gostava de adormecer cercada por ele. O calor do seu corpo e seu cheiro eram um calmante natural para o meu sono. Muito aconchegante. Não vou negar que na manhã seguinte quando ele acordou e veio todo sem vergonha para o meu lado, eu dei um chega pra lá nele. Cogitei brigar e tirar satisfação sobre Norah, mas as palavras de Pietra vieram em minha mente.

Só uma besta apaixonada iria ficar dando crises. Não queria que Thor pensasse que eu estava com ciúmes dele. Era só o que me faltava! Ele já era um convencido, iria se achar mais ainda.

Era problema e mau gosto dele, se ele estava comendo aquela porca troia. Nós não tínhamos nada sério mesmo. E eu, certamente, não era nenhuma boba apaixonada para me importar com isso. Mesmo assim eu tinha ficado com raiva. O que não durou muito, devo dizer.

Thor tinha me seduzido com aquele jeito safado de ser, e eu não tinha resistido. Logo estava em seus braços, gemendo o seu nome novamente, como a boa idiota que eu era.

Alguns dias haviam se passado e minha relação com o Castellammare estava um pouco melhor, quero dizer, nós não éramos namorados ou coisa parecida. Eu preferia pensar que ele era um passatempo, o que não deixava de ser verdade. Thor por sua vez tinha mudado muito comigo desde que saí de seu apartamento. Ele estava mais tolerante, diria que até mais carinhoso. Ainda tínhamos algumas discussões bobas que logo eram esquecidas. Às vezes, eu o pegava me olhando com um brilho diferente no olhar. Havia devoção em seus olhos e outra coisa que não sabia exatamente o que era. Mas de uma coisa eu tinha certeza, eu já tinha visto aquele mesmo olhar em outra pessoa.

Pietra não me importunava mais com suas loucuras, apesar de suas palavras sempre rondarem minha mente. Porém, sempre que possível eu ignorava aqueles pensamentos tortos.

Eu não tinha porque me esquentar com algo que acabaria logo que Thor fosse embora, em vez disso, poderia aproveitar seu tempo na mansão e foi o que fiz.

Uma coisa eu não podia negar, desde que ele chegara, nossa rotina tinha ganhado novas nuances de mudanças. Nem tão calmo, nem tão agitado. Entediado e barulhento ao mesmo tempo. E foi numa tarde na semana do Natal que o agito tomou conta da mansão quando um grito desesperado de Pietra levou-me correndo para a escada. Do topo, eu monitorei a sala.

Em um canto Josie amparava uma Pietra chorosa, seu semblante tão aflito que me apertou o peito. Segui a fixação de seus olhos e o aperto se fez mais firme. O desespero emergiu tomando conta de mim numa foto instantânea.

Thor estava entre Eric e Nathan, que o carregavam feito um peso morto. A cabeça dele pendia para frente e sua camisa branca estava ensanguentada.

Desci os degraus tão rápido que foi um milagre eu não ter rolado escada abaixo. Contudo, antes que chegasse até Thor, Adam apareceu do nada, segurando-me pela cintura.

— Santo cielo! O que... o que aconteceu? Ele...?

— Não, — respondeu Adam. — Ele foi baleado, mas não é nada demais realmente.

— Precisamos levá-lo para o quarto — Eric estalou.

Martha agitou-se aparecendo pelas minhas costas.

— O quarto já está preparado. Venham.

Primeiro, eu fiquei chocada com a calmaria deles, como se o fato de Thor estar praticamente morto não fosse nada, então me desesperei e aborreci ao mesmo tempo.

— Vocês são loucos? Tinham de ter levado ele ao hospital! — gritei enquanto assistia Eric e Nathan desaparecer com ele pelo corredor, que levava aos quartos de hospedes no térreo.

— Sem hospital. O médico já está a caminho.

— Pra quê? Para declarar o óbito dele?

Pietra chorou mais alto.

— Ele não vai morrer — garantiu Adam, num tom feroz, ainda me segurando.

— Me solte Adam.

— Não até que se acalme. Não precisamos de barulho aqui, certo?

Eu ia socar a cara dele. Mas o disgraziato tinha razão, percebi quando trabalhei em minha respiração. Tratei de relaxar. Na verdade, não tinha como eu me acalmar, mas eu fiz.

— Va bene Adam, você já pode me soltar.

Ele ainda hesitou então me soltou, segurando meu braço em seguida quando fiz menção de seguir pelo caminho que haviam levado Thor. Olhei feio para Adam.

— Fique aqui. Pietra precisa de você. — Ele apontou para minha amiga que seguia aos prantos, sentada num degrau do chão da sala de estar.

Meus próprios olhos ardiam ao me aproximar dela, todavia, me segurei. Adam se afastou de nós falando ao celular. Sentei-me com Pietra e cruzei meu braço com o dela.

— Shhh... Tutto andrà bene[57] — tentei acalmá-la, mas minha própria voz era insegura.

Ele levantou o rosto, fixando seu olhar alagado e vermelho em mim.

— Você viu a quantidade de sangue na camisa dele? E-ele... ele parecia...

— Não diga isso. Ele ficará bem. Adam disse que não foi nada tão sério e que ele ficará bem para nos atormentar, novamente. Vai ficar tudo bem... Vai... ficar...

Eu repeti o mantra, não sabendo se estava tentando convencer a ela ou a mim mesma. A única coisa que não queria ter era pensamentos negativos naquela hora.

De repente, senti um rastro úmido correr por minha bochecha e limpei isso, rapidamente. Josie se levantou e saiu. Pietra e eu ficamos lá. Não cabiam palavras. Eu também não sabia *exatamente* o que dizer para acalmar a nós duas. Você sabe. Não ensinavam essas coisas na escola.

Eu nunca tinha visto minha amiga neste estado, com tanta dor nos olhos. Seu desespero era palpável. Eu tentei me fazer de forte e consolá-la, mas estava difícil. O nó espinhoso afligia minha garganta e meus olhos seguiam queimando. Meu coração parecia estar exprimido no peito e um sentimento, que há muito tempo não sentia, se fez presente. Angústia. Angústia por vê-lo naquele estado e não ter certeza de que tudo iria acabar bem, mesmo eu tentando me convencer disso.

O medo que eu sentia era enorme.

Quando Josie voltou entregou dois copos com água – um para Pietra e outro para mim.

— É água com açúcar. É bom para acalmar.

Bebi a contragosto, preferindo mesmo uma dose de algo bem forte para acalmar meus nervos

estarrecidos. Uma vez que entreguei o copo a ela, a campainha tocou.

— Boa tarde. Eu sou o Dr. Smith... — A voz forte e masculina dizia.

Me coloquei de pé e fui até ele, dispensando a empregada.

— É o médico que chamaram para ver Thor?

Ele assentiu.

— Gabriel Smith — ofereceu. — Onde ele está?

— Antonella Vicenti. Me acompanhe, por favor.

Acenei com a cabeça para Josie ficar com Pietra e, em seguida, guiei o médico até o quarto. Ao entrarmos, Smith se colocou ao lado de Thor jazendo na cama. Ao ver Thor jogado daquela forma, balbuciando coisas que não faziam sentido, atordoado e quase inconsciente, mexeu comigo. Levei a mão ao peito, deixando-a lá como se o gesto pudesse aliviar o peso repentino em meu coração.

Ele que sempre foi tão imponente, *agora*, parecia vulnerável demais.

— Venha bambina — Martha me chamou, chorosa. — Vamos deixar o doutor trabalhando.

Balancei a cabeça em negação e desviei de sua mão em meu ombro.

— Não tia — neguei sem desviar os olhos de Thor.

— Eu preciso cuidar do ferimento — o médico disse, num tom sério.

— Faça o que tem de fazer Dr. Smith, mas ninguém me tira daqui — falei categórica, olhando diretamente para os caras, deixando claro em minha expressão que eles teriam um inferno se tentasse me tirar de lá.

— Tudo bem. Preciso de um ambiente calmo para trabalhar aqui.

O aviso não dito em sua voz estava no ar entre nós. Se eu agisse como uma mulherzinha, os caras me chutariam para fora. Mesmo irritada pela ameaça silenciosa, eu assenti e me acomodei em uma poltrona próxima a janela. Martha saiu acompanhada de Eric e Adam.

Não foi nada fácil ver Thor gemer de dor enquanto o médico trabalhava nele. Tinha as mãos suadas e meu coração pequeno demais. Não podia sair. Precisava estar aqui, garantir com os meus próprios olhos que, apesar de no momento Thor estar vulnerável naquela cama, ele ficaria bem para que eu pudesse bater na cabeça dele por aquele susto infernal.

Lágrimas encheram o fundo dos meus olhos e vazaram. Eu as peguei no meio do caminho.

— Pronto. Eu consegui extrair a bala e o curativo já foi feito, — o médico disse, após uma vida de espera. — Logo esse louco estará novinho em folha — ele acrescentou em tom brincalhão, arrancando um sorriso de Nathan, mas eu bem o vi suspirar aliviado. Eu idem.

Fiquei em pé e me aproximei, ainda havia um vestígio muito forte de insegurança em mim.

Thor estava apagado.

— Tem certeza doutor? Ele não corre nem um risco? Será que não é melhor levarmos ele para um hospital? Lá eles têm recursos, são equipados e...

Ele tocou meu ombro.

— Ei, acalme-se! Diminua o ritmo, do contrário, será você quem precisará de um hospital. — Seu tom era tranquilo assim como os olhos claros. Uma calmaria profissional que irritava e não fiz questão de esconder isso, cruzando os braços sobre o peito, meu olhar sério sobre ele. Ele acrescentou. — Fique tranquila. Thor é forte e saudável. A bala não atingiu nenhum órgão. Foi um ferimento superficial no abdômen, que se ele seguir minhas recomendações ao pé da letra, estará recuperado em poucos dias.

Estreitei os olhos, vasculhando os dele em busca de alguma mentira, todavia, eles pareciam ser muito sinceros. Eu relaxei. Smith foi até a cômoda, anotou algo em um papel que pensei ser uma receita e, em seguida, se dirigiu a Nathan, oferecendo a folha. Ele a pegou.

— Ele está sedado. Os remédios que precisará tomar para evitarmos uma infecção e analgésicos no caso de dor estão anotados aí. Os horários também. O máximo que ele poderá vir a ter hoje é uma febre alta, que pode ser usadas compressas frias para abaixar. Agora, se o sintoma persistir ou houver algo

mais, me ligue imediatamente. Quer o projétil?

Enquanto o médico tratava com Nathan percebi duas coisas: (1) eles eram íntimos, (2) eles estavam acostumados com aquilo, como se eventualmente um ou outro passasse por tal situação.

—... Qualquer coisa, você já sabe. — Smith se dirigiu a mim, em seguida. — Senhorita Vicenti, apesar dar circunstâncias foi um prazer conhecê-la.

— Obrigada — agradeci, com um sorriso fraco.

— Na verdade, sou eu quem tem de agradecer esse maluco por agitar minha vida pacata de médico, como se eu não tivesse mais nada para fazer que costurar sua bunda feia. — Ele deu um risinho. — Enfim, é meu trabalho. Thor é um grande amigo meu. É sempre um desprazer ajudá-lo.

Balancei a cabeça.

— Até mais doutor — despedi-me quando ele se encaminhou para a porta. Nathan hesitou em acompanhá-lo então eu acrescentei. — Eu fico com ele.

Ele anuiu e saiu, acompanhando o médico.

Apesar de me sentir um pouco mais aliviada, aquele sentimento ruim não passou, e eu tinha a certeza estranha de que ele somente iria quando Thor acordasse.

Puxei a poltrona para mais perto da cama, tentando fazer o mínimo de barulho e me sentei, com os olhos cravados sobre o corpo imóvel. Inferno. Eu definitivamente não gostava de vê-lo desta forma. E não havia nada que eu pudesse fazer a respeito, exceto esperar.

Eu não tenho nada melhor para fazer mesmo.

Estive tão absorta em meus pensamentos, que somente percebi a presença de Pietra quando ela tocou o meu ombro. Olhei para cima, mas ela fitava o irmão, com os olhos lacrimosos.

— Lui sta bene[58], Pietra — sussurrei mais para mim do que para ela.

— Eu sei amada. Mas é difícil pra eu vê-lo tão vulnerável. — Segurei sua mão. — Você já perdeu alguém da sua família? Eu sim. Mesmo que fosse muito pequena para entender, eu senti... Mamma é maravilhosa, mas eu tinha meus pais, capisce? Eu esperei por eles voltarem para casa por anos, até que a ficha caiu completamente e eu me dei conta de que isso nunca iria acontecer. Sei que a morte é inevitável e um dia todos nós iremos. No entanto, esperamos que a família mais próxima, pais e irmãos, se vão quando estamos bem velhinhos. Ou nunca se possível. Eu já tive a minha cota e seria muito injusto se... Ele é a única família de sangue que me restou.

Engoli o bolo em minha garganta.

— Eu entendo, embora não possa imaginar a dimensão da dor que..., enfim. Sabe o que eu acho? Que devemos espantar esse baixo astral. Thor está bem. O médico garantiu, e eu sei que ele não mentiu, caso contrário, ele não iria permitir que seu irmão se recuperasse em casa, certo?

Ela abaixou seu olhar para mim, um sorriso singelo oscilava nos cantos de sua boca.

— Grazie.

Achei de bom tom dar um tempo a ela com o irmão então saí. Comi algo. Tomei banho. Liguei para minha Mamma. Depois retornei ao quarto e me sentei ao lado de Pietra. Permanecemos lá por algum tempo, reconfortando uma a outra em silêncio, até que bocejei.

— Vai dormir amada.

Sacudi a cabeça.

— Non. Sto bene.

Depois do quarto bocejo, ela insistiu.

— É sério. Vai dormir. Eu fico com ele mais um pouco. Sei que não adianta nada ficar aqui, mas... Quando me cansar, eu revezo com mamma.

Forcei um sorriso amigável, mascarando minha irritação por sua insistência. Sabia que ela tinha mais direitos do que eu, entretanto, não queria ir para o meu quarto.

— Se você não se importar, eu quero ficar — empurrei as palavras em tom baixo. Ela sorriu, e eu

acrescentei. — Você pode ir dormir... Eu nem estou com sono ainda.

— Não tem de fazer isso — ela apontou baixinho.

— Sei.

Silêncio.

— Va bene. Eu estou precisando me deitar. Buonanotte.

Seus lábios estalaram um beijo em minha bochecha.

— Buonanotte.

A noite foi um tanto turbulenta. Em algum momento, Thor começou a delirar, não falando coisa com coisa por conta da febre alta. Eu só não entrei em desespero porque o médico já tinha alertado sobre isso. Martha me ajudou com as compressas, que grazie a Dio, ajudaram abaixar a temperatura. Só por precaução, coloquei a mão em sua testa e constatei que a febre tinha abaixado.

Zia Martha saiu com a bacia d'água e as compressas.

Eu voltei para o meu trono e levei um susto quando bati os olhos sobre um despertador em cima da mesinha de noite, devido à hora tardia. Passava das quatro da manhã.

— Bambina, vá se deitar, que eu fico com ele — Martha disse quando retornou.

— Não tia. Sto bene — eu disse, bocejando.

— Vai amanhecer em poucas horas. Precisa dormir um pouco no conforto de sua cama. Amanhã tem aula...

— Grazie per la preoccupazione, ma io resto qui — assegurei convicta.

— Tutto bene, cara mia. Eu vou me deitar no quarto aqui do lado. Qualsiasi problema, chiamami, sì[59]? — murmurou ela, passando a mão sobre o cabelo bagunçado de Thor e lhe deu um beijo maternal na testa.

— Eu chamarei.

Depois que Martha saiu, eu me ajeitei como pude na merda da poltrona, tentando achar uma posição confortável. Eu não queria dormir. Queria ficar acordada caso ele acordasse e precisasse de alguma coisa, contudo, em algum momento meus olhos pescaram e eu fui fisgada.

Antonella? Ella, querida? Neném?

Eu gostava dessa voz na minha cabeça. Até sorri em mente e me mexi, aconchegando-me melhor enquanto ela cantarolava em minha mente.

Antonella?

Pisquei, despertando aos poucos, com a sensação de que o chamado rouco e baixo, em meu sonho persistia. Não queria abrir os olhos ainda.

— *Antonella*... Neném?

Meus olhos bateram abertos de súbito. Assustada. Encontrei Thor me fitando.

— Thor — sussurrei, me levantando e fiz uma careta ao constatar que minhas costas estavam moídas. Logo me voltei em alerta quando o vi fazer uma expressão de dor ao tentar se mexer. Corri para o seu lado e o repreendi. — Ei, cuidado aí ragazzo! Não pode se mexer.

Ele abriu o sorriso mais lindo que eu já tinha visto dar pra mim. Deixando-me deslumbrada, e eu retribuí, sorrindo feito uma retardada. Internamente me estapeei.

— Sim senhora.

— Você está sentindo dor?

— Não. Sinto somente um desconforto no abdômen e a boca seca. — Ele fez uma pausa, respirando devagar enquanto eu pegava um pouco de água. Dei isso a ele, ajudando-o a beber poucos goles só para molhar a boca mesmo. Ele olhou em volta. — Presumo que esteja na mansão?

— Não se lembra? — Ele negou com um movimento sutil da cabeça. — Os caras te trouxeram ontem à tarde. Estamos num dos quartos de hospedes no térreo... Aqui, deixe-me ajudá-lo.

Ajeitei dois travesseiros macios detrás de suas costas.

— Obrigado.

Aprumei minha postura e o olhei fixa.

— Agora, pode me dizer que merda aconteceu?

— Smith disse que horas virá hoje?

— Não mude de assunto. — Seus olhos diminuíram e eu empertiguei os ombros. — Exijo saber o que aconteceu. E se você não me disser, vou até os caras e um deles vai me dizer.

Ele suspirou fazendo uma careta. Eu esperei.

— Certo, certo. Só que agora não. Senta aqui — pediu sem tirar seus olhos dos meus. Neguei com a cabeça. — Eu prometo que depois eu digo o que você quiser, mas agora eu gostaria que você se sentasse aqui, — ele bateu palminhas no colchão. Mordi os lábios ponderando. — Por favor.

Thor não precisou dizer mais nada, antes que eu respondesse verbalmente meu corpo respondeu, movendo-se e quando percebi já estava ao seu lado na cama.

Tomei cuidado para não tocar nele e assim machucá-lo.

— Você parece cansada — observou, com os olhos fixos em mim.

Aquela maldita poltrona tinha acabado com minhas costas, porém eu não iria dizer isso.

— Sto bene — garanti, mirando minhas mãos. — Levando em conta tudo que aconteceu nessas vinte e quatro horas, posso dizer que eu estou bem.

Sua mão pegou a minha, entrelaçando nossos dedos. A outra pousou em meu rosto, acariciando a linha da minha mandíbula e a bochecha. Eu meio que gostei disso.

— Eu adoro a sua pele. É muito macia e suave. Muito delicada. — Sua voz aveludada afagou meus ouvidos da mesma forma em que seu polegar fazia na minha pele. Fechei os olhos, apreciando o toque tenro. — Incline-se, querida. Quero sentir seu cheiro.

Abri os olhos, atordoada. Não com suas palavras em si, senão com o tom de voz que ele usou, vibrando dentro de mim. Era calmo, sensual... Rouco. Foi impossível não ceder a seu pedido. Sua mão em minha nuca obrigou-me mais perto quando me inclinei e, em seguida, seu nariz roçou a curva do meu pescoço inspirando fundo. Estremeci.

— Eu já te disse o quão entorpecido seu cheiro me deixa? — Neguei com a cabeça, minha voz sumiu. Minha pulsação saiu dos eixos, batendo tão forte, que me perguntei se ele podia ouvir. Eu podia. Alto e claro. — Seu cheiro é delicioso, neném. Sempre me deixa zonzo. — Engoli seco, enquanto ele continuava seu passeio por meu pescoço. — E seu gosto, bem... Põe-me completamente louco. É inigualável. Eu diria mais. É o mais doce que já provei. — Seus lábios roçaram nos meus levemente, sua respiração quente batendo em minha pele, envolvendo-me numa carícia sedutora. — Amo seus lábios — disse ele, antes de me beijar.

O beijo, no entanto, era um leve roçar de lábios sem línguas. Uma degustação do que estava por vir. Sua língua contornou meus lábios suavemente e sugou meu lábio inferior sem pressa, sem força. Experimentando. E fazendo outra coisa que eu não sabia, mas gostava. Meus lábios formigaram. Eu quis mais. Porém, ele não aprofundou, não demandou, apenas ficou lá me testando.

— Eu poderia ficar aqui, neste mesmo tempo, neste mesmo lugar, te beijando o resto dos meus dias Antonella — roucamente, ele disse contra meus lábios. — Eu nasci para isso.

A hipótese de eu ter um AVC pulou de zero para cem porcento de chances. O beijo seguiu calmo e casto. Ele com certeza estava na minha lista dos melhores do século.

— Buongiorno! — A voz estridente de Pietra soou atrás de nós. Afastei-me de Thor de imediato e olhei para ela, levando uma bandeja nas mãos. Ela franziu o cenho e, em seguida, pareceu ficar encabulada. — Oh! Scusi. Eu não queria atrapalhar.

— Então dê meia volta e saia pela mesma porta que entrou.

— Thor!

— Caspita[60]! Quanta gentileza logo pela manhã, cavalo. O doutor não aparou seus cascos e trocou suas

ferraduras, fratellino? — Thor rosnou. — Achei que cavalos relinchassem. — Um risinho baixo me escapou enquanto Thor a fuzilava com os olhos. Ela deu a língua para ele. — Não faça essa cara, sei que não está morrendo então eu posso dizer o que quiser.

— Va bene, bambini! Já deu por hoje — me intrometi quando Thor fez menção de falar.

Pietra ficou séria.

— Come stai?

— Bem.

— É, não será dessa vez que ficarei podre de rica — ela disse, com falso pesar.

— Pietra!

Ela colheu os ombros, ainda segurava a bandeja.

— Foi só uma brincadeirinha para distrair — desculpou-se, olhando para mim com um biquinho fingido. — Eu trouxe o café — acrescentou, com um sorriso de orelha a orelha.

— Não estou com fome.

— Mas você vai comer mesmo assim — avisei, num tom firme. Ele e Pietra me encararam. Dei os ombros. — O Dr. Smith disse que você precisa se alimentar adequadamente para que se recupere mais rápido. Portanto, não adianta me olhar com essa cara não. Quero a bandeja limpa.

— Ouviu? — Pietra ajeitou a bandeja no colo dele. — Se não comer, ela vai te chicotear. Se bem que isso é bem natural para você, eh? É um cavalo!

Pietra riu às gargalhadas.

Tive de respirar fundo para não rir também enquanto Thor a mirava carrancudo.

— Pietra, ti prego!

— Tá, tá, tá. Não está mais aqui quem falou. — Ela passou o dedo pela boca, zipando-a. Sacudi a cabeça e me adiantei para ajudar Thor, mas ela me freou. — Suba, tome banho e café.

Travei o maxilar com força e respirei fundo, tentando controlar a irritação, ameaçando estalar sobre ela. Levou uma vida para eu não expressar meu aborrecimento na cara dela.

— Não.

— Amada, eu não sei se você reparou, mas você está um caco!

— Agora sei — resmunguei.

Seu olhar suavizou sobre mim em consideração.

— Pode ir. Eu fico com ele.

Na verdade, eu não queria sair daqui. Va bene. Ela era a irmã dele com o pacote de direitos. Sem contar que ela não oferecia risco algum para ele, mas o meu subconsciente não entendia isso, muito menos os meus pés que pareciam ter sido soldados no chão.

Mas que merda é essa que você está pensando? Pietra colocar Thor em perigo?

Eu não estava batendo bem das ideias. Precisava procurar um médico o mais rápido possível.

Alternei olhares entrei Thor e Pietra, e por fim, forcei meus pés se moverem.

Capítulo 23

THOR

Com um olhar estupefato, eu observei Ella deixar o quarto. Movi o olhar para Pietra, querendo uma explicação sobre o que acabara de acontecer naqueles fodidos minutos.

Ela deu os ombros com indiferença.

— Eu não sei. Neanch'io lo capisco[61]. Sabe, ela ficou com você o tempo todo e não desgrudou de você um minuto sequer. — Choque não fazia jus ao que eu sentia. Ela acrescentou. — Mamma e eu pedimos a ela para ir se deitar, mas ela se recusou. E vou te dizer mais, se nós tivéssemos insistido, eu acho que teria ocorrido uma guerra aqui.

Fiquei em silêncio, tentando entender o que isso significava. Meu peito expandiu não importando se eu não tinha as respostas. Ella tinha cuidado de mim e isso era suficiente. Bem, quase.

Peguei a xícara de café puro, que Pietra me oferecia, e bebi um gole.

— Por que ela faria isso? Não vou negar que estou feliz por saber que ela esteve comigo o tempo todo... — minha voz morreu antes que pudesse concluir. Empurrei a xícara na bandeja.

— Quer um conselho de irmã e melhor amiga dela? Vá com calma. Não exija nada dela, deixe que ela chegue até você. — Pietra só podia estar me sacaneando. — Va bene. Talvez ela nunca venha, ooou, talvez, ela só demore um pouquinho.

— Às vezes penso que ela tem uma pedra no lugar do coração — confessei, com pesar —, mas, então, do nada, ela passa a ser carinhosa. Isso é para deixar qualquer um louco.

— Você está irremediavelmente apaixonado por ela, não?

Fixei meu olhar em seu rosto.

— Não Pietra. Eu a amo — assinalei, veemente, ignorando a sombra de apreensão nos olhos dela. — Você estava certa o tempo todo. Eu fui tolo, não quis acreditar nas suas palavras naquela tarde. Se pelo menos eu tivesse levado em consideração metade delas, eu teria me afastado.

— Você não teria, Thor, sabe disso melhor do que eu. Naquele momento você já estava envolvido até o pescoço, só não tinha consciência disso. E, se quer saber, ela também não aguentaria ficar longe de você. Vocês têm esse... Eu não sei explicar, mas parece que tem um imã puxando vocês na mesma frequência, capisce?

Sorri um pouco.

— Você acha que ela...?

— Para ser honesta, eu não sei.

A faísca de esperança que se acendeu em mim se foi na mesma rapidez com que veio. Eu me sentia frustrado. Afundei a cabeça no travesseiro, ignorando o latejar no abdômen.

— Deixe-me explicar uma coisa Thor, — Pietra começou. — Antonella nunca chegou a gostar de ninguém antes. Se apaixonar então nem pensar. Ela não repete figurinha, se é que me entende. Você foi o único com quem ela ficou mais de uma vez. Então eu acho que isso quer dizer algo, não? Você já não a prende mais com suas regrinhas idiotas, não que isso fosse impedir ela de fazer algo realmente... Bem, o fato é que ela já não sai mais, com ou sem regras. E vocês estão juntos a maior parte do tempo, mesmo

quando brigam. — Ela pausou, pensativa chamando meus olhos para ela. Seu tom diminuiu quando recomeçou. — Mas, você sabe, Antonella não faz o tipo garotinha sentimental, que espera o príncipe encantado e laços rosa. Se você a pressionar, a coisa toda vai desandar. Você sabe que antes dela vir morar aqui ela não tinha vida, não sabe? E antes que você abra a boca, não me interessa o que você pensa ou deixa de pensar sobre a vida que ela e eu levávamos antes de vocês se instalarem aqui.

— Você tem sorte que não recorro à cinta para te ensinar.

Ela ignorou, com uma expressão de tédio e, em seguida, se sentou ao meu lado.

— Pensa Thor, Ella é como um passarinho que foi preso em uma gaiola por muito tempo, vendo os outros desfrutarem de uma liberdade que nunca tivera, e quando foi solto, voou para longe, e, dificilmente, se deixará ser pego novamente.

— Você está indo bem na faculdade.

— Mesmo você não acreditando, eu nasci para a psicologia.

— Eu não tenho a pretensão de prendê-la, Pietra — eu disse, após um momento. — Nem agora, nem nunca. Ela é livre para fazer o que quiser. Livre comigo.

— No entanto, essa foi à primeira coisa que você fez, não? Sem saber, mas fez. Ela, assim como eu, quer viver intensamente e experimentar tudo que a vida tem a nos oferecer. Você já teve a minha idade. Faz uns bons, bons anos, porém creio que ainda se lembra como é ser um garoto.

Franzi o cenho.

— Você está com Nathan, e não a vejo lutando contra.

Não gostei da hesitação dela. Seus olhos se abaixaram antes de se levantarem para mim, com cautela. Isso não podia ser bom. Cacete, eu já sentia meu peito doer.

— Não gosto de dizer isso, ainda mais para você. Mas eu te avisei que a Ella era radical e *quase* inflexível. Você começou errado. Na cabeça dela essa coisa toda de romance é uma prisão e, infelizmente, para você, isso é algo que ela nunca desejou. Pelo menos, não por agora.

— Muito obrigado por me animar — eu disse, num tom sarcástico, minha voz soando mais duro do que pretendia. — É muito bom saber que a mulher que você ama nunca vai sentir o mesmo por você, ou pior, nem ao menos vai me aceitar.

— Eu não disse isso! O futuro só Dio sabe. Como eu disse naquele dia na sala de estudos, vocês foram feitos um para outro, só se encontraram na hora errada.

— Não precisa ficar me lembrando das malditas palavras a cada minuto.

— *Me desculpe*? Eu não queria te desanimar, mas eu sou sua irmã e preciso ser sincera com você. Fingir que tudo será fácil, não creio que seja a melhor saída.

Exalei longo. Não podia descontar minha frustração nela, ainda mais quando ela tinha me dado alguma luz, que eu não tinha certeza se seria de grande ajuda, contudo, poderia tentar.

— Está tudo bem Pietra. Obrigado pela conversa.

— Não tem de quê. — Ela deu uma risadinha. — Quem diria que um dia eu estaria dando conselhos de amor para você, eh? Eu sempre soube que de nós dois eu era a mais coerente do clã.

Bufei, porém não respondi a isso, muito compenetrado em meus próprios pensamentos.

— Ela gosta de você. — Pietra disse após alguns minutos.

Ela gostava, só não da maneira que eu desejava.

ELLA

Quando estive banhada e trocada, mirei minha cama com abandonada paixão.

Grande, confortável e super macia.

Ela estava me convidando a repousar meu corpo sobre ela por pelo menos dez minutos, mas eu sabia que acabaria pegando no sono então, antes que cedesse ao cansaço, ameaçando me dominar, eu saí fechando a porta atrás de mim.

Passei pela cozinha e tomei duas xícaras grandes de café para ver se assim espantava um pouco do sono. Comi algumas bolachinhas e depois segui para o quarto, onde Thor estava. Do corredor dava para ouvir as risadas altas e nada discretas de Pietra. Acompanhei-a, sorrindo também. Era muito bom saber que minha amiga estava feliz novamente e tranquila.

Entrei no quarto e me deparei com uma cena linda.

Pietra estava na cama esparramada ao lado de Thor, comendo um bolinho enquanto ele dizia algo, que deveria ser muito engraçado, pois arrancou um risinho besta dela.

— Muito bonito! Quer dizer que Pietra ficou aqui só para te ajudar a comer? — sondei, cruzando os braços sobre o peito e me fingindo de brava.

— Eu juro que só peguei um bolinho — defendeu ela, erguendo os braços. Ri, lançando a cabeça para os lados. Ela me olhou de cima abaixo. Eu vestia um shortinho confortável de tecido leve e um top. Estava muito confortável, se me perguntar. — Você vai assim?

Enruguei a testa em confusão.

— O quê?

— Não é hoje que o Sr. Boris dará um trabalho mega importante?

— Eu não vou.

— Por que não? Senti, eu sei que você está cansada, mas ele vai te deixar com zero, se você não fizer o trabalho. Ficará devendo créditos e ele não vai sentir remorso por isso.

— Não estou cansada — menti, mas a verdade era que eu estava só o pó.

— Então, por quê? — Fez uma pausa intercalando seu olhar entre Thor e eu. Desviei o olhar para os lados, começando a me irritar. — Va bene. Guarda, Thor stai bene. Mamma vai ficar com ele e os caras estão aqui, só no caso de precisarmos de algo. Thor sta bene, non sta?

— Sim, piccola.

Quando Pietra queria, ela sabia deixar alguém constrangido.

— Não é por isso — garanti, voltando minha atenção a ela.

— E então, por que raio é?

Pigarreei, tentando esclarecer a garganta e encontrar uma desculpa boa o bastante, mas não me vinha nada na cabeça, ainda mais com Pietra me encarando impaciente por uma resposta.

— Vá Ella — Thor interferiu.

Olhei para ele e suspirei contrariada, assentindo.

— Eu vou trocar de roupa.

— E eu vou pegar minhas coisas e dar um beijo no meu gatinho antes de ir, — disse Pietra já desaparecendo pela porta.

Girei os calcanhares para imitá-la.

— Não está esquecendo nada? — Hesitei, franzi o cenho ao olhar em volta, porém não havia nada meu em parte alguma então voltei meus olhos confusos para ele. — Meu beijo neném.

Oh-uh... Isso.

Meu coração galopeou mais ritmado, e eu associei isso ao embaraço da situação. Bem, minhas

bochechas acaloradas não me deixavam mentir. Aproximei-me da cama arrastando os pés. Engolindo a seco quando me inclinei sobre ele. Dei um selinho em seus lábios e me afastei.

Thor fez uma careta bonita.

— Como posso me curar com um beijinho mixuruca desses?

— Você está ferido.

— E, se depender desse beijinho, eu não vou me curar nunca — ele lamentou.

Eu tentei não rir, mas foi impossível.

Abaixei e uma de suas mãos se embrenhou em meus cabelos, impaciente quando me puxou, selando nossas bocas. O beijo foi suave mais com um quê de erotismo, que me fez suspirar quando um arrepio percorreu minha espinha. Muito cedo ele me deixou. Desequilibrada e ofegante.

— Agora você pode ir — sussurrou ele contra os meus lábios e os tomou uma derradeira vez, antes de me soltar mais tonta que se eu tivesse girado em torno de mim mesma.

— Vaffanculo! — grunhi e lhe dei as costas.

Ele riu grosseiramente.

— Gostosa! — ainda o escutei dizer quando fechei a porta na cara dele.

Eu me esforcei para prestar atenção na aula, contudo, minha mente me traia levando-me a mansão, a Thor. Eu tinha essa estranha necessidade de estar perto, de ficar com ele. Smith iria vê-lo e eu queria estar lá. Infelizmente, o meu professor maledetto, Sr. Boris, tinha outros planos. Permaneci na biblioteca queimando meus neurônios até muito tarde.

Quando cheguei à mansão o sol já estava se pondo.

Corri para o meu quarto e tomei banho. Queria ver Thor, porém achei melhor estar limpa da poluição da rua antes de entrar no quarto, afinal de contas, ele estava ferido e eu não queria prejudicá-lo de nenhuma maneira, levando bactérias a ele.

Eu sabia que estava sendo cuidadosa demais, no entanto, liguei isso ao fato de eu nunca ter visto ninguém ferido como ele tinha chegado à mansão. Aquilo foi... eh... impressionante!

Na cozinha engoli um pedaço de lasanha e bebi um pouco de suco, e então, segui para o quarto de hospedes, sentindo meu coração bater um pouco mais rápido. Era a adrenalina por fazer tudo rápido. Ao me aproximar da porta entreaberta ouvi as vozes dele e de Martha.

— Per favore, bambino. Coma. Eu fiz essa canja especialmente para você.

— Deixe aí, que depois eu me viro.

— Você precisa comer, Heithor Castellammare! Será possível que não ouviu uma palavra do que o médico disse?

— Mamma, eu prometo que vou comer, só não agora.

— Isso foi golpe baixo Heithor — ela repreendeu e, em seguida, adoçou emocionada. *— Mi piace molto quando me chama assim, pois para mim você e sua irmã são como figli per me... Os filhos que nunca tive.*

— Por favor, não chore... Isso sim é golpe baixo. Eu sou o doente aqui, dona Martha.

— Scusa figlio.

— Sempre serei eternamente agradecido por tudo que fez por Pietra e por mim. Sei que fui um pouco relapso para dizer o mínimo e...

— Oh, no, no! Non ti colpi, bambino.. Você tinha motivos para partir. Tenho certeza que se pudesse teria ficado conosco. Você fez o que achava certo e todos ficamos bem.

— Obrigado... Escute, eu não tenho fome agora assim comerei depois, está bem? — Houve uma pausa breve então ele acrescentou. *— Sabe se Ella já chegou?*

Foi minha deixa para entrar.

— Oi... Desculpe, eu não..., não queria ouvir...

— Que bom que você já chegou bambina! — Martha me salvou do embaraço. — Coloque um pouco de

juízo na cabeça dele e o faça comer.

Thor soltou um risinho jocoso. Eu me aproximei, com um sorriso nos lábios. Ele estava parcialmente deitado, com as costas apoiadas contra o monte de travesseiros.

— Por que você não quer comer?

— Eu vou deixá-los a sós — Martha disse indo em direção a porta.

Voltei minha atenção para Heithor quando ela saiu.

— Mulheres são muito exageradas — ele se mofou, e eu arquei uma sobrancelha. — Eu não disse que não quero, apenas que não vou fazer agora. Agora venha aqui e dê meu beijo.

— Não.

— Se você não vir, eu vou levantar e vou até você — ameaçou, e eu dei um sorriso sacana.

Ele parecia melhor. Porém, apenas tinha se passado um dia, a debilidade estava lá detrás da couraça de macho das cavernas, que ele possuía.

— Eu não sei se você reparou, mas você não está em condições de fazer isso. Se quiser meu beijo vai ter de comer primeiro. Ou então, nada feito.

— Isso não é uma negociação, Ella. E eu quero comer.

Ignorei sua graçinha.

— Coma a comida ou não terá beijo. Simples assim. — Ele espremeu os olhos, fixando-os aos meus, porém sem me ver de fato como se confabulasse algo. — Ah, e se você se atrever a levantar, eu saio. Você está ferido e isso me dá uma vantagem. Capisce?

Sua mandíbula se apertou.

— Okay. Pegue a bandeja pra mim, por favor. — Doce como o mel, foi seu tom de voz. Tão dissimulado que me custou não rir. Apontei para o seu lado na cama, onde estava a bandeja. Ele poderia pegá-la sem maiores danos. — Sabe que eu vou me vingar, não?

— Promete? — disse, usando um tom baixo e sensual. — Coma e se recupere rápido.

Ele não contra atacou. Carrancudo, pegou a bandeja de pés e colocou sobre seu colo então começou a comer. Eu me instalei em uma das poltronas que ainda estavam próximas a cama.

— O que o médico disse? — especulei após algum tempo.

— O que eu já sabia, — limpou a boca no guardanapo, ainda sem me olhar e tomou um gole raso de água. — Smith disse que eu estou bem. Em duas semanas e meia no máximo, estou novo em folha. Fez recomendações e blá, blá, blá. Nada que eu já não esteja acostumado.

— Você está acostumado a levar tiro?

Ele colocou a colher na tigela e limpou a boca no guardanapo, novamente.

— Essa não foi à primeira vez. Minha vida não é fácil Ella e às vezes algumas merdas ruins acontecem. Não posso controlar tudo, embora tente. E, bem, uma vez e outra só isso não basta.

— Você não tem medo de morrer? Quero dizer, Pietra e Martha como ficam nisso? Você já pensou na possibilidade de um dia você não ter tanta sorte? Acha que é justo para elas? Para Pietra? Ou será que perder os pais não foi o suficiente? Ela tem de perder o irmão também? É isso?

— Um dia todos nós vamos morrer Ella, mas eu tenho certeza que eu não vou tão cedo, ainda tem muito filho da puta que vai antes de mim. Com relação à Pietra, ela está em boas mãos. Martha é uma mãe para ela. Se acaso algo acontecer comigo, Pietra estará segura em todos os sentidos, bem como, Martha. E antes que me diga que eu sou um fodido desgraçado sem coração, eu me importo com elas, por isso me cerquei de todos os lados para que elas fiquem bem protegidas assim como eu. Isso, — apontou para o curativo em seu abdômen, — não é nada perto do que eu já fiz a alguns filhos da puta. Meu trabalho é perigoso, mas eu sei me cuidar. Não estaria aqui se fosse um merda.

— *Se vê*... Por que continua nessa vida? Quero dizer, sei que gosta do que faz. Deixou isso claro no apartamento, porém pelo que vejo já tem dinheiro suficiente para viver bem o resto da vida. Por que não deixar esse trabalho e arrumar outro que não traga tantos riscos? Onde pode se fixar junto com sua

família?

Ele me analisou por um efêmero momento.

— Você gostaria que eu largasse meu trabalho?

Eu adoraria! Isso me ajudaria a não ter uma morte prematura, porque você chegou aqui baleado.

— Eu digo pela Pietra e pela tia também. Tenho certeza de que elas gostariam disso.

Ele adotou uma postura fria igual a seu semblante.

— Eu gosto do meu trabalho, Ella — disse, com um ar sombrio e a voz áspera. — Gosto de ferrar com a vida dos filhos da puta que merecem. Essa é a minha contribuição para o mundo.

Finalizou a conversa e voltou a comer.

Eu não disse mais nada, embora quisesse. Porém, ele parecia zangado então achei melhor deixá-lo quieto. Eu não tinha dito nenhuma mentira. Certo, talvez, uma ou duas, mas isso era irrelevante.

Colheradas depois, o assisti colocar a bandeja para o lado e, em seguida, meus olhos quase saltaram da cara quando ele jogou as pernas para fora da cama, com uma careta de dor.

— Que merda pensa que está fazendo?

Eu fiz menção de me aproximar, mas o aço em seus olhos me freou.

— Será que eu posso ter uns minutos no banheiro? Tomar banho?

— E o curativo?

— Eu faço outro — resmungou, se levantando com o maxilar travado.

Quando ele se fechou no banheiro, eu me deixei cair na poltrona e puxei as pernas para cima, pensando em tudo que havíamos conversado. Logo escutei a descarga, e então, o chuveiro ser ligado. Eu relaxei e meus olhos pescaram. O cansaço que senti o dia inteiro por não ter tido uma decente noite de sono me conquistou. Cada fibra minha pedia por uma cama macia.

— *Ella... Ella...* — Lá no fundo da minha mente registrei o chamado e a sensação morna em meu rosto. Tão bom, que eu não quis abrir os olhos. — Antonella? Acorde, querida.

— Me deixa! — resmunguei sem abrir os olhos.

— Antonella, neném, acorda! — A voz soou tão perto dos meus ouvidos que abri os olhos de súbito. Vi Thor, seus olhos fixos em mim, sua expressão era de censura. — Você está cansada. Aposto que não dormiu nada de ontem para hoje. Não pode fazer isso, querida.

Eu não discordei. Não tinha forças para isso. Ele deu um passo atrás, dando-me espaço, e eu me levantei. Bocejei morta de sono, levantando os braços.

Quando fiz menção de passar por ele em direção a porta, sua mão se fechou em meu braço.

— Aonde vai?

— Para minha cama.

— Não. Você vai dormir aqui comigo.

— É melhor não. Você está machucado...

— Ei! Nós não vamos fazer nada, a não ser que você queira — piscou.

— Como você pode pensar em sexo quando está assim?

— Eu levei um tiro no abdômen não no meu pau — atirou ele, malandro. Mas, então, ficou sério, seu semblante pedinte. — Dorme aqui comigo, Ella. Eu prometo ficar quietinho. Cacete, mesmo se quisesse não poderia te foder agora. Eu apenas quero sentir o calor do seu corpo junto ao meu. Por favor, neném... Você vai me fazer implorar? É isso?

A tentação era grande, mas se eu me mexesse e batesse no ferimento dele?

— É só que... eu posso te machucar, sabe, virar bruscamente e acabar acertando bem no ferimento. É melhor que durma sozinho.

— Ella, você dorme como uma pedra. E você não se mexe enquanto dorme. Seu sono é tranquilo, portanto, vá já para aquela cama antes que eu te pegue no colo. E tire a roupa.

Franzi o cenho para ele.

— Não vou tirar nada.

— Você não vai conseguir dormir com esse tanto de roupa.

Grazie a Dio eu estava vestindo um short curto de malha e uma regata fininha.

— Ou será você que não vai conseguir abusar de mim?

Seus olhos arregalaram, dissimulando ofensa.

— Você é muito injusta comigo, garota.

— Vai dizer que essa não era sua intenção?

— Talvez — ele murmurou, coçando o queixo, com o sorriso safado embutido no rosto. Então, de repente, sua expressão ficou muito suave quando acrescentou. — Vamos lá, querida. Eu estou ferido e já estou tonto de ficar em pé. Só quero sua companhia. Por favor.

Ele se deitou primeiro. Ainda hesitei, mas o segui. Eu tentei não me aproximar tanto. Thor estava deitado de costas e reto. Eu me deitei de lado virada para ele. Estar próxima a ele me tranquilizou.

— Eu sinto muito — sussurrou ele quando meus olhos ameaçaram se fechar. Fixei o olhar nele sem entender. — Sinto tê-las feito passar por isso. Eu não pensei no sofrimento que causaria nas meninas por me verem naquela situação em que cheguei. — *Eu também sofri o diabo.* — Mas eu só queria estar em casa, — sua mão se entrelaçou na minha, — com você.

Meu coração deu um solavanco que eu pensei que ele fosse sair pela boca. Mordi os lábios e fitei nossas mãos entrelaçadas enquanto tratava de acalmar meus nervos, inutilmente.

— Você não tem que pedir desculpas por ter sido ferido. Não foi culpa sua... Como você mesmo disse, isso faz parte do seu trabalho. — Fiz uma pausa ponderada e completei. — Só tome cuidado.

Isso era o máximo que eu podia dizer sem me constranger.

— Olhe para mim, Ella — pediu num rogo. Mirei seus olhos que, na luz sombreada do quarto, brilhavam para mim, com uma comoção aflita. — E-eu... eu a... Ah, porra, me beija!

Eu beijei.

Capítulo 24

Quatro dias depois

Mamma estava uma fera por eu não ter ido passar o natal na Itália, e agora, me cobrava para ir no ano novo. O que não iria acontecer. Ela sabia disso e Rocco também.

Tinha sido meu primeiro natal longe deles e me senti nostálgica. Porém, não me arrependi. Além do quê, eu não seria a primeira, nem a última pessoa a passar a data longe da família.

Não saí para qualquer lugar, apenas fiquei em casa com Thor e os demais. Trocamos presentes. Comemos. Bebemos e passamos um bom tempo juntos. Em essência, não foi de todo ruim.

Thor estava se recuperando muito bem, ainda assim devia evitar esforços desnecessários, incluso a escada. Por isso, eu praticamente me mudei para o quarto em que ele estava. Na verdade, depois do dia que dormi lá eu não ia mais ao meu quarto, salvo para pegar algo que só encontraria nele. Boa parte do meu tempo eu passava com Thor e foi para lá que rumei quando voltei do shopping.

O médico tinha marcado uma visita para hoje e eu queria estar presente.

Bati na porta antes de entrar e vi o doutor guardar a parafernália médica numa bolsa de couro.

Thor estava sentado na cama e abriu o sorriso largo que eu gostava quando o olhei.

— Olá... Atrapalho?

— Claro que não, neném. Se aproxime.

Caminhei até ele e dei um beijo rápido em seus lábios então me sentei na cama ao seu lado.

Smith nos estudou com um olhar atento.

— Vejo que se amarrou, meu camarada. Quem diria, não? Formam um belo par. — Elogiou com um sorriso amplo. — Olá... Srta. Vicenti, não é?

Anui com a cabeça e abri a boca querendo dizer a ele que não era nada daquilo que ele estava pensando, mas Thor não permitiu, tomando a frente.

— Então deve imaginar como eu me sinto impotente nesta cama, Smith. — Eu o olhei sem entender, mas de soslaio vi o médico dar um sorriso malandro. — Quando eu vou poder fazer sexo?

Oddio...

Eu fiquei roxa de vergonha. Se pudesse teria cavado um buraco. Bem ali. Enfiando-me nele e não sairia tão cedo. Movi desconfortável, e a mão de Thor em minha coxa se firmou.

— Imagino que sim, meu camarada.

O médico me deu uma olhada descarada de cima abaixo, estudando-me. Safado! A mão de Thor se tornou mais possessiva. O aperto quase doloroso.

— Não olhe assim para a minha mulher — ele rangeu.

Smith adotou a máscara de sua profissão.

— Bom, meu amigo, eu compreendo seu desespero. Aconselharia a esperar umas duas semanas, mas como eu tenho certeza que você não vai me ouvir, então uma semana já está bom. — Thor praguejou baixinho. — Veja bem, Heithor, mesmo a sua situação não sendo de risco, você não pode se esquecer de que foi baleado. E para que tenha uma recuperação rápida, você precisa se cuidar seguindo os conselhos do seu médico, que no caso, sou eu. Ou seja, nada de esforços durante uma semana e depois aos poucos você vai voltando a sua rotina habitual. E, isso serve para o sexo também.

— Gabe, você me conhece cara. Sabe que eu não tenho tempo para essas baboseiras de médico.

— Thor a sua saúde não é nenhuma baboseira. Faça o que digo, sim?

— Certo. Mais alguma coisa?

— Não. Apenas continue tomando os remédios e seguindo minhas recomendações. E claro, vão com calma — o safado disse olhando diretamente para mim.

Até que ele não era mal. Tinha o cabelo e olhos claros, porte atlético, um rosto bonito. Mas me senti incomodada com aqueles olhares. Não era como se ele estivesse querendo passar a perna em Thor, senão que estava especulando. Não gostei disso. Não gostei da implicação, de nada mesmo.

— Obrigado Gabriel — Thor disse quase num rosnado.

— É sempre um desprazer. — Smith me olhou. — Até mais senhorita.

Sorri gentilmente e me limitei a um aceno.

Quando ele saiu, eu inclinei a cabeça em direção a Thor, minha expressão era carrancuda.

— O quê?

— *O quê?* Você me mata de vergonha!

Ele riu alto e segurou meu rosto com uma das mãos, puxando-me para seu beijo. Fiquei imóvel, mostrando que eu não enxergava graça nenhuma nessa situação.

— Não seja boba. Eu não disse nada demais.

— Claro que não! Expor-nos para um estranho não é nada demais.

Ele afastou meu rosto, mas só o suficiente para ficarmos face a face. Seus olhos investigaram meu rosto por um breve instante, e então, ficou sério. Contudo, eu tinha certeza que ele estava achando graça dessa situação toda e estava segurando o riso. Maledetto!

— Você está falando sério — constatou o óbvio. Eu bufei ante sua genialidade. — Okay. Desculpe-me por ter te constrangido. Eu não vejo nada demais nisso, além do mais, tenho certeza que você também estava louca para saber quando poderia abusar de mim. Ou não? — Rolei os olhos, sentindo meu rosto corar, mas meu bico perseverou. — Se soubesse que você fosse ficar tão envergonhada, eu teria perguntado a ele longe de você.

Um riso entre dentes me escapou.

— Cretino.

— Gostosa.

Com a mão direita ele ergueu meu queixo e seus lábios roçaram minha garganta, depositando beijos lá. Minha respiração falhou e um arrepio quente percorreu minha espinha, eriçando meus pelos da nuca quando sua boca se aproximou da minha orelha.

— Eu não vejo à hora de me enterrar fundo em você, neném. — Sua voz aveludada com erotismo e sensualidade, aquele tom cálido entoou dentro de mim, apertando minha vagina. E eu comecei a me excitar. Ele continuou. — Sentir o seu corpo quente me acolhendo por completo e me apertando com fome enquanto eu meto gostoso dentro de você...

Minha respiração ficou pesada e um gemido subiu pela minha garganta.

— Thor. — Eu não sabia se era uma repreensão ou um rogo.

— Sinta neném... — Sua mão arrebatou a minha, colocando-a sobre o monte duro em sua pélvis e segurou-a lá. — Fico assim toda vez que olho para você. Viciou meu pau, my little bitch.

Exalei com força. O desejo enrolando-se ao meu redor. Eu não resisti a apertar seu pau duro. Thor gemeu, e eu apertei de novo, recebendo o peso da falta de senti-lo dentro de mim.

O mirei por debaixo das minhas pálpebras preguiçosas.

— Você está pronta para mim, Antonella? — ele indagou, com o olhar em chamas, sua respiração batendo pesada contra meu rosto. — Me diz Ella? Você está pronta para o seu homem?

Eu quase tropecei em mim mesma com a intensidade da sua voz. Somente pude assentir enquanto sentia minha vagina umedecer, saudosa por ele e seus talentos. Os olhos de Thor brilharam intensamente, antes dos lábios se esmagarem contra os meus. Arruinando-me. Ateando fogo a nossa necessidade quando sua

língua exigiu a minha numa demanda furiosa. Seus dedos afundaram em minha cintura enquanto nossas bocas duelam ávidas, cheias de desejo, num beijo que me fez esquecer por alguns segundos quem eu era. Mas uma batida forte e insistente na porta começou espanar a névoa...

— Thor, querido, sou eu, Norah. — Imediatamente me afastei dele quando a voz estridente daquela taquara rachada chegou aos meus ouvidos sensíveis. — Posso entrar?

Travei o maxilar e fechei as mãos em punhos.

O que essa porca troia estava fazendo aqui? E que negócio era esse de querido?

— Mas que porra! — Thor resmungou e depois me olhou.

— Tá esperando o quê? Andiamo! Deixe-a entrar, antes que ela derrube a porta.

Ele nem bem abriu a porta, e a oxigenada se agarrou nele, toda abraços e choramingos.

— Oh, meu Deus, Thor! Eu tentei vir antes, mas foi impossível. Mamãe teve uma recaída, eu... Me diga. Como você está? Está com dor? Foi grave? Eu juro por Deus que aquele filho da puta vai pagar caro por isso... — ela tagarelava, emendando uma frase na outra enquanto fitava aquele cachorro de cabo a rabo, como se estivesse procurando algum dano.

Ela estava tão preocupada, com os olhos cravados naquele filho da puta que nem me viu!

— Norah? — Ela não deu atenção a ele e continuou sua inspeção sem parar de chiar. Ele então segurou o rosto dela entre as mãos. — Ei, Norah! Acalme-se, mulher. Eu estou bem, okay? Está tudo bem. Smith cuidou de mim. E quanto ao Javier, ele já teve o que merece.

Ela o abraçou e o idiota retribuiu.

— Deus, Thor, eu fiquei tão preocupada quando soube!

— Você já deveria estar acostumada a isso, Norah. — Meu olhar seguiu o caminho da mão dele, afagando as costas dela. — Até parece que nunca passamos por isso antes. Se acalme, sim?

Ela fungou.

— Eu sei Thor. Mas eu nunca vou me acostumar a ver você ferido.

Ah, per amore di Dio! Meu estômago já estava revirando com tanta melação!

Bufei irritada, batendo o pé para chamar a atenção daqueles dois dementes, que até então ignoravam a minha presença. Che odio!

— Ah! Olá Antonella — ela disse, com dissimulada amizade, se afastando dele.

— Com licença. Vou deixá-los a sós.

— Antonella? — O figlio di puttana me chamou vindo em minha direção, mas eu desviei dele e passei reto indo para a porta e a segurei aberta antes de sair.

— Fique com sua... er... amiga. Eu tenho mais o que fazer!

Deitei-me na cama, apesar de não sentir um pingo de sono. Eu estava louca para ir até ele, porém estava com muita raiva para fazer isso. Ele que ficasse com aquela coisinha mandada!

Movi entre os lençóis e olhei para o despertador, marcando dez horas da noite em ponto.

Bufei de tédio e irritação ao mesmo tempo.

Eu quis levantar, mas obriguei meu corpo a permanecer na cama e desliguei a luz do abajur, fechando os olhos, em seguida.

Esperei, esperei e esperei... E nada do maldito sono vir!

Preparei-me para levantar quando a porta do quarto abriu. Eu não precisava ver para saber quem era o invasor, os estremecimentos do meu corpo e a alegria boba diziam tudo.

Fiquei imóvel com os olhos fechados e fingi dormir.

Logo senti o colchão se afundar ao meu lado e a mão grande pousar em minha cintura.

— Me desculpe por Norah hoje à tarde. Ela estava com alguns documentos importantes que eu precisava analisar e veio me trazer. E, você sabe, ela não quis te afrontar.

Não pude fingir mais.

— Você anda pedindo desculpas demais ultimamente.

Sua mão rodeou minha cintura e me virou para ele. Nossos olhos se encontraram nas sombras do quarto e ficamos algum tempo apenas nos olhando em silêncio.

— Estamos finalizando a investigação. É por isso que ela estava aqui.

— È lo stesso[62].

Thor suspirou e se deitou de costas, dobrando um braço sobre a testa. Meus olhos percorreram seu abdômen nu e chegaram a seu rosto. Ele parecia cansado.

— O que você veio fazer aqui? — perguntei, me apoiando no cotovelo.

— Eu não estava conseguindo dormir sem você.

Nem eu sem você.

— Você sabe que não pode subir escada — admoestei.

Ele tirou o braço de cima da testa e sibilou.

— Uma merda que não posso. O que eu não posso é dormir sem você do meu lado.

Mordi os lábios numa tentativa inútil de controlar meu sorriso bobo enquanto seus olhos me sondavam. Eu estremeci com a intensidade daquele olhar. Profundo. Com profusa possessão e algo mais, que eu fiquei toda mole por dentro. Minha barriga gelou.

Sua mão esquerda esticou e segurou meu queixo com cuidado requintado. O dedo indicador contornou meus lábios, que se partiu com o seu toque.

Hipnotizada, eu o assisti lamber os lábios, pungindo-me a desejá-los sobre os meus.

Deixei de pensar, colocando minhas convicções e reservas de lado, e me permiti ser guiada por meus desejos. Inclinei a cabeça para baixo e beijei seus lábios levemente. Minha boca provou a sua, experimentando a textura sedosa, roçando, enquanto sugava seu lábio superior de leve e depois o inferior. Eu o degustei tomando meu tempo.

Energia irrompeu no fundo da minha barriga e se espalhou de maneira gradativa energizando a minha pele. Não havia propósito sexual. Era diferente. Irreconhecível para mim. Minha respiração engatou começando a pesar. E percebi que a de Thor também tinha aumentado.

Uma mão se embrenhou em meus cabelos, agarrando os fios quando eu fiz o mesmo com ele enquanto enfiava a língua na sua boca sem pressa, beijando-o com maior paixão, ainda assim calmamente. Sua cabeça inclinou para um melhor ângulo e ele me beijou brandamente.

Pousei a mão em seu peito arranhando devagar enquanto minha necessidade por ele aflorava para vida. Os sons molhados do beijo salpicaram sobre o meu desejo, convertendo meus mamilos em diamantes. Eu gemi sobre sua boca e puxei seu cabelo com maior força. Thor agarrou minha cintura, apertando-a, puxando-me sobre seu corpo. Resisti bravamente ao impulso enquanto me sentia suar entre as pernas. Ele me apertou mais. Sua boca me punindo quando me recusei ir.

Se continuasse nesse ritmo logo eu estaria nua e em cima dele, montando-o.

Gemi frustrada, antes de agarrar meu restolho de força para interromper o beijo antes que este elevasse a minha urgência de Thor a um ponto sem volta. Porém, Thor não tirou seus lábios de mim, ele apenas os mudou de lugar beijando meu pescoço exposto. Sua mão ainda tentava me puxar para cima dele.

— Para Thor — choraminguei, minha mão em seu peito não sabendo se o afastava ou apertava.

— Por que neném? Está tão bom — ele sussurrou rouco e chupou meu pescoço. — Sua pele é tão macia. Eu nunca senti nada parecido antes. E você cheira tão fodidamente bem, que não quero afastar minha boca de você. Mas sabe quando você cheira melhor? Quando eu fodo você. Sexo, você e minha porra, é uma combinação do caralho. É toda perfeita, Ella. Toda minha.

Respirei fundo, tentando clarear minha mente bêbada.

— Não podemos, você sabe disso.

— Esquece isso, neném —, seus dentes se fecharam em minha pele e um açoite quente estalou no meu ventre, fazendo-me doer. — Eu te quero e você me quer. Isso basta.

— Não, — fui firme, me afastando.

— Você está proibida de estar presente quando Smith estiver aqui.

Deitei de lado e ri ofega, ignorando minha própria frustração.

— Rá! Essa é muito boa! Quando eu tento ser responsável você reclama e quando não sou, reclama também. Assim fica difícil.

— O problema é que você é responsável quando não há necessidade.

— Vamos dormir tarado.

— Você acha que é fácil para eu ficar esses dias todos sem sexo? Sem você? Cacete, neném, eu tenho necessidades, que precisam ser atendidas *por* você.

— Se é fácil, eu não sei. Mas não se esqueça de que eu estou na mesma situação.

— Então vamos resolver isso? — ele sugeriu malicioso, levantando o tronco, mas eu o parei.

— Não.

— Se eu morrer a causa vai ser "pau duro" e a culpa vai ser toda sua.

Ri alto com o drama dele então fiquei seria. Minha sobrancelha disparou para cima.

— E o que acontece com a sua mão?

— Está cheia de calos — murmurou risonho e, em seguida, girou a cabeça, me olhando. — No entanto, você sabe, quero fazer *calos* em você.

— Eu quero que você faça *calos* em mim. Aqueles brinquedos são uma merda.

Sua expressão se voltou brava.

— Você está usando-os?

— Comprei-os por um motivo então nada mais natural do que eu dar um bom uso a eles, não acha? — Pela sua carranca, ele não achava não. Lambi os lábios, batendo os cílios com inocência quando acrescentei. — Não é a mesma coisa. Seu pau é muito, muito melhor. Eu quero ele... *Mas*, vamos ter de esperar. Agora vamos dormir, va bene?

— Cacete! Como posso dormir agora com as imagens que plantou na minha cabeça?

— Feche os olhos e permaneça assim — sugeri, sorrindo em segredo.

— Bruxa.

— Buonanotte Thor.

— Buonanotte Ella.

Capítulo 25

Fevereiro

O sorriso contagiou meus olhos antes de atingir os lábios quando estudei o meu reflexo no espelho do closet da suíte de Thor. Estava no apartamento dele. Isso porque Pietra tinha me *expulsado* da mansão no dia anterior devido ao meu aniversário de 19 anos.

Na verdade, meu aniversário seria na próxima terça-feira, porém, como a data se coincidia com o dia dos namorados, a festa tinha sido adiada para *hoje*. Sábado.

Pietra e Baby tinham ficado a cargo da organização de todos os preparativos para a festa, mas eles me excluíram de tudo. Meu único dever era comparecer na hora. Eu não me incomodei em tudo, apesar de estar morta de curiosidade para saber o que eles estavam aprontando, eu confiava no gosto da minha amiga. Sobretudo, no de Baby como organizador principal.

Não tive de mover um músculo, a não ser pela manhã quando uma equipe de profissionais veio até a cobertura para me dar um dia de SPA completo. Tinha até retocado minhas californianas.

Thor por sua vez tinha se portado muito galanteador e me mimado, levando flores e café para mim na cama, mas havia algo de diferente no ar. Algo nele, que apesar de atencioso, se manteve as margens.

Verdade seja dita, ele estivera muito estranho por todo o dia. Aéreo em seus próprios pensamentos e, embora tentasse disfarçar, eu podia ver sua ansiedade quando ele me olhava achando que eu não estava vendo. Decidi que isso se dava por problemas no trabalho ou algo assim.

Eu não podia gastar minha preocupação com as bobagens dele quando já tinha muito para ocupar minha mente. Minha festa. Isso nos trazia ao momento de *agora*.

O vestido longo escolhido por Pietra se moldou em meu corpo como uma segunda pele. Suave e sensual. Era um Valentino brilhoso na cor creme, com detalhes em pedrarias delicadas adornando o sinuoso decote drapeado na frente e nas costas. Alças grossas. O caimento era mais que perfeito, aderindo as minhas curvas até a altura das coxas então ele se abria ao melhor estilo sereia, arrastando uma cauda curta no chão. Nos pés, saltos Louboutin combinando.

Estava maravilhosa.

Foquei acima com os olhos orgulhosos, amando loucamente o que enxergava. Meu cabelo estava solto e levemente ondulado. Perfeita para a noitada que me aguardava. Apenas tinha o sentimento de que faltava algo. Procurei de cima abaixo, mas aparentemente nada estava fora do lugar.

Vestido perfeito. Maquiagem e cabelo impecável...

— Você me tira o fôlego. — O tom aveludado na voz barítono soou atrás de mim, ampliando meu sorriso quando desviei o olhar para o lado, vendo através do espelho Thor se aproximar.

Por um instante, acreditei que teria um infarto fulminante ao vê-lo impecavelmente lindo em um smoking preto feito sob medida. Seu cabelo escuro brilhava penteado para trás com o mínimo de produtos. Lindo e sexy como o inferno. Muito sofisticado. Ele sorria abertamente.

Eu não entendia como aquele homem conseguia ficar ainda mais bonito. Mas estava muito grata por ele ser meu e poder causar inveja nas calcinhas de plantão na festa.

Sim, eu queria exibi-lo.

— Obrigada — arrastei a palavra em minha língua, e então, me voltei para ele. Meu olhar o percorreu de cima abaixo enquanto lambia os lábios. — Você está... er...muito bonito.

Thor não respondeu, apenas ficou lá, me encarando. O brilho em seu olhar, aquele que havia se tornado

rotineiro e me deixava intrigada, alagava seus olhos azeviche sem cerimônia. Enviando avisos para a minha cabeça, que eu não sabia decodificar e me deixava nervosa. Era um olhar conhecido por mim, todavia, eu não podia me lembrar do que era, nem em quem eu já tinha visto.

Quando ele continuou a me olhar sem dizer nada, eu comecei a me preocupar achando que tinha algo de errado comigo. Abaixei o olhar e as mãos para o meu próprio corpo, buscando o que estava errado e, em seguida, fitei minha imagem no espelho. Olhei para tudo, e então, comecei a me desesperar de verdade, mesmo tudo parecendo perfeito. Talvez, ele apenas não tinha gostado quando me fitou mais atento, pensei. Em um momento, ele esteve atrás de mim. Tão rápido e silencioso, que me surpreendi. Mas ele era assim, se movia tão quieto, como um felino.

Dei a volta e fixei meu olhar desesperado em seu rosto.

— O que está errado? Droga! Já está quase na hora de irmos e não vai dar tempo de arrumar outro vestido ou, seja lá o que esteja errado. Tem algum fio solto? Está sujo? O quê? Inferno!

Eu estava a ponto de chorar e quando tentei virar de volta, Thor me segurou.

— Olhe para mim — pediu com a voz mais suave do que o habitual. — Você está deslumbrante, Antonella. Impossivelmente mais linda. Se ficar mais perfeita do que já está, acredito que não terei coragem de levá-la fora desse apartamento, porque sei que haverá um monte de filhos da puta querendo te roubar de mim e eu já quero matá-los por isso.

Homem estranho da porra.

— Então, por que você está me olhando assim?

— Porque gosto de admirar a mulher que eu tenho. — Minhas bochechas queimaram e minhas pernas ficaram moles, com a intensidade do seu olhar. — Você é linda Antonella. Tão linda que às vezes eu penso que não é real. Mas, então, eu te toco e você está aqui. Linda, suave e minha. E eu percebo o quão sortudo eu sou por ter você em minha vida.

Certo, eu estava adorando os elogios, mas esse papo estava ficando muito estranho.

— Er... O que é aquilo? — perguntei, apontando para a caixinha azul turquesa, que ele tinha deixado sobre uma prateleira do armário aberto.

Sorrindo, ele se afastou para pegá-la, em seguida, voltou parando em minha frente. A caixa da Tiffany nas mãos. Bem, não precisava ser um gênio para saber que havia uma joia lá. Eu me senti eufórica e ansiosa para abri-la. Pietra, realmente, tinha pensado em cada detalhe.

— Esse é o meu presente para você — Thor disse, revelando um conjunto de colar de três voltas e brincos em formato de flor de diamantes quando abriu a caixa. Meus olhos quase saltaram da cara em surpresa. — Você não achou que eu somente iria te preparar um excelente café da manhã e te dar um buquê de flores, achou? — indagou num tom divertido. Já eu estava sem voz. — O que foi? Você não gostou? Eu posso trocar ou você mesma pode ir à loja escolher uma...

Coloquei meus dedos sobre seus lábios.

— Sono belli. Eu amei de verdade..., mas é que, bem, você não precisava ter gasto seu dinheiro comigo. Isto deve ter custado os olhos da cara.

— Você merece o melhor... sempre. A mulher que eu a... Você merece. — Sua mão livre tocou meu rosto. — Eu gastaria todo meu dinheiro se isso significasse te fazer feliz, Antonella.

Eu estava me sentindo uma boba emocionada.

— Eu não sei o que dizer.

— Diz que aceita. — Sorri como uma débil e assenti. — Vira. Deixe-me colocar em você.

Dei a volta para o espelho e segurei meu cabelo no alto quando Thor colocou o colar em volta do meu pescoço. Uma vez posto, eu soltei o cabelo, com meu olhar fixo no espelho. Thor permaneceu atrás de mim, com as mãos pousadas displicentes em meus quadris enquanto meus dedos percorriam a peça delicada sob meus olhos atentos na imagem do espelho. Admirando minha joia. Eu tinha algumas valiosas que ganhei dos meus pais e dos meus tios, até mesmo Thor havia me dado uma no ano passado, que eu

usava sempre, mas esta era suprema. De uma delicadeza, beleza e sofisticação, que por um momento pensei que ela tinha sido feita especialmente para mim.

— É lindo — assoprei deslumbrada.

— Você é linda. O colar é bonito — sussurrou ele, em minha orelha.

Ignorei a onda de calor que atravessou meu corpo.

— Cadê os brincos?

— Aqui, neném.

Ele abriu a mão esquerda, revelando duas peças pequenas, tão delicadas quanto o colar. Peguei os brincos e os coloquei. Olhei no espelho uma última vez, embasbacada nas minhas novas joias. Sentia-me felizmente feliz. E descobri ser isso que estava faltando no meu visual.

— Obrigada. Eu estou apaixonada por eles.

Os olhos de Thor brilharam hipnotizantes, me pegando de surpresa quando sua boca devorou a minha. Um beijo profundo e cheio de significados codificados. Sua língua me drenou e me encheu de novo. Alagou meus sentidos, entorpeceu minha mente. Quando ele se afastou, eu estava tonta e suspirando, como uma boba. Limpei o borrado em seus lábios e retoquei o batom.

— Acho que podemos ir agora, não? — ele sugeriu, correndo os olhos sobre mim. — Você deve estar morrendo de curiosidade para ver como está a sua festa.

— Mais um pouco e eu morro — brinquei.

Peguei minha bolsa a tiracolo e saímos de mãos dadas.

O caminho até a mansão foi silencioso, todavia, não era um silêncio qualquer. Thor estava muito mais sério do que o habitual e por várias vezes eu tive a impressão de que ele queria me dizer algo, mas na hora H ele recuava. A curiosidade fervia em minhas veias, porém preferi guardá-la para mim mesma. Além do quê, se ele não queria me dizer, eu também não iria perguntar.

Ao nos aproximarmos da mansão pude ver a entrada toda iluminada, o som chegava até mim, abafado e distante ainda, mas alto. Muita agitação e carros. Thor parou no estacionamento circular de frente para a porta principal. Eu sorri de orelha a orelha ao ver o tapete vermelho que se estendia em direção a porta, ao lado cordões de isolamento, como em uma premier em Hollywood.

— Está pronta?

Capítulo 26

Flashes repentinos dispararam quando aceitei a mão de Thor para sair do carro, ofuscando meus olhos, mas não o sentimento de poder e alterego, que se acendeu dentro de mim enquanto caminhava pelo tapete de braço dado com Thor. Sob as lentes venenosas dos fotógrafos posicionados estrategicamente de ambos os lados dos cordões de isolamento.

Dois grandes seguranças, vestindo ternos pretos guardavam a porta dupla. Uma hostess também a caráter estava ao lado, com uma prancheta nas mãos. Até mesmo os fotógrafos, uma contagem de dois, — um de cada lado —, estavam trajando suas roupas de gala. Havia três painéis desenhados de cada lado, dois maiores, arremetendo-me a fãs alucinados. E os menores simulando paparazzis, disparavam mais flashes alegres. Cada detalhe pensado. E eu me senti poderosa, idolatrada.

Thor se inclinou para baixo.

— Adivinhou? — murmurou ele no meu ouvido.

— É... acho que sim.

— Não deixe Pietra e Baby saberem — piscou.

Soltei uma risada a vontade.

— Pode apostar.

— Será que posso posar com a estrela da noite, antes que entremos e ela me seja roubada?

— Sicuramente que sim.

Eu estava uma pilha de nervos quando deixamos os fotógrafos para trás e seguimos para a porta, que foi aberta pelos dois seguranças. Uma vez dentro, rostos conhecidos nos cumprimentaram com um coro de “feliz aniversário” e uma chuva de assovios, mais flashes ovacionaram nossa entrada.

Thor tinha a mão em minhas costas e um largo sorriso no rosto, como o meu. Um garçom se aproximou e ele pegou duas taças de champanhe, entregando-me uma.

Pietra e Josie abriram caminho vindo até nós, com seus respectivos namorados a tiracolo.

— Tanti auguri[63], amada! — Pietra me abraçou.

— Grazie. A festa está incrível!

— Você ainda não viu nada, espere só até ver tudo. Eles foram geniais — Josie disse, aparecendo do meu lado. — Feliz aniversário!

Envolvi meus braços nela.

— Obrigada Josie.

— Parabéns — disse Nathan.

— Parabéns — disse Eric.

Eu agradeci, sorrindo.

— Mas olhe só você. Está maravilhosa. Minha escolha foi perfeita, não?

— Realmente — Josie concordou. — Parece até uma estrela do cinema.

Encarei Pietra.

— Obrigada por isso também. — Então mirei ambas de cima abaixo. Pietra vestia um longo vermelho tomara-que-caia. Josie estava num azul Royal de uma manga só. — E vocês duas também estão incríveis. As hollywoodianas que se cuidem ou vão perder os postos.

Adam se aproximou com uma morena muito bonita ao seu lado.

— Meus parabéns.

— Obrigada.

Olhei para a mulher agarrada em seu braço.

— Esta é Julie Foster — apresentou Adam.

— É um prazer. A festa está incrível. Meus parabéns pelo aniversário.

Sorri para ela.

— O prazer é meu. Antonella Vicenti. E obrigada.

— Aí está a racha mais esperada da noite!

Inclinei a cabeça para o lado me deparando com Baby, vestindo um smoking D&G todo estilizado. Ele sorria com todos os dentes a mostra quando se colocou na minha frente.

— Baby!

Soltei-me de Thor e o abracei.

— Obrigada, mona. Estou quase saindo da minha pele

— Não me agradeça ainda — ele disse quando nos soltamos então olhou para o lado, medindo Thor. — Mas se quiser me emprestar o bofe por uma semana eu aceito.

As garotas e eu rimos.

— Acho que não, mona.

— Ainda egoísta. Mas, okay. Posso ao menos admirar meu boy magia.

Desta vez todos rimos até mesmo Thor.

— Olá Baby. Fez um excelente trabalho aqui.

— Obrigada lindo. Faço um ótimo trabalho em outras áreas, também — piscou malicioso.

— Controle-se, mona — adverti com simulada seriedade.

Ele colheu os ombros.

— Apenas estou mostrando-lhe as opções caso você enlouqueça.

— Você sabe que não tem chances, certo?

— Assassina de ilusões.

Mostrei a língua para ele.

— Vem amada — exaltou Pietra. — Temos muitas pessoas para cumprimentar.

— Isso mesmo. Vá e deixe o bofe comigo, que eu vou cuidar bem dele — glorificou Baby e acrescentou com um cochicho teatral. — Vou mantê-lo a salvo das inimigas até sua volta.

Fiz uma careta de tédio para ele, e então, olhei para Thor. Ele me abraçou e me beijou longamente, roubando-me o fôlego e deixando-me um pouco zonza.

— Vá e aproveite, mas volte para mim — ele sussurrou ainda sobre os meus lábios.

Sorri meio abobalhada e, em seguida, saí com as garotas me rodeando.

Eu amava festa, principalmente, quando era para mim. Apenas detestava fazer o papel de anfitrião quando eu poderia estar me esbaldando. Não me levem a mal, estava feliz por estar rodeada pelas pessoas que eu gostava, mas meu maxilar não estava muito animado depois de certo tempo. Minha vontade era de subir num banquinho e cumprimentar todos de uma vez. Va bene. Isso não seria legal, ainda mais numa festa linda e sofisticada, que meus amores tinham preparado para mim.

Encontramos zia Martha com o grupo de amigas dela e recebi suas felicitações.

Depois de muitos cumprimentos dentro da mansão e fora dela, as garotas e eu paramos próximas à varanda, e nos servimos de champanhe, com um garçom que passava ao lado.

Eu, enfim, pude contemplar embasbacada, o luxo da decoração enquanto bebericava alguns goles da minha taça. Um *tapete* de rosas e velas iluminava a piscina, além de tochas e as pequenas luzes nas plantas ornamentais. Também havia puffs na cor vermelha e branca espalhados pela grama e alpendre. As luzes difusas do próprio jardim mais a iluminação extra criavam um ambiente muito aconchegante para a noite. Numa ponta da piscina havia uma pista de dança sendo comandada por um DJ. Mas o que me chamou a atenção mesmo era para a quantidade de flores.

Nem mesmo em uma floricultura eu tinha visto tantas rosas vermelhas e tulipas. Tinha percebido alguns grandes arranjos dentro da mansão, porém na parte externa havia um montão deles.

Impecável não fazia jus a todo trabalho que Pietra e Baby tiveram.

— E aí, gostou da decoração?

— Estou em cólicas de tanta felicidade! — Abracei-a. — Está tudo muito lindo. Baby e você fizeram uma obra prima aqui. Eu não poderia ter feito melhor. Grazie mille.

— Mas você não deve agradecer só a Pietra não, amiga.

— Oh, Josie! Obrigada a você, também — galhofei, dando um beijo estralado na bochecha dela.

— Por nada. Porém, eu não estava falando de mim não. — Alternei olhares entre ela e Pietra esperando uma resposta. — Sabe todas essas rosas e tulipas? Pelo que um passarinho moreno me disse... Aqui ó... Thor exigiu que tivesse um montão delas na decoração.

Meu queixo despencou.

— Aliás, o que ele te deu de presente? — Pietra perguntou.

Passei uma mão pelo colar e com a outra afastei meus cabelos deixando os brincos expostos.

— Oh, meu Deus! — As duas escandalizaram em uníssono.

— Eu sei. Quase tive um treco quando vi.

— São lindos amada! Meu irmão tem muito bom gosto.

— Nisso eu concordo com você, Best!

— Depois desse presente não há mais como negar — Josie comentou.

Meu sorriso decaiu e eu a olhei franzindo o cenho.

— O quê?

Pietra a cutucou me deixando com os pelos da nuca em pé.

— Thor *gosta* de você e está indo a sério aqui, — ela disse com uma risadinha. — Agora, basta saber se você está nessa viagem também. Então, você está?

Eu a olhei por um longo momento tentando pegar a mensagem que ela estava deixando, todavia, não podia decifrar isso, porque a resposta que mais se aproximava não era viável.

— Não ligue para ela, Amada. Josie já tomou umas taças a mais.

Eu bebi da minha própria taça, e então, dei de ombros.

— Não é segredo para vocês que ele e eu estamos nos curtindo — concluí com indiferença.

Troquei minha taça vazia por uma nova e cumprimentei mais alguns convidados, dissipando de vez minha estranheza repentina. Dancei com as meninas e comi alguns canapés.

Logo os caras apareceram. Thor veio para o meu lado, enlaçando a minha cintura. Nathan e Eric fizeram o mesmo com as garotas. Adam estava mais a frente com sua companhia.

Mexi-me até que estive com os braços em volta do pescoço de Thor e me estiquei nos saltos.

— Não precisava ter mandado comprar todas as rosas e tulipas do planeta — sussurrei no seu ouvido e mordi o lóbulo, adorando o grunhido dele. — Mas eu adorei — acrescentei sorrindo.

— Eu não comprei todas só um terço.

Um pensamento me ocorreu.

— Você sabia o que eles estavam aprontando e não me disse nada, mesmo sabendo que eu estava morrendo de curiosidade.

— Era surpresa.

Dei de ombros, fazendo biquinho.

— Eu poderia fingir que não sabia de nada.

— Que graça teria então? De qualquer forma estamos aqui, sua curiosidade foi saciada e a surpresa foi espontânea. Você está feliz, não?

— Sim.

— Isso é o que importa, além do quê, este é o primeiro aniversário seu que passamos juntos. E quero

que seja inesquecível para você. Que apenas tenha boas recordações. Quis te surpreender e que ficasse feliz com a surpresa então não se zangue por eu não ter contado.

— Dessa maneira tem-me surpreendida, Castellammare — flertei.

O sorriso indolente dele era sedutor.

— Então, talvez, eu mereça um beijo senhorita Vicenti?

— É, *talvez* você mereça mais que um — dissimulei antes de ele baixar a cabeça e me beijar.

Juntamo-nos às garotas empoleiradas em seus namorados e ficamos com eles enquanto eu me dividia entre minhas amigas, os convidados, que hora e outra vinham falar comigo, e Thor.

Tirei mais um punhado de fotos, mesmo com Thor.

Bebi e dancei com as meninas na pista, e quando retornamos com os caras, Baby se juntou a nós com o seu namorado a tiracolo, arrancando boas risadas de todos. Uma coisa era certa, ele e Pietra juntos eram o apocalipse. Ninguém saia ileso e, embora eles dessem nos nervos de vez em quando, a diversão ao lado deles era garantia certa. Mesmo seu namorado era uma figura.

Um momento mais tarde quando a batida sensual e provocativa de *Muse* começou a tocar, Thor e eu nos movemos no embalo da música, com divertidas e inocentes provocações.

Dei a volta plantando as costas em seu peito e ergui os braços para o seu pescoço enquanto ele colocava as mãos em meu quadril. Seu fôlego ricocheteou em meu pescoço e um estremecimento me atravessou quando ele mordeu a ponta da minha orelha.

Eu dancei com ele e para ele.

Girei de volta para o seu cerco pouco antes da música acabar e meus lábios brincaram com os dele, roçando pequenos beijos. Percebi uma movimentação em volta, mas não dei à mínima envolvida em nossa bolha particular de sedução. Ele manteve minha boca quando tentei puxar para trás. Ri baixinho permitindo sua posse. Uma de suas mãos subiu pelas minhas costas e se embrenhou em meus cabelos, puxando-os levemente enquanto ele me beijava mais forte...

— Ah, não, não, não! Podem parar agora mesmo!

Thor praguejou baixo e eu dei uma risadinha, e, em seguida, girei para enfrentá-la.

— Pietra dá um tempo! Hoje é meu aniversário.

— Na verdade, não é não. Mas, mesmo assim, desgrudem já!

— Seu cartão de crédito mandou lembranças pirralha — Thor advertiu.

— Não me ameace ogro. Vocês vão ter a noite inteira para se comerem — Pietra disse se fazendo de indignada. — Tem mais gente pra cumprimentar!

Thor me deu mais um beijo, e então, eu me afastei com as garotas em direção ao interior da mansão. Conversei breve com alguns convidados na sala e depois pensei em ir atrás de Thor.

— Grande noite garota! — Alguém murmurou ao pé da minha orelha.

Dei à volta me deparando com Brian trajando um terno elegante.

— Ei, garoto!

O abracei.

— Feliz aniversário!

— Obrigada — murmurei quando nos soltamos.

— Desculpa a demora, mas eu tive de resolver uns probleminhas.

— Dá nada não Brian. A festa quase acabou de começar.

— Mas me deixe te ver garota... — Ele segurou minha mão e me fez girar. — Devo confessar, apesar de saber que seu ego vai me sufocar. É a aniversariante mais linda e sexy que vi alguma vez.

— Eu sei — pisquei um olho. — Mas obrigada mesmo assim.

— Sempre modesta, uh? — Ele pegou duas taças de champanhe quando o garçom passou ao nosso lado e me ofereceu uma. Brindamos e tomamos um gole, em seguida. — Você está muito sumida. Pensei que a veria no Ano Novo. Kevin deu uma festa do caralho no rancho.

— Eu tive de reduzir a marcha um pouco.

— Está tudo bem? Quero dizer, agora está tudo bem?

— Sim. Kevin não veio?

— Está caçando celebridades — brincou, sorrindo.

— Ele não sabe que estou aqui?

Ele riu breve.

— Eu comprei um presente para você.

— Ah, Brian, não precisava. — Ele sorriu docemente. — Cadê?

Caímos na risada. Brian passou as mãos nos bolsos e me olhou fazendo cara de inocente.

— Esqueci no carro. Vamos lá comigo pegar? — Eu hesitei, não achando uma boa ideia, afinal, a festa era minha e a anfitriã não podia sumir. — Vamos lá! Garanto que não vou te sequestrar.

Concordei então nos dirigimos para fora e, posteriormente, em direção ao seu Porsche vermelho. O veículo não estava estacionado longe da entrada principal da casa. Porém, Brian parou antes que chegássemos a ele e, em seguida, se virou para mim, com um sorriso cauteloso.

Eu o olhei, desconfiada.

— O que foi?

— Desculpe Antonella, eu menti. — E acrescentou rapidamente. — Essa era a única maneira de falar a sós com você, sem que alguém nos interrompesse.

— Eu não estou entendendo. Você está com algum problema?

— Não, eu... Espere — pediu com um sorriso encabulado, enfiando a mão no bolso e tirou de lá uma caixinha pequena da Cartier. — Feliz aniversário.

Aceitei a caixa e a abri, me deparando com um anel.

— É lindo, Brian. Obrigada — agradeci, não podendo disfarçar minha estranheza.

O anel era realmente lindo, uma peça delicada de ouro branco e um pequeno diamante, todavia, se parecia muito com um anel de compromisso.

— Antonella, eu sempre gostei muito de você — ele disse num tom baixo, nervoso até.

Levantei o olhar para ele, estranhando por um instante sua proximidade repentina, mas sorri.

— Oh, Brian! Eu também gosto muito de você. É um ótimo amigo!

O sorriso dele se apagou na penumbra enquanto ele balançava a cabeça.

— Não Antonella, você não entendeu. Eu não gosto de você como amigo. — Ele pausou, seus olhos correndo para os lados. Ele, então, fixou o olhar em mim, novamente, e deu um passo a frente, quase sobre mim. — Eu gosto de você como um homem gosta de uma mulher.

— Brian, eu...

— Não. Deixe-me falar, por favor — ele solicitou, segurando minhas mãos. — Eu... Droga! Ensaiei isso por horas, e agora, pareço um idiota. Não sei o que dizer.

— Apenas não faça.

— Antonella, eu não posso mais esconder e fingir que não tá aqui. — Ele apontou para o peito e eu continuei fitando-o em silêncio apenas por consideração. — Juro que tentei, eu..., somos amigos e, quero dizer, nós nos damos bem. Gostamos das mesmas coisas... Eu sou apaixonado por você. Acho que me apaixonei desde o primeiro minuto em que a vi, mas eu não tinha coragem de te dizer. Não sei se alguma vez olhou para mim desta forma, mas... Nós podemos fazer dar certo, do nosso jeito. — Fez uma nova pausa, e então, completou. — Antonella, eu quero que me dê uma chance, que... que nos dê uma chance de ser mais... que seja minha namorada.

Meus olhos só faltaram saltar da cara.

Namorar?

Que diabos...

Dio Santo.

Brian não estava bem, definitivamente, não estava. Minha vontade era de perguntar se ele havia enlouquecido ou se tinha se drogado antes de vir para cá, porém mordi a língua enquanto ele seguia discursando aquela tremenda baboseira.

Afinal de contas, o que eu tinha a ver com isso?

Problema dele se estava apaixonado.

— Brian, nós somos amigos. Não há a mínima possibilidade de a gente ter alguma coisa. Qualquer coisa além da amizade que temos é terreno proibido. Um que jamais vou pisar.

— Eu sei que você não tem ninguém, Antonella. Eu também não. Qual o problema? O principal nós já temos, somos amigos e nos damos muito bem. Um casal precisa ser amigo, nós somos. Por que não nos darmos uma única chance? Eu sei que posso te fazer muito feliz. — Sacudi a cabeça em negação. — Eu vou fazer você se apaixonar por mim. Apenas me dê uma chance.

Seu rosto se aproximou do meu e eu soltei minhas mãos das dele, me afastando.

— Eu sinto muito, mas eu não posso. Não sinto o mesmo por você e não quero me envolver contigo neste sentido. Você é um cara legal e sei que há muitas garotas que se sentiriam honradas em tê-lo como namorado. Eu nunca quis isso, no entanto. Você sabe disso... Obrigada pelo presente, mas, agora, eu preciso realmente entrar.

Minha intenção era sair de lá o mais rápido possível. Eu gostava do Brian e não queria magoá-lo, por isso comecei a caminhar de volta para a festa, ainda com seu presente em mãos. Porém, antes que eu fosse muito longe, ele me pegou, segurando meu braço.

— Espere Antonella!

Ele me girou para ele e eu abri a boca para protestar ao mesmo tempo. Contudo, aconteceu muito rápido. Num instante ele estava me segurando firme e no outro sua boca estava contra a minha.

Que porra é essa?

Eu fiquei imóvel antes do choque inicial passar então eu tentei afastá-lo, porém sua mão segurou minha cabeça, mantendo-me cativa de sua aposta. Sua língua tentou invadir minha boca, mas eu não permiti e comecei a socar a peito dele. Sem efeito. Não pensei, segurando meu vestido e levantei o joelho contra seus países baixos, num impulso que o pegou desprevenido. No mesmo instante ele me soltou caindo ajoelhado sobre grama fresca. Entretanto, para mim não foi suficiente, eu estava com tanta raiva que minha mão voou para sua cara, com tal força que ficou latejando.

— Você é louco Brian? Cheirou pó, cazzo? Nunca mais ouse tocar num só fio de cabelo meu, seu idiota!

— Me perdoa Antonella — pediu, choramingando de dor. — Eu precisava fazer isso... Ter um gosto seu... Você não sabe quanto tempo eu esperei por isso...

— Chega Brian! Cala a merda dessa sua boca! Estar apaixonado por mim não te dá o direito de me tocar, caralho! Sequer de me beijar a força! STRONZO! — Respirei fundo tentando me controlar e continuei, com a voz mais baixa, porém não menos nociva. — Não fale comigo... pelo menos não por agora. Vá embora! — Me virei para sair e olhei minha mão, e então, voltei colocando a caixa ao lado dele, ainda ajoelhado no chão. — Fique com isso!

— Não Antonella. É teu. Aceite, por favor — ele murmurou, se levantando com dificuldade.

— Não. É seu.

— Antonella me perdoe. E-eu não sei o que me deu para agir assim. Droga! Sinto muito. Eu prometo que isso não vai mais acontecer. — Ele soou meio desesperado. — Tudo bem, tudo bem... Vamos ficar somente na amizade como antes e passar uma borracha nisso.

— Eu não sei se posso ser sua amiga mais — estalei, sem humor e voltei a andar em direção a mansão, mas no meio do caminho parei e o olhei sobre o ombro. — Ah! Só mais uma coisinha. Quando for beijar uma garota certifique-se de que ela também te quer, babaca.

Voltei para festa irritadíssima.

Onde Brian estava com a cabeça pra me agarrar e me beijar a força?

Ele gostar de mim não lhe dava o direito de fazer isso. Não mesmo. Stronzo. Que ódio! Eu estava puta da vida porque gostava dele. Tinha uma estima muito grande por ele, mas no momento minha vontade era de matá-lo. E, sinceramente, não sabia se voltaríamos a ser amigos.

Se ele estava tão apaixonado e escondeu essa merda até hoje, por que não continuou assim?

Mas não, o imbecil tinha de fazer aquela declaração ridícula.

Entrei no banheiro e me recompus antes de sair, novamente. Encontrei meu pessoal na área externa dos fundos, entre a piscina e a pequena pista de dança.

— Você viu Thor? — perguntei a Pietra quando cheguei perto deles.

— Ele não está com você?

— Você está vendo ele aqui?

— Wow! O que deu em você?

Rolei os olhos impaciente.

— Brian me aprontou uma.

— O quê?

— Depois eu te falo. Agora, me responda. Viu ou não seu irmão?

— Ele estava te procurando faz uns minutinhos e desde então não o vi mais.

— Eu vou procurá-lo.

Muito depois eu estava plantada numa poltrona da varanda, com uma taça cheia na mão e mais irritada do que nunca. Thor não estava em qualquer lugar e eu tinha olhado em todos os cantos da mansão. Mesmo seus amigos não sabiam dele, até o chamei no celular e nada.

Minha cabeça fervilhava tentando encontrar uma resposta para o sumiço do imbecil.

Trabalho não era porque os caras estavam muito distraídos na festa. Ocorreu-me então que ele poderia ter ido atrás da oxigenada. Mas isso era impossível, não era?

Bem, a cadela não estava aqui e Thor também não.

Tomei um longo gole de champanhe, engolindo junto a minha raiva. Não podia acreditar que ele fosse arruinar meu aniversário depois de tudo. Não iria perdoá-lo por isso. Não mesmo!

Eu nem mesmo ouvi os parabéns quando Pietra me chamou para cortar o bolo. Estava no automático, a cabeça longe em possibilidades e vinganças. Logo depois, eu avistei Josie e Eric num canto, em seguida, fui até eles. Ele era o único para qual eu ainda não tinha perguntado sobre Thor.

— Eric, você sabe onde Thor está?

O que me deixou desconfiada foi o jeito que ele olhou pra mim. Não era um olhar amistoso.

— Ele saiu — disse seco.

— O quê? Como assim saiu? Aonde ele foi?

— Eu não sei. Não sou babá dele.

— Sabe, sim! Só não quer me dizer — acusei não entendendo sua hostilidade.

— Se ele saiu é porque quer ficar sozinho. Respeite-o ao menos uma vez na vida.

— Eric — Josie repreendeu.

Vontade de mandá-lo a merda não me faltava, mas se eu fizesse isso, ele não iria me contar onde aquele sem vergonha estava enfiado.

— Eric, por favor.

Quase uma hora depois as portas duplas do elevador se abriram e eu encontrei Heithor de costas para o bar. Seu corpo enrijeceu e ele se esticou quando me aproximei, deixando a bolsa de mão sobre uma cadeira da sala.

— Por que deixou a festa e veio pra cá?

— Vá embora — disse ele, num tom cortante e frio sem me olhar.

Esse cretino estava me expulsando?

Minha teoria de que ele estava com outra não me parecia tão absurda agora. Se ele estava me tocando era porque não queria que eu visse aquela puttana, além do mais, sua roupa desajeitada e cabelo desalinhado era *muito* suspeito. A camisa estava fora da calça e ele não usava o paletó. Isso era mais que suspeito, concluí, uma boa explicação para o seu sumiço.

A raiva, de repente, começava a fervilhar em meu sangue quando meu olhar fez uma rápida busca na sala. Nada. Tudo estava na mais perfeita ordem, da qual me lembrava.

Os quartos!

Fechei a cara e atravessei a sala sem pedir licença.

Se aquele projeto do cão estivesse na cama dele o tempo iria fechar e, que Dio os ajudasse, porque eu iria esfolá-los vivos!

Sentindo a raiva crescer dentro de mim, eu vasculhei em tudo quanto é cômodo daquele apartamento, cada cantinho e, como na sala, não encontrei nada, nem ninguém. O que me aliviou um pouco e me intrigou ao mesmo tempo.

Se não era por causa de outra mulher, por que diabo ele tinha deixado a mansão? Por que estava na defensiva comigo? Tão hostil?

Retornei a sala atrás de respostas. Ele permanecia em pé ao lado do bar, com um copo na mão, do que supus ser de uísque. Ele não estava se mexendo, nem me olhando.

— Acabou a inspeção? Seria bom que você fosse embora agora.

— Por quê? Por que você agindo assim, como se eu fosse uma estranha? Por que está tão hostil comigo, Thor? O que eu fiz? Eu não entendo.

Ele bebeu todo o líquido do copo e o bateu sobre o balcão, e então, girou e se fixou em mim. Os olhos furiosos semicerrados. As mãos fechadas em punho ao lado do corpo.

Quando não disse nada, eu me zanguei:

— Espero que você tenha uma boa explicação por ter arruinado meu aniversário.

Sua expressão se tornou enganosamente serena.

— Somente vá embora e me deixe em paz.

— Será que dá pra você mudar o disco? E me responder o que eu te perguntei?

— Eu vou dizer pela última vez, Antonella. Vá embora — pausadamente, disse ele, como se estivesse soletrando para um retardado. Isso me enfureceu.

— No! E acho bom você mudar o discurso, caro mio. Eu não vou sair daqui, até você me dizer o porquê desse showzinho todo! Não é você quem diz que odeia ceninhas? — Ele cruzou as mãos sobre o peito, seu olhar cortante me deixando perplexa e irritada ao mesmo tempo. — Qual é a sua? Por que está agindo feito um imbecil? Não que isso seja muita novidade, mas convenhamos. Aliás, por que foi embora sem me dizer nada? Sua intenção era acabar com minha festa? Se for, eu espero que você esteja muito feliz, porque você conseguiu, suo stronzo!

— Antonella...

— Se você me disser novamente para eu ir embora, eu vou te socar — informei, e ele deu um risinho bufado, sarcástico. Sua cabeça balançando. Eu entendi nada vezes nada. — Que bicho te mordeu? Não foi suficiente para você acabar com meu aniversário?

— Não foi o que me pareceu, a propósito, você pareceu estar se divertindo muito — ele disse num tom enganosamente calmo. — Então eu me pergunto, o que a patricinha Vicenti está fazendo no meu apartamento ao invés de estar aproveitando a super festa?

— Eu vim aqui exigir uma explicação! Isso é o mínimo que você deve fazer.

— Acabou?

— Você é um covarde Castellammare! Um puto de um covarde!

— E por que ainda está aqui?

— Porque eu não vou embora até ter o quê eu vim buscar... Eu não entendo porque você está me

tratando assim. Eu não fiz nada!

— Você é uma dissimulada garota — ele esbravejou dando um passo em minha direção. — O que você estava pensando? — Comecei a andar para trás conforme ele vinha para mim. — Que iria me fazer de otário outra vez? Tudo tem limite, Antonella.

— Do que você está falando?

— Pelo amor de Deus! Corta essa merda. Essa sua encenação barata não convence ninguém, muito menos a mim. — Eu o olhei, espantada pela súbita explosão. — O que foi? O merdinha não te satisfez? Então você veio atrás do babaca aqui?

— Mas de que merda você está falando? Ficou louco?

— Eu estou falando do merda, com quem você estava agarrada aos beijos no estacionamento enquanto o idiota aqui estava na sua maldita festa te esperando, porra! — Não pude conter minha expressão surpresa. — Não se atreva a negar. Eu vi, Antonella. Não foi ninguém que me contou. Eu vi com os meus próprios olhos, você agarrada com outro, sua cadela filha da puta!

— Dio! Thor não é...

— *O quê*? Não é o que eu estou pensando? Sério? Você é muito vadia mesmo, não é? Como você pode ser tão cara de pau assim garota? Que parte da fodida frase você não entendeu? Eu vi, porra! Eu fiquei que nem um imbecil te esperando enquanto você com a desculpa de cumprimentar os convidados sumiu da festa para se encontrar com seu amante. E o babaca aqui estava preocupado te procurando, porque as amigas da vadia tinham voltado e ela não. E, o que eu encontro? A cadela aos beijos com outro bem debaixo do meu nariz!

— Você está me ofendendo! E as coisas não aconteceram assim.

— Então, me diz. Como aconteceram? Agora eu quero saber como você foi parar no estacionamento com outro. Vamos lá, Antonella. Diga-me!

— Brian me disse que, — pausei, limpando minha garganta —, ele me pediu para acompanhá-lo até carro, porque tinha esquecido o presente lá e...

— E você o beijou em agradecimento.

Eu balancei a cabeça frenética, negando, mas Thor não me deu atenção caminhando de um lado para o outro. Então ele parou na minha frente, seus olhos irados sobre mim.

— E pra mim, Antonella? O que você iria me dar em agradecimento? Porque se a ele você agradeceu com um beijo — disse devagar, sua voz muito afiada. As mãos correram pelo cabelo quando ele pareceu respirar fundo. Eu não estava gostando nenhum pouco do rumo dessa conversa, e quando ele acrescentou, eu tive certeza que era melhor ser surda. — Como você iria agradecer aos demais convidados? Beijando-os também? Ou talvez, abrindo as pernas...

O próximo som que se ouviu na sala foi da minha mão se chocando contra a face dele quando a raiva culminou. Sua cara de pau virou pela força da bofetada e ele se calou, esticando a própria mão sobre a face vermelha e me encarou furioso.

Minha voz saiu baixa e muito fria quando grunhi, cutucando meu dedo em seu peito:

— Você é um filho da puta, Castellammare! Um babaca de merda. Bastardo! Eu não sei por que perdi meu tempo vindo até aqui. E quer saber de uma coisa? Và all'inferno, suo disgraziato! E nunca, ouça bem, nunca mais nessa sua vidinha medíocre de merda dirija a palavra a mim.

Girei os calcanhares, pronta para sair, porém suas mãos agarraram meus pulsos, puxando-me de volta contra o seu corpo. Face contra face. Sua respiração pesada batendo sobre meu rosto.

— Não se atreva a bater em meu rosto novamente, Antonella. Nunca.

Sua face estava dura e impenetrável, mas meu rosto não estava diferente do seu.

— Eu prefiro cortar fora as minhas mãos a te tocar outra vez, seu puto desgraçado! — eu disse ríspida e acrescentei, pausadamente, entre os dentes. — Me solte agora mesmo.

Seu aperto afrouxou, porém não o suficiente para me livrar meus pulsos.

— Tire suas malditas patas imundas de cima de mim agora, caralho!

Seus dedos afrouxaram mais e eu puxei as mãos. O desgraçado continuou calado e imóvel, encarando-me. Isso somente serviu para me deixar mais furiosa. Meu coração pulsava irado. Sem quebrar o contato visual, tirei os brincos e o colar, e, em seguida, joguei-os na cara dele.

— Isso é seu — ele latiu.

— Eu não quero mais nada que venha de você. Nada! Filho da puta, miserável!

Senti meus olhos arderem quando mordi as palavras para ele, e então, procurei a saída e me movi em direção a ela. Eu preferia morrer a deixá-lo me ver chorando. Parei a alguns poucos passos da porta do elevador. Respirei profundo e pisquei, espantando as lágrimas e o olhei.

— Você não merece nem mesmo que eu dirija minha voz a você, Castellammare, sequer que eu te dê a porra de uma explicação. — Ele levantou o olhar lacrimejado para mim. — Estúpido, se você tivesse ficado um minuto a mais, teria visto a joelhada e a bofetada que dei nele por me beijar a *força*, seu imbecil... Calado! Eu só fui até a merda do estacionamento porque Brian me garantiu que seria rápido. Nunca imaginei que ele fosse se declarar e me agarrar, porque nós éramos amigos. Porém aconteceu e não tem como mudar isso. Eu briguei com ele e o expulsei da minha festa.

Nem sei por que eu estava dando uma explicação para esse idiota, contudo, não pude deter minha língua pinicando. Talvez, porque eu quisesse esfregar na cara dele o quão burro e injusto ele estava sendo comigo. E deixá-lo saber disso me deixava feliz.

— Você gostou? Gostou de beijá-lo?

O ouvi indagar quando lhe dei as costas e chamei o elevador. Mal contive meu risinho nervoso, minha língua estalando no céu da boca quando girei o corpo de lado e o enfrentei.

— Claro que gostei. Na verdade, amei tanto que bati nele e o escorracei da minha festa. Óbvio que não, babaca! Não me interessa se você acredita ou não. Essa é a verdade, você queira ou não.

Eu somente queria sumir daqui e não vê-lo nunca mais na vida. Entretanto, havia uma dúvida martelando o meu cérebro e eu não sairia de lá até tê-la tirado.

— Afinal, por que você se importa? Quero dizer, por que você se incomodou tanto em me ver com outro se nós não temos nenhum compromisso? — Sua mudez perseverou, seu olhar brilhando por lágrimas e aquele algo mais que me intrigava. — Me responda, Castellammare. Ou além de estúpido é um covarde também? Diga-me. Por que se importa?

— Porque eu te amo, sua estúpida!

Capítulo 27

Meu cérebro travou e a Terra pareceu congelar quando absorvi as palavras dele. Mesmo minha respiração estava rasa, tão fraca que era um milagre eu estar viva.

Eram palavras simples, mas fortes o suficiente para causarem efeitos devastadores. E, elas tinham sido pronunciadas com tanta força e verdade, que não me deram o direito da dúvida.

Ainda sob o efeito delas, exalei um lento sopro de ar sem poder desgrudar meus olhos dos molhados de Thor, que estavam atentos, estudando minhas reações de perto.

Engoli saliva com dificuldade, tentando formular frases coerentes em minha mente, porém com seu escrutino cravado em mim com tamanha intensidade ficou impossível pensar em outra coisa que não fosse suas palavras gritadas em alto e bom som para quem quisesse ouvir.

Thor não podia fazer isso comigo. Não podia me dizer essas coisas, aliás, eu não podia me derreter por causa de uma declaração dele, ainda mais depois do mesmo me acusar por algo que eu nem tive culpa e ainda me ofender. Eu não derreti com Brian e com ele não podia ser diferente.

Mas, então, ele não era Brian. Ele era Thor.

— Eu... eu... eu preciso ir — tropecei debilmente ao conseguir um fio de voz, ainda me sentindo completamente atordoada quando ouvi as portas do elevador se abrirem com um bip sonoro.

— Não vai não! Você não vai fugir agora! — ele rosnou, fechando nossa distância rapidamente e, no instante seguinte, senti minhas costas doerem com o impacto do seu corpo imprensando o meu contra a parede ao lado. Thor acrescentou, a voz soando mais grossa e áspera. — Eu te dei todas as chances de ir e você não quis. Agora você vai ficar e me ouvir, Antonella.

Sacudi a cabeça em negação.

— Não quero te ouvir...

Fechei os olhos sentindo o coração disparar feito um louco, e traguei baforadas profundas. Levantei as pálpebras e encontrei os seus olhos a centímetros dos meus, encarando e me aprisionando, todavia, a ira não pairava mais sobre eles, *agora* eles refletiam outras emoções e sentimentos. Mágoa, tristeza, apreensão, devoção... e amor.

Minha respiração engatou e eu meio que me desesperei.

— Não fuja de mim, neném — ele disse com a expressão tristonha quando tentei empurrá-lo, porém suas mãos seguraram meus braços, parando meus movimentos falhos.

— V-você está me machucando — choraminguei.

— Não mais do que você já fez e continua fazendo comigo, Antonella, sabe disso, mas não dá à mínima. Desde que nos conhecemos você não fez outra coisa se não destroçar o meu coração. Tem me dilacerado com sua frieza, com sua indiferença e com a porra das suas mentiras — Thor esbravejou, com a voz embargada, sua face molhada estava contorcida pela dor transbordando de seus olhos negros, agora vermelhos. Ele soltou meus braços, que caíram ao lado do meu corpo, mas não pude sair, pois ele espalmou as mãos cada uma de um lado da minha cabeça. — Você está me matando garota! Acha que isso é justo? Sendo que a única coisa que fiz desde que a vi pela primeira vez foi te amar como um louco, sem te pedir nada em troca. Porra Antonella! — Rosnou socando a parede. — Você ter beijado aquele cara, com ou sem o seu consentimento, não diminui em nada a dor infernal que eu senti em meu peito ao vê-la nos braços de outro. Então para garota! Para de partir o meu coração! Para de agir como uma adolescente inconsequente e me enxergue ao menos uma vez na vida. Um dia que seja, me enxergue como o seu

homem!

Meu coração agarrou a garganta e não pude mais conter as lágrimas em meus olhos, que saltaram silenciosas e eu nem mesmo sabia o porquê disso. Eu apenas queria sair correndo daqui e o teria feito se meus pés não estivessem soldados ao chão e meus olhos presos aos dele.

— Thor...

Ele não me deu ouvidos.

— Porque você gostando ou não, eu sou seu, de corpo e alma. Você me tem na palma das suas mãos e pode fazer o que quiser comigo. — Ele fez uma pausa pousando a mão em meu rosto gentilmente, acariciando-o sem quebrar o contato visual. — Eu realmente estou apaixonado por você e mesmo que me parta em mil pedaços vê-la com outro, você sabe que eu vou te perdoar. Todas às vezes que você me esculachar e quebrar meu fodido coração, mesmo assim eu vou estar aqui para você. Eu sempre estarei aqui para você, porque a dor que senti hoje ao vê-la com aquele merda não é nada comparada a dor que eu sinto só de cogitar a possibilidade de perdê-la... Não pedi isso e juro por Deus que não queria, mas merda... Eu quero você, quero tocar seu corpo, quero que grite aos quatro ventos que você é minha, porque de uma forma ou de outra, Antonella, você é minha! Nenhum homem vai tocá-la da forma que eu toco ou fazê-la sentir as coisas que eu faço. Melhor ou pior, você sabe que eu sou único — ele finalizou, encostando sua testa na minha.

— Não diga essas coisas para mim, Thor — sussurrei meio aflita, pois mesmo não havendo acusação em seu olhar, algo dentro de mim se partiu deixando-me desnorteada.

Seus olhos se abriram refletindo toda a mágoa que eu não queria ver.

Minha razão dizia-me para ir embora o mais rápido possível sem olhar para trás. Mas meu coração burro suplicava para que eu ficasse e o embalasse em meus braços.

— Eu digo quantas eu quiser. Eu te amo, neném. — Sua voz saiu entrecortada. O tom muito doce capaz de quebrar qualquer resistência dentro de mim. — Não me importo se você não sente o mesmo por mim e nunca vou obrigá-la a me amar de volta, porém tenho de ser sincero, eu adoraria que pudesse me devolver isso, mas se não pode, okay. O meu amor por você é suficiente para nós dois. Só não fuja de mim e me deixe amá-la.

Desviei o olhar para seus lábios vermelhos muito próximos dos meus. Convidando-me. Umedeci os meus próprios quando a vontade de beijá-lo bateu em mim com uma força imensurável.

Eu sabia que iria me arrepender por obedecer ao meu tolo coração e machucar Thor no processo, pois não o amava. Tinha carinho por ele, è vero. Talvez por causa da convivência diária e pelo tesão que compartilhávamos... Freei meus pensamentos com uma sacudida mental. Depois eu pensaria porque no momento a única coisa que queria era sentir a boca dele sobre a minha.

Espalmei as mãos em seu peito ao mesmo tempo em que me içava nas pontas dos pés. Em câmera lenta pousei a boca sobre a dele. Foi apenas um toque gentil, um leve pressionar de lábios, que eu não entendia como, mas provocou um pulso de choque.

Eu senti. Ele sentiu.

Era como se estivéssemos recebido ao mesmo tempo uma superdose de adrenalina e algo mais intenso, inexplicável. Abalou-me. Envolveu e apertou. Ateando fogo em minhas entranhas.

Em uma batida de coração, suas mãos envolvendo meu rosto puxaram para trás e seu olhar brilhando com uma mescla de emoções, sentimentos e lágrimas me acertaram a alma, hipnotizando-a nas profundidades dos seus olhos azeviches, antes de Thor me beijar.

Foi um beijo sofrido e cheio de sentimentos controversos.

Ele me consumiu, devorou, tirou e deu. Muitas emoções embaladas num simples ato, que enevoaram minha mente e devastou os meus sentidos. A língua dele cavou fundo em minha boca, balançando a sua maneira, espanando as minhas reservas para longe quando a entrelaçou na minha.

Eu me afoguei na sua intensidade, ainda assim não podia me afastar ou ajudar a mim mesma quando sua

voracidade me atingiu e se transformou na minha própria.

Thor abrandou o beijo escovando outros pequenos sobre meus lábios.

— E-eu não sei como você consegue fazer isso comigo, mas eu não vou fugir — garanti ofegante abrindo os olhos quando disse a última parte.

Seu sorriso foi devastador e a incerteza de seu olhar suavizou.

— Talvez você me ame, só não descobriu isso ainda.

— A única coisa que sinto por você é desejo. Sinto muito.

— Já é alguma coisa. — A voz, os olhos, refletiam serenidade e uma sugestão de diversão. Contudo, eu sentia não ser assim e não podia fazer nada a respeito. — Me perdoe por eu agir feito um tolo apaixonado e te ofender. Eu perdi o controle quando a vi... O ciúme me cegou. Sei que isso não é desculpa para te ofender, foi errado da minha parte, me perdoe... Não sei como faz e o que faz, mas me deixa maluco. Não sou um homem que perde o controle fácil e, cacete, Deus sabe que eu não faço, no entanto, quando se trata de você meu controle se dissolve e eu sempre acabo trocando os pés pelas mãos, mas eu juro baby, juro que vou tentar melhorar.

Ele tinha que parar de me dizer essas coisas, esses olhos pidões e essa voz doce rachavam minhas paredes de defesa. Enriqueciam meu peito. Isso não podia ser bom. Não era.

— Diga que me perdoa Antonella. Por favor, neném.

Em resposta eu o beijei, novamente. Ele respondeu, conquistando minha boca com uma perícia sensual, a língua roçando contra a minha com carícias ascendentes, antes de entrelaçar na minha. Era como se fôssemos dois fios desencapados, chocando-se e criando reações poderosas. Estiquei o braço e agarrei sua nuca. Thor deu uma dentada no meu lábio inferior, e então, ele sugou forte.

Borboletas revoaram em meu estômago e um gemido fraco me escapou.

Um de seus braços rodeou a minha cintura me apertando contra seu corpo quando ele continuou me beijando. Sua força, seu magnetismo e sua posse estavam interiorizados em mim.

Thor alimentou meu estômago com necessidade, despachando ondas de aquecimento luxurioso, que partiam do meu coração, envolviam minha barriga e penetravam minhas entranhas. Tesão começou a molhar minhas dobras e se reunir no fundo da minha calcinha.

— Você *realmente* é único — sussurrei num fiapo de voz, embriagada nas sensações de seu toque. Ele me encarou com os olhos ansiosos. — Eu quero você, Heithor.

— Antonella, Antonella... você ainda vai me matar — ele grunhiu segurando minha cabeça entre suas mãos, seus olhos penetraram os meus, incendiando-me por dentro.

Icei as mãos para os seus pulsos e mantive nossos olhos conectados.

— Me ame Thor... me faça sua.

— Eu sempre te amei Antonella, mesmo quando estávamos mais selvagens — ele confidenciou num tom de voz aveludado, sorrindo encantadoramente. — Nunca foi somente sexo entre nós. Fazemos amor selvagem. Fodemos com amor... sempre — acrescentou com uma piscada malvada.

Enrolei o lábio entre os dentes evitando que meu sorriso se estendesse.

Thor me pegou em seus braços e eu pousei a cabeça em seu peito enquanto ele me carregava através do apartamento até a sua suíte. Ele me colocou sobre os meus pés e recuou um passo largo para me fitar de cima abaixo, com um arrastado e admirado olhar, que me pôs nervosa.

Seu cálido sorriso enquanto ele me contemplava com demente fascínio fez maravilhas em meus hormônios. Calor enriquecido chiou na parte inferior do meu estômago e meu sangue cantou.

— Você gosta do que vê?

O olhar profundo laçou meu próprio desejo.

— Tanto que quero rasgar esse bonito vestido e te comer toda.

Suas mãos correram pelos meus flancos e, mesmo por cima do tecido, eu podia sentir o calor de suas palmas transpassando o tecido e penetrando minha carne. Seus lábios vieram para os meus e eu agarrei

sua cabeleira então rasguei a boca para o seu pescoço cheiroso, mordendo e beijando.

Seu perfume era algo excitante, convidativo e viril. Deixou-me doida por mais dele enquanto sentia suas mãos investigarem a lateral do meu vestido, e quando ele achou o pequeno zíper, o desceu sem cerimônia. Então suas mãos subiram para as alças e eu baixei os braços, permitindo passá-las por meus ombros e mais abaixo, revelando meus seios nus. Thor não foi para eles de imediato e continuou me beijando, freando minhas mãos impacientes, que tentava obter o vestido fora. Ele grunhiu em advertência sobre minha boca quando tornamos a nos beijar e deu uma dentada no meu lábio inferior quando lutei com ele por isso. O ato me enviando tremores mornos e úmidos. Eu choraminguei baixinho.

Sua boca se afastou e ele deu um passo atrás.

As mãos dele tornaram a me flanquear, e então, se encheram com meus seios, apertando-os de leve, os dedos ásperos jogaram com as pontas, fazendo-as enrijecerem sob seu toque.

Estava olhando para as suas mãos, deslumbrada pelo toque tenro delas, embora fossem corpulentas, grandes e fortes, como ele todo. Thor sempre me surpreendia pela forma genuína que me tocava quase como se tocasse ao mais fino veludo, ao invés. E ainda assim seguia sendo firme, a medida exata. E ele parecia ter sensores nas pontas dos dedos, que sempre encontravam os interruptores de prazer em meu corpo e os ativava conforme a sua vontade.

— Seus peitos são preciosos, neném. Eu amo a maneira como eles me respondem, como se soubessem *exatamente* quem os está tocando e eles precisassem reagir. Eles me deixam com fome. Eu quero gozar neles... Eles muito sensíveis a mim, não é assim?

Minha resposta se converteu num gemido ofego quando sua boca desceu cercando meus mamilos. A ponta de sua língua contornando em volta, enrugando o casulo, antes de sugá-lo dentro da boca, e então, ele se moveu para o outro com a mesma atenção requintada.

— Oh, merda — gemi quando ele mordiscou o bico.

Curvei as costas. Por um momento apenas senti sua boca se amamentar dos meus seios, saltando de um para outro, com sucções e lambidas fortes. Era tão gostoso sentir os lábios e a língua dele lá. A umidade morna, os sons estalados e molhados que ele fazia ao chupar. Ele era delicioso.

Meus dedos se agitaram nos botões de sua camisa, queria tocar sua pele, sentir os gominhos duros de seu abdômen forte nas pontas de meus dedos, mas minhas mãos tremiam tanto que não consegui sequer abrir o primeiro botão. Impaciente, eu agarrei as lapelas e puxei com brusquidão criando uma chuva de botões caindo no chão enquanto Thor me ajudava a livrar da sua camisa.

Ele deu uma risada dura entre os dentes. Suas mãos se moveram em mim empurrando o vestido para baixo até que este caiu em meus pés. Thor me levou para a cama e a maciez dos lençóis deu boas-vindas as minhas costas. Ele ficou de quatro em cima de mim, suas pernas entre as minhas, os braços esticados ao lado da minha cabeça então voltou a me beijar apaixonadamente. Sua língua, quente, e selvagem, encontrou a minha em um choque. Sugou-a profundamente, embebedando-me. Minhas mãos flanquearam seu corpo deslizando para frente. Meus dedos trabalharam as cegas no botão e zíper da calça social, e uma vez que os abri, enfiei uma mão dentro da boxer empurrando-a para baixo simultaneamente enquanto puxava seu pau para fora a meio mastro, crescendo...

Eu o masturbei brevemente.

Thor se moveu em sincronia comigo quando deslizei abaixo dobrando meu tronco para frente e ele moveu uma das pernas, colocando um joelho do lado de fora da minha cintura e impulsionou para cima até que meus lábios se fecharam na cabeça larga de seu pênis. Eu chupei duro, com um molhado e sensual estalido, e seu quadril tencionou.

— Puta que pariu! — ele gemeu. — Isso, neném. Chupe fundo. Mostre-me o quanto você quer tê-lo dentro de você. Deus, porra! Sua boca é perfeita, baby.

Ele manteve minha cabeça com uma das mãos embrulhadas em meu cabelo enquanto balançava os quadris, seu pau entrando e saindo da minha boca. Eu o mamei com fome. Minha língua sacudindo em seu

eixo, jogando com a cabeça quando eu sugava. Apenas minha boca brincava com ele, babando ao seu redor. Minhas mãos estavam em suas coxas. Seu pau inchando mais quente e duro. O sabor levemente salgado do pré-sêmen acentuando em minha língua e em minha libido.

Thor retrocedeu ao mesmo tempo em que empurrava minha cabeça para trás, seu pau escorregando para fora dos meus lábios, mas não sem antes eu dedicar uma forte e estalada chupada na cabecinha.

Ele amaldiçoou. Eu sorri.

Ainda segurando um chumaço do meu cabelo no punho enquanto a outra estava apoiada contra a cabeceira da cama, ele forçou minha cabeça para trás e acertou minha boca com a dele num beijo duro e molhado, que insuflou o desejo dentro de mim, chamuscando meus nervos, infectando minhas veias.

Minhas mãos mal tiveram tempo para se esbaldar em seu traseiro firme quando as infiltrei sob a calça dele, Thor puxou para baixo, movendo para estar novamente entre as minhas pernas ao mesmo tempo em que seus lábios rasgaram para baixo, conquistando meus seios com avidez.

Dentes, língua e lábios trabalhando para me enlouquecer.

Eu choraminguei entre gemidos e ofegos difíceis, quase pulando para fora da minha pele quando senti sua mão sondar sob minha calcinha de seda. Os dedos escorregaram pela minha fenda, molhando-se com meus fluídos levando-os para o meu clitóris. Ele massageou breve com movimentos circulares então desceu enfiando dois dedos em meu canal. Meu quadril tencionou e ondulou. Um gemido rasgado abandonou meus lábios e eu me agarrei a Thor, mantendo minhas mãos fortemente em seu cabelo, sujeitando sua boca sobre meu mamilo enquanto seus dedos seguiam batendo dentro de mim, a palma esfregando em cima do meu ponto de prazer mais e mais forte. Mais e mais rápido. Rude.

Meu prazer floreou, crescendo numa onda cheia, levando-me para cima...

— Não!

Desesperei-me quando sua boca e dedos me abandonaram para então me fazer soltar um gritinho abafado ao ter minha calcinha rasgada para fora do meu corpo. Thor agarrou a parte de dentro dos meus joelhos e empurrou para frente, obrigando-me completamente aberta para seu olhar selvagem.

Eu ainda estava com as sandálias e ele parecia não ter intenção de tirá-las.

— Deus, neném, você parece tão boa toda brilhante e babando aqui embaixo, que eu não sei com o que eu vou te comer primeiro. Minha boca ou meu pau? Hum... Difícil decidir.

— Use a boca — incentivei num sopro cheio de expectativa.

Seu olhar laçou o meu, queimando.

— Gosta da minha boca na sua buceta, neném?

— Sì. Mi piace molto.

— Eu também adoro meter a língua nessa buceta gulosa. Poderia gozar apenas por chupá-la, baby. Foda-se! Eu poderia te chupar o dia todo, eu quero isso todo o tempo. — Ele se curvou abaixando a cabeça, a respiração quente sobre minhas dobras. — Ela cheira tão fodidamente bem. Pecado puro. É deliciosa. Gostosa pra caralho.

Thor abocanhou minha buceta sem misericórdia, a língua morna e áspera rodando por todos os lados, sorvendo meu tesão e, simultaneamente, me deixando mais excitada.

— Merda! Oh, merda!

Eu cantei fora do meu eixo, com meu corpo todo apertado.

Minha respiração saía rápida e entrecortada por meus lábios partidos.

A boca de Thor me devastou lambendo-me com uma fome doente tantas e tantas vezes. As sensações eram intensas demais, fazendo minha cabeça balançar para os lados. Obrigando a me encolher, querendo fugir e ao mesmo tempo ficar, ter mais dele. Muito, ainda assim insuficiente.

A emoção do prazer inflou no fundo da minha barriga e se elevou para a borda.

Quase lá...

Ele meteu dentro dois dedos e os moveu sem cuidado enquanto seguia jogando com meu clitóris entre

lambidas e sucções rudes. Coloquei as mãos em seu cabelo e puxei um punhado entre os dedos, forçando-o sua boca e dedos mais firmes e duros contra mim quando plantei os saltos no colchão para me impulsionar contra sua boca. Rebolando. Movendo.

Minhas coxas tremeram, minha pele pontilhando, o quadril retesando...

— Dio, Thor! Assim... Me chupe assim, gostoso... Me foda... Io... io...

Thor chupou mais duro levando-me em uma tempestade de êxtase, deixando-me sem fôlego, gemendo o seu nome quando o orgasmo me engoliu. Eu não podia pensar. Meu cérebro latejava e minha visão estava embaçada; apenas pude sentir enquanto me desfazia em seus lábios.

Virtualmente, percebi ele se mover com rapidez para fora da cama, e então, voltar completamente nu se colocando entre as minhas pernas, as mãos ásperas e firmes quando puxou uma perna minha para cima.

Eu puxei o ar a baforadas erráticas enquanto lutava contra ele quando ele manteve segura uma das minhas pernas em seu ombro e, em seguida, posicionou a ponta do seu pênis na minha entrada.

— Espera... M-me dê só d-dois minutinhos.

— Sinto muito neném, mas não posso esperar esses dois minutos — ele disse, e então, me empalou por completo até o fundo, onde minha alma estava entorpecida pelo prazer.

Thor xingou blasfemando. Eu gritei.

Minhas pálpebras se trancaram e minha cabeça curvou para trás, com as costas arqueadas e os dedos presos no lençol enquanto a sensação da fricção me rasgava. Dor e prazer num só pacote.

Podia sentir meus músculos internos trabalhando para se abrirem para ele e se acostumarem com a sua espessura, mas eu sabia da verdade. Eu nunca me acostumaria. A sensação picante sempre estaria lá, revolvendo dentro e fora numa pilha de loucura bem-vinda.

Thor retraiu o quadril arrastando quase tudo fora e voltou mergulhando dentro até as bolas. Fez de novo e de novo até estabelecer um ritmo regular e lento, que me colocou para fora da pele.

O prazer que ele me proporcionava era muito intenso, tão insano, que podia sentir tudo e nada ao mesmo tempo. Soltei o lençol e alcancei meus seios, acariciando-os sem cuidado, puxando as pontas duras e me deliciando com os disparos de prazer que sentia a partir daqueles pontos.

— Olhos em mim, amor — grunhiu duro. — Mantenha seus olhos sempre em mim.

Bati as pestanas abertas e quando encontrei seu olhar fixado em mim, assistindo minhas mãos, com os lábios entre abertos, a fome selvagem deformando seu bonito rosto, eu sorri.

— Thor...

— O que você está sentindo, neném?

— Você.

— Como está me sentindo?

— Duro... Mmmm... Muito duro... e grande...

— Você gosta, baby? Gosta de foder o meu pau?

Ele bateu devagar até o fundo.

— Dio, sì, Thor! Dê-me mais!

Seu pomo de adão moveu e ele gemeu, um som rude reverberando dentro de mim, chacoalhando meus nervos enquanto ele começava a moer meu quadril, com golpes curtos e rápidos.

Thor veio sobre mim, levando minha perna junto, sua pélvis pressionando forçosa contra meu clitóris, estimulando minha cavalgada para o inferno, antes que a boca profana engolisse meu peito e começasse a sugar o mamilo. Um gemido rouco e alto irrompeu por minha garganta enquanto enrolava minha outra perna em torno dele. A posição permitindo-o entrar mais fundo, a cabeça cega tocando pontos sensíveis dentro de mim e os ativando a vida. Somando minhas sensações. Ele soltou meu peito para pegar minha boca num beijo prolongado.

Desamparada, o deixei me conduzir a sua maneira.

A louca química sexual, sua determinação tangível de me proporcionar prazer e me fazer feliz, cegou-

me por uma fração de tempo, mas Thor estava aqui para me pegar.

Ele era tão bom. Uma bomba sexual prestes a me explodir em pedacinhos.

Com a testa colada na minha, os olhos negros dilatados sobre os meus e nossos fôlegos se misturando, ele rebolou seu pênis no processo de entrada, deixando meus olhos em órbitas.

Eu me perdi mais profundo na névoa densa crescendo em meu interior enquanto ele repetia o ato.

— Não tem jeito neném, você é deliciosamente apertada — ele resmungou no meu ouvido.

Estiquei as mãos e agarrei sua bunda enfiando as unhas nela enquanto o instigava a me dar mais. Ele deixou minha perna ir e eu a enrolei ao seu redor como a outra, trancando os tornozelos contra a parte baixa de suas costas. Neste momento Thor não era apenas um cara me comendo, ele fazia parte de mim. Seu hálito quente soprava sobre meus lábios, o peito úmido de suor roçando e esmagando meus seios a cada investida dura dele, mesmo nossos corações batiam juntos.

— Diz pra mim que você é minha, Ella — ele pediu quase desesperado, mordendo minha mandíbula e intensificando suas investidas.

— E-eu sou sua, Thor. Só sua.

— Quem é o seu homem, Ella?

Murmúrios de prazer ecoaram da minha garganta quando ele meteu mais duro.

— Quem te deixa insana de prazer, como você está agora? — ele rosnou de maneira sombria no meu ouvido e beliscou o lóbulo da minha orelha com os dentes. — Me diz, Ella.

— V-você — ofeguei.

— Eu quero ouvir meu nome, Antonella — vaiou autoritário, metendo tão, mas tão devagar, que eu sentia como se mil torturas caíssem sobre mim. — Diga-me!

— Você, Heithor! Você é m-meu homem. O único que me deixa assim... Maldi... Aaah! Por que você está me torturando? Só... Oh, Dio... Só me foda daquele jeito!

— Não gosta assim? — Ele riu duro. — É uma menina gulosa.

— Per favore, Thor, ti prego... faça mais rápido, merda — exigi precisando mais que o ritmo brando que ele fazia enquanto me remexia sob ele, frisando meu apelo. — Per favore...

Ele não desperdiçou tempo, preenchendo-me da forma que nós dois precisávamos. Rápido e profundo. Seus movimentos aumentaram conforme os meus choramingos de prazer cresciam. Eu podia sentir a necessidade, o demônio da luxúria rasgando por mim enquanto Thor metia enfurecido.

Sentia meu corpo suado e um calor absurdo percorrendo meus membros quando pequenos tremores começaram a me abalar e meus músculos repuxaram, flexionando e soltando.

Thor meteu mais e mais rápido, a fricção perfeita de sua pélvis sobre meu broto combinada ao entra-e-sai de seu pênis em meu canal desfez minha mente. Eu não podia ajudar a mim mesma quando o prazer estalou no fundo do meu ventre e se estilhaçou, criando uma reação em cadeia.

A sensação avassaladora me engolfou e pontilhou minha pele enquanto eu prendia as pernas em torno do corpo masculino com todas as minhas forças e meus músculos faziam o mesmo com seu pênis. Thor xingou e meteu mais duro, laçando seu próprio clímax. Ele veio selvagem, os lábios abertos e os olhos fechados, a cabeça jogada para trás e os músculos apertados enquanto jorros quentes me banhavam. Ainda assim, ele não se deteve e seguiu batendo dentro de mim, alagando meu centro com seu sêmen, até que senti isso escorrer pela borda.

Eu gemi baixinho. Ele era tão bonito e a sensação muito boa.

Sua cabeça caiu e os lábios buscaram os meus, beijando-me devagar, muito suave e carinhoso, com reverenciado primor. Minhas unhas percorreram suas costas enquanto eu o beijava de volta.

Era maravilhoso senti-lo em meu interior, seu peso sobre mim. Nossas bocas juntas.

Quando ele abrandou o beijo, ainda arfando, seus lábios sorriram para mim e eu não pude deter o meu próprio enquanto meus lábios curvavam num deslumbrado sorriso pateta.

— Linda — ele sussurrou roçando a boca na minha. — Eu amo você, Antonella.

Eu não disse nada e continuei olhando para ele enquanto me sentia corar, encabulada pela forma que ele me fitava. Admiração. Seus olhos me reverenciavam com sentimentos.

Sua cabeça se enterrou na curva do meu pescoço quando ele entendeu que eu não o deixaria sair, sua respiração puxou fundo, inalando meu cheiro enquanto meus dedos deslizavam em suas costas.

Eu não podia entender a necessidade e, tampouco, busquei compreendê-la. Apenas o queria desta forma, sentindo-o dentro e fora de mim. Seu peso e seu calor muito certo.

— Eu ainda tenho fome — eu disse após alguns minutos. Thor me olhou em confusão. — Fome de você — acrescentei num fôlego, sentindo minhas bochechas pegarem fogo de vez.

Ele sorriu, uma lenta e intensamente erótica curva de seus lábios, que me fez lutar para respirar, um momento antes de sermos regidos pela sensualidade que partilhávamos.

Não falamos mais nada, nem precisávamos, nossos corpos eram excelentes condutores.

Na manhã seguinte despertei sentindo a falta de Thor na cama. Ancorei-me em um braço flexionado e levantei o tronco parcialmente, esfregando os olhos com a outra mão.

— Thor?

Sua figura apareceu na porta do banheiro, completamente vestido, e veio até mim.

— Ainda é cedo amor, volte a dormir — ele disse, acariciando meu rosto. — Eu preciso sair para resolver algumas coisas de trabalho, mas volto antes do meio dia para almoçarmos juntos. Esteja à vontade e não hesite em me chamar no celular se precisar de qualquer coisa. Ou a Ben, certo?

Sorri fracamente. Estava zonza de sono. Fechei os olhos ao mesmo tempo em que deixava minha cabeça cair de volta no travesseiro e às cegas puxei o dele para junto do meu corpo.

— Só mais uma coisa...

— Che? — indaguei sem abrir os olhos.

Senti seus lábios roçarem nos meus.

— Eu te amo.

Horas depois quando acordei novamente, Thor ainda não tinha voltado. Eu aproveitei para tomar banho e cuidar das minhas necessidades, antes de ir à cozinha atrás de algo para comer então segui para a sala e me amontoei no sofá, com uma caneca fumegante de café.

Beberiquei um pouco do líquido quente enquanto meus pensamentos voavam.

Mamma mia!

Thor. Me. Amava.

Isso sim que era uma grande surpresa e eu não podia deixar de me sentir feliz com esse fato novo. Thor era um homem lindo e fazia sexo, ou, como ele mesmo disse na outra noite, fodia com amor como nenhum outro... Olhei para mesa de centro e vi o colar e os brincos, que ele havia me dado. O que me fez lembrar Brian. No entanto, o barulho estridente do meu celular cortou a linha do meu pensamento. Peguei-o de dentro da minha bolsa, olhei no visor para ver quem era.

Número restrito.

Enruguei o cenho e atendi.

— Alô... O que diabos você quer?

Capítulo 28

Eu não sabia bem como me sentir quando desliguei o telefone. Era uma mistura de choque, incredulidade e desconfiança, que me deixou sem ação por uns bons minutos. Até que a curiosidade emergiu, querendo sair por minha pele. Recompus-me, e então, transladei até o escritório.

Hesitei por um breve momento.

Por que merda eu devo acreditar nisso?

Exalei forte e entrei.

Eu não iria conseguir dormir se não tirasse a dúvida em minha mente, afinal.

Conforme o que me foi dito, eu revirei cada canto daquele espaço, mas era difícil procurar algo do qual nem mesmo eu sabia o que era. Momentos depois eu deixei minha bunda escorregar para o chão, apoiando as costas no armário baixo detrás da mesa de Thor, e bufei irritada comigo mesma ao inspecionar a bagunça que eu tinha feito a troco de nada.

Sacudi a cabeça com um movimento seco e foi quando me deparei com a única gaveta que eu ainda não tinha checado — a última debaixo. Arrastei-me até ela e a abri sem pensar duas vezes.

Pastas. Papeis. Alguns envelopes... Uma pasta.

Isso me chamou a audiência. Ela estava no fundo, escondida ou abandonada, sob os papeis. Minha curiosidade foi a mil quando arrematei a pasta grossa e, um segundo depois, meus olhos arregalaram logo se estreitaram quando li a etiqueta na parte inferior da capa.

OS VICENTI

Por que diabo Thor tem uma pasta com o nome da minha família?

Fiz menção de abri-la, mas parei ao checar as horas e me assustei. Onze e meia. Thor chegaria a qualquer momento. Meu coração disparou, e eu mais que depressa fechei a gaveta e arrumei a bagunça que tinha feito, em seguida, corri em disparada para a suíte, levando a pasta comigo. Minha curiosidade era gritante para deixá-la para trás. Estava louca para checar o conteúdo, todavia, o que me pareceu ser o barulho da porta do elevador se abrindo, me travou.

— Antonella?

Às pressas eu peguei a mochila, que Pietra havia me mandado com algumas peças de roupas, e coloquei a pasta dentro, em seguida, a joguei para o canto que estivera.

— Estou aqui no quarto — eu gritei de volta.

Thor passou pela porta, sorrindo. Sorri de volta, esforçando-me para parecer o mais natural quanto possível quando ele veio até mim e me deu um beijo na boca.

— Não me diga que acordou agora?

— Estava vendo se Pietra me mandou um creme de rosto que uso pela manhã.

— E mandou?

— Che?

— O creme.

Sorri embaraçada.

— Ah... Sim, ela mandou.

Seus olhos e lábios contraíram com estranhamento divertido.

— Desculpa pela demora, mas eu tive alguns imprevistos.

— Senza problemi.

Ele me beijou de novo então me soltou.

— Eu vou tomar um banho e depois podemos sair para almoçar. — Eu me limitei a curvar os lábios enquanto ele se desfazia da camisa. — Quer me acompanhar no chuveiro?

— Grazie, mas prefiro esperar aqui.

Por um momento ele apenas me fitou, com um semblante sério então suspirou, anuindo com a cabeça. Parecia chateado, porém eu não tinha cabeça para sacanagem *agora*.

— Tudo bem.

Thor me deu as costas, indo para o banheiro e me privilegiando com a visão dos músculos bem trabalhados de suas costas largas. As marcas do final de semana que passamos juntos estavam lá, desenhados por minhas unhas e boca em sua pele cor de mel, como uma tatuagem.

Senti vaidosa, mas a sensação foi cortada com o barulho do chuveiro. Corri de volta para a minha mochila e, descolei um jeans e um top preto. Agarrei a mochila e fui para a sala esperar por Thor. Logo ele apareceu, vestindo uma pólo azul e jeans. O cabelo ainda úmido escovado para trás.

Chupei um longo fôlego e me levantei, jogando a mochila nas costas enquanto ele pegava a chave do carro e a carteira sobre o aparador.

— O que acha de irmos ao Hostaria del Piccolo?

Ele não podia aprontar para cima de mim. Va bene, ele já tinha agido como um bom filho da puta, porém não podia acreditar que ele pudesse ir tão baixo. Thor supostamente me amava.

Maledizione. Eu não iria conseguir esquecer a maldita pasta. Precisava lê-la.

— Ella?

Meus cílios revoaram quando voltei ao apartamento e dei-me conta de Thor na minha frente, olhando de perto. Analisando minha expressão. Tentei relaxar e sorri.

— Desculpe. O que disse?

— Aconteceu algo? — Eu neguei. — Tem certeza?

— Absoluta.

— Por que está assim?

— Assim como?

— Está em qualquer lugar, Antonella, exceto aqui desde que cheguei. Está inquieta e ansiosa, e tenho a impressão que está escondendo algo que não quer que eu saiba.

Dei de ombros.

— Impressão sua.

Uma sobrancelha negra disparou.

— É?

— Sim... Escute, eu me lembrei que tenho um trabalho da universidade para fazer, assim vamos deixar o almoço para outro dia, sì? Eu tenho de ir para mansão agora.

— Trabalho, uh? Tente com a verdade agora.

— Nos vemos mais tarde — disse, passando por ele.

Sua mão segurou meu braço. Eu o olhei, aborrecida.

— Não vai sair daqui sem antes me dizer por que está tão estranha comigo.

— Não pode me obrigar a ficar aqui.

Arrogância desenhou sua expressão.

— Quer apostar?

Reduzi meus olhos para ele.

— Não quero apostar porra nenhuma. Apenas quero ir. Agora faça o favor de soltar o meu braço.

— Vai me dizer o que aconteceu? A verdade?

— Eu já disse. Você é quem não quer acreditar.

Ele xingou.

— Você vai me deixar louco!

— Então me solte que não haverá loucura.

— Qual é o seu problema?

— No momento são as suas perguntas idiotas.

Ele me soltou.

— Certo, certo. — E acrescentou, soando magoado. — Isso é por que eu disse que te amo? Porque se for, você sabe que não tem porque agir na defensiva comigo. Eu já disse que não vou te cobrar nada. Não tem que se sentir pressionada a me retribuir e nem eu quero que o faça porque se sente obrigada, embora fosse muito bom se sentisse o mesmo que eu.

— Não é nada disso — garanti eloquente. — Eu realmente tenho de ir.

Ele assentiu, ainda com o cenho franzido. Seus olhos espertos buscando, e então, ele se afastou.

— Tudo bem, Antonella. Vamos. Eu te levo.

— Não precisa — recusei com um meio sorriso. — Eu vou sozinha.

— Por que você não diz logo que não me quer por perto?

— Senti, não é nada com você. Eu só quero ficar sozinha — expliquei. Ele anuiu, desviando os olhos magoados. Eu acrescentei não tendo tempo para as crises dele. — Arrivederci.

Sentada no chão da privacidade do meu quarto, com as costas encostadas na lateral da cama, eu segurei a pasta sobre minhas pernas. Por longos minutos eu apenas a fitei. Não estava arrependida de tê-la pegado, mas havia algo bem lá no fundo, dizendo-me que eu não iria gostar do que veria. Enchendo-me de coragem a abri, me deparando com uma pequena foto do nonno Giuseppe. Com dados pessoais, rotinas e tudo mais. O seguinte era de mia nonna e assim seguiu até chegar a mim, com uma foto onde eu tinha 14 anos. Magrela, sem cor, toda pivete.

Folhas e mais folhas de relatórios sobre a minha família.

Perplexidade foi o primeiro sentimento que apareceu então veio à raiva quando me toquei que isso se tratava de um dossiê, ainda assim eu podia entender as razões de Thor para tal atitude. O trabalho dele exigia que ele fosse minuciosamente cuidadoso com a irmã e a tia. Bem, eu tinha mudado com elas, era comum que ele se precavesse de elas estarem seguras. Eu não gostava, porém entendia. E teria ficado nisso mesmo, se eu não deparasse com mais folhas sobre mim.

Não de quando estávamos na Itália, senão aqui nos Estados Unidos.

Muitas coisas que fiz pouco antes de ele chegar até dias atrás estava descrito e comprovado nas fotos tiradas depois que nos conhecemos. Algumas muito comprometedoras. Eu não conseguia nem piscar, a cada foto e relatório lido, eu sentia o ódio brotar dentro de mim escoando rapidamente pelas bordas do meu controle.Eu queria torcer um pescoço, matar alguém... Ele.

Maledetto! Disgraziato! Figlio di puttana!

Fechei a pasta com força e a joguei para o lado.

Isso... isso era traição!

O maldito estava me controlando o tempo todo. Sim, eu sabia que ele tinha um segurança na minha cola, e isso foi explicado. Claro. Ele tinha sido um filho da puta desde o início.

Mamma mia... Como eu sou estúpida!

Que ódio!

Respira. Respira. Respira.

Depois de muito trabalhar na minha fúria premente, consegui relaxar, ainda assim o ódio estava lá, plantando profundamente dentro de mim. E eu sabia como extravasá-lo.

Cretino! Filho da puta! Miserável! Desgraçado!

Aquele traste iria se arrepender de ter cruzado meu caminho.

Mirei o despertador em cima do criado mudo, já se passavam das nove da noite. Levantei e enviei uma

mensagem ao Kevin, antes de ir ao banheiro. O banho não demorou. Logo que retornei ao quarto, K já tinha me respondido. Vesti uma calça de couro preta, com um top azul marinho e uma jaqueta de couro negra por cima. Coloquei uma bota de cano alto combinando.

Maquiei-me, marcando bem os olhos em tons escuros e a boca de vermelho sangue. Soltei o cabelo, deixando-os selvagens de propósito. Peguei as luvas e chaves da minha moto então olhei em torno. Em seguida, fui até a pasta ainda abandonada no chão e a enfiei na mochila. Guardei isso.

Nem bem fechei a porta do quarto e me deparei com Pietra quando girei para explorar o corredor rumo à escada. Ela me encarou com os olhos arregalados então enrugou o cenho.

— Você não está pensando em ir aonde eu acho que está. Está? — Balancei a cabeça em concordância, ignorando a careta de desaprovação dela. — Thor sabe?

— Perché? Por acaso ele é meu dono, cazzo? — grunhi com frieza. — Eu não tenho de dar nenhuma satisfação a suo fratello só porque trepamos algumas vezes!

— O que aconteceu?

— Niente. Agora, se me dá licença.

Deixei-a pra trás sem esperar sua resposta e desci para a sala.

Quando comecei a percorrer o caminho em direção ao corredor que me levaria à garagem, a voz do traste naquele tom arrogante penetrou meus ouvidos. Estaquei no lugar, controlando-me. Eu não perderia meu controle na frente dele. Não podia dar esse gostinho ao filho da puta.

— Antonella, aonde você vai? E assim?

— Não é da sua conta.

— É da minha conta sim, Antonella! E fale direito comigo, porra. — Estreitei os olhos e dei a volta para encará-lo. Minha expressão era glacial. — Você saiu da cobertura correndo como se fosse uma fugitiva e agora aparece assim, — ele gesticulou para minha roupa. Continuei a mirá-lo como se ele estivesse falando em uma língua desconhecida. — Eu te liguei o dia inteiro e você sequer teve a cortesia de me mandar pelo menos uma mensagem de volta.

— E eu tinha a obrigação de te atender?

— Você tem a obrigação de me dar ao menos uma explicação.

— Por quê? — Pausei, fingindo pensar num motivo. — Ah, sim! Lembrei-me. Porque você morre de amores por mim — debochei, observando seus olhos ferverem de raiva. — Acha que pelo fato de ter dito que me ama, você tem algum direito sobre mim, *querido*?

— Você ficou louca? Por que está agindo assim?

Balancei a mão no ar com desdenho.

— Va bene, se você faz tanta questão de saber, eu vou te dizer. Mas não se acostume, pois não é sempre que eu sou boazinha — avisei cínica. Ele cruzou os braços sobre o peito. — Como você está vendo, eu vou sair e você está atrapalhando! Agora, aonde eu vou? Bem, isso não é dá sua conta.

Por um momento ele pareceu desconcertado então suas feições estavam cuidadosas.

— O que aconteceu com você? Não há motivo para você estar agindo assim comigo...

— Estou retomando a minha vida.

Ele bufou um riso e num instante esteve na minha cara.

— Vida? Que vida, cacete? Acha que viver se comportando como uma vadia sem medir as conseqüências dos seus atos é uma vida digna?

— Se é ou não, não me interessa! Essa é a vida que *eu* escolhi pra mim e estou muito bem com ela. Grazie — respondi com um sorriso arrogante no rosto. — Agora caia fora.

— Então é isso? Você gosta de ser tratada como vadia? — afirmou com os olhos tristes.

Meus olhos arderam, mas me mantive firme. Esse merda não merecia nenhuma compaixão.

— Você bem que gostou, não?

— O que está dizendo? Eu te tratei como vadia?

— Se você não sabe a resposta, é porque já a tem, não?

O olhar azeviche queimou com perigosa fúria.

— Deixe de gracinha comigo, porra! Tivemos nossos desentendimentos, mas nunca te tratei como uma qualquer. Tudo que fizemos no quarto e fora dele foi consensual. Ambos desfrutamos.

— Não nego. Mas agora me faça um favor? Deixe-me em paz. Acabou. Qualquer porra que tínhamos acabou. Não vai rolar mais. Eu não quero e é bom que entenda isso. Não interfira na minha vida novamente.

— Você não vê o que faz? Eu estou tentando fazer as coisas mais fáceis para você.

— E quem disse que eu quero alguma coisa fácil, Heithor? Já ouviu falar sobre o livre arbítrio, meu filho? Pois bem. Pare de se intrometer na minha vida, merda. Não te devo satisfação de nada.

— Você está certa, Antonella — ele murmurou baixinho em resignação, dando um passo para trás, como se eu tivesse queimado-o. Um bolo se formou em minha garganta ao vê-lo se afastar, com os olhos magoados. Eu quis bater nele. — Vá. Apenas não se esqueça que eu te amo.

Fechei a cara e adiantei alguns passos, mas me lembrei de algo então parei.

— Ah! Só mais uma coisa, Castellammare. — Ele me mirou e eu quase fraquejei pela dor contida em seu olhar. — Tire seu soldadinho de chumbo do meu pé!

— Sinto muito, mas isso eu não posso fazer.

— Não só pode como vai!

— Deixa de ser burra garota! Não vê que isso é para o seu próprio bem?

— Não seja ridículo! Isso não é para o meu bem coisa nenhuma! Isso é único e exclusivamente para o seu próprio bem, que pensa que só porque sente algo por mim tem o direito de controlar os meus passos. Eu não pedi por qualquer sentimento seu, e, certamente, eu não tenho culpa se você gostar de se enfiar em merda então deixe seu soldadinho fora do meu caminho.

— Antonella abaixe seu tom comigo — alertou-me num tom de voz letal. Arqueei a sobrancelha em desafio. — Eu não vou fazer isso. Assunto encerrado.

— É a última vez que eu te falo: tira aquele merda do meu pé.

Thor cruzou os braços sobre o peito.

— O que você vai fazer se eu não acatar o seu pedido?

Meu sorriso era lento e perverso.

— Eu? Nada. Mas depois não diga que eu não avisei.

E ele entendeu o recado, vi isso em sua expressão, antes de eu seguir para a garagem.

Estava morta de ódio por aquele bastardo de merda.

Se encontrasse Brian e ele viesse com a merda dele, eu iria mandá-lo ao inferno também, pensei enquanto me dirigia ao local da corrida. Uma vez que cheguei, desci e tirei o capacete, deixando-o em cima da moto. Alguns conhecidos me cumprimentaram. Peguei uma cerveja e comecei a beber encostada no capo de um Camaro prata de um colega. O lugar como sempre estava lotado.

— Morris?

Revirei os olhos para aquela voz conhecida.

— Brian — disse seca e voltei minha atenção para a multidão.

— É isso mesmo? Vai me ignorar? Tantos anos de amizade e é isso que eu recebo?

Olhei para ele com extremo tédio.

— Não fode, Brian! Não existem anos aí. E quem procurou isso foi você quando me jogou sua loucura. Na boa, hoje não é um bom dia. Então se você veio aqui com aquela historinha ridícula de amor, dá no pé, pois eu não estou com paciência para isso.

— Eu só quero te pedir desculpa por aquele dia. — Dei a volta para ficarmos de frente, não escondendo minha desconfiança. — Eu não quero perder sua amizade.

— Okay. Se for assim, não me fale bobagens mais. — Ele esboçou um sorriso sincero, mas seus olhos

ficaram tristes. Eu bufei por dentro. — Escuta Brian, me desculpe por ser tão direta com você. Eu o considero pra cacete para te enganar. Agradeço o seu sentimento por mim. Mas não tem como rolar nada. A única coisa que posso te oferecer é a minha amizade.

— Tudo bem. Eu prefiro ter a sua amizade a nada.

— Boa escolha cowboy! — Bebi um gole da minha cerveja e inclinei a cabeça para o lado, segurando o riso. — Você sabe. Não é qualquer merdinha que tem minha amizade.

Seu olhar cresceu com simulado horror.

— Uh... Devo me considerar um merda de primeira então?

— Cocô de sangue azul.

Rimos às gargalhadas.

— Senti sua falta garota...

— Brian.

— O quê? Amigos sentem falta um do outro. Ou isso é proibido também?

— Não. Apenas se comporte e ficaremos bem.

— Sim senhora.

Brian se encostou ao meu lado e ficamos em silêncio, olhando aos arredores.

— Você vai correr? — ele indagou após um tempo.

— Só vim respirar.

Conversamos até altas horas. Era bom ter meu amigo de novo sem aquela historia de amor. No começo da noite fiquei receosa, mas no decorrer dela percebi que ele tinha falado sério sobre aceitar apenas a minha amizade. Isso era um alívio. Bebemos muitas cervejas e alguns copos de vodka pura. Estava tão bom que nem me dei conta da hora.

— Acho que está na hora de ir — disse Brian, olhando para rua agora quase vazia.

Só de pensar em voltar para a mansão, minha raiva retornava e meu estômago revirava. A última coisa que precisava no momento era dar de cara com aquele traste, que provavelmente estaria me esperando para me exigir uma explicação que não era da conta dele. E com isso ganharia uma discussão inútil da qual eu não estava a fim de colocar no meu histórico de fim de noite.

Eu iria dormir em algum hotel mais tarde, decidi.

— Pode ir Brian, — murmurei quando ele se levantou, — eu vou ficar mais um pouco.

Seu olhar analisou meu rosto.

— O que tá pegando?

— Nada. Eu só não quero ir para a mansão agora.

— Sendo assim, eu acho que tenho a solução. — Olhei para ele com o cenho franzido, e ele acrescentou. — Podemos ir lá para o meu apartamento...

— Brian!

— Ei, calma aí! Eu disse como amigos. Prometo que não vou falar merda e, bem, lá podemos tomar mais algumas cervejas e conversar. — Estreitei os olhos com desconfiança, indecisa sobre o quê fazer. — Vamos lá garota! Você não que ir pra casa e eu não quero dormir ainda.

Ponderei minhas opções por alguns minutos. E devo dizer que não havia muitas. Não queria ficar sozinha. E, bem, o papo com Brian me fez bem, pelo menos não me permitiu lembrar daquele...

— Certo. Mas eu estou de moto.

— Que coincidência, gata! Eu também — piscou.

Dei um tapa fraco no braço dele. Brian pagou a conta então seguimos para nossas respectivas meninas. Estava indo colocar o capacete quando meu olhar foi atraído para um ponto do outro lado da rua. Alguns carros á frente estava o soldadinho de chumbo num BMW preto, que o bastardo tinha colocado atrás de mim. Sorri maldosa ao subir na moto, dei partida então saí.

— Fique à vontade — Brian disse ao chegar ao seu apartamento, rindo como dois loucos e acordando

alguns vizinhos. — Eu vou pegar cervejas pra gente. Ou prefere água? Talvez, suco?

— Cerveja está bom pra mim.

Ele saiu. Eu retirei a jaqueta enquanto olhava ao redor. Não era muito espaçoso, mas era aconchegante e perfeito para um cara sozinho. Sem muitos adornos. Básico e funcional, porém de muito bom gosto. Tons claros predominavam das paredes aos móveis.

Tão diferente dele... Não! Recriminei agressiva, eu não iria pensar naquele babaca.

— Gostou?

Girei a cabeça e fitei Brian, que me empurrou uma Budweiser.

— É bonito e arrumado.

— A faxineira veio hoje — divertiu-se. — Vou pôr música pra gente. Alguma preferência?

— Surpreenda-me!

Sorvi um bom gole da minha cerveja enquanto o assistia se voltar para o som. Pela primeira vez o observei mais atentamente. Ele tinha costas amplas, uma sugestão de bunda marcando sob o jeans e pernas longas. Era alto e magro, porém atlético. Cabelos castanhos e lisos balançando sobre os ombros. Não podia negar, Brian era bonito aos olhos e atrativo ao corpo.

Como eu nunca tinha reparado nele antes?

Estava ocupada demais com o Castellammare.

Não, eu estava ocupada demais sendo a otária dele, me corrige.

Fechei os olhos com força, a ira subindo a pele.

Eu não tinha nada que pensar naquele bastardo. Na verdade, eu tinha que tirá-lo da cabeça, do meu corpo. Precisava de alguém para tirar as marcas que ele tinha deixado em minha pele, de um aroma novo, mesmo quando acreditava ser impossível conseguir. Precisava tentar, no entanto.

Brian ainda estava distraído com a escolha da música.

Não ponderei nada mais quando me desfiz de minhas roupas. Eu precisava fazer isso. Necessitava provar para mim mesma que aquele cretino não significava nada para mim.

— Brian? — chamei-o num sussurro sedutor.

Ele girou a cabeça, seu olhar crescendo ao se encher com minha pele nua. Algo caiu, mas eu não olhei para ver o que era. Mirando-o sem embaraço dei dois passos a frente. Seu olhar espantado se voltou luxurioso, o pomo de adão se movendo quando ele engoliu duro.

— Uau! Isso... Minha Nossa. Você é linda, Antonella.

— Me beija Brian.

Sentia-me desorientada quando despertei por causa das irritantes frestas de luz da manhã batendo na minha cara. A boca estava seca e amarga. Minha cabeça latejava, avisando-me da ressaca dos infernos que ganhei de brinde por ter enchido a cara. Prendi a respiração por um minuto ao me fazer consciente de um corpo ao meu lado. Olhei de esguelha para o lado e Brian encheu minha visão, ainda dormindo. Não sei bem o que senti ao levantar o lençol e comprovar minha completa nudez.

Tentei me lembrar do que tinha acontecido, puxei a memória de beber no local da corrida, depois conversar com Brian, tirando minha roupa e a boca dele na minha... Nada.

Levantei tentando fazer o mínimo de barulho quanto possível para não acordar Brian. Ele se mexeu e virou para o lado contrário, mas não acordou. Soltei o ar num sopro silencioso. Na sala, peguei minhas roupas e as vesti, e então, deixei o seu apartamento.

Era para eu me sentir bem e estar feliz da vida por ter transado com Brian, não era?

Mas eu não conseguia me sentir bem, muito menos feliz. Ao contrário, minha vontade era de chegar à mansão o mais rápido possível e tomar banho. Não que Brian fosse asqueroso ou algo do gênero, porém eu me sentia suja. Lágrimas toscas começaram a rolar pelo meu rosto. Que ódio!

Eu não estou arrependida. Eu não estou arrependida. O Brian é lindo e carinhoso, e aquele bastardo do Castellammare é um cretino, traidor e manipulador. Eu fiz a coisa certa.

Uma vez na mansão, eu corri para as escadas, rezando para não encontrar ninguém no caminho. Abri a porta do meu quarto e a fechei rapidamente, encostando minhas costas nela. Fechei os olhos e exalei com alívio, meu corpo relaxando.

Quem eu estava enganando?

Eu não estava fugindo de qualquer pessoa, senão de apenas uma, que eu não queria que me visse nesse estado. Toda descabelada, com os lábios inchados e com o cheiro de outro impregnado em mim. Isso me fez lembrar porque eu vim correndo para a mansão.

Banho. Era disso que eu precisava!

Abri os olhos e congelei no instante seguinte, engolindo seco.

O grito assustado ficou preso em minha garganta.

Heithor estava sentado na minha cama, com os olhos frios e furiosos cravados em mim. Suas mãos fechadas em punhos. A postura muito rígida salientando a força dele. Em seu rosto havia uma máscara pétrea de frieza capaz de congelar um país inteirinho. Ele parecia muito perigoso.

— Onde você estava? — ele indagou num tom cortante, assombroso.

Tremi da cabeça aos pés. Ele tinha sido um pouco assustador em seu apartamento, mas agora, ele me gelava por dentro, denso, forte. Uma massa de virilidade primitiva. Ele parecia um animal selvagem, esperando o momento certo de atacar sua presa, que no caso e, infelizmente, era eu.

Apertei os dentes quando outro estremecimento ameaçou me balançar.

Respirei fundo e soltei o ar devagar, reagrupando minhas forças e minha própria raiva dele, e adotei uma dissimulada indiferença. Não podia demonstrar fraqueza perante ele.

— Por que a pergunta? O seu soldadinho de chumbo já não te disse?

— Eu quero ouvir da sua boca... Eu quero ouvir a sua voz. Quero ouvir da sua própria boca o quão vadia você é. Quero ouvir a voz da vadia que eu amo me jogar na cara o quão estúpido eu sou por amar uma pessoa tão mesquinha e vagabunda.

Sinos de perigo soaram na minha cabeça, fazendo uma onda de pavor se quebrar sobre mim. Mas, então, a raiva flamejante também veio, fechando meus punhos ao lado do corpo.

— Entrou no quarto errado. Não te devo satisfações, Castellammare.

Heithor bufou, esfregando as mãos no rosto com impaciência.

— Responde.

Eu sacudi a cabeça em negação. Sua expressão se apertou em feições escuras.

Thor ergueu-se da cama, um pouco mais de um metro e noventa de pura e sólida massa muscular, um felino bonito e letal, que começou a caminhar para mim com graça predatória, sua frieza me atingindo. Ninguém podia se mover como ele, com uma elegância bestial que era tanto atraente quanto perigosa demais. Eu levei cada fibra de boa fé existente em mim para manter-me intacta na indiferença dissimulada. A cada passo parecendo que ele absorvia tudo para si, crescendo enquanto o quarto diminuía de tamanho.

Senti-me minúscula e insignificante ante ele.

Era tudo. Sua altura, seus músculos, sua força. Diminuía e roubava-me. Até mesmo o ar ele parecia estar saqueando de mim. Minhas batidas cardíacas dispararam.

Minha boca secou e eu segurei um fôlego quando ele esteve diante de mim. Fúria ascendente lampejava em seu olhar, fazendo-os impossivelmente mais profundos e frios.

Não havia nenhum lugar para correr. Nenhuma evasão. Super cola mantinha meus pés presos.

— Responda-me, — ele ordenou a centímetros do meu rosto, sua voz tão afiada quanto uma navalha, ainda assim muito baixa, enquanto seu olhar me acusava. — Trepou ou não com ele?

Sustentei seu olhar sem saber o que fazer.

Como se supõe que eu lhe daria uma resposta quando nem mesmo eu tinha certeza?

Heithor grunhiu impaciente. Na dúvida, assenti devagar. Suas feições aprofundaram numa carranca sombria de pedra, os olhos muito selvagens, que desejei atravessar a porta.

— Não me olhe assim — orquestrou, sua voz era enojada. — Nunca te machucaria e não vou tocá-la. Não quando seu corpo está marcado e fedendo a outro homem. Eu estou fodidamente cansado de te dizer, Antonella, que não serei mais um e, por Deus, que não serei.

A acusação dele doeu mais que deveria e criou um bolo na minha garganta.

Heithor se afastou, com os olhos marejados e ficou de costas, com as mãos caídas ao lado do corpo. Exalei com dificuldade e trabalhei minhas respirações para acalmar meu tolo coração.

— Eu... eu só preciso entender que porra se passa nessa sua cabeça. Juro que tentei achar um motivo decente para sua atitude, um porquê de você ter mudado da água para o vinho no decorrer de horas. E sabe o que encontrei? Nenhuma fodida coisa! Pois não há um motivo justo para justificar suas merdas. Nada, Antonella. Eu apenas te amei a noite toda. Lhe fiz minha e achei que nós... — Ele se voltou para mim, os olhos magoados e vermelhos, mas não havia lágrimas. — Por quê? Por que faz isso comigo? Com você? Por que sempre que eu penso que as coisas entre nós vão se ajeitar você apronta uma das suas? Por que não pode simplesmente agir como uma garota normal? Que tem sentimentos? Um coração? Decência? Sente algum prazer em me ferir? É isso? Ou faz essas merdas para se reafirmar?

— Oh, *por favor!* Não venha se fizer de santo para cima de mim, Castellammare — ralhei, numa fúria mal contida por sua cara de pau. — Você sabe muito bem o porquê!

— Infelizmente, eu sei. Você gosta de viver uma vida indecente, gosta de agir como uma puta vadia. Gosta de ser uma vadia, e pior, gosta de ser tratada como uma. Por isso, não se apega a nada, nem a ninguém. — Eu tremi de raiva. As palavras me ferindo, a forma com que ele as proferiu tornou-as piores do que eram. Meu orgulho sangrou. Isso era inaceitável, ainda mais por ser ele o atroz. — Eu te amo Antonella, mas não sou otário. Nem pretendo fazer o papel de um, nem mesmo por você. Quer continuar agindo assim? Ou, como você disse, retornar a sua vida libertina? Pois bem. Vá em frente, porém não conte comigo. Como eu te disse antes, eu não vou te obrigar a nada. Por mais que me doa, eu não vou mendigar o seu carinho e o seu respeito.

Mas era o cúmulo do absurdo! *Agora* esse ordinário era a vítima indefesa?

— *Por favor!* Você é a última pessoa aqui que pode falar de respeito, Castellammare.

— Mais uma vez você está certa. Eu amo uma vadia que me machuca de todas as formas possíveis sem sequer sentir uma pontinha de remorso por me destroçar. Que respeito eu posso ter, não é mesmo? — Cerrei os olhos, querendo matá-lo. — Não vou perturbá-la mais. Você deve estar cansada da noitada — ele acrescentou enojado enquanto se dirigia a porta.

— Não mesmo! — esbravejei, impedindo sua passagem. — Você não vai sair daqui como inocente, enquanto eu fico como errada nessa merda toda! Você é o único culpado aqui!

— Mais tem de ser muito atriz mesmo, não? Quer dizer que você me trata feito um capacho, como se eu fosse um nada e, não obstante, sai e passa a noite com outro. E, mesmo assim é inocente? Você está certa? E eu não. Eu sou o errado da história por ter declarado meu amor por você? Sou culpado por te amar? Deixa de ser mau caráter garota! Você não tem motivo algum para me tratar da maneira fria com que me tratou e fazer o que você fez. Não tente arrumar desculpas para suas safadezas! É uma cadela, Antonella. Uma puta de uma cadela que adora me ferir.

Bati palmas ironicamente por sua atuação.

— Bravo! Bravo! Sua performance está no ponto. Como *você* pode ser tão fingido?

— Eu não estou te entendendo. Você pode ser mais clara?

Passei por ele, como um furacão, e fui ao meu closet, pegando a maldita pasta então retornei ao quarto e a taquei nele que a pegou no ar.

— É disso que eu estou falando, seu cretino! — Sua boca torceu e seus olhos se abriram em surpresa

enquanto mirava a pasta em suas mãos. — Vai dizer que isso não é seu?

— Você mexeu nas minhas coisas?

Sério? Ele está me repreendendo?

Mas ele não precisava dizer com todas as letras, pois sua pergunta me deu a confirmação. Não o respondi, apenas o mirei com frieza e indiferença. Seus olhos se voltaram para mim, eles estavam inexpressivos e suas sobrancelhas juntas numa linha reta. A cautela pintando sua face.

— Isso não é o que você está pensado que é.

— Eu não estou pensando nada Castellammare, eu vi! — bradei. — Como você pode ser tão baixo? Tão nojento? Tão... Urgh!

— Antonella as coisas não são assim. Eu posso te explicar...

— Eu não sou burra, Heithor! Eu sei muito bem o que isso significa. — Meus olhos arderam. Ele deu um passo hesitante em minha direção, mas eu me afastei. — Você veio pra cima de mim com essa merda de historinha de "eu te amo" e já estava mais do que preparado se eu não te aceitasse, não é assim? Afinal, seu merda, você tem tudo o que quer, não é assim que funciona? Você é o poderoso Heithor Castellammare que faz e acontece. — Pisquei tentando segurar as lágrimas em meus olhos que vieram em torrentes grossas. — Você é um manipulador. Um chantagista de merda!

— Neném, você não está pensando com clareza. Vamos conversar civilizadamente como dois adultos. — Balancei a cabeça freneticamente em negação. — Por favor, me deixe explicar.

— Eu não quero a porra das suas explicações, pois não acredito em você. Você nunca foi confiável. Maledetto! Você me fez de besta! E ainda tem a cara de pau de dizer que eu sou mau caráter? Não sou eu quem tem a sua vida inteira nas mãos, Castellammare!

— Isso foi por proteção...

— Sicuramente. Sua proteção! Porque se eu não te aceitasse ou se eu não te obedecesse, você teria como me obrigar, pois munição contra mim você tem aos montes! Dimmi Castellammare, que meios você usou para conseguir aquelas fotos? Os relatórios recheados eu posso entender, mas as fotos... Bem, estas eu realmente estou curiosa. Temos de convir, elas são um tanto íntimas... Quer saber? Não precisa dizer nada, afinal, você não é considerado um dos melhores detetives no seu ramo à toa. E eu não quero olhar na sua cara. Então caí fora!

— Deus, Antonella! Eu jamais usaria isto contra você. Eu te amo, porra! Nunca faria nada para te prejudicar. Não seja tola.

— Tola eu fui no momento em que me joguei nos seus braços, imbecil! Ti odio — grunhi com a voz embargada e usei as costas das mãos para limpar o rosto. — E se quiser enviar isto a minha família, fique a vontade! Porque você não vai voltar a tocar em mim nunca mais. Prefiro morrer a permitir que um sujeito nojento e asqueroso como você me toque novamente.

— Antonella, por favor, me ouça. Tente me entender, eu só tenho Pietra e Martha, eu preciso ser cuidadoso. Tenho muitos inimigos, Antonella, gente que mataria sem pensar duas vezes. Eu precisava investigar sua família e você, não podia deixar minha irmã e Martha correrem riscos!

— Você ter investigado minha família e eu enquanto ainda estávamos na Itália, eu posso até entender. Mas aqui? Você me investigou aqui, seu cretino, mesmo com a certeza de que eu não oferecia risco a Pietra e Martha. Seu vagabundo filho da puta! Ainda tem a coragem de me dizer que só fez isso por Pietra? Você fez a merda por você mesmo, para me controlar e prender.

— Baby não é assim. Eu não quero te prender, eu...

— O que estou dizendo? Não foi isso que você fez desde que chegou? Tem me chantageado desde que nos conhecemos, de uma maneira ou de outra, tem dado seu jeito para persuadir. Mas hoje, Castellammare, eu tenho muito prazer em te dizer que você não vai conseguir. Não desta vez!

Heithor avançou para mim e envolveu meu rosto nas mãos, forçando-me a encarar seu olhar

— Antonella, eu te amo de verdade — murmurou com os cheios d'água. — Nunca senti por ninguém o

que eu sinto por você, amor. Tem tudo de mim, neném.

Tentei me livrar das suas mãos sem êxito.

— Me solte!

— Não faça isso, neném. Por favor, não faça... Não desmereça meu amor por você. Ele é a única coisa boa e bonita que eu tenho nessa merda que é minha vida.

— Vá à merda com esse seu amor fajuto! Eu não o quero. Eu não te quero!

Apesar das lágrimas estúpidas molharem meu rosto e minha garganta estar fechada pelo choro, minha voz saiu firme e fria, o desprezo nela não podia ser medido. A expressão dele foi de surpresa a dor e, em seguida, suas mãos deixaram meu rosto caindo ao lado do seu corpo e ele cambaleou para trás. Tudo parte da encenação dele, claro! Maldito. Eu o odiava.

— Saía do meu quarto e não ouse me procurar nunca mais. Ti odio!

— Eu vou, mas não pense que estou desistindo de você tão facilmente, neném. — Ele fez uma pausa e limpou a garganta, antes de prosseguir. — Eu vou provar para você que o quê eu sinto é amor de verdade, nem que seja a última coisa que eu faça nessa vida. Serei um miserável se entregar o jogo, antes de tentar ganhar *honestamente*. Escute bem Antonella. Isso é apenas uma pausa, uma trégua entre nós. Não estou desistindo de você. E Antonella? Eu nunca perco.

Dei as costas para ele. Não queria vê-lo se afastar e passar por aquela porta, me incomodava de uma forma que me fazia sentir raiva de mim mesma por me importar com aquele cretino.

Uma vez que ouvi a porta se fechar, algo dentro de mim se partiu e puxou o nó em minha garganta a ponto de doer, e eu levei a mão ali. Minhas pernas fraquejaram e eu me deixei cair na cama, agarrando o travesseiro com tamanha força, que meus dedos doeram.

Estava morta de raiva. Os olhos alagando, mas agarrei meu controle e empurrei isso para baixo.

Eu não iria mais chorar por ele. Não por ele.

Capítulo 29

— Que merda é essa de vender a moto, Antonella? — indagou Pietra, entrando na cozinha.

Kevin está me saindo melhor que a encomenda.

Continuei mastigando, engoli e limpei a boca no guardanapo, antes de sorver um pouco de suco de laranja, tomando todo tempo do mundo.

Ela rolou os olhos impaciente.

— Eu preciso de dinheiro — disse simplesmente e voltei a comer.

— Como assim? E o dinheiro que seus pais te mandão?

— Não é suficiente.

— Eu ainda não entendi. Você ama aquela moto. Se você precisa de dinheiro, porque não me disse nada? Eu poderia te arrumar algum, ou até mesmo Thor poderia...

— Eu não quero nada que venha do seu irmão, Pietra — cortei-a, rudemente.

— O que aconteceu? Brigaram outra vez?

— Eu não tenho nada com aquele boçal. Nunca tive. Fim de história.

— Quer conversar sobre isso?

Bufei, olhando-a com chateação.

— Conversar sobre o quê? Qual parte de nunca tive nada com ele, você não entendeu? Não há o que conversar. Fodemos algumas vezes e só. Não fazemos mais. Entende isso ou não?

Ela me fitou em silêncio por um longo momento, antes de assentir contrariada.

— Va bene... Então sobre o dinheiro, eu posso te arranjar isso. Dimmi. De quanto você precisa?

— Desculpe Pietra, aprecio a sua intenção, mas não posso aceitar. É simples, Best. Seu dinheiro, na realidade, é do seu irmão. Eu não quero nada que venha dele. Sobretudo, grana.

— Por hora eu não vou discutir com você, Antonella — zangou-se. Eu dei de ombros e mordi mais um pedaço do meu sanduíche. — Aliás, pra que merda você quer tanto dinheiro?

— Preciso comprar um apartamento para mim perto da UCLA de preferência e com o dinheiro que tenho não dá, pelo menos não um que seja do meu agrado.

— CHE? POR QUE VOCÊ QUER UM APARTAMENTO?

— Primeiro, pare de gritar que eu não sou surda. Segundo, por que você compraria um apartamento? Para morar, é claro! Ou espera que eu vá viver naqueles dormitórios fedorentos?

— Aspetta un po'[64]! — Ela colocou as mãos na cintura e começou a andar de um lado para o outro, sua boca se movia sutilmente, mas nenhum som saia, até que ela pausou e cravou o olhar diminuto em mim. — Você está me dizendo que pretende se mudar daqui e me deixar sozinha?

— Sem drama, va bene? Não é o apocalipse e você tem o Nathan. Pense sobre isso, vocês terão a casa só para vocês, além do mais, você pode me visitar sempre que quiser.

— Isto não está certo. — Arquei uma sobrancelha para seu tom e expressão. — Você é uma ingrata Antonella! Uma amiga sem coração!

— Faço o meu melhor.

— Pois fique sabendo que eu já informei tanto ao Kevin quanto ao Brian que eles estão proibidos de te ajudar nisso. E vou deixar Thor ciente disso também!

— Não coloque seu irmão no meio disso.

Ela cruzou os braços sobre o peito e sorriu em desafio, com as sobrancelhas arqueadas.

— Observe.

— Qual é a de vocês? Tiraram o dia para me aporrinhar? Agora todo mundo acha que tem o direito de interferir na minha vida como bem entender? Mas que saco!

Joguei o resto do sanduíche no prato, meu humor para comida nulo.

— Eu tenho todo o direito Antonella. Afinal, eu sou sua amiga ou não sou?

— Você não vai fazer isso Pietra, não comigo!

Ela era persistente e sabia dobrar as pessoas a fazerem o que ela queria, mas minha decisão já estava tomada. Nada que Pietra dissesse iria mudar, senão me irritar.

Eu me levantei e comecei a andar para fora.

— Esse assunto ainda não está encerrado Antonella!

— Eu digo que está.

— Va bene. Se eu não consigo te convencer, então Thor vai.

Pausei no limiar para o corredor e inclinei a cabeça, olhando-a sobre o ombro.

— Eu realmente espero que você não o coloque nisso.

Ela deu os ombros.

Respirei fundo e a deixei, senão iria discutir seriamente com ela. Isso não seria nada bom. Pietra era como minha irmã e odiaria ter de brigar com ela ainda mais por algo que já estava mais do que resolvido. Eu não arredaria o pé em relação a minha decisão. Se ela quisesse ficar sem falar comigo ou terminar nossa amizade, eu aceitaria com pesar. A única coisa que eu não podia mais era viver debaixo do mesmo teto que aquele traste, ainda mais quando o teto era dele.

Para ser honesta, eu não queria me mudar apenas pela merda que ele me tinha aprontado. Era a convivência. Eu não queria topar com ele a cada maldito minuto. Uma hora ele iria embora, eu sabia, mas isso não estava acontecendo agora. Eu não podia mais. Me incomodava. Fazia mal.

Fiquei no meu quarto o restante do dia e acabei por adormecer, e quando acordei novamente já era noite. Hoje eu não sairia. Não tinha clima, nem espírito pra isso. Só queria ficar sozinha no meu canto e colocar minha cabeça no lugar. Havia muitas coisas em que pensar como, por exemplo, achar o mais rápido possível minha casa nova, se desse sorte poderia comprar um apartamento já mobilhado e depois, com o tempo, poderia decorá-lo ao meu agrado.

Preparei a banheira e imergi dentro, deliciando-me com a temperatura da água e o aroma dos óleos perfumados. Um pouco da tensão deixou meus músculos e, de maneira gradativa, me relaxou.

Momentos mais tarde, com meus dedos enrugados e a tensão fora do meu corpo, e uma toalha enrolada ao meu redor, eu retornei ao quarto.

— Boa noite Antonella.

Meu olhar assustado buscou pela voz vinda de um canto pouco iluminado e, em seguida, fechei a cara, sentindo toda aquela apreensão em meus nervos retornar quando vi de quem se tratava.

Aquela puttana (leia-se Norah) estava sentada na minha poltrona florida — que eu iria queimar mais tarde —, olhando-me fixamente.

— É estritamente proibida à entrada de animais nesse recinto, sobretudo, de vacas.

— Sua jovialidade é refrescante, querida. Mas você deveria ser mais educada comigo, não acha?

— O que você quer?

— Vejo que seguiu o meu conselho — ela disse se levantando e veio até mim, parando a poucos passos a minha frente. Em seu rosto havia um sorriso que embrulhou meu estômago. Ela cruzou os braços sobre o peito e me fitou com um olhar... *amigável*? — Oh! Não faça essa carinha, minha querida. Você deveria estar feliz por eu te abrir os olhos e te tirar de uma fria. Apesar de nós não sermos tão próximas, acredite ou não, eu me simpatizei com você, por isso fiz aquela chamada. Não podia continuar te deixando fazer o papel de tola. Thor quando quer, sabe fingir muito bem, afinal de contas, somos bem pagos por nossos serviços e saber interpretar bem é um pré-requisito para um... *detetive*. Você sabe. Ossos do ofício. O

que às vezes me faz pensar que escolhemos a carreira errada, mesmo eu, pois somos bons. Realmente bons nisso. Deveríamos ser atores...

Ela continuou tagarelando e levando meu último fio de paciência.

— O que *exatamente* você veio fazer aqui, Norah? Quer meu agradecimento? Não vai ter.

— Não fui eu quem te enganou, Antonella.

Trinquei os dentes e apertei as mãos em punhos.

— Acabou?

— Eu não posso imaginar o que está sentindo por ter sido usada...

— Tem certeza disso?

— Thor e eu temos uma relação aberta, Antonella. Ele é um homem sexual e eu não vejo mal em compartilhar isso. É a necessidade dele, faz parte de quem ele é. Além do mais, ele pode ter quantas aventuras quiser, mas é sempre para mim que ele volta... Ele já disse que te ama?

— Eu quero que você saia do meu quarto agora.

Ela tocou meu rosto com simulada afeição e eu quis vomitar.

Tinha o corpo tão tenso, a vontade gritante de me afastar dela, porém não podia mover um músculo, se fizesse, as lágrimas de humilhação viriam à tona.

—Thor não é para você, querida. Eu realmente não deveria interferir e, acredite, me sinto mal em ser a portadora das más notícias. Mas você seria apenas mais uma no currículo dele. Ele iria te usar, viciá-la e depois partir, você sabe, não estamos aqui permanente. Logo estaremos voltando para o *nosso* lugar e você ficará aqui, esperando, querendo. E quando ele voltar para uma nova visita e te quiser, você irá ceder de um jeito ou de outro, ao menos agora você tem a vantagem da verdade... Você pode até não acreditar, mas pense, por que ele iria te investigar quando já sabia que você não representava nenhum perigo ao clã dele? Por que ter aquelas fotos comprometedoras? Ninguém guarda isso a toa. Eu já o vi fazer isso com outras ingênuas, até mesmo o ajudei nisso. Confesso, rimos muito. Não deveria, no entanto.

Ela se afastou enquanto eu a olhava impotente. Com raiva de tudo e todos.

— Eu já vou, mas antes deixe-me lhe dar um conselho, Antonella... Não leve isso para o lado pessoal e não se culpe por ter sido ingênua. Você não teria qualquer chance contra ele. Eu sei que aquele jeito dele todo possessivo e autoritário enlouquece qualquer mulher, além do mais, ele não mede esforços para ter o que quer, quer seja por bem ou por mal. Ele nunca perde. Você já descobriu isso, não é mesmo? ... Bem, eu já vou indo. Tenho um encontro. Até mais Antonella.

Nunca me senti tão humilhada, tão rebaixada na minha vida. Minha vontade era de gritar até minha garganta ficar seca e meu corpo desidratar. Tudo por culpa daquele maledetto!

Eu sabia que ele não era confiável, eu sempre soube. Meu sexto sentido quando o vi aqui gritava em minha cabeça em alto e bom som para eu ignorá-lo, mas eu tinha que me meter na merda.

Burra. Mil vezes burra!

Mas comigo ele não iria tirar vantagem alguma, se ele quisesse podia pessoalmente entregar tudo o que tinha contra mim para os meus pais, pois eu não iria me submeter aos caprichos dele.

Não mais.

Semanas depois

Sentada na cama, com meu Macbook ligado, eu estava respondendo aos e-mails de mamma quando um novo chegou e fez-me ansiosa. Era o comprador. Havia posto minha moto a venda em um site, uma vez que Brian e Kevin se recusavam a me ajudar por causa de Pietra, e um comprador tinha entrado em contato comigo no mesmo dia. Porém, não fechamos negócio de cara. Ele havia pedido alguns dias para pensar e, finalmente, me enviava a resposta.

Enfim, eu iria conseguir o dinheiro que faltava para comprar meu apartamento. Na verdade, eu não precisava ir a este extremo, pois a mesada do próximo mês daria para o propósito, porém eu não aguentaria esperar até lá. Precisava sair daqui o mais rápido possível. O e-mail deveria me deixar saltitante. Bem, havia um partezinha dentro de mim que não estava. Para ser franca, não me agradava sair da mansão para viver só. Não ter ninguém para conversar além das paredes não soava agradável, embora eu buscasse motivos positivos numa convivência solitária. E havia inúmeros até. Porém, nem um fazia a felicidade explodir dentro de mim. Maldição. Se eu fosse completamente honesta diria que minha falta de animo se dava por aquele boçal de merda. Por não poder vê-lo diariamente, mesmo que *hoje* não trocássemos mais que olhares.

Os meus, raivosos. Os dele, magoados.

Enfurecia-me olhá-lo, porque olhar para ele lembrava-me o quanto fui estúpida, porque no final das contas, todas as pistas estavam lá. Ele havia me manipulado desde o início, quer seja com suas artimanhas para impor suas regrinhas idiotas ou por sua maneira de persuadir-me.

Quanto mais eu pensava na traição dele, com mais raiva eu ficava. No entanto, não era somente dele, mas de mim mesma também. Cara, eu tinha sido estúpida demais.

Estava acabado, enfim.

Senhor Reed,

Fico feliz em anunciar, que sim, o senhor tem preferência na compra. O preço segue sendo o mesmo já tratado em nossa conversa anterior.

Quando podemos fechar o negócio?

Enviei e logo depois um novo e-mail chegou.

Amanhã?

Esbocei um sorriso minguado e respondi o e-mail, marcando o local e a hora. Comecei então a responder os outros e-mails da minha família, antes que aquela sensação de mal-estar me dominasse. Eu teria muitas coisas para resolver com meu novo lar na próxima semana.

Toc. Toc. Toc.

— Está aberta.

A porta se abriu num rompante, revelando Pietra e Josie, ambas vestidas de pijamas, pantufas nos pés, os braços abastecidos com guloseimas e amplos sorrisos em suas faces.

— Noite das meninas! — Elas anunciaram em uníssono ao entrarem.

Fechei o Mac, colocando-o de lado.

— Estou de dieta.

— Por quê? — inquiriu Josie, fechando a porta atrás dela.

— Por que você acha?

— Gata, eu não sei se você reparou, mas tá só pele e osso.

Mostrei o dedo do meio para ela.

— Deixa de ser estraga prazer, amada — resmungou Pietra. — Você já vai me abandonar e nem quer passar um tempinho decente com suas melhores amigas? Tão ingrata, Brutus!

— Oh, vem cá, sua cadela chorona! — Ela abriu um sorriso de orelha a orelha e deixou as *gordices* sobre o récamier, em seguida, se lançou na cama, abraçando-me. — Scusa amada. Eu sei que estou um pouquinho ranzinza esses dias, mas logo vai passar.

— Um pouquinho é bondade sua, não?

— Ainda não acredito que você vai se mudar — disse Josie, se juntando a nós.

— E eu? Essa ingrata só pensa nela!

Soltei uma exasperação.

— Na boa, se vieram aqui falar de algo que já está resolvido é melhor saírem.

— Não. Viemos passar algum tempo bom com você, *ingrata*.

— Mude o disco — avisei.

— Mas, antes, só para fechar o assunto — começou Josie —, você já falou com seus pais sobre isso? Afinal, o acordo para você vir estudar aqui era que você vivesse com Martha, não?

— Estou pensando em fazer depois de já ter me instalado no apartamento. No entanto, já adiantei alguma coisa para mamma, vocês sabem, estou preparando o terreno, antes do surto de galinha e seus pintinhos.

Mamma já estava de sobreaviso, embora não tivesse ideia de que minha sondagem era mais certa que uma simples especulação. Ela não tivera gostado, porém eu sabia que com jeitinho poderia dobrá-la, e logo papai. Se Selena concordasse, Rocco também faria.

— E se...

— Não existe "e se" — cortei Josie. — Será e ponto final.

— Sabe, esse seu mau humor é falta de pau.

— Sim, falta de um pau para dar com ele na cabeça de vocês.

Ela levantou as mãos em trégua.

— Ceeeerto.

Pietra se acomodou com as costas contra os travesseiros.

— A única coisa boa nisso, se é que há..., mas, bem, a única vantagem é que terei a mansão toda para mim e Nathan. — Ela pausou, sua expressão pensativa, e então, murchou. — Droga! Não é justo, porque com você longe, quem vai desviar a atenção de Thor de mim?

— Norah — ofereci de má vontade.

Ela fez uma careta.

— Eu disse desviar atenção, não trazer uma cobra para dentro de casa.

Dei os ombros.

— Ela ainda fará o serviço. Além do mais, acho que vocês podem sair da monotonia do relacionamento de vocês. Um pouco mais de adrenalina fará bem a vocês dois.

Estiquei-me, pegando a caixa de bombons. Pesquei um e comi.

Pietra me encarou, sua expressão era teimosa.

— Não acho que Thor fará isso. Ele é louco por você.

— Non m'importa.

— Não mesmo?

Rolei os olhos e desviei minha atenção para Josie, rezando para que Pietra pescasse a dica.

— E você boneca? Como andam as coisas com Eric?

— Bem.

— Certo. Vou reformular. Já saíram do zero a zero?

— Se isso significa se já transamos então não.

Pietra bufou ao meu lado.

— Isso nós já sabemos!

— Então o quê?

Eu expliquei impaciente:

— Então que queremos saber se ele já te deu umas boas pegadas?

— Ou ainda estão nos beijos castos?

Josie ficou vermelha. Pietra e eu endireitamos nossas posturas de imediato. Agora, isso era algo.

— Bem, — começou ela, hesitante, mirando as mãos. — Nós ficamos mais próximos. — E acrescentou rapidamente. — Mas ele me respeita muito.

Pietra a encarou, determinação marcando suas feições. Ela não deixaria Josie sair de lá até ter espremido tudo. Deitei e peguei mais um bombom, esperando o show começar.

— Sabe Josie, Nathan me respeita muito também. Mas, então, ele me beija, lambe e chupa... Em todos os lugares. *Todos* mesmo — disse ela, bem devagar.

— Você é tão nojenta.

— Sei. Agora nos diga. O quão próximo você e Eric ficaram?

— Vocês sabem.

Eu neguei com a cabeça.

— Não sei não.

— Minha bola de cristal está no concerto — atirou Pietra. — Você por acaso já tocou no pênis dele? Sabe, deu aquela conferida básica no *menino*? — Josie abaixou os olhos e mordeu o lábio, suas bochechas impossivelmente mais vermelhas. — EU NÃO ACREDITO!

Josie e eu nos assustamos com o grito de Pietra. Xinguei esta última enquanto Josie parecia cogitar a hipótese de sair correndo de lá.

— Por favor, Pietra, não faça escândalo — gemeu Josie.

— Ragazza, mas isso é avanço e tanto! Sua danadinha! Andiamo. Conte tudinho! É grande? Grosso? Torto ou reto? Você gostou? Só tocou? Ou pegou com vontade? Ou foi além? Quem sabe uma lambida? Talvez, uma chupada leve? Eu lembro quando peguei num pênis pela primeira vez. Senti-me uma bandida. Errado, mas tão gostoso...

Josie olhou para mim, suplicando com os olhos, todavia, eu me limitei a sorrir e sacudi a cabeça me negando. Não estava sendo ruim, só estava morta de curiosidade para saber até aonde nossa santa particular tinha ido. Ela relutou por alguns instantes e, finalmente, começou a falar.

— Bom, nós estávamos no flat dele e o clima ficou mais quente, sabe, eu já tinha vislumbrado certo volume no quadril dele, mas eu desviei os olhos e ignorei de início. — Típico dela, pensei me contendo para não rolar os olhos. — Então nos beijamos mais uma vez... Eu fiquei curiosa então no meio do beijo eu... uh... deixei minha mão escorregar pelo peito dele e toquei lá. Um bom e grande volume, se querem saber. E, bem, por mais que eu quisesse não conseguia tirar minha mão de lá. Eu meio que gostei. Foi bom e me deixou acesa — confessou roxa de vergonha. Continuamos a fitá-la para que ela continuasse. — É só isso... Eu apenas alisei — ela finalizou tão baixo, que se não estivéssemos perto dela não teríamos ouvido.

Pietra esboçou tédio.

— Tá de sacanagem?

— Você tá com vergonha porque alisou o pau dele por cima da calça? — perguntei descrente do que tinha ouvido. — Imagina quando pegar na carne nua, crua e quente?

— É bom um médico estar presente porque é taquicardia na certa!

Pietra e eu caímos na gargalhada.

— Eu não conto mais nada para vocês — resmungou, pegando um punhado de alcaçuz.

— Desculpa Josie, mas é que isso é meio *anormal* — eu murmurei ainda rindo.

— Bota anormal nisso! Se você ainda tivesse dado uma mamada nele, mas, não. Só alisou. Fala sério, Josie! Como pode ser nossa amiga? Não aprendeu nada com a gente?

— É o que eu me pergunto todo dia — ela devolveu, zangada.

— Sério agora — disse Pietra quando se controlou. — Eu não consigo me imaginar numa situação dessas. Só tocar e por cima da roupa? Não mesmo! Nathan é tão quente e gostoso, que é impossível resistir. E não digo isso porque não sou lacrada mais, a propósito, se eu fosse quando eu o conheci, hoje eu não seria mais. Honestamente, eu não sei como você aguenta.

— É simples. Eu tenho uma convicção.

— Sei — me expressei. — Porém isso não a impede de brincar um pouquinho. Você sabe, não precisa

chegar à via de fato. Já conversamos sobre isso.

— Por falar nisso, ele não demonstra interesse em querer mais? Você sabe. Tocou o menino dele, mas e ele? Ele não tentou chegar à sua menina? Na boa amiga, se ele não fez qualquer investida ao menos para dizer um olá a ela, isso é algo que deve se preocupar.

— Verdade — concordei com Pietra. — Ele pode e deve te respeitar, contudo, não fazer nenhuma aposta é preocupante. Além do que, você conhece o ditado "um homem que não gosta de lamber uma buceta não pode ser um homem confiável".

— Tenho certeza que você mudou isso.

Dei de ombros.

— É a verdade pura e simples.

— Ele não gosta Josie? — Pietra inquiriu num show de horror.

Coloquei a mão na testa, encenando.

— Dio mio, ele é gay?

— Oh, não! Não posso crer que aquela pose toda é fachada — Pietra dramatizou.

— Por que vocês sempre têm de fazer isso? É nojento! E não, ele não é gay.

— Quando ele fizer em você e *se* fizer, você me diz se é nojento.

— Provavelmente, ela vai escravizar a boca dele — Pietra se divertiu e nós rimos.

— Va bene, va bene — balbuciei quando Josie continuou nos olhando emburrada. — Ele não gosta de bucetas e você não gosta da boca dele, e ele não é gay. Só me responde uma coisa, qual o propósito desse namoro se vocês não gostam de *brincar*? Vocês rezam?

Josie ergueu o queixo, petulante.

— E quem disse que não brincamos?

— Mas você disse...?

— Ah, cadela! — Exasperou Pietra. — Cuspa a merda fora.

— Pra quê? Vocês estavam me sacaneando até agora pouco. Não mesmo!

Pietra e eu nos entreolhamos, e então, miramos Josie.

— Ah, vai! — decretamos juntas, antes de saltarmos sobre ela.

Éramos toda cheia de dedos em cima de Josie enquanto ela se esperneava, gritando e rindo, tentando fugir de nosso assalto e fazendo uma bagunça sobre a cama. Rindo como loucas, não cessamos o ataque de cócegas até que ela pediu arrego, com lágrimas nos olhos.

— P-p-parem suas cadelas — resmungou ela entre os risos.

— Vai falar? — sondei.

Ela vacilou e nós atacamos de novo.

— Tá bom, tá bom! Deus! Eu me rendo, caramba!

Deixamo-la ir. Eu me endireitei, sentando em minhas pernas. Pietra se jogou ao meu lado. Ri baixinho ao olhar para a figura de Josie toda descabelada e com os olhos lacrimosos.

— Vocês são más — choramingou dissimulada enquanto se ajeitava.

— Cuspa!

— Ou atacaremos novamente até você desmaiar — concluiu Pietra.

Josie tomou seu tempo, respirando fundo como se o ato a enchesse de coragem. Impacientes, Pietra e eu esperamos. Nossa santa, afinal, tinha alguns desvios de candura. Bem, na verdade, Josie não era tão casta, mas também não era adoradora de perversões inocentes. Ela era uma garota moderna, com atitudes do século XV. Esta era uma boa definição.

Tomando um longo fôlego, ela disse:

— Eu estive pensando no que me falaram daquela vez na cozinha logo quando eles chegaram. E cheguei à conclusão de que vocês tinham razão.

Pietra interrompeu.

— E isso faz quanto tempo? Digo, a conclusão?

Ela mordeu o lábio.

— Algum.

— Você entendeu o que quisemos dizer na época, certo? Quero dizer, não afirmamos que você tinha de fazer algo somente por ele ser lindo de doer e ser todo sexual. Você sabe. Não tem de se sentir pressionada e achar que tem a obrigação de fazer algo somente porque dissemos que você poderia ter alguma diversão. Ou por receio do Eric ser um homem com necessidades.

— Isso é verdade — disse Pietra. — Como falamos, mesmo ele tendo lá suas necessidades, se ele gostar realmente de você, e eu sei que ele faz, ele vai respeitar sua opinião em relação a isso.

— Posso ver isso, — ela pausou, e então, bufou zangada, de repente. — Sério? Deus, pela maneira que falam até parece que o celibato afeta o meu cérebro. Então vocês não me conhecem? É óbvio que sei de tudo isso e nada mudou. Digo, mudou um pouquinho. Redesenhei algumas linhas, fiz alguns intercâmbios. Porém, minha convicção continua sendo a mesma.

Meu cenho franziu.

— De que tipos de intercâmbios estamos falando aqui?

— Eric e eu passamos para a terceira base. Sem o sexo, é claro.

Experimentamos um momento de silêncio mórbido enquanto Pietra e eu digeríamos a nova informação. E devo dizer, era muita coisa vindo de uma garota toda certinha como Josie. Não era como se não soubéssemos que ela já tinha dado seus amassos, mas isso era... demais.

— Isso é um grande avanço — comentei devagar.

— Para mim? Com certeza. Em nossa relação? Acredito que estamos indo no ritmo certo.

— E para ele deve ser um alívio — disse Pietra.

— Escutem, eu não sou boba...

— Sabemos.

— Parem de me interromper e me deixem falar.

Ergui as mãos em sinal de desculpas.

— Eu sei que ele não é como os garotos com os quais já me relacionei, que não foram tantos assim. Eric é um homem feito, e como você bem disse, Ella, ele tem suas necessidades sim. Obviamente, isso não teve um peso decisivo em minha decisão de avançar na relação. Contou também, confesso. No entanto, é a maneira dele me tratar, o caminho que nossa relação está seguindo que me fez repensar em algumas coisas e colocar em pauta outras. Eu o quero da mesma maneira que ele me quer. Eu... nunca me senti desta forma por ninguém. Não é somente a beleza dele, e a maneira adorável dele ser.

— A gostosura dele — ofereceu Pietra.

Josie corou e sorriu timidamente.

— Também. Mas é mais que isso. Ele me faz sentir...

Arqueei a sobrancelha.

— Quente?

Ela deu uma risadinha.

— Como o inferno.

— Eu te entendo — murmurou Pietra, resignada. — Se eu tivesse um namorado como ele, seria difícil manter minhas mãos longe e as calcinhas secas. Quero dizer, olhe para ele e os outros caras. Todos eles são uma delícia. São atentados ambulantes contra a índole de uma boa moça.

— Não é somente no contexto sexual — atirou Josie. E acrescentou. — Embora eu deva admitir que, sim, eles são bombas sexuais pecaminosas. Sobretudo, Eric.

Ri baixinho enquanto Pietra exasperava.

— Bombas sexuais pecaminosas. Essa é uma boa e clara definição do que eles são. Eu gostei.

— Talvez seja cedo, e eu esteja me precipitando, afinal, fazem o quê? Cinco, seis meses que saímos?

Três e meio de namoro. Mas, com ele tudo é diferente.

— Não há um calendário, acontece — ofereci pensativa.

— Exato. Aconteceu. Foi natural. Eric sabe que não posso e não vou oferecer mais do que *aqueles* momentos. E, ele respeita isso. Está dando certo para nós. Mas sabem de uma coisa? — incitou conspirando. — Eu sei que será com ele.

— Você quer dizer, transar, de fato?

Ela assentiu. Eu suspirei.

— Bem, se esse não é outro avanço...

Sua cabeça sacudiu para os lados enquanto ela sorria.

— Não, Ella. Não é isso que eu quis dizer.

Estreitei o olhar, tentando acompanhá-la então meus olhos cresceram em espanto.

Ela não...

— Absolutamente.

— Não quero cortar o seu barato, mas você não pode saber disso... Escuta, estou feliz por você, sério. Sonhar é bom. Contudo, acho que como sua amiga, eu tenho o dever de te alertar. Está indo muito rápido, não? Acredito que pisar um pouquinho no freio do romantismo faz bem. Quero dizer, pés no chão, vez e outra não fazem mal a ninguém.

— Quem disse que os meus não estão?

— Você? — ofereci o óbvio, que ela parecia não enxergar. — Mamma mia, Josie, está falando de casamento. Não acha que isso é um tanto extravagante? Não estou dizendo que não pode acontecer, mas... Infernos, isso é demais, não?

— Eu acho que você está muito azeda, se quer saber. Que graça tem estar em um relacionamento com alguém que se ama e não se jogar de cabeça? É o mesmo que pedir um banquete e me servir apenas de pão. Sim, é isso mesmo. Não faça essa cara. Eu amo Eric, e ele me ama também.

Não pude deter o risinho meio cínico meio cético.

— Sério?

— Ella só porque você é toda casca grossa quando se trata de relações amorosas, não quer dizer que eu tenha de ser também. Nem que você esteja certa, e eu errada.

— Apesar da sua ofensa...

— Não te ofendi. Só disse a verdade. Quando foi que se relacionou pela última vez? Digo, tirando Thor, é claro. Mas eu digo se relacionar de verdade. Namorar. Ter uma relação real, um compromisso? E não, não responda, porque nós sabemos bem qual é a resposta, a não ser que você tenha tido um namorado na Itália e não me contou.

— Essa não é a questão... Diga-me, Josie. Quantas vezes Pietra e eu vimos você com estes mesmos olhos brilhando, deste mesmo jeito que está agora? Não estou dizendo que é crime você sonhar, mas manter seus pés no chão não faz mal... Tudo bem, eu admito. Eric é bonitão e tal. Você está diferente, a relação de vocês parece ser uma boa coisa. No entanto, quem te garante que vai chegar a isso? É loucura. Desculpe, se estou sendo insensível. Porém, eu sou sua amiga. Não estou aqui para aliviar. Merda! Só estou dizendo para ir com calma. Casamento é...

— Eu sei. Entretanto, não afirmei que vamos nos casar. Não estou comprando um vestido e contratando um Buffet, tampouco.

— Mas se tiver, avise antes para que eu possa escolher o vestido de madrinha. Não quero parecer enfeite de bolo no altar — brincou Pietra.

Com um olhar divertido, Josie disse:

— Ella, uma garota pode sonhar. Tudo está tão bem entre nós. E, bom, não é como se eu pudesse deter meus sentimentos. Sonhar faz parte. É bom.

— Eu só não quero que você se machuque.

— Não vou — garantiu firme. — Eric é diferente.

— Se você diz — murmurei, mordendo um pedaço de alcaçuz.

Eu não estava sendo uma assassina de sonhos, porém não podia acreditar em tudo aquilo. O fato era que Josie sempre fora sonhadora demais. Uma romântica. E, pelo andar da carruagem, incurável. Tanto Pietra quanto eu já tínhamos visto ela com aquele mesmo olhar sonhador, cheia de planos. Acreditando que tudo era rosa e que o maldito era um príncipe encantado.

Está certo que com Eric as coisas pareciam ser um tanto diferente. E, bem, eles pareciam caminhar juntos, mesmo assim era difícil botar tanta fé.

Não me entenda mal, eu realmente estava feliz por ela.

Mas e se nada daquilo que ela pintava fosse verdade? Se fosse apenas fogo de palha?

Não obstante, ainda havia o fato de que ele estava aqui de passagem, logo que o bastardo Castellammare fosse para o raio que o parta, Eric o seguiria, não? Então Josie ficaria aqui desolada.

— Diga, Ella. Você já se apaixonou?

Eu sorri saindo dos meus devaneios.

— Todos os dias quando me olho no espelho.

— Tirando sua tendência narcisista, você já se apaixonou por outro alguém?

— Não preciso dessas fraquezas — desdenhei.

— Não é uma questão de precisar, senão de sentir. E, baby, sentimentos não pedem permissão para fazerem moradia, até eu sei disso. E, você também deveria saber *Srta. Experiente*. — Eu me mantive em silêncio porque não compensava gastar minha saliva argumentando contra sua tolice enquanto ela acrescentava sabichona. — Eu sei o que está pensando. Que eu sou boba e tal, mas Antonella, o dia que você se apaixonar verá que não minto. Vai ficar tão boba e sonhadora perto da pessoa que gosta como eu fico quando estou com Eric. E isso minha cara, não tem nada a ver com minha natureza meiga. Terá a sensação de que tudo está bem e o dia perfeito somente por estar com ela, e que se reverterá em um inferno quando não estiver, e em outro quando tiverem um mal-estar. Seu coração vai bater mais rápido só por ouvir a voz dele e sua barriga vai gelar ao mesmo tempo. Vai sofrer um estado de angustia constante para vê-lo, porque talvez sejamos bobas demais. Ou porque o simples gesto de olhá-la dá um *lanchinho* a sua paixão, que tem a necessidade de se alimentar com a presença daquela pessoa. Sorrisos bobos farão parte do seu cotidiano por coisas que você normalmente acharia tosco, e você sabe que é. Mas sabe o quê? Não importa, porque é a pessoa que você está apaixonada quem está te dizendo coisas sem sentidos, e nos lábios dela tudo parece mais bonito, mais especial. Mesmo um singelo “olá”. Súbitos estados de raiva e esmorecimentos serão corriqueiros, porque aquela pessoa tem um talento especial de fazer seu sangue ferver em questão de segundos, bem como, te amolecer e fazê-la achar graça de algo que você malditamente sabe que não tem nenhuma. Somente ela tem esse poder.

De repente, eu me senti sufocando, minhas próprias palavras se embaralhando e esvaindo do meu cérebro chocado pela declaração sonhadora de Josie, acompanhada de um detestável olhar brilhante. Mirei Pietra, buscando um sorriso debochado, uma negação para aquela loucura romantizada, porém ela me ignorou, sorrindo de volta para Josie em cumplicidade.

Com um suspiro, ela murmurou, conspirando:

— Eu não poderia ter colocado de melhor maneira Josie. Meus parabéns, amadinha. Faço das suas as minhas palavras. Eu totalmente me sinto assim em relação à Nathan.

— Eu não sei? Eric às vezes é tão idiota e em outras é totalmente absurdo. Esses dias atrás, ele ficou todo revoltado por causa de um amigo meu. Sabe o Mark? Então, marcamos de fazer um trabalho de biologia em casa e contei a Eric, porque no dia ele queria ir ao cinema. Bem, ele ficou todo ciumento e deu as caras lá em casa de surpresa e não saiu até que Mark se foi. E depois ficou de cara amarrada comigo. Isso sem contar o fato de que ele foi totalmente grosseiro com o garoto sem nenhuma necessidade, porque segundo ele, Mark tem uma quedinha por mim.

— Isso eu também acho.

— Não interessa. Mark é meu amigo e sabe que estou com Eric. Já pensou se eu ficasse toda ciumenta com cada mulher que o come com os olhos e, até mesmo chegam a flertar ele na minha frente?

— Teríamos de pôr eles numa gaiola e nos enfiar lá, jogando a chave fora depois.

— Foi o que eu disse a ele. Não temos como controlar e exigir a ala feminina que não flertem nossos namorados, embora isso me soe muito bem. Tampouco, eles ou nós mesmas podemos fazer o mesmo com os caras que venham a flertar a gente.

— Sei como é. Nathan tem seus chiliques vez e outra... Mas, bem, nada é perfeito. No fim, eles tinham de ter algum defeito por detrás daquelas gostosuras.

— Posso apontar alguns mais também.

— Eu também. Possessivos. Donos da verdade. Arrogantes.

— Mandões.

Deixei de prestar atenção nelas, que pareciam muito entretidas com os tricôs amorosos enquanto minha mente entrava em curto circuito, revolvendo as palavras de Josie.

Um desespero súbito, uma angústia opressora apertou meu peito e me fez suar frio.

Aquilo... aquilo não estava acontecendo. Não nesta vida!

Forcei minha atenção de volta ao papo delas quando Josie me cutucou. Não podia dar crédito ao significado daquela conversa. Eu não deveria ter escutado direito. Era isso.

—... Vê? Não tem como fugir amiga. A paixão um dia pega a todos, até mesmo os cascas grossas. E diz a lenda, que estes caem mais duros... Hoje você debocha, mas acredite, não vai escapar simplesmente porque isto está fora do seu controle. E eu vou ter o prazer de te dizer “eu te avisei”.

Cerrei os dentes, lutando para minha respiração lenta levar oxigênio suficiente para os meus pulmões e meu cérebro, mas era impossível. O quarto estava menor a cada minuto. Aprisionando-me.

Merda, merda e merda!

Eu não... Droga! Era impossível.

— O que foi Amada?

Saltei da cama, de súbito, e me apressei para o closet. Não podendo pensar em mais nada exceto no discurso imprestável de Josie e na minha necessidade de sair daquele quarto. Precisava de ar fresco com urgência, antes que entrasse em colapso ali mesmo. Meu coração batia tão rápido naquele momento, que não me admiraria se tivesse uma taquicardia.

Infernos! Eu não podia ter me apaixonado por aquele ordinário maldito. Um curto riso desesperado saltou além dos meus lábios. Eu sequer deveria estar apaixonada!

Troquei de roupa em tempo recorde. Retornei ao quarto, pegando minha chave sobre a cômoda, em seguida, indo para a porta. Minha respiração era densa e ofegante.

— Antonella! — O grito de Pietra me estacou quando tive a porta aberta, lembrando-me que ela ainda estava ali. Não a olhei. Tinha os músculos do meu corpo rígidos e a garganta apertada.

Virtualmente, escutei Josie perguntar algo. Sacudi a cabeça para qualquer coisa que fosse, negando abrir meus lábios. Se o fizesse gritaria e amaldiçoaria aquele cretino infeliz.

— Tranquila Josie. Acredito que você somente fez nossa amiga aqui enxergar o que ela se negava a ver — disse Pietra, sua voz estalando em minhas costas. Virei o rosto, fulminando-a com o olhar. Eu queria rosnar na cara dela, negar em alto e bom som essa babaquice. Mas, maldição! Não podia. Ela ergueu o queixo, seu olhar estreitando desafiador. — Aonde você vai?

— Sair — grunhi a palavra.

— De jeito nenhum! — Eu continuei encarando-a com cara de poucos amigos. — Você já se olhou? Está parecendo um bicho selvagem. Vem. Vamos voltar para a cama e conversar sobre isso.

Meu maxilar travou, duramente.

— Não enche! Eu não tenho nada para falar — bradei, e então, desviei meu olhar dela e fiz menção de

fugir de lá, porém ela se interpôs no meu caminho. — Saia da porra da minha frente!

Ela cruzou os braços na frente do peito, a voz mansa quando me falou, enfurecendo-me mais.

— O que está feito está feito, amada. Não tem como mudar, compreende?

— Eu vou dizer pela última maldita vez — pausadamente, eu mordi. — Saia da minha frente. Não há nada que eu queira conversar com você agora mesmo.

— Ella, eu não posso... Olhe para você. — Eu respirei fundo, buscando uma calma que não existia dentro de mim. Ela acrescentou. — Nada do que fizer agora irá mudar o que já está feito. Não pode fugir do que está, — sua mão pousou em meu peito, — aqui. Não sei o que aconteceu entre você e meu irmão, porque nenhum dos dois me disse qualquer coisa até agora. Mas, seja lá o que for, vocês podem resolver. Ti prego, se acalme. Vamos conversar.

Eu resolveria dando um tiro na cabeça dele, grunhi em mente.

— Vamos todas nos acalmar, sim?

Pietra desviou seu olhar para detrás de mim, em Josie.

Eu aproveitei o vacilo dela e sem paciência para ouvir qualquer que fosse a ladainha, empurrei-a para o lado e me lancei à frente. Correndo para o térreo e, posteriormente, para a garagem. Ainda ouvi os gritos das garotas quando abandonei a garagem em minha moto.

Isso não estava acontecendo comigo. Não comigo! Eu repetia para mim mesma, mas, embora a força e a determinação com que eu pronunciava aquelas palavras em silêncio, meu subconsciente se rendia, com um suspiro pesaroso e um furtivo olhar de eu-te-avisei-agora-é-tarde. Mas não podia ser. Eu não entendia como aquilo pudesse ter acontecido sem que eu tivesse percebido, porque se tivesse, eu teria evitado. Teria feito qualquer coisa para evitar... Droga, eu só teria evitado.

Tinha de haver alguma maneira para reverter *isso*. Qualquer maldita coisa.

Quem sabe um pai de santo não me ajudava?

Porque só podia ser isso. Ele tinha feito magia negra para mim. Vodu pesado mesmo.

Cazzo!

Tinha de haver um modo de reverter isso, nem que para isso eu tivesse que usar todas as minhas reservas para viver por conta. Eu até trabalharia como garçonete para pagar o trabalho reverso.

Droga. Droga. Droga.

Eu não podia estar apaixonada por ele. Não por ele.

Por que aquele bastardo tinha de aparecer na minha vida e estragar tudo?

Em que grande merda eu tinha me enfiado. Apaixonada por um chantagista mequetrefe de merda!

Uma vez que cheguei ao ponto de encontro daquela noite, meus pulmões ainda ardiam por oxigênio e meu coração pulsava na pele. Lágrimas toscas se acumulavam no fundo dos meus olhos. Minha cabeça rodava com o turbilhão zumbindo em meu cérebro, fazendo minha cabeça doer.

Não obstante, havia Pietra. Mas se ela inventasse de contar alguma merda para aquele desgraçado de seu irmão, ela iria chamar um inferno sobre si mesma, porque eu não iria perdoá-la.

Deixei minha moto e fui em direção ao cara das bebidas. Cerveja era suco para engolir a merda, onde eu tinha me enfiado. Paguei uma garrafa de Goose e andei de volta entre as pessoas.

Depois — pensei —. Depois eu acharia uma solução para o meu problema. Eu sempre achava.

Sentada na calçada, eu abri a garrafa e bebi no gargalo mesmo. Talvez, devesse brindar ao maldito, afinal de contas, ele tinha conseguido me fazer de boba.

Ri histérica, sentindo a primeira lágrima descer por minha bochecha, então outra e mais outra, enquanto eu bebia. Meus olhos estavam perdidos a frente, apenas tinha noção de pessoas passando a minha volta. A garganta queimando, cada vez mais entalada pelo choro, pela raiva e pelo desespero, que sentia me espremer. Tudo ao mesmo tempo.

Queria gritar, bater em algo ou alguém para ver se assim aliviava o peso da minha burrice.

Metade da garrafa se foi e não surtiu o efeito desejado. Não tirou aquela angustia que fazia meu corpo

tremer. O sentimento de culpa, de auto-traição. Eu precisava de mais.

Minha cabeça doía, as têmporas latejavam.

Os pensamentos não pareciam se encaixar na minha mente. E enquanto brindava com a última metade da garrafa, eu chorei copiosa. Chorei de raiva por ser tão idiota e me permitir envolver com aquele covarde. Chorei, principalmente, por sentir ódio de mim mesma por ter sido fraca e vulnerável. E, pior, chorei por constatar que eu estava irrevogavelmente apaixonada por Heithor Castellammare e que eu sentia a falta daquele figlio di puttana mais do que me permitia imaginar.

Eu era tão estúpida, que eu queria me chutar!

Limpei o rosto com as costas das mãos, obrigando-me a tomar o controle do meu corpo e das minhas emoções, apesar da tarefa parecer impossível. Ma, per Dio, que eu não derramaria mais uma só lágrima pelo bastardo. Mesmo apaixonada pelo maledetto, eu não tinha o dever de ser conivente a isso. Ninguém poderia me obrigar a aceitar tal afronta ou me declarar.

Infernos! A quem eu estava enganando?

Eu o queria. Por mais que me obrigasse a ficar longe e rejeitá-lo, porque ele merecia isso depois do que me fez. Eu, a idiota, o queria como jamais quis alguém antes. Era loucura, uma tremenda estupidez, pois ele tinha sido um grande filho da puta e me feito de otária da forma mais escrota possível. Todavia, meu corpo vagabundo não podia ajudar a si mesmo.

Eu o queria próximo a mim. Muito próximo...

Ahhh, ti odio Castellammare!

— Antonella?

Levantei o olhar turvo sem a menor vontade de conversar com Brian.

— Tá me evitando?

— Não sei por que você pensa isso.

— Você deixou meu apartamento dias atrás e não deixou nenhum dinheiro na cômoda. — Rolei os olhos para sua tentativa de ser engraçado. — Não me ligou, nem apareceu mais.

— E daí?

— Você sabe. Não há motivos para você me evitar. Eu já disse que aceito ser só seu amigo. E, bem, se estiver fazendo isso por causa daquela noite, fique despreocupada, pois não passamos dos beijos. Quero dizer, do beijo.

Levantei-me num salto, sentindo-me um pouco tonta.

— O que disse?

— Não aconteceu nada Morris além do beijo que você me pediu — casualmente, ele disse.

— E por quê?

— Eu não faço o tipo de cara que se aproveita de uma mulher alcoolizada, ainda mais uma que me beija chamando por outro sem parar. É broxante. E eu ainda tenho algum orgulho.

— Não brinca?

Sua expressão ficou ofendida.

— Não tenho motivos para fazer isso. Eu adoraria ter feito amor com você, mas não iria rolar, não daquele jeito. Ser chamado pelo nome de outro cara é realmente broxante.

— O que aconteceu? — exigi saber.

— Depois que você me pediu para beijá-la, eu fiz isso. Mas, então, você começou a chamar por um tal de Thor e a dizer umas coisas, que prefiro não comentar em nome do meu orgulho e, em seguida, desmaiou. Então achei melhor colocá-la na cama... — Eu o ouvia sem conseguir acreditar no que ele dizia, mas seus olhos e as palavras eram poços de sinceridade. —... Foi mal não ter colocado uma roupa em você. Eu até queria, porém também não estava lá essas coisas.

Fitei Brian sentindo um ódio mortal se apoderar do meu corpo.

— Mas você é um frouxo mesmo, hein, Brian? Grazie a Dio, que eu não trepei com você, seu inútil de

merda! — esbravejei furiosa.

Ele arregalou os olhos.

— Você está brava por que eu não me aproveitei de você?

Indignada estava eu por ele ser um incompetente!

— Faça-me um favor Brian? Some da minha frente! — rosnei, tomando distância dele.

Eu precisava de outra Goose.

Capítulo 30

Minhas pálpebras tremularam quando a claridade passou pelas frestas de meus olhos, irritando-os. Porém, não desisti, abrindo-os de par em par, e então, tornei a fechá-los.

Sentia-me estranha. Um pouco desorientada e desconfortável. Não podia entender a claridade excessiva de há pouco, que meus olhos se negavam a enxergar. Nem a sensação estéril.

Tentei me mover e trinquei os dentes, com a pontada aguda que senti em minha coluna. O desconforto aumentou e uma sugestão de pânico ameaçou subir a borda. Prendi a respiração e com o maxilar travado tentei mais uma vez me mexer. Um gemido inevitável me escapou.

— Antonella?

Estaquei, congelada no reconhecimento daquela voz.

Que diabos?

— Antonella? — O tom barítono forçou meus olhos abertos mais uma vez.

Pisquei mais um par de vezes, até que meus olhos limparam e se acostumaram com a luz, em seguida, focando o rosto bonito daquele cretino, me olhando de um jeito estranho.

— Não se mexa. Está doendo em algum lugar? — Franzi o cenho, correndo os olhos pelo local e tentei me situar. Minha cabeça começou a latejar. — Você está no hospital Medical Center — ele esclareceu minha confusão e acrescentou, antes de sair apressado. — Eu vou chamar o médico.

Minutos depois Heithor entrou no quarto com o Dr. Smith.

Mas que diabos...?

— Olá senhorita Vicenti. Como se sente?

— Minhas costas doem e minha cabeça está latejando.

— Suponho que sim. A pancada foi forte, mas você teve muito sorte mocinha. Deu-nos um susto e tanto — brincou, porém se voltou sério quando me falou, novamente. — Você se lembra do que aconteceu? — Neguei com a cabeça. — Você sofreu um acidente de moto. Estava embriagada e inconsciente quando chegou aqui. Nós te examinamos e cuidamos de todos os procedimentos médicos necessários. Apesar de tudo, foi só um susto, que esperamos não se repetir mais.

Arregalei os olhos em choque, em seguida, me desliguei enquanto forçava minha mente a se lembrar do que tinha ocorrido. Havia um breu entre a conversa com as garotas e até esse momento no hospital. Me empenhei. Uma. Duas. Três vezes. Minha cabeça latejou mais pelo esforço, porém não desisti, até que flashes vagos dispararam através do meu cérebro.

Brian veio a minha cabeça, uma discussão com ele sobre algo que não podia discernir bem sobre o quê era. Vodka. Muita vodka. Brian gritando atrás de mim. Eu estava na moto. Tinha acelerado, sentido toda a potência da minha menina, e então, tudo ficou turvo e desapareceu.

— Você sofreu algumas escoriações... — Rapidamente levei minha mão ao meu rosto. — Seu rosto está perfeito e sua cabeça também, graças ao capacete. — Respirei aliviada e fitei Thor encostado num canto na parede. — No mais, peço que permaneça quieta. Você está bem, porém ficará conosco hoje e amanhã apenas por precaução para que possamos observá-la. Apesar dos exames estarem bons, isso não impede que possa surgir alguma complicação...

Thor continuava num canto do quarto observando-me enquanto o médico terminava seu parecer profissional. Meus olhos desviaram-se dele quando o médico finalizou.

— Pode me dar alguma coisa para dor?

— Eu vou pedir para enfermeira aplicar um analgésico no soro. Você vai se sentir melhor da dor nas costas e da enxaqueca. — Assenti devagar e meu coração meio que se desesperou. Não queria que o médico saísse. Não queria ficar sozinha com o cretino. — Melhoras! À noite, antes de terminar o meu plantão, eu passarei aqui para ver como a senhorita está.

O médico saiu nos deixando a sós. Meu coração aumentou o ritmo, só faltou saltar fora e ficar pulando em volta da cama. Estar em um hospital era a treva e ter o maledetto me espreitando de perto fazia pior. Um silêncio desagradável cheio de palavras não ditas se instalou no quarto, e eu tentei não demonstrar meu desagrado. Fiz de tudo para não olhar para ele, mas meus olhos me traíram quando senti ele se aproximar da cama. Seu perfume me envolveu.

Fitei seus olhos negros. Eles eram sérios, mais escuros e cautelosos. Tentei quebrar o contato, porém meus olhos pareciam atraídos por um super imã, presos ao dele.

A porta se abriu, de repente, rompendo nosso contato visual e ele se afastou. Suspirei aliviada, relaxando um pouco. Pietra e Josie entraram passando pela porta quase se atropelando.

— Oh, Madre di Dio, Amada — exclamou Pietra vindo até mim. — Come stai? Tá sentindo alguma coisa? Ai, Dio mio! Eu fiquei com tanto medo...

— Respira Pietra. Eu ainda não morri.

— Mas foi por pouco, não?

Abaixei o olhar, sentindo-me culpada e ergui de volta.

— Perdonami, io non...

— Sei. E só por isso que eu te perdôo.

— O importante é que você está bem e que não irá fazer isso de novo — interferiu Josie.

— Oi J.

Ela se aproximou e se inclinou, beijando minha bochecha.

— Olá maluquinha — respondeu ela, sorrindo e, em seguida, intercalou seu olhar entre Heithor e eu. — Desculpem nós entrarmos assim, mas estávamos muito preocupadas.

Heithor se limitou a um aceno vago. Eu olhei para Pietra.

— Viu a minha moto?

— Você acha que eu saí daqui depois que Brian me ligou? Nem no banheiro eu fui ainda, quanto mais naquele quinto dos infernos, e outra, você não tem que se preocupar com a maldita moto! — E acrescentou. — E visto que não está morrendo, a senhorita pode muito bem levar uma bronca. Por que no inferno você se meteu a correr embriagada? Tem ideia do susto que nos deu? Eu perdi um ano da minha vida ontem, sabe? Dê graças a Deus por estar bem, porque eu juro, se você tivesse morrido, eu te ressuscitava só para te matar novamente.

— Pietra!

— O quê? Vai dizer que eu não tenho razão, Josie? Eu quase precisei de atendimento médico naquela sala de espera, ainda bem que estamos no hospital... E garota, eu vi médicos ali fora que mamma mia!

— Só quero ver o que o Nathan vai achar disso — Josie cutucou.

— Desde que não fiz nada demais se não olhar. Ele não achará nada.

Busquei a mão de Pietra.

— Desculpe, eu...

— Com licença — disse uma enfermeira, entrando e veio para o meu lado. — Bom dia senhorita Vicenti. Sou Lucy, sua enfermeira enquanto estiver aqui. — E prosseguiu enquanto aplicava a medicação na EV. — É um relaxante. Vai se sentir sonolenta e pode sentir um pouco de enjôo de início. Mas não se preocupe. Passará rapidinho.

— Você informou os meus pais? — inquiri a Pietra quando a enfermeira saiu.

Ela encolheu os ombros.

— Não. Fiquei tão envolvida aqui que esqueci.

— Tutto bene. Não faça... Mamma vai enlouquecer e deixar a todos loucos a sua volta. Também não foi nada que exija a presença dela aqui. — Ela assentiu, entendendo a mensagem. — Me faça um favor? Descubra como minha moto está e veja se é possível concertá-la.

— Eu já a mandei para o concerto — disse Thor, surpreendendo-me tanto que o olhei.

— Err... Pietra vamos a cantina tomar um café — murmurou Josie já arrastando Pietra.

— Mais tarde a gente volta.

Elas se foram, e eu senti formigas me mordendo.

Dizer que o clima era incomodo seria um eufemismo da minha parte. Eu não disfarcei isso, virando meu rosto para o lado quando ele veio para mim e parou ao lado da cama.

Mantive o olhar em qualquer parte daquele quarto exceto em Heithor.

Não queria encará-lo. Não queria demonstrar fraqueza.

Ouvi seu suspiro pesado. Minha própria respiração ameaçando desestabilizar, mas a agarrei com unhas e dentes, porém não pude ajudar meu teimoso coração batendo nas costelas.

Francamente, eu não fazia ideia do porquê ele ainda estar aqui. Ele faria o quê? Um sermão por minha travessura? *Humpf!* Como se eu fosse escutá-lo.

— Por favor, Antonella, olhe para mim — pediu com a voz arrastada, todavia, me neguei a obedecê-lo por mais que meu corpo brigasse comigo para fazê-lo. Eu tomei o controle e permaneci quieta mirando a parede. — Tudo bem, não precisa me olhar apenas me escute. Para ser honesto, eu não sei se te dou uma bronca... Como se você fosse me ouvir quando nunca faz. — Ele deu um risinho desagradável. — Não sei por que faz essas coisas. Deixou a todos loucos ontem. *Me* deixou a beira da loucura por pensar que você... Mas entendi... Eu só preciso que você tenha a certeza de uma coisa. Nunca tive a intenção de manipular ou chantageá-la. Sei, fui um puto estúpido quando nos conhecemos e, cacete, eu tenho o fodido defeito de agir como um idiota quando se trata de você. Me arrependo mais do que posso dizer em palavras. Sobre as regras, tente me entender. A casa estava uma zona e vocês estavam desenfreadas sendo apenas adolescentes e você está sob a tutela de Martha. Nem eu, nem você gostaríamos que Martha fosse recriminada por seus pais porque não cuidou direito de você, o que não é verdade, porque ela cuidou, mas você é impossível. Eu errei sim por ter continuado a investigação após tê-la conhecido. Porém entenda você foi à única garota a mexer comigo de um modo que nenhuma antes fez. Isso me deixou curioso ao seu respeito. Mulher nenhuma havia conseguido minha atenção desta forma. Eu precisava saber quem era você de verdade, saber o que você tinha de tão especial para mexer tanto comigo e eu não falo somente pelo tesão, mas por tudo. Você mexeu com o meu emocional, com a minha cabeça. Me tirou dos trilhos, Antonella.

Minha boca encheu d'água e meus olhos arderam ao mesmo tempo.

— Quando investiguei a sua família e, porventura, você ainda na Itália, eu fiz pelas meninas. Tinha de me certificar que você e sua família não ofereciam risco nenhum a elas, mas aqui eu fiz por mim, admito, porém não para usar contra você. Foi única e exclusivamente para te conhecer melhor, uma vez que todas as vezes que eu cheguei perto, você se fechou no seu casulo e não me permitia conhecer a Antonella de verdade. Eu juro, Ella, pela minha vida, que jamais te prejudicaria e nunca a obrigaria a retribuir o meu amor. Você sabe disso. Sei que sabe. Quando me declarei eu apenas te pedi que me deixasse ficar perto de você e que me permitisse amá-la. Por deus Antonella! Você acredita mesmo que se eu tivesse alguma pretensão de usar aquele documento contra você, eu teria deixado-o em qualquer canto aonde você pudesse ter acesso? Pensa! Não tem lógica nisso. Se este fosse o caso, ele estaria bem guardado em algum lugar que somente eu saberia. Eu não o destruí antes porque eu não sei, apenas estava esquecido lá. De qualquer forma, ele já não existe mais. Eu te amo de verdade, além da medida, ainda assim não vou obrigá-la a nada. Pode não acreditar, mas eu tenho caráter Antonella. Não sou um merda de um filho da puta que precisa usar esses meios baixos para ter uma mulher. Nunca fiz isso e, por Deus, que nunca vou fazer. Todas as mulheres que eu tive em minha vida vieram até mim por livre e espontânea vontade... Meu

amor por você não é fogo de palha, não é apenas desejo, é amor de verdade, e o mais puro. Perdoe-me se eu lhe fiz algo que te machucou. Não era minha intenção.

Senti seu corpo se afastar da cama e meu peito apertou.

— Com relação a sua moto, ela estará nova em folha em duas semanas, como se nunca tivesse sido batida. Eu estou indo embora hoje à noite, portanto, não precisa vendê-la. Não vou mais me intrometer na sua vida, nem incomodá-la, assim não saia da mansão. Pietra está enlouquecendo com isso. — Sua voz nada mais era que um sussurro embargado, que insuflou minhas próprias lágrimas. Ele tocou meu rosto num afago terno e, em seguida, senti seus lábios na minha têmpora. — Estou feliz, muito aliviado que esteja bem... Eu desejo que você seja feliz. Obrigado pelo seu tempo, eu apreciei cada fodido segundo que passei com você, mesmo quando me enlouqueceu... Cuide-se, neném. Talvez um dia a gente volte a se encontrar novamente. Ou não. Adeus Antonella.

Ele estava indo embora? Para sempre?

Meu coração passou a bater muito forte em meu peito, como um louco desvairado, o desespero nasceu lá das profundezas e em instantes conflagrou meu corpo.

Eu não queria que ele fosse.

Mordi meus lábios com força a ponto doer, sem saber o que fazer.

A indecisão me virando do avesso.

Virei o rosto e tive uma instantânea disritmia quando vi Heithor abrir a porta. Uma agonia funda me fez doer o peito. Minha respiração se alterou e algo dentro de mim se rompeu. As palavras se colidiram no meu cérebro. Isso só me deixou mais aflita enquanto o assistia passar pela porta sem olhar para trás. Ele realmente estava indo.

— N-não... não vai não — sussurrei, forçando as palavras contornarem o nó na garganta, antes que a porta fosse fechada totalmente, mas para o meu desespero ela se fechou.

Meu coração foi bombardeado por agulhas e as lágrimas vieram fáceis por minha face. Queria gritar, contudo, minha voz não saia, pois a maldita tinha sumido.

A aflição impulsionou-me e eu agi sem pensar.

Tirei o soro do braço, com as mãos trêmulas e saltei da cama cerrando os dentes ao sentir uma pontada de dor aguda nas minhas costas. Fui atingida por uma leve vertigem e segurei-me na cama para não ir ao chão. Puxei jorros irregulares de ar e cambaleando pisei para porta.

Estava indo tocar a maçaneta quando a porta se abriu de uma vez, se chocando forte com a minha testa. Meu cérebro chorou de dor. Eu vacilei atrás, indo plantar o meu traseiro no chão, mas os braços hábeis e fortes de Heithor me arrebataram antes do choque final.

— Sua louca! O que você está fazendo em pé? — Ele me pegou no colo. — Cacete. Me desculpa, neném. Eu não quis, porra! Você não podia ter se levantado.

— Você não vai embora. Vai? — inquiri enquanto ele me carregava de volta para a cama.

Thor parou e fitou minha face em choque, então recompôs-se e retornou a andar, colocando-me na cama, em seguida, enquanto resmungava consigo mesmo.

— Merda. Eu sou um estúpido. Perdoe-me. Não foi minha intenção bater com a porta na sua cabeça, mas também você não tinha nada que estar em pé. Eu vou chamar uma enfermeira... Eu sou mesmo um fodido — bradou, correndo a mão pelo cabelo.

Ele estava visivelmente nervoso e não parava de resmungar se recriminando pela portada na minha cara. Levantei a mão e toquei seu braço. Ele se calou e me fitou com os olhos aflitos.

— Não foi nada. É só mais um galo pra minha coleção.

— Me perdoe. Eu não imaginava que você...

— Não tinha como você saber que eu estava na frente da porta — cortei-o, oferecendo um sorriso amarelo. — Você vai mesmo partir?

— Eu vou chamar uma enfermeira — desconversou. — Você precisa recolocar o soro e ela precisa

olhar esse galo na sua cabeça...

— Pare! Responda-me o que eu perguntei.

— Você quer realmente que eu fique?

Calor aqueceu meu rosto e eu lambi os lábios.

— Sim... Não quero que vá.

Ele pareceu congelar, seus olhos focados nos meus com tamanha intensidade que eu me senti nua de corpo e alma. Passaram-se minutos... horas... anos talvez, e ele não dizia nada além de continuar me olhando, me deixando um tanto quanto incomodada.

— Por quê? Por que quer que eu fique?

Engoli saliva e minha mente começou a trabalhar frenética, buscando por uma resposta. Eu não sabia o que falar. Na verdade, eu sabia sim, mas não queria dizer. Não ia dizer.

— P-porque... porque eu q-quero.

— Ou seja, por um simples capricho seu.

Cavei o lábio inferior e me mexi desconfortável.

— No... Eu... eu gosto... de ter você por perto — eu disse constrangida numa pesada exalação enquanto mirava as minhas unhas. Meu rosto muito quente, que me senti suar.

Ele tocou meu queixo para olhar em seus olhos.

— Eu não quero ir.

— Então não vá — assoprei baixinho.

— Eu não irei a qualquer parte enquanto me quiser aqui... com você.

Alívio se afundou em meu peito e um sorriso oscilou nos cantos dos meus lábios. Não queria demonstrar o quanto eu tinha gostado daquilo. Não queria parecer patética por estar tão aliviada, mas não podia ajudar a mim mesma. O sorriso bobo estava cauterizado em meus lábios.

Mirei sua boca e a minha ressecou.

Eu queria beijá-lo. Fazia tanto tempo. Quase um mês. Tempo demais. Eu queria ter de novo seus lábios firmes sobre os meus, sua língua brincando com a minha, o seu gosto.

Minha respiração acelerou sem o meu consentimento e meu corpo vibrou quando sua cabeça se inclinou para baixo. Meu coração se agitou na expectativa. Mas para o meu desgosto, Thor parou a centímetros do meu rosto e não avançou mais um centímetro sequer.

Senti sua respiração quente bater em minha face como se fizesse uma carícia tenra, estava me deixando zonza. Seus olhos estavam presos aos meus. Despindo minha alma.

Eu não esperei mais, fechando o espaço entre nossas bocas.

Seu gosto explodiu no meu cérebro e me amoleceu. Nada poderia se comparar. Nada poderia ser tão doce e tão bom. Tão Thor. Ele tinha gosto de céu, de pecado.

Era mais que um simples beijo. Era um ato cheio de significados.

Sua língua na minha causou-me uma leve vertigem. Enlacei seu pescoço, trazendo-o para mim, enquanto suas mãos seguravam minha cabeça, me freando quando me voltei afoita, porém isso não durou. Ele se rendeu com um suspiro que eu engoli. Inclinei a cabeça e Thor aprofundou o beijo. Eu gemi baixinho. Nossas bocas se devoravam famintas.

Meus pulmões reclamaram, mas nem eu nem ele queríamos cessar o beijo.

Era a falta que sentíamos um do outro, tristeza, alegria, tudo ao mesmo tempo.

Mas para o meu total desgosto, Thor abrandou aplicando pequenos e suaves beijos em meus lábios, mordiscando-os de leve. Nós estávamos igualmente ofegantes.

Levantei as pálpebras e encontrei um par de azeviches me fitando com tanto amor que me senti sem chão e envergonhada. Seus lábios roçaram em minhas bochechas e se afastaram.

— Eu já te falei o quão linda você fica toda rosadinha assim? — Neguei com a cabeça, muito entorpecida no carinho que sentia seu polegar fazer na lateral do meu rosto. Seu toque era muito quente e

reconfortante, que me permiti fechar os olhos para apreciá-lo melhor. — Me perdoe por tê-la investigado. Eu fui um cretino, mas acredite, eu nunca pensei em usar isso contra você...

Abri os olhos e coloquei meus dedos sobre seus lábios.

— Eu acredito em você.

Thor me lançou um sorriso devastador.

— Isso é bom, neném.

Ele me beijou breve e se afastou indo para a porta.

— Aonde você vai? — Minha voz saiu mais aflita do que eu desejei.

— Vou chamar uma enfermeira, ela precisa recolocar o soro no seu braço.

Dois dias depois

Tinha acabado de tomar banho e já começava a me vestir, com as roupas que me Pietra me trouxera no dia anterior. Thor logo viria me buscar. Enfim, deixaria esse quarto para respirar ar fresco. Dr. Smith tinha passado mais cedo, antes que Thor saísse e me dado alta.

Eu sabia que tinha tido muita sorte por não ter fraturado um osso sequer ou necessitado de uma cirurgia, uma vez que a queda foi feia.

Mas, como Pietra dizia: vaso ruim não quebra fácil.

Amém a isso!

Minha estadia aqui somente não me enlouqueceu por ter Thor comigo. Tínhamos nos acertado após a portada na minha cara, e eu estava estranhamente feliz por isso. Thor esteve comigo desde então apenas saindo por curtos períodos, todavia, nestas ocasiões Pietra tomou seu lugar.

Hoje foi uma dessas ocasiões, mas Pietra não tinha vindo e Thor parecia muito misterioso antes de sair. Eu ainda tentei saber o que estava acontecendo, porém ele disse que não era para eu me preocupar e que ele viria me buscar em uma hora. Eu aceitei, afinal estava saindo daqui.

Cara, eu realmente odiava hospitais!

Terminei de me vestir e sentei na poltrona, lembrando-me da primeira noite que dormimos aqui, depois que eu acordei...

Já era noite e, apesar das minhas pálpebras estarem pesadas, eu não conseguia dormir. Me desloquei para o lado e fitei Thor sentado em uma poltrona, mexendo no notebook. Seus olhos pareciam cansados, aliás, seu semblante estampava o cansaço personificado.

Engoli saliva e mordi o lábio inferior, indecisa.

— Thor — arrisquei.

Ele levantou os olhos para mim.

— Está sentindo alguma coisa?

— Não. É que...

— Sim?

— Você vai dormir aí?

— Sim. Eu já disse que não vou sair do seu lado.

— Nessa poltrona? — Ele assentiu. — Mas ela é muito pequena.

Ele tentou, mas eu bem vi o sorriso no canto direito de seus lábios.

— E o que você sugere?

— Bem, você pode dormir aqui comigo — murmurei com o rosto em brasas.

— Você está tentando me seduzir?

— Claro que não! Eu só acho que a cama é grande o suficiente para nós dois e essa poltrona vai acabar com as suas costas — expliquei o óbvio.

— Mentirosa! Você está querendo se aproveitar de mim. Escuta, sei que sou gostoso, mas é absurdo

você não sossegar o facho nem numa cama de hospital.

— Você é muito convencido, seu ordinário — ralhei. — E quer saber? Fica aí então. E tomara que suas costas doam muito amanhã. Boa noite! — acrescentei zangada e virei para o outro lado.

Dio Santo, eu nunca tinha conhecido um cara tão irritante como ele!

— Eu também não consigo dormi sem seu corpo quente colado ao meu. — Sua voz soou próxima a minha orelha, segundos depois. — Tem sido um inferno dormir longe de você.

Dei a volta para olhá-lo.

— Eu não disse isso.

Thor soltou uma risada baixa.

— Certo, certo... Chega pra lá, tarada.

Fiz como ele disse e ele se aconchegou do meu lado. Nós somente tínhamos uma posição em que podíamos ficar confortáveis: de lado. A propósito, havia outras bem interessantes, contudo, meu corpo não aceitaria muito bem. Os braços dele rodearam minha cintura. Eu me aconcheguei dentro de seu cerco, adorando sua respiração morna bater em meu pescoço. A temperatura quente e a sensação da solidez de seu corpo era um relaxante natural para o meu.

— Você mente muito mal, neném. Se me quer, apenas diga isso e você me terá aonde quiser.

Em silêncio saboreei aquelas palavras. Ele era meu. Eu gostava de como isso soava, embora meu subconsciente rangesse os dentes para mim, mas o calei com um tapa.

— Eu não transei com Brian — confidenciei alguns minutos mais tarde.

Thor se mexeu desconfortável. É claro que ele não gostava de Brian, pensei, e eu não tinha nada que trazer esse assunto agora. No entanto, precisava que ele soubesse disso.

— Não importa o que aconteceu. É passado — ele murmurou áspero. — Vamos esquecer tudo e começar de novo. Entretanto, não nego que fico feliz em saber disso.

— Me desculpe por ter te dito aquelas coisas, eu estava nervosa. Aquele documento me deixou transtornada...

Ele me virou de frente para ele com facilidade.

— Eu também te disse coisas que eu sei que te machucaram e, confie em mim, eu quase morri por tê-las dito. Perdoe-me por isso também. Se pudesse, acredite, as tomaria de volta.

— Va bene. Nós dois erramos.

— Eu amo você.

— Não fique me dizendo isso.

— Não posso atender a seu pedido querida, sinto muito, se eu não falar eu explodo. Eu te amo. Isso não é vergonha nenhuma para mim, portanto, se acostume.

— Eu detesto esse seu jeito mandão.

— Detesta nada! Você me adora.

Beijei seus lábios. Era um beijo calmo e terno.

— Não faça isso novamente — ele repreendeu quando recuou. — Eu falo sobre esses maus entendidos entre nós. Quando tiver alguma coisa que queira saber ou alguma dúvida chegue a mim e fale. Não tire conclusões precipitadas. Veja o que isso nos causou e o quanto custou para nós dois. Se você tivesse falado comigo no primeiro instante nada disso teria acontecido. Então não faça isso, novamente. Não tem motivo para ter medo de mim. Eu vou responder a tudo que você me perguntar, dentro dos meus limites, é claro. É assim que adultos resolvem os problemas.

— Mi dispiace, eu estava puta da vida com você.

— Eu sei e até entendo. Mas você agiu como uma criança. Prefiro que grite comigo e me bata, qualquer fodida coisa, exceto agir como uma menina de dois anos... Prometa-me Antonella que qualquer dúvida que tenha ou qualquer coisa que se passar nessa sua cabecinha de vento, você não vai tirar suas próprias conclusões e vai me procurar antes de tudo.

— *Prometo.*

Depois dessa conversa eu me senti mais aliviada. Havia uma verdade irrefutável em suas palavras e em seus olhos. Thor tinha sido sincero quando disse não ter a pretensão de me manipular ou chantagear com aquele dossiê. Foi uma estupidez da parte dele ter me investigado depois que nos conhecemos, mas ele não me oferecia risco, pelo menos eu estava acreditando nisso, a não ser que ele fosse muito dissimulado. Porém preferia acreditar que ele só me disse a verdade. Se ele tivesse a intenção de usar aquilo contra mim não o teria deixado em um canto qualquer, afinal.

Está certo, que dei aquele show e tudo mais. No entanto, eu estava nervosa e, bem, agi por impulso. *Agora* com tudo em panos limpos ficava mais fácil entendê-lo e compreender suas razões, mesmo não estando de acordo. Isso me fazia lembrar a cobra loura. A Srta. Píton disgraziata.

Como eu não pude perceber que ela estava distorcendo toda a situação a favor dela?

Thor a tinha descartado, e ela não iria aceitar perdê-lo tão facilmente, ainda mais para mim. Mas o que era dela estava bem guardado. A Srta. Píton iria me pagar caro por isso.

Resolvi não dizer nada para Thor. Eu mesma fazia questão de esfregar na cara dela que ela não passava de uma vadiazinha invejosa e recalcada. Uma inútil. Um nada.

— Um beijo pelos seus pensamentos.

Thor se inclinou para baixo, com as mãos sobre os braços da poltrona e esperou. Eu sorri e dei um selinho em seus lábios, em seguida, me afastei segurando o riso pela careta que ele fez.

— Che? Você pediu só um beijo.

— Mas é assim que quero. — Sua boca estava sobre a minha, num beijo de tirar o fôlego. — É desse tipo de beijo que eu estou falando.

— Eu já estou pronta.

— Então vamos!

Franzi o cenho para sua animação, ele tinha os olhos muito divertidos e um sorriso misterioso, que colocou curiosidade nas minhas veias. Mas não questionei. Logo saímos.

— Thor nossa mansão fica na direção contrária. Você sabe. Tínhamos de ter pego aquela saída lá atrás — falei momentos mais tarde.

Seus dedos acariciaram meu queixo quando ele beijou meus lábios de leve.

— Fico feliz em ouvir você dizer *nossa*.

— Não desvia do assunto. Onde estamos indo?

Ele riu. Um som gostoso que fez minha barriga tremer.

— Você já vai saber e não me tenta com esse biquinho.

Benjamin entrou em um hangar de uma pista de vôo particular. Hoje estávamos com motorista que no caso era o meu segurança, o que era bem estranho. O carro parou ao lado de um jatinho e Thor desceu ao mesmo tempo em que o motorista-segurança abria a porta para mim.

Desci e olhei em volta e depois para Thor, que esteve falando com um piloto, e agora, caminhava de volta para mim, com um amplo sorriso na face.

— O que significa isso?

— Ajude com as malas Ben e depois você está dispensado — ordenou ele e me olhou, como quem estava prestes a dar a notícia do ano e plantou as mãos em meus quadris. — Vamos viajar.

— Como assim viajar? — indaguei um pouco irritada. Irritação essa que foi para o espaço quando senti seus lábios percorrem meu pescoço me deixando arrepiadinha. — T-Thor, eu não posso viajar assim — ralhei, puxando seus cabelos para que ele me olhasse.

— Por quê?

— Eu não arrumei nada — murmurei com a voz mole.

— Pietra arrumou algumas coisas para você e, se precisar de algo mais, nós compraremos quando

chegarmos — ele sussurrou no meu ouvido. — Eu já cuidei de tudo neném.

— E o que eu faço com minhas aulas, oh, grande gênio?

— Você tem alguns longos dias de atestado para ficar em casa, ademais, sei que é a primeira da sua turma então não terá problemas. Eu também conversei com seu reitor. Está tudo resolvido.

— Ma...

— Mas nada. Está tudo resolvido. Só não vamos se você não quiser. E então?

Fiquei em silêncio, nem eu mesma sabia por que estava indecisa. A idéia de ficar a sós com ele sem ninguém para atrapalhar era tentadora e me agradava muito, porém eu tinha medo.

— Tudo bem, querida. Não tem de aceitar, se não quiser. Eu vou dispensar tudo e voltamos para a mansão — ele murmurou num muxoxo. Thor estava desapontado.

— Não! Eu quero ir — me apresei em dizer.

Thor me beijou e como de costume logo o clima esquentou. Suas mãos apertaram meu corpo sem pudor. Eu estava adorando, mas não podia ignorar que havia pessoas nos olhando.

— Thor, diminua — ofeguei, com o rosto quente. — Tem gente olhando.

— É bom que eles vejam que esse corpo gostoso já tem dono. Assim evitamos problemas.

— Você é tão absurdo.

— E possessivo com o quê é meu, lembre-se disso. — Olhei em seus olhos. — Pronta?

— Sempre.

Capítulo 31

Thor se negava a dizer para onde estávamos indo, alegando ser surpresa. O que me fez mais curiosa, mas visto que ele nada diria, eu não insisti e deixei que ele me surpreendesse. Ter saído do hospital direto para o jatinho, ainda com a medicação para dor em meu organismo permitiu que eu dormisse quase a viagem toda. Tinha deixado o hospital, porém ele não tinha me deixado.

— Acorda dorminhoca — Thor murmurou ao pé da minha orelha.

Pisquei, abrindo os olhos de par em par e bocejei.

— Já chegamos?

— Acabamos de pousar.

Ele puxou a manta que estava sobre o meu corpo e tirou meu cinto. Eu levantei, pegando a bolsa que ele me oferecia. Meu casaco estava em seu braço.

— Onde estamos? — perguntei enquanto caminhávamos para a porta de saída, mas ele não precisou responder. Uma vez que desci os degraus da escadinha, com ele na minha frente, o sol se derramou sobre meu rosto e uma brisa fresca envolveu meu cabelo. — Havaí — assoprei surpresa.

— Um passarinho tagarela me confidenciou que você sempre quis vir aqui — gracejou ele, abraçando-me por trás.

Abri um amplo sorriso e olhei para ele.

— Pode apostar nisso — alegrei-me. — Seu passarinho moreno está muito certo. Sempre quis vir, porém nunca achei uma oportunidade e... companhia.

— Gosto disso — sussurrou ele, sorridente, depositando um beijo em meu pescoço, antes de acrescentar num tom possessivo. — Assim sou o primeiro em algo mais.

Um homem de estatura mediana não muito velho, vestindo short e uma camiseta branca, estava junto a um Jeep prata estacionado próximo ao jatinho. Nas mãos, ele levava colares floridos. O estranho era todo dentes quando começou uma peregrinação em nossa direção.

— Aloha, meu amigo! Achei que não te veria tão cedo.

Thor abraçou o tipo de sotaque cantado, dando tapinhas nas costas dele.

— Aloha Keahi! Eu também pensei que não veria sua cara feia tão cedo — brincou Thor.

— Você apenas sente inveja porque sou mais bonito.

— Em outra vida.

— É bom tê-lo aqui, Heithor. Alana ficará feliz.

Eu fechei a cara.

— Alana é mulher dele — Thor cochichou, sorrindo em minha orelha.

Eu me senti uma boba, corando.

O homem colocou um colar em Thor e outro em mim.

— Mahalo. Obrigado — disse Thor. — Keahi Malla esta é Antonella Vicenti.

— Aloha! É um prazer senhorita. Primeira vez aqui?

Aceitei sua mão.

— Aloha! O prazer é meu. E sim, é minha primeira vez.

Ele sorriu largo.

— Espero que passe um bom momento aqui. Italiana também, eu suponho?

Lembrei que Thor tinha me dito uma vez sobre meu sotaque toscano. Falava inglês perfeitamente bem,

mas o sotaque materno me adorava.

— Sim. Florença, Toscana — ofereci minha cidade natal, embora tivesse crescido em Milão.

— Ah, a Itália — suspirou. — É um belo país. Alana e eu passamos nossa lua de mel lá, graças ao meu amigo aqui, que foi muito generoso conosco.

Eu olhei para Thor, surpresa. Ele deu os ombros.

— Alana merecia — ralhou Thor, brincalhão.

— Eu agradeço você, amigo. Não poderia ter realizado o sonho da minha Alana sem você. Vê-la tão feliz foi maravilhoso. Guardamos boas lembranças de lá... Mas venham, vocês devem estar famintos e cansados. E Alana não me perdoará se eu atrasá-los. Ela cozinhou porco Kalua, mas não digam a ela que eu disse. Ela quer fazer uma surpresa. A senhorita vai gostar.

— Tenho certeza que sim.

Ele assentiu ainda sorrindo.

— Eu vou pegar as malas para que possamos ir.

Quando ele saiu, eu inclinei a cabeça para o lado.

— Lua de mel, eh?

— Não foi nada demais. Keahi e Alana me acolheram muito bem nas duas vezes que estive aqui, e me ajudaram na compra da casa. Eles são moradores locais. Ele é corretor de imóveis e também meu caseiro. Alana o ajuda. Ela é uma grande mulher. Vai gostar dela.

— Não conhecia esse seu lado generoso.

— Seja boazinha e conhecerá — piscou.

— Eles foram bonzinhos também?

— De certa forma, sim. Mas, em retrospectos diferentes do que eu espero de você.

Rolei os olhos então estalei.

— Espere..., você tem uma casa aqui?

— Sim — disse simplesmente.

Eu fiquei tentada a perguntar mais, porém o piloto se aproximou de nós e trocou algumas palavras com Thor. E, em seguida, Thor estava me guiando até o carro enquanto me situava.

— Estamos na ilha Oahu, em Honolulu, a capital, mas ficaremos instalados em Kailua na minha casa. — Ele abriu a porta traseira do veículo e eu entrei. Thor tomou o assento do passageiro na frente e olhou para trás para mim, antes de continuar. — Ficaremos em Oahu, porém podemos visitar as outras ilhas. Há uma abundância de lugares estupendos para visitar enquanto estivermos aqui. Eu não vi muito nas vezes que vim, mas Keahi e Alana conhecem tudo por aqui. Vou lhes pedir algumas referências depois.

— Quanto tempo pretende ficar aqui? Porque você sabe, eu tenho a universidade.

— Confie em mim, eu tenho tudo sob controle. — E informou. — Agora vamos para a minha casa e mais tarde se estiver disposta podemos sair para jantar, tudo bem?

— Estou em suas mãos, bambino.

Ele sorriu de lado, com aquela expressão de quem diria algo muito malvado e sujo, porém Keahi entrou no carro, tomando posse do volante então saímos. Ele e Thor engrenaram numa conversa, que não prestei atenção, enquanto eu olhava através da janela, contemplando as belas paisagens contrastando com uma cidade, com tudo que se tem direito. Não era uma completa alienada, sabia que no Havaí havia urbanização e trânsito, contudo, era um choque ver o quanto. Apesar de que, aqui os motoristas pareciam menos estressados e mais educados, simpáticos até.

Deixamos o centro de Honolulu e quase meia hora depois, as paisagens acompanhadas do mar no horizonte, principalmente, a vista da praia Makapu'u voltaram a me impressionar quando seguimos para a costa em direção ao bairro Lanikai em Kailua.

O sol brilhava forte no céu, apesar de Keahi jurar ser inverno. Dentro do carro estava fresco pelo ar condicionado, mesmo assim podia sentir minha pele aquecida pelo sol imponente.

Eu gostava disso, deste clima quente. Malibu tinha uma temperatura parecida, porém mais amena. E, bem, aqui tinha as paisagens naturais impressionantes.

Logo um amontoado de casas exuberantes dividindo espaço com outras mais singelas, mas igualmente luxuosas, se abriram para mim. Foi um momento antes de o veículo parar na frente de uma mini mansão, com ares de chalé chique. Eles desceram e Thor abriu a porta traseira para mim. Desci, levantando o olhar para a casa branca, com amplos painéis de madeira escura e enormes vidraças. Palmeiras e pequenos arbustos adornavam a grama verdinha.

— Por favor, deixe as malas na suíte — Thor disse então pousou a mão em minhas costas, conduzindo-me entre os espelhos d'água em direção a entrada principal. — Vem, vamos entrar.

Dentro, eu olhei ao redor. Diferente de sua cobertura em Los Angeles onde os tons escuros predominavam, aqui reinava os tons claros com detalhes em madeira clara.

A sala era modesta comparada a da mansão, mas igualmente luxuosa, com ares praianos. Um espaço bem dividido entre sala de estar e jantar, com uma mesa redonda de madeira de cerejeira. Os móveis em tons claros (branco e camurça). Enormes painéis de vidro e portas corrediças também de vidro cuidavam para que o espaço obtivesse o máximo de iluminação natural.

Dei uns passos à frente, aproximando-me da janela panorâmica do lado esquerdo da porta corrediça, que dava acesso aos fundos, e olhei através. O alpendre era grande. Ao fundo, na grama, uma rede e um conjunto de espreguiçadeiras e double-chaise.

Mais ao fundo, o mar azul com vista para ilhas Mokuluas era um espetáculo.

— Aloha!

Girei a cabeça em direção a suave voz feminina cantada e me deparei com uma mulher que deveria ter no máximo uns trinta e cinco anos. Era pequena e bonita. Os traços asiáticos muito delicados. A pele cor de mel. Cabelos negros arrumados no alto da cabeça, com uma flor amarela na orelha esquerda. Ela sorria com doce amabilidade quando Thor a cumprimentou com um abraço.

— Aloha, boneca — Thor disse. — Como tem passado?

— Muito bem, Heithor. E você como tem passado?

— Bem. — Eu me aproximei e ela me olhou. Thor fez as apresentações. — Alana esta é Antonella Vicenti. Antonella esta como pode imaginar é Alana Malla, esposa de Keahi.

Ela limpou a mão no guardanapo que levava sobre o ombro e a me entendeu.

— É um prazer senhorita.

Aceitei seu gesto.

— Antonella apenas. E o prazer é meu.

— Desta forma, me chame de Alana. Fizeram boa viagem?

— Sim, obrigada.

Keahi espreitou ao nosso redor, colocando um braço em torno de Alana.

— Que bom! Espero que estejam com fome.

— Muito. O que fez?

— Porco Kalua, arroz, molhos para acompanhar. E também um pouco de lomi-lomi de salmão. Haupia e frutas frescas para a sobremesa.

— Meu Deus, mulher! — Thor chiou, me levando com ele para a cozinha. Um cheiro delicioso me atingiu em cheio quando passamos pelo limiar da porta e meu estômago reclamou. Ele me soltou e foi para a ilhota estudando as panelas. — Você fez um banquete aqui.

Keahi e Alana que estavam bem atrás de mim riram.

— Não exagere. Fiz porções pequenas e cortei um abacaxi.

— Eu vou ajudar minha Alana pôr a mesa e depois vamos deixá-los a sós.

— Não, tudo bem, nós comeremos aqui mesmo — Thor me olhou —, a não ser que Antonella queira comer na sala de jantar. O que diz, querida?

Calor aqueceu minhas bochechas.

— Aqui está bom para mim — respondi, com um sorriso encabulado. — Vocês podem almoçar conosco. Há muita comida aqui e será um prazer.

— Obrigada Antonella. Mas Keahi está certo, devemos ir para lhes dar privacidade. Vocês devem estar cansados e famintos depois da viagem. Além do que, não faltará oportunidade. Podemos marcar um almoço em casa, assim vocês podem conhecer nossa futura pousada.

Alana pegou um bloquinho de papel no balcão, anotou algo e me deu isso.

— Aqui, me ligue se precisar de algo.

— Mahalo — repeti o agradecimento havaiano, que Thor tinha dito mais cedo.

Ela bateu os cílios surpresa e assentiu em aprovação.

Thor e eu os acompanhamos até a porta.

— Eu arrumei a casa ontem. Keahi fez as compras de supermercado hoje de manhã.

— Os armários e geladeira estão abastecidos — Keahi acrescentou. — Mas, se precisarem de qualquer coisa, nos liguem que eu providenciarei.

Thor assentiu.

— Mahalo, meu amigo. Entretanto, agora eu cuido do resto. Você atenha-se a reforma da sua casa e qualquer coisa que precisar, não hesite em me chamar.

— Foi um prazer conhecê-los — murmurei gentil.

— Leve-a para centro de Honolulu amanhã — Alana disse, antes que Thor fechasse a porta.

— O que tem no centro amanhã?

— É sexta-feira e a última do mês.

— E?

— Toda sexta-feira acontece o *Aloha Friday*. É um show de fogos de artifícios para indicar o início do fim de semana. Na última, o Museu de Arte de Honolulu promove o que podemos chamar de exploração das artes ou algo assim. Cada mês com um tema específico.

— Uau! É quase uma Vegas, não?

Ele riu breve.

— Com um aspecto melhor, eu diria.

— E em qual vamos?

— Em qual quiser ir.

— Bem, eu gosto dos fogos.

— Um evento não interfere no outro, neném. Se quiser, vamos aos dois.

— Legal! As garotas iriam gostar disso, quero dizer, elas vão quando voltarmos aqui juntas.

— E eu achando que era especial — ele burlou-se.

— Bem, você é — murmurei baixo. — Contudo, isso não impede de eu vir para cá com elas.

— Não sei se gosto disso — resmungou.

— Não sei por quê.

— Quer conhecer o resto da casa agora ou mais tarde?

— Mais tarde. Agora somente posso pensar em tomar um banho, comer e dormir.

Eu estava cheia de curiosidade quando Thor me levou escada acima e, posteriormente, ao quarto. Pietra nunca tinha me falado sobre eles possuírem uma casa no Havaí, pois certamente teríamos vindo para cá na primeira oportunidade que tivéssemos quando Thor ainda estava longe.

— Uma casa no Havaí, eh? Pensava em fazer festinhas aqui? — perguntei, num dissimulado desinteresse quando entramos juntos no box.

Ele riu alto atrás de mim e ligou a ducha. Eu me coloquei debaixo dela, tomando cuidado para não molhar meu cabelo então me afastei para me ensaboar, dando espaço para Thor também.

— Não sou fã de festas, neném.

— Sério? E o que fazia no clube aquele dia? Confundiu com uma igreja?

— Não tolinha. — Ele salpicou água em mim.

— Thor! Meu cabelo, droga!

Ele riu mais alto e enfiou a cabeça debaixo do jato, fechando os olhos.

Deslizei meu olhar para seu corpo, observando com entorpecimento como a água caia bem contra sua pele correndo para baixo. A manta aparada de pelos escuros e seu pau a meio mastro.

Tanto tempo...

Senti meu útero contrair, uma dor funda nascendo lá nas profundezas. Engoli com força e desviei o olhar, antes que ele abrisse os olhos e começasse a se lavar enquanto me falava.

— Muitas pessoas acumuladas num só lugar geram um fodido barulho e me deixam agitado. Eu prefiro lugares assim, tranquilos, onde posso conversar sem aumentar meu tom e ser ouvido. Ou um bom restaurante. Um tempo para uma bebida com os caras.

— Isso parece conversa de velho.

Seu cenho franziu. Um momento depois, seus braços me puxaram, moldando-se a minha volta, deixando nossos corpos unidos, meu subconsciente não me deixava ignorar a sensação dura do pênis de Thor contra minha barriga, aumentando a dor entre as minhas pernas. Calor fluiu por meus membros. Um gemido tentou escalar fora, mas eu o segurei. Respirei devagar e olhei para ele.

Thor tinha a expressão séria.

— Está dizendo que é muito jovem para mim?

— Não. Mas já que você disse.

— Então talvez você deva começar a me chamar de papai? — sugeriu. Suas mãos desceram distraídas pela parte baixa da minha coluna e acariciou minha bunda, minhas unhas se apertaram um pouco sobre a pele de seu peito — Eu gosto de como isso soa. Diga. Papai — ele acrescentou, com um sorriso cafajeste, a entonação sexual de seu tom, despertando meu corpo para o sexo.

— Em seus sonhos.

Ele sorriu descendo sua boca sobre a minha, beijando-me devagar. Minhas mãos se fecharam em seus braços. Estava sentida pela falta que ele me fazia, pelo tempo em que passei sem sua dose diária. Queria experimentá-lo sem pressa, apenas sentindo o seu gosto na minha língua, sua respiração quente sobre o meu rosto. Ele recuou, mordiscando meus lábios.

— Ainda não me respondeu.

— O que quer saber? — Seu olhar dobrou o meu. — Não sou fã de agitos, embora não negue que vou uma vez e outra a algum clube. Não é minha preferência, no entanto. Porém, não vejo problemas em ir e ficar por alguns minutos, como naquele dia. Estava estressado. Os caras me chamaram e eu fui. E, foi à melhor coisa que fiz. Se bem que eu te comeria de qualquer forma.

— Idiota.

Terminamos o banho entre carinhos inocentes e brincadeiras bobas. Thor não tinha tentado ir além, embora o desejo estivesse entre nós, de maneira quase palpável. Ele saiu antes de mim.

Isso era novo, estranho e bom. Estar com ele sem qualquer barreira entre nós após aqueles dias de afastamento tornava a situação inusitada. Havia uma tensão sexual, mas também havia um sentimento de bem-estar, de basta. Um desfrutar prazenteiro de sua presença sem a necessidade alavancar para uma situação mais carnal. E, isso era muito louco e desconcertante. Eu não sabia qual era a etiqueta adequada para seguir em casos assim. Eu teria de estar mais ligada do que nunca se não quisesse agir como uma retardada. O que de antemão eu sabia ser quase impossível, aquele lugar tinha uma atmosfera poderosa. Um fascínio que nos impelia a nos deixar levar.

Thor retornou ao banheiro quando deixei a ducha. Ele vestia camiseta e short. Logo que deixou minha nécessaire sobre o balcão de mármore, ele me deixou sozinha, novamente.

Penteei o cabelo e escovei os dentes então voltei para o quarto. Sobre a cama king size com um bonito

dossel de madeira, peguei uma camisa sua dos Red[65] que ele tinha deixado sobre a cama e vesti. Logo fui para a cozinha me encontrar com ele e comemos em silêncio. Uma vez que terminamos, Thor disse que iria cuidar da louça, eu agradeci e subi para o quarto.

Eu deitei, suspirando com a maciez e suavidade abaixo de mim. Já estava quase cochilando quando o ouvi entrar no quarto e, em seguida, fechou as cortinas e sentou na beirada da cama.

— Descanse, sim?

— E você?

— Eu preciso ligar para casa e avisar que chegamos bem. — Ele se inclinou para baixo e beijou minha fronte. — Logo venho te fazer companhia.

Estava quase dormindo quando Thor retornou. Escutei o farfalhar de roupas e, em seguida, o colchão se moveu quando ele se deitou ao meu lado, puxando-me contra o seu corpo.

— Eu já te disse o quanto está adorável esta noite? — Thor sussurrou ao pé da minha orelha, de maneira eloquente. Seu tom barítono, enviando calafrios através da minha espinha.

Soltei um suspiro afetado e o olhei de lado.

— Acredito que esta é a quinta vez.

Estávamos em um luau num restaurante/bar a beira da praia, que era dividido em dois espaços. Um fechado e outro aberto, com a visão privilegiada da praia ao fundo, onde escolhemos ficar. O ambiente era bem descontraído ao estilo pé-na-areia, com tochas polinésias iluminando a noite de inverno quente. Não era tão quente, mas também não era frio. Eu adorava isso.

Thor tinha me presenteado com a roupa da noite. O que me surpreendeu bastante. Era um vestido D&G, com uma bonita estampa florida. Um chique casual um pouco modesto para o meu gosto. Três dedos acima do meu joelho e um decote muito sutil. E, segundo Thor, perfeito para realçar minha beleza e sensualidade sem ser vulgar. Nos pés, um par de rasteirinha de pedrarias.

Meu cabelo estava solto, como ele gostava. E para equilibrar fiz um make mais discreto.

Logo que nos sentamos, ele tinha agarrado uma flor do pequeno arranjo da mesa e a colocou detrás da minha orelha esquerda. Percebi certo brilho de satisfação em seu olhar quando ele fez isso, todavia, deixei passar ao sentir sua boca sobre a minha.

— Eu nunca vou me cansar de te elogiar — disse ele. — A cada dia que passa você fica impossivelmente mais linda. Eu sou um homem de muita sorte.

— Por que eu sou absurdamente bonita?

Ele balançou a cabeça, sorrindo. Não era qualquer sorriso, era um genuíno, daquele tipo manso que os olhos acompanham e cativa até a alma. A minha, por exemplo, estava suspirando.

— Neném, essa beleza externa acaba, mas a que eu vejo em você não. Há uma vontade de viver, uma beleza que você não permite aos outros verem, porém quando baixa sua guarda eu posso enxergá-la claramente... aí, escondida em seu olhar por uma razão que eu ainda desconheço. Mas quer saber? Não importa o quanto tente se esconder de mim, eu sempre te enxergarei como é realmente. E não pense você que é o detetive falando. Sou apenas eu, Heithor, seu homem dizendo isso. Eu te amo com todos os seus defeitos, neném. Você é perfeita para mim. E é minha. Eu não poderia ter feito melhor escolha, embora você me tire do sério de vez em sempre. Eu tenho sorte.

Cara, na boa, se ele estava tentando chegar a minha calcinha no final de noite, com aquelas palavras ele tinha conseguido um passe livre até a morte.

Um bater de asas agitou o meu estômago e minha pulsação acelerou. Thor tinha de parar de me dizer aquelas coisas ridiculamente bonitas e voltar ao modo on neanderthal, que irritava o inferno fora de mim. Bem, merda, seja como for, ele me derretia de qualquer maneira.

O vento assoprou bagunçando o meu cabelo. Tirei a flor detrás da orelha e usei a outra mão para

escovar os fios para trás, e então, fiz menção de colocar a flor.

— Não.

— O que foi?

Ele pegou a flor da minha mão.

— Fica melhor nesta — disse ele, voltando à flor para detrás da minha orelha esquerda.

— Certo. Está querendo me dizer alguma coisa?

Sua cabeça balançou em negação, a expressão era ilegível.

— Nop.

Questionar Alana sobre isso, anotei em mente.

— Vai começar — ele avisou, apontando para o palco a duas mesas a nossa frente.

Recostei-me na cadeira e joguei o olhar a frente. Um instante mais tarde eu peguei meu queixo no chão quando a apresentação de Hula começou. Era um grupo misto de dançarinos, com quadris enlouquecidos. A dança era incrível e muito contagiante. E eu fiquei bem animadinha quando um dos dançarinos deixou o palco e se aproximou da nossa mesa, requebrando o quadril feito um louco desvairado. Babei. Boquiaberta, eu me mexi na cadeira, doida para levantar e dançar com ele.

No entanto, o aperto firme da mão de Thor sobre o meu ombro, puxando-me para ele quebrou o fascínio da dança e incitou outro tipo de tensão. Ele estava rígido, a expressão apertada em linhas duras. Seus olhos fixos sobre o pobre dançarino. Mordi o lábio, deliciando-me com seu ciúme então agarrei seu rosto, prensando minha boca na sua. Ele respondeu ao beijo, possuindo a minha boca num beijo lascivo e arrasador, que fez uma agitação morna formigar minha barriga. Quando abrandamos o beijo, o dançarino do capeta estava exibindo seu talento em outra mesa.

— Não faça isso — Thor demandou sobre meus lábios, num tom grave.

Eu lancei uma surpreendida gargalhada.

— Você é tão bobo.

O olhar azeviche permaneceu sério, mas podia jurar que havia um tipo de fogo perverso subjacente em toda aquela seriedade furiosa. Eu não sei se isso era bom ou ruim para mim.

— Não sou obrigado a gostar de ver *minha* mulher babar por outro cara bem na minha frente.

— Eu não estava babando por outro cara, senão pela dança — elucidei.

— Desta maneira, eu posso *babar*, se uma dançarina vier balançar o quadril na minha frente? Claro, pela dança. — Eu cerrei o olhar para ele, indignada, enquanto o mesmo tomava um sorvo de uísque e, em seguida, ele me mirou ao acrescentar. — Não queira que eu aprove algo do qual você não aprovaria, se fosse com você, Antonella. Quer direitos iguais? Comece por este princípio.

Rolei os olhos em um gesto de tédio e voltei à atenção para o final da apresentação.

— Eu vou pegar mais um uísque no bar — ele disse um momento mais tarde. — Você quer algo? Outro coquetel de frutas?

— Pode ser.

Thor selou nossos lábios num beijo breve.

— Comporte-se. Eu já volto.

Fiquei observando até sua silhueta sumir então voltei meu olhar para frente, rindo de mim mesma, da minha própria loucura. Mal tínhamos pisado na ilha, e eu sentia que ele e eu estávamos diferentes. Ou talvez fosse apenas eu. De fato, era eu. Minha descabida paixão por ele ainda não me agradava e eu não estava disposta a me declarar, todavia, sentia a gritante necessidade de tratá-lo bem... de ser carinhosa.

Isso era uma grande merda!

Mas o que eu podia fazer?

Eu não o queria longe de mim e nem morta iria dar a Norah a chance de ficar com ele.

Beberiquei o último gole do meu coquetel enquanto enterrava minhas divagações.

Joguei meu olhar para onde Thor tinha saído e nem sinal dele. Esperei mais um bocado e nada então

decidi procurá-lo, afinal de contas, o bar não era tão longe de onde estávamos. Algo tinha de ter acontecido para ele demorar tanto. E aconteceu!

Ele estava de perfil ao lado do bar, papeando aos risos com uma sujeitinha esdrúxula, metida num vestido vulgar, com um decote profundo a se perder de vista. Esfregando os peitos falsos na cara dele cada maldita vez que ela se inclinava para ele, tocando o braço dele enquanto se falavam.

Numa batida de coração, eu tinha meu sangue fervendo por ver que Thor não fazia nada para se livrar dos toques dela e se lembrar de que **eu** estava esperando por ele na mesa.

Cansada de assistir aquela palhaçada, respirei fundo, abrandando minha expressão furiosa e caminhei na direção deles, imaginando formas e mais formas de me vingar dele.

A puttana foi a primeira a se dar conta da minha aproximação, antes de ele girar a cabeça e pousar os olhos sobre mim. Sua expressão inocente somente me fez mais enervada. Ele abriu um sorriso amável e me estendeu a mão. Eu sorri de volta em uma dissimulada candura.

— Desculpe a demora — sussurrou no meu ouvido quando me puxou pela cintura. — Deixe-me te apresentar. Esta é Beatriz Rios, uma colega de profissão e grande amiga. — Tradução: cadela. A vadia sorriu falsamente, mostrando todos os dentes, mas eu tinha pegado antes o seu olhar incomodado sobre mim. — Essa é Antonella Vicenti, minha...

—... Amiga — completei, rapidamente.

Eu não iria pagar de trouxa quando ele tinha me esquecido na mesa por causa de outra mulher. Ele me fitou com os olhos semicerrados e fez uma careta de desagrado, que fingi não ver.

— Muito prazer senhorita Vicenti.

Anui em cumprimento, ignorando propositalmente sua mão estendida enquanto mantinha minha pose inabalável, com um curvar suave de lábios. Meu olhar era esnobe.

— Igualmente.

Embaraçada, ela colheu a mão.

— Estava dizendo a Thor que você é uma garota de sorte. Desde que o conheço, essa é a primeira vez que o vejo com os olhos brilhando quando fala de uma *garota* — ela disse a última parte, me dando uma discreta olhada de cima abaixo. A palavra era quase um xingamento em sua voz. — Você conseguiu o que muitas se mataram para ter. Isso é surpreendente.

Ela não precisava me lembrar de quantas vagabundas tinham passado na cama dele.

— Em geral, é isso que acontece quando se tem amor próprio.

Ela se fixou em Thor.

— Sua garota tem um gênio e tanto, não? É ela quem usa as cuecas?

Thor pareceu comprar sua tentativa ridícula de fazer piada.

— Apenas quando ele rasga minhas calcinhas — confidenciei dissimulada, antes que as palavras que ele estava indo dizer se formassem.

— Aposto que ele faz — ela piscou.

Pensando bem, umas bofetadas não eram suficientes.

O ordinário soltou um risinho enquanto apertava o braço em torno da minha cintura. Eles continuaram conversando. Ela me ignorando. Não era como se eu fizesse questão de entrar na conversa, até porque eu não entendia o cacarejar dela. *Galinhez* não era um idioma que conhecesse.

Eu somente queria sair de lá. Porém, não queria fazer o papel de fraca ante a puttana, me provocando abertamente. Aguentei firme até que me cansei de ver aquela insossa se jogar para cima dele e ele, bem, o cretino dava uma de João-Sem-Braço.

— Eu quero ir embora — eu grunhi baixo somente para ele.

— Tem certeza?

— Estou indo — avisei num tom enérgico, dando a volta para sair.

Minha saída triunfal foi interrompida por sua odiosa mão ligeira.

— Nós vamos juntos — ele disse firme e se voltou para a cadela. — Foi um prazer revê-la, Beatriz.

— O prazer é sempre meu, Thor.

Ele teve o descaramento de corar e eu quis deixar a cor mais viva com a minha mão.

Ela o puxou, plantando um beijo no rosto dele, perigosamente próximo ao canto de sua boca. Eu fechei a cara assim como minhas mãos em punhos, que coçavam doidas para acertar a cara dos dois.

Sabe aquele passe livre que ele tinha ganho para as minhas calcinhas?

Bem, ele queimou no fogo da minha fúria.

Não a olhei, puxando Thor e deixando-a no vácuo quando a mesma fez a menção de continuar seu teatro comigo.

— *O prazer é sempre meu* — fiz uma imitação raivosa dela ao passo que caminhávamos para o carro.

Ele soltou um risinho baixo enquanto seu braço me puxava para ele.

— Você não precisa ficar com ciúmes. Sabe que eu só tenho olhos para você.

— E quem disse que eu estou com ciúmes, cacete?

— E por que essa cena toda?

— Bem, vejamos... Você me deixou plantada enquanto flertava com uma troia qualquer. Isso depois de me dar aquela singela aula de princípios quando isso, obviamente, não funciona nas duas mãos. Ah, eu também estou cansada e quero ir para casa. Mas, como eu disse, se quiser ficar não se acanhe. Apenas me dê o endereço da casa que eu pego um táxi.

— Eu quero ficar com você. Só você — pausadamente, ele disse, segurando meu rosto. — Sinto muito por tê-la feito esperar, não tive a intenção.

Ele abriu a porta do carro e eu entrei. O caminho até a casa foi silencioso e desagradável. Estava me corroendo de raiva. Havia um turbilhão revolto em meu interior e, pela primeira vez, eu não sabia como administrar isso. Eu só queria quebrar a cara dele!

Uma vez que ele parou o carro, eu desci sem esperá-lo abrir a porta para mim e segui para a porta principal da casa, esperando com os braços cruzados ele abrir à maldita, e quando fez eu pisei duro rumo à escada.

— Ella? — chamou ele, vindo atrás de mim e segurou meu braço quando não parei. — Não há motivos para ceninhas. E, a propósito, eu as odeio. Você sabe disso.

Girei sobre os calcanhares para enfrentá-lo.

— E io ti odio — grunhi.

Sua expressão apertou com seriedade.

— Você sabe que eu te amo e que jamais seria infiel a você.

— Sei? Sei do quê? A única coisa que sei é que me deixou enraizada na mesa enquanto flertava com sua grande amiga! E se não quer "ceninha", caro mio, não seja tão puto. Ou melhore suas companhias. Porque vamos convir, você tem um dedo para arrumar amiguinhas-vagabundas-doidas-para-dar-para-você que é impressionante — bradei, jogando os braços para o ar.

— Ela é só uma amiga, porra! Eu a conheço há anos — disse ele exasperado, passando as mãos pelos cabelos. — Não fale o que não sabe. Beatriz é uma boa pessoa e eu não gosto que fale mal dos meus amigos. De nenhum deles. Entende isso?

— Você já foi para cama com ela?

— Que importância tem isso?

— Me responde. Foi ou não?

Ele suspirou, pousando as mãos nos quadris. Seu olhar rente ao meu.

— Eu não sei aonde você quer chegar com isso.

— È una domanda semplice Heithor[66].

— Que não tem sentido — vaiou ele. — Está tentando achar um motivo para brigarmos quando nada aconteceu. Certo, certo. Demorei dez minutos, no entanto, não tive a intenção de fazê-la esperar e não iria

deixá-la lá... Perdoe-me. Não irá acontecer novamente.

— Nisso você pode apostar!

— Pare com isso, neném. Está fazendo uma tempestade num copo d'água. Não me lembro de ter feito este escândalo todo quando esteve babando sobre a porra do dançarino.

— Talvez, porque eu não estava flertando ele, senão admirando a dança?

— Bem, foda-se! Eu estava cumprimentando uma velha amiga. — Seus braços cruzaram frente ao peito. — E então? Vamos brigar por isso?

Plantei as mãos na cintura e inclinei a cabeça, olhando para cima para ele. Desafiando-o. Um pensamento passou em minha cabeça e meu olhar cerrou cético.

— Você me deixou criando raízes para me dar uma lição por causa do dançarino?

— Jesus Cristo, Antonella — grunhiu ele. — Que parte do "eu estava cumprimentando uma amiga" você não entendeu? Cacete, eu não estava te dando lição nenhuma. Pelo amor de Deus, isso nem passou pela minha cabeça. Nós conversamos e tudo ficou bem.

Ele soava sincero e eu acreditei. Contudo, ainda estava furiosa.

— Vai me responder agora?

Thor esfregou o rosto, em seguida, plantou as mãos no quadril, novamente.

— Responder o quê?

— Transou ou não com ela?

— Uma vez há *muito* tempo — confessou, enfim, após um longo silêncio.

Uma quebra de onda violenta de ciúmes bateu sobre mim, retesando meus músculos. Apertei os dentes, controlando-me a um fio de estapear ele.

— Pelo jeito ela queria repetir a dose e você não acharia ruim, afinal, estava lá entretido com a vadia enquanto eu te esperava. E, ainda estaria se não tivesse saído para te procurar.

— Você está vendo coisas e sendo injusta comigo, Antonella.

Cruzei os braços sobre o peito, olhando-o enfurecida.

— Eu quero ir embora.

— Não seja infantil. Pare com isso agora mesmo. Odeio quando se comporta como uma cadela mimada — disse devagar, sua voz cansada, como se ele estivesse a um fio de perder a paciência.

— Injusta. Infantil. Quer saber? Vaffanculo, suo puttano di merda! Quero voltar para Malibu. E amanhã farei justamente isso. — Uma ideia repentina cruzou minha mente. — Aliás, não vou voltar porra nenhuma! Estou indo para um hotel hoje mesmo e amanhã vou ligar para as garotas virem então vamos nos divertir. Senza te! E com a porra do dançarino!

Ele suspirou e deu um passo a frente. Eu recuei. Estava brava e queria permanecer assim. Assisti sua expressão tensa suavizar curiosamente de um minuto para o outro.

— Beatriz estava jogando com você, neném. Ela é assim mesmo. Não dê atenção, okay?

— O problema não é ela, senão o seu jeito vagabundo de ser. Ela só faltou tirar a roupa e abrir as pernas para você. E quer saber? Eu não gosto de joguinhos. E digo mais, não duvido nada que se tivesse demorado mais um pouquinho, eu teria flagrado vocês dois trepando naquele bar.

Nossos olhares se enfrentaram. O meu furioso. O dele analítico. Em seguida, seus lábios franziram. Eu apostava todos os meus dentes que ele se controlava para não rir.

— Talvez... Mas exibicionismo não é minha praia, neném.

Arregalei os olhos atordoada, logo irada por seu atrevimento.

Trancando os xingamentos entre os dentes, eu lhe dei as costas indo para a escada. Eu daria o fora de lá. Não era obrigada a escutar aquilo e permanecer na mesma casa que o maledetto.

Ele me pegou antes que eu subisse o primeiro degrau. Seus braços me rodearam com firmeza pressionando-me contra o seu corpo, mostrando sua força superior a minha enquanto eu me debatia sem sucesso para escapar. Xinguei e amaldiçoei. Uma de suas mãos subiu, pegando um punhado do meu

cabelo e puxou para trás, sua boca pousou em minha orelha.

— Ella, amor, eu estava brincando. A única que desejo é você.

Seu quadril impulsionou ao mesmo tempo em que seu braço me puxava mais apertado, fazendo-me muito consciente da ereção contra a parte baixa das minhas costas. Então rebolou.

Minha respiração afobada acelerou.

De repente, o ar estava mais quente, mais espesso.

Ele continuou:

— Sua buceta me fisgou, de uma maneira irreversível, neném. Não sinto vontade de me enfiar em mais ninguém além de você. Não enxerga isso? Não sente?

— Seu ordinário! Você é muito descarado — mordi fora, tentando manter minha raiva no lugar sem muito êxito. — Tá pensando que eu sou o quê?

— Minha vadia. Minha amante. Meu amor. Minha mulher, — pausadamente, ele disse enquanto mordiscava meu pescoço. A sensação eletrizante amolecendo minha raiva. — Eu posso continuar listando a noite toda o que você é para mim, mas acredito que seja mais eficiente se eu te mostrar.

Meu corpo ovacionou suas palavras, impulsionando cada célula minha a reagir ao seu toque. Era como se em questão de segundos eu tivesse recebido uma descarga elétrica.

Meus pelos da nuca estavam eriçados. Minhas terminações nervosas eletrizadas. Calor se desprendeu da minha barriga, subindo, inchando meus seios e meus mamilos em casulos apertados, raspando contra o tecido do vestido. Então desceu até o meio das minhas pernas acordando aquela dor funda. O gemido nasceu no fundo da minha garganta, eu mordi o lábio, trancafiando-o.

Meu corpo vagabundo estava se rebelando sob suas investidas.

Eu parei de me debater, um pouco bêbada na sensação de seus lábios molhados, sua respiração pesada em minha pele, do cume duro se esfregando na minha bunda quando ele flexionou as pernas. Tão bom. Muito tentada a devolver o movimento.

— Sono ancora arrabbiata con te[67] — avisei num fiapo de voz.

— Sei. Mas aposto que essa bonita buceta já esta toda melada, não é assim?

— Não, — menti.

Ele riu baixinho sobre minha pele e com o punho enrolado numa massa de fios, ele puxou para trás novamente, obrigando-me a inclinar a cabeça e olhá-lo.

— Então terei de me esforçar bem mais do que eu pensei. O que acha?

Mal tive tempo para abrir a boca para respondê-lo. Seus lábios tomaram os meus. A boca devorando a minha com selvagem paixão enquanto seu quadril continuava a surrar meu traseiro. Mais forte. Mais duro. Muito persuasivo sobre minha libido. A sensação incandescente fez o prazer correr como cera quente por minhas veias e se converter em um lago no fundo da minha calcinha.

Minha raiva desvaneceu com a mesma rapidez de uma foto instantânea.

Com um gemido languido e rouco, eu me rendi às investidas dele, emulando aos lentos e sinuosos movimentos de sua língua contra a minha. Levantei uma das minhas mãos e segurei seu cabelo com força enquanto a outra se apertava em seu braço. Ele separou nossas bocas e puxou meus cabelos de novo, forçando-me a pender a cabeça de lado enquanto atacava meu pescoço.

Lábios, língua e dentes me roubando gemidos e fôlegos sôfregos.

— Gostosa pra caralho. Tem ideia do quanto eu senti falta disso? De você? Eu deveria te punir por ter me privado de ter o que é meu — ele grunhiu na minha orelha, antes de morder o lóbulo e enfiar sua língua ali, arrepiando meus pêlos e deixando minhas pernas moles. Impulsionei o quadril para trás, precisando mais daquele atrito gostoso. — Gosta de me provocar, não é, safada?

Mordi os lábios, porém os gemidos insistiam em fugir do meu domínio, meu corpo trabalhava contra mim se rebelando sob meu controle. Minhas pálpebras pesaram sob a nuvem de excitação pairando em minha cabeça. Um tesão primitivo me engolfou gradativamente.

Thor me beijou, novamente. Ele foi cruel, punitivo. Cada célula do meu corpo vibrou com a intensidade da sua boca sobre a minha. Firme e suave. Quente e áspera. Eu me desmanchei.

Moí meu traseiro contra o quadril dele, rebolando quase em desespero.

Ele xingou, separando nossos lábios e rosnou em minha orelha.

— Não faz assim neném, do contrário, serei obrigado a te dar uma surra de pau até que não possa andar por uma semana. Estou maluco para te comer toda, cada buraco seu, mas hoje nós vamos devagar. Você acabou de sair do hospital então me ajude.

Como é? E minha surra, cazzo?

— Deveria ter me avisado que não tem mais fôlego para me acompanhar — provoquei, sentindo seu sorriso em minha orelha. — Vamos com *muita* calma, porque ai de mim te causar um ataque cardíaco por causa da idade avançada. Talvez eu deva procurar alguém mais novo, eh?

A retaliação veio sem demora e com tal rapidez, que eu ofeguei quando ele manuseou o meu corpo, dobrando-me em cima do respaldo baixo do sofá. Suas mãos foram hábeis em meu vestido, enrolando-o acima do meu traseiro. Thor não tirou minha calcinha, nem a rasgou para o meu desgosto. Ele só colocou-a de lado, e no segundo seguinte, eu gemi alto, sentindo meu corpo todo se apertar ao ter dois de seus dedos dentro de mim, batendo duas vezes e parou, mantendo-os lá.

— Ah, Antonella, você deve ter perdido a mente para me provocar dessa maneira. — Algo em seu tom barítono, candente e potente, golpeou um ponto desconhecido dentro de mim. Calafrios me tomaram, ondulando embaixo da minha coluna. — Sabe que quem mexe com fogo acaba se queimando, my bitch.

— Talvez eu goste de me queimar. A dúvida é: você tem fogo para isso, Thor?

Olhei para trás por cima do ombro. Ele me lançou um obstinado sorriso malvado. Os olhos mais negros do que já estiveram alguma vez. A luxúria flamejava neles, como uma chama acesa. Ardente e consumista. Cheia de fome primitiva. Meu corpo respondeu contraindo forte ao redor dos dedos. Era tão ridículo e insano perceber o quanto qualquer mínima coisa relacionada a ele fazia-me reagir.

Eu odiava e adorava.

Thor se debruçou sobre minhas costas, seu peso me cravando no lugar enquanto recomeçava a mover os dedos em meu canal, indo fundo e voltando, somando minhas sensações prazerosas.

— Você é um anjo diabólico que adora me afrontar apenas para se divertir, não é assim? Te excita me provocar, verdade? — Gemi em resposta. — Sim, você gosta. Porque você é uma atrevida. Uma garota muito petulante que precisa de lições diárias para aprender a se comportar bem. Você sabe, garotas malvadas como você tendem a resistir mais duro antes de obedecer. Mas eu sou um professor paciente. *Muito*. E vou desfrutar em demasia de cada *aula* que eu der a você.

Cada palavra dele bateu em meu interior como um chicote de fogo, amolecendo até minha alma e meu corpo vagabundo por excelência jogou a toalha de vez, se abrindo como um tolo.

Thor roçou o nariz em meu pescoço, sua respiração ofegante pontilhando minha pele. Minha cabeça estava pesada e meus membros se contraindo com profuso prazer a partir do ponto que os dedos dele me tocavam. Merda! Eram apenas dedos... Os dedos mais hábeis e gostosos que já me tocaram.

Ele se ergueu e eu abri os olhos pescando sua figura em pé atrás de mim.

— Abra mais as pernas e empine a bunda — ele ordenou, num timbre de máxima autoridade envolta de aço, que não deixou margens para negação ou qualquer tipo de resistência.

Tremendo, eu obedeci. A mão livre dele espalmou na lateral do meu quadril e, em seguida, seus dedos começaram a moer dentro com obstinada destreza. Foi um choque, um pulso sexual vindo lá do fundo e se espalhou. Minhas paredes internas flexionaram e puxaram, tragando-os profundamente. Eu estremeci e empurrei para trás.

— Você gosta assim?

— Dio, Thor, sì! Io adoro!

Levantei-me nas pontas dos pés, querendo mais. Precisando de mais.

— O que você mais gosta?

— Eu... eu gosto d-disso.

— Isso eu já sei. Quero saber o que você mais gosta?

— Da sua boca me chupando — entreguei num fôlego falho.

— Aqui? — Ele diminuiu o ritmo.

— Sì!

— Só isso?

— N-não... Ti prego, Thor — choraminguei e, em seguida, apertei os dedos no estofado quando os seus bateram dentro de mim num ritmo mais rápido e outro jogou com meu clitóris. — Eu gosto quando faz isso... me toque lá de novo, no meu clitóris.

— Sim?

Ele não fez.

— Thor...

— Diga querida.

Ele abrandou os movimentos e esperou.

Maledetto.

Entre jorros irregulares da minha respiração, eu cavei minha morte.

— Eu... eu g-gosto quando está por cima me fodendo, p-porque eu posso... eu posso te beijar e ver seus músculos se mover. É sexy. E gosto quando me come de quatro e puxa o meu cabelo, dizendo essas coisas safadas. Mas gosto mais quando perde o controle e me fode como um animal.

Ele fez um som rude satisfeito e eu quase morri de felicidade.

— Quer mais?

— Ti prego — respirei.

Mais e mais ele me deu, até que estive chorando.

Meu centro latejou, flexionou e puxou, engolindo seus dedos mágicos.

Meu corpo começou a tremer levemente. Meu quadril enlouqueceu encontrando suas investidas enquanto meu útero se contraía. O clitóris pegando fogo sob a gema de seu dedo. O coração parecendo que iria quebrar minhas costelas a qualquer momento, de tão forte que batia. Os gemidos saltaram fora sem controle. Eu estava levitando, subindo e subindo, mais e mais alto...

Os músculos das minhas pernas tencionaram ao mesmo tempo em que as paredes fizeram quando a beira do orgasmo premente, Thor puxou os dedos fora e se afastou.

Bati as pálpebras para cima em choque, muito atordoada pela interrupção dolorosa. Inclinei a cabeça de lado mirando atrás a tempo de vê-lo levar os dedos melados até a boca e sugá-los com vontade. Traguei duro sob minha respiração pesada.

— Muito doce. Eu nunca experimentei nada tão delicioso como o creme da sua buceta. Adoraria ter o prazer de provar diretamente da fonte — ele sussurrou, lambendo os lábios. Eu lambi os meus no reflexo. — Pena que tenho uma idade avançada para aguentar uma garotinha, não é?

Pisquei repetidas vezes tentando religar meu cérebro.

— O quê? V-você não... não pode... fazer isso comigo.

Ele me fitou impassível.

— Será melhor você cuidar disso sozinha. — Levantou as mãos em defesa e acrescentou dissimulado. — Ai de mim te irritar por não conseguir acompanhar seu ritmo. Boa noite.

Capítulo 32

Meu atordoado olhar ficou preso a escada por onde Thor tinha passado enquanto eu tentava juntar a massa mole que era meu cérebro, sem muito êxito. Não podia acreditar que ele *realmente* tinha me deixado. Nunca imaginei que o tiro sairia pela culatra. Mas inferno, saiu!

As sensações que ele me causou ainda estavam vívidas sob a minha pele. Meu sexo palpitava, tentando preencher o vazio que seus dedos deixaram e falhando, miseravelmente. Os batimentos do meu coração pulsavam através de mim, entre as minhas pernas, aumentando aquela dor funda.

Estava no calor. Meu corpo todo aceso, como uma bomba prestes a explodir.

Com as mãos tremulas arrumei a calcinha no lugar e o vestido ao endireitar minha postura. Um pé após o outro, eu fiz o caminho para o quarto. Aquele desalmado iria se vir comigo.

Aonde já se viu deixar uma recém acidentada neste estado?

Abri a porta da suíte num rompante, pronta para soltar os cachorros em cima dele e, em outra fração de segundo, eu congelei ainda com a mão sobre a maçaneta quando meus olhos me traíram com uma miragem luxuriosa, que chacoalhou meu cérebro e fez a dor em meu centro mais intensa. Minha boca já aberta escancarou, de repente, muito seca. Os xingamentos se dissolvendo como fumaça. Inspirei fundo e exalei devagar enquanto minha vagina se apertava.

Mamma mia...

Thor estava deitado na cama, com a parte superior das costas apoiada nos travesseiros arrumados contra a cabeceira. Nenhuma roupa. Ele tinha um braço dobrado em baixo da cabeça enquanto usava a mão livre para se masturbar, com movimentos lentos, fazendo-me babar.

Traguei duro, mal podendo reter meu desejo de apertar as coxas juntas.

Levantei os olhos acima em câmera lenta passando por seu abdômen, peito... O rosto bonito estava apertado em uma severa fome, o malvado sorriso incitando o meu próprio.

Santo cielo. A iluminação baixa da suíte fazia a visão dele deliciosa, colocado lá como um banquete erótico apenas para o meu prazer. Eu queria comer ele de colher.

De repente, sentia o enorme desejo de lamber algo, como o seu pênis. Ou ele todo.

Meu olhar foi novamente atraído para o seu quadril e, em seguida, eu me encontrei caminhando em direção à cama, desejando mesmo correr até ela, pular sobre aquele pervertido e degustar cada centímetro de sua pele dourada. Porém, minhas pernas não podiam ajudar a si mesmas.

Cavei os dentes no lábio inferior quando parei aos pés da cama, meu olhar cravado em seu pênis maciço. Grosso. Longo. A inchada cabeça púrpura filtrava seu pré-sêmen, deixando-a molhada e brilhosa. Cada movimento de sua mão me dava uma visão clara das inchadas veias sob a pele.

Querendo pôr minhas mãos em cima dele, eu levantei uma perna para o colchão.

— Não, — ele grunhiu feroz. Bufei em protesto, fazendo beicinho, mas permaneci em pé aos pés da cama enquanto o suplicava com o olhar. — Gosta do que vê neném? Ou será que isso é demais para você? — Neguei débil com a cabeça enquanto inveja sua mão. — Você quer tomar o lugar da minha mão? Quer colocar meu pau na sua boca? Ou prefere tê-lo enterrado nessa buceta apertada?

— *Ahhh*, io voglio... tutto — sussurrei aos suspiros, sorrindo ao final, tão feliz.

— Claro que quer. Nenhum outro homem te faz sentir o que eu faço quando estamos juntos. Seu corpo... Seu prazer... E seus desejos mais secretos me pertencem — pausadamente, ele disse, sua voz engrossando, mais profunda, mais sexual. Ele prosseguiu, me matando. — Eu sou seu dono, my little

bitch. É todinha minha. Me pertence. Sabe disso. Não adianta fugir do inevitável.

Eu estava louca para pular em cima daquela cama e deixá-lo em carne viva.

— Thor...

— Calada. Não ordenei que você falasse — ele articulou ríspido. Arregalei os olhos surpresa, logo me fiz de indignada. — Só fale quando eu ordenar, entende isso?

Era para responder ou não?

— Pode responder, safada.

— Sì.

— Vai me obedecer sem discussão?

Ponderei por um efêmero momento, antes de assentir. Eu sabia que estava me enfiando na boca do lobo com conhecimento de causa, porém eu também amava suas torturas.

O olhar dele demonstrou satisfação.

— Se me desobedecer você será castigada. Agora, coloque as mãos para trás e não se atreva a se tocar. Me olhe Antonella... Não meu rosto. Meu pênis.

E eu olhei já me arrependendo de ter aceitado essa situação.

Oh, Dio Santo...

Isso não vai dar certo, choraminguei em mente.

Talvez, em outra ocasião, na qual eu não tivesse com o corpo em brasas, com minha buceta piscando dolorida por ele a cada subida e descida daquela maldita mão no eixo duro, que *eu* é quem deveria estar acarinhando, eu poderia até me concentrar. Mas assim era complicado.

— Isso mesmo neném. Me observe para que não haja dúvidas de que é você que eu quero. *Tudo* é para você. Nenhuma mulher me põe tão duro assim, apenas você faz isso comigo. E, maldita seja, você sequer me tocou. Mas está aí, parada, me assistindo e meu pau quer se exibir para você.

A careta de prazer apertando suas feições estava me deixando grogue de tesão. Se eu não estivesse usando calcinha, provavelmente, a minha própria excitação estaria escorrendo pelas coxas.

Ele gemeu um som grave e rouco ecoando dentro de mim com um tremor sensual.

— Você está molhada e pulsando para mim, neném. — Não era uma pergunta, senão uma afirmação irrefutável. — Seu corpo é viciado em meus toques... em meus beijos... em meus carinhos. Ele reage ao meu insanamente. Não é? O meu também reage ao seu com loucura. Amo cada toque seu, cada beijo, cada carinho que você me faz consciente ou não. Amo a sua voz rouca com este sotaque sexy, gemendo para mim... implorando para mim, por mim.

Engoli o ar com dificuldade. Meu corpo estava suando bicas pela atmosfera escaldante envolvendo o ar a minha volta. Eu iria desmaiar de tesão acumulado sem nem ao menos ele ter me tocado. Mói os dedos em punhos resistindo ao impulso de me tocar. A luxúria formigava meus membros tentando meus pés a se moverem para aquele descarado na minha frente.

— Você, Antonella, foi à única que conseguiu me abalar, e eu não sou *exatamente* o tipo de cara que se permite balançar. Mas você petulante como é, me desestabilizou por completo e, para ser franco, eu não dou a mínima. Eu não sei se isso é bom ou ruim, provavelmente, muito ruim, ainda assim eu sigo não dando à mínima... Não sei como e o quê você faz, me deixa maluco, desesperado para ser suficiente para você. Porque, de fato, você é e sempre será a *única* para mim. É a única mulher que vou amar até o resto dos meus dias. Meu amor te pertence. Hoje e sempre. Bem como, tudo que há em mim. Inclusive este corpo aqui.

Eu estava um *pouquinho* emocionada. Sentia-me vaidosa com sua declaração, mas estava um pouco irritada também. Aquela espera não era legal, a propósito, se era tudo meu, eu podia usar e abusar dele até me cansar. Coisa que não iria acontecer nunca. E quem se importa?

— Você quer? — Ele manejou o pênis até que esteve apertando a cabeça suculenta enquanto seus quadris tencionavam. — Pode responder minha vadia.

Não confiava nas palavras neste momento, e então, assenti desesperada.

— O que você está esperando? Ele é seu. Só seu.

O sorriso de watts laçou meus lábios quando subi na cama engatinhando entre as pernas abertas dele, como uma gata manhosa. De fato, queria miar tamanha minha alegria.

Sentei-me sobre minhas panturrilhas e estava prestes a tocar aquela delícia quente quando sua mão forte agarrou meu pulso. Movi o olhar para cima sem esconder minha expressão de desgosto.

— Não tão fácil delícia.

— Ma... m-ma tu...

— Antes eu quero que você dance como fez naquela noite em que nos conhecemos e você me deixou maluco enquanto balançava esse traseiro bonito, mas agora será apenas para mim.

Dançar? Eu não queria dançar *agora*, eu queria foder.

— Vamos lá, gostosa! Mova esse traseiro delicioso e mostre que você é capaz de me deixar mais louco do que eu já sou por você — ele desafiou muito eloquente.

Golpe baixo!

A chance de fazê-lo provar do seu próprio veneno incitou uma incursão travessa dentro de mim.

Fui até a cômoda do lado da cama e peguei meu iPod. Tinha a música perfeita para aquele momento. Coloquei o aparelho no suporte e dei play, em seguida, subi na cama.

De costas para ele eu comecei a me mover no embalo de *Skin*. O tecido do vestido era leve e ajudava o meu corpo a balançar com graciosidade. Desci um pouco meu quadril rebolando e forcei meus músculos das pernas ao me inclinar um pouco para frente enquanto segurava o vestido na parte de trás mais no alto, dando-lhe um vislumbre para sua imaginação e voltei a subir.

Ouvi-o exalar com força e me esforcei mais.

Vire de frente para ele e fitei seus olhos negros. Sem quebrar o contato visual deixei minhas mãos passearem pelo corpo, acariciando meus seios, a barriga, as coxas... Neste ponto, permiti que o tecido subisse revelando um pouco mais das minhas pernas e um pedaço da minha calcinha.

Thor mordeu os lábios e os lambeu malvadamente, quase me fazendo perder o foco.

Sorri maliciosa e fiquei de costas para ele, novamente.

Segurei a barra do vestido com as duas mãos e o subi, deixando a mostra apenas a polpa da minha bunda, e então, girei o rosto para fitá-lo enquanto rebolava na sua frente de maneira sedutora.

Sentia-me perversa, uma vadia... a vadia dele. O pensamento me excitava como o diabo, principalmente, ao capturar ascensão e caída de seu peito, e as mãos fechadas em punhos apertados.

Vibrei internamente. Gostava de vê-lo se esforçando para não perder o controle e, sobretudo, saber que era eu a fazer isso com ele. Eu tinha esse poder sobre ele.

Minhas mãos buscaram o zíper do vestido e, em seguida, o abri. Logo o tecido deslizou pela minha pele revelando meu corpo a ele. Um rouco gemido grave ressonou e eu usei um dos postes da cama para me equilibrar quando abaixei para pegar a peça amontoada em meus pés, o movimento lhe presenteando com uma visão clara da minha bunda arrebitada e do meu sexo.

Dei a volta, mostrando meus seios inchados e nus.

Thor me chamou com o dedo. Caminhei até chegar à altura da sua cintura e parei com uma perna de cada lado do seu corpo gostoso, muito consciente de que a posição lhe dava mais que a seda roxa cobrindo minha buceta, lhe dava a visão de quão molhada eu estava também.

As mãos dele pousaram em minhas pernas num toque possessivo e passaram a acariciar minhas panturrilhas subindo até a dobra do meu joelho, e descendo para os calcanhares enquanto eu recomeçava meus movimentos vagarosos. Toquei-me levando as mãos para os seios, o roçar das minhas palmas sobre eles convertendo os mamilos em diamantes, a sensação era maravilhosa.

Eu me sentia feminina nesse momento, a emoção desse sentimento me voltando mais desejosa, mais confiante do que jamais estive quando deslizei as mãos abaixo, correndo uma entre as minhas pernas,

esfregando sobre. Eu ofeguei alto, com o tiro de prazer quente. Thor amaldiçoou.

Quis me livrar da única peça que ainda cobria meu corpo, mas tudo que consegui foi sentir a maciez dos lençóis contra as minhas costas quando Thor me derrubou e prendeu minhas mãos acima da cabeça. Encaixado entre as minhas pernas, ele me beijou forte.

— Delícia. Quero que dance assim para mim sempre — grunhiu grave e suave.

Ri baixinho, deliciando-me com a sensação de seu corpo sobre o meu.

Seus dentes arranharam minha pele em meio aos beijos e lambidas que ele dava em toda a extensão do meu pescoço. Embrenhei os dedos em seus cabelos, puxando ao mesmo tempo em que mantinha sua boca segura sobre minha carne. Ele se moveu para baixo, beliscando minha clavícula e desceu...

Senti como se me queimasse por dentro e *de fato* eu estava incendiando até a raiz dos cabelos, e ter seu fôlego se derramando contra meu mamilo direito apenas tornava o calor mais intenso. Uma mão contornou meu seio esquerdo e beliscou o cume. Elevei a cabeça para vê-lo melhor e quase morri ao assistir a ponta da sua língua vermelha contornar minha auréola e depois resvalar sobre o mamilo enquanto me olhava nos olhos. Fechei os meus por um breve momento, mordendo o lábio inferior e joguei a cabeça para trás envolvida no prazer.

Seu risinho em cima do cume sensível me fazendo estremecer.

Sem mais delongas, sua boca tomou meu seio a sério, beijando cada centímetro antes de sugar o broto enrugado enquanto sua mão apertava meu outro seio, beliscando o mamilo com o polegar e o indicador. Estiquei a mão para sua cabeça e a deixei lá. Puxei seu cabelo com força e trinquei os dentes, arqueando meu corpo quando ele sugou o mamilo com força, esticando-o ao máximo e o prendeu entre os dentes, em seguida, apertando levemente antes de soltá-lo.

Ele moveu-se para o outro seio, com a mesma dedicação requintada.

Eu chorei no prazer. Meus pulmões trabalhavam rápido. O coração começando a invejá-lo.

Thor se moveu para baixo, o movimento fazendo-me sentir o roçar molhado da sua ereção em minha coxa, seus lábios escovando beijos em minha barriga chamou minha audiência. Ele enfiou a língua no meu umbigo e jogou um momento com minha joia, antes de tornar a descer, e então, senti sua boca pousar um beijo em minha buceta coberta. Espalhei mais minhas pernas e levantei a cabeça encontrando seu olhar enquanto ele mantinha a boca ainda lá.

Seu olhar me enviou promessas malvadas e, em seguida, minhas costas curvaram com violência, plantando meu quadril com força contra o colchão enquanto apertava os lençóis brancos entre meus dedos quando os dentes dele se fecharam sobre meu monte de Venus. A dentada disparou um tiro de prazer afiado, que atingiu em cheio os meus nervos e se propagou em meus membros.

Ofegante, eu puxei uma respiração funda, afundando a cabeça no travesseiro.

— Meu Deus, neném, eu amo a maneira como você é responsiva aos meus carinhos. É muito sensível, e fodidamente feminina. Cacete. É tão boa que me tira o fôlego.

Olhei para ele através dos meus cílios pesados.

— Thor... t-tira — pedi quase suplicando apontando para a calcinha.

— Por que a pressa amor? Temos a noite toda. E você me desobedeceu — avisou, num tom divertido e perverso ao mesmo tempo. — Preciso pensar se seu pedido merece ser atendido ou não.

— Isso não é justo — ralhei chorosa. — Você está me matando.

— O que está sentindo neném?

— Tá doendo muito Thor — chorei, com sérias intenções de estuprá-lo.

— Aqui? — Seu dedo percorreu minha fenda sobre o tecido fino. Prendi a respiração e fechei os olhos com força, estremecendo. — Abra os olhos e me responda.

Minhas pálpebras bateram abertas.

— Sì.

— O que mais?

— Está ardendo... queimando e fisgando... per te, Thor.

Ele praguejou baixinho e fitou-me como um animal faminto.

— É só por mim que ela fica assim, neném?

— Sì... Solo per te, Thor. Ninguém mais me deixa assim, além de você... É o único que me deixa ardendo — declarei por fim. — Ti prego, eu não aguento mais esperar.

— Eu também não my bitch — ele grunhiu. Eu podia jurar que havia uma pontada de desespero em sua voz. Ou talvez fosse somente um ludibrio do meu próprio. — Estou doido pra enterrar minha língua nessa buceta molhada e ver o quanto eu posso te enlouquecer antes que goze na minha cara.

Meu útero se contraiu, a dor funda enraizada nas profundezas do meu corpo se voltando mais intensa ao mesmo tempo em que tornava a sensação de vazio muito palpável.

Thor não aumentou meu sofrimento, puxando a calcinha para baixo com os dentes e usou a mão para tirá-la pelos meus pés. Ele manteve um e beijou brandamente descendo até minha coxa então repetiu o mesmo com a outra perna, riscando um caminho de fogo por onde os lábios passavam. Foi tão bom... e novo. Ninguém antes tinha me beijado desde as pontas dos dedos do pé. Eu gostei disso. Fazia-me cócegas, mas era extremamente sensual. Senti-me venerada. Adorada. Gloriosa.

Em seguida, suas mãos se firmaram na parte de dentro dos meus joelhos e os empurrou para o meu estômago, uma perna de cada lado, mantendo-me a sua mercê quando sua boca caiu aberta sobre meu sexo. Eu gritei. Meu corpo se encolheu, apertando enquanto a sensação aguçada de sua língua pecaminosa fustigava sobre minha carne molhada com um chicote de prazer.

O pulsar do meu coração subiu até minha garganta quando Thor encontrou meu clitóris e o sugou, provocando-o com a língua, atormentando com os dentes. Murmúrios abafados de prazer deixaram os meus lábios enquanto minha cabeça sacudia para os lados. Eu comecei a me sentir mole. A luxúria fervendo meu sangue, estimulando-o a correr com mais rapidez em minhas veias, a pressão muito intensa, que eu pensei que fosse perder a mente. Mas não podia me evadir. Nem queria.

O polegar dele buscou meu broto de prazer e o massageou quando sua língua mergulhou fundo, enchendo-me, empurrando dentro todo o caminho até o fundo enquanto um orgasmo me pegava de surpresa, prendendo-me de uma forma que eu não poderia lutar.

O nome de Thor escapou num abafado grito de êxtase à medida que ele continuava a me lamber até mais forte e rápido que antes, intensificando a sensação arrasadora.

Ele me virou, deixando-me com o estômago para baixo e eu subi minha perna mantendo-a flexionada. Meus olhos estavam fechados quando senti o colchão se mover atrás de mim, com o peso do corpo de Thor, logo lábios firmes subiam pela parte detrás das minhas coxas, contornando a curva da minha bunda, e então, toda ela e desceu. Senti minha inchada vagina lubrificar mais. O desejo se aflorando novamente. Eu sorri contra a fronha do travesseiro ansiosa por sua aposta.

Seu fôlego se precipitou contra minhas dobras. Eu prendi a respiração usando tudo que tinha para controlar o impulso de mover meu quadril para cima, oferecendo isso a ele.

Soltei o ar devagar e esforcei-me para controlar minha respiração quando suas mãos abriram minha bunda e a ponta úmida de sua língua jogou entre minha fenda. Uma. Outra e mais outra vez.

Puta merda...

O colchão se moveu outra vez enquanto ele se movia, subindo em meu corpo, uma das suas pernas entre as minhas, seu quadril próximo o suficiente para eu sentir a umidade deliciosa da cabeça do seu pau contra minha pele. A boca passou por minhas costas, subindo...

Minha respiração escapou de meu controle.

Meu cabelo foi tirado para o lado, em seguida, beijos e leves mordidas incitaram meu pescoço.

— Safada — ele sussurrou no meu ouvido. Mordeu a ponta da minha orelha e enfiou a língua na concha. — Você é muito gostosa, neném. Eu quero devorar você toda noite.

Eu gemi baixinho, mas não abri os olhos.

Seu pau cutucava meu traseiro. Senti seu quadril se mover, afastando-se do meu, e então, dedos deslizavam por minhas dobras. Eu me movi de maneira involuntária e suspirei alto.

— Mmmm...

— Sempre gulosa — ele murmurou, antes de investir seus dedos dentro de mim.

Empinei o traseiro, tomando mais. Thor amaldiçoou e, em seguida, aumentando o ritmo de seus dedos então puxou fora. Levei o olhar para trás e assisti hipnotizada, ele levar os dedos lambuzados até a boca e os sugar. Lambi meus próprios lábios.

— Deliciosa. Sabor de putinha.

Ele se dobrou em cima de mim com os braços esticados ao lado meu tronco. Dobrei meus braços, elevando meu tronco e inclinei a cabeça para o lado então o beijei. Tomei o gosto da minha própria excitação em sua língua. Um estremecimento de desejo atravessou meu corpo e eu comecei a impulsionar o quadril contra o dele enquanto nos beijávamos.

— Thor... — ofeguei suplicante.

— Eu sei baby. Também dói em mim não estar dentro de você.

Sua mão esperta moveu entre nós e, em seguida, senti a ponta de seu membro se encaixar na minha entrada. Ele me penetrou com uma investida lenta. Senti cada deliciosa polegada sua até seu quadril se assentar contra o meu. A cabeça cega de seu pênis tão profundamente dentro de mim, tocando meu útero. Uma sutil pontada de dor apertou meu ventre e se converteu em prazer.

Thor retraiu o quadril e impulsionou de volta. Dentro e fora. Tantas e tantas vezes que perdi a noção do tempo. Ele era calmo e preciso em seus movimentos. Quase degustativo. Parada, eu apenas senti, ambos curtindo o encontro de nossos corpos. Deliciando-nos com cada ir e vir.

Fios de cabelos se aderiram ao meu rosto. Às cegas, estiquei a mão para cima, meus dedos se agarrando aos fios de seu cabelo, trazendo a cabeça dele para baixo para a minha.

A cada impulso de seu quadril, meus seios balançavam. Nossos ofegos e gemidos de prazer se misturavam. Muito bom. Tão prazeroso. Eu queria fazer isso até não poder mais.

— Que delícia de buceta, neném — grunhiu ele. — Sente baby? Sente minha pica entrar gostoso indo até o fundo? Eu amo te comer. É tão quente... Molhadinha... Estreita. Gostosa pra cacete.

— Eu adoro que me coma, Thor. É tão bom. Mmm... Muito gostoso.

A cama começou a ranger forte e selvagem, o barulho de nossos sexos molhados se encontrando ecoaram quando Thor se voltou mais firme, mais rápido. Mais duro. Mais determinado. Os gemidos dele, roucos e graves, energizavam meu corpo e meus próprios sons de prazer. Fazia meu desejo estalar e crescer denso e voraz. Quente. Mais e mais. Thor bateu dentro de mim cada vez mais rápido, meu quadril se movendo desconexo, encontrando suas apunhaladas.

— O quão próxima de gozar você está? — A pergunta foi quase um rosnado.

— Um pouco..., mas não posso chegar lá sozinha.

— O que precisa?

— De você — gemi. — Me toque.

Thor deitou de lado, puxando-me com ele sem sair de mim. Uma de suas mãos agarrou meu joelho, e eu movi a perna colocando por cima da sua que estava flexionada. Abrindo-me. Sua mão abaixou para o botão de prazer e o massageou rápido.

Eu sobressaltei e me encolhi no contato.

Meu centro palpitou ao redor do seu comprimento e ele xingou, martelando com maior força. Seu outro braço estava debaixo do meu pescoço, a mão brincando com o bico do meu seio.

Girei a cabeça e estiquei a mão, infiltrando os dedos em seu cabelo, novamente.

Através dos meus cílios entrecerrados pude ver seus olhos mais negros, dilatados no tesão. Eu não tive dúvidas quanto os meus estarem iguais. Thor empurrou sua língua para mim, e eu a suguei. Fresca. Doce. Úmida. Morna. Muito breve eu a soltei para engasgar na surpresa e ardor repentino que senti quando ele

deu um tapa em minha buceta. Não foi forte, apenas suficiente, para eu me encolher e me pressionar mais a ele, compelida pela comoção prazerosa.

Sensações deliciosas começaram a se somar no fundo do meu centro.

Ele alternou leves tapas com a massagem no meu clitóris. Dor/prazer. Seus dedos em meu clitóris e seios. Sua boca deliciosa. Nossos gemidos e ruídos de prazer. Seu pênis martelando frenético dentro de mim, impulsionando cores e estrelas explodirem diante de meus olhos.

Minha mente ficou turva. As sensações vieram em ondas impetuosas. O prazer do clímax cortando através de mim, como um raio de fogo, fazendo meu corpo agir no estado mais primitivo do ser humano. Gritei meu orgasmo, não sabendo bem se o prendia e me agarrava mais a ele. Ou fugia. E eu quis tudo de uma só vez.

Era estranho e ao mesmo tempo tão claro e certo. Porque eu estava satisfeita, realizada. Mas, então, havia aquela sensação de muito mais. De querer me enrolar em torno dele e não soltá-lo nunca. Um sentimento pleno e sufocante. Bom e angustiante. Aconchegante, mas quente demais.

E em algum lugar da minha mente, eu pensei se seria sempre assim.

A resposta veio com o ápice de Thor. Seu quadril bateu contra o meu com mais firmeza, mais rude. Apunhaladas certeiras e pausadas, mas fortes o suficiente para mini orgasmos explodirem dentro de mim enquanto seu sêmen se derramava em meu canal a cada enterrada dele.

Sob minhas pálpebras pesadas, observei-o em nossa bolha particular, como se assistisse a um filme em câmera lenta. Os dentes perfeitos cavando o lábio inferior. A coluna forte de seu pescoço tensa quando ele urrou enviando uma tremulação em meus ossos.

Ele parecia eficiente. Másculo. E meu.

Eu relaxei. Ele foi, em seguida. Não disse nada, nem pensei sobre qualquer coisa.

Era simplesmente bom estar aqui com Thor. Abraçada a ele, ouvindo o som de nossas respirações. O pulsar forte do meu coração se acalmando, até que seu beijo em meu pescoço me tirou da inércia.

— Eu amo você, Antonella.

Eu o olhei em silêncio não sabendo o que dizer então desviei o olhar, afundando a cabeça no travesseiro e sorri para mim mesma. Ele sempre me desconcertava com aquelas palavras, contudo, eu não podia negar que adorava ouvi-las.

— Mmmm... Até que você dá para o gasto — murmurei momentos depois.

Ele riu descarado, sacudindo nossos corpos que continuavam unidos. O movimento involuntário causou uma fricção gostosa em meu baixo ventre. Isso não passou despercebido por ele.

Seu quadril se afastou, seu pênis meio flácido escorregando para fora de mim. Eu me virei, pousando minhas costas sobre a cama e olhei para ele. Thor me encarava.

— Será que você dá para o gasto, neném? — Franzi os lábios logo não pude deter um sorriso arteiro de brincar em meus lábios. — Vou entender essa cara de safada como um sim. Talvez eu tire a prova dos nove pela manhã. Ou de madrugada.

Em pé, ao lado da cama, Thor esticou a mão para mim.

— Vem. Vamos tomar banho.

Eu fiz uma careta.

— Acho que não consigo andar. Minhas pernas estão moles demais para isso.

— Esse é o efeito que eu causo nas mulheres, baby.

— Você é muito metido — resmunguei.

Thor espalmou as mãos na cama e inclinou o tronco para frente aproximando seu rosto do meu.

— Não querida. A metida aqui é você, eu só meto.

Rolei os olhos para ele e o deixei me levar para o banho. Thor tomou conta de tudo, lavando e secando-me. Eu não achei ruim, embora seus cuidados me deixassem desconcertada.

Capítulo 33

Trocamos o agito de North Shore pela quase paradisíaca Hanauma Bay. Uma praia perfeita para tirar meu estresse depois do chilique matinal de Thor, que tinha entrado em modo-on-macho-alfa quando viu o biquíni que eu usaria. Isso porque na mente arcaica dele fio dental era indecente. Na verdade, ele tinha denominado a peça como um propulsor para a desordem. O que de antemão digo ser um exagero. Mas baseado em sua visão do século XV, ele seria compelido a bancar o cavalheiro de merda para manter minha honra intacta, o que claro, era por minha própria culpa por atentar contra a moral e bons costumes com meu criminoso biquíni.

Para não ferrar com o dia, visto que ele era uma mula teimosa, eu tinha cedido então saímos para comprar novos biquínis. E me arrependi amargamente sem que nada pudesse fazer, exceto amaldiçoá-lo em mente enquanto Thor escolhia cada um dos seis pares de biquínis que ele mesmo pagou. Eu não podia culpá-lo de ter mau gosto, as peças eram lindas e ENORMES!

Se a minha nonna me visse usando um biquíni desses, ela iria se acabar de rir.

Eu mesma não podia acreditar que concordei com essa merda, contudo, tinha engolido a raiva, dando adeus a minha bunda bronzeada. Afinal, seria estupidez minha discutir com um boçal.

Desfiz-me da saída de banho exibindo o biquíni florido da bisnonna e, em seguida, os braços de Thor me puxaram. Joguei uma olhada para cima para o seu rosto e segurei o chapéu em minha cabeça com uma das mãos ao mesmo tempo em que ele inclinou a cabeça e me beijou breve.

Ele se afastou e dedicou uma olhada meticulosa sobre meu corpo à medida que uma expressão de satisfação arrogante se assentava em sua face.

— Gosto disso. — Franzi a fronte em confusão. — Das minhas marcas em você. É uma maneira de todos, sobretudo, os babacas saberem que você já foi reivindicada por mim.

Não pude deixar de sorrir. Isso era tão possessivo. E, se não o conhecesse e soubesse que suas faculdades mentais estavam okay, diria que isso era doentio.

— Ou só pensarão que tive uma noite agitada.

— Isso nós não podemos negar. — Seus braços me rodearam, novamente. — Mas, confie em mim, nenhum homem vai se atrever a se aproximar de você.

— Loucos assassinos são reconhecidos a distância, não sabe?

— Isso porque eles se identificam — ele divertiu-se, dando uma piscadela malvada.

— Espertinho... Eu não devia, mas gosto disso também. E, de uma maneira, que eu ainda não compreendo, me sinto... *bem* em exibi-las — acrescentei em tom baixo, após uma pausa.

No segundo que as palavras saltaram fora, eu quis trazê-las de volta. O olhar de Thor se iluminou com esperança e contentamento. Eu corei, amaldiçoando-me em mente. Tinha de controlar minha língua ou acabaria me colocando em uma situação muito desagradável.

Ele segurou meu queixo um momento depois, levantando minha cabeça para que nossos olhares se encontrassem. Esbocei um sorriso tímido, meus dentes cavando meu lábio pelo embaraço.

— Eu gosto disso também — docemente, ele murmurou.

Sua boca roçou na minha, antes de Thor me beijar de novo. Um beijo bom, que durou bem menos do que desejei. Quando ele recuou, eu ainda permaneci de olhos fechados, me deliciando com o leve formigamento em meus lábios. Levantei as pálpebras me deparando com seu olhar estreito sobre mim e mais sangue correu para as minhas bochechas.

— Você é linda.

— Grazie... Sei bello agli occhi — balbuciei, distraindo-me com a bolsa.

Peguei o filtro solar e comecei a passar em meu corpo.

— Bom aos olhos, uh? Essa é a sua maneira de dizer que sou incrivelmente lindo?

Rolei os olhos.

— Você não é incrivelmente lindo.

Seu semblante caiu.

— Não?

— Bem, você é... lindo. Incrivelmente é convencimento seu.

Seus olhos contraíram quando o sorriso tomou sua boca. Largo. Todo satisfeito e brilhante, me ofuscando. E eu me esforcei miseravelmente para não parecer tão deslumbrada.

— Eu aceito que seja difícil para você dizer que sou maravilhoso quando nem você mesma acredita na sorte que teve — gabou-se, deixando minha cara no chão.

Balancei a cabeça, terminado de passar o filtro solar nas minhas pernas. Sentei na toalha e sacudi meu olhar para ele em pé, vestindo apenas o calção de banho exibindo minhas marcas nele.

Ele cruzou as mãos atrás das costas e esticou os braços, alongando. Todos seus 'íceps' flexionados com o movimento demonstrando sua força e solidez. As linhas desenhadas dos músculos poderosos de suas costas ondularam sob a pele. Não havia um só defeito estético nesse homem. Nenhuma gordurinha localizada. Apenas músculos artisticamente esculpidos sob a pele bronzeada. Porém, não era nada exagerado, senão exato para ele. Uma medida certeira, que me trazia a sensação de torpor. Ele era tão gostoso e quente... e vagabundo!

O ordinário tirou o short revelando uma sunga preta, que não fazia nada para esconder seu pênis, mesmo flácido. As cadelas de plantão concordavam comigo dissecando-o com os olhos.

Bufei raivosa chamando sua audiência.

— O que foi?

Controlando minha voz para que ela não saísse gritada, eu grunhi baixo:

— Quer dizer que eu não podia vir com meu biquíni porque, segundo você, ele era pequeno demais e indecente, mas você pode vir enfiado nessa sunga minúscula?

— Ele *é* indecente. E eu não disse que você não pode usar seus biquínis, apenas que não queria você usando aqueles pedaços de pano de nada em uma praia com marmanjos que não tem senso de sobrevivência. Todavia, eu não me importo se você usá-los comigo. Somente comigo.

— Você é um tremendo machista!

— E você sabe que não precisa ficar com ciúmes. Eu só tenho olhos para você, neném. E quanto a eu ser machista, bem, isso não é verdade. Eu apenas estou cuidando do que é meu.

— Por que você não diz logo que gosta de se exibir e por isso veio com essa sunga para que todas as mulheres nessa maldita praia te cobiçassem?

— Que mulheres?

— Não banque o idiota comigo!

Eu não estava com ciúmes. Apenas não achava justo ele metido naquela sunga, que mal cabia seu pênis, enquanto eu estava usando o biquíni da bisnonna. Se eu não podia usar o meu porque ele era *indecente*, Thor tampouco podia usar aquela sunga, porque de decente ela não tinha nada!

Ele parou na minha frente e se dobrou na minha direção segurando meu rosto nas mãos.

— Neném? — Levantei os olhos afogueados para ele. — A única mulher que vejo e que me importa aqui é você, Antonella. Então desfaça o bico porque, embora ele seja atraente, você melhor do que ninguém sabe que não há motivos para se sentir ciumenta por uma sunga boba, que não é minúscula. Eu não vejo, nem quero ver outra que não seja você. Aceite isso, querida.

Merda. Nem direito de ficar brava eu tinha mais. Não quando ele me dizia essas coisas bestas, me

deixando atordoada e completamente sem ação. Eu achava bonitinho até.

— Eu... eu não estou com ciúmes.

Seus lábios curvaram e ele me beijou, brevemente.

— Esplêndido! Agora quer que passe filtro nas suas costas?

Eu assenti meio boba ainda, minha raiva em qualquer lugar exceto em mim.

Thor pegou o frasco e se ajoelhou atrás de mim enquanto eu puxava as lentes escuras sobre meus olhos. Em seguida, tirei o chapéu e enrolei o cabelo num coque, prendendo-o com os próprios fios, antes de ele começar a passar o filtro solar em minha pele.

E vou dizer, era mais uma massagem relaxante que um simples passar de protetor. Suas mãos corriam pela extensão das minhas costas, as pontas dos dedos circulando com precisa pressão sobre os pontos sensíveis. Enviando-me uma sensação de bem-estar e calor.

Eu não conseguia compreender como um gesto tão comum podia se transformar em algo tão prazeroso... erótico. Entretanto, com ele era assim. Qualquer coisa que Thor fazia, por mais trivial e bobo que fosse, tinha um impacto totalmente inverso sobre o meu corpo.

Nada do que ele fazia era comum. O mais trivial dos gestos dele acabavam tomando proporções maiores e eram traduzidos por meu corpo de maneira sempre muito agradável e prazerosa.

Eu suspirei, apreciando seu carinho enquanto deixava meu olhar vagar a frente. O sol estava ameno no céu limpo de nuvens. A brisa fresca deixava o clima muito agradável. A praia era calma e poderia ser considerada deserta, se não fosse o barulho das ondas e das poucas pessoas que aqui estavam incluso as cadelas, porque essas tinham em qualquer canto que se ia.

Muito diferente de Malibu. Aqui tudo era tão vívido e bonito. Malibu era bonita. Mas o Havaí era estrondoso. Cada paisagem um sonho a ser explorado.

Lábios quentes depositaram um beijo em cima da minha tattoo.

— Pronto, amor.

— Grazie. — Olhei para trás através das lentes escuras. — Quer que passe em você também?

— Sempre quero suas mãos em mim. Não importa a maneira — disse ele, de maneira sedutora, olhando-me fixo. — Mas, antes, vamos entrar na água — acrescentou animado, se levantando.

— Eu vou depois — murmurei, desfazendo o coque e coloquei o chapéu.

— Por quê?

— Eu acabei de passar o filtro.

— Besteira! Depois você passa de novo.

— No. Eu vou tomar sol primeiro e depois entro na água.

Desviei os olhos abaixo e o voltei a ele num estalo ao pescar o vislumbre da expressão dele se tornar travessa quando uma sobrancelha sua curvou e o sorriso torto elevou o canto direito de sua boca. Eu tirei meus óculos e levantei num pulo, enrugando meu cenho para ele.

— Oh, não, não! De nenhuma fodida maneira Thor — murmurei pausada, com meu pé esquerdo se precipitando para trás. Meu coração ritmou repentinamente.

A cabeça dele sacudiu, seu sorriso travesso esticando.

— Oh, sim!

Recuei um passo. Uma agitação nascendo no fundo da minha barriga.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Sim.

E eu corri com ele em meu encalço. Os exercícios na academia de casa e as aulas de Kickboxing me davam um bom preparo físico para correr a uma longa distância sem morrer. Infelizmente, meus 1,60 de altura não podiam competir com os seus 1, 94. Ele tinha longas e fortes pernas. E o cretino era bastante

ágil para um poste. De repente, eu estava fora do chão e uma sensação fria engolfava minha barriga enquanto ele rindo corria comigo para o mar, jogada em seu ombro.

— Thor, não! — eu gritava, ria e batia nele mesmo tempo.

Spaft!

Minha bunda ardeu.

— Filho da puta!

— Não bata na minha bunda, mulher, que eu não bato na sua.

Thor me moveu segurando-me em seu peito um momento antes de eu sentir a água me rodear, e então, apertei com mais força minhas mãos em seu pescoço. Não estava gelada, ao contrário, a água era morna. Eu apenas quis estar mais sobre ele. Thor inclinou a cabeça para baixo e me olhou nos olhos. O riso tinha desvanecido de seu rosto, e agora, ele estava sério.

Minha barriga ficou agitada e minha boca secou.

Oscilei o olhar entre as profundezas escuras dos seus e aquela boca carnuda, lambendo meus lábios. Preparando para o beijo que eu sabia que viria então... Água me cobriu inteira.

O cretino me soltou sem aviso, e eu afundei quase me afogando. Toda espalhafatosa, eu me debati chocada por sua ação então as mãos dele me colocaram sobre meus pés.

Limpando o cabelo e a água do meu rosto, eu fitei o cretino.

Ele ria às gargalhadas feito uma criança nojenta.

— Eu poderia ter me afogado, seu babaca!

— Eu nunca deixaria você se afogar neném — disse ele ainda rindo.

Fiz beicinho.

— Você é um homem mal.

— Não sabe? O homem é o reflexo de sua mulher — replicou. — Você é má.

— Isso faz de você um sadomasoquista, eu suponho?

Sua expressão se voltou pensativa.

— Sim. Mas eu mando e você obedece.

Salpiquei água nele.

— Em seus sonhos, Castellammare!

— Mulher má — guinchou, puxando-me para ele e, em seguida, sua boca cobriu a minha.

Eu respondi ao beijo, deslizando minha mão por seu cabelo e inclinei a cabeça para o lado para um melhor ângulo quando meus dedos puxaram os fios secos de seu cabelo.

Thor apertou os braços ao meu redor e aprofundou o beijo.

Calor irradiou do meu peito, descendo por minha barriga, onde eu podia sentir seu pau se alongar e engrossar. Excitação me fez doer entre as pernas. E eu quis montar nele e fazer todas as coisas más que começaram a disparar através da minha mente, porém as vozes ao fundo e barulhos na água, me lembravam que estávamos em um espaço público.

Mas, então, eu podia tirar uma casquinha dele e de quebra me vingar por ele quase ter me afogado, não?

Feliz com minha ideia, eu mantive os olhos sobre as pessoas na areia quando ele arrastou a boca para o meu pescoço então escorreguei uma mão entre nós, com a máxima discrição, e a enfiei por dentro de sua sunga indecente, segurando seu pênis em torno dos meus dedos, em seguida, comecei a masturbá-lo. Ele xingou e gemeu rouco, apalpando meu traseiro enquanto chupões e dentes sobre minha pele faziam-me estremecer e gemer baixinho.

Seu pau crescendo duro e firme em minha mão sentia-se tão bem que, de repente, eu tinha a vontade de lambê-lo. Minha língua correu por sua pele, ao invés. Marquei meus dentes em seu ombro então deslizei a boca pela curva do pescoço dele até chegar à orelha.

— Se houvesse somente nós dois aqui, Castellammare, eu enrolaria as pernas em seu quadril e

proporia a você que colocasse minha calcinha de lado, e então, me fodesse duro até que gozasse. Depois iríamos para a areia e eu pediria para você se deitar, e então, eu poderia tirar a calcinha e sentar na sua cara enquanto te chupava até quase você gozar de novo. Eu pararia porque, embora sua boca na minha buceta seja uma delícia e eu esteja sempre a querendo lá, eu iria montar você e te foder. De novo e de novo. Mmmm... pensando bem, acho que iria gostar muitíssimo se você me pegasse de quatro, também. Ah, sim, eu iria gostar muito disso.

— Caralho, neném — ele rosnou, agressivamente. — Eu conheço uma praia que sempre está deserta. Tenho certeza que podemos realizar todas essas coisas lá.

Sorri sobre sua pele enquanto o masturbava mais rápido. Chupões no meu pescoço me fizeram eriçar e a palpitação em meu centro aumentou. Estava molhada de todas as maneiras possíveis.

— Você é tão gostoso. Eu sempre estou querendo você dentro de mim, mas também sempre quero seu pau na minha boca não importa onde esteja. Basta olhar para querer.

Pela nossa posição e movimentos sutis, não havia chances das poucas pessoas aqui saberem o que nós fazíamos. Para eles, éramos apenas um casal curtindo um abraço carinhoso no mar.

— Porra de biquíni do caralho — grunhiu ele contra minha orelha, num misto de frustração e raiva quando não conseguiu penetrar pelas barreiras do biquíni.

Eu ri silenciosamente.

— Se não fosse tão idiota não teria que brigar com o biquíni da bisnonna.

— Cadela — rosnou. — Vira. Eu vou dar um jeito nisso.

Parei de mover a mão e encarei-o.

— Como?

— Cacete, não para — vaiou, num tom torcido. Movi a mão devagar, apertando a ponta. — Da à volta. Eu vou abaixar essa fodida calcinha o suficiente para que eu possa te foder.

Tirei a mão do seu calção e fiz uma careta.

— Não vou ser expulsa da praia, seu indecente!

Burlei-me dele, deixando-o para trás com uma expressão chocada quando rumei para areia. Eu sorria comigo mesma, saboreando meu pequeno triunfo. Ele estava estupefato demais e muito excitado para vir atrás de mim. Peguei meu chapéu no caminho e abanei, tirando a areia dele então segui para a toalha e, em seguida, me sentei. Reapliquei o filtro solar e coloquei o chapéu, e então, deitei apoiada nos meus antebraços, com as pernas flexionadas enquanto olhava para frente para ele.

Thor ainda seguia na água de costas para mim.

Eu dava todos os meus dentes que ele estava resolvendo o *probleminha* antes de se juntar a mim, com uma carranca assassina e promessas de torturas, que eu provavelmente iria adorar.

Ri em segredo.

Deixei-o com seu negócio e mirei ao redor, antes de pousar a cabeça sobre a toalha. Fechei os olhos e relaxei por longos minutos, apreciando o calor do sol sobre a minha pele. Iria voltar para Malibu num bronze de fazer Pietra e Josie se corroerem de inveja.

Havia sol em Malibu, mas no Havaí ele brilhava mais imponente.

Estar aqui com Thor somente fazia o lugar mais perfeito. Francamente, eu estava amando nossa estadia na ilha, longe de tudo e todos, sem ninguém para nos atrapalhar...

Lancei meu olhar para frente à procura de Thor pela demora e congelei.

... Bem, foda! Havia alguém.

Ele estava fora da água, papeando com sua nova-velha-amiga. Minha expressão se apertou, e eu respirei fundo. Eram amigos, pensei ao recordar as palavras dele da outra noite enquanto eu assistia ela se debruçar em cima dele, rindo. Sua mão dissimulada, tocando-o a cada instante.

Eu não deveria estar ciumenta, porque inferno, eu sabia que aquela irritação fumegando em meu peito era o fodido ciúmes despertando. Não. Ciúmes era uma fraqueza da qual eu não dispunha. Unicamente,

não gostava que tocassem no que era meu, assim como o meu carro. Eu amava o meu Audi TT e não deixava ninguém dirigir ou tocá-lo exceto eu. Era meu. E Thor, também.

O que me irritava não era somente o fato dela estar tocando ele, mas o cretino não fazer nada para tirar as mãos dela, como ontem. Principalmente, porque aquele encontro inusitado me recordava à noite passada. Mais uma maldita vez, ele tinha me deixado esperando por causa dela!

De repente, joguei meu peso sobre os pés e caminhei até eles, desfilando a cada passo enquanto cuidava para meu semblante se manter descontraído. Ambos giraram a cabeça e me olharam quando eu me aproximei. Não esperei um 'desculpe' do cretino nem um 'oi' da puttana. Enfie-me entre eles, ignorando a mulher e agarrei a cabeça de Thor, trazendo-a para baixo. Beijei-o duro e profundamente, demarcando meu território, a minha posse sobre ele. Toda cheia de lábios, língua e estalos molhados, sem me importar com os espectadores. Ou melhor, a espectadora.

Porque merda, cretino ou não, ele era o meu cretino.

Ele pareceu surpreso, até eu estava, porém respondeu ao beijo com a mesma demanda enquanto enrolava seus braços ao meu redor, apertando-me contra ele.

Eu gemi, esquecendo-me da irritação, de onde nós estávamos... de tudo.

Thor abrandou o beijo, me parando com suavidade quando um impaciente pigarro as minhas costas se fez ouvir. Eu não queria soltá-lo, mas tive de fazê-lo. Ofegante, eu olhei nos olhos dele mais escuros e intensos pela paixão, que o devasto beijo tinha despertado nele, ciente que os meus refletiam a mesma emoção quente. Sua respiração estava um pouco pesada. Um sorriso lento e sexy curvou o canto direito da sua boca, obrigando-me a sorrir de volta, como uma retardada.

— Olá, querida — disse a porca troia as minhas costas.

Thor me virou de frente para ela, mantendo seus braços em torno de mim e minhas costas em seu peito. Eu fitei a mulher, que me sorria tão amigável quanto uma cobra podia ser.

— Olá...

— Beatriz — ofereceu.

— Claro. Como pude me esquecer? É um nome tão... *comum*.

Ela sorriu com o semblante inabalável.

— Parece que o destino está conspirando para nos encontrarmos — ela murmurou, olhando acima da minha cabeça. Isso me irritou até as entranhas.

— Eu diria que está mais para carma que destino. — Ela baixou o olhar para mim. — Então, pretende ficar muito tempo aqui? Ou já está indo?

— Desde que este é um país livre. Pretendo ficar o suficiente. — E acrescentou. — Quem sabe não podemos marcar algo para fazermos juntos?

— Eu...

— Não penso assim — cortei Thor. — Estamos numa viagem de casal a *dois*, se ainda não percebeu. Mas obrigada de qualquer maneira.

Ela riu. Isso mesmo. A cadela RIU!

— Vejo porque se apaixonou por ela. Ela é realmente uma gatinha selvagem, verdade? — Seu olhar caiu sobre mim, novamente. — Não estou tentando roubá-lo de você, querida, confie em mim.

— Eu acredito — eu disse sorrindo quando, na verdade, queria mordê-la. — Existe uma grande diferença entre tentar e conseguir — acrescentei num tom arrogante.

— Uh, um desafio? — Ela lambeu os lábios, fixando o olhar acima. — Eu gosto de desafios. E sabe o quê? — Ela voltou a me olhar, com um ar de superioridade, que me virou do avesso e a contar pelo aperto dos braços de Thor, ele sabia disso. — Eu nunca perco. Thor não me deixa mentir.

— Nós temos de ir — Thor se adiantou, num tom solene. — Foi um prazer revê-la, Bia. Espero que tenha um bom tempo aqui.

Bia? Bia!

— Eu aproveitaria melhor se estivesse com a pessoa certa, relembrando os velhos tempos.

Ela estava flertando ele? Na minha cara?

— Até mais — disse ele, já me arrastando para longe dela.

— Essa... essa vadia, filha da puta, cadela!

— Esquece-a, neném.

O riso mal disfarçado em sua voz atraiu meu olhar assassino para as suas costas curvadas enquanto ele pegava nossas coisas, colocando na bolsa que eu trouxera. Agarrei minha saída de banho então caminhei em direção ao carro sem esperá-lo.

Era incrível como ele conseguia ficar sob a minha pele, mesmo me irritando até a morte. Cara, eu odiava isso. Odiava-me por zangar quando tudo que eu tinha de estar fazendo era curtir. E me irritei mais por ele simplesmente ignorar a situação. De fato, a tranquilidade dele me cozinhou viva, e em troca, eu queria cozinhar ele. Recusei sua oferta de irmos almoçar no Alan Wong's. Não queria correr o risco de encontrar com a cadela novamente e ser obrigada a arranhar a cara dela.

— Por que está me ignorando? — perguntou ele, quando entramos na casa.

Taquei a bolsa no sofá e dei a volta, com as mãos na cintura ao lhe dirigir meu olhar enfezado.

— Você. É. Um. Puto. Castellammare.

Ele veio para mim e segurou meu braço, eu tentei puxá-lo, o que fez ele me atrair próxima ao seu corpo. Desviei o olhar para o lado. Heithor segurou meu rosto, seus polegares correndo para cima e para baixo. Sua boca encostou-se à minha, num beijo suave, que não respondi.

— Quantas vezes eu terei de dizer que eu te amo para que você acredite? Que não tem razão para você se sentir ciumenta, porque eu quero só você? Não vou fazer nada deliberado para te machucar.

Derreti um pouquinho, ainda assim tinha aquele chiado de irritação sob minha pele. Sobretudo, por ele conseguir me desarmar com aquelas baboseiras bonitas.

— Ela estava te flertando e você não fez nada.

— Você provocou.

Eu parei nessas duas palavras.

— Como no inferno eu a provoquei para te flertar enquanto você pagava de garanhão?

— Ela não esteve me flertando até que você chegou e passou a provocá-la — pacientemente, ele disse, como se explicasse algo óbvio para uma criança. — Você não pode esperar que uma pessoa não reaja quando é desafiada, principalmente, quando é um amigo meu. Lembre-se disso.

— Aspetta un attimo[68]... Você está dizendo que eu sou a culpada por ela descaradamente querer relembrar os velhos tempos? E te oferecer isso abertamente?

— Você está fazendo isso difícil — alertou, se irritando. — Beatriz é minha amiga. Ficamos juntos uma única vez. Fim de história.

— Ela...

— Cala a boca. Eu tolerei que fizesse sua birra até aqui, que me ofendesse, mas agora chega. Ouviu-me? Chega! Eu nem sei por que razão nós estamos discutindo outra vez. Mas uma coisa eu te digo, de nós dois, não sou eu quem tem de provar qualquer merda aqui.

Eu me afastei dele muito ultrajada. Corri as mãos pelos cabelos e dei a volta, cravando meu olhar frio sobre ele enquanto gesticulava.

— Isso... isso... seja lá que merda do caralho que estamos fazendo aqui não vai dar certo.

— Você tem de estar brincando comigo.

— Não, não estou — assegurei, erguendo o queixo. — É melhor a gente parar por aqui e cada um ficar em seu canto, va bene? Para mim não dá. Basta. Não tenho saco.

Em uma batida de coração ele esteve na minha frente, com uma expressão feroz.

— Você é uma covarde, Antonella. Se quiser me enxotar da sua vida, é seu direito e eu vou respeitar, mas tenha a coragem de ser honesta comigo ao menos uma fodida vez, porra.

— Non sono un vigliacco[69] — grunhi, com os punhos cerrados.

— Sim, você é! — ele grunhiu de volta. — Está se cagando de medo e usando uma desculpa de merda para se esconder, porque não consegue aceitar a verdade. Mas escute bem, Antonella, eu não vou permitir isso. Quer me jogar fora da sua vida então seja honesta comigo, cacete. Não aceito menos que isso. Eu tenho o direito de saber a verdade do porque está querendo cair fora quando tudo que fiz foi amar você. Então diga Antonella, diga olhando na minha cara, porém tenha a certeza das suas palavras. Esteja fodidamente certa delas, pois quando as disser não tem mais volta.

Apertei os dentes, minha expressão muito dura e a dele igualmente severa enquanto nos encarávamos ofegantes, desafiando um ao outro para ver quem cedia primeiro.

A tensão era como uma nuvem espessa a nossa volta.

Eu tinha todas as palavras engatadas na garganta, mas elas não subiam me deixando irada.

— FODA-SE!

Um intenso, quente, e perverso olhar laçou minha razão.

— É *exatamente* o que vou fazer. Você precisa de uma boa foda para deixar de dizer merdas.

Apartei-me dele. Podia não ter dito as palavras, porém ainda queria quebrar a cara dele.

— Pois não se atreva Heithor! Se colocar um dedo em cima de mim, eu vou gritar.

— Claro que vai. — Ele sorriu duro. — Você sempre grita e é fodidamente sexy.

— Seu pervertido.

— Não nego.

Recuei enquanto ele me perseguia, lento e preciso, como um predador analisando o melhor momento para atacar. E, foda, se aquilo não estava me deixando quente e mais irada.

— Eu vou te morder.

— Eu gosto disso e meu pau também. Tanto que já estou ficando duro. — Ele pausou, rindo, contudo, não havia humor no som, ao contrário, era rude e áspero. — Vê como me deixa maluco, querida? Eu deveria te deixar sem meu pau por meses por ousar a cogitar me chutar fora sem um motivo justo, mas tudo que quero fazer é te foder e dar o melhor chá de pica que você já teve, visto que essa é a única coisa que funciona direito entre nós. Isso porque esta *é* a única coisa da qual você não tem controle, não é assim?

Meu olhar se distraiu por instante em sua mão, apertando o próprio pênis sobre o calção.

— Não quero transar com você — argumentei, ignorando suas alfinetadas.

Ele me jogou seu sorriso quente.

— Eu posso te fazer mudar de ideia.

— Eu não quero mudar de ideia, maledetto. Ti odio.

Contornei o sofá. Ele estava do outro lado sobre o tapete. Com um olho nele e o outro na escada, eu medi minhas chances. Não eram muitas. No entanto, eu podia arriscar. Um comichão nasceu na minha barriga, subindo até minha garganta então desceu... Engoli duro.

— Sabe que eu posso te pegar, não sabe? — Sondou, adivinhando meus planos e ignorando minhas palavras. — Não é que eu não goste disso. Ao contrário, acho excitante a ideia de te perseguir. Estamos ficando monótonos, um jogo é sempre bem-vindo para apimentar a relação.

Cristo... Se apimentássemos mais a relação, eu não andaria mais.

— Pare com isso — resmunguei, quando ele deu um passo para o lado e eu dei outro, afastando-me da escada. — Estou brava com você e quero permanecer assim.

— Podemos ficar bravos juntos. Brigar e foder é uma excelente combinação, e se isso é tudo que posso ter da *Srta. Coragem*, eu aceito. Diga, neném, está excitada com a ideia de perseguição? Você fica quente em saber que vai correr, mas eu vou te pegar antes que possa ir muito longe?

Sacudi a cabeça enquanto ele, com os olhos presos a mim, se desfez da camisa e do short ficando apenas de sunga. Sua mão não teve pudor segurando o volume notável sobre o tecido.

Um estremecimento de desejo me atravessou, ma, per Dio, que não iria dar isso a ele.

Eu joguei uma rápida olhada para trás. Estava longe da escada, porém perto da porta. Ele não iria correr atrás de mim de sunga...

— Está trancada. Agora seja uma boa garota e venha aqui.

Reduzi os olhos para ele.

— Que parte do "eu não quero" você não entendeu?

— A parte que seus mamilos estão duros pela minha atenção e você está apertando as pernas junto. E eu aposto que se sente melecada entre as pernas. Doendo, talvez?

Minhas mãos voaram para meus seios e minhas pernas se afastaram numa prova de culpa.

— Isso não quer dizer nada.

— Venha aqui e deixe-me comprovar por mim mesmo.

Soltei um breve e curto riso bufado.

— Nem em sonho.

Ele me encarou por um longo minuto, e então, suspirou brusco deixando os ombros caírem em resignação. Sua expressão denotava rendição. Eu me senti um pouco frustrada para falar a verdade.

— Tudo bem.

— Tutto bene? Simples assim?

— Nunca vou te forçar a fazer algo que não quer. — Eu quase me senti culpada, porque a verdade era que eu queria. — Se não quer, eu tenho que procurar quem queira.

As palavras foram absorvidas por meu cérebro um minuto antes de eu pular sobre o ordinário. Toda cheia de unhas e dentes. Ele me pegou, antes que eu pudesse fazer um dano em sua cara, me voltando furiosa... e excitada. Com um hábil movimento fluido, Heithor prendeu meu braço detrás das minhas costas, obrigando-me a curvar sobre o braço do sofá. Eu lutei contra.

— Me solta, Heithor!

Ele não fez. Com a mão livre amontoou a saída de banho em minha cintura e esfregou sua ereção contra a minha bunda, até que eu ofegava rendida. Desejo quente viajou através das minhas veias, denso e rico. Eu gemi baixinho. Ele era uma tentação, não tinha como negar.

Abaixando a calcinha do biquíni, ele enfiou a mão entre as minhas pernas e eu vaiei entre os dentes. Minha respiração aumentou... O coração batendo mais forte pela emoção.

Thor inclinou, suas costas cobrindo as minhas e, em seguida, senti sua respiração acelerada em minha orelha. Arrepiando-me inteira e enviando calafrios pela minha espinha.

— Eu quero te provar, mas também quero te foder. Difícil escolher.

— Mmmm...

— Você quer isso?

— Mmmm...

— Isso é um sim?

— Sì — murmurei baixinho.

Senti seu sorriso, antes de sentir a picada de seus dentes na minha orelha e do seu pau rasgando minha buceta até o fundo tantas e tantas vezes, até que não podíamos nos mexes mais.

Capítulo 34

Os dias no Havaí estavam sendo incríveis. Era chocante que eu pudesse ficar mais deslumbrada quando acreditava não ser capaz de me embasbacar mais pelas belezas naturais do lugar, no entanto, Thor me mostrou ser possível quando exploramos Oahu um pouco mais.

Visitamos o cemitério Punchbowl, onde estão enterrados os soldados de Pearl Harbor. Bati inúmeros registros dele e meu em Eternity Beach, o lugar onde foi filmado a famosa cena do beijo íntimo em *From Here to Eternity*. Thor me levou até a praia Pipeline em North Shore, com ondas assustadoras e belas, e também fomos a Eletric Beach, onde praticamos snorkel por algumas horas. Em uma dessas vezes na volta para casa pela Pali Highway paramos no Sea Life Park. Thor também organizou um passeio noturno privado ao mar em uma parte isolada da ilha, onde pudemos ficar mais a vontade e nos explorar em meio à natureza.

Em Maui, Thor me levou até a cratera do Haleakala, antes mesmo do galo cantar, para ver o nascer do sol. A visão era espetacular e valeu cada segundo do sono perdido. Um tour até Molokini, uma cratera submersa em formato de meia lua a quatro quilômetros da costa sul, tirou meu fôlego.

Então desembarcamos em Kauai e de cara eu me apaixonei pela ilha. Ela era magnífica e tinha um ar todo misterioso, idílico mesmo, cercada por um mar azul de emocionar os olhos e muito verde. Eu nem mesmo sabia que era possível haver tantos tons de uma mesma cor. Apreciamos a vista fascinante da Na Pali Coast em um passeio de helicóptero, muitas paisagens recordando-me filmes conhecidos e famosos. Então Thor me levou pela estrada 520 através do túnel de árvores e desembocamos na praia de Poipu. Dois dias depois retornamos a Oahu.

Eu tinha visto minha cota de fauna, vegetação, cânions, praias pitorescas, corais exuberantes, tartarugas marinhas, focas havaianas, golfinhos roteadores e até um grupo de baleias jubartes.

Thor e eu então deixamos o turismo de lado e nos concentramos em nós dois. A cada dia que se passava eu me sentia mais próxima e dependente dele. O que me preocupou de início, porém arquivei minhas neuras, até porque não era como se eu pudesse parar isso. E, para ser honesta, eu não estava preocupada no que isso iria acarretar quando voltássemos para a realidade em Malibu.

Estava de férias — antecipadas — e tinha de tirar o máximo de proveito disso.

Era simplesmente bom estar com Thor e tão mais fácil deixar as coisas correrem...

Depois da nossa última discussão não brigamos mais, aliás, vivíamos de beijos e carinhos, e nas vezes que saímos nossas mãos estavam sempre entrelaçadas. E, vou dizer, eu me sentia muito vaidosa, embora estranha, porque era novo agirmos como um casal, mas muito orgulhosa de exibi-lo. Nunca imaginei que pudesse querer estar desta forma com alguém, nem que iria gostar disso, porém eu estava amando.

Heithor deixava-me cada vez mais deslumbrada com suas atitudes e seus gestos. Eu estava conhecendo um Thor que não conhecia ou não queria conhecer quando estávamos em Malibu.

Eu gostava dele assim. Menos arrogante, apesar da pose de macho das cavernas perseverar, e em segredo eu admitia gostar dela, também. Irritava-me, mas tinha lá seu atrativo.

Ele tinha me levado para jantar fora algumas vezes, incluso fazer uma peregrinação na Avenida Kalakaua e no Ala Moana Center, onde comprei presentes para todos em Malibu. Nós também tínhamos ido jantar com Keahi e Alana na pousada deles, que era uma graça. Um pouco pitoresca, porém com um clima familiar muito aconchegante, sem falar na comida de Alana que era maravilhosa. Então Thor e eu estávamos na sua casa e desligados para o mundo. Não havia um só canto daquele espaço que nós não

tínhamos batizado. Ele tinha me transformado em uma ninfomaníaca com o carimbo de autenticidade na bunda, todavia, eu não estava reclamando.

A verdade era que não conseguimos tirar as mãos um do outro, até que fomos obrigados por uma virose louca que me pegou no começo da segunda semana, deixando-me com 39 graus de febre. Thor chamou um médico local e ele me prescreveu antibiótico para tomar durante oito dias. O gosto era terrível, mas a eficácia do remédio estupenda. Em três dias comecei a me sentir melhor.

Thor não havia saído um segundo sequer do meu lado e até tinha feito canja para mim, uma vez que quase nada parava no meu estômago. E, embora fosse ruim ficar doente, eu tinha de admitir que não foi tão mal ficar mofando na cama enquanto era paparicada por ele.

Tínhamos visto muitos filmes. Ele contou mais sobre si mesmo e seu trabalho, e eu falei mais sobre a minha vida, apesar de achar isso desnecessário quando ele já sabia praticamente tudo sobre mim, todavia, Thor fez questão de ouvir-me. Até fizemos um jogo de perguntas e respostas que no começo achei meio besta, porém conforme o jogo prosseguiu, eu me interessei. Mesmo o tempo estava á meu favor, chovendo praticamente todos os dias em que estive debilitada.

Hoje, fazia exatos três dias que despreguei a bunda da cama, apesar de ainda faltarem dois dias para eu acabar de tomar o remédio, contudo, me sentia melhor do que nunca. Até mesmo o sol estava brilhando no céu. Eu tinha acordado com uma ideia fixa em mente e assim que Thor deixou seu ataque de galhinha-e-seus-pintinhos após o almoço, eu comecei a colocá-la em prática.

Ele tinha ido com Keahi do outro lado da ilha ver dois imóveis.

— Antonella?

— Estou na cozinha, Alana — gritei de volta.

— Eu vim ver como você está — ela disse solicita quando entrou na cozinha.

Olhei sobre meu ombro para ela, sorrindo.

— Thor pediu para me verificar?

Sua expressão se voltou culpada.

— Bem, isso também.

Eu ri e voltei a guardar no armário as compras que tinha feito para o jantar.

— Ele é muito exagerado. Até parece que estou com uma doença terminal.

— Um homem apaixonado pode se preocupar com a sua garota.

— No entanto, ele está exagerando, Alana. Não sou feita de cristal, nem de porcelana. Além do que, não foi nada tão grave assim. E respondendo a sua pergunta, eu estou bem. Realmente. Já disse isso a ele nas sete vezes que me ligou. Isso só na primeira hora que saiu.

Ela deu uma risadinha e se debruçou em cima da ilha.

— Vejo isso. Você parece ótima, até sua pele está mais corada.

— Grazie. Eu realmente me sinto ótima.

— Alguma ocasião especial? Há flores na mesa de jantar e você saiu às compras pelo que vejo.

— Quero fazer um jantar para ele — comentei distraída, guardando o pote de sorvete no freezer.

— Cozinhar, uh? Não me entenda mal, mas eu nunca imaginaria que você soubesse cozinhar.

Peguei a garrafa de suco de laranja na geladeira e dois copos, colocando um na frente dela e, em seguida, despejei um pouco da bebida em seu copo e no meu.

— Donna, minha avó paterna, me ensinou algumas coisas enquanto eu vivia na Itália. Não sou uma chef, até porque não costumo cozinhar em Malibu, a não ser que ache necessário.

— E agora é, eu suponho?

Bebi um gole do suco.

— Thor esteve comigo o tempo todo, você sabe, e mesmo sendo um tanto exagerado agora, ele foi bom comigo enquanto estivesse mal. Quero agradecê-lo.

Na verdade, eu queria fazer esse jantar pela simples vontade que sentia em agradá-lo. Essa era a

verdade. O agradecimento era apenas uma boa desculpa para a loucura que pretendia fazer.

— Ele irá gostar. Você sabe. Homens adoram ser mimados, ainda mais por suas garotas.

— Você poderia me ajudar com os arranjos? Não sou boa com isso.

— Claro que sim.

Eu tinha exatas três horas para ter tudo pronto, antes que Thor disparasse pela porta.

Gardênias, jasmins, hibiscos e plumérias compuseram três lindos arranjos pomposos quando Alana terminou. Os dois maiores eu deixei na sala e um menor eu reservei para a mesa. Eles não só embelezavam como também exalavam um perfume gostoso pelo ambiente.

— Obrigada, Alana. Eu não poderia ter feito melhor.

— Acho que vou copiá-la e preparar um jantar para Keahi também.

— Faça isso.

Levei-a até a porta e já estava indo fechá-la quando me lembrei de algo.

— Alana?

— Sim?

— Por que sempre usa uma flor na orelha esquerda? Quero dizer, nas vezes que nos vimos sempre havia uma na esquerda, nunca na direita.

— As mulheres compromissadas sempre as usam na orelha esquerda e as solteiras na direita. Assim os homens havaianos sabem com quem podem mexer e evitamos maiores problemas.

Eu não pude deixar de sorrir, descrente que Thor tivesse escondido a informação de mim.

Momentos mais tarde, eu olhei com admiração para o meu trabalho quando terminei de arrumar a mesa. Estava linda. Com um castiçal pequeno e pétalas espalhadas sobre a toalha branca. O arranjo menor no centro. Espalhei as outras velas aromatizadas pela sala.

Tirei um cochilo rápido e quando acordei, chamei Thor no celular.

Uma hora era tudo que eu tinha.

Fiz o petit gateau primeiro e enquanto assava corri para a ducha e me arrumei, rapidamente. Fiz um make leve e coloquei um Versace rosa queimado, que chegava até a altura do meio das minhas coxas, o tecido leve beijava minhas curvas com suavidade. Alças finas de pedrarias delicadas. O decote caído na frente de forma drapeada era sutil e deixava meus seios atraentes. Jimmy Choo nos pés para combinar.

Borrifei um pouco de perfume nos pulsos e no colo.

Logo regressei a cozinha e desenformei o petit gateau, mantendo-o aquecido no forno para depois do jantar. Então cuidei das bruschettas de tomate para servir de antepasto.

Estava começando o preparo do *risotto con carciofi*, o preferido de Thor, quando escutei o carro estacionar na garagem e meu coração saltou a boca. Desliguei o fogo e joguei o avental para o lado.

Tentei sem êxito me acalmar enquanto soltava o cabelo, que tinha prendido antes para preparar a comida. Expectativa laçou a boca do meu estômago e apertou forte.

Uma vez na sala, uma careta torceu meu rosto enquanto a insegurança me abraçava. Uma rápida olhada no meu trabalho e eu me senti uma retardada de marca maior e quis desfazer tudo. Não saber o que Thor acharia daquilo tudo não ajudava em nada. Me senti mais idiota, se possível.

Merda. Por que eu tinha de montar esse circo todo?

Não precisava ter comprado velas e flores, nem estar toda enfeitada como um maldito bombom. Se Josie me visse, mesmo Pietra, elas iriam fazer chacota até depois da minha morte.

A porta se abriu e meus dilemas foram sepultados pela onda de ansiedade que me engolfou quando assisti Thor passar pela soleira. Ele estacou no lugar assim que seus olhos correram pelo ambiente e, enfim, pousaram em mim. Surpresa e descrença atravessaram suas feições.

Estúpida. Estúpida. Estúpida.

Meu coração pulsou mais forte e eu moí os dedos juntos enquanto o escrutino azeviche me estudava dos pés a cabeça. Era muito intenso. Aquecendo minha pele aos poucos.

Engoli as secas e lambi os lábios, sentindo-me meio atordoada.

Seu olhar subiu para o meu rosto detendo-se ostensivamente em meus olhos. Senti que vibrava por dentro quando nossos olhares se estabeleceram na mesma linha. Minha barriga esfriou e os joelhos ficaram fracos. Porém, inspirei fundo e tratei de tomar o controle da situação.

— Oi — quebrei o silêncio. Minha voz não era mais que um sussurro baixo e arrastado enquanto um sorriso tímido oscilava em meus lábios.

— Você está deslumbrante, neném. Tão linda que me dói o peito só de olhar para você.

Meu rosto queimou enquanto meu sorriso se abria um pouco mais.

— Grazie mille.

Mais segura, forcei os pés para frente e andei devagar, resistindo ao impulso de correr até Thor enquanto sentia meu estômago se agitar. O sorriso dele se abriu muito amplo chegando aos seus olhos e os meus próprios lábios rasgaram. Os braços que eu gostava me pegaram, fazendo um cerco a minha volta quando estive perto dele. Envolvi os braços ao redor do seu pescoço e agarrando o sedoso cabelo dele, eu o puxei para baixo. Beijei-o, breve e suavemente.

— Olá — Thor murmurou ainda sobre meus lábios.

— Olá.

— Se soubesse que te deixar sozinha em casa me renderia uma recepção dessas, eu teria feito isso mais vezes. — E acrescentou. — Vamos ter convidados hoje? Keahi e Alana?

Balancei a cabeça negando.

— Você gostou?

— Do quê? — Murchei sem poder conter minha frustração. — Estou brincando amor, a casa está linda. Eu adorei as flores — acrescentou, olhando em volta e tornou o olhar para mim —, você. Não posso tirar meus olhos de você. Está me tirando o fôlego.

Franzi os lábios mal contendo meu sorriso enquanto mirava-o com os olhos grandes.

— È vero?

Ele ficou sério, porém sua expressão era muito tenra.

— Eu nunca mentiria para você sobre isso, querida.

— Eu sei.

— Quem virá jantar?

— Isso é para nós, quero dizer, é... per te.

Capítulo 35

Ele não escondeu a surpresa, nem o brilho de alegria em seus olhos. Isso me agradou e envergonhou ao mesmo tempo. Sentia-me um peixe fora d'água, mas... foda-se, eu já tinha começado a merda.

— Para mim? Por quê?

Travei repentinamente desviando os olhos para o chão, pensando na minha estupidez.

Eu deveria ter colocado uma camisola sexy e o esperado na cama como já tinha feito uma vez, no entanto, eu tinha de inventar de fazer algo que não estava acostumada.

Estúpida.

— Ei, olhe para mim — ele pediu em um tom adulado, porém eu estava constrangida demais para obedecê-lo. Seus dedos tocaram meu queixo delicadamente e o levantou. — Não foi minha intenção ser indelicado quando você teve todo este trabalho por mim. Desculpe-me. Eu apenas estou um pouco surpreso, mas já estou amando tudo que você preparou, neném.

Minha carranca se desfez e um sorriso alegre surgiu em meus lábios.

— Eu tenho que terminar de preparar a comida e você precisa ir para o banho.

— Sim senhora.

Ele me beijou e saiu.

Acendi as velas e retornei aos meus trabalhos na cozinha.

Quando Thor entrou na cozinha, eu quase engoli minha língua e tive de fazer um esforço sobrenatural para não parecer uma idiota. O que não resultou bem. Não tinha como não babar.

Uma camisa branca de linho, com as mangas enroladas até os cotovelos e os três primeiros botões abertos, e uma calça caqui embrulhavam o corpo poderoso abaulado por músculos sólidos.

Nos pés ele usava sandálias marrons.

O cabelo brilhante estava úmido e escovado para trás.

Bonito o bastante para me causar um derrame cerebral.

Ele manobrou ao redor da ilha e veio em minhas costas, com as mãos pousadas displicentes em meus quadris e debruçou a cabeça escorregando o nariz pela curva do meu pescoço. Senti seu peito se mover nas minhas costas quando ele respirou fundo. Minha própria respiração tropeçou.

— Mmmm... Cheira maravilhosamente, neném — ele ronronou no meu ouvido, cheirando-me e deslizou abaixo plantando um beijo em minha pele. — A comida, também.

Fechei os olhos por um efêmero momento, me deleitando com as sensações que seu toque provocava em meu corpo. Thor cheirava bem. Um almíscar tentador. Limpo, fresco e viril.

— Espero que... que v-você esteja com f-fome.

— Estou faminto... Pela comida, também — ele sussurrou provocativo.

Segurei as pontas do meu controle, com algumas respirações rasas e, em seguida, entreguei a ele a travessa com as bruschettas de tomate. Thor agarrou isso e pegou uma, deu uma mordida então me ofereceu uma mordida também. Eu aceitei. Ele repetiu o gesto mais algumas vezes.

— Risotto com carciofi — ele comentou com satisfação após um instante.

— Espero que goste — dissimulei. — Mais cinco minutos e já estará pronto.

— Todo agrado que fizer para mim, eu vou gostar, neném.

Sorri amarelo enquanto ele pegava uma garrafa de Chardonnay na pequena adega da cozinha. Ele voltou para ilha, pegou o saca-rolha e abriu a garrafa, em seguida, despejando um pouco em uma taça e

brindou com o copo de água que eu tinha ao lado, antes de beber um sorvo.

— Como está se sentindo?

— Stupenda! Você sabe. Um pouco de fé na medicina não soa mal. — Ele sabia que eu estava me referindo às inúmeras ligações que ele tinha feito no decorrer do dia. — Eu me sinto ótima.

— Vejo isso. Mas não pode me culpar por me preocupar com você.

— Não estou — assegurei. — Apenas não acho que tenha de exagerar, como se eu estivesse indo morrer a qualquer momento e você precisasse ficar atento para acionar a funerária.

Thor bufou e resmungou.

— Se eu achasse isso, não teria saído. E não discuta comigo por cuidar de você. — Ergui as mãos em uma simulada rendição. — Você tomou o remédio hoje?

Coloquei os olhos em branco.

— Sì papà.

— Engraçadinha — ele mordeu, e eu dei uma risadinha. — Continue me chamando assim e conseguirá o que quer — eu o olhei em confusão —, minha mão na sua bunda.

— Estou preparando sua comida — avisei distraída.

— Que você também irá comer — ele advertiu, me dando uma palmada no traseiro.

Apertei os olhos e ele riu descarado.

Instantes depois eu estalei.

— Vá se sentar, por favor, que eu irei servir o jantar.

Ele deu-me um selinho demorado antes de se retirar, levando a garrafa de vinho e uma jarra de suco de laranja. Recuperei o fôlego e montei dois pratos, levando-os a mesa, em seguida.

— Obrigado — ele disse quando o servi.

Sentei-me de frente para ele à medida que Thor me servia com o suco eu puxei o guardanapo para o meu colo. Ele derramou mais vinho na sua taça e sorveu um pouco.

Esperei ele provar primeiro da comida, com ânsias me engolfando pelo seu veredicto.

— E então?

Ele limpou os lábios no guardanapo num gesto elegante e me olhou misterioso.

— Está divino amor. Realmente delicioso. Eu não sabia desse seu dom para cozinhar, mas foi muito bom saber, porque de agora em diante você está intimada a cozinhar para mim todos os dias.

Soltei uma risada espalhafatosa, muito contente.

— Se você me pagar bem, eu topo — brinquei ainda rindo.

— Dê seu tiro e já está feito.

— E se eu quiser o pagamento em favores sexuais?

Seu olhar me sondou meditativo.

— Favores sexuais, uh? — Bati os cílios com inocência. — Eu não vejo como isso pode ser. Sou seu. Cada parte minha. Assim você não pode ter um *favor sexual* quando tudo é seu.

Cazzo! Ele não moderava as palavras quando queria me constranger.

Bebi um generoso gole de suco, molhando minha garganta seca e baixei o copo para a mesa.

— Como foi lá com Keahi?

Mudei de assunto dissipando meu embaraço e começamos a conversar amenidades enquanto jantávamos. Quando terminamos de comer, retirei os pratos e busquei a sobremesa.

Empurrei na frente dele o prato com o petit gateau acompanhado de uma bola de sorvete de creme e calda. Novamente, esperei ele degustar primeiro.

— Está bom? — perguntei em expectativa. Ele limpou a boca no guardanapo e franziu o cenho, seus lábios se torcendo num biquinho lindo e preocupante. — Thor...

— Está faltando algo.

Estiquei-me no assento.

— Davvero? — indaguei um pouco desanimada. Ele assentiu. Exalei aborrecida e levei um pedaço do meu próprio petit à boca. Mastiguei e engoli. — Para mim está ótimo. Eu tenho certeza que não me esqueci de nada — murmurei mais para mim do que para ele, não compreendendo como poderia ter errado a mão se o meu estava excelente.

— Ella? — Thor chamou atraindo minha atenção para ele. — Vem aqui.

Levantei e fui até ele, que afastou a cadeira quando me aproximei. Suas mãos pousaram em meu quadril e me revolveram, deixando-me entre ele e a mesa.

— Eu tenho certeza que não errei. Fiz tudo certinho. Deve ser somente o seu que não está bom, porque o meu está ótimo — me defendi, antes que ele falasse algo mais.

— Não disse que não estava bom. Eu disse que está faltando algo.

— Não está não, — ralhei mais frustrada ainda.

Ele sorriu, um lento e preguiçoso curvar de lábios, e então, se ergueu.

Com uma das mãos afastou meu cabelo para o lado e escovou a boca desde a pele nua de meu ombro direito até chegar a minha orelha. Sua respiração morna e o toque de seus lábios macios enviando uma onda de aquecimento através da minha coluna.

— Eu digo que está — Thor ronronou ao pé da minha orelha.

Minhas pernas vacilaram e eu me segurei nele para não cair enquanto ele ria baixinho entre os dentes. Eu, enfim, percebi onde ele estava indo, ainda assim encenei.

— O que está faltando?

Thor aprumou a postura e me fitou, com um sorriso malicioso nos lábios carnudos. Os olhos azeviches reluziam, com um brilho sutil que prometia nos levar ao inferno em instantes.

Em seguida, puxou-me para o lado e, rapidamente, limpou a mesa mantendo apenas a toalha, e então, deu-me o prato de sobremesa e me içou para a mesa, colocando-me sentada.

— Mas o quê...?

— Você não quer saber o que está faltando?

Ele retirou o prato das minhas mãos e colocou-o no tampo ao meu lado.

— Sì, ma...

Suas mãos envolveram meu rosto e sua boca baixou para a minha tomando minhas palavras. Seu beijo foi gentil, mas insistente, sua língua jogou sobre a comissura e entrou enredando-se a minha, com provocantes carícias quando parti os lábios. A paixão explodiu entre nós. Arrasadora.

Estiquei a mão e agarrei sua nuca enquanto apertava a outra em sua cintura. Uma mão dele desceu para separar minhas pernas. Eu as deixei ir dando abertura para que ele ficasse entre elas e, em seguida, a mesma mão dobrou-se na lateral do meu quadril, arrastando-me para a beirada da mesa. Em nenhum momento Thor permitiu que o contato de nossas bocas se interrompesse.

Nossas línguas e lábios continuaram explorando uma a outra com carícias molhadas.

A mão dele em meu rosto se moveu para o meu cabelo e segurou um punhado forçando minha cabeça para trás quando ele beijou o caminho abaixo à sua maneira.

Meu corpo safado floreou para a vida aquecendo-me nos pontos certos, e eu comecei a me sentir molhar entre as pernas. Thor beijou a curva superior dos meus seios exposta pelo decote e, logo depois, mordeu bem em cima do meu mamilo e depois fez o mesmo no outro. Torci os dedos em seus cabelos e fechei os olhos enquanto expulsava um fôlego, com leves ofegos e gemidos baixos.

Meus ruídos de prazer era o único som marcando o silêncio da casa.

Thor parecia estar completamente calmo e ciente do que seus toques estavam me causando. Ao contrário dele, eu estava quase me desmanchando em suas mãos e em sua boca.

Ele possuía o total controle da situação e sabia disso. Eu estava a sua mercê, entregue aos seus desejos refletidos nos meus próprios e a um fio de perder a mente quando a antecipação me engolfou ao sentir as mãos dele percorrerem minhas pernas desde as panturrilhas até as coxas. O movimento empurrando meu

vestido para cima. Seu braço contornou minha cintura e me ergueu o suficiente para sua outra mão passar o tecido pelo meu quadril.

— Estique os braços para trás e se apoie na mesa — instruiu numa voz mais grossa.

Eu fiz isso levando os braços para trás e espalmei as mãos na madeira. Ele enrolou meu vestido na cintura e, em seguida, sustentou um braço ao lado do meu corpo e colocou sua boca na minha brevemente logo a descendo para o meu queixo elevado enquanto esfregava os dedos por cima da minha calcinha. Meu sexo pulsou vívido. Thor gemeu e beliscou minha pele com os dentes.

Arfei uma e outra vez, sentindo a fome se erguer das profundidades do meu ser, batendo em meu cérebro, crepitando por minha circulação sanguínea, apertando minha vagina.

Sua boca se apartou e eu olhei para ele. Brasas ardentes queimavam em seus olhos enquanto nos encarávamos. Senti dois de seus dedos roçarem na minha virilha antes de cavarem dentro da calcinha e se curvaram em forma de anzol. E no outro instante, eu soltei um gritinho sufocado ao sentir a peça delicada ser rasgada para fora do meu corpo. Thor rapidamente tomou isso, beijando-me com fome. Derretendo-me até as vísceras. Ateando fogo no coração, antes de ele se alastrar pelos meus membros e descer se concentrando no meio das minhas coxas.

Thor recuou, me deixando mole e ofegante enquanto puxava a cadeira e tornava a se sentar.

— Abra mais as pernas para mim, amor. — Uma vez que obedeci, ele pegou o prato que tinha deixado ao lado e com os dedos pegou um pouco do sorvete e da parte molinha da torta. E, acrescentou para ele mesmo. — Agora vamos ao ingrediente que faltava.

Quase saltei da mesa quando o gelado entrou em contato com a carne sensível da minha buceta. Thor agarrou minha coxa direita, me abrindo mais, e moveu a mão em meu sexo lambuzando minhas dobras. Seu olhar era sujo, malvado e muito indecente enquanto ele fazia isso. Ele pegou mais e eu me senti muito melecada. Eu olhava ansiosa, cobiçando a boca dele com impaciência.

Thor me ofereceu um sorriso diabólico e, uma fração de segundo depois, eu gemi alto pensando que tinha morrido quando ele caiu de boca aberta na minha intimidade. Senti seu risinho lá, mas não pude me indignar, pois estava presa na teia de sensações que sua boca me enredava.

Ele chupou toda minha buceta, limpando-a e abocanhou acima, estimulando meu clitóris a sair do casulo. Em seguida, balançou a língua entre meus lábios vaginais de tal forma que me fez tremer. A carícia dessa fricção provocando uma crescente quebra de calor.

Vê-lo se fartar com meu sexo com profuso deleite me deixou mais excitada. Um gemido selvagem nasceu em meu peito. Estava sendo apanhada em uma escura e febril corrente de prazer, incapaz de clarear meus sentidos tomados pelas sensações deliciosas. Meu orgasmo estava vindo, chegando muito perto, obrigando meus quadris a se balançaram contra os lábios pecaminosos.

Para o meu total desespero, sua boca se afastou, mas antes que eu o amaldiçoasse, ele me beijou lascivo, deixando-me provar em seus lábios minha própria excitação misturada ao chocolate e ao creme do sorvete. Foi uma explosão de sabores e emoções. Eu tomei isso com mais insuflado desespero enquanto nossas mãos eram cheias de dedos um sobre o outro.

Minha necessidade foi alimentada. Eu tentei chegar até ele, porém Thor se afastou.

— Não há necessidade de pressa, amor. A maioria das coisas é melhor quando provada em pequenos bocados, incluso o sexo — ele disse, com a voz enrouquecida e rica enquanto afagava meu rosto com as pontas dos dedos. — A propósito, o petit gateau estava uma delícia, mas eu sempre vou preferir creme doce da buceta da minha mulher.

Sorri maliciosamente.

— Gostoso.

— Vem — ele disse, tirando-me da mesa.

Recomposta, ele espalmou a mão na parte baixa das minhas costas e me guiou, detendo-se no meio da sala e, em seguida, se apartou de mim. Fitei suas costas sem entender enquanto ele se inclinava para

afastar a mesinha de centro e depois pegou o controle do som.

— O que está fazendo Thor? Achei que nós fôssemos... Sabe... Terminar o que começamos.

Ele me dirigiu um olhar longo, silencioso e muito penetrante.

— Nós nem começamos, Ella — ele disse zombeteiro caminhando para mim. — Vem. Dance com o seu homem — acrescentou, ligando o som e enlaçou minha cintura, em seguida.

No Angel se derramou no ambiente e embalou nossos corpos quando começamos a nos mover. Os braços dele estavam a minha volta e suas mãos pousadas na curva da minha bunda. Ele não estava movendo-as de lá. Eu me entreguei ao ritmo sensual da música, enlaçando seu pescoço.

Balançamos devagar indo de um lado para o outro sem pressa.

De repente, suas mãos que até então se conservavam quietas percorreram o caminho acima por minha coluna, enviando correntes elétricas através das minhas terminações nervosas, e então, elas desceram, as palmas se enchendo com minha bunda, num aperto leve. Em seguida, ele acariciou.

Minha respiração intensificou.

Thor me girou deixando minhas costas contra seu peito. Com uma mão, colheu o meu cabelo para o lado e beijou do meu ombro até meu pescoço. Exalei num sopro longo, fechando os olhos para melhor apreciar o toque de seus lábios quando eles trabalharam em minha pele.

Nós ainda estávamos nos movendo na batida da música.

Estiquei um braço para cima e curvei a mão na nuca dele. As mãos de Thor estavam firmes nas laterais do meu quadril mantendo-me para a pressão de sua pélvis contra a minha bunda. Muito consciente da ereção dele. Eu ronronei como uma gata manhosa e rebolei devagar contra aquela gostosura. Thor grunhiu e me deu um chupão forte, lambeu e mordiscou.

Ele ascendeu um pouco mais. Com um movimento que fez com que meu estômago se esticasse e agitasse de necessidade. Girei a cabeça e chamei seus lábios sobre os meus.

Não havia pressa, nenhuma demanda. Apenas um deleite contínuo.

Thor abrandou o beijo, movendo-se para o lado e abaixo em meu ombro ao mesmo tempo em que ele abria o zíper do meu vestido. Sua mão acariciou meu ombro, antes dos dedos segurarem as alças finas e deslizá-las para baixo. Empurrando o tecido, amontoado-o em minha cintura.

Meus seios estavam inchados e pesados.

Thor subiu uma palma por minha barriga, fazendo-a tremer, e meus mamilos endurecerem em expectativa. Ele contornou a curva do meu seio esquerdo. Sua mão se moldou a ele e eu me empurrei contra para aumentar a pressão do tato. A outra mão dele subiu pelo meu flanco e tomou o outro seio. Elas amassavam meus seios, empurrando e movendo-os para cima.

— Firmes e macios. Eu amo os seus seios. São tão tenros e cremosos, neném. E perfeitos para as minhas mãos. Quero gozar neles — ele sussurrou cálido no meu ouvido. — E, porra, os mamilos estão tão durinhos e quentes, que minha boca está salivando para chupá-los.

— Faça isso Thor...

— Gosta quando eu os chupo, neném? Quer minha língua contornando esses biquinhos? Ou quer meu pau fodendo eles e os marcando com minha porra?

— Eu quero tudo — murmurei com a voz rouca pelo tesão. — Chupe meus peitos Thor... Tome-os para si, ti prego. Io adoro quando coloca sua boca neles... quando faz tudo com eles.

Ele praguejou baixinho e com um movimento fluido virou-me de frente para ele, mantendo um braço ao meu redor. Sua cabeça inclinou para baixo e eu exalei pesado num só fôlego ao senti-lo capturar um. A língua dele balançou sobre os meus mamilos. Agarrei seu cabelo, gemendo.

Finalmente, ele abocanhou um chupando forte e eu gritei quando a sensação afiada, como um raio de seda líquida, viajou até meus dedos. Thor atormentou meu mamilo e se moveu para o outro com a mesma dedicação desprendida. Suas sugadas se voltando mais intensas e mais vorazes a cada segundo. Eu cantarolei seu nome não podendo deter que a palavra me saltasse os lábios.

Mesmo seu cabelo, os fios longos e sedosos, despertavam emoções em meu corpo.

— Merda, Thor! Continue fazendo assim...

Meu centro palpitava. Estava impossivelmente mais molhada e dolorida.

Thor trabalhou as mãos sobre meu vestido e empurrou-o abaixo. Icei um pé para fora e depois o outro. Livre do tecido, Thor fez o caminho de volta para a minha boca e, em seguida, passou os braços por debaixo das minhas pernas e me levantou para o seu peito.

A maciez do sofá acomodou meu corpo quando ele me depositou ali numa posição parcialmente deitada. Almofadas fofas estavam contra as minhas costas.

Não havia inibição em mim, apenas desejo abrasivo quando abaixei os dedos e comecei a esfregar meu clitóris lentamente enquanto observava Thor se despir da camisa. Ele olhou para meu rosto e depois para o meu sexo, com uma fome crua e primitiva torcendo seu rosto bonito.

— Puta que pariu — ele grunhiu.

Em uma batida de coração, ele caiu de joelhos na minha frente, afastou minha mão e espalhou minhas pernas mais amplas. Ele não desperdiçou um segundo, cobrindo meu sexo com seus lábios, a língua lavando de cima abaixo. Comendo-me. Adicionando uma tormenta furiosa em meu desejo.

— Oh, merda! Seu maldito gostoso — gemi, enroscando as mãos em seu cabelo, puxando-o para mais perto e impulsionando o quadril para frente ao mesmo tempo.

Thor me recompensou com uma chupada em meu clitóris, tal e como eu gostava. Depois arrastou a língua entre as minhas dobras. Meu quadril se moveu sozinho quando ele fez de novo e de novo. Chamas me lambiam toda, ondulando sob a minha pele com um prazer angustiante. Ele balançou a língua a sua maneira sobre e em torno da minha intimidade até que ela pulsava contra a sua carne.

— Os dedos... use os dedos, vadio — desesperei sentindo meu clímax se construir.

Dois longos dedos me golpearam, fustigando em meu canal em um ritmo crescente enquanto a boca rodeando meu ponto de prazer chupava firme. Fechei as pernas contra sua cabeça e puxei seu cabelo enquanto balançava os quadris. Retorcendo-me contra ele quando os espasmos arrasadores começaram lá no fundo e subiram, apertando meu corpo então se espalhou numa explosão.

Arquei as costas quando o gemido de libertação rasgou atravessando minha garganta. Estava tesa, meus músculos apertados enquanto a onda me quebrava.

Thor continuou a sugar e lamber à medida que seus dedos martelavam dentro, prolongando a sensação cortante até que amoleci como se não houvesse ossos em meu corpo, com minha respiração vindo em jorros irregulares. Ele me dedicou uma última chupada forte.

Estremeci, me encolhendo.

— Deliciosa, neném — Thor ronronou se colocando de pé para tirar a calça.

Eu quis dar a ele o mesmo prazer quando observei sua nudez, o pênis duro como uma pedra me chamando com um apontamento nervoso.

Thor se apressou para mim e eu o fiz se sentar.

Eu não prolonguei a espera e desci a boca em sua pele trabalhando todo o caminho para baixo até que estive ajoelhada entre as suas pernas. Deslizei as mãos por suas coxas sentindo os pelos negros e os músculos poderosos embaixo das minhas palmas e segurei *meu* pênis. Dobrei-me para frente e lambi a cabeça púrpura, cobrindo minha língua com seu pré-sêmen então suguei toda ela.

— Merda — Thor gemeu pendendo a cabeça contra o respaldo, com os punhos cerrados ao lado das pernas. Sua expressão estava rígida marcando seus traços. Lambi abaixo todo seu eixo e voltei para a ponta. — Leve tudo em sua boca. Justo assim, neném.

Umedeci os lábios e abrindo-os mais levei para dentro tudo que pude dele, chupando e babando ao seu redor enquanto a língua brincava na pele abaixo. Sustentei seu eixo para cima e lavei suas bolas em minha língua, recolhendo uma e depois a outra em minha boca, com sucções leves. Thor endureceu as coxas e impulsionou para cima enquanto vaiava entre os dentes. Em seguida, regressei minha audiência

para sua carne dura, relaxando a garganta para que pudesse tomar o máximo dele.

Ele era quente, duro e acetinado na minha boca. Mesmo seu cheiro era delicioso.

Seus quadris começaram a balançar e eu o deixei fazer a sua maneira, espalmando as mãos em suas coxas e mantendo minha boca bem aberta enquanto chupava e lambia, e ele investia dentro ao mesmo tempo. O gemido dele ecoou nos meus ouvidos, satisfazendo-me, incendiando minha libido e eu o puxei mais fundo quando a confiança se agarrou na parte detrás da minha garganta.

— Deus, Antonella — ele gemeu. — Isso mesmo, querida. Leve mais fundo. Amo sentir você, sua boca rodeando meu pau... tão faminta e quente. Mais rápido. Chupe isso fundo.

Eu chupei tudo quanto pude, levando-o profundamente, chupando de volta quando ele se retirava, molhando sua carne aquecida com minha saliva. Ele estava chegando, crescendo em meus lábios. Inchando mais e mais. Cada pulsar era como o disparo de um arpão em meu sexo.

Suas mãos se embrenharam em meu cabelo e eu estremeci em antecipação.

— Basta — ele rosnou puxando para longe e afastou as mãos com uma indo agarrar seu pau, mantendo-o em pé num convite. — Vem aqui querida.

— Eu adoro o gosto do seu pau — ronronei lambendo os lábios com prazer.

— Amo que goste, baby. Mais tarde você pode ter mais dele em sua boca. Agora venha aqui.

Eu fui sentando escarranchada em seu colo, envolvi sua ereção em meus dedos e ancorei a outra mão no ombro dele enquanto levantava meu quadril. Meus olhos viajaram entre nossos corpos quando arrastei a ponta inchada contra minhas dobras. Encaixei a cabeça na minha entrada, a pressão quase insuportável, quente e úmida, soltei seu eixo e segurei firme nos ombros dele.

Meu quadril desceu e o dele subiu ao mesmo tempo enterrando-o fundo do meu sexo.

Eu gritei, mal podendo ouvir o eco do gemido dele. Era dolorosamente bom. O estiramento forçado dos meus músculos se abrindo e se fechando em torno dele. Calor irradiava do ponto onde estávamos conectados convertendo-se em uma encorpada cera de luxúria atravessando meus nervos.

Muito gostoso, porém intenso demais. Ainda assim, eu estava faminta.

Minhas mãos envolveram a cabeça dele, nossas bocas flutuando perto o bastante para respirarmos o mesmo ar, olho no olho quando comecei a me balançar em cima dele com lentos e ascendentes movimentos, tomando-o mais fundo a cada descida. Thor me beijou brandamente, e então, rasgou para o lado trabalhando a sua maneira em meu pescoço, clavícula, seios... Curvei-me lhe dando mais e minha cabeça caiu para trás enquanto aumentava meus próprios movimentos, meus seios balançando livres. Tinha o lábio inferior enrolado entre os dentes e os olhos fechados.

As sensações crescendo gradativamente. Somando. Era tudo. Seu pau deslizando dentro-e-fora acariciando meus nervos tenros, sua boca sobre a minha pele, as pontas do meu cabelo roçando na parte baixa das minhas costas. Seu calor e seu perfume se elevavam sobre mim.

— Me cavalgue assim, baby.

Inclinei a cabeça de lado, meu cabelo balançando na lateral do meu corpo quando fixei em Thor através da nevoa luxuriosa em meus olhos.

— Mmmm... Isso é tão gostoso... *você* é muito gostoso, Thor. Adoro como seu pau pulsa dentro de mim... Oh, sim! Eu gosto muito quando ele faz assim.

O comichão apertado chiando em meu útero instigou meu quadril mais duro. Firmei os braços em torno do pescoço dele e plantei os pés no sofá quando passei a montá-lo mais difícil, rebolando algumas vezes com ele enterrado até o fundo, e então, me concentrei em apenas subir e descer.

Murmúrios de dor e prazer ecoavam dos meus lábios, meu coração galopava mais forte a cada minuto conforme o empalava mais duro, minha respiração tropeçava e minha pele formigava.

As mãos dele espalmaram em minha bunda quando fiquei mais frenética, balançando mais eufórica contra ele sem muito cuidado. Eu resmunguei num chiado frustrado.

— Vá gostoso e devagar, neném. Não quero que se machuque. Apenas prazer

— Assim?

— Isso gostosa. Engole meu pau justo assim.

Contraí os músculos internos contra ele e Thor gemeu. Eu podia o sentir tentando se controlar, mesmo quando seu pau se rebelava dentro de mim, inchando, crescendo impossivelmente maior.

Suas mãos em meu traseiro me ajudaram nos movimentos ao mesmo tempo em que seu quadril arremetia para cima, encontrando os meus golpes, a ponta grossa de seu pênis atingindo nervos sensíveis dentro de mim. Tão fundo, tão dentro. Ele parou *de repente* e puxou para a beirada do sofá.

Seus olhos brilharam quando ele me olhou.

— Enrole suas pernas em mim, amor — pediu numa voz tensa.

Eu obedeci e ele alavancou para cima, em seguida, começou a caminhar para a escada.

— Thor...

— Eu não vou deixar você cair, baby. Apenas se segure em mim e permaneça quieta. Você pode confiar em mim sobre isso?

Empurrei a cabeça para trás para olhá-lo.

— Sì.

Ele assentiu sorrindo, e então, estávamos subindo a escada, o movimento fazendo seu pau ainda enterrado dentro de mim se mexer a cada degrau. Era uma sensação boa, mas angustiante.

Uma vez no quarto, Thor me deitou de costas sobre a cama e eu chorei pela perda de contato devido ao movimento, que ele teve de fazer, porém ele ainda estava lá entre as minhas pernas.

— Calma neném — ele disse suavizando o olhar sobre mim. — Não há nada mais no mundo que eu queira do que estar dentro de você, mas preciso de um momento aqui. Estou a um fio e não quero gozar logo na primeira metida — acrescentou num tom endurecido.

Envolvi as pernas em seu quadril trancando os tornozelos na parte baixa das suas costas quando ele cobriu o meu corpo, sustentando o peso com os braços em cada lado da minha cabeça.

— Eu não dou à mínima — teimei chorosa. — Podemos fazer isso quantas vezes quiser, apenas continue me fodendo. Per favore, Thor. Você quer que eu implore?

Ele estava beijando meu rosto, me cheirando, ignorando meus choramingos.

— Nossa, você é tão incrível. Faz-me arder de desejo, amor. Eu sempre quero estar dentro de você não importa de que jeito. E não, eu não quero que me implore.

— Então faça isso agora mesmo, cazzo!

Ele riu entre dentes.

— Apressadinha.

Sua boca me reivindicou e eu cedi enquanto minhas unhas puniam suas costas pela demora, mesmo assim ele continuou me beijando a sua maneira, enredando-me pouco a pouco.

Foi só um momento depois que senti seu braço escorregar entre nós, e então, ele estava empurrando dentro de novo. Eu suspirei de alívio em seus lábios. Ele saiu e voltou até que instalou um ritmo regular, com rasas e crescentes apunhaladas, mergulhando em meu canal.

— Não pare Thor — afligi-me quando ele diminuiu mantendo um ritmo brando.

— Oh, neném, eu não vou parar nem que me rogue por isso. Não quando esperei por dias para te sentir assim. Está tão fodidamente apertada ao meu redor. Cacete, baby! Eu adoro.

Revolvi-me em baixo dele, apertando-o dentro enquanto tentava acompanhá-lo. A sensação aquecida em meu ventre aumentando, crepitando até que um frisson me dominou.

— Mais! Faça mais forte, Thor. Mais rápido... Daquele mesmo jeito.

— Espere — ele grunhiu.

— Ohh, não... Deixa de ser malvado Thor... N-nós precisamos de mais...

— Quero fazer isso bom para nós dois, neném. Aproveitar cada segundo enquanto eu te amo como merece. Eu prometo, vai ser gostoso — ele pediu entre dentes e as feições marcadas.

— Assim não! Faça rápido e duro Thor... por favor!

O olhar que ele me lançou foi tão cruel, primitivo e sombrio, que meu coração vacilou e por um momento eu me esqueci de como respirar. Eu o quis inteiro dentro de mim.

— Por que você nunca me obedece? — ele indagou ofegante em um tom severo. — Mas eu vou te ensinar a obedecer a seu homem, my bitch. É isso aqui que você quer?

Ele angulou o quadril mergulhando ainda mais dentro de mim. Mantive uma mão em sua nuca e subi a outra espalmando na cabeceira. Thor puxou para trás e, em seguida, empurrou para frente, fazendo uma pausa a cada impulso que ele dava dentro, sua pélvis pressionando e atormentando o meu clitóris no processo. Suas mãos agarraram minha cabeça e seu olhar me capturou.

Meus ofegos, gemidos e murmúrios encheram o ar misturando-se a sinfonia molhada de nossos corpos se encontrando, dos beijos ardentes que trocávamos. Tê-lo me fodendo assim, olho no olho, apenas tornava o ato mais intenso. O fogo chamuscando em seu olhar me deixava com febre e estabanada quando comecei a mover também, buscando e recebendo o que ele me dava.

Quase lutamos, apesar de o esforço ser por uma mesma causa. Nossos corpos guerreando para obter o máximo do outro, mais pressão, golpeando, frenéticos e empurrando um ao outro...

— Vem comigo, amor. Eu estou lá. Estou gozando. Me fode.

Justo quando ele começou a vir jorrando dentro a cada apunhalada certeira, pressionando tão duramente e firme contra meu clitóris, que foi como se um fósforo dentro de mim fosse riscado sobre a pilha de sensações infláveis acumuladas naquele ponto, e então, eu estava queimando viva.

Minhas costas saíram da cama, espremendo meus seios contra o sólido peito masculino sobre mim, enquanto curvava minha cabeça, afundando-a no travesseiro, com os olhos fechados e os lábios abertos. Seu nome irrompeu minha garganta. Estilhaçada. Aniquilada. Um orgasmo demolidor, que pulverizou minha mente e por um momento fez eu me perder no prazer, até que os golpes de Thor ainda roçando sobre meu ponto sensível me trouxe a tona, novamente. Ele seguia me enchendo, moendo dentro de mim, seu martelar fazendo disparar rasgos de prazer, que me fizeram brigar contra ele, encolher e agarrar-me a ele, e convulsionar ao mesmo tempo.

Era muito. Sensações intensamente genuínas.

Uma vez que ele parou desabando em cima de mim, eu estava tremendo, suada, o coração pulsava na pele e minha respiração tremulando. Alta e errática. Eu fiquei parada, abraçada a Thor, com minhas pernas moles espalhadas para os lados, trabalhando na normalização do meu corpo antes que entrasse em colapso. Thor me acompanhava.

Longos segundos ou minutos talvez, não sei ao certo, se passaram quando o relaxamento pousou de maneira densa sobre mim e soltou meus músculos.

Flutuando. Satisfeita. Completamente saciada e feliz.

Estava tomada por absoluto contentamento. E eu sabia. Thor estava comigo.

Ele retrocedeu o quadril e se retirou do meu canal quando seu peso começou a se sentir demais em cima de mim, e então, ele caiu para o lado. Senti seu sêmen entre as minhas pernas.

Girei a cabeça na direção dele e ele moveu a sua para mim ao mesmo tempo. Nossos sorrisos se cumprimentando. Sua mão esticou, os dedos acompanhando os contornos do meu rosto numa carícia tenra enquanto nos encarávamos em silêncio. Seu olhar era cálido e havia tanto amor e veneração neles, que meu coração danou a disparar.

Thor se dobrou ao mesmo tempo em que segurava meu rosto para o seu beijo.

Foi breve, calmo e devoto.

Minha barriga ficou fria e eu derreti em seus lábios.

— Eu te amo tanto Antonella Vicenti. É um sentimento tão intenso que às vezes eu penso que não vou suportar. É amor demais... Desejo demais... Um bem querer que não tem fim. E a cada dia que passamos juntos, mesmo quando brigamos esse sentimento só faz aumentar, como se ele já não fosse grande demais

a ponto de fazer meu peito doer. Me enlouquece, neném.

— Eu não deveria..., mas eu gosto de você — declarei num impulso incontrolável, não podendo disfarçar meu alívio por ter dito as palavras.

Thor me olhou fixamente, um penetrante e profundo olhar, que fez minha alma suspirar.

— Eu não tenho pressa Antonella.

Capítulo 36

A viagem de volta foi mais cansativa que a ida, sobretudo, porque Thor não me deu descanso até pouco antes de embarcarmos de volta para a Califórnia. Ele tinha estado mais fogoso do que de costume nos nossos últimos dias no Havaí e eu, como sempre, o segui de bom grado.

Chegamos à mansão ainda de madrugada, mortos para cair na cama e dormir uma vida. O silêncio teria passado batido quando atravessamos a sala em direção à escada, se não fosse pelo risinho baixo de Pietra. Thor acendeu as luzes e meio que pirou ao se deparar com a irmã e Nathan enrolados no tapete. Nada anormal para um casal de namorados. Mas Thor, bem, era Thor.

Ele passou um sermão nos pompinhos-no-cio e, em seguida, me arrastou para o quarto.

— Acha isso engraçado?

Ele tinha questionado bravo quando não me aguentei e caí na risada.

— Thor vê a ironia da situação? Eles não estavam fazendo nada realmente, pelo menos nada que você e eu não faríamos, a propósito, fizemos aos montes e um pouco mais no Havaí.

— Porra, Antonella! Sério isso? Se sua intenção é me deixar mais puto, continue caralho — ele tinha grunhido no momento seguinte e eu agarrei toda minha força de vontade para não rir. — Eu já falei com eles e não vou me impor nesse namoro, mas ela é a fodida da minha irmã...

— Realmente, ela é *fodida*. — Foi mais forte do que eu.

Ele xingou, blasfemou, amaldiçoou e eu achei melhor deixá-lo com seu chilique, embora o riso me fosse espontâneo. Nunca tinha visto Thor resmungar tanto quanto nessa noite. Definitivamente, ele ficava muito sexy com ciúmes. Tomamos banho e nos deitamos, e, enfim, ele sossegou.

Na manhã seguinte quando despertei, ele não estava na cama, até pensei que ainda estava bravo pelo que falei na outra noite. Isso até passar os dedos no travesseiro dele e achar um papel.

Forcei as pálpebras sonolentas e esfreguei os olhos, em seguida, li o bilhete.

Bom dia meu amor,

Desculpe por não estar ao seu lado quando acordar, todavia, recebi uma ligação de madrugada e tive de viajar em seguida. Gostaria de ter me despedido, mas você dormia tão tranquilamente que achei um crime te acordar. Então desfaça esse bico lindo e não faça nada que eu desaprovaria.

Volto logo.

Thor

PS: ainda estou aborrecido por sua chacota de ontem.

PS^2: eu te amo!

Meu sorriso rasgou a cara enquanto apertava o papel entre os dedos e o trazia junto ao meu peito ao mesmo tempo em que abraçava o travesseiro dele e enfiei meu rosto nele.

Seu perfume, o almíscar gostoso estava impregnado no tecido. Inalei profundo enchendo os pulmões e relaxei envolvida por seu aroma, tornando a fechar os olhos.

— Terra para Antonella. — A voz veio de longe. Uma. Duas. Três vezes. Arrastada, deformada e muito próxima ao meu rosto, agitando minhas pálpebras que tremularam abertas.

A primeira coisa que vi foi um par de olhos negros grandes demais. A segunda coisa que senti foi meu traseiro bater no chão quando pulei assustada, com meu coração escalando a goela.

Pietra riu às gargalhadas.

— PORCA PUTTANA, PIETRA. TI AMMAZZO, STRONZA[70]!

Levantei do chão agarrando a borda da cama como apoio enquanto a cadela se acabava de rir em cima da minha cama. Esfreguei meu traseiro dolorido e a assassinei com os olhos.

— Jesus Cristo, Amada! Se fosse fisicamente possível acho que você tinha grudado no tento com unhas e dentes — ela debochou em meio aos risinhos bestas. — Você tinha de ver sua cara. Foi hilária! Eu tinha de ter filmado isso para jogar no *YouTube*.

— Não estou achando graça nenhuma nisso!

— Isso porque você não tem senso de humor. — E acrescentou fazendo mímica. — Aposto que se fosse Thor, você teria pulado em cima dele e o enchido de beijinhos.

Peguei o travesseiro, que eu tinha levado para o chão comigo, e acertei a cara dela.

— Ai, cazzo! Perché l'hai fatto[71]?

— Porque eu não tenho senso de humor — devolvi sarcástica. — O que você veio fazer aqui tão cedo? Me assombrando com sua cara feia, eh?

— Cedo? Eu não sei em que fuso você está, mas aqui já passamos da hora do almoço.

Consultei as horas apenas para ter certeza de que ela não estava me sacaneando.

Três da tarde.

Corri os dedos pelo cabelo ainda estupefata por ter dormido tanto.

— Eu só não vim antes porque imaginei que você estivesse muito cansada da viagem, porém como demorou a despertar do seu sono da beleza, eu achei melhor vim te acordar... — Arqueei a sobrancelha. — Va bene! Admito. Não foi só por isso. Estou quase enfartando de curiosidade para saber o que você trouxe pra mim. E eu espero que seja muuuuita coisa!

— Interesseira.

— Eu quero meus presentes, também — disse Josie se juntando a nós.

Alternei meu olhar entre as duas pilantras me dando conta do lei que ambas levavam no pescoço.

— Um deles vocês já pegaram, não?

— Estava lá dando bobeira — as duas disseram em uníssono.

— Dá pra acreditar que essa cadela foi ao Havaí? Olhe só para a cor dela!

Abri um sorriso de orelha a orelha para Josie.

— Pior foi aquele traidor do meu irmão não me contar que tínhamos casa lá, do contrário, nós três já teríamos zarpado para o Havaí há muito tempo.

Sentei na cama com as pernas cruzadas e gesticulei para Pietra.

— Foi o que pensei. Nós temos de ir para lá garotas! Vocês não têm noção de como aquele lugar é lindo. Não, espera... Lindo não faz justiça ao lugar. É perfeito de doer os olhos!

Pietra assentiu.

— D'accordo!

— Okay, okay... — Josie alardeou as mãos — Chega dessa conversinha! Queremos presentes, queremos as fotos e queremos a fofoca!

— Nesta mesma ordem — assinalou Pietra.

Saí da cama e ergui as mãos em rendição.

— Eu vou tomar banho primeiro e depois seguimos a cartilha. Que tal?

Elas balançaram as cabeças frenéticas em concordância, feito duas garotinhas esperando ansiosas por um pedaço do bolo de chocolate. Ri entre dentes caminhando para o banheiro.

— Mas vá rápido. Minha curiosidade está me virando do avesso — Pietra avisou.

Coloquei os olhos em branco sabendo que teria de incorporar o The Flash se não quisesse que ela assaltasse minhas malas. Paciência e Pietra eram inimigos íntimos.

— Sabe que Thor resmungou até tarde ontem? Achei que ele teria um ataque do coração.

Pietra riu descarada.

— Se sei. Agora vaza! Xô, xô, xô!

Mostrei a língua para ela e entrei no banheiro, mas meu estômago roncando obrigou-me a voltar e eu empurrei a cabeça pela fresta da porta ainda aberta.

— Podem pedir algo para eu comer enquanto isso? Per favore?

— ANTONELLA!

Mostrei o dedo para elas e entrei no banheiro me acabando de rir. Não me demorei na ducha, também estava eufórica para botar a fofoca em dia. Escovei os dentes e penteei o cabelo.

Quando sai flagrei Pietra indo abrir uma das malas estocada do lado da cômoda.

— Se isso fosse crime, você estaria sendo presa agora mesmo. — Ela se sobressaltou, me olhando com um beicinho ensaiado. Josie estava na cama, mas os olhinhos verdes pidões muito vulneráveis. Suspirei rendida e sacudi as mãos. — Vão em frente!

Josie saltou indo até a *Srta. Apressadinha* e bateram as mãos juntas com um gritinho histérico.

— Você etiquetou? — Pietra especulou sem me olhar enquanto abria a mala.

— Sim. Eu vou me trocar e... — parei de falar quando percebi que elas sequer me ouviam.

Logo estávamos empoleiradas em minha cama enquanto eu me dividia entre comer meu lanche reforçado e as colocar a par da viagem. Ocultei algumas coisas, eu admito.

Descobri que os caras também tinham viajado com Thor, contudo, nem uma das meninas conhecia o motivo da viagem. O que não era de se estranhar.

Passei um bom momento com as minhas garotas apenas jogando conversa fora e apresentando a elas o verdadeiro Maitai, que Alana tinha me passado a receita.

Muito mais tarde, em meu quarto, falei com mamma pelo Skype por uns bons minutos e troquei duas palavras com meu pai. Thor me ligou, também. O que me agradou muitíssimo.

Não tinha como negar que eu sentia a ausência dele. Todas minhas células gritavam por Thor e só se acalmavam quando ele estava por perto. Eu mesma já tinha me acostumado com sua presença constante, com o som da sua voz e até do seu olhar sobre mim eu sentia falta.

Não era só o sexo com ele que me satisfazia. Eu sentia prazer apenas por estar do lado dele e isso era apavorante para mim. Recusava-me a ficar dependente de outra pessoa que não fosse eu mesma.

Gostava dele, porém não queria alimentar falsas ilusões em relação ao que ele e eu tínhamos.

Estava bom da maneira que estávamos e isso bastava para mim.

Aos poucos eu retomei a minha rotina e Pietra me ajudou com meus trabalhos extras devido as minhas férias antecipadas. Quase todos os dias Thor me ligava e passávamos horas conversando.

Mio papà também estava me pressionando com seu ultimato para ir à Itália.

Os dias foram se arrastando, diminuindo a marcha e meu ânimo. Não sei se pelos muitos trabalhos do curso, pela pressão do meu pai ou pela falta que sentia de Thor, notei que meu nível de estresse subiu e comecei a ter insônia. Estava trocando o dia pela noite e as consequências disso era sentida no meu dia a dia. O que me rendeu algumas broncas por dormir na sala de aula.

Eu não tinha culpa se havia um montão em minha cabeça. Minha vida não era fácil.

No final da terceira semana eu estava mais ansiosa do que o normal e não era para menos, Thor iria chegar. Meu humor foi nas alturas quando vi pela janela do meu quarto a SUV preta entrar pelos portões. Entretanto, para minha decepção apenas Nathan retornou.

Por mais que eu tentasse perguntar a ele sobre aquele salafrário, Nathan não me dava nenhuma informação que prestasse. Até Eric havia voltado dois dias após a chegada de Nathan, mas nada daquele figlio di puttana aparecer, nem me ligar mais ele ligava. Cretino!

Se ele tinha voltado para o Tennessee de vez, por que não me avisou?

— AMADA!

Fuzilei Pietra com meu olhar assassino.

— Pietra, se você gritar comigo novamente, eu juro por Dio que te quebro a cara!

Ela, ultimamente, estava com essa mania feia de ficar gritando no pé do meu ouvido.

Estávamos na sala conversando, quero dizer, ela, Josie e os namoradinhos delas eram quem estavam tagarelando, pois minha cabeça estava em outro planeta.

— Ui, perigosa — ela zombou, e sentou-se no colo de Nathan, provavelmente, já se certificando de que ele a defenderia de um possível ataque meu.

Tratei de respirar fundo, ignorando a piadinha dela e os risinhos baixos daqueles palhaços. Levantei pronta para sair dali antes que minha paciência fosse para o ralo de vez.

— Ei! Eu estou brincando — ela disse, segurando meu braço quando passei por ela.

— Okay — murmurei seca com um olhar nada amistoso.

— Senti, nós vamos sair hoje, — ela gesticulou para Eric e Josie. — Vamos ver o show do Ed Sheeran e depois vamos dar uma esticadinha até um clube de um amigo dos caras...

— No, grazie — neguei me soltando dela.

— Ah, qual é Ella? Vai dizer que você não gosta dele e que não está doida para sair?

— Eu gosto. O que eu não gosto é de sobrar. Ser vela não é o meu forte, sabe?

Dei-lhe as costas e comecei a me dirigir para a escada.

— Ele vai voltar — ela disse baixinho andando atrás de mim. Suspirei cansada freando meus passos e me voltei para ela. — Você sabe. Thor não iria sem te dizer adeus.

— E quem te disse que eu estou dando à mínima se ele vai voltar ou não?

— Antonella... Qual é? Sou eu, Pietra! Não precisa mentir para mim.

— Prazer, Antonella.

— Não banque a idiota.

— Escuta Pietra, eu não estou a fim de papo agora, va bene? Eu só quero ir para o meu quarto e ficar sozinha sem ninguém me perturbando. Será que é *tão* difícil entender isso? Eu não estou pedindo nada demais. Ou estou? — Minha garganta fechou e os olhos pinicaram, porém me controlei, irritando-me mais. — Se seu irmão vai voltar ou não é problema dele. Eu não tenho nada com ele, portanto, ele pode fazer o que quiser da vida dele. Eu realmente não me importo se ele retornou para a puta que pariu ou se ele foi morar no quinto dos infernos.

— Thor deve ter uma boa explicação...

— Urgh! — grunhi, jogando os braços para cima e lhe dei as costas, novamente.

Bati a porta do meu quarto e a fechei com chave apenas no caso de Pietra não ter entendido a mensagem de me deixar em paz e vir me encher a paciência que eu não tinha.

Caí na cama e com gestos bruscos das minhas mãos limpei as lágrimas idiotas, que insistiam em sair dos meus olhos, todavia, não adiantou muito e eu desatei a chorar em silêncio.

Quem disse que eu me importo se o maledetto vai voltar ou não?

Ele que fique aonde quer que esteja e com quem esteja.

Forcei as malditas lágrimas para longe, com certo esforço devo acrescentar, mordida de raiva.

Aquele cretino de merda iria se ver comigo se ele se atrevesse a dar as caras por aqui.

Eu iria parti-lo ao meio, ou melhor, iria picar ele em pedacinhos e só deixaria inteiro o pau dele, e o empalharia depois, pelo menos essa parte serviria para alguma coisa.

Seria uma morte cruel e bem dolorosa de preferência.

Capítulo 37

THOR

Maio

Um mês. Apenas trinta dias, que pareciam serem anos, era o tempo que levei longe do meu anjo diabólico. O trabalho na Alemanha tinha tomado mais tempo do que eu supus e, bem, eu tinha deveres que não podiam ser adiados por mais que quisesse.

Enquanto Benjamin dirigia para a mansão, eu pensei na reação *dela* quando me visse.

Sorri de leve me sentindo mais ansioso.

Verdade seja dia, aquela boquinha suja dela me enervava e excitava, e eu estava mais do que preparado para ouvir seus xingamentos somente para depois ter a chance de amansá-la da maneira que ambos gostávamos. Fodendo-a. Tínhamos um mês de abstinência para compensar.

Passava das sete horas quando entrei na mansão e franzi o cenho para o silêncio, estranhando a falta de ação. Elas não perderiam a oportunidade de fazer qualquer festa sem supervisão e era sexta-feira. Embora Nathan estivesse hospedado em casa, ele não era páreo para aquelas duas loucas. Não obstante, aquele molenga sempre fazia tudo que a tempestuosa da minha irmãzinha queria.

Castellammare, Castellammare... Você também não fica muito atrás dele, camarada.

Alarguei o sorriso sabendo que também era um molenga quando se tratava de Ella, que sabia me dobrar como ninguém quando queria algo de mim. Mas eu procurava ser o mais razoável quanto possível, também não podia ceder a tudo, somente aquilo que eu achava que era bom para ela.

Deixá-la pensar que tinha o controle era bom, evitava-me muitas dores de cabeça.

Meu coração pulsou mais forte e eu comecei a me sentir nervoso. Era ridículo ter essa reação por estar a poucos minutos de vê-la. Porém Antonella me fazia sentir assim, de volta a adolescência.

Quando pisei na sala encontrei Nathan e Pietra entrando na mesma, vindo da área externa.

— Thor! Oh, meu Deus! Nem acredito que você está aqui.

Ela correu para mim e pulou em meu pescoço.

— Isso tudo é porque sentiu minha falta?

— Você é o desnaturado não eu — burlou-se.

Com meu braço ainda a sua volta, puxei-a contra mim e dei um beijo em sua cabeça.

— E aí cara?

Soltei Pietra e abracei Nathan, dando tapinhas em suas costas.

— Tudo certo, Nathan. — Eu disse sucinto, sabendo que ele havia entendido.

Ele assentiu num gesto lento.

— Espero que agora com você em casa, você possa dar um jeito na Amada.

Endureci, contraindo o olhar sobre ela.

— Por quê? O que aconteceu?

— Bem, ela anda meio estranha e com um humor pra lá de sinistro.

— O que quer dizer?

— Ah, Thor, você vai ver com seus próprios olhos.

— Certo, certo... Eu vou subir, tomar um banho e depois vou vê-la. Ela está no quarto?

— Onde mais ela estaria? Aquilo lá virou um santuário agora!

Ignorei o comentário dela e subi para o quarto certo de que se algo grave realmente tivesse acontecido isso já seria de meu conhecimento. Elas deveriam ter discutido ou alguma dessas merdas que as garotas gostam de fazer. E, bem, Pietra era o drama em pessoa.

Tomei uma ducha demorada e fiz a barba, e quando vestido fui ao quarto de Antonella.

Preparado para o esculacho dela, eu entrei sem bater e qual foi minha surpresa.

— Thor!

Estupefato, eu a assisti saltar da cama com um sorriso amplo e correr para mim, se jogando em meus braços. Eu a peguei, mas com a mesma rapidez que ela veio, ela se foi com uma careta.

Franzi o cenho e estiquei a mão para ela.

— Ella?

Era bom demais para ser verdade.

— Per Dio, Thor! Fique onde está agora mesmo — ela ralhou quando dei um passo em sua direção. *Certo, certo, primeiro os xingamentos.* — Sério Heithor? Se você estava com dó de gastar era só me falar que eu mesma comprava uma loção descente pra você. Não precisava usar uma vencida, cazzo!

Ela estava brava?

— O quê? Cacete, não! Martha não compraria nada vencido, nem eu.

— Eu não tenho muita certeza disso — ela resmungou, franzindo o nariz. — Você está fedendo!

Mas que porra era essa? Nós estávamos mesmo discutindo sobre minha loção?

— Baby, pare com isso. Não está nada vencido, nem fedendo. Você gosta dessa loção... Deixa de besteira e vem aqui neném. Estou morrendo para te beijar.

— De jeito nenhum!

— O que está acontecendo? Pietra disse que você estava estranha. O que foi? Sabe que pode falar qualquer coisa comigo, certo? Tem alguma coisa acontecendo?

Ela empertigou os ombros.

— Niente. Perché?

Eu dei mais um passo à frente e ela retrocedeu outro.

— Como por quê? Você me abraça e depois se afasta dizendo que minha loção está vencida, e ainda pergunta por quê? Escuta, eu estou maluco de saudades e não era esse tratamento que eu esperava receber quando chegasse em casa, — *tirando os xingamentos que ainda não vieram.*

— Scusa. Mas essa sua loção está vencida.

— Eu vou tomar outro banho — murmurei, sacudindo a cabeça, cético de que isso estava realmente acontecendo.

— E não passe loção — a escutei dizer antes que eu fechasse a porta do quarto.

Entrei no meu quarto sem saber o que pensar sobre a atitude dela e resolvi não pensar em nada, embora checasse minha loção apenas para ter certeza que ela não estava vencida. E não estava.

Ella deve estar naqueles períodos loucos que as mulheres tinham.

Tomei outro banho e desta vez não passei nada exceto desodorante.

Logo em seguida retornei ao quarto. Mal tinha entrado e ela novamente pulou sobre mim, com as pernas trancadas a minha volta. Eu a peguei, cercando-a com meus braços.

Ela me beijou e beijou sem aviso prévio.

Grunhi sobre seus lábios tomando-a com a mesma demanda exigente.

A ausência, o desejo, meu amor por ela... tudo ao mesmo tempo num entrelaçar de línguas, que me voltou duro num instante e maluco para me enterrar fundo na sua buceta.

Seu doce sabor era como uma droga altamente perigosa em meu sistema, em meu controle.

Doce, quente e selvagem.

Toda minha.

Caminhei com ela em meu colo até a cama, porém antes que eu a colocasse contra os lençóis, Ella separou nossos lábios e me fitou com as sobrancelhas juntas. Pensativa.

Endureci o cenho imaginando o que vinha a seguir.

— Não se atreva a dizer que minha loção está vencida, pois eu não a pa...

Ela interrompeu-me colocando um dedo em minha boca enquanto seus olhos marrons me observavam com uma excitação cautelosa e suas bochechas ganhavam um rubor lindo.

— Eu senti a sua falta — ela sussurrou baixinho, abrandando o meu coração com felicidade.

Um malicioso e orgulhoso sorriso brincou em meus lábios. Mordi de leve a ponta de seu dedo delicado e deixei nossos corpos caírem na cama tomando cuidado para que ela não sentisse todo o meu peso.

— Só você? — perguntei rouco, esfregando minha ereção dolorida no meio das suas pernas.

Ela arfou gemendo meu nome de maneira arrastada. E, foda, se isso não me derreteu. Seus dedos se enrolaram em meus cabelos deslizando as unhas em meu couro cabeludo. Eu adorava.

Quando ela continuou me olhando em silêncio, eu insisti:

— Tem certeza que não tem mais ninguém sentindo a minha falta, my little bitch? Porque eu conheço alguém mais que sentiu *muito* a sua falta, além de mim é claro.

— *Ela* também sentiu sua falta, — Ella murmurou numa mistura de timidez e safadeza, que somente ela poderia ser capaz de fazer, enquanto mexia o quadril criando um atrito gostoso com o roçar dos nossos sexos. Travei o maxilar e fechei os olhos tentando manter o controle quando minha fome expandiu, deixando-me pronto para consumi-la. Não satisfeita, ela puxou minha cabeça até seus lábios estarem em minha orelha e acrescentou com uma voz fodidamente sexy. — Na verdade, neste exato momento ela está chorando *desesperadamente* por você.

— Foda-se! Vamos ver o quanto ela está chorando por mim.

*** * ***

Pietra tinha razão. Antonella estava estranha e eu não sabia bem como agir ante isso.

Os xingamentos previsíveis não vieram e eu ainda estava esperando por eles. Não me levem a mal, não era como se eu não gostasse de não tê-los ouvido, mas isso não era de seu feitio.

E, bem, seu humor estava consideravelmente oscilante. O que pensei ainda ser um efeito da sua TPM. Qualquer homem com o mínimo de amor as bolas sabia que o melhor para a sua sanidade era se manter longe das mulheres e não zangá-las quando elas estavam nesse período. Elas ficavam loucas e descontroladas. E se eu não tomasse cuidado, Antonella iria me enlouquecer junto.

Querendo que ela relaxasse um pouco e que nós passássemos um tempo agradável como um casal, mesmo ela não admitindo ainda que éramos um, eu decidi levá-la para jantar fora.

Eu tinha aposentado meus ternos desde que saí da agencia, não gostava em tudo em usar aquelas roupas formais sufocantes. Preferia um vestuário mais despojado e informal. Porém iria levar Ella em um bom restaurante e a ocasião pedia um vestuário mais elegante.

Coloquei o relógio no pulso e peguei o paletó, e, em seguida, fui para o quarto dela.

— Ella?

— No banheiro.

— A reserva é para as oito, querida — lembrei-a enquanto deixava o paletó sobre o récamier. — E já são sete e meia — acrescentei em advertência.

Caminhei em direção ao banheiro e estaquei na soleira da porta quando meu olhar caiu sobre o contorno sensual de seu corpo de costas para mim. Corri os olhos embasbacados sobre ela.

— Eu já estou terminando. Mais cinco minutinhos e podemos ir — ela ralhou, chamando minha atenção

para os seus olhos fitando-me através do espelho.

Maneei a cabeça e encostei o ombro no batente da porta enquanto a observava terminar de se pintar. E, para ser franco, eu não sabia por que ela usava essas baboseiras todas. Antonella era deslumbrante por natureza e eu gostava assim, embora não pudesse negar que apreciava que ela estivesse sendo cuidadosa para sair comigo... para mim.

Ela era tão linda e graciosa, que me roubava o fôlego.

Um vestido preto de alças grossas, com um decote sutil na frente, apenas dando uma insinuação de seus peitos inchados, envolvia seu delicioso corpo até metade das coxas. Saltos vermelhos foda-me brincavam com a minha imaginação, deixando suas incríveis pernas mais esbeltas e femininas, e faziam sua bunda mais arrebitada. *Oh, sim, definitivamente, eu a comerei com esses saltos*. O cabelo estava solto, como eu gostava, caindo até o meio de suas costas em cascatas volumosas.

Sexy e quente como o inferno.

Apostava que a calcinha era um pedacinho de nada...

Minha boca encheu d'água e meu pau começou a reagir ante a visão pecaminosa.

— Tem certeza que você ainda quer sair para jantar? — Olhei para os seus olhos através do espelho, saindo do meu estado de torpor e por alguns segundos até cogitei a ideia enquanto ela fazia um acréscimo sugestivo. — Nós poderíamos ficar aqui e pedir algo. Acredito que hoje é o dia que Martha sai para jantar com as amigas... Nathan saiu com Pietra. Você sabe. A mansão está *vazia*.

Sangue correu para a minha virilha com sua insinuação.

Para baixo menino!

Ajeitei meu pau meio duro buscando algum conforto e aprumei minha postura.

— Não me tente — censurei-a em tom sério e me aproximei enquanto ela se virava de frente para mim. — Você está linda. Adorei o vestido e os saltos. Vou comê-la com eles.

Ela enlaçou meu pescoço e ergueu o queixo, com uma dissimulada expressão séria.

— Bem... isso é muito bom, pois se você não tivesse gostado do vestido e dos saltos que escolhi a dedo para sair com você, eu seria obrigada a te dar umas bofetadas por sua deselegância.

Ri entre dentes apertando os braços a sua volta e, em seguida, inclinei a cabeça para baixo roçando o nariz em seu pescoço. Aspirei fundo amando seu perfume, e então, movi a boca para a sua orelha, sabendo que ela iria se arrepiar toda e gemer para mim, enquanto lhe sussurrava.

— Gosto da ideia de ter suas mãos sobre meu corpo, mesmo que seja para me dar tapas de amor e, apesar da ideia me parecer boa pra caralho, nós temos de ir.

Cobri seus lábios com os meus lhe dando um beijo lento e demorado. Quando recuei, ela estava ofegante e eu dando tudo de mim para manter o controle sobre mim mesmo.

Ela inclinou a cabeça para trás e me mirou com aqueles grandes olhos marrons.

— Você está lindo e muito sexy de gravata, se quer saber.

Ofereci-lhe um sorriso indolente.

— Eu sei. Eu sou gostoso, baby.

— E muito modesto. — Ela fez uma careta estranha.

— O que foi?

— Nada. Só uma cólica chata. Eu vou tomar um Advil, e então, podemos ir.

Uma vez que chegamos ao The Little Door, fomos encaminhados até nossa mesa. Pedi a carta de vinhos e, em seguida, o sommelier veio nos atender. Escolhi o vinho, e então, fomos deixados a sós.

— Gosto deste restaurante — Ella comentou distraída, olhando em volta.

— O restaurante é bom, mas é a companhia que realmente me importa — pisquei.

Um rubor sutil cobriu suas bochechas e as covinhas lindas apareceram quando ela sorriu tímida.

— Eu gosto de estar aqui com você — ela murmurou relutante após alguns segundos.

Fiz menção de respondê-la, todavia, me calei ao ver o garçom se aproximar da mesa, ele derramou o

vinho nas nossas taças e deixou a garrafa na mesa antes de sair.

Busquei sua mão através da mesa e uni nossos dedos. Meu olhar perpetuado nela.

— Eu gosto que goste de estar aqui comigo, Antonella. Nada me faz mais feliz do que saber que aprecia minha companhia tanto quanto eu faço com você. — Ela me fitou em silêncio, mordendo os lábios em embaraço, e eu acrescentei. — Depois daqui eu quero levá-la a um lugar.

— Um lugar?

Assenti, bebendo um sorvo da minha taça.

— Muito especial, ao menos para mim. Espero que seja para você também.

Curiosidade pintou suas feições.

— Que lugar?

— Depois — informei, pegando o menu.

— Surpresa, eh? Não sei se gosto das suas surpresas.

— Não?

— Você me algemou.

Minha sobrancelha disparou em zombaria.

— E você não gostou?

Ela bebeu um gole de vinho e desceu a taça para a mesa enquanto seus olhos me sondavam.

— Bem, não nego que gostei do resultado, contudo, não gostei de ser algemada.

— Tenho isso anotado — assinalei, sorrindo. — Mas vê? Apesar das algemas, que você mereceu, minhas surpresas não foram ruins. Tenho de ter um ponto sobre isso.

Ela fez uma careta contrariada, porém seus olhos não mentiam, divertidos e concordantes, antes de ela baixar sua atenção para o menu. Eu fiz o mesmo.

Quando nós estivemos prontos o garçom se aproximou.

— Os senhores desejam fazer o pedido agora?

Esperei Antonella escolher enquanto ela mirava o menu lambendo os lábios e parecendo muito indecisa sobre o que pedir, e quando fez, eu quase não pude mascarar meu espanto.

Não me entendam mal, eu gostava de vê-la comer bem e não me importava se comesse muito, no entanto, ela tinha feito um pedido para um batalhão de soldados. Ella não comia assim.

Quando ela terminou com um suspiro muito satisfeito, eu fiz meu pedido.

— Tem certeza que vai aguentar comer tudo isso? — indaguei preocupado após o garçom sair.

Ela iria passar mal se comesse metade de seu pedido, além do que, não gostava de desperdiçar comida quando havia tanta gente passando fome. Antonella parecia não concordar comigo.

Ela sorveu um pouco de água e, em seguida, me fitou franzindo o cenho.

— Não se preocupe. Eu tenho dinheiro e posso pagar o que pedi.

Estiquei-me na cadeira, com a expressão apertada.

— Dinheiro não é a questão, amor. Não ponha palavras em minha boca. Aliás, não quero que pague nada quando estiver comigo — calmamente, eu assinalei em um tom suave e fiz um adendo explicativo. — A minha única preocupação aqui é com você.

— Não sei por que — ela resmungou com indiferença. Estreitei os olhos esperando uma explicação e ela suspirou. — Oras, Thor! Você me trás a um restaurante e espera que eu coma salada? De jeito nenhum! E outra, eu estou com fome e a comida daqui é deliciosa.

Exalei forte e balancei a cabeça, resolvido a deixar isso para lá. Não iria discutir com ela aqui, nem em qualquer lugar. Não hoje. Mudei de assunto e a conversa fluiu dissipando a leve tensão.

Pratos e pratos foram servidos a ela sob minha estupefação camuflada enquanto os olhos dela brilhavam ao olhar para cada uma das refeições. Isso não podia dar certo, pensei.

Atentei-me a minha própria comida e jantamos entre uma conversa e outra.

— O senhor deseja pedir a sobremesa? — a garçonete que tinha nos trazido a comida perguntou

solicita quando terminamos de comer.

Procurei pela atenção de Antonella, que tinha a sua sobre a garota, com os olhos apertados.

— Baby, você vai querer sobremesa? — indaguei, duvidando coubesse algo mais em seu corpo.

— Sim. Eu quero uma fatia de Opera — ela disse sem desviar os olhos da garota.

Desviei o olhar dela para a garçonete.

— Vamos querer uma fatia desta, aliás, traga duas e um café puro, por favor.

Ela assentiu sorrindo e saiu enquanto Ella lhe dava uma olhada feia e, em seguida, ela dirigiu esse mesmo olhar para mim. Enruguei o cenho e inclinei a cabeça para o lado.

— O quê?

— Niente.

— Diga — ordenei.

— Eu já disse.

Relevei sua mal criação mais uma vez e retornamos a mais uns minutos de paz, que durou até que a garota retornou após a sobremesa, querendo saber se desejávamos algo mais.

E foi então que a merda começou.

— Creio que em seu contrato não havia nenhuma clausura exigindo que você desse em cima dos clientes. Ou estou enganada? — Ella inquiriu com frieza e desprezo *de repente*, atraindo a atenção da garota, que a fitou com os olhos esbugalhados e a face lívida. E a minha, que a olhei surpreso.

— Antonella...

— Eu sou rica, querida, e com as influências que tenho posso fazer com que você seja despedida em poucos minutos, antes até que respire o mesmo ar que eu. Precisa desse emprego e do mísero salário que ganha aqui, certo? Pela cara deve ser uma pobretona esfomeada. Tem certeza que quer perder a miséria que ganha por não saber em cima de quem você dá? Mas, felizmente, para você eu vou te mandar para o único lugar a qual você pertence, a rua, que é da onde você nunca deveria ter saído. Acho que com essa sua cara você pode conseguir... O quê? Uns 30 dólares a hora? Ou talvez menos? Definitivamente, menos. Não creio que seu rabo valha muito mais que cinco dólares. Assim você pode dar em cima de quem quiser e ainda ganhar uns trocadinhos.

Dizer que eu estava puto da vida era um eufemismo. A garota tinha os olhos cheios d'água e o lábio tremendo, imóvel e calada, enquanto Antonella a fitava daquele jeito esnobe que eu odiava.

— Algum problema? — um homem perguntou se aproximando ao lado da pobre garota. O crachá discreto em seu paletó dizia que ele era o gerente.

Antonella abriu a boca, porém eu a cortei antes que ela falasse mais merda.

— Está tudo bem...

— Não está nada bem — Antonella grunhiu, apesar do meu olhar de advertência para que ela se calasse. — Essa desclassificada que o senhor admitiu não passa de uma puta, que não sabe o seu lugar e confunde um ambiente familiar com as esquinas que ela está acostumada a lidar. O senhor deveria escolher melhor seus funcionários. Um restaurante com uma boa reputação como o seu, não deveria contratar vadias. Espero que seja sensato e despeça essa mulherzinha, antes que a reputação desse maravilhoso restaurante caia na sarjeta, porque para ser honesta eu não tenho certeza se quero voltar aqui, nem que meus amigos irão querer enquanto mantiver esse tipo de funcionário. A propósito, tenho certeza que os fieis clientes do seu restaurante não ficarão nem um pouco satisfeitos, principalmente, em saber que o ambiente familiar se tornou um bordel barato, onde somos servidos por vadias desqualificadas e obrigados a lidar com elas.

Porra, eu queria pegá-la pelos cabelos e lhe dar uma boa surra até que ela aprendesse a ser gente.

— Minhas sinceras desculpas senhorita, em meu nome e do restaurante. Este problema será resolvido imediatamente — o gerente disse, gesticulando com a cabeça para que a garota saísse quase em prantos. — Minhas mais honestas desculpas. Isto não irá se repetir. Senhor... Senhorita.

— Espere um momento...

— Ryan, John Ryan — ele ofereceu.

— Certo... Senhor Ryan. Primeiro, sou eu quem lhe pede desculpas pela indelicadeza e falta de educação da minha adorável acompanhante. — Mirei Antonella com um olhar severo e ela me fuzilou em resposta. — Aguarde-me lá fora. Agora — sibilei baixo em tom plano para não chamar atenção indevida das mesas ao lado. Antonella se levantou e saiu a passos duros. Olhei para o homem. — Sente-se, por favor, senhor Ryan.

Esperei ele se sentar então falei:

— Peço-lhe que não despeça a pobre moça. Minha acompanhante ainda é muito jovem e às vezes não sabe o que diz, nem mede as palavras.

— Entendo senhor...

— Castellammare.

— Senhor Castellammare, eu realmente aprecio sua atenção, mas não posso permitir que algo assim volte a acontecer, sendo ela certa ou não. Nosso restaurante tem um nome a zelar.

— Garanto-lhe que o nome do seu restaurante assim como sua reputação se manterá intacta. A garota se comportou muito bem e não fez nada de errado. Tenho certeza que o senhor será sensato e manterá o emprego dela — passei-lhe discretamente um chumaço de notas, que carregava comigo no caso de emergência, só não esperava usar isso pelas merdas de Antonella.

— Não é necessário Senhor...

— Sim, é. Isso é pela chateação desnecessária que minha acompanhante causou.

Ele pegou o dinheiro mal escondendo a felicidade.

— Eu manterei o emprego dela... Não, por favor, é por conta da casa — ele se alarmou quando me levantei colocando algumas notas de cem sobre a mesa.

Dei-lhe um aceno de cabeça.

— Boa noite senhor Ryan.

Deixei as notas lá e saí, encontrando Antonella na calçada ao lado da cabine do valet, com os braços cruzados sobre o peito e a cara amarrada. Ela não disse uma só palavra quando me aproximei, e eu agradeci que ela não o fizesse, pois estava puto demais com ela. Entreguei o cartão para que o manobrista pegasse o carro e em silêncio ao seu lado esperei que o carro viesse.

A noite tinha acabado e não havia mais clima para que eu tentasse salvar qualquer merda, não quando Antonella insistia em agir como uma fodida patricinha sem coração.

O silêncio se perdurou todo o caminho até a mansão enquanto ela encenava a princesa de gelo injustiçada. O que apenas me fez mais irritadiço. Logo que chegamos, ela desceu do carro sem ao menos olhar na minha cara e subiu para o quarto. Isso me enfureceu de tal maneira, que não pude conter o impulso de ir atrás dela e exigir uma explicação sua.

— O que está acontecendo com você? — indaguei assim que entrei no seu quarto, recebendo um olhar enervado dela, que em seguida deu-me as costas e me ignorou, tirando os saltos. Parei ao seu lado de imediato e a virei de frente para mim, obrigando-a me encarar. — Não vire as costas para mim, porra! O que deu em você garota? Por que tem que tratar as pessoas daquela maneira?

— Por que você não pergunta para aquela putinha que estava esfregando os peitos na sua cara?

— Você tem de estar brincando comigo, Antonella! Como pode ser tão absurda? Ferrou nossa noite a troco de nada. A garota não fez nada além do seu trabalho. Você não deveria tê-la insultado daquela maneira. Nem a ela, nem a ninguém. É baixo e sujo.

— Claro que é! Mas sabe o que é mais engraçado nessa merda toda? — Seu dedo magro cutucou meu peito. — É que se fosse *eu* no seu lugar, você estaria comendo o meu fígado.

— Não diga sandice. A garota não mereceu que você a tratasse como lixo, ela só estava fazendo o trabalho dela, mas você parece ter a necessidade de humilhar alguém para se sentir a tal. Isso faz parte de

você. Sabe que é errado e mesmo assim faz. Nem um cachorro merecia o tratamento que você deu aquela garota, sabe disso. Ela não é como você, uma merda de patricinha cheia da grana, que não tem que se preocupar com a porra de dinheiro. Ela pode ter uma família que depende dela e poderia ter perdido o emprego por uma futilidade tua.

— Bem feito para ela! Porque, como eu disse, ela está no emprego errado, deveria estar em um bordel ou algumas dessas esquinas ao invés de um restaurante de classe.

— Deus! Como eu fui me apaixonar por você?

— Eu não pedi a porra do seu amor, Castellammare! — ela rosnou com escárnio e acrescentou friamente. — E se está tão preocupado com a vadia, volte lá e a console.

— Você está descontrolada — mordi, recuando enquanto gesticulava com as mãos. — Eu não tenho paciência para isso. Quando decidir se comportar como gente, nós conversaremos.

Ela me olhou com ódio e, em seguida, fez uma careta estranha antes de correr para o banheiro com a mão em cima da boca. Minha própria cólera diminuiu cedendo lugar para a preocupação quando a segui, encontrando-a agachada no chão abraçando o vaso sanitário enquanto vomitava com violência. Rapidamente me coloquei ao seu lado.

— Saí daqui — ela disse quase que num grunhido quando segurei seu cabelo no alto. — Eu... eu disse pra você sair — acrescentou, antes de voltar a regurgitar.

— Não vou a lugar nenhum — declarei enérgico.

Ella continuou vindo com o corpo todo tenso e minha preocupação aumentou.

— Eu disse para você não comer tanto, baby.

Ela tirou a minha mão do seu cabelo e se levantou, fechando a tampa do vaso e deu descarga. Em seguida, se sentou sobre a tampa fechada e colocou o rosto entre as mãos.

Esperei-a se recompor puxando profundas respirações.

— O que está se passando?

Ella endureceu e se afastou do meu toque quando coloquei a mão em seu ombro.

— Nada que seja da sua conta. E, se me der licença, eu quero tomar banho e dormir.

Não queria deixá-la, mas ocorreu-me que não adiantava insistir enquanto ela estivesse zangada e, cacete, ouvi-la falar comigo com tanta secura e indiferença reanimou minha própria cólera.

Deixei-a e segui para o meu quarto. Tirei o paletó e afrouxei a gravata enquanto tentava achar uma explicação plausível para o seu comportamento. E sabe o quê? Não achei qualquer uma.

O ciúme dela para mim era claro e, apesar do meu coração estar alegre, eu não podia permitir que Ella humilhasse quem ela bem entendesse. Antonella precisava crescer. Mas aí está, havia coisas que somente o tempo ensinaria a ela. E o que eu podia ensinar, bem, ela não era minha melhor ouvinte.

Entrei no banheiro e usei o vaso antes de ir para o chuveiro.

Quando retornei ao quarto, meu olhar pousou na porta. A tentação de ir atrás dela quase grande demais, todavia, recusei a me rebaixar. Ela me devia desculpas, não o contrário.

Decidido a não dar corda para aquela parte mole minha, que sempre cedia aos caprichos dela, eu vesti uma cueca e me deitei. Mesmo cansado e querendo dormir, eu não tinha sono. Sabia em parte que isso se devia a ausência dela do meu lado. Tinha me acostumado com seu corpo menor junto ao meu, ela era meu sonífero, mas não iria ceder. Desta vez, ela teria de vir se quisesse estar comigo.

Eu não estava fugindo. Antonella sabia onde me encontrar.

Sonha Castellammare!

Apaguei a luz do abajur e obriguei-me a permanecer na cama até que estive quase cochilando, e foi quando ouvi a porta se fechar logo um corpo quente entrar sob os lençóis, mãos delicadas me tocaram. Meu corpo se esticou, os músculos endurecendo debaixo da minha pele enquanto meu coração corria mais forte, como um fodido adolescente. O perfume dela me relaxou, no entanto, eu não me movi. Ela se dobrou sobre mim, com a boca próxima ao meu ouvido.

— Perdonami, Thor. Eu... eu não deveria ter dito aquelas coisas... Eu sinto muito.

— Por que pede desculpas se sempre volta a fazer a mesma merda na primeira oportunidade que tem? Temos de convir, baby, a gente só pede desculpas por aquilo do qual nos arrependemos de fazer e não temos a intenção verdadeira de repetir o erro, mas você não. Você pede e torna a repetir o mesmo erro. Outra e outra vez. É como se apenas estivesse seguindo uma regra de etiqueta, porém não pratica o sentido real por detrás do pedido. Não pode ser assim, Antonella.

— Mas ela estava dando em cima de você e você não fez nada.

Evitei sorrir, porque, embora me sentisse satisfeito por seus ciúmes, ela estava errada.

— E você queria que eu fizesse o quê? Que enchesse a mulher de porrada? E outra Ella, eu não fiz nada. Estava jantando com você, não com ela, e mesmo se ela estivesse esfregando os peitos na minha cara, como você diz e *não aconteceu*, em momento algum eu sequer olhei para ela. Você sabe que eu odeio essas ceninhas, mas parece não se importar com o que eu gosto ou não.

Ela se moveu, sustentando a cabeça na mão e seus dedos brincaram em meu peito.

— Isso não é verdade.

— É, e você sabe bem disso. Já pensou se eu fosse dar show toda hora que um cara olha para você te comendo com os olhos? Não iria sobrar um vivo, Antonella. Não nego que fico feliz por saber que você sente ciúmes de mim, contudo...

— E quem disse que eu estava com ciúmes?

Passei a mão no rosto correndo-a para o cabelo e a mirei sério.

— Certo, certo. Se não estava, aquilo foi o quê?

— O q-quê? Eu não sei... Quero dizer, eu não gosto de ser feita de trouxa.

— Tudo bem — murmurei quando ela pareceu querer tagarelar sobre isso e eu sabia que, se ela fizesse, uma coisa era certa, nós iríamos brigar. — Eu não quero mais falar sobre isso.

— Você não vai me desculpar, não é?

— Eu sempre desculpo por mais errada que você esteja.

— E porque você veio pra cá?

— Porque este é meu quarto, além do que, você me expulsou do seu, recorda-se?

Sem prévio aviso ela esmagou sua boca na minha e me beijou insistente, demandando e tomando, provocando meu corpo a reagir enquanto ela montava em mim. A princípio, eu não me mexi surpreso com sua ação, mas um momento depois eu respondi, beijando-a com igual fome.

Minhas mãos agarraram seu quadril, apertando-a sobre mim ao mesmo tempo em que pressionava meu quadril para cima, sentindo meu pênis engrossar contra a buceta dela.

— Não fica bravo... Eu não gosto de ficar assim com você — ela arfou sussurrante em cima dos meus lábios quando parou de me beijar.

— Você ainda vai me deixar louco, garota — constatei zangado.

Senti seu sorriso na minha boca e dei tudo de mim para não sorrir de volta.

— E questo è buono?

— Não. Isso é péssimo — resmunguei, jogando-a na cama e cobrindo seu corpo com o meu, beijei sua boca até que nossos pulmões implorassem por ar. Então a deixei pousando as costas contra o colchão, odiando a minha vulnerabilidade a ela.

— V-você não...

— Vamos dormir.

— Ma...

— Mas nada — grunhi áspero enquanto ajeitava meu pau muito duro sob a cueca. — Isso é para você deixar de ser tão prepotente e egoísta.

— Você não está falando sério — ela refutou, correndo a mão por minha barriga até alcançar meu pau. Eu travei o maxilar e respirei fundo. — Você quer e eu também quero.

— Vamos dormir.

Ela se ergueu.

— Está negando fogo? Eu não acredito nisso. Tomou aulas com mulherzinhas, foi? Porque você tá parecendo uma fazendo doce, sabia? E sabe do que mais? Pau preguiçoso não merece buceta dedicada.

Não pude deter minha risada alta.

— Pau preguiçoso, uh? Neném, se meu pau ficar *mais* preguiçoso, acredito que seremos o primeiro casal no mundo a morrer por fazer sexo — murmurei divertido e, em seguida, segurei sua mão enquanto fazia um adendo. — Isso é castigo por você ser malcriada.

— Não brinca! Você está me castigando? — E acrescentou maliciosa, com o sorriso safado contornando sua voz. — Você pode me castigar com ele. Me dar umas *pauladas*?

— Você não merece ser fodida depois do que fez.

— E você vai ficar muito tempo sem merecer isso — sua mão puxou a minha até o centro de suas pernas. Nua, lisa e molhada —, se continuar com o doce.

Um grunhido animalesco nasceu em meu peito e, no outro instante, eu me livrei da cueca e montei seu corpo, a ponta do meu pau acertou sua entrada úmida e eu empurrei dentro, entrando um pouco. Ela gemeu, flexionando ao meu redor. Eu apertei os dentes lutando contra o impulso de enfiar mais.

— Bruxa! Você é uma garota má. Sabe o que garotas más como você merecem?

— N-não.

— Uma foda dura sem sentido e umas boas palmadas no traseiro para aprender a se comportar direitinho e obedecer a seu macho quando ele fala — eu disse num tom diabólico, tendo o prazer de vê-la suspirar pesadamente enquanto sentia suas pernas me rodear.

— Oh, sì! Eu fui má, Thor, *muito* má... Faça-o Thor... Pode me açoitar que eu mereço. Mas primeiro, me foda sem sentido.

— Eu farei, diaba, e não terei nenhuma compaixão.

Capitulo 38

Quando cheguei à mansão meu nível de estresse tinha alcançado picos ultraelevados. A fome me deixava de mau humor, e eu estava morta de fome, de sono e mais irritada, se possível.

Ultimamente, eu estava me sentindo muito sensível, quase que no limite mesmo. Isso não era normal. Tinha alguma coisa errada e até tinha pensado em buscar um médico. Mas, então, bateu o medo além do pavor que cultivava de hospitais.

E se eu tivesse uma doença grave? E se fosse morrer logo?

Na boa, eu não queria descobrir. Médico para mim somente mesmo a minha ginecologista e isso porque esta era uma obrigação da qual eu não podia fugir. Além do mais, se eu fosse morrer que fosse de surpresa, pois se descobrisse antes eu acabaria perdendo os últimos dias que me restavam.

Va bene. Eu estava meio neurótica então tratei de me conter — com um mega esforço — e cheguei à conclusão mais óbvia. Esse semestre eu estava sobrecarregada na universidade.

Já havia lido algum artigo, onde especialistas diziam que estresse demais podia desencadear uma reação hormonal maluca. E, bem, o trânsito caótico no fim de tarde adicionado aos meus professores, que em sua maioria eram um chute no traseiro, não me ajudavam.

As cores do entardecer coloriam o interior da mansão. O que me dizia que o jantar iria demorar a sair e eu não estava nem um pouco disposta a esperar, nem meu estômago revoltado roncando alto.

Na cozinha vislumbrei uma atrativa caixa de pizza em cima da ilhota. Minha boca encheu d'água de imediato. Não me fiz de rogada, agarrando a caixa com extrema possessão e, em seguida, agradeci aos Céus por ainda haver quase uma pizza inteira de mussarela.

Peguei uma fatia e fechei os olhos ao morder o primeiro pedaço. Estava fria, mas deliciosa. Tão gostosa, que gemi de deleite e senti meu mau humor se esvair.

Morder. Mastigar. Engolir.

Estava centrada em meu negócio quando braços poderosos me cercaram e um corpo quente cobriu minhas costas enquanto a boca macia pousava um beijo na curva do meu pescoço.

Thor.

Inclinei a cabeça para o lado e olhei para trás em seu rosto. Engoli o bocado em minha boca.

— Oi — murmurei após um instante de deslumbre.

— Oi? Creio que mereço mais que isso, não?

Exalei um bufo, deixando os ombros caírem. Eu não tinha tempo para doces agora quando precisava alimentar a anaconda em minha barriga.

— Thor, agora...

Sua língua estava reclamando a minha boca enquanto sua mão segurava minha cabeça para o seu beijo. Foi suave, mas incendiário. Calafrios percorreram o meu corpo, agitando minha mão direita para trás para o seu cabelo, segurando-o para ter mais dele.

Era sempre assim.

Eu poderia beijá-lo por uma vida e, mesmo assim, não seria suficiente. Adorava o balanço erótico de sua língua, o mover macio de seus lábios firmes enfeitiçando meus sentidos.

Suspirei em sua boca.

Thor finalizou o beijo com uma dentada em meu lábio inferior.

— Senti sua falta, querida — ele murmurou ainda sobre meus lábios.

— Eu também, Thor.

Ele sorriu e deu-me um último beijo, apenas um carinho com os lábios, e então, ele se afastou e eu regressei minha atenção à pizza, dando mais uma boa mordida.

— Você chegou tarde hoje — ele comentou, colocando um copo na minha frente. — Se tivesse me avisado que chegaria tão tarde, eu teria te buscado.

— Grazie — agradeci quando ele encheu o copo com suco de laranja. — Eu bem que queria ter saído mais cedo, mas tive de ficar depois da última aula para fazer uma pesquisa na biblioteca. Além do mais, eu estava com meu carro.

Sorvi um gole de suco então mordi mais um pedaço de pizza. Thor encostou-se ao balcão de maneira displicente. Abriu a garrafa de cerveja que segurava e a levou aos lábios, e bebeu.

— Como foi seu dia?

Reprimi uma careta.

— Uma merda — mofei-me um pouco acalorada. — Tenho muitos trabalhos para entregar no final do mês e ainda há as provas..., enfim, vou ter que me desdobrar em mil.

— Se precisar de ajuda, eu terei o maior prazer em te ajudar — ofereceu cortês e adicionou orgulhoso. — Eu era um dos melhores da minha turma na época de faculdade.

— Percebeu o quanto soou caquético agora? *Na minha época* — imitei sua fala. — Até parece que foi há milênios. Se bem que às vezes você se comporta como um Neandertal, então...

Os olhos dele se arregalaram com dissimulado horror.

— Isso é porque tenho uma mulher muito difícil. Às vezes, preciso ser um pouco duro para mostrar a ela o que quer e se nega a ter. Ou sentir. Não acha?

— Agradeço sua ajuda, no entanto, já fizemos grupos de estudo, acredito que ainda nesta semana começaremos a nos reunir aqui. Espero que não se importe.

Thor me deu um longo olhar e sacudiu a cabeça.

— De forma alguma. A mansão também é sua.

Sorri agradecida então retornei a atenção à pizza. Ele não disse mais nada, nem eu. Estava mais preocupada em saciar minha fome. Uma vez que terminei com o último pedaço, soltei um suspiro satisfeito e beberiquei um gole de suco. Estava cheia.

— Estávamos com fome hoje, não? Não comeu na universidade?

— Perché? Você queria também?

— Não.

— Então o quê? Estamos fazendo racionamento de comida? Ou não posso comer?

Não entendi sua expressão boquiaberta depois de ele ter sido deselegante comigo.

— Eu não disse isso, amor. Pode comer tanto quanto queira. É só que... — hesitou por um breve momento. — Você se dá conta que comeu cinco fatias de pizza?

— E qual é o problema? Estava com fome. Fiquei praticamente o dia todo sem comer nada e posso exagerar agora.

Era só o que me faltava, ele querer controlar até o quanto posso ou não comer.

— Ei! Calminha aí. Foi somente um comentário. Não estou te condenando por comer, apenas estranhei. Você não costuma comer assim, vive dizendo que precisa seguir sua dieta...

— O que está dizendo? Acha que estou gorda, seu idiota? — Meu tom era muito irritado agora. Eu sabia que tinha engordado algumas gramas a mais, ou talvez um quilo, mas gorda?

Sua expressão apertou séria.

— Jesus Cristo, mulher! Eu não disse nada disso. Você é perfeita para mim e sempre vai ser de qualquer forma. — E acrescentou irritado. — Essa TPM sua está demorando a passar. Agora pare de gritar, você está parecendo uma...

Lancei-lhe um olhar mortal enquanto saltava da banqueta.

— Termina essa frase, cretino! Andiamo! Diga que além de esfomeada e gorda, você também me acha louca? Seu vagabundo do caralho!

Não fiz caso de seu olhar exasperado.

— Antonella, não vamos começar com isso — disse ele, em um tom firme em sua voz calma. — Hoje não. Por favor, — acrescentou deixando a garrafa de cerveja sobre o balcão.

Meu dedo estava em riste para ele e minha outra mão pousada em meu quadril.

— Já começamos, aliás, você começou quando soltou seus comentários idiotas, porque até então eu estava bem quieta no meu canto. Não me culpe por suas idiotices.

Ele correu a mão pelo cabelo, nervoso quando a ofendida era eu.

— Antonella, você está exagerando *de novo*!

— Exagero é esse seu talento para ser um babaca! Ofendeu-me e ainda acha que devo estar de bom humor e rindo? Desculpe se não estou beijando seus pés, oh, grande gênio. E faça um favor para nós dois, guarde seus comentários impertinentes para você mesmo, stronzo!

Dei a volta para sair.

— Aonde vai?

— Para o *meu* quarto. E para o seu próprio bem, eu sugiro que não ouse me seguir ou dar as caras por lá, pois sou capaz de matá-lo!

Irritada como o inferno eu o deixei para trás.

Esfomeada? Talvez.

Gorda? O rabo dele.

Louca? Ah, isso eu estava.

Louca de raiva dele e de mim mesma por não saber o porquê exato desta tempestade toda. Quero dizer, ele por si só já era motivo suficiente para me balançar fora dos trilhos.

Eu devia estar louca mesmo e a culpa era toda dele, claro!

Desde que Thor tinha entrado na minha vida de supetão eu não era mais eu, tinha mudado e aceitado um montão de coisas que antes para mim eram inaceitáveis. Estava indo contra os meus princípios e isso não era bom. Nunca dava em boa coisa ir contra quem você é.

Um derrame de lágrimas frescas escorreu por minhas bochechas, antes mesmo de chegar ao quarto e mais irritada eu fiquei, xingando Dio e o mundo. Fui para o banheiro escovar os dentes, mas o cheiro da pasta de dente retorceu meu estômago com violência, a bile me subindo tão depressa que quase não pude alcançar o sanitário. Curvada sobre o vaso, eu coloquei para fora tudo que acabara de comer. As ondas de ânsias vieram tão intensas, que me torciam a barriga, fazendo meu ventre doer e meus olhos queimarem.

Maledizione! Isso é praga daquele desgraçado, pensei zangada, quando terminei de despejar minha alma no sanitário. Dei a descarga e, em seguida, entrei no box e liguei a ducha, jatos frios de água bateram diretamente em minha nuca, acalmando-me. Por minutos apenas fiquei lá, parada, respirando fundo, sentindo a água escorrer pelo meu corpo. Lavei o cabelo e me ensaboei. Optei por escovar os dentes lá mesmo. O enjoo retornou mais fraco, porém não tornei a vomitar.

Essa pasta devia estar vencida ou Martha devia estar comprando de uma marca diferente.

Uma vez que terminei o banho, o enjoo e as sensações ruins foram substituídos por uma leve cólica, provavelmente, causada pelas retorcidas que meu estômago tinha provado. Peguei Advil no armário do banheiro e tomei antes de ir para a cama. Somente precisava ficar quieta entre os meus lençóis e dormir por alguns momentos antes do jantar...

Horas mais tarde naquela mesma noite encontrei Pietra na sala, que me lembrou sobre o trabalho de Arte que faríamos juntas logo mais. Thor não estava em qualquer parte.

— Heithor saiu?

— No. Ele está no jardim — disse ela.

— Eu vou lá então e depois te encontro na sala de estudos.

Eu já estava dando a volta quando ela se pronunciou:

— Posso te fazer uma pergunta?

— Atire.

— Não acha estranho ter TPM quando nunca teve? E ela demorar tanto para passar quando no máximo os sintomas duram uma semana? Quero dizer, você está nela há mais tempo que isso, não?

Franzi o cenho, incomodada.

— Talvez seja justamente por isso. Eu nunca tive, e agora, estou recebendo um extra pelos bons tempos — devolvi desinteressada.

— Ou, seja outra coisa. — Ela deixou no ar.

— O quê?

— Estão se cuidando? Digo, você e Thor estão tomando *todos* os cuidados?

— Sicuramente.

Thor e eu nunca tínhamos usado preservativo. Ambos estávamos limpos. Mas, então, meu controle de natalidade estava em dia. Eu tinha certeza. Nunca iria dar uma bobeira dessas.

— Então, talvez seja o caso de você marcar uma ida a médica — ela sugeriu. — Sua médica poderá fazer uma melhor avaliação e te dar algum remédio. Não sei. Fazer algum exame.

— Besteira — mofei-me. — Não há nada de errado comigo. Eu me sinto muito bem. Além do que, vocês se esquecem de que o final do semestre é sempre a treva. E, ainda tem a viagem para a Itália. É muita coisa para a minha cabeça. Estou sobrecarregada e de saco cheio, mas isso não será permanente. Vai passar quando eu voltar de viagem.

— Se você diz. Va bene. E, quanto à viagem, talvez, eu vá com você. Não é certo, mas...

Animação me envolveu.

— Não brinca?

— Você sabe. Thor precisa de uma informante lá para saber que você não está fazendo nada de errado, já que dispensou a companhia dele. — Mostrei o dedo do meio para ela. — Mas, sério agora, não tem nada certo. Vou falar com Mamma primeiro e depois vemos isso.

— Será bom ter você comigo. Talvez, possamos falar com Josie também e fazer a viagem das garotas, eh?Talvez até dar uma esticada para Londres e Paris? — sugeri mais animada do que eu supunha ficar com aquela viagem.

— D'accordo. Vamos esvaziar a adega do seu nonno.

— Combinado. Eu vou falar com Thor e já te encontro.

Encontrei Heithor sentado no gazebo, sozinho. Ele demorou a perceber a minha presença, o que era estranho. Em geral, ele sempre estava muito atento, porém nesta noite parecia imerso em seus próprios pensamentos. Quando nossos olhares se cruzaram, sua expressão se tornou cautelosa, quase como se ele estivesse com receio. Mordi o lábio e sorri, me sentindo envergonhada por meu chilique de horas antes. Minhas bochechas estavam quentes e eu agradeci em silêncio pela iluminação do jardim enquanto me aproximava, e então, sentei em seu colo de frente para ele.

Logo estava inclinando a cabeça para baixo e encostando nossos lábios. Ele não recusou, beijando-me de volta e pousou as mãos em meus quadris de maneira indolente.

— Desculpe por hoje... Eu estava muito cansada e estressada, porém sei que não deveria ter descontado em você — murmurei sobre seus lábios. Ele pendeu a cabeça para trás, apoiando-a no respaldo do sofá e fixou o olhar no meu rosto, esperando. Eu lhe dei isso. — Tem todos esses trabalhos e provas, mais a viagem, e por falar nela, Pietra acabou de me dizer que é quase certo de que ela vá comigo. Ela vai falar com Martha, mas eu sei que ela vai. Não é o máximo? Amanhã, vamos falar com Josie também, assim podemos fazer uma viagem das garotas.

— Bom.

— Senti, eu realmente sinto...

— Está tudo bem. Apenas, tente se controlar, certo? Eu posso ser paciente com seu momento, mas não gosto de cenas, nem que destorça minhas palavras, tampouco.

— Não vai acontecer mais.

— Eu acredito.

Abri meu sorriso de alguns watts.

Ele colheu para detrás da minha orelha os fios de cabelo, que o vento tinha levado para o meu rosto, então me puxou para o seu peito. Apoiei a cabeça em seu ombro. Ele cheirou meu cabelo e plantou um beijo no meu pescoço, e, em seguida, buscou minha boca.

O beijo veio gentil... e cresceu ateando uma vibração aquecida na minha barriga.

Uma mão dele se infiltrou no meu cabelo e segurou firme enquanto a outra agarrava com maior força o meu quadril, pressionando-me contra ele ao mesmo tempo em que seu quadril contraia para cima. Eu ofeguei e fui toda dedos sobre ele, me envolvendo na comoção que ele me provocava.

Era difícil manter a situação num nível inocente quando estávamos assim, entrosados por nossos lábios, nossas línguas... nossos corpos.

— Thor...

— Você já me privou muito, neném. — E acrescentou de maneira sedutora, entre beijos e mordidinhas em minha boca. — Preciso sentir seu cheiro... seu gosto... Você.

Arrepiei-me toda e uma dor gostosa apertou minha virilha.

— Então, o que posso fazer por você, senhor Castellammare?

Seu sorriso surgiu lento e extremamente sensual.

— Eu posso pensar em um montão de coisas, senhorita Vicenti.

— Ah, sì?

Uma quebra de onda de calor aflorou minha luxúria e eu me deixei levar. Meus dedos se enroscaram em seu cabelo quando voltamos a nos beijar, desta vez com maior fome. Abaixo, sentia minha intimidade umedecer ao sentir seu pênis engrossar mais enquanto a fricção deliciosa intensificava. Suguei seu lábio inferior com inigualável prazer. Thor me beijou mais forte e até um pouco violento.

Meu baixo ventre esquentou tão rápido quanto uma chama pode surgir ao riscar um fósforo.

Doía por um contado mais íntimo... Profundo... Meus mamilos contraíram contra o tecido da minha blusa. De repente, sentia meus seios pesados demais. Louca para ter sua boca neles.

Fazia dias que não tínhamos um momento como esse, e a falta ameaçou vir de uma só vez. Uma explosão de 4 de Julho. Mas, então, eu queria fazer aquilo direito, com horas suficientes para nos curtirmos. Uma rapidinha seria pouco. Porém, eu podia ter um gosto apenas...

Movi o quadril rebolando em cima de Thor. Ele gemeu rouco, o som excitante batendo dentro de mim, disparando sensações por minhas veias, tocando as pontas dos meus nervos.

Um momento mais tarde, eu gemi surpresa, cavando os dentes no lábio inferior pega pelo prazer afiado quando senti o calor de sua boca rodear meu mamilo. Eu não tinha ideia de como ele havia chegado lá tão rápido e sem que eu percebesse, mas estava extremamente agradecida.

Sua língua brincou em volta, jogando com o pequeno broto. Deixando-o impossivelmente mais duro e chupou para dentro, suave e molhado, nublando meus sentidos e se moveu para o outro. Eu me curvava, empurrando mais dos meus peitos em sua boca enquanto segurava sua cabeça forçosamente. Era tão bom. Muito gostoso. A sensação quase entorpecente.

— Vamos subir — ele pediu com a voz enrouquecida, hipnótica.

— Não, — arfei.

Ele mordeu de leve minha clavícula e subiu beijos por meu pescoço.

— Não? Tudo bem, eu quero uma loucura hoje.

— Não é isso... Eu tenho um trabalho pra fazer.

— Depois.

— Não dá. Tenho de entregar amanhã — expliquei com um muxoxo, puxando seu cabelo com força até que ele me soltou e em represaria uma palma ardida encontrou minha bunda. Eu xinguei e acrescentei. — Pietra está me esperando, a propósito, eu já deveria estar lá.

— Deixe que ela faça.

— Não seria justo... Depois, va bene?

— Tem outro jeito?

Eu ri da sua carranca. Arrumei a blusa no lugar então segurei seu queixo para o meu beijo. Um beijo quente com a promessa erótica de que mais tarde teríamos um inferno. Tudo que quiséssemos e mais um pouco. Seu olhar estava mais escuro, alagado na sensualidade do beijo quando fixei os meus olhos nele. As suas mãos ainda estavam apertadas firmes no meu quadril.

Eu respirei fundo, controlando a fúria luxuriosa, ameaçando me domar.

— Depois eu te compenso. Prometo — dei uma piscada safada.

Saí de seu colo e comecei a me distanciar.

— Eu vou esperar por isso. — Sua voz soou atrás de mim e eu sorri sem frear meus passos.

Eu também.

Juntei-me a Pietra no escritório e nos envolvemos no trabalho de cabeça, tédio e muita paciência. Precisava de uma boa nota se quisesse acumular créditos. Isso significava fritar os miolos.

Muito mais tarde eu subi para o quarto, morrendo de sono.

Depois de uma ducha rápida somente me restava forças para secar-me, escovar os dentes e arrastar a bunda para a cama. Enfiei-me debaixo dos lençóis e suspirei de alívio, fechando os olhos, em seguida. Thor enlaçou minha cintura, puxando-me contra seu corpo e seus lábios começaram a brincar em meu ombro nu. Sua mão desceu por minha barriga até o meio das minhas pernas.

— Que delícia amor.

Seus dedos circulavam meu clitóris, estimulando meus nervos sensíveis com uma paciência treinada. Calafrios ardentes correram por minha coluna. Muito bom..., mas não era uma boa hora.

— Thor agora não, — protestei segurando sua mão.

— Já faz mais de uma semana amor. Estou a ponto de explodir, não sente? — Seu quadril alavancou contra meu quadril, seu pau endurecendo em minha bunda. — Preciso de você.

Uma rajada de excitação me fez vacilar por um instante e ele aproveitou, escorregando o dedo por minhas dobras começando a molhar. Seus lábios escovaram beijos em meu pescoço e mordeu.

— Porra neném, eu preciso disso... Não me rejeite mais.

— Não estou te rejeitando Thor. Apenas estou cansada demais para trepar agora — expliquei em tom baixo enquanto bocejava. — Amanhã eu sou toda sua. Prometo. Agora, ti prego, vamos dormir.

Ele bufou e xingou, se afastando. Meu corpo reclamou pela falta de calor. Senti a cama se mover e me virei, pousando o olhar em suas costas quando ele se sentou.

— Aonde vai?

— Dormir no meu quarto — respondeu, levantando-se sem me olhar.

— Não, por favor, fique. Não vou conseguir dormir sem o calor do seu corpo.

Ele me olhou. Sua expressão um pouco indignada.

— Que porra é essa? Quer dizer que quando eu estou perto você sente sono e quando não, você não consegue dormir?

— Não é nada disso.

— E o que é então?

— Pare de fazer drama e deite logo. Não vai morrer porque não fodemos hoje.

Ele me olhou por longos segundos enquanto eu esperava seu chilique passar.

— Você poderia ao menos pôr uma roupa — sugeriu zangado, voltando à cama.

— Estou bem assim. Agora, apague a luz do seu lado, per favore.

Quando ele fez, eu me aconcheguei sobre seu peito até que estive enrolada nele. Thor puxou o lençol sobre nós e seus braços me envolveram. Seu corpo se sentia teso sob o meu.

— Se eu te comer enquanto dorme não reclame.

— Apesar desse seu jeito ogro, eu sei que você também é um cavalheiro — retruquei de olhos fechados. Me estiquei para cima. — Comporte-se — beijei sua boca. — Buonanotte Thor.

— Buonanotte Antonella.

Em poucos segundos me entreguei à escuridão e ao abrir os olhos novamente já era de manhã. Tinha sido tão rápido que tive a impressão que pisquei e pronto. Amanheceu. Mas meu corpo descansado dizia-me o contrário. E, bem, eu não acharia nada mal em tirar proveito de Thor.

Estiquei a mão as cega, porém não o encontrei.

Ergui as pálpebras de par em par e mirei o despertador. Sete e dez da manhã. Esfreguei os olhos e me sentei, olhando em volta. Silêncio era tudo que eu tinha, salvo pelo distante barulho das ondas.

Ele não costumava a deixar a cama sem dar-me um beijo de bom dia.

Joguei as pernas para fora do colchão, afastando o indício de desconfiança querendo se alojar na minha cabeça e caminhei em direção ao banheiro. Quando saí da ducha me sequei e envolvi meu corpo num penhoar estampado que havia por ali. Depois de escovar os dentes, retornei ao quarto levando o vidro de hidratante corporal comigo. Sentei na cama e comecei a passá-lo nas pernas.

Um minuto depois a porta do quarto foi aberta e Thor passou por ela.

— Aonde você foi tão cedo?

Ele não me olhou.

— No escritório.

— Algum problema?

— Nenhum.

Meu sobrecenho franziu. Ele não somente estava sendo limitado e seco, como também o sentia distante e irritado. Você sabe. Thor era um cara da manhã.

— TPM? Achei que esta fosse uma disfunção hormonal exclusiva das mulheres — brinquei enquanto passava creme nas mãos.

Seu olhar cruzou com o meu, era frio e inquisidor.

— E eu achei que isso durasse apenas alguns dias, mas, como sempre, com você tudo é diferente.

Eu deveria ficar zangada com ele, porém aconteceu justo o contrário.

— E não é justamente por isso que você gosta de mim?

— O que está acontecendo?

— Niente.

— Nada? Então faz de propósito?

— Do que está falando?

— De você, Antonella. Uma hora você está assim, — suas mãos se alardearam para mim —, na outra você se torna insuportável ou me ignora. Quando não é um é outro. Desculpa se não acredito, mas alguma coisa tem de estar acontecendo. E se tem um pingo de respeito por mim, não diga que é bobagem. Não sou tolo. Você está diferente. Eu só quero saber o porquê disso.

— Isso tudo porque não transamos ontem? Sério? Você é tão absurdo, — eu disse com humor, abanando a mão no ar. E acrescentei, com casualidade. — Sabe, Thor, às vezes, nós seres humanos ficamos cansados. Sexo é bom e, confesso que eu adoro. E adoraria que a vida se resumisse a somente isso, entretanto, não é assim que funciona... Infelizmente.

Apesar da minha tentativa, ele não parecia menos bravo.

— Nós não ficamos juntos há uma semana Antonella. E não estou me referindo somente ao sexo, sabe disso, então não me venha com essa conversa. Tem me ignorado há mais tempo. Não sei se por uma

fodida TPM que não passa nunca, ou que inferno é. Eu só vou te dizer uma coisa, Antonella. Acho bom começar a pensar no que você realmente quer. Eu te amo, mas tudo na vida tem limites e o meu já está chegando ao fim. Depois não diga que eu não te avisei.

Uma sensação estranha nasceu em meu peito, como um agouro de que algo ruim estava prestes a acontecer, se eu não fizesse algo a respeito enquanto o assistia entrar no banheiro.

O que diabos ele queria dizer com isso?

Entrei no banheiro, vendo-o debaixo da ducha. Ele estava de costas para mim, com uma mão apoiada no azulejo, os ombros curvados e a cabeça baixa.

A água percorria o seu corpo, acariciando os músculos fortes de suas costas, o bumbum durinho, que eu amava apertar enquanto ele me fodia, causando inveja em mim. Todo aquele fogo que somente ele despertava em mim, e que nos últimos dias esteve cochilando veio à tona.

Thor era *meu*.

Nenhuma vadiazinha iria me roubar ele.

Abri a porta do box devagar e entrei, e, em seguida, envolvi os braços em torno da sua cintura. Ele endureceu contra mim, como se somente desse conta da minha presença naquele momento. Novamente, estava distraído e aflição em meu peito aumentou.

— Antonella...

— Scusa, scusa — murmurei apelativa. — Eu sinto muito. Não sei o que está acontecendo comigo nestes últimos dias, quero dizer, eu sei, mas... Eu vou me comportar, va bene?

— Tudo bem Antonella. — Suas mãos seguraram as minhas para me afastar. — Agora, me deixe tomar banho. Depois nós conversamos.

A vontade de mandá-lo a merda por sua rejeição sutil duelou com o meu desejo de estarmos juntos de novo. Esta última ganhou. Ignorei sua intenção de me afastar e os pensamentos distorcidos em minha mente enquanto beijava suas costas molhadas. Os músculos se esticaram ao meu toque, contudo, Thor não me afastou, nem se moveu. Sorrindo sobre sua pele, apertei meus dentes em sua carne numa mordida fraca. Ele ofegou, porém manteve minhas mãos seguras dentro das suas quando tentei descê-las por seu abdômen, mas, novamente, não me afastou.

— Thor, eu quero você, — forcei sua mão atrás, ciente que ele a deixou ir, e então, a coloquei entre as minhas pernas —, aqui Thor, daquele jeito que só você sabe fazer. Forte e fundo... Não sente essa necessidade? Não sente falta de nós dois juntos? Eu estou doendo... per te.

— Porra — ele rosnou, imprensando meu corpo contra a parede, num movimento fluído, e quando nossos olhos se encontraram, os seus estavam cheios com tormento, desejo furioso e nocivo. — Cacete, Antonella, nós não podemos resolver nossos problemas assim.

Uma de suas pernas se enfiou entre as minhas, seu joelho afastando minhas coxas, e então, seu dedo escorregou dentro do meu canal, bombeando dentro muito gostoso.

Mordi o lábio e fechei os olhos, embriagada na sensação boa.

— Mmmm... Eu gosto de resolver as coisas assim.

Ele mergulhou dentro de mim, arrancando gemidos graves de nós dois.

— Puta que pariu! Eu devia te deixar de castigo como você fez comigo — ralhou bravo, com seu negro olhar fixo no meu enquanto retrocedia e mergulhava dentro de novo.

— Mas não pode — tachei, sorrindo pretensiosa.

— Admite que estava me punindo?

Encarei seu olhar enérgico, sondando-me raivoso, porém também havia um montão de tesão ali.

— Não estou admitindo nada... Inferno, só me come!

Thor foi duro. Impiedoso. Arremetendo em meu canal com golpes fortes tantas e tantas vezes, que eu pensei que fosse morrer de prazer, a sensação era deliciosa, vertiginosa.

— Assim, neném?

— Dio, sim, Heithor. Me fode sem sentido, seu puto.

— Você é gostosa demais, neném. Senti tanta vontade de comer essa buceta. Mmm... Essa apertada que você dá... Caralho! Faz de novo, baby.

— Mmm... Delícia de pau. É tão bom... Você mete muito gostoso, Thor...

Suas mãos fixaram em meu traseiro, ajudando eu mover de encontro a suas apunhaladas revigorantes. O deslizar liso e restrito acendendo meu corpo em um fogo perverso.

Não sentia nada, nem mesmo a água banhando nosso corpo. Só Thor.

— Você gosta desse jeito, neném? Gosta de sentir meu pau entrando gostoso? Porra, eu amo a sensação quente e úmida da sua boceta me rodeando. Você me faz arder, neném.

Ele rebolou seu pênis dentro de mim, o atrito apertado atingindo todos os pontos sensíveis em meu interior ao mesmo tempo em que sua pélvis massageava meu clitóris.

A sensação foi tão, mas tão maravilhosamente apertada, que eu me senti abandonada e acolhida ao mesmo tempo. Não fazia ideia de como isso era possível. Eu quis mais.

— Oh, sì! Io adoro! Dê-me mais, Thor...

Beijamo-nos com urgente demanda enquanto nossos quadris se chocavam quase com violência.

— O quão perto está?

— Muito!

— Ótimo. Se agarre em mim. Vou gozar e não posso esperar mais.

Agarrei-me a ele com maior firmeza, recebendo suas investidas duras. Ele se voltou mais intenso e eu fui com ele, enlouquecendo em seus braços. Nossos sons de prazer se misturaram e, em seguida, nos impulsionaram num prazer duro, que nublou meus olhos e pulverizou minha mente. Minha buceta se contraiu em torno de seu pau, o clímax enrodilhando meu útero, estilhaçando sobre mim um deleite doloroso quando eu vim forte contra ele. Thor continuava metendo forte enquanto gozava com um urro, jatos e mais jatos abundantes enchendo-me a cada dura investida.

— Eu nunca vou me cansar de você, mas isso não muda o fato de que temos de conversar — ele disse um momento mais tarde quando se retirou de mim. Seu sêmen escorreu pelas minhas coxas.

— Não sei por quê... É sério! — garanti. — Você está vendo pelo em ovo. Estou sobrecarregada com a universidade e a viagem, já te disse isso.

Seu olhar me sondou.

— Tem certeza que é só isso?

— Absoluta.

A ruga em sua testa suavizou.

— Tudo bem. Eu fico mais tranquilo então.

— Estava pensando que eu tinha outro?

Seu olhar se voltou para mim, cuidadoso. Muito sério.

— Não... Você não faria isso, verdade?

— E eu tenho tempo? Mesmo se eu tivesse, você me gasta demais, Thor.

Ele depositou um beijo em minha cabeça.

— Eu te amo, Ella.

— Não me diga essas coisas.

— Não tem de ficar assim. Eu sinto amor por você e nada vai mudar isso. Não se envergonhe ou se sinta obrigada a dizer o mesmo... Porém, não nego que gostaria que a recíproca fosse verdadeira e me fizesse saber disso. No entanto, quero que faça quando realmente sentir e disser por que quer dizer. Nunca por uma obrigação, baby. Eu sou paciente, e eu vou esperar ansioso, mas irei esperar...

Ele deixou as palavras no ar quando me beijou. Então recuou, dando um beijo na ponta do meu nariz. Não dissemos mais nada depois disso. Era melhor assim. Terminamos o banho e nos trocamos. Minha vontade era ficar o dia inteiro com ele, infelizmente, não podia.

— Pegou tudo?

Balancei a cabeça, olhando dentro da minha bolsa enquanto caminhava na direção dele, segurando a porta aberta, então parei.

— Droga! Meu celular.

— Sabe onde deixou?

— Claro, — encolhi os ombros. — Aqui no quarto.

— Eu o vi sobre a escrivaninha.

Peguei o aparelho e o enfiei na bolsa então me dirigi para a porta do quarto, onde Thor me esperava. Estava passando por ele quando minha mente rodou. Uma leve vertigem me atingindo. Agarrei-me ao peito dele, deixando a bolsa cair no chão no processo. Senti suas mãos a minha volta, mantendo-me enquanto eu fechava os olhos, respirando fundo, antes de abri-los.

A tontura passou tão rápido quanto chegou e eu sorri fraco. Não queria que ele se preocupasse a toa. Mas, visto pelo seu semblante tenso, eu não tive sucesso. Sua mão subiu tocando minha testa.

— Tudo bem? O que você está sentindo?

— Niente. Sto bene. Davvero.

Os olhos negros semicerraram descrentes.

— Não. Definitivamente, você não está bem — assinalou categórico. — Essa já é a quinta vez que isso acontece desde que voltamos de viagem. Não é normal, querida. — E completou quando rolei os olhos com tédio. — Não estou dizendo que é algo grave, mas é algo e precisamos saber o que é. Eu vou marcar uma consulta para você hoje mesmo.

— Não há necessidade disso...

— Assunto encerrado.

A determinação tanto em sua voz quanto em sua expressão não dava margens para a recusa. Mesmo assim, eu tentei. Não estava disposta a ir a nenhum médico.

— Thor é sério, eu estou bem. Foi só uma vertigem boba. Deve ser porque eu não comi nada ainda. Estarei melhor quando comer. Eu não preciso de médico, mas de comida. — Ele fez uma careta de desagrado. — Eu prometo que se acontecer novamente eu vou ao médico, porém não hoje.

Ele suspirou derrotado e acariciou meu rosto, contudo, não parecia tão convencido.

— Certo, certo. Entretanto, se voltar acontecer, eu vou te levar ao médico nem que seja amarrada. Ou que fique brava comigo. Aconteceu e nós vamos. E tem de me prometer que vai me fazer saber disso, uma vez que ocorra. — Concordei com a cabeça, esboçando um sorriso. — Eu falo sério, Antonella. Prometa-me que irá me informar assim que acontecer novamente. Ou vou colocar alguém em seu pé quando eu não estiver por perto. Não quero saber se isso é por falta de comida, o que duvido... E não, não estou dizendo que está gorda então desfaça essa careta. Não se brinca com a saúde, querida.

— Ou com a vida, certo?

— Antonella. — A censura em seu tom me fez suspirar.

— Va bene. Eu prometo papà.

— Engraçadinha. — Sua palma bateu na minha bunda e eu sorri. Ele acrescentou, o alerta claro em seu tom de voz. — Não quebre minha confiança em você.

— Certo.

— Acho melhor você ficar em casa hoje.

— De jeito nenhum! Hoje eu tenho aula do Sr. McGraw, além do trabalho de Artes que ontem queimei meus neurônios para fazer. Hoje é o prazo final da entrega.

— Pietra pode entregar para você.

— Eu disse que se tiver isso de novo, vou te deixar saber. Até prometi e eu não quebro minhas promessas — alfinetei, me irritando. — Caramba! Tenho de fazer o que para você acreditar? Um pacto de sangue? Assinar um documento? O quê?

— Certo, certo. Não vou insistir. Se você diz que vai me avisar, eu acredito. Agora vamos tomar café e depois eu te levo a UCLA. — Rolei os olhos e bufei. — Não adianta fazer essa carinha. É isso ou você vai ficar em casa. E então?

Depois desse ultimato tive de concordar com a carona, se quisesse ir à aula. Passamos na cozinha e peguei uma maçã para comer no meio do caminho. Thor não gostou, porém deixou passar.

Maçã era a única fruta que meu estômago segurava pela manhã e na última semana ela tinha se tornado a minha fissura. Em uma semana comi um pomar inteiro. O que era muito estranho e fazia aquele sentimento inquietante aparecer, deixando meus cabelos em pé.

Quase uma hora depois, Thor estacionou o carro na frente da universidade e desceu, circulando o veículo e abriu a porta para mim.

— Eu vou fazer de tudo para vir te buscar hoje, mas se eu não vier, Benjamin estará aqui — ele informou quando desci do carro.

— Por quê?

— Smith vai à mansão hoje...

— Você prometeu — acusei, com um bico enorme e cruzei os braços sobre o peito.

— E eu mantenho a minha palavra. Ele vai à mansão para me apresentar sua noiva. — Ele me puxou. — Vem cá, — ele me beijou e sussurrou. — Amo você. Tenha um bom dia.

Entrei na mansão, dando de cara com os amigos de Thor espalhados na sala de estar, o que não era de se estranhar já que viviam aqui, como se não tivessem mais nada que fazer da vida. E Norah também, é claro. Isso sim era de se estranhar. A cara de pau dessa mulher era incomum e me enojava. Sobretudo, depois do que ela aprontou. Porca troia.

Não era de se admirar porque Thor a cozinhou por tanto tempo. Um homem como ele não levava a sério mulheres como ela.

Fraca. Suja. Covarde. Incapaz.

Eu poderia ter contado a ele sobre a cachorrada dela, afinal de contas, ele mais do que ninguém merecia saber que de santa aquela lá não tinha nada. Mas, então, pensei que se o fizesse, eu estaria me igualando a ela. E, bem, minha conta com a Srta. Píton desbotada era particular e sem partilha.

Eu cobraria a divida quando achasse conveniente. Ademais, não acreditava que ela oferecia risco a ele. E, bem, Thor era um menino grande que sabia se cuidar. Ela até poderia ser boa nas encenações, porém ninguém conseguia fingir perfeitamente bem vinte e quatro horas por dia.

Desviei minha atenção dela para Heithor quando ele se aproximou, abraçando-me e me deu um beijo rápido nos lábios. Sua expressão um pouco severa.

— Depois nós vamos conversar. Sério — ele sussurrou áspero e duro no meu ouvido, antes de pegar a minha mão, guiando-me para junto dos presentes.

Levei meu olhar entrecerrado para a Pietra e ela colheu os ombros ao lado de Nathan.

Ela tinha me prometido não contar a ele sobre o episodio de mais cedo quando ainda estávamos na UCLA. Mas, como de costume, sua língua fofoqueira foi mais forte.

Não tinha sido nada demais, realmente. Eu apenas não me dei bem com seu perfume fedorento, que ela jurou ser francês. Provavelmente, tinham engarrafado o xixi de um gambá francês num bonito vidro e etiquetado como perfume. Ou algo do tipo. Porque, de fato, ela tinha estado fedendo a podridão. E o meu dia que começara bem, desandou. Fiquei com o estômago ruim e vazio, o que não me permitiu concentrar nas aulas. Ao término, estava de mau humor devido à fome. Porém, uma passada no Nobu antes de retornar a mansão e o problema foi resolvido.

Thor se sentou no sofá e eu me sentei ao seu lado.

— Deixe-me te apresentar, — Thor começou, gesticulando para até então única desconhecida na sala, sentada ao lado de Smith. — Antonella, essa é a Marcela Fernandes, noiva de Gabe.

Ela sorriu afável e eu a imitei.

— É um prazer senhorita Fernandes. E parabéns pelo noivado.

— Obrigada. E o prazer é meu. Mas me chame só de Marcela, sim?

— Antonella — ofereci, em contrapartida.

Ela assentiu.

Thor continuou:

— Gabe, você já conhece.

— Olá, Dr. Smith. Como vai?

— Nada de doutor Smith, por favor. Gabe apenas ou Gabriel, como preferir. E respondendo a sua pergunta, eu estou um pouco melhor do que bem — ele disse, encarando a mulher ao seu lado, com olhos apaixonados. Então voltou a me olhar. — E a senhorita como vai? Espero que não esteja se aventurando mais sobre as duas rodas. Thor já não tem mais idade para fortes emoções.

Risos se espalharam pelo ambiente enquanto eu me sentia corar. Marcela cutucou o noivo, com uma expressão fechada, mas o sorriso insistente no canto de sua boca a entregava.

— Me foda — grunhiu Thor.

— Passo.

— Marcela está cuidando do seu coração? — devolvi sem poder me conter.

A risada foi geral. Ele se encolheu.

— Bem feito — disse Marcela.

Thor me apertou contra ele, rindo, e então, depositou um beijo em minha têmpora.

— Obrigado.

— Ela é rápida, não? — sondou Gabe.

Thor sorriu largo e respondeu:

— Você mereceu, idiota.

— Sei — murmurou ele, rindo. — E senhorita, me desculpe, sim? Meu coração está muito bem. Um pouco mais forte agora que encontrei a mulher da minha vida.

— Por favor, me chame de Antonella... Fico feliz por você... pelo os dois. Eu estou bem e mantendo a moto parada por enquanto. Na verdade, ainda não tive tempo para me aventurar.

— E por mim não terá nunca — resmungou Thor.

Ignorei-o, colocando minha atenção nos noivos.

— Vocês já marcaram a data?

Martha se juntou a nós e trouxe champanhe para brindarmos aos noivos.

Brindes mais tarde, Gabe e Marcela se levantaram e se despediram. Thor até convidou-os para ficar para o jantar, no entanto, eles já tinham planos com a mãe de Marcela.

— Marcaremos outro dia então — Martha disse. — Gabriel ligue para Heithor avisando o dia, e eu mando preparar um jantar delicioso para nós.

— É muito gentil de sua parte, Martha — disse Marcela, sorrindo. — Assim que tivermos um espaço na agenda, eu peço pra Gabe avisar. Mas já adianto para não se incomodar. Somos muito simples. E nem ele, nem eu temos problemas com comida.

— Que isso, cara mia! Não será nenhum incomodo. Deixe-nos saber e o resto é por minha conta.

— Obrigado Martha — disse Gabriel. — Esteja certa que faremos isso.

Levantei-me, imitando os demais e foi quando a vertigem de mais cedo retornou com maior força, deixando meu corpo mole. Minha mente rodou e tudo a minha volta ficou escuro...

Não sei por quanto tempo fiquei desacordada, apenas que voltei à realidade quando um cheiro forte queimou meu nariz e forçou minhas pálpebras abertas. Estava deitada sobre o sofá com Thor e os noivos ao meu redor. Sentia-me um pouco mole e desnorteada, ainda assim tentei me levantar.

— Não se levante querida — orientou Marcela. — Permaneça deitada por alguns instantes, sim?

Sacudi a cabeça e levei o olhar para Thor. Ele parecia tenso.

— Eu estou bem — garanti a ele num tom baixo.

Sua expressão se apertou.

— Bem? Não Ella, você não está bem desde que voltei de viagem.

— Thor...

— Não Antonella — negou balançando a cabeça. — Não podemos adiar mais, eu não posso. Hoje mesmo te levarei ao médico e não adianta você se negar.

— O que está havendo? — Gabe indagou.

— Não é nada de...

— Esta é a segunda vez que ela perde os sentidos hoje e a sexta desde que eu cheguei de viagem.

Caramba! E eu achando que ele não tinha sacado das outras vezes. Bufei. Heithor continuou seu relato fantasioso, exagerando no drama enquanto eu me sentava, fulminando-o com o olhar.

Marcela disse algo para Gabe que saiu apressado.

— Ele é a rainha do drama — resmunguei.

— Eu não penso assim — Pietra interferiu, ignorando meu olhar de não-se-intrometa. — Hoje ela passou mal na universidade. Colocou até as tripas para fora e quase me grunhiu para ficar longe dela, alegando que meu perfume fedia a gambá. Quero dizer, ela realmente fez.

Thor estreitou seu olhar para mim mais irritado.

— Fedia mesmo — queixei-me.

Antes que Pietra respondesse, Gabe retornou, com uma maleta nas mãos e deu-a para Marcela.

— Eu vou medir a sua pressão, tudo bem para você?

Estreitei os olhos, mas concordei.

Quando Marcela terminou o procedimento, ela disse:

— Sua pressão está um pouquinho baixa, Antonella. O que você tem sentido?

Relatei de má fé a médica tudo que eu vinha sentido nos últimos dias, até dos meus seios um pouco inchados e doloridos. Esta parte eu murmurei baixinho, sentindo meu rosto pegar fogo.

Uma vez que acabei, tia Martha tinha um sorriso de orelha a orelha.

— Desde quando você está sentindo esses sintomas?

Ruminei por um instante.

— Bem, desde pouco depois que retornamos do Havaí, há um mês e meio, se não estou enganada.

— Você está no controle de natalidade?

Franzi o cenho, uma tensão espessa nascendo a minha volta, e eu não gostei.

— Eu não estou te acompanhando. O que isso tem a ver?

— Responda — Thor sibilou.

— Eu tomo injeção a cada três meses. A próxima tomarei essa semana ainda.

— Você não pode tomar a injeção, querida. Não mais.

Meus olhos se fizeram em pratos.

— O quê? Por que não posso? — A pergunta saiu num fiapo de voz.

Ela se levantou, ficando ao lado de Gabe, que passou o braço sobre seus ombros, eles sorriram. Thor alternava seu olhar crescido entre ela e eu. O resto da paciência que eu tinha foi para o ralo.

— Então?

— Bem, você não quer prejudicar o quê tem aí dentro, não é?

Meus nervos estalaram tão rápido, que até eu me surpreendi.

— Santo Dio, mulher! Diga logo e, per favore, numa língua que eu entenda! — Exigi, levando-me de súbito. Ela suspirou e o desespero me comeu viva. — Eu vou morrer, não é? — Voltei-me para Thor sem dar tempo dela responder, eu estava grunhindo para ele. — Questo è colpa tua, suo cretino! Eu sabia que não devia procurar um médico, a gente sempre acaba achando mais que o desejado, ma tu non... Você

tinha que dar uma de salvador da pátria! Ti odio!

— Ella...

— Ella o caralho! Eu não precisava e nem queria saber que vou morrer tão cedo. Ai, Dio, sono troppo giovane[72]. Isso é tão injusto! Tanta gente velha pra morrer e tem de ser eu a escolhida quando nem vivi direito? Não está certo! — Eu balbuciava feito uma louca, sem me importar com as pessoas que estavam presenciando meu desespero pré-morte.

— Céus! Fique calma, querida. Você não vai morrer — Marcela disse.

Eu parei, focando nela, minhas mãos pregadas no quadril.

— Não? Se não vou morrer que merda eu tenho então?

— Eu sou ginecologista e obstetra, Antonella. Já vi centenas de casos como o seu. Então não se preocupe, sim? Te garanto que em nove meses, você estará de volta ao normal, bem, no seu caso creio que em sete ou sete e meio. Temos de fazer o exame para confirmar.

— Eu gostaria muito que você, por gentileza, começasse a falar a minha língua e de preferência sem código Morse no meio. Isso é possível?

— Perdoe-a, Marcela. Como pode ver, Antonella não anda muito bem.

— Muito pelo contrário, Heithor, ela está muito bem. É comum ela ter esse tipo de comportamento. As mulheres tendem a ser um pouco temperamental quando estão na situação dela.

Podia sentir meu sangue gelando aos poucos, a apreensão atando meu estômago enquanto todos os olhos pareciam estar sobre mim, incluso os de Thor, que permaneceu fitando-me por longos minutos. Várias emoções lampejando em seus olhos. Descrença. Perplexidade. Conhecimento logo felicidade e outras mais que não pude decodificar. Um sorriso iluminou seu rosto. Não um sorriso qualquer, mas aquele que me ofuscava a mente e me fazia sorrir em resposta, mesmo quando brava.

— Está falando sério, Marcela? Como?

Gabe riu.

— Vai me dizer que você, logo você, Thor, não sabe?

— É claro que eu sei, idiota. Mas como isso é possível?

— Ela precisou tomar algum medicamento forte enquanto vocês estavam de viagem?

— Ela pegou uma virose na viagem e o médico receitou antibióticos... — ele continuou relatando enquanto eu batia o pé impaciente, tentando alcançar uma calma que eu não tinha.

— A maioria dos antibióticos por serem muito fortes pode diminuir ou cortar a eficácia do contraceptivo, e pelo jeito fora isso que se ocorreu com ela. — Marcela me olhou e eu congelei estacada no lugar. — Você está grávida, Antonella. Parabéns!

— *Come?*

— Não posso te falar com cem porcento de certeza agora, porque não fizemos o exame, contudo, com meus anos de experiência eu aposto 99,9 porcento das minhas fichas na gravidez e o outro 0,1 tiramos a limpo amanhã cedo fazendo um exame de sangue.

Capítulo 39

Através da perplexidade eu concentrei meu ibope em apenas uma pessoa. Marcela. O pulsar grosseiro do meu coração tão forte, que minha pele parecia vibrar.

Esclareci a garganta e pisquei para fora um pouco do choque, obrigando-me a reagir.

Eu não tinha ouvido direito.

— Você... você... você está... — Minha voz tornou a fugir ao mesmo tempo em que as palavras pareciam bailar ao redor da minha mente. Respirei fundo uma e outra vez. Tudo parecia estar em câmera lenta quando arqueei as sobrancelhas, tentando de novo, de maneira pausada, enquanto gesticulava em torno da minha barriga. — Você está dizendo que há um...

Não consegui terminar a frase. A palavra simplesmente não me vinha em mente, mesmo minha língua se recusava a pronunciá-la. Então eu comecei a rezar em silêncio.

— Sim, querida. Você tem um lindo bebezinho dentro de você. Aposto minha carreira nisso.

Eu soltei um riso frouxo, minhas mãos e cabeça agitadas.

— Não, não... Isso... isso... isso... Apenas não. Não é possível. Confie em mim, não é.

— Pela hora tardia não podemos garantir um exame de sangue, porém um de farmácia que é quase tão eficaz quanto, irá nos dizer, se não quiser esperar até amanhã. Mas você está grávida, Antonella...

Ela continuou com o discurso profissional, mas eu era incapaz de emprestar atenção. Todos os meus sentidos pareciam paralisados naquele momento. Minha mente então ficou mais limpa que um dia de céu límpido, impedindo-me de processar a informação por completo.

Virtualmente, me senti recebendo abraços e felicitações. Meus descrentes olhos balançando entre os vultos dos presentes, registrando sorrisos e um rosto mal humorado.

Oddio...

Não havia expressão em minha face lívida. O sangue parecia ter sido drenado do meu corpo, que *agora* estava frio. Um arrepio horripilante subiu pela minha coluna, congelando-me até a medula, em contrapartida, começou a escavar algo lá dentro. Algo que ao primeiro sinal de luz injetou sangue quente nas minhas veias e o fez correr novamente, ditando meu coração a pulsar rápido.

Eu estava neutralizada sobre os meus pés, como uma perfeita idiota.

Passado alguns segundos ou minutos talvez, não sei ao certo, minha mente descongelou e voltou a trabalhar, freneticamente, assimilando toda aquela situação.

Grávida. Grávida. Grávida. Grávida.

Isso não pode estar acontecendo. É uma brincadeira, pensei, numa mistura de pavor e incredulidade enquanto tomava rasas respirações. Porém, mesmo enquanto eu me negava a acreditar, a palavra se repetia em minha cabeça acompanhada de flashes. Mas não podia ser!

Maldição, alguém ali estava me sacaneando. Era uma pegadinha de muito mau gosto. Não tinha outra explicação. Eu não podia, aliás, me recusava a acreditar no absurdo que ouvira.

Não está acontecendo. Este é somente um maldito pesadelo muito realista que irá desaparecer quando eu abrir os olhos. Abra os olhos Antonella. Abra a porra dos olhos. Agora.

Todavia, eles estavam abertos. Arregalados. Tão grandes, que doíam.

Thor e eu nunca tínhamos usado camisinha, era certo. Ele tinha sido o único ao qual me permiti tal extravagância e, segundo o próprio, ele também nunca tivera se desprotegido antes. Tínhamos feito exames. Estávamos saudáveis e limpos. E, inferno, eu tomava injeção a cada três meses antes mesmo

dele aparecer, justamente, para que uma desgraça como essa nunca acontecesse e *agora*...

Meus joelhos fraquejaram quando o reconhecimento da seriedade naquelas palavras se instalou em minha mente acompanhada dos meus momentos de estranhezas durante as semanas anteriores.

A verdade era inegável, e com o coração a mil percebi que ela sempre estivera lá, porém eu me negava a vê-la. Para mim não fazia sentido, não era possível. Eu me cuidava, merda! E, *agora*, ela estava me acertando com um bloco de cimento. Dura. Impiedosa. Loucamente.

Soltei o ar, cambaleando para trás quando minhas pernas amoleceram desprovidas de ossos sólidos. Porém, antes que chocasse meu traseiro contra o chão duro, mãos quentes e firmes, que eu conhecia bem se fecharam em torno da minha cintura e me acomodaram num assento macio.

Em alguma parte distante da minha cabeça, eu ouvi Thor falar comigo. A princípio não reconheci seu tom. Era diferente de qualquer outro que já tenha ouvido. Minha cabeça dava voltas.

— Ella, meu amor, olhe para mim, — pediu ele, segurando meu rosto entre suas mãos. Levantei o olhar para ele. — Você está bem?

Eu continuei a olhar para ele em silêncio.

Thor estava ajoelhado na minha frente. Sentia seus dedos acariciarem as maçãs do meu rosto, com suavidade. Puxei o ar pela boca e desviei os olhos dele, percorrendo a sala sem ver ninguém antes de tornar a pousá-los nele. Havia um brilho intenso em seus olhos azeviches.

— Tudo bem?

— Io... — minha voz morreu.

Como eu posso estar bem? Ele não ouviu o que Marcela disse? Ou eu estou escutando coisas demais? Dio, devo estar enlouquecendo...

— Eu sei, querida. Isso... Deus, isso é inesperado para mim, também. Grávida... Cacete, eu ainda não posso acreditar que você está grávida... Jesus, eu vou ser pai. Vamos ter um bebê.

— Thor? — chamei num tom esganiçado.

— Entendo que você está assustada. Confie em mim, eu também estou. Atemorizado seria a palavra certa. Não esperávamos por isso... Caralho, realmente nós não esperávamos por isso, não é mesmo? Está sendo uma surpresa. Uma baita surpresa! Céus, eu...

Segui olhando-o sem compreender enquanto ele se perdia em sua própria descrença.

Na verdade, eu não estava assustada, senão indo ter uma taquicardia. Até meus ossos tremiam. E, na boa, esse não era o tipo de surpresa que eu apreciava. Definitivamente, não era.

Ele tirou as mãos de meu rosto e as pousou sobre minha barriga, soltando um suspiro pesado. Eu endureci atordoada, olhando para o sorriso amplo esticando a face dele então ele me fitou com intensidade. Seus olhos estavam marejados e sorridentes, de uma maneira perturbadora.

Thor prosseguiu:

— Deus, Antonella,eu te amo tanto, neném! Você não tem ideia do quanto está me fazendo feliz. Não há nesse mundo um homem mais feliz e completo do que eu neste momento, meu amor. De tudo que poderia dar-me, isso, nosso bebê... Eu amo você. — Suas mãos passaram acariciar minha barriga enquanto meus olhos se estreitavam, formando um vínculo apertado entre minhas sobrancelhas. A voz dele *agora* não era mais que um sussurro baixo e terno, cheio de emoção. Uma emoção que para mim não fazia sentido algum quando ele acrescentou. — Eu sei, sentir medo é normal. Deus sabe que eu estou pelas bordas aqui, mas confie em mim, neném, tudo ficará bem. Eu vou cuidar de você e do nosso bebê. Sempre. Não vou sair do seu lado um minuto sequer. Porra! Eu estou tão feliz Ella, que minha vontade é gritar aos quatro ventos o quanto amo você.

Ele colou seus lábios nos meus. Sem aviso. Não me dando chance de recuar e me beijou profundamente. Fiquei imóvel enquanto seus lábios firmes tomavam os meus, de maneira apaixonada, que em outra ocasião teria me colocado quente da ponta dos pés até a raiz do cabelo.

— Thor?

— Desculpe meu amor, eu estou aqui falando sem parar e sendo menos prático, mas eu estou muito emocionado... — Ele tomou fôlego, sorrindo com presunção. O sorriso tosco não deixava seu rosto. Estava lá, tatuado. — Eu vou tentar ser o mais direto possível.

— Thor o quê...?

Sua expressão se voltou muito séria. Uma comoção que me deixava de pelos arrepiados reinou resoluto dentro de seus negros olhos brilhantes.

— Ella, eu não gosto de rodeios então vou direto ao ponto.

As mãos dele deixaram minha barriga e seguraram as minhas mãos, entrelaçando nossos dedos.

Enfim, ele colocou a cabeça no lugar, pensei com um fio de alívio se afundando dentro de mim, sentindo uma chama de esperança nascer em meu peito. Nem tudo estava perdido.

— Baby, você não tem que se preocupar com nada exceto em se cuidar e cuidar do nosso bebê. Em um ou dois meses no máximo eu consigo organizar tudo para que possamos nos casar, antes da sua barriga aparecer. Imagino que você não queira entrar na igreja com a barriga aparecendo, não que isso fosse me incomodar. Ao contrário, mal posso esperar por isso...

Pisquei. Uma. Duas. Três vezes.

— Como é? — sondei baixinho, sentindo a chama de esperança se apagar bem diante de meus olhos e o desespero a um triz de transbordar.

Igreja? Casar? Que porra era essa?

Eu não queria me casar de nenhuma maldita maneira!

A voz dele alardeou a minha volta, as palavras saindo frenéticas.

— Não vou te deixar sozinha. Eu prometo. Isso significa que vou deixar meu trabalho, apenas precisarei de um ou dois meses para me organizar então seremos somente nós três. Não quero você ou o nosso bebê correndo perigo por causa do meu fodido trabalho. Enquanto isso, as garotas e a Martha podem te ajudar nos preparativos para o nosso casamento. Ou pode chamar suas tias e sua mãe. Ou, foda-se, chame quem você quiser. Não importa o quanto custar, o que quiser é seu. Semana que vem nós podemos marcar a data e visitar seus pais, se eles não puderem vir antes do casamento. Cacete, nem sei se poderá viajar. De qualquer maneira, eu vou falar com eles. — Ele fez uma breve pausa então encostou a testa na minha, seu olhar dentro do meu quando me falou, calmamente, apenas para mim. — Porra, neném, poderíamos ir a Vegas hoje mesmo, se assim quiser... Ella, eu não vou te deixar sozinha *nunca*. Eu te quero mais ainda, se isso é possível. Tudo ficará bem. Eu prometo querida. Sei que não me ama, mas isso não importa. Meu amor por você é suficiente para dois, bem, agora nós três. Vamos fazer isso funcionar, neném. Eu prometo.

Oh, Minha Nossa! Ele falava sério. Muito malditamente sério.

Meus olhos cresceram estupefatos, jogando as sobrancelhas próximas da linha do meu cabelo quando compreendi que ele estava a sério comprando aquela insanidade. O sorriso estúpido ainda lá, em sua face, me revoltando de maneira lenta e gradativa.

Ele continuou com suas asneiras lunáticas, não me dando chances para abrir a boca. Isso me aborreceu profundamente, atirando álcool a minha irritação crescente.

— Podemos ligar para sua família hoje mesmo. Sim, faremos isso logo mais. Embora estejamos atropelando as coisas, eu gostaria de pedir sua mão ao seu pai, como deve ser. Sei que soa arcaico e um pouco piegas. Mas, quero fazer isso do jeito certo.

Que. Porra. É. Essa?

Engoli às secas, sentindo meu sangue ferver, de repente.

— Porra, eu sou muito estúpido. Perdoe-me, estou aqui falando em pedir sua mão ao seu pai quando nem mesmo fiz o pedido a quem realmente importa... Por razões óbvias, eu não tenho um anel aqui comigo, Ella, mas hoje mesmo vou cuidar disso. — Ele tomou fôlego. — Antonella Morris Vicenti, você me tiraria da minha miséria para me conceder a honra de tê-la como a minha esposa até o resto dos

nossos dias? Quer se casar comigo?

Vários “oh” encheram o ar a minha volta enquanto minha respiração se detinha de súbito. Meus batimentos cardíacos vacilaram no momento em que as palavras dele chicotearam meus ouvidos, deixando-me pasma e mais assustada do que eu já estava.

Esse doido varrido não entendia a gravidade da situação? Será que ele ainda não enxergava que tudo isso era uma loucura na qual somente eu estava me fodendo?

Puta merda! Ele não podia estar falando sério.

— Ella, querida, essa é a hora em que você me responde, de preferência, positivamente — Thor pediu num sussurro, seu olhar ansioso sobre mim.

Esse ordinário está querendo mesmo foder com a minha vida!

Minha cabeça oscilou para os lados quando balbuciei.

— N-n-no. *Davvero no*[73]*!*

Tirei as mãos dele de cima de mim, empurrando-o. Apartei-me dele quase tropeçando na poltrona que caiu atrás de mim pela forma impetuosa que me levantei. Ele ficou lá, ajoelhado, com as mãos apoiadas nas coxas. Olhando-me com os loucos olhos marejados e suplicantes.

Eu comecei a rir numa combinação de histerismo, incredulidade e raiva. Sentia meus próprios olhos queimarem na angústia desesperadora que se levantou dentro de mim, de maneira profusa.

Fixei meu olhar entrecerrado nele, minhas mãos fincadas no quadril.

— Perdeu sua mente de vez, Castellammare? Casamento? Falar com meus pais? Igreja? Eu não quero entrar em igreja nenhuma, nem sequer quero me casar, cazzo! E você não se atreva a ligar para os meus pais para dizer qualquer merda dessas! Ouviu-me? Dio, que porra louca é essa?

— Ella...

— Não é não, cacete! — gritei. O humor tinha ido para o raio que o parta. Então acrescentei alterada enquanto andava de um lado para o outro, quase arrancando os cabelos. — Você é louco? Está querendo acabar com a minha vida por acaso? Por que simplesmente não mete uma bala na minha cabeça? Puta merda! Isso... isso... Droga! Isso não pode estar acontecendo comigo...

Ele se colocou de pé num salto.

— Ella, amor, se acalme.

— Me acalmar? Me acalmar! Eu descubro que tenho uma *coisa* dentro de mim, pronta pra foder com a minha vida enquanto você está aí enlouquecendo, e você quer que eu me acalme? Sério isso?

Exclamações escandalizadas eclodiram, todavia, desde que aquela prestes a ser aniquilada era a minha vida, eles podiam beijar a minha bunda se quisessem.

— Antonella! — Thor alertou sobre os demais, a fúria vibrando em seu tom severo. — Sei que está nervosa, assustada até. E entendo. Eu também estou. Está sendo uma surpresa para todos. Mas, baby, você precisa se acalmar, antes que diga coisas que vão nos machucar. Eu sei que não quer dizer nada disso então...

— Sabe?

Recuei um passo quando ele tentou se aproximar de mim.

— Antonella, te cale, por favor. Não faça isso. Acalme-se e vamos conversar. Não temos de falar nesse exato momento, mas precisa se acalmar agora. Ficar assim não te fará bem, nem ao bebê.

Meu peito subia e descia com brusquidão quando cerrei minha mandíbula.

— Eu estou cagando pra... pra essa... *coisa* asquerosa que você chama de bebê — sibilei com um nojo pungente. Meu estômago estava se contorcendo. Mais uma rodada de exclamações se fez ouvir, mas pouco me importei. Eles que fossem a merda. Thor me olhava consternado quando apontei o dedo para ele enquanto mordia cada palavra seca saindo dos meus lábios, de maneira pausada e clara, para que não houvesse dúvidas quanto a minha posição. — Preste bem atenção. Eu não vou me casar com você nem hoje, nem nunca. E, definitivamente, não vou ter isso.

— V-você está brincando comigo?

— Está me vendo rir, babaca? Certo che non sono! — Sacudi a cabeça. — Você realmente acha que eu não gosto da minha vida, não é? Bem, eu não estou muito feliz com ela desde que você chegou, porém eu podia suportá-lo. Agora isso? Nem fodendo! Não aceito essa merda! Eu me recuso aceitar qualquer *coisa* que vá foder com a minha vida. Inferno, já basta você me arruinando! Eu e você fomos mais do que eu me permiti alguma vez... Não. *Isso* não. Não mesmo!

Thor cambaleou para trás, fechando os olhos com força e as mãos em punhos duros. Nathan esteve ao seu lado num piscar de olhos. Quando seus olhos se abriram eram duros e ferozes, me olhando como quem olha um desconhecido contagioso, repugnante. Entretanto, isso não me afetou. Na verdade, era assim que eu me sentia, o que me dizia para ser prática e resolver aquilo já.

Voltei-me para Marcela.

— Você pode tirar isso de mim?

— Eu... eu... Não.

— Pode me indicar algum colega seu que faça? — inquiri, segurando-me pelas beiradas para não deixar o volume de desespero me cobrir e sufocar minha vida.

Marcela piscou, jogando o olhar para todos como se buscasse por ajuda.

— Amiga, sei que está nervosa, mas tente ser razoável — pediu Josie. Eu olhei para ela, não amenizando minha expressão de descrença quando ela acrescentou. — Um bebê é uma dádiva de Deus e o melhor para essa criança é que os pais fiquem juntos. Thor está certo.

— Amada, não faz assim — disse Pietra. — Eu sei, isso é assustador. Acredite, eu também teria o inferno fora de mim, porém eu sei também que você pode fazer isso. Todos nós vamos ajudar. Foi inesperado, como Thor disse, mas todos nós estaremos aqui. Juntos.

Intercalei meu olhar cheio de desprezo entre aquelas duas traidoras.

— Me façam um favor, cadelas. Se fodam! Perderam a mente também? Querem um maldito bebê? Façam vocês mesmas! E não se intrometam no que não lhes diz respeito. Ninguém nesta sala, seja quem for, tem o direito de dizer o que eu devo ou não fazer. A porra da vida é minha, caralho!

— O bebê não é só seu — retrucou Josie. Eu a odiei.

— E essa conversa não diz respeito a você. Que parte disso você não entendeu, filha? Guarde seus sermões morais de merda para você mesma ou vá embora. Não preciso da sua santidade aqui, mas da amiga que eu acreditei ter. Pelo visto eu estava enganada, não é assim?

Ela se encolheu, com o olhar ferido.

— Eu sou sua amiga, Antonella, no entanto, isso não significa que eu tenha de fechar os olhos quando você está fazendo merda. Eu tenho o dever de te dizer quando está errada. E agora você está. É de um ser humano que estamos falando...

— E nem todos valem a pena. Eu não vou ficar discutindo a minha vida *real* com uma boboca sonhadora, que acha que se casar virgem é sinônimo de perfeição. E me deixe dizer isso. Você é uma tola, Josie. O mundo não é cor de rosa como pensa. Seu sonhozinho estúpido de vida feliz não existe. Cai na real, porra!

Assisti seus olhos machucados desviarem para o chão e apreciei isso.

Estavam tentando me ferrar sem piedade.

Eu podia fazer o mesmo. Eric a puxou para detrás dele, e me encarou com raiva.

— Não ouse falar com ela neste tom novamente...

— Ou quê? Vai me bater? Me matar? Apenas tente, babaca!

— Não vale à pena — respondeu ele, com repudio. *Impertinente*. — Você é de dar pena. Não merece as amigas que tem. Não merece Thor, nem ninguém. É fria. Mesquinha. Egoísta. Uma cadela. — Meus olhos salpicaram, e eu trinquei os dentes enquanto respirava fundo, tentando manter a porra das lágrimas dentro dos meus olhos. — Eu só sinto por meu amigo e por esse bebê que não merece ter uma mãe como

você. Infelizmente, essa criança já virá ao mundo castigada.

— Vaffanculo, suo...

— CHEGA, PORRA! — ordenou Thor, sua voz soando como um trovão enquanto dividia seu olhar entre seu amigo e eu. Ele parecia eficaz. Duro e austero. Seu rosto sem expressão exceto pelas linhas empedernidas. — Você, — ele apontou para mim, — Sente-se e se acalme.

— Não.

Num piscar de olhos ele esteve na minha frente, sua fúria dobrando-me.

— Senta na porra daquele sofá. Agora.

Heithor não gritou, como antes, mas sua voz em tom baixo era tão afiada e letal, que me estremeceu da cabeça aos pés e eriçou os pelos da minha nuca. Um alerta de perigo disparou em minha cabeça. Meu instinto de autopreservação ativo em potência máxima. Eu não ousei retrucá-lo, mesmo corroendo-me de ódio, e então, tomei passos duros para o sofá sob o olhar sombrio dele.

Martha apareceu do meu lado.

— Tome cara mia. É água com açúcar. Vai ajudá-la a se acalmar.

— Não estou com sede.

— Beba — rugiu Heithor.

Engolindo uma maldição, estiquei a mão tremula e peguei o copo. Bebi dois goles e me inclinei para colocá-lo em cima da mesinha central.

— Beba tudo — ele tornou a ordenar.

Mirei-o com os olhos queimando em fúria, pensando seriamente em jogar o restante de água na cara dele e depois o copo. Mas me contive e bebi toda água. Martha tomou o copo vazio das minhas mãos, em seguida. Eu não olhava para ninguém exceto para aquele bastardo de merda, porém podia sentir os olhares acusatórios dos demais sobre mim. Isso somente me deixou mais revoltada.

Fixando-se em mim, Heithor disse:

— Por favor, saiam todos. Eu preciso ter uma conversar a sós com Antonella.

— Thor, eu não acho uma boa ideia — Pietra murmurou baixo. — Vocês estão com os nervos exaltados... É melhor conversarem amanhã quando estiverem mais calmos.

Nesta hora eu me perguntei onde diabos minha melhor amiga havia se enfiado, pois ela em momento algum tomou minhas dores e me defendeu daquele doido. Não podia acreditar que ela compactuasse de tamanha insanidade. Mas, então, Josie fazia. Logo Pietra foi atrás.

Traidoras de merda.

— Figlio mio, sua irmã tem razão...

— Não. Ela e eu precisamos ter essa conversa agora.

— Não precisamos não, — ralhei. — Eu não tenho mais nada para falar com você ou qualquer outra pessoa aqui. A decisão é minha e já está tomada. Perdeu sua mente se acredita que qualquer coisa que diga me fará mudar de ideia. Eu não quero nada disso. Nada.

— A fodida decisão não é só tua, porra! É do nosso filho que você está falando, portanto, a decisão de tê-lo ou não cabe a mim, também... Eu aceito sua rejeição ao meu pedido de casamento.

Seus olhos eram de uma mágoa e tristeza profunda, que quase me fizeram correr para os seus braços e abraçá-lo, mas eu não podia me esquecer de que ele estava batendo a merda fora de mim.

Era da minha vida que estávamos falando.

E ele parecia ter sérias intenções de acabar com ela.

— Ouça Ella. Eu sei que você está assustada. Não planejamos uma gravidez. Nem sequer falamos sobre isso alguma vez. Eu entendo o teu medo. Mas eu não vou te deixar sozinha. Nós vamos aprender juntos a lidar com essa nova situação e cuidar do nosso filho. Se você não quer se casar agora tudo bem, nós continuaremos como estamos. Eu prometo que vou ser paciente e esperar até que você se sinta preparada para aceitar o meu pedido.

Francamente, eu não sabia se ria ou chorava. Meu desespero só fazia aumentar com suas palavras idiotas. Ele se sentou na mesinha central de frente para mim e, em seguida, suas mãos procuraram as minhas, porém as afastei antes que ele pudesse tocá-las.

— Não o rejeite e não me rejeite. Por favor.

— Eu não o quero. Você realmente enlouqueceu, Heithor, se acha que eu vou prosseguir com essa maldita loucura. — Levantei, encarando-o enquanto vasculhava seu rosto, torcendo que ele me compreendesse. — Eu não quero ser mãe. Nunca sequer cogitei a hipótese de ser. E, confie em mim sobre isso, ninguém, nem uma fodida pessoa pode me obrigar a ser o que eu não desejo.

Heithor me fitou com frieza quando se ergueu na minha frente.

— Pois aprenda a gostar da ideia de ser mãe — ele decretou, dando um passo em minha direção, sua voz ameaçadora me fez sentir calafrios. — Nem que eu tenha de mover céus e terra você o terá. Não me interessa se você gosta ou não. Vai tê-lo, Antonella.

— Merda, Thor! Você não pode me obrigar a fazer isso. — As lágrimas vieram em torrentes, molhando o meu rosto quando meu desespero atingiu o grau máximo, deixando-me num misto de ira e angústia desenfreada. — Non capisce? Eu não posso ter essa *coisa*!

— Não chame nosso bebê assim. Ele é parte de nós dois, quer queira quer não. — Neguei com a cabeça, tentando em vão não escutá-lo. — Mesmo que você não me ame como eu te amo, sei que sente algo por mim. Nosso bebê foi feito com carinho e amor, com a porra de algum afeto, mas foi feito com um bom sentimento. Ele é uma benção, Ella.

Comecei a rir histericamente em meio às lágrimas.

— Benção? Não Heithor. Para mim isso é uma desgraça, a pior coisa que poderia me acontecer depois de você... — À medida que as palavras saiam da minha boca, amargas, como fel, os olhos dele se tornavam mais frios. Podia ver sua ira flamejar em suas íris negras, mas isso só me incentivou a continuar, pois eu também estava possessa por ele se achar no direito de decidir algo tão importante na minha vida. —... Esse... *bebê* não passa de uma erva daninha que está crescendo dentro de mim sem a minha permissão — terminei, colocando todo o desprezo e nojo que sentia por aquele ser invasor, que havia se apossado do meu corpo sem o meu consentimento.

Heithor me fitou com horror.

— Cale-se! Fecha sua fodida boca, Antonella. Não diga mais nada.

— Que foi? É demais para você ouvir o que eu realmente sinto em relação a essa merda? Não quer a verdade? — indaguei, num tom ácido, com o sarcasmo brincando em minha língua enquanto observava a expressão de Heithor mudar de incrédulo chocado para assassino cru. Ele tinha as mãos fechadas com tanta força que os nódulos estavam brancos. Eu me deliciei com a ira branda faiscando em seus olhos, deixando-os mais negros e selvagens. Ele me feria, ma, per Dio que, ele ia ter isso de volta. Então prossegui, deixando as palavras fluírem com aspereza, queimando minha língua. — Eu já odeio esse troço. Ele não é bem-vindo em meu corpo. E sabe o quê? Eu mal posso esperar à hora de tê-lo fora, descartado como o lixo que ele é.

No instante que as palavras saltaram fora, assisti em câmera lenta o braço de Thor se levantar, sua palma com um destino certo. Meu primeiro instinto foi me encolher, contudo, mantive minha postura firme, encarando-o em desafio. Mais furiosa, se possível.

— Não Thor! — exasperou Adam, segurando seu braço.

O tapa interceptado doeu mais do que se ele tivesse me acertado, de fato. Então, nesse instante, eu o odiei com todas as minhas forças e odiei mais ainda aquela coisa asquerosa dentro de mim.

O invasor mal tinha aparecido e Heithor já o preferia a mim.

— Andiamo, valentão! Bata-me! Mostre o quão macho você é. Eu juro que nem vou tentar me defender, aliás, vou ficar bem quieta enquanto você mesmo tira essa erva daninha de dentro de mim. Covarde bastardo de merda! Ti odio maledetto!

— Saía da minha frente — ele grunhiu. — Vai Antonella! Desapareça da minha frente, antes que eu te dê a surra que seus pais não tiveram coragem te dar.

— Vai Antonella — ouvi Adam rosnar.

Engoli às secas. Meu corpo todo tremendo de raiva e medo. Dele, de Thor, porém mais do que me aguardaria se ele persistisse com esse absurdo. Estava a ponto de entrar em colapso.

Girei sobre meus calcanhares logo alcançando a escada e, posteriormente, o quarto. As lágrimas me cegavam a cada passo. Uma angustia gigantesca dava as mãos ao desespero em meu peito. Eu só tinha me sentido aflita assim uma vez. E, inferno, não passaria por aquilo de novo.

Meu estômago se rebelou quando cheguei ao quarto e eu corri para o banheiro. Ajoelhei-me ao chão, abraçando o vaso sanitário enquanto a ânsia violenta me fazia vomitar a alma e as lágrimas.

Sentia um nojo descomunal dele, de mim mesma, de tudo aquilo.

Minha mente tinha dado vários nós. Nada do que eu pensava, nem mesmo uma maldição parecia ser suficiente. Eu estava perdida, decepcionada, irada. Vivendo em um filme de terror do Freddy Krueger, só que ele atormentava-me acordada, ao invés.

A premonição nunca tivera sido meu forte, mas nesse momento, eu podia enxergar de maneira clara e impotente o meu mundo perfeito ruir a nada...

Após uma série de rodadas de regurgitadas, a ânsia diminuiu. Abaixei a tampa do vaso e dei a descarga. Permaneci imóvel por alguns minutos, congelada na minha idiotice.

Não tinha qualquer controle. Não tinha nada.

Entrei no automático quando comecei a tirar minhas roupas, demorando mais do que o necessário devido o tremor de meus dedos. Sob o jato forte de água quente, eu fechei os olhos. Minha garganta apertada em demasia, seca e dolorida. A aflição me contorceu as vísceras quando busquei o sabonete e esponja, com desespero e incapacidade, na tentativa de limpar-me.

Sentia-me tão, mas tão suja, que o asco subiu em profusas ondas através da minha garganta uma vez que toquei a barriga. Apartei as mãos rapidamente dessa parte. A ânsia aumentou e, em seguida, obrigou-me a curvar novamente com a violência do impulso do vômito.

Maledizione! Eu mal podia me tocar sem que sentisse nojo de mim mesma.

Encostei-me aos ladrilhos quando terminei e deixei meu corpo escorregar até que eu estive sentada no chão, com as pernas rentes ao meu tórax. Chorei copiosa, sentindo-me agoniada.

Era castigo demais. Um castigo que eu não merecia por mais pecado que eu já tivesse cometido.

Mal eu havia completado 19 anos e já me encontrava grávida de um infeliz que se achava o dono da verdade. Isso... Isso era culpa dele! E o que não era? Quando tudo de ruim que havia me acontecido nos últimos meses tinha um dedo dele no meio?

Aquele maldito...

Desde que o conheci a minha vida tinha virado de pernas para o ar, e agora... Isso!

Ele não entendia que aceitar essa coisa seria o mesmo que me arruinar?

Onde foi parar a merda de amor que ele jurava sentir por mim pela manhã?

Céus! Este era o menor dos meus problemas. Meus pais iriam me trucidar quando soubessem. Eles não tinham permitido a mudança para que eu lhes desse um neto. Rocco iria...

Heithor não podia fazer isso comigo. Se ele realmente se importasse e me amasse como me jurou mais cedo, ele iria me deixar resolver esse problema antes que fosse tarde demais.

Não podia permitir que ele me manipulasse conforme as suas vontades. Teria de achar uma forma de fazê-lo compreender que isso não era certo. Mas, mesmo querendo acreditar, eu sabia da verdade. Heithor não iria me deixar tirar isso. E meu desespero só fez aumentar.

Capítulo 40

THOR

Enquanto eu, atordoado, assistia Antonella deixar a sala, uma dor aguda rasgou-me de um extremo ao outro. Meu coração quebrado em pedaços sangrava por suas palavras cruéis ditas com tanta frieza e repulsa. A dor entorpeceu meus sentidos, deixando-me no relento.

Ella não somente tinha me rejeitado, mas também humilhado da pior maneira que podia fazer.

Um filho. Estávamos indo ter um filho e ela não podia se comover com isso.

Fechei os olhos, tragando baforadas de ar, como se ato de alguma maneira fosse apaziguar um pouco da aflição que se instalou em minha alma. Sem sucesso.

— Me solte Adam — pedi num fiapo de voz.

Ele recuou.

— Cara, depois vocês conversam — Nathan disse.

Balancei a cabeça não olhando para ninguém.

Martha apareceu do meu lado, pousando uma mão em meu braço e a outra em meu pescoço enquanto me falava. Todavia, eu não a olhei, também. Não por embaraço, absolutamente. Minha perplexidade e indignação eram tamanhas que não havia espaço para a vergonha dentro de mim.

— Filho, deixe-a esfriar a cabeça e você também precisa se acalmar. A menina só está assustada... A notícia foi inesperada. Deixe-a digerir isso e depois vocês conversam. Tudo ficará bem, caro mio.

— Mamma tem razão Thor, dê tempo a vocês. Ela vai pensar melhor e aceitar o bebê.

Bati meu olhar tenaz sobre Pietra, ignorando a pena em seus olhos.

— Com toda a certeza que ela vai. Não há outra opção, se não essa. — Afastei-me de Martha e mirei meus amigos, fixando em Gabe e Marcela. — Me desculpem por terem de presenciar isso, eu...

— Está tudo bem, Heithor. Não se preocupe conosco — disse Marcela. — É comum que mães jovens surtem, até mesmo as mais velhas fazem quando descobrem uma gravidez planejada. Não se aflija. Eu estarei à disposição para qualquer coisa.

— Eu apreciaria se a atendesse amanhã.

— Claro.

Sacudi a cabeça outra vez e, em seguida, deixei a sala rijo da cabeça aos pés.

Estava no meu limite. Palavras de conforto por mais generosas e sinceras que fossem não surtiriam efeito benéfico em mim nesse momento. Unicamente, precisava estar sozinho com a minha dor. Tentar clarear meus pensamentos e encontrar uma maneira de resolver essa situação.

Tranquei a porta com a chave, deixando minhas costas se apoiarem na madeira por um instante. Exalei forte e puxei uma respiração funda então esfreguei o rosto com as mãos.

Um filho.

Não podia nem mesmo me deliciar com a notícia.

Letárgico no assombro pela facilidade que Antonella tinha em me dar o gosto do céu num minuto inteiro e me fazer caminhar pelo inferno meio segundo depois; pela minha incapacidade de defender-me dela, mas, sobretudo, estupefato e enojado que ela pudesse ser tão fria, dizendo afrontosas palavras sem demonstrar nenhuma compaixão, nenhum remanescente de remorso.

Eu sabia que ela era mimada,e em muitos momentos, uma pequena narcisista. Coisa da imaturidade de sua juventude, que eu podia relevar. Eu tinha feito isso muitas vezes, não?

Todavia, eu jamais imaginaria que ela sequer pudesse agir de maneira tão atroz. Profusamente desinteressada, mesquinha e... vagabunda. Uma cadela fria sem coração.

Endireitei-me e pisei até o aparador, servindo-me de uma dose de uísque que bebi num gole único, o líquido desceu queimando a minha garganta, porém não desfez o nó apertado nela.

Eu só queria esquecer aquele episodio na sala... Talvez, uma dose só não fosse suficiente para neutralizar a dor e as palavras dela. Talvez, nem todas as garrafas de Jack fossem suficientes.

Antonella era o meu veneno, mas também o meu antídoto.

Somente ela podia arrancar a dor do meu peito. Ou fazê-la maior. Dependia dela. E, como sempre, ela preferia ser o veneno. Não qualquer um. Mas aquele que mata aos poucos, bem devagar e lentamente. Ela costumava dizer quando brava que eu era seu carrasco, no entanto, a mestre aqui era ela.

Agarrei meu mais novo amigo, Jack, levando-o comigo quando pisei até a poltrona detrás da mesa, e então, deixei meu corpo arriar no assento. Bebi mais um longo trago direito do gargalo. Meu olhar fixo sobre o retrato que tinha dela em cima da mesa, sorrindo como anjo diabólico.

Como ela podia ser tão cruel?

Antonella tinha me rejeitado da maneira mais frívola e desumana que alguém pode fazer. Recusando ao nosso filho, ela recusava a mim. E ela tinha feito isso com um desprezo esmagador.

Eu não podia entender sua atitude, pois não era somente medo. Susto pelo inesperado. Era mais. Mais profundo e sólido... algo, talvez, permanente. Eu vi. Estava lá em cada palavra sua, em cada olhar, em cada expressão. Fora isso que me mortificou e fez-me quase perder a razão.

Meus olhos queimaram e, em seguida, senti a primeira lágrima cair.

Eu somente tinha chorado duas vezes em toda minha vida e nas duas foi por causa dela. Nem mesmo quando meus pais foram assassinados, eu derramei uma lágrima sequer. Talvez, porque naquele momento mesmo ainda estando longe de saber quem eram seus executores, meu foco fosse honrá-los vingando suas mortes. E, agora, as lágrimas vinham fáceis. Pois, embora eu quisesse ter esperança, eu sabia que não poderia fazer justiça. Não poderia exigir e esperar ser acatado.

Não havia uma solução sem uma perda, que eu não estava preparado para ter.

Como a felicidade que nunca imaginei que pudesse existir fugiu por entre meus dedos num piscar de olhos dando lugar ao lúgubre?

Perguntas e mais perguntas enchiam a minha mente, fazendo minha cabeça doer pela a ausência de respostas. Minha vontade era de gritar, de socar algo. Ou melhor, ir até o quarto dela e exigir que ela me dissesse que nada daquilo que ouvi era verdade. Que eu estava pirando e ela estava feliz por termos um bebê a caminho. Nunca antes havia me sentido tão deslocado e sem rumo.

Antonella tinha o poder de quebrar as minhas pernas num piscar de olhos. Isso não era saudável. Mas, então, eu não era inocente em relação a isso. Sabia que ela era a minha maior fraqueza. Todavia, estava além do meu controle, da minha vontade e da minha razão.

Tomei mais um bom gole de uísque.

Não queria ficar acordado, queria dormir e somente abrir os olhos novamente na manhã seguinte.

Quem sabe tudo isso não fosse um pesadelo?E quando acordasse percebesse que aquilo tudo que vi e ouvi não passou de um sonho ruim?

Mas a porra do sono que desejei não veio. Em uma atitude teimosa, a dor se recusava a me abandonar por mais embriagado que eu estivesse. Não consegui pregar o olho a noite toda. Tampouco, pude chegar a um consenso que fosse benéfico para nós dois.

Tudo estava muito claro, e eu odiava as duas alternativas conclusivas.

Eram dois desejos. Duas vontades completamente diferentes...

Respirei fundo, passando a mão em meu rosto e endireitei minha postura. Meu corpo reclamou pela

noite passada em branco, os músculos estavam tesos pela posição que tinha ficado e minha cabeça latejava pelo meio litro de uísque que havia bebido no decorrer da madrugada.

Antonella não era de todo ruim, apesar dos pesares. Em meio à luta diária que ela me induzia, ela tinha me ensinado algo bom. Esperança. Mesmo com todos os contras, era a fagulha desse sentimento além do meu amor que me motivava a seguir lutando, e que agora, me impulsionava a ter um fio de fé que tudo ficaria bem.

Toc. Toc. Toc.

— Thor? Sou eu, Pietra... Marcela está no telefone. Você vai atender ou quer que eu diga a ela que você retorna a ligação mais tarde?

Exalei forte e, em seguida, puxei uma profunda respiração enquanto esfregava meu rosto com as mãos. O tempo de lamber as feridas tinha chegado e passado, e agora, estava na hora de agir.

— Eu atendo, Pietra — respondi quando abri a porta.

Peguei o telefone e dei as costas a Pietra. Eu não a olhei, porém podia sentir seu olhar preocupado em minhas costas enquanto falava com Marcela. Marcamos o exame ainda naquela manhã e a consulta para o mesmo dia assim que o resultado saísse.

Marcela não tinha dúvidas, e eu, tampouco.

A confirmação poderia ser feita pelo exame de ultrassom interno. No entanto, Marcela não poderia fazê-lo sem o consentimento de Antonella. Não que eu acreditasse que ela estaria mais disposta ao de sangue, mas este daria algum tempo para ela assimilar a ideia e para eu tentar algo. Mesmo que Ella ainda se recusasse, com o exame positivo, eu poderia ser mais eficaz antes de recorrer a extremos.

Deixei o telefone na mesa e caminhei até a porta, segurando-a aberta, antes de sair.

— Ela...?

— Passei no quarto dela agorinha mesmo. Ela..., bem, ela disse que não vai descer e que não quer ver ninguém. — Passei a mão pelo cabelo, irritado, e sacudi a cabeça. — Thor...

— Não diga nada Pietra. Eu vou resolver isso.

— Você vai deixar ela...?

— Só por cima do meu cadáver — grunhi ferozmente. E fiz um acréscimo. — Ela irá ter o nosso filho, quer ela queira quer não. Nada que Antonella disser me fará permitir tal atrocidade. Se tiver o filho significa perdê-la, eu aceito, mesmo que isso acabe comigo... eu aceito.

— Eu tenho fé que ela vá aceitar o bebê e você também deveria ter. Antonella só está confusa e assustada. Não deve ser fácil descobrir que vai ser mãe no auge da juventude, ainda mais quando não se tinha planos disso. Dio sabe, eu estaria me cagando se fosse comigo.

Dei a volta, fixando-me nela.

— Você tiraria? Renunciaria seu filho, se descobrisse estar grávida de Nathan?

— Certo che non, Thor! Não digo que eu não iria entrar em parafuso, como eu disse, eu estaria cagando. Mas nunca iria renegar um filho meu.

— Este é o ponto. Ela não tem por que rejeitar nosso bebê, se ela realmente estiver grávida. Antonella não estará sozinha nisso. Eu vou dar todo apoio que ela precisar, financeiro e emocional. A vida dela não acabou porque, supostamente, ela espera um bebê. Ella poderá concluir os estudos e fazer todas as coisas que planejou, com uma única diferença. Nosso filho será incluído nos planos meus e dela. No entanto, ela o rejeitou na primeira oportunidade, sem ao menos hesitar.

— Thor, você sabe que nem todos reagem da mesma maneira. O choque pode fazer uma pessoa agir das mais diferentes maneiras, indo de um extremo ao outro, não?

— Ela não titubeou em nenhum momento, Pietra.

— Dê um tempo para ela se acostumar com a ideia. Talvez, tudo que ela precise agora seja de tempo para assimilar a notícia. Sei que ela não é aquela sem noção de ontem. Foi o choque.

— Eu darei, mas não passarei mais a mão na cabeça dela — finalizei, deixando a sala de estudos.

Deus sabe o quanto eu desejava que a reação dela fosse somente por medo do desconhecido. Tinha de ser isso. Era doloroso demais pensar no contrário. Eu apenas esperava que a noite tivesse servido para ela pensar nas coisas que disse e na atitude repugnante que teve diante de todos. Que a manhã tivesse não só trazido um novo dia, mas também o arrependimento, a razão.

Não queria pensar nela rejeitando-o novamente como fez ontem. Doía demais.

Hesitei na frente da porta dela. A vontade de entrar no quarto quase grande demais para que eu negasse. Respirei fundo. Ainda não estava pronto para isso. Entrei em meu quarto e fui em direção ao banheiro. Tomei um banho frio e, em seguida, busquei uma aspirina no armário.

Enquanto me vestia reuni forças para enfrentá-la.

Era cômico que um homem como eu precisasse me armar de forças para falar com uma garota, supostamente, inocente e frágil. Entretanto, não poderia deixá-la ver o quanto sua atitude tinha me afetado. Infelizmente, Antonella era o tipo de pessoa que crescia ante o sofrimento de quem ela considerava seu inimigo. E no momento, eu era seu maior inimigo.

Parei na frente de sua porta, adotando minha melhor expressão de impessoalidade e, em seguida, entrei sem bater. Ela estava de pé na frente da janela, de costas para mim.

— Se arrume, pegue seus documentos e desça. Nós vamos sair em meia hora — eu informei em um tom que não deixava margens para protesto ou qualquer recusa, e então, saí sem olhar para trás.

Logo Antonella apareceu na sala, olhando para qualquer lugar, exceto para mim. Meu coração sangrou um pouco mais enquanto a mirava.

Ela vestia jeans, blusa branca e um cardigã vermelho. Os cabelos estavam presos.

Estava linda, embora carregasse marcas escuras ao redor dos olhos esquivos e seu rosto estivesse inchado, denunciando a noite mal dormida.

Ao menos isso nós compartilhamos. Uma noite de merda.

E, mesmo irritado por sua postura de princesa do gelo e ciente que ela, naquele instante, não merecia mais que a minha frieza, eu quis abraçar e colocá-la no meu colo. De alguma maneira, apartar dela qualquer medo que ela sentisse e dizer que tudo ficaria bem, e talvez, no processo amenizar o meu próprio temor. Porém, isso seria tolice da minha parte. Então me limitei a olhá-la.

— Podemos ir? — perguntei, rompendo o silêncio desagradável entre nós.

Ella levantou seu olhar e me fitou dentro dos olhos com tamanha frieza, que custou cada grama da minha força para não vacilar. Nunca antes ela tinha direcionado a mim um olhar tão frio como aquele. Tão cheio de ódio, rancor. Nem mesmo no dia anterior. Doeu e sangrou o inferno fora de mim. Ela então me deu as costas e pisou em direção a garagem, sem qualquer palavra.

No caminho para clínica, em LA, o silêncio se perdurou entre nós. Antonella colocou os fones de ouvido e os óculos de sol, fechando-se em si mesma. Colocando uma distância fodida entre nós.

Eu me perguntei, se aquele comportamento infantil era inconsciente ou para me enfurecer mais, porque se fosse o último, ela estava fazendo um excelente trabalho. Antes mesmo de chegar à clínica, eu estava fervendo em uma fúria contida descontada no volante do carro.

Plantei o olhar sobre ela, esperando por qualquer pergunta que fosse ao estacionar o carro próximo ao meio-fio de frente para a clínica. Ella não tinha especulado para aonde iríamos e, mesmo se houvesse algum interesse, ela manteve isso para ela mesma.

Saltei fora do carro, contornando-o e, em seguida, abri a porta para ela.

Antonella desceu e elevou a cabeça para trás quando mirou a discreta placa da clínica. Uma demonstração de que não estava tão alheia quanto eu pensava.

Envolvi sua mão, firmando meu agarre quando a senti ficar rígida pelo contato. Ela tentou puxar a mão, porém eu mantive meu aperto, e então, seguimos para dentro da clínica.

— Bom dia — eu disse quando nos dirigimos à recepção. — Temos uma hora marcada para fazer o exame de gravidez.

— Qual o nome, por favor?

— Antonella Vicenti — respondi por Ella, que mantinha sua pose de vítima.

— Ah, sim. É... — a recepcionista hesitou, intercalando seu olhar entre nós dois.

— Eu preencho. — Peguei a ficha da mão dela e olhei para Ella. — Me dê seus documentos.

Preenchi a folha e a entreguei de volta para a mulher.

— Podem me acompanhar, por favor.

Espalmei a mão em suas costas quando acompanhamos a recepcionista até uma salinha. Após a coleta de sangue, deixamos a clínica. Marcela tinha me dito antes que pediria urgência e o resultado sairia em duas horas. Não compensava retornar a Malibu para logo ter de fazer a viagem de volta a LA. Desta forma, passei em uma loja da Starbucks e comprei café para Ella então segui para o meu apartamento. Antonella não questionou, novamente. Eu decidi deixá-la em sua encenação de gelo.

Guiei-a até a cozinha e coloquei a sacola sobre a mesa. Ela se sentou quando puxei a cadeira, e então, a servi, abastecendo seu copo com leite e seu prato com a comida que tinha comprado.

— Coma.

— Não estou com fome.

Travei o maxilar.

— Eu não perguntei se estava. Coma.

Sua coluna ficou ereta, mas ela não disse qualquer coisa e começou a comer.

Engoli minha raiva e fui até a geladeira. Minha garganta estava áspera. Não sei se pela irritação crescente dentro de mim ou pelo nó de apreensão apertando-a. Servi-me de suco de laranja e encostei-me ao balcão enquanto observava Antonella. Tinha de me certificar que ela iria comer.

Quando ela afastou o prato ainda pela metade, eu perguntei:

— Quer mais leite?

— Não, — disse ela, áspera e secamente, após um momento de silêncio. Levantou-se e ainda sem dirigir os olhos para mim, ela acrescentou. — Eu preciso usar o banheiro.

— Não tem que me pedir. O apartamento continua sendo seu, Ella. *Tudo*... Você conhece o caminho. Ou precisa que eu te leve?

Ela saiu. Eu caminhei para a sala e me sentei, sentindo todo o peso da dor que sua indiferença me causava. Num piscar de olhos tínhamos nos tornado dois completos estranhos. A distância entre nós que a viagem tinha encurtado, a notícia da gravidez esticou além.

Sustentei os cotovelos em minhas coxas e entrelacei as mãos detrás da nuca, inclinando a cabeça para baixo. Respirei fundo, fechando os olhos, brevemente.

Francamente, eu nem mesmo sabia o que sentir. Eram tantas emoções e sentimentos revolvendo dentro de mim. Uma aflição agonizante, que eu não tinha ideia de como tirar de mim.

Eu admitia, não era o melhor cara do mundo, estava longe de ser perfeito. Também não era o mais adequado para se tornar pai por inúmeros motivos, o primeiro deles, minha profissão. Mas dentre todos os meus fodidos defeitos, e eram muitos, eu estava aqui para ela.

O que mais ela queria? O que mais ela precisava além do meu apoio? Do meu amor?

Eu não podia compreender por mais que buscasse uma razão, e eu tinha de buscar uma. Era uma busca vital. Do contrário, eu teria de reconhecer que Antonella era realmente uma cadela.

— Vamos ficar aqui até quando?

Levantei a cabeça, fixando meu olhar nela, que tinha os braços cruzados sobre o peito e a cara amarrada. Ela estava de pé, detrás da poltrona. Seus olhos demonstrando impaciência, frios.

Essa, definitivamente, não era o tipo de situação que imaginava estar. Nesse clima pesado que Ella fazia questão de enfatizar. Este deveria ser um momento de felicidade e expectativa para ambos. Era um momento em que mulheres normais ficavam ansiosas e nervosas, torcendo por um resultado positivo enquanto seus companheiros, mesmo se cagando, se faziam de firmes, acalmando-as e lhes dizendo que

tudo iria dar certo, eu pensava. Todavia, Antonella fazia questão que o momento se parecesse um funeral. Isso me deixava puto.

— Por que está fazendo isso? Por que me machuca dessa forma?

— Não estou fazendo nada, Heithor. Você é quem está. Não eu.

Coloquei-me de pé e me aproximei dela, querendo abraçá-la.

— Não precisa ser assim, Ella.

— *Exatamente*. No entanto, você insiste em uma loucura e quer que eu aceite de bom grado, como se me fizesse um favor? Não sou obrigada a compartilhar da sua sandice Thor.

— Não é sandice querer proteger um pedaço nosso, neném. Nosso filho está aí. Aceite isso, pelo amor de Deus. Pare de ser tão sem coração. Não sente nada? Não sente nem isso aqui de felicidade?

Ela fechou a cara, os olhos em gelo.

— Você sabe o que eu sinto. E não afirme o que não sabe.

— Eu sei e você sabe. O exame é uma mera formalidade.

Ella apertou os lábios desviando o olhar.

Numa atitude desesperada puxei-a para mim, segurando sua nuca e espalmando suas costas quando apoiei nossas testas juntas. Fixei meu olhar dentro do seu, suplicando aos céus em silêncio que ela entendesse e sentisse por mim. Que caísse em si e enxergasse a besteira que estava fazendo. Qualquer porra. Só não essa frieza. A distância que me colocava doente por dentro.

— Não faz assim... Você está acabando comigo, neném. Por favor, não aja dessa maneira e não diga essas coisas. Machuca-me cada palavra. Está fazendo o meu coração sangrar por uma infantilidade cruel. Se estiver com medo, eu posso entender, porque eu também estou. Mas tudo ficará bem. Eu prometo. Não estou te deixando sozinha, Ella.

Impulsivamente, tomei sua boca não lhe dando qualquer chance para escapar. Por um instante, ela não se moveu, mas eu não desisti, beijando-a com desespero. Ela tinha de sentir. Tinha de saber que eu não brincava. Meu amor era real. Eu estava lá com ela e não iria desistir de nós. Sua boca se moveu, a princípio tímida, e então, ela me correspondeu quase me colocando de joelhos. Beijando-me da maneira que fazia meu coração bater mais forte. Com paixão, com necessidade e aquecimento. Seus dedos agarraram meu cabelo, e eu quase pude sentir a leveza do alívio.

Abrandei o beijo, mantendo nossos lábios próximos quando murmurei:

— Vamos enfrentar essa situação querida. Nós podemos fazer isso. Juntos. Não tem de se casar comigo, se não quiser. Só vamos ficar juntos como antes, numa boa. Sem cobranças. Eu sempre estarei aqui para você... para vocês dois. Por favor, use seu coração ao menos uma vez. Eu não vou te machucar, eu prometo. Mas, por favor, pare com isso. Temos de pensar no nosso bebê...

Ela abriu os olhos, sua feição apertando em teimosia quando retirou as mãos do meu cabelo e se afastou, como se eu a queimasse. Estiquei a mão, querendo pará-la e ela recuou mais.

— Ella...

Suas mãos balançaram no ar.

— Non mi stai dando altra scelta, merda[74]!

— Estou te dando à opção de ter o nosso filho, amor.

— Isso não é opção. É castigo!

— Do quê tem medo? É pela surpresa? A sua idade? Sua família? O quê? Nós? Fale comigo, eu estou aqui. Seja lá o que for, nós podemos resolver juntos. Mas fale comigo, porra!

— Não preciso sentir medo e, certamente, não preciso de justificativas por não gostar de algo. Não gosto e pronto. É minha opinião. Respeite-a.

Minha expressão se afundou em desgosto.

— Então é um capricho seu? É isso, Antonella? Um fodido capricho?

— Inferno, Heithor! Que parte você não entendeu? Pare de querer achar razões para tudo. Eu não quero

bebê nenhum. Não sei por que você insiste nisso.

— Porque eu te amo, cacete! Porque esse bebê é nosso. Uma parte de nós dois, Antonella. Uma fodida parte minha! Não foi planejado, mas ele está aqui e merece o nosso cuidado. É um inocente. Não vê isso? Não vê que ele precisa de nós? Sei que não temos a relação mais normal e estável do planeta, mas podemos tentar fazer dar certo, se quisermos, se *você* quiser.

— Aí está o ponto, Thor. Eu não planejei isso, nem você. Entende? Não precisamos continuar com essa loucura. — Ela pausou, lambendo os lábios com estranho nervosismo repentino. — Se quer tanto um bebê você pode ter um.

— Não estou te acompanhando. O que você está dizendo?

Ela tomou fôlego antes de começar, e eu pensei que era melhor ela não ter aberto a boca.

— Se quer tanto um bebê, você pode ter um. Não tem de ser comigo. — Eu fiquei sem ação por um breve momento, descrente do que ouvia e que ela pudesse realmente estar soltando as palavras. Seu olhar brilhava esperançoso. Ela realmente falava sério. — Eu não me importo se você tiver um filho com outra, mesmo com Norah. Ambos sabemos que ela estará mais do que disposta. Ou qualquer outra que queira. Ou adote um. Eu juro que não vou ficar com raiva de você...

— Perdeu sua mente, Antonella? Que porra você está dizendo?

Ela deu de ombros com desdém.

— É uma saída. *Justa*. Ambos vamos ter o que queremos. Você tem o seu... *bebê* tão desejado e nós continuamos como estamos. Todo mundo fica feliz. Sem brigas.

Pela primeira vez eu não soube discernir se fiquei puto pelas palavras em si ou pela forma que elas foram ditas, como se fosse à coisa mais natural do mundo de se dizer. Simples assim.

— Fique quieta Antonella. Não diga mais nenhuma fodida coisa — rosnei enojado. — Você desmerece o meu amor e me humilha sem ao menos pensar no que me causa... Acredita mesmo que eu me deitaria com outra mulher que não seja você somente para ter um filho? Só porque você não consegue aceitar a ideia de que está na hora de crescer? De deixar as futilidades e as criancices de lado para começar a agir como uma mulher adulta e sensata que vai ser mãe? Que espécie de homem você pensa que eu sou para me fazer uma proposta fodida dessas? Você não tem ideia da dimensão do meu amor por você. Mas não posso te culpar, não é assim? Você sequer sabe o que é amor de verdade! Você não se permite ir além, a gostar de alguém e investir na relação porque no fundo, debaixo dessa crosta de orgulho e dureza, você não passa de uma tremenda covarde, Antonella. É uma fodida medrosa.

— Não tenho que viver de romantismo para provar minha valentia.

— Realmente, não tem. Valentia se prova com atitudes maduras e sensatas, no dia a dia, nas pequenas coisas. E você, Antonella, até agora somente teve atitudes de merda, de uma criança assustada que está tentando bancar a adulta. Por detrás de toda essa petulância e autoconfiança, você é uma garotinha insegura, que se esconde atrás de uma segurança irreal. Por isso tem de se reafirmar para si mesma a todo tempo, porque no fundo você sabe quem é. Conhece a sua fraqueza e luta contra, contudo, faz sempre da maneira errada, cometendo um erro atrás do outro, porque não pode admitir seus erros, nem sequer buscar ajuda. Sempre tem um culpado para suas merdas e ele nunca é você, verdade?

Sua expressão era de deboche, mas eu a conhecia bem para saber que tinha acionado seus botões.

— Isso é o detive falando? Porque se for, aconselho a repensar na sua carreira, Castellammare.

— É o homem, Antonella. É a experiência que a vida me deu e que dará a você cada vez que insistir em um erro que não precisa ser. E é isso que eu estou tentando evitar que aconteça, sua estúpida. A vida ensina a gente na porrada, Ella, ela bate sem piedade. Não há mãozinha na cabeça. Não há dinheiro. Status social. Nem pai, nem mãe. É só você e ela. E, confie em mim, no final você terá de se curvar perante ela. Vai aprender na marra e da pior forma. Eu só queria que você fosse menos teimosa e estúpida para que o tombo não fosse tão duro. Todos têm suas lutas, neném, mas é você quem escolhe o grau de dificuldade delas. Infelizmente, você tem a tendência a escolher sempre o caminho mais difícil.

— Bravo, bravo! Psicologia reversa? Isso deve dar certo seja lá com que tipo de idiota que você está acostumado a lidar, não comigo. Minha posição continua sendo a mesma. Não vou me curvar e aceitar o que considero um tremendo erro somente porque você quer que seja assim.

— Não é um erro, mulher! Por que não pode ver isso? Por que não pode agir como uma mulher normal e ficar feliz por ser mãe? Foi um susto para mim também, mas eu estou feliz com a ideia de ser pai. Aqui não se trata de curvar ou ceder ao outro. Há uma criança, entenda isso.

— Entenda você que eu não quero.

— Esta decisão não é somente sua. Ele é meu também e eu o quero.

— Você vai jogar fora tudo o que a gente tem por *isso*?

— E o que a gente tem Ella? Tire-me esta dúvida, por favor — calmamente, eu pedi. Ela mordeu o lábio e apertou os dedos das mãos uns contra os outros, num gesto de típico nervosismo. E permaneceu quieta. Eu pressionei, realmente, curioso por sua resposta. Ela estava jogando comigo, e eu queria saber a que ponto ela iria. — Vamos. Diga-me. O quê nós temos?

— N-nós... temos um... um lance.

Nunca tinha batido em mulher por achar tal ato uma covardia sem igual, mas Antonella estava me fazendo repensar em minha opinião. Se ela não estivesse grávida, naquele momento eu a teria colocado sobre os meus joelhos e estapeado a sua bunda até que ela crescesse.

— Lance? Certo. Minha resposta é sim. Jogo fora o nosso *lance* pelo o nosso filho.

— Você não pode estar falando sério! Você disse que me amava!

— Eu amo, Antonella. Amo até demais. Tanto que chega a me fazer mal.

— Se isso é verdade então me prove. Deixei-me fazer o que eu quero.

— NÃO! — exaltei-me a um fio de perder o controle. — Não adianta fazer chantagem. Não vai funcionar. Não comigo. Infelizmente, eu te amo mais que tudo, mais que a mim mesmo, mas nem por isso permitirei que você atente contra a vida do nosso filho. Não me tente Antonella. Ou você pode conhecer um lado meu que não irá gostar. Escute isso, porque eu falo muito sério.

Seus olhos cresceram.

— Você está me ameaçando?

— Tome isto como um conselho. Não ouse fazer nada que vá prejudicar você e ao nosso filho. Se fizer qualquer mínima coisa que seja, que Deus tenha piedade de você, porque eu não terei nenhuma. Eu não quero te machucar de nenhuma forma, mas se machucar o nosso bebê...

Eu me calei, porque doía dizer e doeu mais perceber que as palavras não ditas eram sérias.

Eu realmente a machucaria, se ela machucasse nosso bebê.

Doeu ver o caminho sem volta que sua atitude estava se esforçando para nos empurrar, e pior, que ela estava tão presa em si mesma que não se importava com isso desde que tivesse o que queria.

Ela era uma cadela e eu amava-a.

— De todas as coisas que você poderia fazer contra mim, esta é a pior delas — pausadamente, ela mordeu fora, com os olhos lacrimosos e, em seguida, assisti as gotas grossas caírem. E por mais puto que eu estivesse, cada uma delas me apunhalou por dentro, porque eu queria dar tudo a ela, queria fazer a vontade dela, mas não podia. — Ti odio... Dio, ti odio così tanto, tanto...

A abracei, aspirando o cheiro bom de seu cabelo, sentindo meus próprios olhos turvarem.

— Tudo bem, tudo bem. Eu amo você.

— Nunca vou te perdoar... Juro, maledetto... i-io mai... — ela soluçou.

— Eu aceito as consequências... eu aceito — sussurrei contra os seus cabelos.

Meu celular tocou naquele exato momento. Eu me afastei.

— Castellammare.

— Bom dia, Heithor. Sou eu, doutora Marcela Fernandes. Estou ligando para informar que o exame está pronto. Quer que diga agora ou quando chegarem aqui para a consulta?

Olhei para Antonella, que me encarava de volta ainda com os olhos vazando, porém não havia vulnerabilidade neles, senão um vazio inquietante. Desci o olhar para sua barriga plana e engoli. De repente, me sentia gelado. A resposta era clara, entretanto, eu precisava ouvir a palavra.

— Agora.

— Positivo, como suspeitei. Parabéns...

Respirei fundo, me segurando em pé. Eu já conhecia o resultado, mas ouvir a confirmação com todas as letras foi um baque. Um sentimento inexplicável. Não era nem alegria, nem tristeza. Na verdade, eu não me permitia sentir nada enquanto olhava para Antonella. Sabendo que, de fato, minhas suposições se solidificavam numa certeza tão clara quanto a sua imagem.

— Heithor ainda está aí?

— Desculpe-me. Estou ouvindo.

— Eu quero saber de você, ainda virá para a consulta ou ela irá ao médico dela? Como disse, Antonella precisa fazer uma bateria de exames e começar a tomar as vitaminas pré-natais.

Eu me afastei para um canto da sala, mantendo meu olhar sobre Ella.

— Ela fará com você — falei em tom baixo. — Não posso dar nenhuma brecha a ela, e eu não confio em mais ninguém. Sei que cuidará bem dela e do bebê.

— A situação ainda está complicada — ela deduziu, num tom solidário.

— E ficará ainda mais — entrevi com um exalar pesado.

— Entendo. Mas Heithor, como médica, eu não posso acompanhá-la ou fazer exames se ela não permitir. Vai contra minha ética profissional. Sei que você e Gabe são grandes amigos, e eu farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-lo. Porém, se ela se negar, eu estarei de mãos atadas.

— Aprecio sua consideração. E não se preocupe, eu vou cuidar disso. Apenas releve-a.

— Certo. Eu estarei aguardando vocês.

Desliguei a chamada, enfiando o celular no bolso da calça. Antonella tinha se sentado no sofá e olhava as unhas. Eu aspirei duramente e me movi para perto dela.

— Era Marcela. — Esperei que ela me olhasse, mas não aconteceu. — Positivo.

Observei seu corpo endurecer, antes de ela levantar os olhos para mim. Sua expressão por um instante congelada. Não de espanto, mas de quem acaba de receber a pior notícia possível.

— Finalmente, você conseguiu — ela murmurou quando se colocou de pé, os olhos vermelhos brilhando, fulminando-me com uma ira crua.

— O quê? Que me desprezasse por que fizemos um filho?

Suas feições tinham tantos sentimentos como uma pedra pode ter.

— Você sempre esteve tentando encontrar uma maneira de me prender a você. Primeiro, com as chantagens e todas aquelas regras idiotas, depois o sexo e agora...

Meu controle escorregou então eu estava face a face com ela.

— Não nego as chantagens. Fiz para o seu bem, sabe disso. Agora, sexo? Eu nunca te obriguei a ir pra cama comigo. Ou fiz? Diga, porra! Fiz? Obriguei-te alguma vez? Nosso filho aconteceu. Foi um acidente. Ou acha que tive culpa por você ter ficado doente e ter sido obrigada a tomar antibióticos? *Por favor*, está tão fissurada na sua convicção asquerosa, que não pode usar a cabeça. Mas okay. Se me culpar por isso torna as coisas mais fáceis para você, fique a vontade. Me culpe, Antonella... — Pausei, respirando fundo e quando mais controlado, eu acrescentei. — Eu nunca quis te prender. Posso e sei que fiz, ter passado a mensagem errada quando agi mal com você e me desculpei por isso na primeira oportunidade que tive. No entanto, tudo que fiz até hoje foi tentar ser bom o suficiente para você. Foi tentar te mostrar que eu era o melhor para você, que podíamos ter um futuro, se você me aceitasse. Eu quis e quero te fazer feliz, entretanto, nunca parece ser o bastante por mais que eu tente. Ou, talvez, eu realmente não seja.

— Não posso ficar, nem respeitar alguém que me troca na primeira oportunidade que tem.

— Vou me arrepender... Por quem eu te troquei?

Suas mãos alardearam em torno de si mesma.

— Por *isso*!

— Maldita seja, isso é nosso filho! — Corri a mão por meu cabelo. — Não se trata de preferir entre um e outro, Antonella. Escolher dar uma chance para ele vir ao mundo não diminui o que eu sinto por você e o que você significa para mim. Eu posso amar ambos sem neutralizar um ao outro. Não percebe que é você quem está escolhendo?

— Porque você está me obrigando!

— Você está se ouvindo, Antonella? Nós estamos falando de uma criança, do nosso filho!

— *Nós, nosso*... Você e essa sua mania de plural. Não há nós, Thor. Existe apenas você e eu. E, com certeza, não existe essa merda de nosso. Há somente o meu corpo, minha decisão.

A encarei cheio de decepção, e então, balancei a cabeça frustrado.

— Ele tem meu DNA. É meu. Uma parte pequena de mim, e eu não estou abrindo mão dela.

— Isso não quer dizer merda nenhuma! Ainda é o meu corpo e eu não quero isso nele, droga! Por que não pode entender isso? Eu não amo você. Por que vamos insistir nisso?

— Quer saber? Fique quieta. Você só está dizendo merda. Não tenho mais paciência para sua rebeldia infundada. Chega de birra. Agora, pegue sua bolsa. Temos uma consulta com Marcela. E escute bem, Antonella, não vou mais aturar nenhum desrespeito seu. Nenhuma fodida gracinha. Vamos à clínica e você irá se comportar, como a mulher adulta que você ignora ser. Estou falando sério, faça uma só gracinha, e eu vou te colocar sobre os meus joelhos e te surrar até que cresça.

— Você não...

— Tente-me.

Momentos mais tarde, estávamos entrando no consultório.

— Bom dia — Marcela disse.

— Bom dia — eu articulei.

Antonella se manteve quieta.

— Sentem-se, por favor.

Uma vez que nos sentamos, Marcela continuou:

— O resultado do exame está aqui em minhas mãos. — Ela me estendeu a folha. — Bem, agora o que precisamos fazer é começar a cuidar do pré-natal. Antonella, você precisa fazer alguns exames de rotina e tomar as vitaminas. Eu estou disponível para ser sua obstetra ou você pode fazer o acompanhamento com outro médico de sua preferência.

Eu assenti de maneira sutil, agradecendo-a por dar a Antonella a alusão de escolha.

— Ela fará com você, Marcela — garanti categórico.

Antonella prolongou seu silêncio. Emburrada, como uma criança de dois anos.

— Bem, desta forma, eu vou prescrever as vitaminas que Antonella tem de começar a tomar e também vou marcar um horário nesta semana para ela fazer alguns exames. Além de um hemograma e de glicemia para avaliar seu tipo sanguíneo, fator Rh e como anda a sua saúde. Quais tipos de doenças ela já teve que podem comprometer o desenvolvimento do feto, okay?

Assenti. Ela olhou para Antonella.

— Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas, Antonella, se você não se importar.

Antonella respondeu às perguntas, deixando claro em sua voz a aversão à gravidez. Eu tinha pensado que não poderia haver momento mais constrangedor que aquele até Marcela anunciar o ultrassom interno para sabermos de quantas semanas ela estava. Antonella, simplesmente, se apossou dos fones de ouvido, ignorando qualquer conhecimento sobre nosso filho.

Embora eu ficasse ansioso para ver nosso bebê, mesmo que ele ainda fosse um grãozinho, a magia do momento se desfez. Estava lá, eu sentia, mas toda a indiferença e desprezo de Antonella pelo momento neutralizou qualquer fio alegria que eu pudesse sentir naquele instante.

Ouvi os batimentos cardíacos e vi nossa criança. Era apenas uma semente. Uma que eu já amava, que me fez sentir possesso por sua segurança e bem-estar. Era meu. *Nosso*.

Antonella tinha de aceitá-lo, não havia alternativa, se não essa.

Pelos cálculos de Marcela, Antonella estava na sexta semana e meia de gestação. Ele era saudável e estava se desenvolvendo bem. Esta foi à única notícia boa.

Deixamos a clínica, absortos em nós mesmos.

Dentro do carro, eu fiquei ali, parado, tentando compreender toda falta de emoção que Antonella demonstrou. Estava indignado demais. Não conseguia entender como uma pessoa podia ser tão fria e ignorar o que estava acontecendo à sua volta, dentro de si, como se não fosse nada além de uma pedra que ela só se daria o trabalho de se mover para colocá-la do lado.

E, vou dizer, em meu trabalho para garantir o êxito da missão em que estava, as emoções tinham de se manter fora. Sentimentos podem tirar meu foco, provocar uma ação impensada, e então, eu estava fodido e prejudicando quem estivesse ao meu lado. Então eu tinha de ser de pedra quando em ação, mas isso era o meu trabalho, era para garantir a segurança da minha equipe, de quem eu tivesse de proteger e de mim mesmo. Antonella não tinha nenhuma dessas responsabilidades, não tinha recebido nenhum treinamento, mas agia como uma perita.

Eu sei. O ser humano tem muitas faces e algumas são realmente ruins. Eu apenas não podia acreditar que Antonella escolhia usar a pior, a mais podre, e não sentir remorso por isso.

Inabalável.

Uma garota empedernida, treinada por conceitos estóicos.

Princesa de gelo do caralho.

Soltei uma exalação, recostando a cabeça no respaldo do banco, e então, inclinei-a para o lado para olhar pra Antonella, que mantinha os olhos na outra direção. As mãos guardadas em seu colo.

— Não precisa nos levar ao inferno, Ella. Não enxerga isso? Sua atitude está afetando a todos, até mesmo você. Sobretudo, você, querida. Não tem de ser assim. Vai afastar todos que se importam com você, que te amam, por um erro que não precisa ser. Vai *me* afastar.

Seu olhar cruzou o meu e se demorou em mim.

— Eu aceito as consequências.

Eu também.

Capítulo 41

Ira, ódio e desespero.

Estes são três sentimentos que eu possuía até a alma.

Ódio. Esse era dedicado a Heithor Castellammare por ele insistir em algo que iria destruir minha vida perfeita e derrubar meus sonhos um a um. Ódio também deste *parasita* hospedado em meu corpo, e que de quebra, estava me tirando Heithor, mesmo que este dissesse o contrário.

Ira. Este era por toda essa situação; por eu me permitir a chegar neste ponto deplorável; por não ter me afastado de Heithor quando o meu instinto gritava em alto e bom som para fazer isto.

E, por fim, o desespero.

Por perder o controle da minha vida para Heithor e não ter como reivindicá-la de volta.

Que porra de amor era esse que ele dizia sentir por mim? Como esse borrão maldito tinha se tornado mais importante para ele do que eu em questão de minutos?

Era a mim que ele amava. Não aquilo!

Nós estávamos bem antes disso surgir e acabar com tudo. Não estávamos?

Por que Heithor tinha que destruir tudo?

Porque ele era um babaca imbecil, um perfeito idiota!

Minha vontade era de gritar, de bater em alguém, de estrangular alguma pessoa com as minhas próprias mãos. Nunca havia me sentido tão furiosa antes. Eu queria ferir todos.

Todavia, engoli a cólera colossal e me abstive em meu quarto, reservando-me ao silêncio. Isso não o agradava e por vezes Heithor chegou a gritar, recebendo em resposta meus olhares de desprezo. Era isso ou matá-lo. Você sabe. Havia toda essa fúria assassina dentro de mim, querendo machucá-lo, sentindo prazer nas imagens montadas em minha cabeça, pois ele me feria. Inferno, ele fazia pior! Heithor estava fodendo a minha vida. Eu não podia sentir dó dele. Recusei-me a isso.

Ademais, não fazia sentido eu abrir a boca quando minha opinião era oposta a dele e ele nem sequer se dava o trabalho de analisá-la. Ver os prós dela. Então pra que conversar?

Ele e eu não entraríamos em um acordo mesmo. E uma coisa eu havia aprendido nesses poucos dias, não adiantava tentar fazê-lo enxergar o meu lado, pois o maledetto não levava em consideração a minha opinião, nem sequer a ouvia. O que me deixava mais puta da vida.

Que merda eu iria fazer com um bebê cagão?

Nunca gostei muito de bonecas. Imagine agora se eu iria gostar de uma que se mexe, chora e fede? E além de tudo iria roubar o melhor da minha juventude? Ah, claro, eu não podia esquecer-me da minha família, do meu papà para ser mais precisa. Mamma mia! Ele iria acabar comigo.

Como eu iria explicar para ele sobre minha nova condição?

Claro que podia dizer: ciao babbo! Eu sei que o senhor me mandou para cá apenas para estudar e tals, no entanto, eu gostei tanto daqui que resolvi aumentar a família. Sorpresa!

Oh, sim! Isso seria ótimo se eu quisesse que o Sr. Vicenti tivesse um AVC, mas não sem antes me matar primeiro. Morrer nova não estava em meus planos e ficar pobre muito menos, pois a primeira coisa que ele faria depois de me esculachar seria cortar a grana e me deserdar logo após.

Não obstante, ainda tinha o meu corpo.

Dio Santo...

Como eu iria me cuidar agora?

Eu comia como uma vaca, dormia mal, meu estresse estava em alta e minhas roupas já não me caiam tão bem como antes. Uma gravidez com milhares de quilos a mais não era algo que eu pudesse esconder até esse intruso deixar meu corpo. E eu não podia parar de estudar.

Puta merda. Até já podia ver as pessoas me apontando no campus...

Lá vai a idiota da Vicenti com seu pestinha.
Quem é estúpido o bastante para engravidar aos 19 anos e jogar a vida?
A Vicenti.

Oddio... Eu não iria aguentar isso.

Como se meu carma já não fosse suficiente, eu mal podia me tocar sem colocar as tripas e minha alma para fora. Meu pior momento do dia era o banho.

E você sabe o quê?

Eu antes adorava tomar banho, agora? Odiava! Tanto que até havia diminuído a freqüência. Uma simples ducha se tornou um martírio. O meu próprio campo de batalha.

Não houve uma só vez depois que aquela maldita médica anunciou a minha ruína que eu não vomitasse toda a vez que era obrigada a tocar minha barriga durante o banho. O asco que me subia pela garganta era avassalador. Pelo menos para esse problema eu encontrei uma rápida solução: escova para banho. Ela tinha um cabo longo e cerdas macias para não machucar a minha pele. A ânsia não sumiu em tudo e, apesar de ainda me enojar tocar naquela região mesmo que indiretamente, eu já não colocava todos os meus órgãos para fora quando me banhava.

Como eu podia ser conivente com esse intruso, se ele me fazia ter nojo do meu próprio corpo?

Ele estava me usando, mudando, tomando para si o que eu não tinha lhe dado, sem me dar a oportunidade de negar. Ele me roubava e arruinava ao mesmo tempo!

O que eu tinha de fazer era encontrar uma solução o mais rápido possível e sozinha, já que as traidoras, que se diziam minhas melhores amigas, me deram as costas e se juntaram ao meu inimigo.

Imbecis. Que todos eles explodissem!

Não precisava deles, nem de ninguém. Eu mesma buscaria uma solução para o meu problema e depois bateria a merda fora deles, mesmo que me implorassem perdão de joelhos.

E foi o que eu fiz.

Quatro dias após aquele maledetto me levar à médica, eu ainda não estava falando com ninguém. Era mais prático manter-me a borda e evitar mais aborrecimentos desnecessários. Na verdade, somente o pensamento de olhar nas fuças daqueles traidores me dava preguiça.

Reprimi a raiva e toda decepção que sentia.

Não gritava. Não brigava. Não fazia merda nenhuma.

Era melhor aqueles idiotas pensarem que eu estava conformada com essa merda de situação.

Não gostava de ficar trancafiada como um animal no zoológico, porém minha estadia sem fim dentro do meu quarto não foi de todo ruim. Sozinha, eu conseguia pensar com mais clareza, analisar minhas possibilidades e traçar meus planos. Era cansativo, mas quando me sentia mentalmente exausta, eu navegava na internet, vendo coisas banais e pulando de site em site sem realmente enxergar nenhum. E foi num desses meus “passeios” que encontrei um site muito interessante.

Era uma clínica que ficava em West Hollywood, a fachada discreta não me era estranha, eu já havia passado na frente dela uma e outra vez, só não me recordava quando. Enfim, isso era o de menos, pois o mais importante eram os tipos de serviços que ela oferecia.

Anotei o telefone e o endereço em minha agenda. E no mesmo dia liguei para a clínica, informando-me sobre o procedimento e valores. Desliguei o celular quase morta de alívio.

Nem tudo estava perdido. Eu ainda poderia concertar esse inferno e ninguém poderia me culpar por fazer isso. Olhei a tela do meu Mac mais uma vez antes de desligá-lo e, pela primeira vez desde que

ocorrera essa merda toda, eu sorri sentindo-me genuinamente feliz.

Nesta noite eu dormi como há dias não dormia.

Dois dias depois

Não me aguentava mais de tanta ansiedade e de me ver livre do meu probleminha. Acordei mais cedo e repassei todo o plano na minha cabeça. Nada podia dar errado e não daria. No final do dia de *hoje* eu teria resgatado o meu futuro. Isso era mais que uma certeza, era uma meta de vida.

Segui o mesmo ritual dos dias anteriores, e então, segui com Pietra para o carro. E ao nos aproximarmos da sua BMW preta, o carro daquele filho da puta estava entrando na garagem. Com certeza ele deveria estar chegando da noitada com as negas dele enquanto eu tinha de me manter em casa, servindo de incubadora, sendo possuída, deformada pelo *bibelô* dele.

Entrei no carro de Pietra bufando de raiva.

Aquele figlio di puttana queria que eu continuasse com essa merda para ficar badalando enquanto eu me definhava em casa sozinha. Mas nem morta. Se ele queria ficar na noitada, se enfiando em qualquer uma, que fizesse isso longe de mim e sem ser a custo da minha derroca.

Isso acaba hoje.

— Achei que você pretendia chegar à aula só amanhã — resmunguei quando Pietra, finalmente, entrou no carro depois de trocar figurinhas com o irmão.

— Começamos cedo hoje, eh? Scusa, Thor queria falar comigo. Ele está preocupado...

— Pretendo chegar à universidade ainda hoje.

Pietra entendeu o recado grazie a Dio e não insistiu então saímos.

Faltando 15 minutos para o término da segunda aula minha, eu deixei a sala.

Corri o máximo que pude até alcançar a Sunset Boulevard e por sorte um táxi estava passando bem na hora que pisei na calçada, assim que ele parou, eu entrei sem olhar para trás e pedi ao taxista para seguir adiante. Passado três quarteirões entreguei a ele o endereço da clínica.

Vinte minutos depois, eu estava aproximando-me da recepção da clínica, onde havia uma mulher negra aparentando estar na casa dos trinta anos. Meus olhos nervosos correram em volta enquanto meu coração batia um pouco mais forte. Frio e estéril, assim era o ambiente.

Engoli às secas e armei-me de coragem.

No balcão, passei a recepcionista os meus dados e fiz o pagamento adiantado então me sentei na sala de espera. Havia algumas garotas e até algumas mulheres mais velhas. No final, eu não era tão errada assim. Muitas mulheres faziam isso todos os dias e nem por isso eram consideradas pessoas más. Eu tinha o total direito de decidir o que queria ou não dentro do meu corpo.

Respirei fundo quando vi a enfermeira caminhar na minha direção meia hora depois.

Não vou negar, uma parte bem pequenina de mim, bem lá no fundo, suplicava para que eu não seguisse a mulher, no entanto, minha vontade de me ver livre daquilo era grande demais.

Eu sentia como se estivessem indo em direção a minha vida. A vida que sempre sonhei e nela não estava incluso nenhum bebê indesejado. Depois eu me resolveria com Thor. Ele teria de aceitar, não haveria alternativa se não se conformar que seu borrão não iria vingar.

Então por que eu tinha a sensação de isso não ser tão certo?

Teria minha vida de volta sem nenhum intruso nela. Eu não deveria hesitar. Essa era a única saída, eu sabia. Daqui alguns anos eu poderia ter quantos filhos quisesse. Agora não.

Sacudi a cabeça espantando qualquer dúvida que perdurasse em minha mente.

Eu estava certa e isto bastava.

— Senhorita Vicenti queira me acompanhar, por favor.

Capítulo 42

THOR

Esfreguei o rosto correndo as mãos ao longo do meu cabelo com um pouco mais de força que o necessário então as entrelacei detrás do pescoço quando percebi que não adiantava tentar me esforçar, eu não conseguia me concentrar nos documentos espalhados na minha frente.

Minha cabeça estava cheia *dela*.

Recostei-me na cadeira acolchoada, virei de lado e estiquei as pernas.

Meu maxilar marcado em indignação.

Eu estava uma merda. Fodido e mal pago.

Tudo por culpa da cadela louca carregando o meu filho. Não. Era por minha culpa mesmo, que tinha permitido aquela moleca me ferrar desde o primeiro momento. Nunca pensei que no auge dos meus 30 anos eu estaria numa situação dessas e, cacete, com certeza não cogitei que essa merda me fodendo fosse ser causada por uma garota inconsequente de 19 anos.

Fechei os olhos exalando irritado enquanto apertava a ponte do nariz.

Recordei de um velho amigo meu que costumava pregar piamente que, o pior inimigo de um homem é aquele que uma garota com cara de anjo e mente diabólica pode plantar dentro dele.

Bem, talvez, ele ficaria feliz em saber que estava certo todo esse tempo.

Antonella era o meu anjo diabólico.

Ela tinha chegado até mim, onde jamais permiti outra se aproximar. Infectando-me enquanto me distraía com seu sorriso doce de covinhas e os brilhantes olhos marrons, até que era tarde demais.

Ella estava cauterizada dentro de mim. Meu sonho e meu pesadelo. E ela não dava à mínima, porque era uma egoísta por excelência, centrada apenas em si mesma e seus próprios interesses.

Meu filho era a única coisa boa no meio dessa merda fodida.

Nunca tinha cogitado a hipótese de ser pai antes de conhecer Antonella. E, ainda assim, a ideia era apenas uma vaga possibilidade para um futuro muito distante.

Sempre me cuidei, mas com ela, eu me esquecia de tudo. A queria nua e crua, sem barreira entre nós dois. Marcá-la. Talvez isso se devesse também ao fato de já existir barreiras demais entre nós dois, as quais eram difíceis de romper, e esta fosse à única cuja eu tinha controle.

Não obstante, eu era um fodido fraco quando se tratava dela.

Estava tudo fodidamente errado e eu não tinha ideia de como concertar isso.

Antonella não só não falava mais comigo, como também sequer me olhava na cara.

Por mais que eu tentasse, por mais paciente e compreensível que eu me fizesse, embora por vezes desejasse mesmo colocá-la em meus joelhos e estapear sua bunda, nada a fazia relaxar.

Inflexível ao extremo. Princesa de gelo intocável. Dois estranhos cruzando a rua possivelmente poderiam estar mais próximos que nós dois neste momento. Seu silêncio me deixava puto. Enlouquecendo-me dia após dia. Torturando por não saber o que se passava na mente perturbada dela, e, boa coisa não devia ser. Não quando ela se recusava a falar com as minhas garotas, também.

Tinha resolvido passar alguns dias no meu apartamento, precisava de um momento de paz comigo mesmo, longe dela. Dois dias foi demais para mim. Eu podia aguentar sua indiferença encenada, não à

distância. Era um fraco de merda quando se tratava dela.

— Entre — respondi as batidas na porta.

— Achei que gostaria de um pouco de café — Martha disse, colocando uma xícara cheia na minha frente. Ergui o olhar para ela. — Talvez um pouco de conversa, também?

Os cantos dos meus lábios contraíram de leve.

— Obrigado.

Tomei um sorvo longo da bebida quente sob seu olhar inteligente me observando quando ela deu a volta sentando-se na minha frente do outro lado da mesa.

— Come stai caro mio?

Baixei a xícara para o pires pensando em como responder tal pergunta. Algo tão simples, mas que me soava um tanto quanto complexo no momento.

— Tentando... — E completei com um exalar denso. — Estou bem, mãe. Logo que resolva este impasse tudo voltará ao normal. Ou bem perto disso.

Ela se dobrou sobre a mesa, sua mão buscando a minha enquanto seu olhar suavizava.

— Eu gostaria de poder dizer ou fazer algo para resolver essa situação, de maneira que vocês dois ficassem felizes, mas sei que isso está longe do meu alcance, embora meu anseio seja profundo. Essa impotência me dói no peito. Mãe nenhuma merece ver seus filhos sofrendo.

— Eu também gostaria disso, mãe. — Fechei os dedos em torno dos seus num aperto gentil e a soltei, voltando a recostar na poltrona. — Infelizmente, ninguém pode fazer nada exceto ela e eu. E não creio que Antonella esteja muito disposta a cooperar com algo que vá agradar a nós dois.

— Ela ainda é jovenzinha, figlio, e foi podada por muito tempo. Porém ela vai aprender, você vai ver. Ela apenas está assustada... Sei que o que vou lhe dizer pode soar uma piada, mas Heithor às vezes tudo que a menina precisa é que você aguente um pouco mais e seja paciente.

Paciência...

Bufei um breve riso, meu olhar fixo à frente por um minuto inteiro então a olhei.

— Acredita em carma?

— Acredito em destino, que já temos um plano de vida traçado desde o início. Agora, como será esse caminho? Isso vai depender das escolhas que fizer em sua vida. As barreiras lhe serão impostas para que você supere e prove ser merecedor daquilo que deseja ter. Nada tão bom pode vir tão fácil e, se vir, desconfie. Mesmo Cristo penou sendo um inocente, quem dirá nós?

— Devo entender então que Ella é meu Santo Graal? Estamos destinados a estar juntos no final de tudo? Porque vou dizer, eu tenho lutado desde que nos envolvemos e não tem sido fácil desde então. Acho isso um pouco difícil de acreditar quando tudo que ela faz é me ferir. No pé em que estamos à única coisa que nos será reservada no futuro será o ódio. Ou a total indiferença.

— Não sei as respostas para essas perguntas, figlio mio. Você terá de encontrá-las sozinho. Infelizmente, há coisas que nem mesmo as mães têm as respostas por mais que desejem isso.

Observei Ben me chamando na tela e voltei o olhar para Martha.

— Eu preciso...

— Sei, caro. Eu vou deixá-lo a sós com seus negócios — ela disse compreensiva, esboçando um pequeno sorriso. — Saiba que estou aqui para o que precisar.

— Obrigado, mãe.

Ela saiu. Eu atendi a chamada.

— Castellammare... — Tencionei com as palavras de Ben do outro lado da linha. — O que aconteceu? Certo... Não se preocupe, eu entendi. Mantenha-me informado.

Baixei o celular para mesa, ignorando a picada de desconfiança e tentei retornar ao trabalho. No entanto, uma segunda chamada tirou-me do eixo e colocou-me no modo automático ao mesmo tempo. Enquanto pegava a Glock da gaveta, checando rapidamente o pente e a trava, e então, a coloquei na parte

detrás da minha cintura por debaixo da camisa e segui para a garagem.

Pisei fundo em direção a West Hollywood, meus dedos estavam moídos no volante, meu corpo rígido, vibrando com a tensão escura interiorizada em mim. Um carro com dois de meus homens vinham logo atrás. Quase meia hora depois, eu estacionei bruscamente junto ao meio fio no endereço passado por Ben. Desci do carro direcionando meu olhar frio para a clínica.

A construção era simples e discreta.

Cheio de uma fúria silenciosa e rezando para que *ela* não tivesse feito nada... para que Antonella não me obrigasse a fazer algo contra ela, desloquei-me com meus homens até a entrada.

— Faz cinco minutos que a chamaram — Benjamin disse.

Anuí passando por ele, que me seguiu também, e entrei indo diretamente até a recepção, onde havia uma mulher negra. Enquanto seguia para ela, seus olhos aumentaram. Vi seu braço se mover, a mão provavelmente indo acionar o botão do pânico. Um diabólico e lento sorriso curvou meus lábios enquanto eu sacudia a cabeça em negação para ela, meus olhos impiedosos fixos nela.

Ela reuniu a mão junto ao peito num instante, os olhos maiores, se possível.

— Antonella Vicenti. Qual sala?

— Eu... eu... eu...

Pela minha visão periférica, assisti meus homens neutralizarem com rápida eficiência um segurança aparecendo a minha esquerda através de um corredor.

Retornei minha audiência para a mulher pálida a minha frente.

— A sala — grunhi devagar.

Ela apontou com a mão tremente.

— N-Neste corredor, três portas a sua direita.

Acenei para Benjamin para que ele ficasse de olho nela, e então, segui na direção que ela me orientou. O lugar era todo esterilizado, um verdadeiro matadouro.

Cada passo largo meu, embora rápido, era como chumbo no chão. Estava tenso, o corpo mais rígido e gélido, meus músculos esticados e estalando sob a pele.

Puto não fazia jus ao que sentia.

Eu não pensei, porque o ato apenas me faria enlouquecer e, consequentemente, explodir com a cadela louca. Então, simplesmente empurrei os pensamentos para baixo.

Duas portas a frente, movi-me para a terceira.

Ao abrir a porta deparei com uma cena que aqueceu meu ódio a um nível indescritível. Antonella em uma camisola de hospital deitada na mesa ginecológica e uma enfermeira ao seu lado.

— Levanta. Daí. Agora — pausadamente, sibilei entre os dentes.

Seu olhar crescido caiu em mim, assustado.

— H-H-Heithor.

Foi tudo muito rápido. Em um momento, eu mesmo estava agarrando aquela cadela para fora da mesa e mantendo-a em pé ao meu lado, com minha mão fortemente fechada em se braço. E no outro, eu estava puxando a Glock da parte detrás da minha cintura e a destravei. O que fez o médico-assassino abaixar o telefone que tinha em mãos, provavelmente, indo chamar a segurança.

Os filhos da puta exclamaram baixo e empalideceram.

— Eu vou fazer uma pergunta. E que fique claro, as suas vidas de fodidos assassinos dependem unicamente da resposta que vocês me darão. Entenderam-me? — Eles assentiram. — Eu não ouvi nenhuma fodida coisa. Digam. Entenderam ou não?

— Sim senhor — ambos balbuciaram.

— Mataram meu filho?

— Não senhor.

— Não tocamos nela. Juro pela minha vida — a mulher murmurou suplicante, sacudindo a cabeça para

os lados freneticamente, com os olhos grandes e vermelhos.

Encarei-a friamente, tendo o prazer de vê-la engolir duro.

— Sua vida não vale nada para mim, puta. Sabem que ela é menor de idade? — Nenhuma resposta. — Respondam-me. Ou alguém vai seriamente precisar de um médico aqui.

— E-E-Eu...

— N-N-Nós...

Bufei um riso nervoso. Mesmo se os olhares aflitos deles e a hesitação não os delatassem, a prancheta com os dados de Antonella sobre a mesa não os permitia mentir.

— Claro que sabiam. Mas não se importaram desde que fossem pagos, certo? — Pausei, exalando forte e acrescentei, sombrio e baixo. — Meu filho está vivo, e eu mantenho a minha palavra, mas sugiro que arrumem outro emprego o mais rápido possível, pois esse matadouro sumirá do mapa ainda esta semana. Agora caiam fora.

Eles sumiram num piscar.

Travei a Glock, voltando-a para a parte detrás da minha cintura e sem olhar na cara daquela cadela, eu a puxei para fora comigo sem me preocupar com seus resmungos baixos.

— Está me machucando — ela murmurou tentando se soltar enquanto passávamos pelo corredor.

Parei de súbito e a fixei com raiva. Ela se encolheu sob meu olhar.

— Machucando? Eu ainda não fiz nada, Antonella. Você tem alguma ideia do que estava indo fazer para o nosso filho? Tem, cadela? Foda-se! Minha vontade é de te esfolar viva no asfalto por horas a fio até que morra — grunhi. Seus olhos esbugalharam, a face ficando lívida. — Agradeça ao nosso filho por ainda estar respirando, porque minha vontade é de te matar e é ele quem me segura nesse exato momento, entende isso? — Ela baixou os olhos e eu respirei fundo. — O que você pensou? Que poderia matar meu filho e tudo ficaria bem? Que eu não iria descobrir seu plano estúpido? O quê? Você me dá nojo, Antonella. Uma vez puta, sempre puta, e da pior espécie.

Recomecei a caminhar, arrastando-a comigo. Benjamin e os outros dois seguranças estavam bem atrás de mim. Nunca pensei que pudesse algum dia chegar a sentir ódio por Antonella, quem dirá um terço do que eu estava sentindo naquele momento. Era um sentimento tão profuso.

A vontade de surrá-la até me exaurirem as forças consumia-me, e vê-la lá com a cara mais inocente do mundo, como se eu fosse o monstro ali e não ela, me deixava mais puto ainda.

— Eu não posso sair assim.

Sem frear meus passos, sujeitando-a mais apertado, eu mordi:

— Cala a sua fodida boca, Antonella. Eu não quero ouvir um murmúrio seu. Estou no meu limite aqui. Não me tenta, puta. Ou vai ter exatamente o que não quer.

Na calçada, de frente para a SUV preta, voltei-me para Benjamin.

— Leve-a diretamente para casa. Nenhuma parada sequer, a não ser que Antonella esteja morrendo — resmunguei, e então, me virei para a puta, soltando-a. — E você, Antonella, se não quiser conhecer o verdadeiro Diabo, eu sugiro que entre neste fodido carro agora e não tente nenhuma gracinha mais. Quando chegar a mansão, vá para seu fodido quarto e não saia de lá até eu ordenar o contrário. Fui claro? — Ela acenou, com o lábio tremendo. — Diga! Fui claro?

— S-sì.

— E está esperando o que para entrar na porra do carro?

A assisti engolir duro e bater os cílios, atordoada. Sim, eu estava sendo demasiadamente frio e severo, mas era isso ou descer a mão nela. Benjamin abriu a porta traseira para ela e a chamou, contudo, ela ficou imóvel, com os olhos grandes marejados me encarando cheia de medo.

Cerrei os punhos mais apertados.

— Vamos, Antonella! Entre logo neste carro antes que eu te jogue lá dentro.

Ela se moveu, girando de forma desastrosa, tropeçando nos próprios pés. Eu resisti bravamente ao

impulso de acudi-la enquanto Benjamin fazia as vezes para ajudá-la a se manter firme.

Depois do que me pareceu ser tempo demais, eles saíram e eu entrei em meu carro, chamando Miller no celular logo após enviar uma mensagem de texto para ele.

— Recebeu o endereço? Quero-a fechada até o final de semana... Não me venha com essa conversinha. Você tem seus meios legais para fazer isso. Estou sendo fodidamente paciente chamando você ao invés de resolver isso eu mesmo... Um motivo? Que tal esse? Eles matariam o meu filho? A louca da mãe é menor de idade e não tinha nenhum acompanhante legal com ela, ainda assim eles iriam ajudá-la a matar meu filho... Castellammare é o caralho, Miller. Faça isso como pagamento dos muitos favores que me deve, ou eu farei... do meu jeito.

* * *

— Sente-se. — Esperei Antonella se acomodar na cadeira a minha frente, e então, prossegui, mantendo minha expressão impassível e meu tom baixo. — Tenho uma proposta para lhe fazer.

Seus olhos cresceram então ficaram desconfiados quando ela me encarou por um minuto inteiro.

— Proposta? Que tipo de proposta?

— Tenha o bebê...

— Eu já te...

— Não me interrompa, por favor. Escute o que tenho a lhe dizer primeiro, okay?

Ela deu de ombros.

— Va bene. Sou toda ouvidos — ela disse ironicamente.

Meu olhar se demorou sobre ela.

Eu ainda não estava acreditando que iria fazer aquilo, porém esta era a única solução plausível que eu podia enxergar sem que precisasse usar de extremos com ela, e que Deus me ajudasse.

— Tenha o no... o meu filho... Cuide-se e cuide dele enquanto ele estiver em seu ventre. Não faça mais nenhuma loucura que possa colocar a sua vida e, consequentemente, a dele em perigo. Faça os exames e o pré-natal que a médica pediu sem fazer uma guerra por isso.

— E o que eu ganho com isso? Só para que eu saiba.

Essa, absolutamente, era a coisa mais difícil e dolorosa que eu já fiz em toda a minha vida.

— Quando você o tiver... — pausei, tragando uma baforada profunda de ar então acrescentei, forçando as palavras abandonar meus lábios ao mesmo tempo em que me esforçava para controlar o nó em minha garganta, crescendo e queimando meus olhos. — Quando ele nascer, você não precisa ficar com ele ou se envolver com o crescimento dele, se não quiser. Prometo-lhe, eu não vou forçá-la a cuidá-lo. Nenhuma responsabilidade sobre ele recairá em você. Apenas o tenha.

Antonella sustentou meu olhar analisando-me por breves segundos, antes de desviar o olhar e morder o lábio. Ela não esperava que eu lhe propusesse algo assim. Isso a pegou de surpresa.

Por um sólido momento senti a esperança bater asas em minha direção, deixando-me ansioso por sua resposta ao mesmo tempo em que rezava para que ela me esbofeteasse e gritasse comigo por eu ter feito tal proposta. Se ela fizesse qualquer uma dessas coisas, eu seria o cara mais feliz da face da Terra e nem iria me dar o trabalho de me defender da sua fúria, pois ela teria aceitado o nosso bebê.

— Deixa ver se entendi — pausadamente, ela disse então se levantou da cadeira, seu rosto estava sério. Não havia sombras do sarcasmo e da ironia, que estampavam a sua face minutos atrás. Isso deveria ser um bom sinal. Observei-a de perto quando ela seguiu murmurando enquanto caminhava de um lado para o outro. — Você quer que eu me cuide e, consequentemente, cuide da gravidez. Que faça todos os exames sem reclamar. Ah, e que me comporte bem.

Ela então se freou e lançou seu olhar cerrado para mim sem dizer uma única palavra.

Meu coração galopeou com a esperança. Estava tenso da cabeça aos pés.

Ella prosseguiu:

— E então, quando nascer você ficará com ele e não exigirá que eu tenha qualquer envolvimento que eu não queira com ele. È vero?

— Sim. — Pigarreei, limpando a garganta enquanto mudava minha posição no assento. — Você não precisa responder agora se não quiser. Pode pensar sobre isso calma...

— Feito!

Eu travei na sua aceitação imediata. Ela sequer titubeou, deixando-me sem chão e completamente imerso na dor que se derramou sobre a minha cabeça, encharcando-me até os ossos. Meu peito se apertou dolorosamente enquanto o ar abandonava meus pulmões, lentamente.

— Mas eu tenho uma condição.

— C-condição?

— Eu farei o que me pede, porém quando ele nascer eu não quero *nenhum* tipo de contato com o mesmo, nem sequer na maternidade. Compreende o que eu digo? — A única coisa que conseguir fazer foi acenar. Estava extremamente chocado e furioso para dizer algo, que não fossem palavras duras, que nos traria uma briga na qual nós dois sairíamos machucados não só moralmente como fisicamente, também. — Não quero nada que tenha a ver com ele, nem mesmo uma foto. Se me prometer que irá levá-lo assim que ele sair de mim e nunca mais aparecer na minha frente, eu topo.

Deus, eu amava um monstro.

— Será como você quiser Antonella, — eu disse em um tom monótono. — Todos os gastos com a gravidez serão por minha conta. Eu também disponibilizarei uma quantia para seus gastos pessoais, e quando o bebê nascer, te darei uma quantia justa... pelo *aluguel*.

— Não preciso do seu dinheiro, Heithor. Guarde-o para você e a sua família. Quanto aos gastos da gravidez, bem, esses eu creio que tenham que ser por sua conta mesmo. Mas apenas estes.

— Eu darei o dinheiro Antonella. Se você não o quiser, dê para alguém, queime, rasgue, faça o que bem entender — respondi, desejando que ela sumisse da minha frente o mais rápido possível.

De esguelha percebi que ela permaneceu quieta em pé apenas me encarando.

— Va bene. Estamos acertados então?

— Sim. Eu entrarei em contato com o meu advogado ainda hoje para que ele faça o contrato, uma vez pronto, nos falamos novamente para que assine. Agora me deixe sozinho — pedi olhando os papeis a minha frente, fingindo analisá-los. Não queria olhá-la, não quando a dor dominava meus olhos deixando claro o quanto suas palavras tinham me destroçado.

Escutei seus passos se distanciarem, o som batendo dentro do meu peito com uma marreta.

— Thor?

O tom baixo quase sussurrante de sua voz fez-me levantar a cabeça, e quando dei por mim já a encarava, esperando-a continuar seja lá o que ela fosse dizer. Encaramo-nos por um longo minuto no mais completo silêncio. Vi a hesitação em seu olhar, mas procurei não me enganar novamente.

— E-eu... eu... Não é nada não.

Ela então saiu levando consigo o meu coração e minha razão de viver.

Capítulo 43

PIETRA

Raízes nasciam em meu traseiro, fazendo do sofá da sala de estar uma extensão do meu corpo enquanto eu tentava segurar as rédeas da minha ansiedade, rezando para que tudo desse certo.

Meia hora e não me sobrava unhas mais para roer, a não ser as pontas dos dedos, porém, em compensação, eu não tinha ouvido nenhum grito ou barulho suspeito vindo do escritório.

Isso era um bom sinal, certo?

ERRADO!

Antonella passou por mim e subiu a escada tão rápido, que pensei ter imaginado. Duvidei até que ela tivesse me visto. *Droga*. Respirei fundo e fui ao encalço de Thor... antes não tivesse ido.

Uma vez dentro do escritório, meu coração se afundou tão fundo, que precisei de uma pausa para respirar, quando a visão de mio fratello encheu meus olhos. Ele estava sentado no sofá negro de dois lugares, com as mãos sobre o rosto e chorava copiosamente, tanto que os ombros balançavam. Não era um choro qualquer. Era um sofrido, doloroso e desesperado pranto, que alagou meus próprios olhos e oprimiu a minha garganta num aperto de morte.

— T-Thor?

Ele descobriu a face e me olhou e, numa fração de segundo, eu tinha o lábio tremendo e as primeiras grossas lágrimas deslizando por meu rosto. Seus bonitos olhos estavam vermelhos e havia tanta dor neles, que isso bateu diretamente em mim.

Quanto um homem precisa ser torturado antes de quebrar complemente?

Eu não sabia a resposta, todavia, era ciente que Thor estava no limite, tão perto, que eu poderia ver as rachaduras se formarem e se espalharem com uma rapidez incrível.

— Oh, merda...

Em uma batida de coração eu estive ajoelhada na frente dele, com meus braços em volta do seu pescoço e os seus próprios apertados ao meu redor enquanto ele desabava.

Thor estava sangrando. Quebrado. Vulnerável. Arruinado.

Senti-me extremamente impotente e angustiada ao mesmo tempo.

Embora Mamma estivesse me dando suporte desde a morte dos meus pais, Thor era nosso alicerce, sempre tivera sido ele. Mesmo no velório de nossos pais, ele tinha se mantido firme, e agora, ele estava se desmoronando em meus braços. Isso me fez doer na alma.

Mordi o lábio com força e fiz a única coisa que poderia fazer no momento, apertei-o mais forte enquanto escovava as pontas dos meus dedos em seu cabelo. Buscando reconfortá-lo de alguma maneira e tirar um pouquinho que fosse do seu sofrimento. Era inútil. Mas era a única coisa que eu tinha ao meu alcance.

Não sei quanto tempo ficamos assim, porém em algum momento ele parou e me soltou enquanto limpava a face molhada com as mãos. Thor não me olhou. Levantou-se e, em seguida, se aproximou da janela de costas para mim, com as mãos nos bolsos e o olhar perdido a frente.

O que tinha ocorrido? O que tinha dado errado? Ele tinha aceito interromper...?

Não. Thor não aceitaria. Não mesmo!

Tinha perguntas disparando em minha mente e uma sensação muito ruim, contudo, me reservei ao silêncio, dando-lhe seu tempo. Saí da minha posição e me sentei no sofá.

— Ela aceitou — ele disse numa voz quebrada.

Estreitei os olhos em confusão.

— Aceitou o quê?

— Entregar o nosso filho a mim quando ele nascer.

— CHE? Como assim aceitou te entregar o filho?

— Eu propus a ela que me entregasse o bebê quando ele nascesse e ela aceitou.

Saltei sobre meus pés.

— Por que você fez isso? Você não podia ter feito isso! Ela vai aceitá-lo, sei que vai!

— E o que eu deveria fazer Pietra? Sentar e esperar a boa vontade dela? Ou quem sabe esperar até a próxima loucura que ela aprontar e eu não tiver tanta sorte de chegar a tempo? — ele ralhou nervoso, passando as mãos pelo cabelo quase arrancando os fios no processo.

Encolhi os ombros, suavizando minha expressão, apesar do choque imperar em meus olhos.

— Mi dispiace. Eu não deveria ter dito isso...

— Estou cansado, Pietra. Farto dessa situação... *dela*. A cada minuto que passa eu sinto que estou perdendo a mente mais e mais. Eu queria... Deus, como eu queria que ela entrasse aqui e dissesse que tudo não passou de um equivoco, que ela está feliz com a gravidez ou no mínimo que tentaria vê-la com bons olhos. Mas isso não vai acontecer Pietra. Nem hoje, nem amanhã, nem depois, nem em qualquer fodido dia. Não adianta tentarmos tapar o sol com a peneira. — Ele fez uma pausa, parecendo respirar fundo e acrescentou, com a voz vazia e nula de emoções. — O desprezo que ela sente por essa criança... por mim, é real. Sua atitude infeliz de hoje apenas reforça isso... Ela não quer ajuda, ela não quer sequer tentar. Fodidamente nada. — Seu olhar me buscou sobre o ombro, apagado. — Eu fiquei com tanto ódio quando Benjamin ligou... Eu a odiei quando a vi deitada naquela fodida mesa pronta para matar nosso filho, como se ele não fosse nada além de uma *coisa* inconveniente, — seus olhos brilharam com lágrimas, vergonha e mais um punhado de dor sombreou sua expressão, — eu desejei matá-la. Fazer coisas realmente ruins contra ela, até que ela me implorasse para que eu acabasse com a sua vida. Ainda sinto tanto nojo...

— Você não tem que se martirizar por pensar ou se sentir desta forma, Thor. Qualquer um no seu lugar teria pensado o mesmo. Não se culpe por algo do qual você não tem controle.

Ele deu um sorriso duro e voltou a olhar para frente.

— Eu apenas lhe fiz a proposta porque não tive alternativa, ainda não tenho nada. Esta foi à única maneira que eu encontrei para que ela sossegasse e não tentasse mais nada estúpido, que venha a colocar a vida dela e do nosso filho em risco — ele concedeu após um momento de silêncio. — Será que é crime querer manter a vida do nosso filho segura? É crime querer proteger um pedaço seu? Ela aceitou e ainda impôs condições, como se nós falássemos de uma mercadoria qualquer e não de um ser inocente. Eu sei... é doido. Afinal, eu ofereci o acordo a ela.

Ele soltou um breve riso amargo. Eu congelei.

— Que tipo de condições?

— Ela não quer nenhum contato com a criança quanto ela nascer, nem mesmo uma foto.

— Como?

Ele deu a volta, com o olhar fixo em mim, sua expressão imperturbável.

— *Exatamente* isso. Nenhum contato. Nada. Não quer ver a mim, nem a ele após o nascimento.

Eu choquei estupefata que tivesse escutado aquelas palavras, e então, senti a fúria tempestuosa me abalar por dentro tão rápido, que minha vontade de estapear Antonella foi palpável. Não podia acreditar que minha melhor amiga pudesse ser tão inescrupulosa. Essa não era a minha Antonella...

— Eu viajarei depois de amanhã. — E acrescentou. — Vou sair agora, tenho algumas coisas para

resolver antes que viaje, mas, no mais tardar amanhã eu quero falar com você.

— Tem certeza que quer ir agora? Não é melhor você ficar e...

— Não. Não posso... Não aguento ficar aqui mais um minuto sequer, se pudesse iria hoje mesmo, no entanto, tenho arranjos para fazer para que possa ter um pouco de paz quando estiver longe. Não suporto sequer olhar na cara dela sem que eu me enoje... A única coisa que preciso agora é ficar longe dela, só assim eu vou conseguir me restabelecer. Ou ter uma chance.

— E como fica Antonella? A gravidez? Como você vai ter certeza que ela vai cumprir a parte dela no acordo? Você tem que...

— Depois Pietra. Eu tenho de sair agora.

Ele veio até mim e deu-me um beijo no topo da cabeça.

— Nós vamos cuidar dele ou dela — murmurei.

— Sim, nós iremos — ele disse com um suspiro fundo e, em seguida, forçou um sorriso, que nem de longe lembrava aquele sorriso largo, iluminado e lindo, que ele tinha.

Thor pegou alguns papeis, colocou-os dentro de uma pasta, e então, saiu.

Meu corpo desmoronou no sofá atrás de mim. Era tanta merda junta que meu cérebro entrou em parafuso. Eu estava cética... Não, estava estarrecida. Mortificada... Nauseada.

Juro, eu realmente podia compreender o lado de Antonella não querer ser mãe. Ela deveria estar assustada até a morte. Mas daí a decidir dar o seu próprio filho, como se ele não passasse de uma mercadoria, como Thor bem colocou, era demais. Tanto que minha imparcialidade acabou ali.

Ah, Antonella, você não podia ter feito isso!

Rejeitar o filho era entendível, embora eu discordasse seriamente, ainda mais quando meu irmão e todos nós estávamos dispostos a dar todo apoio que ela precisava. Tentar interromper a vida do filho era muita crueldade, aliás, somente o fato de pensar em tirar um filho era o pior crime que um ser humano podia cometer. E Antonella infligiu todos os limites. Minha paciência findou.

Levantei-me cega de raiva e pisei para a porta.

Dessa vez Antonella ia ouvir umas boas verdades. Ah, se ia!

Entrei em seu quarto sem bater, pegando-a saindo do banheiro. Ela me olhou com as sobrancelhas juntas enquanto eu só faltava soltar fogo pelas ventas, meu olhar queimou sobre ela.

— Qual o problema Pietra?

— Você é meu problema, Antonella! Como você pode ter coragem de fazer isso?

— Do que está falando?

Alardeei as mãos no ar.

— Estou falando da proposta de merda que você aceitou! Eu até entendo o Thor e, apesar de achar isso tudo um absurdo sem igual, eu não tiro a razão dele. Você não está lhe dando alternativa. O coitado está desesperado. Ma tu? — Pausei, tomando umas baforadas profundas de ar, sem conseguir me acalmar e quando falei novamente, minha voz era baixa e ácida. — Eu tentei ser imparcial no começo quando rejeitou a criança, tentei falar contigo e fui mais que paciente em suas recusas, e juro que tentei relevar a sua tentativa de se livrar do meu sobrinho, porque pensei; Não, ela não é ruim, apenas está desesperada. Afinal, é uma criança. Uma tremenda responsabilidade. Mas daí aceitar entregar *seu* filho, mesmo que seja para o pai, e ainda exigir que ele suma com a criança porque você não quer sequer conhecer seu próprio filho, é demais até para você!

— Eu não vejo o seu ponto. Não quero *isso* para mim. Acho que deixei isso mais claro que o sol, não? Heithor, finalmente, ganhou e terá o *filhinho* dele e todo mundo ficará feliz.

— Filhinho dele? É seu filho também, cazzo! E, por favor, não se incomode em dizer o contrário. Você até pode tentar se enganar e fingir que nada disso é com você, Antonella, porém no fundo, bem lá no fundo, você sabe da verdade. Sua consciência sempre vai te acusar. É seu filho, também. Uma parte de você. Não tem como fugir disso!

— *Por favor*, Pietra! Sem dramas, va bene? Você não é nenhuma santa puritana então não venha com lição de moral pra cima de mim. E esse assunto já deu então saía.

Rangi os dentes, meus punhos cerrados. A arrogância e sarcasmo embalando sua voz fizeram meu sangue entrar em erupção. Nunca antes tinha sentido tanta raiva de alguém.

Eu dei um passo involuntário na direção dela, que empertigou os ombros.

— Realmente não sou, Antonella. Nós duas aprontamos muito juntas, mas nós nunca prejudicamos ninguém de verdade. E, certamente, eu nunca, jamais, teria coragem e sangue frio para atentar contra estranhos quanto mais para com as pessoas próximas a mim. Ou a um filho meu.

— Tá, tá, tá — ela balançou a mão no ar num gesto fugaz. — Agora me deixe em paz, sì?

Horror pintou minhas feições.

— Quem é você? E o que fez com minha melhor amiga? Eu não te reconheço mais Antonella.

Ela me fixou, a postura ereta, o cenho duro, seu dedo apontado para mim.

— Exatamente Pietra! Você é minha melhor amiga e como tal deveria estar do meu lado, não contra mim! Então creio que essas perguntas sou eu quem deve estar fazendo.

— Io sono sua amica. Sempre fui e ainda estou aqui. No entanto, isso não significa que eu tenha de passar a mão na sua cabeça toda a vez que você erra. E desta vez você errou... errou feio. Amigos de verdade não só compartilham as alegrias, trocam confidencias e guardam os segredos teus; amigos de verdade também te puxam a orelha quando você comete um erro e te dizem a verdade na cara por mais dolorosa que ela seja. E, acredite, está doendo em mim te dizer essas coisas, porém me recuso a fechar os olhos e fingir que tudo está bem quando não está. Não posso ficar sentada assistindo você se transformar num monstro...

— Você não tem o direito de falar assim comigo, Pietra!

— Ser sua melhor amiga me dá o direito de falar assim com você. Se você estivesse agindo como gente não precisaria estar ouvindo qualquer coisa do tipo. Então não reclame. Foi você quem pediu por isso quando se comportou como uma cadela fria. — Quando dei por mim já estávamos face a face, ambas agressivas, mas eu não recuei e continuei. — Veja a merda que está fazendo, Antonella. Você está jogando fora o amor de um homem, que te ama com loucura e que seria capaz de fazer tudo por você, como se isso não fosse nada. Sabe quantas mulheres nesse mundo desejaria ter alguém como ele? E não digo isso porque ele é mio fratello, sabe bem disso. E pior, está jogando no lixo a chance de ser feliz, de ter uma família. Você vivia criticando suo papà pela forma que ele agia com você e isso sempre te machucou, — ela abriu a boca para retrucar, porém eu não lhe dei chance, — Não diga que estou errada, porque eu te conheço Antonella e não é de hoje. Por mais que você tente se fazer de forte, esse lance com Rocco sempre te afetou mais do que quis demonstrar, eu sei. Não enxerga que está fazendo o mesmo com o seu filho? Aliás, está fazendo pior, pois se dependesse de você, seu filho não teria a chance de vir ao mundo e opinar quanto ao destino dele. Isso é uma atitude de quem não tem escrúpulos. É repugnante...

— Io... io...

— Zitta[75]! — sibilei apontando o dedo em seu rosto e adverti, severamente. — Eu não terminei, a propósito, eu nem comecei então me faça o favor de ter um pouco de respeito e me escutar, se é que algum dia você me considerou sua amiga. O mundo não gira em torno de você não, Antonella. Nunca girou e nunca vai girar. Que porra está se passando na sua cabeça? Por que está fazendo disso um tormento para todos? Io non capisco. Se é medo que tem, você bem sabe que não precisa ter, pois todos nós estamos disposto e prontos para lhe dar todo suporte que necessitar. Você não está sozinha nisso... Mas você nem sequer cogitou a hipótese de ver o lado positivo da gravidez, não é assim? Nem mesmo tentou por um mísero esforço aceitá-la. Dimmi. Você já parou para pensar em quanta coisa boa essa gravidez pode lhe trazer? Pelo menos tentou não vê-la como um empecilho para a sua vida?

Ela me encarava furiosa, os olhos alagados e as narinas chamejando.

Eu amenizei:

— Você não irá perder nada se pelo menos tentar enxergá-la com bons olhos. Você não está doente, Antonella, você está grávida. Isso não é empecilho nenhum para que você abdique dos seus planos e sonhos, você ainda poderá fazer tudo que quer com a diferença de que agora incluirá mais uma pessoa na sua vida, e em troca ganhará uma família... A sua própria família. E ainda terá ao seu lado um homem que te ama e te apoia. — Ela, novamente, fez menção em revidar e de novo eu não permiti. — Não diga que não se importa com o Thor. Você até pode dar seu melhor show para mim e para os demais de que não sente nada por ele, mas aí dentro você sabe da verdade, seu coração te acusa... Eu vou te dar um conselho Antonella e espero do fundo do coração que você o escute e faça bom uso dele, porque irei falar uma única vez. Tente ver sua gravidez com bons olhos. Só tente. E, pelo amor de Cristo, caía em si antes que seja tarde demais. O seu filho pode ser o começo de uma nova vida para você... Thor vai viajar em dois dias. Você entende isso? Ele está indo por sua causa. Então faça um favor para si mesma, pense com carinho em tudo isso e não o deixe ir. Ele te ama, mas não é burro, Antonella. Portanto, não deixe para dar valor no que tem em mãos agora depois de ele ir. Não espere que ele decida seguir adiante sem você, mas, principalmente, não o deixe perceber que pode viver sem você para só então cair na real e se dar conta de tudo que perdeu devido ao seu egoísmo estúpido. O amanhã pode ser tarde demais, amada. Engula a porra do seu orgulho e tente arrumar a merda que tem feito. Diga o que sente para ele, seja sincera, e faça isso numa boa. Sem brigas e discussões. Se realmente não pode tentar aceitar seu bebê sozinha então peça ajuda a Thor. Se você ao menos demonstrar a ele que quer tentar, apesar de todos os seus medos e convicções, eu tenho certeza que Thor irá te entender e te ajudar.

Suas sobrancelhas moveram com tédio e ela se afastou, sentando-se na cama. Pegou o creme ao lado e começou a passar nas pernas de forma distraída enquanto me falava naturalmente.

— Eu não sei do que você está falando. Heithor e eu já conversamos, e ele irá me ajudar.

— Você é uma idiota. Uma perfeita idiota! Eu espero que você não se arrependa da merda que está fazendo quando já for tarde.

— Acabou? Se sim, caia fora.

A olhei com maldade quando ela somente fez continuar a passar a merda do creme.

— Nunca pensei que algum dia eu diria isso, mas entre você e a cadela da Norah, ela com toda a certeza é melhor opção para Thor do que você. Ao menos nisso, ela é muito *melhor* que você.

Ela endureceu, as mãos paralisadas na perna.

Eu continuei:

— A distância pode ser uma boa coisa, não é mesmo? Talvez seja realmente isso que Thor esteja precisando, ficar bem longe de você. Quem sabe assim ele não caía na real e perceba que você não é tudo para ele e que ele pode sim ser feliz sem você. Talvez ele até encontre alguém que realmente o mereça e o faça feliz. Mesmo Norah. Coisa que você é incapaz de fazer. Mas como poderia, eh? Uma pessoa infeliz, egoísta e amarga como o fel jamais poderá fazer outra pessoa feliz... Se considera nossa amizade, não ouse a sequer pensar em fazer mal para o meu sobrinho, novamente.

Seu olhar frio e hostil se lançou para mim quando ela ergueu a cabeça.

— Talvez, só talvez, ela não seja mais tão importante assim. — Empertiguei enquanto ela acrescentava. — Mas não se preocupe. Dei minha palavra a Heithor e vou cumpri-la.

— Faço das suas as minhas palavras, Antonella.

Deixei seu quarto, batendo a porta atrás de mim e desmoronei ao chegar ao meu.

Chorei de raiva pela frieza de Antonella; pela sua forma airada e repugnante de tratar tudo como uma cadela; por ela me obrigar a escolher e, mesmo merecendo, me fazer dizer aquelas coisas horríveis para ela. Mas, acima de tudo, por ela se portar como um monstro frio sem coração.

*** * ***

Thor caminhou até minha poltrona ao lado da cama e se sentou. A visão de seu rosto era chocante

quando se estava acostumado a vê-lo sempre com a expressão serena e muitas vezes neutra. Todavia, agora era possível ler suas feições sem engano. Todo cansaço físico, emocional e psicológico que ele sentia estava tatuado em sua face. Ele estava destruído. Isso me doeu na alma e apertou minha garganta com arame farpado.

Sentei-me na beirada da cama de frente para ele e lhe dei seu tempo para falar.

Isso era tudo que eu não queria que acontecesse quando meses atrás conversei com ele, depois que o flagrei na sala com Antonella. E agora, meu temor se concretizava bem diante dos meus olhos. Machucando-me, também. Só que vivenciar era bem pior do que imaginei que seria. Não que eu tenha agourado eles, de maneira nenhuma faria isso, contudo, a tempestade era previsível.

— Partirei pela manhã — ele disse, quebrando o silêncio segundos depois.

— E Antonella? O bebê?

Thor passou a mão no rosto então se curvou para frente, apoiando os braços nas coxas.

— Tenho tudo arrumado, Pietra. E já falei com Martha também e lhe dei instruções específicas. No entanto, quero falar contigo e te deixar a par de alguns acertos, também. Eu ainda não sei quanto tempo vou estar fora, mas retorno antes do meu filho nascer. Agora, eu quero te pedir um favor...

— O que você quiser, Thor.

— Eu não quero ter de pôr um segurança feminino em torno dela 24 horas por dia, mas se tiver de fazer, eu farei. Porém, enquanto não chegarmos a este extremo, eu quero que faça a gentileza de ficar de olho nela. Acompanhe-a nas consultas, principalmente, atente-se para que ela se alimente direito e tome as vitaminas pré-natais. Martha a ajudará neste ponto e também se propôs a acompanhar Antonella nas consultas, mas quando ela não puder ir, faça isso, sim? Benjamin está responsável pela segurança dela fora de casa e a acompanhará aonde quer que ela queira ir...

— E se ela sair comigo?

Não me agradava nem um pouco ter um guarda-costas no meu pé. Se bem que depois de nossa última conversa, eu duvidava muito que Antonella fosse querer ir a algum lugar comigo.

— Ele irá acompanhá-la em outro carro. — Ante minha careta, seu olhar se desculpou. — É isso ou trancafiá-la em uma jaula. Eu preciso me cercar de todas as formas e garantias Pietra. De que tudo ficará bem enquanto eu não estiver aqui. Do contrário, não terei um minuto de paz.

— Não me agrada ter Benjamin ou qualquer outro em meu pé. Mas compreendo, Thor.

— Deixei uma quantia razoável no cofre no caso de alguma eventualidade, e também irei depositar todo mês outra quantia a mais na conta de Martha para os exames, consultas médicas e tudo mais que Antonella precisar. Não hesite em recorrer ao dinheiro se perceber que ela precisa de algo. Antonella é orgulhosa demais para pedir ajuda, ainda mais a minha.

Assenti.

— Sabe que ela vai querer dirigir, certo?

Ele se recostou na poltrona.

— Eu já cuidei disso, também. Enviei o carro dela para um depósito, não a quero dirigindo, pelo menos não enquanto carrega meu filho. Não posso confiar nela sobre isso, mesmo que... Enfim. Ela já fez loucuras demais. Não vou correr quaisquer riscos, novamente. Uma vez que meu filho nasça, eu lhe darei um novo carro. Mas agora, ela não vai dirigir. Esse é um limite rígido.

— E a universidade? Eu não tenho todas as aulas com ela. Posso tentar trocar...

— Não. Continue como está. Tive uma conversa com o Sr. Willians e ele permitiu que Benjamin tenha acesso aos lugares restritos aos alunos para acompanhar Antonella e que fique na sala com ela enquanto ela assiste as aulas. — Meus olhos inflaram. — Dinheiro, Pietra.

— Imagino que deva ter sido uma quantia exorbitante.

— Isso não vem ao caso Pietra. Desde que ela e meu filho estejam bem e seguros, que é o que me importa realmente, o dinheiro é o de menos — ele assegurou, com um olhar vago então se pôs de pé

pisando até a porta de vidro dando acesso a sacada. Sua audiência manteve-se para a noite afora quando ele fez um adendo. — Também conversei com a Srta. Fernandes. Ela me aconselhou levar Antonella a um terapeuta para que ela se acalme e por um milagre possa ser capaz de enxergar a gravidez de uma maneira positiva. Ela me indicou um amigo seu, e eu já fui até ele...

— Thor, eu não sei não. Ela já está muito agressiva e, bem, tem tudo isso. Acho que esse não é o caminho... Concordo com Marcela. Esta é uma opção, uma ottima opção. Só não sei se é a mais apropriada para o momento. Já há muitas *obrigações* aqui, capisce?

— De qualquer forma, eu já marquei a consulta para semana que vem. — Ele tirou o papel do bolso da calça e me estendeu. — Collin Gamble. Este é o nome do terapeuta. Aí há o endereço da clínica e o horário de consulta... Ela irá. Prometeu-me se cuidar. Isso está incluso no pacote de segurança que ela assinou, ela gostando ou não. Marcela também marcou uma consulta para a próxima sexta. Antonella precisa fazer alguns exames que foram adiados. Os horários estão com Martha.

— Você não quer esperar um pouco? Talvez ela vá estar mais calma daqui uns dias, sei lá, ainda é muito recente... talvez, ela pense melhor e se arrependa. — Eu ainda tinha esperança de que minha conversa pudesse surtir o efeito desejado nela antes que Thor partisse. — O que me diz?

Seu sorriso era genuinamente orgulhoso.

— Sua fé me admira, piccola. Infelizmente, a minha se dissipou no momento em que ela assinou o acordo hoje. Eu não posso mais ficar aqui, não aguento... Tudo dói. Não tenho condições físicas e emocionais para permanecer... Não tenho mais forças, nem ânimo. Eu sei que posso parecer um covarde te dizendo isso, no entanto, não posso mentir, dizendo que sou imune a tudo isso e que não estou sangrando por dentro quando tudo que sinto é dor... Eu mal consigo dormir a noite, porra — ele grunhiu, passando as mãos pelos cabelos. — Cada noite é pior do que a outra, Pietra. Saber que Ella está apenas a alguns passos de mim me mata por não poder estar com ela. Eu já perdi as contas de quantas vezes me deparei no meio da noite em frente à porta do quarto dela, com a mão na maçaneta prestes a abri-la, só para poder olhá-la de perto sem que briguemos.

Seus olhos fecharam por um efêmero instante, expulsando as lágrimas correndo livremente por seu rosto torcido por uma dor pungente, antes de ele limpá-las com as mãos.

Minha garganta fechou mais e, quando dei por mim, estava chorando também.

— Eu sinto muito.

— Você me pede para esperar, mas como eu vou fazer isso? Diga-me. Como irei suportar toda essa situação por um ou mais dias, como me pede, sem que eu desmorone de vez? Eu não tenho super poderes, Pietra. Sou apenas um homem e agora mesmo não estou no meu melhor momento... Se fosse em outra ocasião, piccola, eu juro por tudo que é mais sagrado que esperaria o tempo que fosse necessário. Eu teria fé como sempre tive antes do bebê surgir. Veja bem, não estou dizendo que nosso filho é o culpado por as coisas estarem como estão. Sinto-me feliz e honrado por saber da sua existência e, principalmente, sinto-me o homem mais sortudo do planeta por ser capaz de conceber um milagre como esse, embora eu seja um fodido. — Thor pausou, o pomo de Adão se movendo antes que ele se voltasse de frente para a porta da sacada, novamente. — Mas, ás vezes eu me pego pensando que se ele não existisse, eu poderia facilmente acreditar que um dia teria Antonella só para mim, e que ela, enfim, me aceitaria... Nos aceitaria e me amaria como eu a amo, que poderíamos um dia formar uma família. Haveria possibilidades. Nós estávamos bem antes, ela estava menos arredia e, da sua maneira, ela demonstrava afeto por mim.

Ele se calou e o silêncio caiu entre nós. Eu não sabia o que dizer então esperei.

— Tem idéia do quanto é difícil e doloroso escolher? Pois é isso que ela está me obrigando a fazer. Escolher entre ela e o nosso filho. Eu estou ficando louco, Pietra, porque se eu escolher um, terei de abrir mão do outro. E eu quero os dois. No entanto, isso parece ser pedir demais. Um homem como eu não tem o direito de ser feliz...

— Não diga isso, Thor. Você mais do que ninguém merece toda a felicidade do mundo. Não importa o que já fez na vida, você só fez o que seu trabalho exigiu de você. Ninguém pode te culpar por ser competente. Você nunca fez mal a um inocente, sempre foi um homem justo e mesmo de longe cuidou de mim, como um bom pai cuida do seu filho, quando os nossos já não estavam mais aqui. Então não ouse dizer que você não é merecedor da felicidade. Antonella é uma idiota. E, se alguém aqui não merece ser feliz, esse alguém é ela, somente ela por ser uma completa imbecil!

Era inaceitável que ele se culpasse por toda essa merda de situação, sendo que a única culpada era Antonella com seu egoísmo infinito e sua egocentricidade eterna.

O pranto mudo de Thor aumentou, bem como, o desespero em sua face. Desmoronando. As mãos ao lado do corpo se fechando com tanta força, que os nódulos dos dedos ficaram brancos.

— Não me peça para ficar Pietra. Eu não posso. Estou me afastando para tentar juntar os meus pedaços e me recompor para estar inteiro ou perto disso quando meu filho vier ao mundo. Ele vai precisar de um pai inteiro, disposto a dar e ser o que ele precisa. Não de um pai amargo e aos pedaços como estou hoje, pois ele terá só a mim... Deus! Como eu vou explicar para ele que a própria mãe não o quis quando chegar o momento? Como eu vou fazer isso sem que ele se sinta culpado por algo do qual ele não é?

Que Dio me perdoasse, mas neste momento eu odiava Antonella com todas as minhas forças.

— N-Não vamos pensar nisso agora Thor. Vamos ter fé que tudo vai mudar...

— Não me peça para ter fé Pietra — agressivamente, ele resmungou. — Estou cansado demais para isto. Não vou me iludir mais. Recuso-me a fazer o papel de trouxa, novamente. Minha decisão está tomada, não há como voltar atrás. Eu fiz tudo que estava ao meu alcance e o que não estava para tê-la junto a mim, para conquistá-la e fazê-la feliz, mas eu já entendi que ela é inalcançável e não vou insistir mais na minha estupidez de achar que algum dia eu poderei tê-la de verdade. Quando à hora chegar nós iremos daqui e ela terá suas exigências atendidas.

— E se ela se arrepender?

— Acredita mesmo nisso? Depois de tudo o que aconteceu você acredita mesmo que ela possa vir a mudar algum dia? Que ela possa deixar de ser tão mesquinha e vadia? — Ele riu amargamente e balançou a cabeça em negação. — Não vamos tentar nos enganar aqui Pietra, o melhor a se fazer é aceitar a nossa realidade e deixar de sonhar tão alto.

— Pra onde você vai?

— Holanda. Adam tem uma casa em Amsterdã e me ofereceu, talvez eu fique somente por lá ou talvez volte para Tennessee. De qualquer forma, eu avisarei.

— Que horas você parte?

— Antes das dez da manhã. Eu ligarei toda semana. — O nó em minha garganta se apertou de tal forma que meu choro se intensificou fazendo-me soluçar. — Vem cá piccola — ele me chamou num tom terno e acolhedor enquanto abria os braços. Num piscar eu estava agarrada a ele, abraçando-o forte. — Não fique assim e não se preocupe comigo. Eu ficarei bem, prometo-o. E quero que fique bem, também — ele acrescentou sobre os meus cabelos, com a voz torpe.

— Ti amo, Thor — chorei, com a cabeça apoiada em seu peito.

— Te amo também, piccola.

— Prometo que vou cuidar de tudo como se fosse você — eu disse quando me soltei dele, limpando minhas bochechas com as costas das mãos sem muito sucesso. Ele então segurou meu rosto limpando o vazamento em meus olhos, com os polegares enquanto eu fazia um acréscimo decidido. — Eu não vou deixá-la cometer nenhuma loucura.

— Tenho certeza disso, piccola. — Seu sorriso foi modesto. — Perdoe-me por colocá-la nesta situação, sei que vocês são grandes amigas e que isto pode prejudicar a amizade de vocês. No entanto, eu não confiaria essa tarefa a mais ninguém que não fosse você.

— Somos amigas, porém não sou cega e muito menos injusta. Não posso fechar os olhos diante da

monstruosidade que ela está fazendo. Você pode não ter fé agora e eu não o culpo por isso, todavia, eu ainda tenho fé nela. Sei que posso me decepcionar, mas não me importo de correr o risco. E, se ela realmente continuar mantendo essa postura deplorável, eu lamentarei e muito, porém não poderei manter amizade com alguém tão sem escrúpulos. — E acrescentei quando vi um vislumbre do que pensei ser culpa em seus olhos. — E não ouse se culpar por isso. Entendeu-me? Se minha amizade com Antonella acabar, será única e exclusivamente por culpa dela.

— Essa é uma decisão sua, Pietra. Não irei me intrometer. Só tome cuidado para não se machucar mais. Eu tenho muito orgulho de ter uma irmã como você, piccola. Tenha certeza que nossos pais ficariam honrados e orgulhosos por ver a mulher na qual está se transformando. Apesar de que para mim, você sempre será minha eterna menininha.

— E você sempre será mais do que um irmão para mim, Thor. È mio padre. Um jovem velho babbo — zombei, tentando amenizar o clima pesado que se abateu naquele cômodo.

Ele sorriu um pouco enquanto sacudia a cabeça.

— Velho, mas bonito — gracejou, mas sua voz era nula de humor.

— O mais bonito de todos!

Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Boa noite piccola. E mais uma vez obrigado.

— Não tem que agradecer nada, Thor. Somos uma família e é isso o que fazemos, apoiamos um ao outro quando é preciso. — O abracei, novamente, e ele retribuiu. — Boa noite.

Capítulo 44

Não queria sair da cama quando acordei. Estava muito bem acomodada entre os lençóis macios e cansada o bastante para permanecer deitada por mais algumas horas, mas havia essa estranha comoção inquietante agitando-me por dentro até que meus membros estavam formigando.

Eu estava chafurdada na lama até o pescoço. O azar tinha invadido meu ser e proclamado meu dono, com direito a grito de independência e tudo mais. Só podia ser isso!

Tudo que planejei com tanto cuidado caiu por terra. Nada deu certo. Nada! Tudo estaria tão bem, se aquele stronzo tivesse demorado só mais um pouquinho. Ou melhor, se ele não tivesse aparecido na clínica, agora nossas vidas estariam de volta ao rumo certo. Tudo em seu devido lugar.

Estava morta de raiva dele, não apenas por bancar o *Superman* dentro da clínica, mas, sobretudo, pela maneira que ele me tratou, como se eu fosse uma qualquer. Um nada. Arrastando-me até o carro como se estivesse levando o lixo para fora. Bastardo de merda!

Ele não podia ver que eu estava tentando arrumar as coisas?

Eu só não tinha retrucado a altura porque, bem, ele estava transtornado. Nunca tinha visto Heithor daquela maneira fria e tão funesta. E, para ser franca, aquele Heithor me deu um medo dos infernos.

Com um exalar irritado, joguei os lençóis para o lado e os pés para fora da cama, e em seguida, segui para o banheiro muito autoconsciente da minha bexiga estourando.

Enquanto fazia xixi eu apoiei os cotovelos nas coxas e a cabeça nas mãos, meu olhar sonolento se perdendo a frente quando minha mente reviveu a outra noite num impulso inconsciente.

Heithor tinha me procurado com o acordo em mãos. Um documento por escrito com todas as clausuras que tínhamos estipulado. Limpo e claro. Eu li e assinei.

Ele não tinha me olhado em nenhum momento, nem dito nada além do necessário. E, para ser honesta, não sabia bem como me senti exceto pela raiva espinhosa, minha fiel companheira. Aquele documento dava à garantia de que ao fim de tudo isso ele cumpriria sua palavra, mas também era uma prova irrefutável de que ele não me amava o suficiente, do contrário, Heithor não escolheria o borrão a mim.

Tudo por culpa daquele invasor do caralho!

Maledetto!

Como eu podia ser conivente com *isso* quando tudo que ele me trazia era dor e rejeição por parte daqueles que um dia disseram me amar e serem meus amigos?

Enquanto *ele* ganhava fãs, eu, simultaneamente, ganhava *odiadores*.

Até mesmo aquele ordinário apunhalava-me pelas costas.

Uma palavra. Uma única maldita palavra tinha sido o bastante para Heithor me jogar de lado junto com todas aquelas palavra bonitas que um dia ele encheu a boca para me dizer.

Foda-se!

Que todos fossem a merda junto com o pequeno bastardo!

Era isso que eles queriam, certo? Então que fossem felizes com ele e me deixassem em paz. Porque uma coisa era certa, eu nunca iria perdoar nenhum deles. Nunca mesmo!

O que não me soava muito animador era não ter Heithor mais. Ainda sentia raiva por ter me colocado nessa furada, porém o queria por perto... o queria para mim. Queria que voltássemos a ficar juntos como estávamos antes de toda essa merda explodir entre ele e eu. Pensar que não haveria mais a possibilidade, mesmo remota, da gente ficar juntos, de beijá-lo, de sentir seu gosto e seu cheiro bom, de ter ele todo, era

extremamente desanimador e ruim. Muito, muito ruim.

Entretanto, para tudo havia um preço a pagar, um sacrifício a fazer. E se o preço para obtiver a minha vida de volta fosse perdê-lo para sempre, eu pagaria. Com pesar, mas pagaria.

Eu não amava aquele ordinário e tinha feito à coisa certa ao aceitar seu acordo.

Fiz uso da ducha e, logo após, me embrulhei em uma toalha em tempo recorde. Estaquei rente a pia para escovar os dentes ignorando o espelho, deliberadamente. Não precisava olhar meu reflexo para saber que estava um trapo. Sentia meus olhos inchados e, provavelmente, estavam com profundas olheiras.

Inspirei fundo afugentando a vontade súbita de chorar.

Odiava me sentir indefesa e os choros compulsivos não ajudavam, aliás, eles apenas me deixavam mais aborrecida e irritada comigo mesma, pois me transformavam em uma pessoa fraca.

Lavei a boca e usei a toalha de rosto então penteei o cabelo, e, em seguida, dei a volta apoiando meu quadril na borda. Fechei os olhos por um instante, sentindo pena de mim mesma.

Estava tudo tão malditamente errado, que meu desejo era dormir e acordar somente quando esse pesadelo, que se tornou minha vida, tivesse acabado.

A verdade é que não havia certezas para o futuro e eu não tinha ideia de como seria minha vida depois que tudo terminasse. Ansiava com todas as minhas forças que tudo voltasse ao que era antes de Heithor aparecer, queria acreditar nisso, porém, apesar de meus esforços para me agarrar a essa ilusão, eu sabia que não passava disso, ilusão.

Talvez sim, talvez não.

Soltei um riso bufado.

Talvez.

Eu que sempre acreditei que “talvez” era uma palavra de pessoas indecisas, medrosas e estúpidas, que nãos sabiam o que queriam para si mesmas, agora, estava íntima dela, quase uma melhor amiga. Minha vida certa de antes *hoje* era regida por inúmeros “talvez”, apenas com a única certeza era de que Heithor e seu borrão inútil sairiam da minha vida em um futuro próximo...

Engoli duro e transladei até o closet, onde me vesti de forma confortável — moletom e regata.

De volta ao quarto, escorreguei a bunda na poltrona perto da janela panorâmica, com vista para a área externa do fundo da mansão e o mar mais adiante. Suspirei e encostei a cabeça no respaldo.

Por um sólido momento apenas fiquei parada, respirando de maneira rasa.

Alternei o olhar entre a cama e a porta enquanto tamborilava os dedos nos braços do assento, franzi os lábios e testa, analisando minhas duas possibilidades: a) deixar o quarto para matar a fome apertando meu estômago, mesmo com o risco de ter de olhar na cara dos malditos, e b) ficar trancafiada nessas paredes jogada na cama, como uma morta viva.

Em uma mão, a cama me parecia bem convidativa, porém não suportava mais olhar para aqueles móveis e as malditas paredes em tons pastéis, sem vida e frias. Nada mudava. Era sempre a mesma coisa e isso estava obtendo a merda fora de mim. Em outra mão, sair seria um alento para a minha mente e minhas pernas atrofiadas, principalmente, para o meu estômago dolorido.

No entanto, não queria encontrar Heithor.

E havia Pietra também, aquela cadela traidora.

Ainda não podia acreditar que ela tivesse me dito aquelas coisas horríveis e, embora ainda estivesse raivosa por ela, eu me sentia mal por termos discutido. E, se fosse um pouco mais honesta, diria que me sentia uma merda por haver induzido que nossa amizade não era importante. Eu amava a cadela, mas ela estava ajudando aquele doido a foder com a minha vida, amigas não faziam isso, cazzo!

Que merda mais ela queria de mim?

O filho dele já estava garantido, não estava?

No entanto, isso não era o bastante para nenhum deles. Ela também era crível de que eu tinha a

obrigação de sorrir para todos, aceitar seu fratellino e as regras dele de cabeça baixa.

E sabe o quê?

Eu não pedi a porra de amor de ninguém!

Nunca tinha prometido nada a ele. Se Heithor estava ou não sofrendo isso era problema dele, foi ele quem quis assim. Infelizmente, minha melhor amiga parecia não enxergar este detalhezinho, pois em sua cabeça de vento eu tinha o dever de retribuir os sentimentos daquele maledetto.

Porra nenhuma!

Eu não era obrigada a nada. Não era obrigada a amá-lo, como aquele mentiroso dizia me amar. Não tinha de corresponder à bosta de sentimento nenhum!

Não precisei amá-lo para que tivéssemos bons momentos e eu era feliz com isso. Ele idem.

Eu me sentia no meio de um bando de loucos, que insistiam em dizer que o sol era quadrado mesmo eu mostrando que ele era redondo. Isso era desesperador.

Por que era tão difícil enxergar que minha opinião era a mais correta?

Heithor, de uma forma ou de outra, também contemplaria os benefícios de não ir adiante com essa maluquice. Entretanto, o cretino cabeça dura permanecia fiel a sua ideia desvairada. Então pensei sobre isso e, bem, ele sempre tivera o controle da situação, era um prepotente arrogante, que gostava das coisas ao seu modo, mesmo quando errado. E foi aí que me dei conta que isso não passava de um capricho dele. Ele era o macho alfa – pensava – e a opinião dele era a que contava, não a minha.

Se houvesse uma vítima nessa merda toda, certamente, não era Heithor, senão eu. Era a minha vida que estava ruindo ao pó sem que eu nada pudesse fazer.

Se eu apenas pudesse voltar no tempo e obrigar Heithor usar a merda do preservativo...

Cortei o pensamento com um gesto brusco de cabeça, porque a verdade era que não mudaria qualquer coisa remoer os “ses”. O tempo não iria retroceder e eu apenas ficaria mais enervada.

O ronco alto do meu estômago me fez soltar um muxoxo, suspirando derrotada quando minha fome ganhou a luta silenciosa. Coloquei-me de pé decidida a ignorar todos que se interpusessem em meu caminho. Iria comer e tomar alguns minutos no deck. Tracei meu itinerário.

Vá em frente garota!

Foi só fechar a porta atrás de mim para que uma onda de desanimo se quebrasse em meu interior quando cravei os olhos sobre a porta dele de frente para minha. Eu ainda tentei espanar para longe os pensamentos que encheram a minha cabeça sem êxito.

Ele estava lá? Ainda dormia? Ou já tinha saído?

De repente, sentia a estranha necessidade de vê-lo, de saber como estava, como havia dormido e, sobretudo, quando ele viajaria e se iria mesmo...

Bufei indignada, apoiando as costas na porta, com meus punhos cerrados e os olhos fechados, tentando dissipar aqueles pensamentos impertinentes, porque não era minha culpa estarmos vivendo num inferno, senão dele por ser um egoísta e um tremendo machista.

Ele que fosse ao diavolo! Não faria nenhuma falta mesmo, além disso, a distância era a melhor coisa que ele poderia fazer para mim. Enfim, eu teria um pouco de sossego e paz. Mas, mesmo enquanto pensava, eu sabia que estava me enganando. Meu subconsciente atacava desmentindo meu desdém. Era uma bela porcaria que não pudesse sequer confiar em minha mente.

Merda. Não iria chorar de novo, sequer deveria ter lágrimas mais!

Empertiguei os ombros e me aprumei, e então, pisei em direção a cozinha. Por uma razão randômica eu olhei para sala ao chegar ao topo da escada e fiquei mortificada na cena enchendo meus olhos com uma bofetada quando foquei no ponto próximo ao hall de entrada.

Nathan estava na frente de Pietra e ao lado deles estava Heithor abraçando Martha, mas não foi isso que fez meu mundo parar de girar, senão a pequena mala de couro no chão próxima a ele.

Ele estava...?

Expulsei o ar, que não havia dado conta que tinha prendido, num sopro lento e puxei outro enquanto meu coração se afundava de forma gradativa, doendo. Meus olhos queimaram e a garganta se fechou ao mesmo tempo. Os outros sumiram quando foquei no rosto dele. Minha descrença se agigantando.

Ele *realmente* estava indo embora.

Pietra tinha me deixado consciente de seus planos, no entanto, eu não tinha acreditado que ele realmente seria capaz de ir, não quando me infernizou tanto tempo, quando...

Seu olhar levantou cruzando com o meu e me prendeu, fazendo meu coração tropeçar e minha respiração engatar na garganta. Eu quis desviar os olhos, porque tinha essa necessidade repentina de fugir de seu olhar ferido, mas, como sempre, ele me atraia como um poderoso ímã.

Meus dedos se fecharam com força sobre a barra do parapeito, como se minha vida dependesse desse agarre, depositando nele toda a confusão e frustração que sentia.

O pulsar violento do meu coração se sentia na pele enquanto nos assistíamos, mutuamente.

Ele... ele estava indo sem sequer se despedir de mim. Estava fugindo como um bom stronzo que ele era. Deixando-me sozinha quando prometeu que não me deixaria!

Bastardo maldito mentiroso de merda!

Traguei duro e puxei uma respiração profunda quando meu queixo começou a tremer e senti meus olhos se alagarem, porém segurei cada maldita lágrima enquanto incrédula e com palavras não verbalizadas flutuando entre nós dois, eu entrava em parafuso, ainda incapaz de afastar meus olhos dele.

Cerrei os dentes detendo ao anseio brusco partindo de meu coração burro.

Mesmo longe eu podia enxergar claramente a mágoa em seu olhar opaco. Olhos azeviches que até dias atrás brilhavam com amor para mim e que eu gostava de observar. Agora, estavam ressentidos e acusatórios, distantes e frios. Heithor não escondeu a dor neles e mesmo se estivesse tentando, eu podia vê-la nitidamente, sentia-a em minha pele, dentro de mim.

Um monte de sentimentos atordoantes em um só pacote destinado exclusivamente para mim.

Eu peguei, embora não quisesse, e absorvi cada um, me afogando neles.

De repente, eu tinha toda essa dor conflagrando meu peito, queimando e cortando-me ao mesmo tempo. Fazendo-me sangrar tão fundo, que me deixou com os joelhos fracos e eu me agarrei com mais força ao parapeito. Senti os nódulos dos dedos ficarem gelados e doloridos, todavia, a dor funda que estava sangrando sobrepunha qualquer outra.

Eu não podia pensar direito, minha mente e meu coração haviam criado um reboliço dentro de mim, confrontando-se com suas vontades controversas enquanto eu me mantinha neutralizada.

A raiva que eu sentia de Heithor por ele estar me abandonando e por tudo que havia ocorrido nesses últimos dias chocava-se contra a vontade que eu tinha de lhe gritar para que não fosse e correr até ele, e obrigá-lo a ficar a força, depois, é claro, de lhe dar umas boas bofetadas por ele ser um covarde.

Não queria o borrão, estava puta da vida com o bastardo, contudo, queria Heithor e queria que ficasse perto de mim. Eu até tinha assinado o acordo, merda! Não tinha porque ele ir, mesmo que me odiasse nesse momento e eu sabia que ele fazia. Mas, porra, eu não dava a mínima! Não importava se ele e eu não trocássemos mais uma só palavra ou se brigássemos todo o santo dia, ou, se nunca mais trocássemos beijos e carícias calorosas. Não tinha mesmo vontade de falar com ele, a não ser para machucá-lo da mesma forma que ele fazia comigo. Ele apenas não podia virar as costas para mim!

Eu tinha de vê-lo e saber que ele estava aqui, pois mesmo com todo esse pesadelo criado por ele, eu me sentia segura com o maledetto e queria sua proteção mesmo que de longe; esse longe não podia ser do outro lado da cidade, nem do país, tinha de ser aqui.

Per Dio eu era sadomasoquista!

Foda-se, preferia sofrer a dois do que sozinha. Era egoísmo meu, eu sabia, mas e daí? Ele também tinha parte nesse bolo de merda e tinha de comer isso aqui. Comigo. Qualquer fodida coisa. Só não era viável a ideia de sofrer sozinha, de tê-lo longe e sabe-se lá Dio com quem.

Isso não está certo!

Meu olhar se manteve cravado sobre o rosto de Heithor quando ele quebrou o contato. Minha mente buscando frenética por uma solução para esse impasse do caralho, uma em que eu não bancasse a garota frágil e boba, e fraca. A ansiedade me apertou de tal forma que me senti dura.

A incursão selvagem de sentimentos e vontades divergentes irrompendo em meu interior me fez tomar o ar a baforadas curtas quando me senti sufocar. Queria tudo e nada ao mesmo tempo.

Eu comecei a me desesperar de uma maneira insana.

Meu coração bateu nas costelas.

Como poderia isso?

Ele está me deixando! Depois de tudo... ele realmente está me deixando.

Com desgosto, eu respirei fundo e endureci minhas feições.

Heithor não se importava comigo e eu já tinha me rebaixado demais para ele, me entregado além do saudável. E olhem só o magnífico resultado? Não iria ser fraca. Nunca mais. Essa não era eu.

Traguei saliva com dificuldade e mordi o lábio a ponto de quase romper a pele. Estava doendo, tudo doía, mas eu sabia, iria passar. Nada durava para sempre e isso aqui também não iria.

Ele que fosse. Eu não precisava dele mesmo. Sempre tinha sido somente eu.

Ele tinha feito sua escolha, afinal.

Abaixando meus olhos enevoados para o chão, com os dentes ainda prendendo o lábio inferior para reter o tremor insistente, eu soltei o parapeito e me afastei.

Capítulo 45

THOR

Eu era um fodido covarde.

Não queria vê-la. Já doía o bastante partir sem lhe dizer adeus, e agora, tudo que eu podia sentir era uma dor ferrenha me contorcer o peito.

Deus, como doía!

Fraquejando...

E eu entendi.

Não era apenas pela dor, mas, sobretudo, pelo medo de não ser capaz de fazer o que era necessário se a visse. Captar a fragilidade e a consternação nos olhos dela fez minhas paredes de resistência tremer enquanto a preocupação cavava dentro de mim. Mais angustiante, se possível.

Eu a queria, Deus, como eu queria correr até ela e embalá-la em meus braços, oferecer-lhe todo sentimento bom que havia em mim, pois todos eles lhe pertenciam. Queria cuidá-la e lhe dizer palavras de conforto e afeto até que ela adormecesse, e então, eu seguiria zelando por ela.

Impossível.

Ella nunca mais aceitaria um gesto afetuoso da minha parte.

Eu a tinha perdido no exato momento em que decidi manter nosso filho. Não me arrependia, Deus era testemunha disso, mas doía um inferno.

Uma parte de mim me pedia para tentar mais uma vez, apenas uma última vez. No entanto, eu sabia que essa não seria uma escolha certa. Era o que eu queria, porém não o que eu precisava.

Lancei meu olhar mais uma vez para cima, ela não estava mais lá.

Endureci, obrigando-me a engolir o choro e aspirei fundo antes de soltar Martha.

Em modus operandi, despedi-me de Pietra, cuja tinha obrigado o namorado a me seguir, e peguei minha bolsa, aguardando Nathan fazer o mesmo com Martha e minha irmã.

Minha mente viajou fazendo-me mais rígido e meus olhos mais doentes.

Antonella poderia ter vindo até mim, ter feito apenas um pedido mudo que seja para que eu ficasse, ou qualquer fodida coisa. Ela não fez. Essa era a última chance que tínhamos para nos acertarmos, mas ela não dava a mínima, como sempre. Bem, talvez ela ficasse feliz em saber que não me teria mais rastejando em seus pés em busca de migalhas. Nunca mais ela me teria assim.

— Está na hora — anunciei quando mirei as horas no meu relógio de pulso.

Martha tocou meu rosto.

— Tem certeza que quer fazer isso, caro mio?

Joguei uma olhada para onde *ela* estivera minutos atrás então voltei meu olhar para Martha.

— Tenho.

Referências e expressões

[1]**Sr. Wheat:** Sam Wheat, personagem interpretado por Patrick Swayze no filme “Ghost: do outro lado da vida”, onde depois de morto seu espírito permanece na Terra. Ella refere-se à Heithor desta forma por nunca tê-lo visto e também como brincadeira, para sacanear Pietra.
[2]**Maledizione:** maldição, droga.
[3]**Troia:** puta, vadia, vagabunda – porca troia: puta suja.
[4]**BFF:** abreviação em inglês (Best friend forever) para “melhor amiga para sempre”.
[5]**Oddio:** Oh, meu Deus, oh, céus – no sentindo negativo.
[6]**Hai già conosciuto il mio bambino:** já conheceu o meu menino?
[7]**High-Five:** em inglês – gesto de bater as mãos no alto “toca aqui”.
[8]**Vai a uscire figlio:** vai sair filho?
[9]**Vá para luz Elizabeth:** frase famosa dita pelo personagem David, Mark Ruffalo, no filme “E se fosse verdade...”, onde o personagem tenta ajudar o fantasma de Elizabeth a atravessar para o “outro lado”.
[10]**Piccola:** pequena.
[11]**Carl Lightman:** personagem fictício da série Lie to me, interpretado por Tim Roth. Ele é um profissional com a incrível habilidade de ler as pessoas a partir das observações da linguagem corporal e as micro expressões faciais. Seu talento é usado para ajudar a lei.
[12]**Andiamo:** vamos.
[13]**Guarda:** olha.
[14]**Fratellino:** irmãozinho.
[15]**Senti:** escuta.
[16]**Cazzo:** merda, porra, caralho.
[17]**Le petit mort:** em francês A pequena morte.
[18]**Stronzo (a):** idiota, filho da puta, medroso (a), cadela, palavra italiana com inúmeros significados pejorativos.
[19]**Ah, sì:** É mesmo?
[20]**Scusami:** com licença, me desculpe.
[21]**Quindi sei scusata:** desculpas aceitas então.
[22]**Davvero:** sério, realmente.
[23]**Stai zitto:** cale a boca!
[24]**Cosa sta succedendo qua? :** o que está acontecendo aqui?
[25]**Che cosa stai dicendo? :** o que está dizendo?
[27]**Questo... è un’assurdità:** isso... é um absurdo!
[28]**Ti odio da morire:** te odeio pra caralho.
[29]**No, cazzo, lui non è tuo:** não, caralho, ele não é seu.
[33]**Madonna mia:** minha nossa**.**
[34]**Senza problemi:** sem problema**.**
[35]**Arrivederci:** até mais, até logo.
[36]**Va’ a cagare:** vá à merda.
[37]**Rodeo Drive:** nome de um famoso e longo quarteirão de Beverly Hills, no Condado de Los Angeles

nos Estados Unidos. Esse quarteirão é considerado um dos mais caros do mundo.
[38]**A Divina Comédia:** obra literária italiana, escrita por Dante Alighieri.
[39]**Perché non me l'hai detto? :** por que não me disse?
[40]**Che schifo:** que nojo!
[41]**Per me è uguale:** Não faz diferença para mim.
[42]**Matto (a):** doido (a)
[43]**Senza scherzi:** sem piada**.**
[44]**Rubicão:** referência a uma expressão que significa mais ou menos algo proibido. Veja a explicação: "Antigo nome de um riacho na Itália (provavelmente o atual Fiumicino). Júlio César cruzou, apesar da proibição do Senado, no ano 49 aC, dando assim inicio a guerra civil que terminou com a derrota de Pompeu".
[45]**Non voglio che tu mi tocchi:** não quero que me toque.
[46]**La odio. Odio veramente:** a odeio. Realmente odeio.
[47]**Lelo:** é uma marca de luxo de brinquedos eróticos.
[48]**No, non è mica bene:** não, não está nada bem.
[49]**Mi dispiace:** sinto muito.
[50]**Va al diavolo:** vá para o diabo, vá para o inferno.
[51]**Stavo scherzando:** estava brincando.
[52]**Non farlo:** não faça isso.
[53]**Vaffanculo:** vá se foder, vá tomar no cu.
[54]**Sono stanchissima:** estou morta.
[55]**Mi faresti un piacere, Castellammare? Muori, suo stronzo! :** Me faça um favor, Castellammare? Morra, seu desgraçado.
[56]**Perché quel indecente è uno stronzo e bugiardo:** porque aquele ordinário é um filho da puta mentiroso.
[57]**Tutto andrà bene:** vai ficar tudo bem.
[58]**Lui sta bene:** ele está bem.
[59]**Qualsiasi problema chiamami, sì? :** qualquer coisa me chame, sim?
[60]**Caspita! :** Puxa!
[61]**Neanch'io lo capisco:** Eu também não entendo.
[62]**È lo stesso:** dá no mesmo, tanto faz.
[63]**Tanti auguri:** parabéns!
[64]**Aspetta un po':** espere aí.
[65]**Red:** Boston Red Sox é um time americano profissional de beisebol.
[66]**È una domanda semplice Heithor:** é uma pergunta simples Heithor.
[67]**Sono ancora arrabbiata con te:** eu ainda estou com raiva de você.
[68]**Aspetta un attimo:** espere um momento.
[69]**Non sono un vigliacco:** eu não sou covarde.
[70]**Porca puttana, Pietra! Ti ammazzo, stronza:** puta que pariu, Pietra! Eu vou te matar, cadela.
[71]**Perché l'hai fatto? :** por que você fez isso?
[72]**Sono troppo giovane:** eu sou muito nova.
[73]**Davvero no:** não mesmo!
[74]**Non mi stai dando altra scelta, merda:** você não está me dando opção, merda.
[75]**Zitta:** quieta!